



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

NYPL RESEARCH LIBRARIES



3 3433 06823292 9

Os Monges de S. Basilio em Hespanha.	105
Os Monges Esclavões.	110
Santa Macrina, Fundadora das Religiosas de S. Basilio.	113
As Religiosas de S. Basilio no Oriente, e no Occidente.	117
Os Monges Acemetas, ou Studitas.	121
Monges Armenios de Genova, ou Bartholomitas, e os Irmãos Unidos de S. Gregorio, o Illuminador.	125
Os Cavalleiros da Ordem de Constantino, o Grande, denominados tambem Dourados, Angelicos, e de S. Jorge.	129
Os Cavalleiros da Frisa, ou da Coroa.	135
Os Cavalleiros Hospitalarios da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem.	137
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Cosme e S. Damião, ou dos Martyres da Palestina.	142
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay.	145
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Chypre, ou do Silencio, chamados tambem da Espada.	150
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Braz.	153
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Gerião.	156
Os Cavalleiros da Ordem de Monte Gaudio, chamados tambem de Monfrac.	162
Os antigos Religiosos do Monte Carmelo. Santo Elias. Santo Alberto.	164
Os Carmelitas Calçados.	169
O Condestavel D. Nuno Alvres Pereira.	174
As Carmelitas Calçadas, e seu Fundador.	177
Santa Theresa, Reformadora dos Carmelitas.	180
As Religiosas Carmelitas Descalças.	185
As Carmelitas Descalças de França; Penitentes, ou Convertidas de Orvieto, na Italia.	193
Os Carmelitas Descalços.	196
O Deserto do Buçaco.	201
Os Carmelitas da Congregação de Mantua.—Diversas Reformas.—Congregação dos Indios.	205
Os Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem.	209
Vestuario e ceremonias de Profissão dos Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de S. Lazaro de Jerusalem.	214

N. B. Na estampa de pag. 171 —vai desenhada a parte do Convento dos Carmelitas Calçados em Lisboa, que lançava sobre o Rocio — antes do terremoto de 1755; — na estampa de pag. 174 a frente da sua Igreja. E na estampa de pag. 198 o frontispicio da Igreja dos Carmelitas Descalços na Cidade do Porto, tal como hoje se acha.



RASÃO e o Tempo vão fazendo seu dever. Insensivelmente vão cicatrizando as feridas que muitos Livros, estampados no passado seculo, abrirão na moral e na Religião. Um desejo de celebridade em muitos, o pretexto em outros de censurar e corrigir abusos, pela ignorancia ou pela depravação introduzidos, cavarão um abysmo de tal profundez, minarão com tal ardor o edificio da moral pública, e da Religião, que de todo o terião desmoronado, se elle não fosse divino, se contra elle podessem prevalecer as paixões dos homens.

Mas as paixões acalmão-se; e a verdade, cedo ou tarde, assobérba os erros. Aos ardís falaces e traiçoeiros de pretendidos Philosophos vão succedendo as inspirações de Chateaubriand, de Lamartine, e do Autor da Harpa do Crente (que não devemos esquecer os nossos) em que suspirão os hymnos dos Anjos, em que ressoão os graves accentos da Religião. Que elles não desanimem!

Desabão por toda a parte os Conventos e Mosteiros. O Decreto de 28 de Maio de 1834 os extinguiu entre nós. Seria necessidade política seria. Mas não sabemos se mui depressa esquecerão serviços, que delles obteve a Religião e a moral. Quem foi que lhes deu guarida durante os seculos de ignorancia e barbaridade? Onde é que as Letras e a Civilisação estiverão em bom recado, em quanto a nuvem da ignorancia cobria a terra de uma extremidade a outra? Voltão alguns annos mais, e a sua historia parecerá um sonho ás futuras gerações; e nem ao menos se fará idea de seu modo de viver, de seus exercicios, e de seus trajos tão variados.

Temos em vista publicar resumidamente o que fôrão as Ordens Religiosas de um e outro sexo — como se fundarão — como se dividirão e ramificarão — quaes os fundadores — que vida viverão sobre a terra — de que virtudes se adornarão — com que boas obras illustrarão a Religião e a Humanidade. Resumidamente, dizemos nós, por que

22/10/1944

1

- Orders, Religions
- " of knighthood and chivalry
- Costume, Music

3-AT. d2
2 1/2 1/2 1

GALERIA

DAS

ORDENS RELIGIOSAS E MILITARES,

DESDE A MAIS REMOTA ANTIGUIDADE ATÉ NOSSOS DIAS.

ADORNADA COM MUITAS ESTAMPAS.



TOMO I.



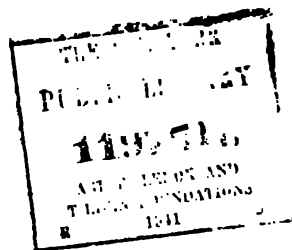
porão:

TYPOGRAPHIA NA RUA FORMOSA N.º 94,

1843.

p. 77

Z
G



INDICE.

Introdução.	5
S. Paulo, primeiro Eremita.	7
Santo Antonio Abbadé, Patriarcha dos Religiosos Cononitas.	11
Santa Syncletica, Fundadora dos primeiros Mosteiros de Virgens.	17
As primeiras Religiosas do Oriente, tanto Cononitas como Anachoretas.	22
Os Monges Maronitas.	25
As Religiosas Maronitas.	30
Os Monges Armenios.	33
Practicas Religiosas, e Vestuario dos Monges Armenios.	36
Os Monges Nestorianos.	41
Mosteiros Nestorianos de ambos os sexos. — Vestuario — Practicas Religiosas.	46
Os Monges Jacobitas ou Surianos.	49
Os Monges Cophtas ou Egypcios.	52
Os Monges Ethiopes ou Abexins.	57
Austeridades e jejuns dos Monges Abexins.	62
S. Pachomio Abbade, primeiro Instituidor das Congregações Religiosas.	65
As Regras de Santo Isaias, de S. Macario, e de alguns outros Instituidores da vida Monastica.	70
As antigas Lauras da Palestina.	73
S. Basilio, o Grande, e a sua Ordem.	76
Os Caloyros, ou Monges Gregos.	81
Pincipaes Mosteiros dos Caloyros.	85
Os Monges Melchitas, Georgianos, e Mingrelienses.	89
Os Monges Russos, ou Moscovitas.	93
Os Monges Gregos na Polonia.	97
Os Monges de S. Basilio em Italia.	101

Os Monges de S. Basilio em Hespanha.	105
Os Monges Esclavões.	110
Santa Macrina, Fundadora das Religiosas de S. Basilio.	113
As Religiosas de S. Basilio no Oriente, e no Occidente.	117
Os Monges Acemetas, ou Studitas.	121
Monges Armenios de Genova, ou Bartholomitas, e os Irmãos Unidos de S. Gregorio, o Illuminador.	125
Os Cavalleiros da Ordem de Constantino, o Grande, denominados tambem Dourados, Angelicos, e de S. Jorge.	129
Os Cavalleiros da Frisa, ou da Coroa.	135
Os Cavalleiros Hospitalarios da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem.	137
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Cosme e S. Damião, ou dos Martyres da Palestina.	142
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay.	145
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Chypre, ou do Silencio, chamados tambem da Espada.	150
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Braz.	153
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Gerião.	156
Os Cavalleiros da Ordem de Monte Gaudio, chamados tambem de Monfrac.	162
Os antigos Religiosos do Monte Carmelo. Santo Elias. Santo Alberto.	164
Os Carmelitas Calçados.	169
O Condestavel D. Nuno Alvres Pereira.	174
As Carmelitas Calçadas, e seu Fundador.	177
Santa Theresa, Reformadora dos Carmelitas.	180
As Religiosas Carmelitas Descalças.	185
As Carmelitas Descalças de França; Penitentes, ou Convertidas de Orvieto, na Italia.	193
Os Carmelitas Descalços.	196
O Deserto do Buçaco.	201
Os Carmelitas da Congregação de Mantua. — Diversas Reformas. — Congregação dos Indios.	205
Os Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem.	209
Vestuario e ceremonias de Profissão dos Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de S. Lazaro de Jerusalem.	214

N. B. Na estampa de pag. 171 — vai desenhada a parte do Convento dos Carmelitas Calçados em Lisboa, que lançava sobre o Rocio — antes do terremoto de 1755; — na estampa de pag. 174 a frente da sua Igreja. E na estampa de pag. 198 o frontispicio da Igreja dos Carmelitas Descalços na Cidade do Porto, tal como hoje se acha.



RASÃO e o Tempo vão fazendo seu dever. Insensivelmente vão cicatrizando as feridas que muitos Livros, estampados no passado seculo, abrirão na moral e na Religião. Um desejo de celebridade em muitos, o pretexto em outros de censurar e corrigir abusos, pela ignorancia ou pela depravação introduzidos, cavarão um abysmo de tal profundez, minarão com tal ardor o edificio da moral pública, e da Religião, que de todo o terião desmoronado, se elle não fosse divino, se contra elle podessem prevalecer as paixões dos homens.

Mas as paixões acalmão-se; e a verdade, cedo ou tarde, assobérba os erros. Aos ardís falaces e traiçoeiros de pretendidos Philosophos vão succedendo as inspirações de Chateaubriand, de Lamartine, e do Autor da Harpa do Crente (que não devemos esquecer os nossos) em que suspirão os hymnos dos Anjos, em que ressoão os graves accentos da Religião. Que elles não desanimem!

Desabão por toda a parte os Conventos e Mosteiros. O Decreto de 28 de Maio de 1834 os extinguiu entre nós. Seria necessidade politica seria. Mas não sabemos se mui depressa esquecerão serviços, que delles obteve a Religião e a moral. Quem foi que lhes deu guarida durante os seculos de ignorancia e barbaridade? Onde é que as Letras e a Civilisação estiverão em bom recado, em quanto a nuvem da ignorancia cobria a terra de uma extremidade a outra? Voltarão alguns annos mais, e a sua historia parecerá um sôno ás futuras gerações; e nem ao menos se fará idea de seu modo de viver, de seus exercicios, e de seus trajos tão variados.

Temos em vista publicar resumidamente o que fôrão as Ordens Religiosas de um e outro sexo — como se fundarão — como se dividirão e ramificarão — quaes os fundadores — que vida viverão sobre a terra — de que virtudes se adornarão — com que boas obras illustrarão a Religião e a Humanidade. Resumidamente, dizemos nós, por que



2000

1. Orders, Religions
2. " of knighthood and chivalry
3. Costume, Monastic

3-AD.
24th 1. de

GALERIA

DAS

ORDENS RELIGIOSAS E MILITARES,

DESDE A MAIS REMOTA ANTIGUIDADE ATÉ NOSSOS DIAS.

ADORNADA COM MUITAS ESTAMPAS.



TOMO I.



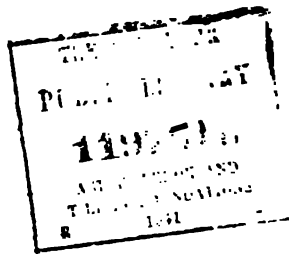
porão:

TYPOGRAPHIA NA RUA FORMOSA N.º 94,

1843.

Z

E



INDICE.

Introdução.	5
S. Paulo, primeiro Eremita.	7
Santo Antonio Abbadé, Patriarcha das Religiosas Cenobitas.	11
Santa Syncetica, Fundadora dos primeiros Mosteiros de Virgens.	17
As primeiras Religiosas do Oriente, tanto Cenobitas como Anachoretas.	22
Os Monges Maronitas.	25
As Religiosas Maronitas.	30
Os Monges Armenios.	33
Practicas Religiosas, e Vestuario dos Monges Armenios.	36
Os Monges Nestorianos.	41
Mosteiros Nestorianos de ambos os sexos. — Vestuario — Practicas Religiosas.	46
Os Monges Jacobitas ou Surianos.	49
Os Monges Cophtas ou Egyptios.	52
Os Monges Ethiopes ou Abexins.	57
Austeridades e jejuns dos Monges Abexins.	62
S. Pachomio Abbadé, primeiro Instituidor das Congregações Religiosas.	65
As Regras de Santo Isaias, de S. Macario, e de alguns outros Instituidores da vida Monastica.	70
As antigas Lauras da Palestina.	73
S. Basilio, o Grande, e a sua Ordem.	76
Os Caloyros, ou Monges Gregos.	81
Principaes Mosteiros dos Caloyros.	85
Os Monges Melchitas, Georgianos, e Mingrelienses.	89
Os Monges Russos, ou Moscovitas.	93
Os Monges Gregos na Polonia.	97
Os Monges de S. Basilio em Italia.	101

Os Monges de S. Basilio em Hespanha.	105
Os Monges Escravões.	110
Santa Macrina, Fundadora das Religiosas de S. Basilio.	113
As Religiosas de S. Basilio no Oriente, e no Occidente.	117
Os Monges Acemetas, ou Studitas.	121
Monges Armenios de Genova, ou Bartholomitas, e os Irmãos Unidos de S. Gregorio, o Illuminador.	125
Os Cavalleiros da Ordem de Constantino, o Grande, denominados tambem Dourados, Angelicos, e de S. Jorge.	129
Os Cavalleiros da Frisa, ou da Coroa.	135
Os Cavalleiros Hospitalarios da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem.	137
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Cosme e S. Damião, ou dos Martyres da Palestina.	142
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay.	145
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Chypre, ou do Silencio, chamados tambem da Espada.	150
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Braz.	153
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Gerião.	156
Os Cavalleiros da Ordem de Monte Gaudio, chamados tambem de Monfrac.	162
Os antigos Religiosos do Monte Carmelo. Santo Elias. Santo Alberto.	164
Os Carmelitas Calçados.	169
O Condestavel D. Nuno Alvres Pereira.	174
As Carmelitas Calçadas, e seu Fundador.	177
Santa Theresa, Reformadora dos Carmelitas.	180
As Religiosas Carmelitas Descalças.	185
As Carmelitas Descalças de França; Penitentes, ou Convertidas de Orvieto, na Italia.	193
Os Carmelitas Descalços.	196
O Deserto do Buçaco.	201
Os Carmelitas da Congregação de Mantua. — Diversas Reformas. — Congregação dos Indios.	205
Os Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem.	209
Vestuario e ceremonias de Profissão dos Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de S. Lazaro de Jerusalem.	214

N. B. Na estampa de pag. 171 — vai desenhada a parte do Convento dos Carmelitas Calçados em Lisboa, que lançava sobre o Rocio — antes do terremoto de 1755; — na estampa de pag. 174 a frente da sua Igreja. E na estampa de pag. 198 o frontispicio da Igreja dos Carmelitas Descalços na Cidade do Porto, tal como hoje se acha.



RASÃO e o Tempo vão fazendo seu dever. Insensivelmente vão cicatrizando as feridas que muitos Livros, estampados no passado seculo, abrirão na moral e na Religião. Um desejo de celebridade em muitos, o pretexto em outros de censurar e corrigir abusos, pela ignorancia ou pela depravação introduzidos, cavarão um abysmo de tal profundez, minarão com tal ardor o edificio da moral pública, e da Religião, que de todo o terião desmoronado, se elle não fosse divino, se contra elle podessem prevalecer as paixões dos homens.

Mas as paixões acalmão-se; e a verdade, cedo ou tarde, assobérba os erros. Aos ardís falaces e traiçoeiros de pretendidos Philosophos vão succedendo as inspirações de Chateaubriand, de Lamartine, e do Autor da Harpa do Crente (que não devemos esquecer os nossos) em que suspirão os hymnos dos Anjos, em que ressoão os graves accentos da Religião. Que elles não desanimem!

Desabão por toda a parte os Conventos e Mosteiros. O Decreto de 28 de Maio de 1834 os extinguiu entre nós. Seria necessidade política seria. Mas não sabemos se mui depressa esquecerão serviços, que delles obteve a Religião e a moral. Quem foi que lhes deu guarida durante os seculos de ignorancia e barbaridade? Onde é que as Letras e a Civilisação estiverão em bom recado, em quanto a nuvem da ignorancia cobria a terra de uma extremidade a outra? Voltão alguns annos mais, e a sua historia parecerá um sônho ás futuras gerações; e nem ao menos se fará idea de seu modo de viver, de seus exercicios, e de seus trajos tão variados.

Temos em vista publicar resumidamente o que fôrão as Ordens Religiosas de um e outro sexo — como se fundarão — como se dividirão e ramificarão — quaes os fundadores — que vida vivêrão sobre a terra — de que virtudes se adornarão — com que boas obras illustrarão a Religião e a Humanidade. Resumidamente, dizemos nós, por que



1. Orders, Regiments
2. " of knighthood and chivalry
3. Costume, Monastic

3-AD.
24th 1: d2

GALERIA

DAS

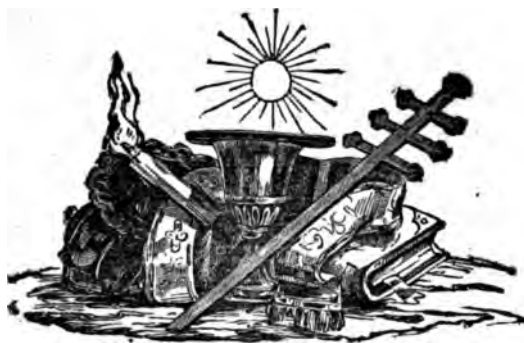
ORDENS RELIGIOSAS E MILITARES,

DESDE A MAIS REMOTA ANTIGUIDADE ATÉ NOSSOS DIAS.

ADORNADA COM MUITAS ESTAMPAS.



TOMO I.

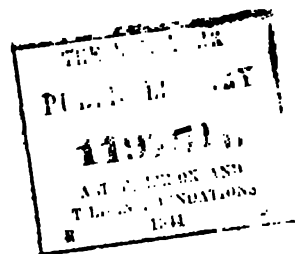


porco:

TYPOGRAPHIA NA RUA FORMOSA N.º 94,

1843.

Z



INDICE.

Introdução.	5
S. Paulo, primeiro Eremita.	7
Santo Antonio Abbadé, Patriarcha dos Religiosos Cenobitas.	11
Santa Syncletica, Fundadora dos primeiros Mosteiros de Virgens.	17
As primeiras Religiosas do Oriente, tanto Cenobitas como Anachoretas.	22
Os Monges Maronitas.	25
As Religiosas Maronitas.	30
Os Monges Armenios.	33
Practicas Religiosas, e Vestuario dos Monges Armenios.	36
Os Monges Nestorianos.	41
Mosteiros Nestorianos de ambos os sexos. — Vestuario — Practicas Religiosas.	46
Os Monges Jacobitas ou Surianos.	49
Os Monges Cophtas ou Egepcios.	52
Os Monges Ethiopes ou Abexins.	57
Austeridades e jejuns dos Monges Abexins.	62
S. Pachomio Abbadé, primeiro Instituidor das Congregações Religiosas.	65
As Regras de Santo Isaias, de S. Macario, e de alguns outros Instituidores da vida Monastica.	70
As antigas Lauras da Palestina.	73
S. Basilio, o Grande, e a sua Ordem.	76
Os Caloyros, ou Monges Gregos.	81
Principaes Mosteiros dos Caloyros.	85
Os Monges Melchitas, Georgianos, e Mingrelienses.	89
Os Monges Russos, ou Moscovitas.	93
Os Monges Gregos na Polonia.	97
Os Monges de S. Basilio em Italia.	101

Os Monges de S. Basilio em Hespanha.	105
Os Monges Escravões.	110
Santa Macrina, Fundadora das Religiosas de S. Basilio.	113
As Religiosas de S. Basilio no Oriente, e no Occidente.	117
Os Monges Acemetas, ou Studitas.	121
Monges Armenios de Genova, ou Bartholomitas, e os Irmãos Unidos de S. Gregorio, o Illuminador.	125
Os Cavalleiros da Ordem de Constantino, o Grande, denominados tambem Dourados, Angelicos, e de S. Jorge.	129
Os Cavalleiros da Frisa, ou da Coroa.	135
Os Cavalleiros Hospitalarios da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem.	137
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Cosme e S. Damião, ou dos Martyres da Palestina.	142
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay.	145
Os Cavalleiros da Ordem Militar de Chypre, ou do Silencio, chamados tambem da Espada.	150
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Braz.	153
Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Gerião.	156
Os Cavalleiros da Ordem de Monte Gaudio, chamados tambem de Monfrac.	162
Os antigos Religiosos do Monte Carmelo. Santo Elias. Santo Alberto.	164
Os Carmelitas Calçados.	169
O Condestavel D. Nuno Alvres Pereira.	174
As Carmelitas Calçadas, e seu Fundador.	177
Santa Theresa, Reformadora dos Carmelitas.	180
As Religiosas Carmelitas Descalças.	185
As Carmelitas Descalças de França; Penitentes, ou Convertidas de Orvieto, na Italia.	193
Os Carmelitas Descalços.	196
O Deserto do Buçaco.	201
Os Carmelitas da Congregação de Mantua.—Diversas Reformas.—Congregação dos Indios.	205
Os Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem.	209
Vestuario e ceremonias de Profissão dos Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de S. Lazaro de Jerusalem.	214

N. B. Na estampa de pag. 171 — vai desenhada a parte do Convento dos Carmelitas Calçados em Lisboa, que lançava sobre o Rocio — antes do terremoto de 1755; — na estampa de pag. 174 a frente da sua Igreja. E na estampa de pag. 198 o frontispicio da Igreja dos Carmelitas Descalços na Cidade do Porto, tal como hoje se acha.



RASÃO e o Tempo vão fazendo seu dever. Insensivelmente vão cicatrizando as feridas que muitos Livros, estampados no passado seculo, abrirão na moral e na Religião. Um desejo de celebridade em muitos, o pretexto em outros de censurar e corrigir abusos, pela ignorancia ou pela depravação introduzidos, cavarão um abysmo de tal profundez, minarão com tal ardor o edificio da moral pública, e da Religião, que de todo o terião desmoronado, se elle não fosse divino, se contra elle podessem prevalecer as paixões dos homens.

Mas as paixões acalmão-se; e a verdade, cedo ou tarde, assobérba os erros. Aos ardís falaces e traiçoeiros de pretendidos Philosophos vão succedendo as inspirações de Chateaubriand, de Lamartine, e do Autor da Harpa do Crente (que não devemos esquecer os nossos) em que suspirão os hymnos dos Anjos, em que ressoão os graves accentos da Religião. Que elles não desanimem!

Desabão por toda a parte os Conventos e Mosteiros. O Decreto de 28 de Maio de 1834 os extinguiu entre nós. Seria necessidade política seria. Mas não sabemos se mui depressa esquecerão serviços, que delles obteve a Religião e a moral. Quem foi que lhes deu guarida durante os seculos de ignorancia e barbaridade? Onde é que as Letras e a Civilisação estiverão em bom recado, em quanto a nuvem da ignorancia cobria a terra de uma extremidade a outra? Voltão alguns annos mais, e a sua historia parecerá um sônho ás futuras gerações; e nem ao menos se fará idea de seu modo de viver, de seus exercicios, e de seus trajos tão variados.

Temos em vista publicar resumidamente o que fôrão as Ordens Religiosas de um e outro sexo — como se fundarão — como se dividirão e ramificarão — quaes os fundadores — que vida vivêrão sobre a terra — de que virtudes se adornarão — com que boas obras illustrarão a Religião e a Humanidade. Resumidamente, dizemos nós, por que

mais não cabe em nossas poucas forças, e por que a vastidão da materia nos levaria mui longe, pois que vamos começar nos primeiros Solitarios, que habitarão nos Desertos, e assim chronologicamente descenderemos até nossos dias.

Nem havemos de preterir as Ordens Militares, que tão importantes serviços prestarão á Religião e á Civilisação — que tantas batalhas pelejarão contra infieis — que tantas palmas colhêrão de triumphos assignalados — e que tão elegantemente se trajavão; crescendo ainda, que muitas destas Ordens seguirão a regra das Corporações Religiosas de que ordinariamente derivavão.

Mas o mais difficil de nossa empreza, e o que mais póde interessar grande parte de nossos compatriotas, é a Galeria de Estampas illuminadas com que amenisamos nosso trabalho. Podemos asseverar, que para ella consultámos os melhores originaes, que nos foi possível obter; assim como compulsámos, para os Epitomes, as Historias mais classicas, donde colhemos o que nos pareceo mais essencial, e digno de estremar-se.

Possa este trabalho ser bem agradavel a nossos compatriotas! Não scandalisaremos pessoa alguma, por mais grave que seja seu carácter; e desculpadas nossas faltas, contamos ser auxiliados, e por ventura applaudidos.

Audacie certe
Laus erit in magnis, et voluisse sat est.
(PROPERCIO).

S. PAULO.

PRIMEIRO EREMITA.



O' ditoso deserto

De quem o gosto e apaz vive tão pèrte,

Deserto só do mal, do bem povoado,

Tu saras todo o mal que a Côte péga,

E tu dás todo o bem que a Côte nega.

BALTHEAR ESTAÇO. — Canção 6.

DAMOS precedencia a S. Paulo, 1.º Eremita, não tanto por que fôra fundador de duas Ordens, que com seu nome, e debaixo de seus estandartes, se gloriarão de combater, nem por que fôra o primeiro Solitario — que varios outros, antes d'elle, se havião já abraçado com a vida retirada; mas por que foi o primeiro que habitou o grande Deserto, onde tão longo tempo, ignorado dos homens, viveo vida mais angelica do que humana; e os que antes d'elle havião procurado a solidão, bem verdadeiramente se não tinham affastado das Cidades, e do commercio do mundo.

S. Paulo nasceo na Thebaida; e aos quinze annos de idade herdou de seus pais um grande patrimonio. Então brotou a inveja no peito de seu cunhado; quiz es-

te senhoar-se de sua fortuna, e cobardemente o denunciou durante as perseguições de Decio e Valeriano. Uma casa de campo lhe deu o primeiro abrigo; mas, conhecendo a tenaz vontade de seu cunhado, retirou-se para o Deserto até que passasse a tempestade. Lá se affeiçoou, pouco e pouco, á solidão, que abraçára por necessidade. Lá encontrou uma montanha de rocha, e á raiz d'ella uma caverna cerrada com uma pedra. Abrio por curiosidade, e achou uma grande sala, rôta pela parte de cima, e assombrada de annosa palmeira. Nella rebentava uma límpida fonte, que serpenteando em pequeno regato, se escapava para fóra, e sumia-se na terra. S. Paulo julgou ser esta a habitação que Deos lhe destinava, e nella permaneceu com a

mais admiravel constancia por espaço de 90 annos. Tinha então 23, e viveo 113.

Ser-nos-hia elle ainda desconhecido, se, pelo anno de 341, Deos o não descobrisse a Santo Antonio o Grande (a quem, segundo o Padre Vieira, chamamos Antão para significar a sua mesma grandeza). Começavão de se formar no coração de Santo Antonio alguns pensamentos de orgulho, que era mister abater. Durante a noite lhe revelou Deos, que no Deserto, e mais para o interior, existia alguém, que, ainda mais do que elle, vivia em santidade; e ordenou-lhe que o visitasse.

Surpreso, e anhellando vêr o Santo homem, poz-se a caminho Santo Antonio, encostado ao seu bordão, e sem saber para onde. Esperançado em que Deos lhe faria vêr o seu servo, soffreo alegre extremas fadigas; até que no fim de tres dias descobrio a caverna para que S. Paulo, noventa annos havia que se tinha retirado.

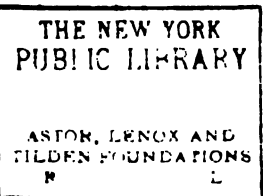
A principio nada via Santo Antonio, por que a entrada era escura. Caminhava de vagar... parava de quando em quando para escutar... a vezes andava mais ligeiramente... até que, devissando ao longe alguma claridade, deo-se mais pressa, e topou com os pés em uma pedra. Ouvio S. Paulo o ruido, e fechou a porta.

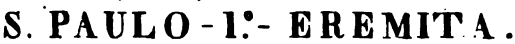
Prostrado Santo Antonio, longo tempo lhe pediu que abrisse: — „ Sabeis quem eu sou, d'onde venho, e para que. Abri a porta! Sei que não mereço vêr-vos; mas sem que o consiga me não

hei de retirar. Antes aqui morrerei, e sepultareis meu corpo. „ — „ Não se pede ameaçando, respondeo S. Paulo. Admirais que vos não receba, quando só para morrer sôis vindo? „ — Abrio então, sorrindo-se. Beijarão-se; e apesar de que nunca tinham ouvido fallar um do outro, saudarão-se pelos seus nomes. Ao osculo de paz seguirão-se as graças a Deos, e pediu depois S. Paulo noticias do genero humano: — „ Edificação-se ainda casas nas Cidades? perguntou elle. — Que Principe governa agora o mundo? — Em que estado estão os negocios da Igreja? — Deixarão-na os tyrannos em paz? „ —

Durante esta prática, um corvo, que depois de mais de 60 annos todos os dias trazia a S. Paulo metade de um pão, conduzio desta vez um inteiro para o jantar dos Santos Solitarios. Quasi até á tarde disputarão sobre quem o partiria. Allegava Paulo a hospitalidade, Antonio os annos. Convierão em fim em que cada um puxaria para seu lado. Comerão; e bebendo agua da fonte, passarão a noite em oração. Como S. Paulo não ignorasse que a morte lhe entrava já no arrabalde da vida, disse no dia seguinte a Santo Antonio: — que de longo tempo sabia que elle habitava n'aquelle paiz, e que Deos lhe promettera que o havia de vêr; mas que sendo chegada a hora de seu passamento, Deos o enviara para enterrar seu corpo.

Ao ver-se a ponto de perder tão grande thesouro, no momento em que o acabava de descobrir, penetrado ficou Santo Antonio de





S. PAULO - 1.º - EREMITA.

profunda magoa : — „ Oh ! não me abandones , disse elle , leva-me contigo ! „ — E como parecesse estar determinado a o não deixar , pelo menos até á sua morte , querendo S. Paulo desviar-lhe essa magoa , pediu-lhe que fosse buscar a capa que Santo Athanasio lhe havia dado , a fim de que nella envolvesse seu corpo , e o não enterrasse nu.

Admirado Santo Antonio do que da capa lhe dissera , nelle se lhe figurou presente J. C. , e não ousou replicar. Surdo ao terno sentimento , que a ordenada separação lhe causava , correu ao seu mosteiro , não sem que parecesse milagrosa tanta celeridade , tanta diligencia , em tão cançada velhice , em corpo tão cortado pelo jejum. Dous discipulos , que o servião , lhe perguntarão aonde tanto se detivera. E o Santo , inteiramente preocupado do que vira , e almejando sómente o voltar com presteza , disse apenas : — „ Que desgraçado peccador que eu sou ! Quao falsamente me appellido monge ! Vi Elias , vi João no Deserto , vi Paulo no Paraíso „ — E mais se não explicou ; e batendo no peito amiudadas vezes , pegou da capa de Santo Athanasio , e com ella se partio , sem tomar refeição alguma. Em balde lhe pedirão os discipulos , que mais claramente explicasse o que vira , respondeo apenas : — Ha tempo de fallar , e tempo de callar. —

No caminho vio a alma de Paulo , que toda resplandecente subia ao Ceo entre Anjos , Prophetas , e Apostolos. E prostrando-se , e lançando arêa sobre a cabeça , disse chorando : — „ Paulo ! por

que me deixais ? Oh ! não vos disse adeos ! Cumpriria que tão tarde vos conhecesse para vos perder tão cedo ? „ —

Durante o mais que restava da jornada parecia que voava , e quando chegou á caverna , vio o corpo do Santo de joelhos , com a cabeça levantada , e as mãos erguidas para o Ceo. Parecendo-lhe então que estava vivo , e em oração , começou tambem de orar ; porém , não o ouvindo suspirar , como de ordinario , conheceo que já não existia. Ternamente o beijou , chorando : envolveo-lhe o corpo , e tractou de o sepultar , cantando psalmos , segundo a Tradição da Igreja.

Mas como haver-se sem ter instrumentos com que cavasse a terra ? — A Divina Providencia o tirou de embarço. Enviou-lhe dous Leões , que da profundeza do Deserto vierão direitos ao corpo de S. Paulo , e com suas caudas o affagão. Deitárão-se a seus pés , testemunhando sua dôr com rugidos ; e raspando a terra com as garras , fizeram uma cova em que Santo Antonio enterrou o corpo.

Aproveitou-se então da tunica , que o proprio S. Paulo para si fizera de folhas de palmeira entretecidas como nos cestos ; e com esta rica herança voltou para seu mosteiro , onde narrou aos discipulos tudo quanto lhe acontecêra.

Desde então sempre nos dias solemnes de Paschoa e Pentecostes se revestio Santo Antonio com aquella tunica. Extraordinaria vestidura ! por que as folhas da palmeira só servião para fazer cestos ,

Deos naquelle Evangelho; repar-
tio pelos visinhos as avultadas ter-
ras que herdára; vendeo seus mo-
veis por consideravel somma; dis-
tribuiu a maior parte pelos pobres,
e reservou o resto para sua irmã.
Mas ouvindo em outra occasião na
Igreja, que não convinha curar do
dia seguinte, distribuiu pelos po-
bres o que reservára: entregou
sua irmã a algumas donzellas chris-
tãs, para com ellas se educar:
abandonou a casa, e longe do lo-
gar do seu nascimento foi viver vi-
da ascetica, com grandissima tem-
perança e aspereza.

Nesta soledade se occupou no
trabalho e na oração, visitando a
vezes outros Solitarios para se in-
struir, e para imitá-los em suas
austeridades e mortificações. Mas
não pôde o Demonio soffrer tanto
zelo em idade tão juvenil. Come-
çou por offerecer-lhe aos olhos os
bens que havia deixado — a irmã
abandonada — a glória que no mun-
do poderia adquirir — os prazeres
a que renunciára e de que goza-
ria... Vierão depois os pensamen-
tos de impureza, que contínua e
violentamente o atormentavão...
Tudo venceo pela Fé; tudo pela
contínua oração. Noites em claro
passava o Santo. Seu alimento era
pão e sal; só uma vez comia, e
depois do Sol posto; algumas ve-
zes de dous em dous dias, e mui-
tas de quatro em quatro. Por leito
tinha uma esteira, qu a terra.

Julgando que o viver nas cer-
canias da sua patria lhe impediria
adiantar-se na perfeição, foi en-
cerrar-se em um remotissimo moi-
mento, dos muitos que havia no
Egypto, e que erão edificios con-
sideraveis. E o Demonio, que até

alli só lhe atacára o coração, visi-
velmente lhe atormentou o cor-
po, lançando-o por terra sem po-
der fallar, e soffrendo acerbos do-
res. Um amigo, que no seguinte
dia lhe viera trazer pão, precisou
levá-lo ás costas para a visinha al-
dea, a fim de se lhe curarem as
feridas; e quando o Santo a si tor-
nou, pediu-lhe que o reconduzisse
ao moimento, por que se não po-
dia ter nas pernas. Porem, dei-
tado no chão, desafiava os De-
monios e os attaccava.

Foi então que no meio de
grande ruido, abalado todo o edi-
ficio, e fendidas todas as paredes
da recamera, nella entráão os De-
monios em tropel, debaixo de
monstruosas formas de toda a cas-
ta de animaes. Mas continuando
a desprê-los, um raio de luz,
que nelle vinha dar, dissipou to-
dos estes espiritos das trévas; ces-
sárão as dores, e uma voz celeste
lhe prometteo contínua assistencia
e celebridade em toda a terra.

Assim se cêrão os primei-
ros quinze annos de so-
ledade, até que sahio deste se-
pulchro para a montanha, a fim de
mais se occultar aos homens; e
nestas mesmas jornadas triumphou
dos muitos laços que lhe armou o
Demonio. Chegou em fim á mon-
tanha, onde, com tenção de per-
manecer, se recolheo em um an-
tigo e abandonado castello, só-
mente habitado por muitos ani-
maes, que logo delle se escapá-
rão.

Provido de pão para seis me-
zes, fechou a porta. Os amigos
que o vinhão visitar, e que passa-
vão de fóra muitos dias e noites,
duas vezes no anno lhe lançavão



SANTO ANTONIO ABBADÉ.

Patriarca dos Relojeiros Conhecidos

THE
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R

o pão por cima do tecto; e assim decorrerão vinte annos. Pelo de 305 se resolveo finalmente a sair para tornar-se pai de uma infinidade de Solitarios, que povoarão o Egypto. Continuamente occupados estes Santos no canto, no estudo, no jejum, na oração e no trabalho, para poderem dar esmollas, conservavão entre si grande caridade e união. Os discursos de Santo Antonio lhes excitavão o fervor; e discipulos de tão sabio mestre como que se tornárão Anjos sobre a terra.

Ardia o Santo em desejos de martyrio; e quando pelo anno de 311 o furor do tyranno Maximiano accendeo a perseguição contra os Christãos, em quanto outros se retiravão para o Deserto a fim de a evitarem, deixou-o elle, e se partio para Alexandria. Mas não permittio Deos que soffresse martyrio, por que o reservava para instrucção dos Solitarios. Voltando ao seu mosteiro, finda que foi a perseguição, algum tempo se conservou encerrado, sem dar ingresso aos que, para sararem de molestias, o vinhão importunar; e assim mesmo o conseguão sentados de fóra, e orando com fé. Até que finalmente, querendo fugir á vaidade, e conservar o retiro, se resolveo a partir para a alta Thebaida, onde era desconhecido.

Andados tres dias e tres noites, chegou a uma alta montanha, onde havia uma fonté e algumas palmeiras. Agradou-lhe o sitio, e fixou-se. Avulta esta montanha a uma jornada do Mar Vermelho, e chama-se agora Colzim, ou Monte de Santo Antonio. Mas ainda

foi obrigado a voltar a Alexandria, e auxiliar a Igreja na guerra, que os Arianos lhe havião declarado; e apesar de que a reputação de Santo Athanasio era por elles espedaçada, sempre conservou amizade e dedicação a este Santo Prelado.

Para não aberrarmos de nosso proposito, que é sómente de resumir a historia dos fundadores das Ordens, forçoso é deixar em silencio importantissimos factos da vida deste Santo para que nos falta espaço. Não podemos contudo resistir á tentação de transcrever neste logar algumas comemorações do nosso classico escriptor Frey Diogo do Rosario; até pela singeleza e singularidade de seu estillo:

» Huma vêz (diz elle na historia da vida deste Santo Abhade) sendo o Santo Varão arrebatado em spirito vio todo o mundo estar cheo de laços, e orando disse: Senhor quem poderá escapar destes laços, ouviu hũa voz que disse: *A humildade.*

» Hũa vez sendo o Santo levantado no ar pelos Anjos, embargavão-lhe os demonios a sobida, accusando-o dos peccados que cometera em sua mocidade: responderão os Anjos que o levavão: *Não no aveis de acusar dos peccados que ja lhe são perdoados pola graça de Jesu Christo, senão dos que cometeo depois de Monje se alguns sabeis.* E não achando peccados de que o acusar depois de Monje, deixaramno sobire decer livremente. Dizia este Santo que algumas vezes vira o demonio em forma corporal muito grande, e dizia que era virtude e sabedoria divi-

na, e que lhe pidisse o que quizesse: e o Santo cospialhe no rosto desprezando-o como elle merecia, armado com o sinal da Cruz.

„ Hũa vez lhe appareceo o demonio em tamanha figura, que parecia que tocava com a cabeça no Ceo, e perguntou-lhe o Santo quem era. Respondeo elle que era Satanas, e fez-lhe queixumes dizendo, por que se poem e armão contra mim os Monjes? e por que me maldizem os Christãos. Respondeo Santo Antão. *Justamente o fazem por que são muyto atribulados de tuas tentações.* Respondeo Satanas. *Não os atribulo eu, mas elles se conturbão, por que eu sou tornado em nada, pois que em todo o logar reina o Salvador da geração humana.* Deu o Santo graças a Deos, e o diabo desapareceo.

„ Hum besteiro vendo a Santo Antão tomar hũa recreação com seus Monjes, de cuja santidade tinha ouvido, scandalizou-se, attribuindo aquella recreação a soltura. Entendendo isto Santo Antão disselhe: *Poem a seta no arco e estira a corda.* Fe-lo assi o frecheiro, e mandoulhe fazer isto outra e outra vez. Disse o frecheiro, tanto poderei eu estirar e estender a corda que quebre. Respondeo Santo Antão. *Dessa maneira acontee nas obras de Deos, que se nos quizermos esforçar pera ellas sem modo e discrição em todo rigor do espirito facilmente quebraremos: por isso he necessario algum pouco afrouxar o rigor, pera que possamos perseverar.* Ouvindo isto o frecheiro ficou edificado. Assi em huma pratica do Abade Moises, conferindo os padres heremitas juntamente com Santo An-

tão, qual era a virtude que levava o Monje á perfeição, concluiu Santo Antão que era a virtude da discrição.

„ Perguntou um Monje a Santo Antão que faria pera aprazer a Deos; respondeo: — *Poem a Deos diante dos olhos onde quer que estiveres, e cuida que sempre te vê, e lebrate do que diz a Sagrada Escritura em tudo o que fizeres, e não te mudes facilmente do logar onde estiveres, e se estas tres cousas guardares podertehas salvar.* —

„ Hum Abade perguntou a Santo Antão que faria pera alcançar a gloria, respondeo o Santo Varão: — *Não confies na tua virtude e refrea o ventre e a lingua, e faz obras de que te não arrependas.* —

„ Outra vez disse o Santo Varão: — *Assi como não podem viver os peixes fóra da agoa assi não podem viver os Monjes fóra da cella: por que ou se derramão com os seculares, ou se afrouxão do amor das cousas divinas.* —

„ Vierão hũa vez huns frades com hum velho visitar o Santo, e disselhes o Varão de Deos. Bom companheiro trouxestes irmãos neste velho. E depois disse ao velho: Bons frades trouxestes convosco Abade. Respondeo elle: Bons padres: mas a sua casa não tem porta, por que quem quer entra na sua estrebaria, e desata o asno. (Isto dizia o velho, por que não podia calar o que lhe vinha á vontade). Outra vez dizia Santo Antão. Avemos de saber que tres são os movimentos corporaes. Hum he natural, outro nace da fartura demasiada do ventre, e o tercei-

ro da astucia e persuasão do Demonio. Hum Monje tinha renunciado ao mundo, mas não de todo: por que ainda tinha algũas cousas das que possuiria no mundo. Disselhe Santo Antão, vai e despete, e compra carne, e trazea ás costas. Foi elle e despio-se, e comprou hum pedaço de carne, e lançou-o ás costas, e vinhão as aves para levar a carne, e feriãono: Disselhe Santo Antão: Os que renunciação ao mundo, e querem reter algumas riquezas assi são feridos das aves, convem a saber dos demonios que tem sua morada neste ar. Tão grande era o seu fervor, que martirizando Maximiano os Christãos, deixou o Mosteiro, e seguia os Martires, e os acompanhava com desejo que o martirisassem com elles. »

» Sendo um dia Santo Antão tentado do spirito da perguiça, poz-se em oração, e disse, Senhor queria salvarme, mas não me deixão meus pensamentos. E levantando-se saio fóra da cella, e vio um monje estar assentado e trabalhando, e depois levantava-se e orava, e era o Anjo do Senhor que o vinha insinar, e disse-lhe:— » Antonio faz assim e serás salvo. Perguntarão hũa vez os monges a Santo Antão polo estado das almas, e veo a elle uma voz na noite seguinte que lhe disse:— » Levanta-te e sae fóra, e atenta bem polo que vires. » E saio da cella, e vio hũa fantasma tão alta que parecia chegar com a cabeça ao Ceo, e tinha as mãos estendidas, e trabalhava por impedir a sobida das almas que caminhavão pera o Ceo, e a huns abatia, e a outros não podia. E entendeo ser aquelle o dia-

bo que queria impedir a sobida das almas.

» Como a fama de Santo Antão soasse por todas as partes, vierão a elle dous filosofos gentios pera o tentar com argumentos sofisticos. Vendo-os o Santo Varão logo conheceo que erão infieis, e falou-lhe por interprete dizendo:— » Por que sendo vós outros tão doutos tomastes tão grande trabalho debalde vindo de tão longe ver este homem ignorante e rustico? Responderão os filosofos que o tinham por homem sabio, e que entendia muyto bem todas as cousas. Disse Santo Antão:— » Se tendes pera vós que viestes ver hum homem idiota e ignorante, sem causa tomastes o trabalho de caminho tão comprido: mas se viestes ver homem sabio como dizeis, segui o que experimentastes, por que se eu vos fora buscar eu vos seguira. Mas já que viestes a mim como a sabio e douto, fazei o que eu faço e tornaivos Christãos. » — Com esta razão tapou a boca aos filosofos, e elles ficarão espantados.

» Aconteceo outra vez, que vierão outros filosofos velo com tenção de zombar delle, por que tinham ouvido que não aprendera letras em algum estudo. E conhecendo Santo Antão sua tenção poz-lhe este argumento dizendo:— » Respondei-me filosofos. Qual destas cousas he mais excellente no homem, e primeira, bom juizo, ou aprender letras: E qual destas duas cousas he causa da outra, o bom juizo causa das letras, ou as letras do bom juizo? » — E respondendo elles que o bom juizo: disse o Santo Varão:— » Pois logo bem aveis de conceder que o que tem

bom juizo não ha mister andar por vossas escolas. „—

Visitou elle finalmente, segundo seu costume, os monges que habitavão a montanha exterior, e a seus discipulos Macario e Amatas, que havia quinze annos que o servião por causa de sua avançada idade, e lhes disse: — „ Vou em fim morrer ! Não consintais que meu corpo seja levado para o Egypto, que receio que o guardem, persuadindo-se de que assim honrão os mortos. Reparti minhas vestiduras. Dai ao Bispo Athanasio uma das minhas

pelles de ovelha, e bem assim a capa sobre que durmo, e que em outro tempo me deo nova. Ao Bispo Serapião dai a outra pelle de ovelha. Guardai para vós o meu cilicio. „

Em fallando assim, beijou seus discipulos. Por algum tempo se conservou deitado, e com rosto alegre, como quem via os numerosos amigos que o vinhão visitar. E assim dormio uma morte preciosa em 17 de Janeiro do anno 356, na idade de cento e cinco annos.



SANTA SYNGLETICA.

FUNDADORA DOS PRIMEIROS MOSTEIROS DE VIRGENS.

Ceo livre, terra livre, e livre a mente,
Paz intima, e saudade, mas saudade
Que não doe, que não mirra, e que consola.
São as riquezas do ermo, onde sorriem
Das procellas do mundo os que o deixam.

(A. HERCULANO. — Harpa do Crente.
A Arrabida.)

DECLINAVA o 3.º seculo. A piedade florescia então na populosa Alexandria, que bem diversa é hoje do que fôra! — Para nosso intento, para darmos uma succinta idea da antiga e moderna Alexandria, basta-nos um periodo de M. de Chateaubriand em seu Itenerario de Paris a Jerusalem:

— “ E era esta aquella Alexandria (diz elle) rival de Memphis e de Thebas, que contou tres milhões de habitantes, que foi Santuario das Musas, e onde, durante a noite, ressoarão as estrepitosas orgias de Antonio e de Cleopatra. Mas em vão appliquei o ouvido, um talisman fatal abysmava no silencio o povo da nova Alexandria: este talisman é o despotismo, que extingue toda a alegria, e que nem á dôr permite um grito. Ah! que arruido podia haver em uma Cidade, cuja terça

parte, pelo menos, se acha abandonada, outra consagrada aos sepulchros, e outra, que, no meio destas duas extremidades mortas, é uma especie de tronco palpitante, que nem força tem para sacudir suas cadêas entre ruinas e tumulos? ” —

E foi para esta Cidade que se encaminharão os pais de Synclética, oriundos da Macedonia, onde erão notaveis por sua nobreza e fortuna.

Deparou-lhes Alexandria muito mais do que a fama publicava. Fixarão-se; — e nesta capital do Egypto foi educada a filha com todo o cuidado que póde inspirar o temor, e o amor de Deos. Era nobre, e rica, e bella; tinha grandes prendas de espirito; e os melhores casamentos lhe fôrão offerecidos. Porém, destinada para Jesus-Christo, buscava o retiro quanto lhe era possivel, com elle uni-

camente conversava, e indifferente a todos os prazeres do mundo, vãs imagens, que o pensamento cria, gostos enganosos, que não durão, só se comprazia nos entretenimentos espirituais, só achava delicia no jejum: — que se ás vezes era forçada a tomar mais alimento do que o ordinario, até em seu corpo se divisava a magoa que isto lhe causava.

Assim se habituou ella na casa paterna ao mais austero retiro, até que a morte veio cortar a vida de seus pais.

Restavão-lhe sobre a terra uma grande fortuna, e uma irmã unica, e cega. Os bens, repartio-os pelos pobres; e com a irmã se retirou para um dos amplos moimentos daquella região.

— « Grande nome tenho adquirido (dizia ella), e nem pela » idea me passa retribuir a quem » tanto me exaltou. Se os mortais empregão todas suas faculdades nas vilezas do mundo, » para conseguirem uma despresivel honra — quanto mais me » não convem consagrar a Deos » meu corpo, e esses suppostos » bens! Mas para que fallo nos » bens e no corpo, se tudo é delile! Assim está escripto no Psalmo 23: — *A terra, e tudo o que ella contem, é do Senhor: toda a terra, e todos os que a habitão, lhe pertencem.* » —

Foi nesse moimento que Syncletica aprendeo a morrer, unindo ás maiores austeridades do corpo todas as mortificações do coração, e do espirito. Sustentava-se de pão e agua; e se alguma vez a assombrava o Demonio das tentações, redobrava o rigor da penitencia, e co-

mendo sómente pão de sementes, dormia sobre a terra, até que essas avexações se esvaecessem.

Por muito tempo não podia estar escondido na terra thesouro tão qualificado. Muitas viúvas, muitas donzellas se lhe quizerão submeter, e lhe pedirão instrucções; mas Syncletica se affigia.... escusava-se.... e muitas vezes, quando fortemente assidiada lhe era forçado fallar de Deos, só com o silencio as instruia, só com os gemidos, só com as lagrimas, que derramava.

Cedeo alfim. — Reccebeu-as; e com a mais admiravel sabedoria lhes ensinava os deveres de seu estado. O principio e fim de todas as virtudes, e de todos os discursos de piedade, cifrava-se, segundo ella, no amor de Deos, e no amor do proximo; aconselhava-lhes a prompta resistencia aos maos pensamentos, a não desprezar as pequenas faltas, a preferir a obediencia a todos os outros exercicios, a fugir a vaidade e orgulho, como ultima setta com que o Demonio tenta trespassar os corações. — « Lembrai-vos (lhe dizia ella) de » que para agradar a Jesus-Christo, a quem haveis recebido por » esposo, deveis enfeitar vossa alma com o atavio das virtudes, » assim como as mulheres afieçadas ao mundo trajão com » muita riqueza e louçania para » attrahirem o amor, ou os elogios dos homens. » —

Muitos outros dictames desta Santa se podem lêr nas antigas Collecções das mais notaveis expressões dos Padres do Deserto. E sem que desejemos transpor os limites que nos impozemos, — da

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



ANTIGA RELEGIOSA DO ORIENTE

historia de sua vida, attribuida a Santo Athanasio, extrahimos os seguintes preceitos.

Fallando da castidade, dizia a Santa: — « Cumpre que as que nos propozemos vida de virgindade, guardemos em tudo temperança, até no vêr, e no fallar. Arranquemos dos olhos toda a vaidade, pois diz a Escripura nos Proverbios: — *Os teus olhos olhem direitos, e as tuas palpebras precedão os teus passos*: — e reprimamos a lingua, por que é cousa iniqua, que este instrumento, formado para louvar a Deos, pronuncie palavras torpes, palavras que não devem ser proferidas, nem escutadas. Isto conseguiremos se não frequentarmos publicos logares, pois entrarão connosco os ladrões, e nos invadem os sentidos, ainda a nosso pesar. E como se nos não escurecerá a casa, se entrar o fumo de fóra, e estiverem abertas as portas? — Cumpre por tanto evitar a praça. Se nos é molesto e desapraz vêr nós os pais e os parentes, quanto mais danoso não será vêr outros descobrindo-se indecentemente, e proferindo palavras deshonestas? Daqui se originão torpezas, e fantasias pestíferas. » —

Prescrevendo cautella contra os ardis do Demonio, dizia: — « Quanto mais nos elevamos, tanto mais o inimigo procura impecer-nos. E que admiração é que tenhamos inimigos, quando caminhamos para Deos, e quando não ha cousa vil que nos não invejem? Sofrem-nos mal que desentranhemos thesouros das profundezas da terra; e se

» assim nos contrarião sobre cou-
» sas terreaes, quanto mais o não
» farão ácerca dos bens do Ceo?
» — Acautelemo-nos por tanto. O
» inimigo nos rodêa por fóra, e
» nos assalta por dentro. Nossa al-
» ma, á semilhança de uma náó,
» algumas vezes é submergida,
» tanto pelo impeto das ondas,
» como pelo peso da carga e ru-
» na das cavernas. Algumas ve-
» zes nos perdemos pelos pecca-
» dos, que de fóra nos assaltão,
» e outras vezes por internas co-
» gitações. » —

Nem se descuidou de avisar contra a ira, murmuração e odio: — « Todos se comprazem de conversações (dizia ella), e folgão de ouvi-las, e continuá-las. Grande trabalho será o atalhá-las, mas inefavel o gozo que d'ahi virá. Assim como os que procurão accender lume são primeiramente tomados pelo fumo, e vertem lagrimas, porêem gozão depois do calor desejado: assim convem que accendamos com lagrimas e trabalho o fogo divino, que nos ha de aquecer; pois o mesmo Senhor declarou por S. Lucas, cap. 12, vers. 49: — *Eu vim trazer fogo á terra, e que quero eu senão que elle se accenda?* — Alguns na verdade tolerão por sua preguiça o incommodo do fumo, e com tudo nem accendem o fogo, nem se aquentão por impaciencia, por que se ausentárão dos limites da magnanimidade Christã, e por que sua vontade era languida e frôxa. . . . » —

E logo depois: — « A ira é um mal detestavel. Por que a ira do homem não cumpre a

» *justiça de Deos*, como escreveo
» S. Thiago Apostolo. Convem
» pois moderá-la com o freio da
» prudencia, por que ás vezes tam-
» bem é util; convem animá-la e
» excitá-la contra os espiritos in-
» fernaes, mas contra os homens
» de nenhum modo, posto que pec-
» cadores. — Conservar lembrança
» das injurias não é cousa menos
» grave; por que apoderando-se
» da alma a torna cruel e terrivel.
» Os mesmos cães raivosos se
» abrandão com qualquer pedaço
» de pão; mas aquelles que labo-
» rão neste vicio, nem se persua-
» dem com exhortações, nem se
» vencem com alimento, nem o
» tempo, que aliás tudo muda,
» os póde curar. Não ouvem, nem
» obedecem ao Senhor, que lhes
» diz em S. Matheus cap. 5, vers.
» 24: — *Deixa alli a tua offerta*
» *diante do altar, e vai-te recon-*
» *ciliar primeiro com teu irmão;*
» *e depois virás fazer a tua offer-*
» *ta.* » —

Mas afrontara-se o Demonio com tantas virtudes, e ousou pedir a Deos permissão para a tentar, como fizera a Job. Já ella contava oitenta annos de existencia, e em tres e meio que ainda viveo entre as angustias de uma molestia de pulmão, e a contínua febre, que pouco e pouco a minava, ainda o Demonio levou mais longe sua vingança, gerando-lhe um cancro na boca, que depois de comer-lhe o rosto, se avinculou a todo o corpo, exhalando cheiro tão incomportavel e exicital, que nem por um momento della se podia alguém aproximar sem premunir-se, queimando mui-

tos perfumes ou plantas aromaticas.

Só ella se não atterrava com tantas desgraças, e nem consentia a applicação de algum remedio! — « Anda talvez nisto a Divindade (dizia ella); experimenta como Job, como elle de-vo submeter-me á vontade de Deos. » —

E taes erão suas apreensões a semelhante respeito, que, a seu pesar, visitada por um medico, viva e lastimadamente manifestou receios de vêr acabar, ou diminuir seus males; tranquillizando-se sómente quando o medico prudentemente lhe disse, que não vinha de intento a curá-la, mas a embalsamar o muito que de seu corpo já estava morto, e impedir que a corrupção infectasse e acabasse as pessoas que della se aproximavão. Só então consentio que seu mal se mitigasse com uma preparação de aloes, de myrrha, e vinho.

Mais de tres mezes durou ainda este martyrio, até que ficou redusida á impossibilidade de falar, de vêr, de alimentar-se, de repousar.

Era porém chegado o momento da victoria. Por entre visões, de que tirára a maior consolação, annunciou ás companheiras que dentro de tres dias havia de arrancar; e dentro dos tres dias voou sua alma para o Ceo a coroar-se da gloria, que lhe estava preparada, destino de todos seus anhelos.

Oitenta e quatro annos, aproximadamente, viveo Santa Synclética sobre a terra. Foi arrebatada pela morte no fim do 3.º seculo, ou no anno 310, ou ainda, se-

gundo outros, no anno 358. O que é certo é que não passou do anno 365; — que vivia no tempo de Santo Antonio o Grande; — e que assim como este Santo foi o Pai dos Religiosos Cœnobitas, foi ella Mãe das primeiras Religiosas, que vi-

verão em Communidade.

Eis o que nos levou a fazer um Epitome de sua vida, para a qual não fôra sufficiente uma larga escriptura. Eis um especimen de suas raras virtudes, e como ellas bem singello; por que a

Virtude só se exalta
Com a verdade honrosa,
Quanto mais nua, tanto mais formosa.

Marros. — Canção 2.



AS PRIMEIRAS RELIGIOSAS

DO

ORIENTE,

TANTO CENOBITAS, COMO ANACHORETAS.



Je disais autre fois : Que ferais-je aujourd'hui ?
Et la gloire, et l'amour, et mes vaines pensées
Disputaient au réveil mes heures insensées ;
Mais le cœur me disait : Tous les jours sont à lui !

Tous mes jours maintenant sont à lui dès l'aurore,
Ils sont à lui jusqu'au sommeil,
Celui dans qui mon cœur se lève à mon réveil,
Mon cœur, en s'endormant, en lui se couche encore !

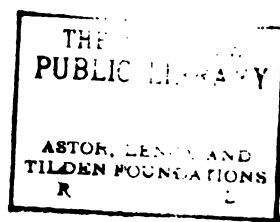
(LAMARTINE. 8^e Harmonie. Le Solitaire).

EILHAS de Santa Syncletica, e em Comunidades dependentes de Santo Athanasio, angelica devia ser a vida que vivião as primeiras Religiosas do Oriente. Que encantos não acharião no remanso da solidão ! Profundas na humildade, altas na contemplação, lembradas de Deos, esquecidas do mundo, abraçadas no amor do Ceo, mortas á carne, vivas ao espirito; com piedosas lagrimas, com saudosos suspiros, trabalhavão por alcançar a eterna felicidade; fugindo do mundo enganoso; fugindo-lhe os perigos, as variedades, as ondas, as marés, as turbações, as enchentes, e as vazantes.

Nem presuma alguém, que seu perpetuo voto, que sua submissão a uma Regra inviolavel, as abysmava no infortunio. Bem pelo contrario (diz M. de Chateaubriand) é esse voto uma disposição favoravel para a felicidade, principalmente quando elle não tem outro fim mais que defender-nos das illusões do mundo. Não surgem as paixões em nosso peito (continua elle) antes do quarto lustro; e aos quarenta annos estão ellas extintas, ou desenganadas. Priva-nos o voto indissolúvel, quando muito, de alguns annos de desejos, para depois, no resto de nossos dias, nos pacificar a existencia,



ANTIGA RELEGIOSA DO ORIENTE.



e arrancar-nos aos pesares, ou aos remorsos. Tudo é grande nesta aliança de uma alma immortal com o principio eterno; são duas naturezas conformando-se, e unindo-se. Sublime é vêr a creatura, que nasceo livre, procurar de balde a ventura na sua vontade, e cansada de não encontrar na terra cousa digna, fazer voto de amar para sempre o Ente Supremo, e em seu proprio juramento crear, como Deos, uma *Necessidade*.

Como a alma singella e pura destas Virgens, singellos serão também seus trajos. Negro era o manto de algumas, porém natural, e não tingido; o de outras avermelhado, ou côr de rosa secca; negros, e não franjados, seus vestidos, cujas mangas lhes cobrião os braços até aos dedos.

Traziaão cortados os cabellos, e rodeava-lhes a cabeça um toucado de lã. Os capêllos, e os escapularios simplicies erão também, e sem franja; e se algum homem por adrede encontravão, cautelosamente cobrião o rosto, e só para Deos levantavão os olhos, sem que carecessem de alguma outra defeza, pois como bem disse o nosso Gil Vicente:

Não ha mister a Donzella,
Virtuosa, atalaiada,
Que olhe ninguem por ella,
Por que aquella que se véla,
Tem outra véla escusada.

Das duas antigas Religiosas do Oriente, que offerecemos nesta Galeria, foi desenhada a primeira segundo a discripção que de seus trajos se encontra no Tractado da Virgindade, que se presume ser de Santo Athanasio.

Mas S. João Chrisostomo, falando das Religiosas do seu tempo, disse: — Que tinham uma túnica negra, que era apertada com um cinto; que usavão de um véo branco sobre o rosto, e que um manto negro lhe cobria a cabeça, e todo o corpo. Acrescenta mais, que tinham sapatos agudos, e deverião talvez ser brancos, por que, diz elle, que parecião mais bellos debaixo das vestiduras pretas. — Foi assim que fizemos desenhar a outra Religiosa.

Quanto ás antigas Anachoretas, differente era seu vestuario, conforme as inspirações da penitencia, e austeridades que praticavão.

Faz Theodoreto menção de duas Santas Donzellas de nobre origem, e naturaes da Cidade de Brea, na Syria, que abandonarão a patria, e para longe della se partirão, não tendo cousa alguma com que abrigar-se das injurias do tempo; e que durante quarenta annos praticarão todos os exercicios da mortificação com uma coragem sobrenatural, e quasi incrível. Em torno do pescoço, da cinta, das mãos, e dos pés, tinham tão pesados grilhões de ferro, que Cira, a mais delicada e fraca das duas Santas penitentes, estava curvada até ao chão. Um grande véo lhes cobria quasi inteiramente a cabeça, e o resto do corpo; e descendo pela parte de diante até á cinta, occultava-lhes o rosto, o côlo, o peito, e as mãos.

Tanta aspereza, tantas austeridades, longe de afastarem outras Donzellas, bem pelo contrario as attraíão. Para muitas que quizerão imitar este viver contem-

plativo, mandarão ellas edificar uma habitação fóra da sua clausura, mas a ella achegada. Por uma pequena janella vigiavão tudo quanto ellas fazião, e por ella lhes fallavão, animando-as no amor de Deos, e exhortando-as á oração.

E acrescenta o mesmo Autor, que tambem na Syria havia muitas Virgens Solitarias que se empregavão em cantar louvores a Deos, e em fiar lã; não para fazerem vestiduras, ou cobertas, por

que só trajavão cilícios, e dormião sobre esteiras; mas vendião suas obras, para com seu producto se alimentarem, e para socorrerem pessoas, que julgavão ainda mais pobres que ellas mesmas.

Já observámos que estes cilícios erão o vestuario mais commum dos Anachoretas do Oriente, e que crão feitos de pêllo de cabra.



OS MONGES MARONITAS.

Il existe environ deux cents monastères maronites de différents ordres sur la surface du Liban. Ces monastères sont peuplés de vingt à vingt-cinq mille moines. Mais ces moines ne sont ni riches ni mendiants, ni oppresseurs, ni sanguins du peuple. Ce sont des réunions d'hommes simples et laborieux, qui, voulant se consacrer à une vie de prière et de liberté d'esprit, renoncent aux soucis d'une famille à élever, et se consacrent à Dieu et à la terre dans une de ces retraites.

(LAMARTINE. — Voyage en Orient).

BEM que existisse uma regra de Santo Antonio Abbade, não foi ella seguida pelos Religiosos, que se dizem da sua ordem. Se os Cophtas observarão a de S. Macario, e os Armenios a de S. Bazilio; se outros no Oriente seguirão a de S. Pachomio, de S. Sabbas, e de S. Carithon; o que parece exacto á luz da Historia é que entre as diferentes seitas da Christandade no Oriente só havia Religiosos da Ordem de Santo Antonio Abbade, e da de S. Bazilio. Os Maronitas, Surianos, Cophtas, e alguns Armenios, erão da Ordem de Santo Antonio:—os Gregos seguirão a regra de S. Bazilio, assim como os Melchitas, Georgianos, e a maior parte dos Armenios.

De entre todos os que se affastarão da Igreja Romana nenhuns se lhe tornarão a unir com mais sinceridade e boa fé que os Maro-

nitás. Tal é o justo titulo por que primeiro lhe damos logar em nossa Galeria.

Ha na Phenicia uma nação, que vive principalmente entre Biblis e Tripoly, e que abrangoe tambem á Syria Syrophinicia, Seyde, Bayruth, Tripoly, Alépo, e Ilha de Chypre. Esta nação é a dos Maronitas, ainda hoje governados pela mais pura theocracia; porque essa theocracia, continuamente ameaçada pela tyrannia dos Musulmanos, se tem visto contrangida a permanecer moderada e protectora, e tem deixado germinar no povo principios de liberdade.

A nação dos Maronitas, que em 1784. era composta, segundo Volney, de cento e vinte mil almas, conta agora mais de duzentas mil, e augmenta de dia para dia. Cento e cincoenta legoas

quadradas formão o seu terreno; mas os limites são arbitrarios, por que se estende sobre os flancos do Libano, pelos valles ou plainos, que o redeão, á proporção que os enxames da população formão novas aldeas.

« Os Maronitas (diz Lamar-
» tine na sua viagem ao Oriente)
» occupão os valles mais centraes,
» e as mais elevadas cadeas do
» principal grupo do monte Liba-
» no desde as cercanias de Bay-
» ruth até Tripoly da Syria. As
» vertentes destas montanhas pa-
» ra o lado do mar são ferteis, re-
» gadas de numerosos rios, e de
» cascatas sempre perennes. Ahi
» recolhem seda, azeite, cevada,
» e trigo. As alturas são quasi
» inacessiveis, e dos flancos des-
» tas montanhas por toda a parte
» surgem calvos rochedos; mas a
» infatigavel actividade desta gen-
» te, que só de traz destes picos
» e precipicios tinha seguro asylo
» para a sua religião, até as ró-
» chas tornou ferteis. Com pene-
» dos rolantes foi levantando ter-
» rassos até aos ultimos pincaros,
» até ás neves eternas. Acarre-
» tou para esses terrassos a pou-
» ca terra vegetal, que as agoas
» arrastavão para os barrancos;
» chegou até a moer pedra, e a
» fecundar seu pó, misturando-o
» com essa pouca terra; e conver-
» teo o Libano inteiro em um jar-
» dim coberto de amoreiras, de
» figueiras, de oliveiras, e de ce-
» reaes. »

Mas d'onde viria a esta na-
ção o nome de Maronita? Proce-
deria elle de um hereje Monothe-
lita, chamado Maron, que a pre-
verteo, e cujos erros seguio per-

to de 500 annos? ou promanaria
antes do Abbade S. Maron?

Syrios se chamavão todos os
habitantes daquella região antes
que fosse infectada pela heresia;
mas havendo a maior parte delles
seguido os erros de diversos here-
siarchas, tomárão o nome das sei-
tas por elles alevantadas. Assim
se chamarão Macedonios e Apol-
linaristas os que seguirão os erros
de Macedonio e de Apollinario:
vierão de Nestorio os Nestorianos:
de Eutiches os Eutichianos: de
Jacques, ou Jacob os Jacobistas.

Contaminada e prevertida a
Syria, dir-se-hia que toda ella
abraçaria o erro, e se apartaria
da Igreja Romana. Mas a Provi-
dencia velava. Um solitario San-
to, chamado Maron, que vivia no
anno 400, e de quem fazem men-
ção Theodorico e S. Chrisostomo,
foi o destinado para remediar tão
grande mal. Foi elle quem fortifi-
cou muitos Syrios na Fé, que dos
Apostolos havião recebido; foi el-
le quem persuadio grande nume-
ro a que abraçasse a vida monas-
tica. Seus discipulos, espalhando-
se pelas differentes regiões da Sy-
ria, ahi edificárão muitos mostei-
ros, sendo o principal nas cerca-
nias de apaméa, sobre as ferteis
ribanceiras do Oronte. Todos os
Christãos Syrios, que não esta-
vão affectados da heresia dos Mo-
nothelitas, se refugiarão em torno
destes mosteiros. Daqui lhes pro-
veio o nome de Maronitas, como
quem na Fé havia perseverado,
por intervenção dos Monjes, por
influencia de S. Maron. Nem fôra
crível que se a um hereje o de-
vessem deixassem de o renunciar
como infame no momento em que

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS

R

C



RELIGIOSA MARONITA.

se reconciliarão com a Igreja Romana. Assim o praticarão os Nestorianos, que logo que abjurarão seus erros, tomarão o nome de Chaldeos, como os Jacobistas o de Surianos. E é sem dúvida que os Maronitas celebrão a festa de S. Maron a 9 de Janeiro:— que aos que neste dia se achão em Roma é permittido officiar conforme seu Rito, no Collegio que lhes fundára o Pontifice Gregorio 13:— e que depois que se congraçarão com a Igreja Romana, permanecerão constantemente firmes na Fé Catholica, havendo feito sua profissão nas mãos de Aimerico, Patriarcha Latino de Antiochia, no anno de 1182.

Grande numero de Mosteiros, já de ha muito abandonados e arruinados, tiverão no Libano estes Religiosos Maronitas. Estavão elles assentados no cume de rochedos tão alcantilados, que se delles se não vissem ainda alguns vestigios, pareceria incrível como tivessem sido habitação de homens.

Mas os que ainda agora existem não tem menos direito á nossa admiração. Situados nos desertos, e entre rochedos os mais ingremes e temerosos, fôra impossível visitá-los, sem que sensivelmente nos tomasse o mais santo recolhimento e devoção, sem que nosso coração se abrisse ás inspirações da penitencia.

« Na cordilheira do Libano » (diz M. de Chateaubriand no » Genio do Christianismo) divi- » são-se aqui e acolá Conventos » Maronitas edificados sobre abys- » mos. Em uns só se póde pene- » trar por longas cavernas, cuja » entrada se fecha com um ro-

» chedo; não é possível subir a » outros senão por meio de um » cesto pendurado. *O rio Santo* » brota da raiz da montanha; o » bosque de negros cedros domi- » na o quadro, e o mesmo bosque » é coroado pelas arredondadas » penedias, que a neve adorna » com a sua alvura. Só no mo- » mento em que se chega ao Mos- » teiro é que termina a maravi- » lha: lá estão dentro vinhas, re- » gatos, bosquesinhos; de fôra » uma natureza horrivel, e a ter- » ra, que com seus rios, com suas » campinas, e com seus mares, » se perde, e se esvaece em azu- » ladas profundezas. Sustentados » pela religião, entre a terra e o » firmamento, de sobre estas ró- » chas alcantiladas é que os piedo- » sos Solitarios voão para o Ceo co- » mo as aguias da montanha. »

Arrojamento seria querer en- sanchar esta sublime discripção; mas não será por ventura occioso dar uma succinta idea de alguns Mosteiros em particular.

Entre os que parecem depen- durados sobre abysmos é princi- palmente notavel o que se chama *Marsalita*, em que se não póde entrar sem que se suba uma esca- da de vinte e cinco pés de altura.

O que Santo Hilarião fez edi- ficar em honra de Santo Antonio Abbade é certamente de bem dif- ficil accesso, mas ao menos com- prehende excellentes hortas e vi- nhas. E' neste mosteiro que os Religiosos fazem seu noviciado, e d'elle partem, apenas profissão; para os Mosteiros que agora exis- tem, e onde— menos accompanha- dos de homens que de tigres, de javalis, e de outros animais fero-

ces — cultivão a terra, crião o bicho da seda, e fazem esteiras; principalmente aquelles a quem a ancianidade já não permite um trabalho mais pesado, e superior a suas quebrantadas forças.

O mais magestosamente horrível de todos estes mosteiros é o chamado *Marsaquim*, assentado sobre as mais altas montanhas do Libano, em um deserto só de feras habitado, e sobre um rochedo cortado perpendicularmente. Para nelle se entrar cumpre subir uma altissima escada — passar depois por um andaime formado de ramos de arvores — penetrar por uma abertura, que a natureza rasgára neste rochedo, que serve de porta e de janella, e por onde, como a furto, se deslisa alguma claridade para dentro de uma caverna, no fundo da qual se encontrão alguns degrãos talhados na rocha; por estes degrãos se sóbe para outra caverna, que serve de Igreja, e que não recebe mais luz que a de uma alampada constantemente accesa diante do altar.

Foi neste Mosteiro que o Padre Eugenio Roger, na sua viagem á terra Santa, encontrou um Religioso de oitenta annos de idade, que alli vivia ha mais de cincoenta, e que estava tão caduco e fraco, que apenas podia mover-se. Era elle parente do Patriarcha, que o desejára mudar para o Mosteiro em que ordinariamente habitava, a fim de poder dar algumas consolações a tão cançada velhice; mas o anachoreta havia recusado, pedindo-lhe que alli o deixasse terminar seus dias. Como lhe não era possivel ir tomar agoa na torrente, que passava á raiz

da montanha, sendo-lhe mister para esse fim descer mais de duzentos degrãos; para lho assistir designou o Patriarcha uma Religiosa de vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, e que já como verdadeira anachoreta algum tempo tinha vivido naquelle deserto. Quiz a Religiosa obsequiar o Padre Eugenio Roger e seu companheiro. De uma pelle de cabra tirou queijo, um pouco menos secco do que o gesso, e esmigalhou-o sobre um pedaço de couro, que servia de prato e de toalha. Accrescentou a esta iguaria dous punhados de azeitonas salgadas, e secas ao Sol. Em uma panella de agoa, fervendo com agraços, diluiu uma pouca de farinha de trigo: — cozeo um pouco de pão debaixo da cinza: — e deo-lhe vinho por uma cabaça, que servia de cõpo.

Mas nem todos os outros Religiosos Maronitas vivem com tanta aspereza e austeridades, posto que não comem carne sem particular dispensa de Roma.

Tem elles cinco Quaresmas: — a da Resurreição de Jesus Christo; que começa na segunda feira da Quinquagessima, durante a qual só comem uma vez por dia, e antes do Sol posto: — a de S. Pedro, que começa quinze dias antes da sua festa, e com ella acaba: — a da Assumpção de N. Sr.^a, que tambem começa quinze dias antes da sua festa: — a da Exaltação da Santa Cruz, que só dura oito dias: — e a que precede o Nascimento de Jesus Christo, e dura vinte e cinco dias. Tambem jejuão na vespéra de S. Maron, conformando-se em todos os mais jejuns com a Igreja Romana.

Rézão os Maronitas em lingua Syriaca. A' tarde Matinas e Laudes; e ao primeiro alvor do dia, Prima, Tercia, e Sexta. Segue-se logo a Missa, em que para a consagração se servem de pão não fermentado, como os Latinos; trabalha cada um segundo sua habilidade até ao jantar, e volta outra vez depois ao trabalho. Antes de cêa rezão Noa, Vesperas, e Completas, e é então que se retiram a descansar.

Conservão os noviços seus trabalhos seculares durante tres ou quatro mezes, segundo a vontade do Superior, que os admite a professar quando bem lhe parece. E' ordinariamente o Patriarcha quem assiste a esta cerimonia; e na sua ausencia um Bispo, ou o Superior do Mosteiro.

Faz-se a profissão na Igreja, onde, depois de muitas orações, se pergunta ao noviço se quer pro-

fessar, e votar-se á Religião; se responde affirmativamente, fica desde este solenne momento verdadeiro Religioso; persuadidos, como estão, os Maronitas de que este consenso abrange e encerra os tres votos de pobreza, castidade, e obediencia. E' então que se lhe dá o pequeno capêllo que o distingue dos seculares, e termina a cerimonia com mais algumas orações.

Não é permittido aos Maronitas deixar o habito, sob pena de serem declarados apostatas; e são mui severamente punidos com prisão, e outras penalidades. Ainda hoje observão alguns regulamentos, que lhes forão dados pelo Patriarcha Estevão Aldoen, oriundo de Eden, e cuja confirmação os Religiosos Maronitas sollicitarão e obtiverão do Summo Pontifice Clemente 11.º



AS RELIGIOSAS MARONITAS.



*Ecce elongavi fugiens,
et mansi in solitudine.*

PSALM. 54.

Eis-me aqui que me alonguey e fugi do mundo, e de mim mesmo, e quando olhey por mim achey-me com o pensamento n'ella aindão accepta a minhas contemplações

(FR. HECTOR PINTO.—Imagem da Vida Christã).

EM toda a parte ha paixões enganadas, sentimentos traídos, amargos desgostos, que todos os dias nos arrastão para fóra do mundo; e delles não é isento o sexo amavel! Em toda a parte o dedo da Providencia toca, quando lhe apraz, o coração da Virgem, sempre mais apto para as inspirações da Religião. Tambem por isso as Maronitas precisavão de um seguro abrigo contra os reveses da fortuna, contra as tempestades do proprio coração; e lá tem Conventos no Monte Libano; e lá se conservão em clausura.

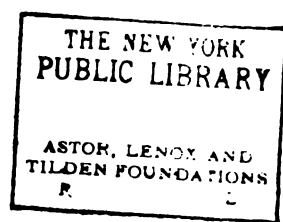
Outras ha que vivem sósinhas nas solidões, como os Anachoretas; e até em Alépo se encontrão Religiosas, mas não clausuradas, por que vivem entre Turcos. Assim mesmo habitão ellas duas e tres juntas em casa de seus pais,

e não permittem que homem algum lhes devasse este retiro, donde sómente sahem nos Domingos e Festas em que vão á Igreja. Com o maior rigor e pontualidade observão ellas a regra de S. Francisco, sob a jurisdicção dos Padres Capuchos, cujo habito adoptarão.

Mas as Religiosas do Monte Libano são da Ordem de Santo Antonio Abbade. Rézão em lingua Cyriaca como os Religiosos, e como elles trajão tambem. Uma tunica de sarja escura — um cinto de couro negro — uma vestidura de por cima, feita de grosso camêlão de pello de cabra — e nada de meias — eis todo seu vestuario. Ha com tudo uma differença; e consiste em que os Religiosos andão sem camisa, e tem um capêllo de panno preto; em quanto as Re-



PATRIARCHA DOS MARONITAS.



as, além de usarem de ca-
a, tem um grande véo negro,
as envolve da cabeça até aos

Quasi todas as Religiosas do
nte Libano são donzellas das
s nobres e qualificadas da sua
ão; daqui vem que nada lhes
a, por que seus pais abundan-
ente lhes fornecem tudo aquile-
le que podem carecer.

Detestão ellas assim mesmo
olle occiosidade, origem fatal
muitos vícios. Occupão-se no
alho manual; e os lucros que
e tirão, são convertidos em or-
entos para a sua Igreja.

A estas Religiosas se pôde
licar o que a insigne Portu-
e D. Bernarda Ferreira de La-
da cantára nas *Soledades do*
aco:

Es su occupacion, y trato
La contemplacion Divina,
Y el proprio conocimiento
En que humildes se exercitan.

Así penetran los Cielos,
Y la tierra en nada estiman,
Que és nada la tierra toda
Para quien al Cielo aspira.

Con mil mortificaciones
Sus passiones crucifican
Por que ellas de todo mueran,
Por que el alma solo viva.

Hazen por huyr al ocio
Cestus, y espuelas texidas
De las hojas de las palmas
Que allí crecen sin medida.....

Tem as Religiosas Maronitas
Monte Libano os mesmos je-
s, e todos os mais Regulamen-
que os Religiosos observão.

M. Simon, Autor do Diccio-
io da Biblia, pela segunda vez
resso em Leão no começo do

seculo passado, persuadio-se de
que a fundação de Mosteiros de
Donzellas Maronitas não remonta-
va a uma alta antiguidade.

« E' cousa verdadeiramente
» admiravel (escreveo elle), que
» ha pouco tempo se estabeleces-
» se um Convento de Donzellas
» no Monte Libano, cousa que
» jámais fôra vista no Oriente. A
» fundadora, ou instituidora des-
» te novo Mosteiro (acrescenta
» elle) foi uma pobre Donzella,
» que se empregava na educação
» da mocidade de seu sexo, ensi-
» nando a ler e escrever, e todas
» as mais prendas, que lhe erão
» proprias. Inspirou-lhe Deos, que
» reunisse as mais adultas, e que
» mais aptas fossem para a ajuda-
» rem nesta santa empreza. Não
» teve grande trabalho em lhes
» fazer comprehender seu pensa-
» mento; e posto que nunca ti-
» vessem ouvido fallar de Com-
» muniões, formarão uma de
» perto de trinta Donzellas, que
» não só edifica os Christãos da-
» quelle paiz, mas até os proprios
» Sarracenos. E' extrema sua po-
» breza; as cellinhas, apenas de
» colmo, estão assentadas ao redor
» da sua capella; e posto que não
» tenham mais que o mingoadio
» producto do trabalho de suas
» mãos, está decentissimo o seu
» Altarinho, e a capella no maior
» acceio. A vocação das que que-
» rem entrar para a communida-
» de é experimentada com um
» noviciado de tres annos. Em-
» pregão a noite em oração, e em
» cantar os louvores de Deos; o
» dia é consagrado ao seu traba-
» lho manual, a fim de torna-
» rem productiva a pouca terra,

tem dous Patriarchas. Um só chefe Espiritual os dirigia em outro tempo, igualmente poderoso em temporalidades, e residente no Mosteiro de *Ekmiazin*; mas quando as guerras o forçaram a transferir sua séde para Cis, na Armenia Menor, ou Caramania, o Arcebispo desta Cidade usurpou a qualidade Patriarchal, que pouco e pouco estabeleceu e firmou.

E' assim que nesta Igreja Scismatica se contão dous Patriarchas universaes: — um no Mosteiro de *Ekmiazin*, perto da Cidade de Erivan; e outro em Cis, na Caramania. Mas o que reside em *Ekmiazin* conservou sempre superioridade e authoridade sobre todo o povo Armenio, com o titulo de Superior Espiritual. E é com effeito um dos maiores, e mais pobres Prelados do mundo; por que tem duzentos Arcebispos e Bispos de sua dependencia e nomeação, a maior parte dos quaes só tem titulo sem Igreja; em quanto o de Cis apenas tem cincoenta, comprehendendo o de Jerusalem, e o de Alépo.

Para chegar a estas dignidades, assim como á de *Vartabied*, é preciso ser Religioso. *Vartabieds* se chamão seus Doutores; e tem por insignia um baculo pastoral, e um livro de que constantemente se acompanhão. Mais respeitadas que os mesmos prelados, e com uma authoridade quasi igual á delles, decidem tudo o que é relativo á Religião, e Leis Ecclesiasticas, e prégão sentados.

Grande numero ha de Monges entre os Armenios Scismaticos: — uns da Ordem de Santo Antonio Abbade: — e outros da

de S. Bazilio. Aquelles habitão nas solidões e nos desertos, onde suas asperezas e austeridades excedem as dos mais reformados Religiosos da Europa; e tem consideraveis mosteiros, contendo alguns delles sessenta, oitenta, e cem Religiosos.

Perto da Cidade de Van, a derradeira da Armenia, e confinante com a Persia, havia dous Conventos destes Solitarios; um na Ilha de Limane, ou Limadasi, e outro em uma solidão.

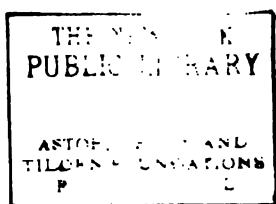
Centro, e Santuario da Religião Armenia, e exemplar de todas as outras Igrejas no que toca á disciplina, era o Mosteiro de *Ekmiazin*, que já mencionamos. Dava-se-lhe ordinariamente o nome de = Tres Igrejas = por que, alem da do Mosteiro, tem mais duas mui proximas, — a de Santa Caianna — e a de Santa Rupsiméa. Tinha este Mosteiro commodidades para oitenta Monges, e para os estrangeiros que o visitavão; e no começo do seculo passado ainda a comunidade era composta de cincoenta a sessenta Religiosos.

O Mosteiro de *Bichini* foi edificado conforme a traça do de *Ekmiazin*. E' um grande e antigo edificio, rodeado de altas muralhas de pedra, e flanqueado de muitas e grandes torres, como uma fortaleza.

Nestes dous Mosteiros habitão ordinariamente os mais famosos *Vartabieds*, e são os unicos em que os Officios Divinos se celebrão de um modo edificante. Os vinte e dous restantes do Districto de Erivan, são pobres, e apenas habitados por cin-



MONGE ARMENIO,
Da Ordem de Santo Antonio, na Morte.



co ou seis Religiosos, assim como cinco Conventos de Donzelas. Mais trinta Conventos se enumerão nas terras dependentes do Sophi da Persia, afora quinze de Virgens; mas todos Scismaticos, à excepção dos de Naxivan, e da Província do mesmo nome. Dez se contavão também nas terras dependentes dos Turcos.

Os Armenios, pobres na maior parte de seus Conventos, são contudo ricos em Jerusalem, e os mais poderosos de entre os Scismaticos. Alli possuem tres Igrejas:—uma na antiga casa de Caiphás, extramuros da Cidade:—outra dentro da Cidade, onde fôra a casa de Annás:—e a terceira no lugar em que S. Thiago fôra decapitado. Esta ultima lhes serve de Parochia, e é a mais adornada. Possuem também o campo chamado *Haceldama*, que comprirão, e onde enterrão seus peregrinos; e tem alem disso tres arcadas na Igreja do Santo Sepulchro, de uma das quaes fizeram Capella, em que rezão e celebrão Missa, reservando as outras para habitação de alguns Religiosos. Delles é igualmente uma Capella, edificada no lugar em que forão sorteadas as vestiduras do Redemptor.

Os Religiosos, que habitão em Jerusalem, dependem inteiramente do Patriarcha, que é igualmente Religioso, e reside no Mosteiro *Canobim*, situado em horrivel deserto, e composto de vinte e cinco ou trinta Religiosos. Consideravel é a renda deste Patriarcha, proveniente de pão, azeite, seda, e gados. Superior de seis ou sete Bispos, e de um Abbade

Mitrado, residente no Mosteiro de *Mar-Antoniois*, toma o titulo de Patriarcha de Antiochia.

São todos os Armenios grandes inimigos dos Gregos com quem andão em contínuas disputas. Dão-se elles melhor com os Latinos, e vivem em boa intelligencia com os Religiosos de S. Francisco da Terra Santa. O Bispo, que vive em Jerusalem, se intitula Bispo da Cidade, e obedece ao Patriarcha, residente em Cis, que nella tem um Vigario com alguns Religiosos, nos logares que já referimos.

De entre todos os Orientaes são os Armenios os mais zelosos da Religião Christã, por que mui poucos da sua nação se fazem Turcos. E no fim do Seculo 17 conseguiu um nobre Armenio, chamado Machtar, que alguns da Ordem de Santo Antonio Abbade largassem seus erros, e se fossem estabelecer na Cidade Mondon, na Moréa, onde a República de Veneza lhes deo um Mosteiro. Delle foi eleito Abbade aquelle Machtar, que em 1706 mandou a Roma dous de seus Religiosos a prestar obediencia ao Summo Pontifice Clemente 11.º, que então dirigia a barca de S. Pedro, e que a dirigio ainda por mais quinze annos; pois que só falecco em 19 de Março de 1721, na idade de setenta e um annos, e alguns mezes, contando mais de vinte de Pontificado, e deixando-nos muitas homilias de elegante estillo, recheadas de bellissimos pensamentos e dictames.

PRATICAS RELIGIOSAS.

E VESTUARIO DOS MONGES ARMENIOS.



..... Quando ouvimos fallar em mortificação, entendemos que as forças, e sustancia della é uma total entrega, e geral renunciação da pessoa, e de todas as suas cousas interiores, exteriores, e celestiaes em Deus nosso Senhor, sempre, e para sempre, sem resistencia voluntaria.

(FR. THOMAS' DE JESUS.—Trabalhos de Jesus).

PARA todas as ceremonias e festas seguem os Armenios Catholicos o Rito e Calendario Romano.

Os scismaticos jámais comem carne, ou bebem vinho, a não ser em dia de Paschoa. Jejuão todo o anno, comprehendendo os Domingos, e só comem uma vez no dia. Sustentão-se de raizes, e de legumes, abstendo-se de peixe, latecínios, e azeite. Nunca sahem do Mosteiro, nem fallão a pessoa alguma; se algum estranho tem que communicar ao Solitario, recorre á medeação do Porteiro, e por elle obtem resposta. Vivem separados uns dos outros, empregando no trabalho o tempo que lhes sobeja da réza, e dos outros exercicios. São pela maior parte leigos, á excepção de cinco até oito presbiteros em cada Mosteiro;

e todas as noites rézão no côro os cento e cincoenta psalmos, de pé, e encostados sobre uma especie de muleta.

O Patriarcha de Antiochia traja uma longa sotana azul ferrete, com grande turbante da mesma côr. Tal é tambem o vestuario dos Bispos; mas quando qualquer delles vai á Igreja, ou a qualquer outra parte, leva sobre essa sotana uma vestidura preta, sem gola, e com um capêllo da mesma côr.

Só ha sinos no Mosteiro de *Canobim*, no de Santo Antonio Abbade, e no que está situado no Deserto de Santo Elizeu, onde ordinariamente habita um Bispo. Nos outros Mosteiros, e até nas Parochias, servem-se, para chamar o povo, de uma taboa suspen-

sa de duas arvores por meio de cordas, e nella batem com maços; observação esta que não escapou a M. de Chateaubriand.

Quazi todas as Igrejas Armenias são aceadas, e adornadas de quadros; mas não são admittidas figuras em relêvo.

A réza e a Missa é em lingua Armenia, segundo o Rito particular da nação; e a consagração faz-se com pão asino. Quando os Armenios celebrão Missa cantada, unem á cadencia de seu canto o som de uns pratos de bronze, ou tocão com um ferro em uma especie de campainha.

Tem os Armenios onze quaresmas. A primeira chamada *Surpe-larkisi-bas*, jejum de S. Sergio, e é de cinco dias. — Os Gregos, irreconciliaveis inimigos dos Armenios, lhe dão o nome de *Art-zibure*, cuja significação o povo ignora, e só é conhecida pelos Bispos, Presbiteros, e Religiosos. *Art-zibure* significa precursor, o que annuncia uma cousa proxima a acontecer. Pretendem os Gregos, que tal era o nome de um cão do heresiarcha Sergio, de quem os Armenios forão discipulos, e que assim se chamava, por que corria diante do heresiarcha, annunciando que estava perto seu dono, a fim de que o fossem receber. Perdeo-se um dia o cão n'um bosque; e no seguinte, pondo-se Sergio a caminho em direcção ao lugar aonde o enviara, ficou admirado de que ninguem saísse a o encontrar; mas sabendo que *Art-zibure* alli não viéra ter, conjecturou que algum lobo o teria devorado no bosque, e assim com effeito havia acontecido: sendo

tão grande a mágoa de Sergio, que (segundo pretendem os Gregos) decretou um jejum annual e geral de uma semana. Os Armenios porém, desprezando esta fabula inventada pelos Gregos, consagrão este jejum á memoria de S. Sergio Martyr, Grego de nação, e que seus compatriotas não quizerão reconhecer, por que, dizem elles, um Grego a serviço de Armenios, nem pôde ser Santo, nem alcançar a corôa do martyrio. —

Fôra Sergio Grego, como levamos dito, e official nas tropas de um Rei Armenio idólatra. A gloria que adquirio em muitas acções, que commandou, ao passo que lhe attrahio a estima, e amisa-de do Principe, causou ciume aos Armenios, que o denunciárão como havendo sido para alli mandado em qualidade de espião. Para certificar-se da fidelidade de Sergio, quiz o Rei obrigá-lo a sacrificar aos idolos. Como recuzasse, este Principe o mandou matar; — e os Armenios o venerárão como Martyr.

A segunda quaresma chama-se *Miez-bas*, isto é, grande quaresma. Começa na segunda feira da Quinquagessima, e é de cincoenta dias. Durante ella não comem laticínios, nem azeite, nem peixe, e não bebem vinho.

A terceira chama-se *Surpe-Eliai-bas*, quaresma de Santo Elias, e dura cinco dias.

A quarta, *Surpe-Gregori-bas*, em honra de S. Gregorio o Illuminador, e tambem dura cinco dias.

A quinta, a que chamão *Var-tirari-bas*, quaresma da Transfi-

guração, dura igualmente cinco dias, e no sabbado podem comer ovos, e laticínios.

A sexta, da Assumpção de Nossa Senhora, *Aston-Vasasnasbas*, é como a precedente.

A setima, da Exaltação da Santa Cruz, e a que chamão *Surpe-Kaggi-bas*, é também de cinco dias, assim como a oitava. Observa-se ella em honra da invenção de uma cruz no *Mont-Varak*, e por isso a denominação *Varaka-kaggi-bas*, quaresma da Cruz de *Mont-Varak*. Eis como elles referem a origem deste jejum:— Santa Rupsiméa, Virgem Romana, para evitar a perseguição do Imperador Licínio, se refugiou na Armenia, retirando-se para o *Mont-Varak*, seguida de mais trinta Donzellas. Quiz o Rei Tiridat esposá-la, e obrigá-la a sacrificar aos idolos; e como recusasse, e preferisse a morte, vendo que elle a ía prender, tirou do peito uma cruz de que se acompanhava, e com receio de que fosse profanada a poz sobre uma pedra, que para a receber se abriu, e tornou logo a fechar. Convertido algum tempo depois o Rei á Fé com todo o povo, vio-se um grande esplendor no logar em que estava a Cruz. Attrahido o povo áquelle sitio, achou-se aberta a pedra, e foi encontrada a Cruz de Santa Rupsiméa. Fez então o Rei alli edificar um famoso Mosteiro, que ainda existe, e com grande numero de Religiosos; e instituiu-se aquelle jejum.

Os *Vartabeds* fazem acreditar ao povo (naturalmente inclinado ao maravilhoso, como todos os Orientaes), que o Rei Tiridat,

logo que mandou matar Santa Rupsiméa, fôra convertido em porco, e que assim permanecera até que o encanto lhe fôra quebrado pelas orações de S. Gregorio o Illuminador. —

A nona quaresma foi instituida em honra de S. Gregorio Thaumaturgo, chamando-se por isso *Surpe-Grigori-le-savorichi-bas*, que dura cinco dias, assim como a de *Surpe-Agopa-bas*, instituida em honra de S. Jacques de Nisibe, e, segundo alguns Authores, em honra do heresiarcha Jacob, ou Jacques, que deo seu nome aos Jacobistas. Mas os Armenios, pelo menos os Catholicos, regeitão esta traducção como calumniosa.

A undecima finalmente, é a do Nascimento de Jesus Christo; chama-se *Zenonti-bas*, e dura oito dias.

Os Religiosos encerrão todas estas quaresmas em quatro grandes, e duas pequenas, que comprehendem cincoenta dias de jejum mais que as dos seculares. As grandes são:—a da Resurreicção de Jesus Christo, que começa na segunda feira da Quinquagessima:—a dos Apostolos, que dura cincoenta dias:—a da Assumpção de Nossa Senhora, de quinze dias:—e a do Nascimento de Jesus Christo, de quarenta dias. Durante ellas não podem comer peixe, azeite, e laticínios, nem bebem vinho.

As duas quaresmas pequenas são:—as da festa da Exaltação da Santa Cruz, que dura quinze dias, em que não podem comer laticínios, nem beber vinho;—e a de S. Sergio, ou dos Ninivi-

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS



RELIGIOSA ARMENIA.
em Jersalem.

1., que dura cinco dias, e é
muito rigorosa. Tal ha que durante
estes cinco dias não come mais
e uma vez, e tal outro que na-
come.

O vestuario dos Religiosos
armenios consiste em uma longa
lana apertada com um cinto de
ouro. Por cima della uma espe-
ra de ópa de mangas mui lar-
gas, tudo de panno preto, assim
como um capello agudo, debai-
do qual trazem um turbante.
A diferença que ha no vestua-
rio dos que se dizem da Ordem
de S. Bazilio, e dos da Ordem de
Santo Antonio Abbade, que são
monachos, consiste em que estes
vão de estofos mais grosseiros,
só tem uma sotana de mangas
estreitas, e uma capa aproxi-
madamente semelhante á dos Mi-
nimos.

As Religiosas na Persia, e
em alguns outros logares, ves-
tem-se como os Religiosos, de-
mas só se distinguem por não tem-
er as grandes barbas. As de
Jerusalem, e algumas outras, em-
pregar de capello, tem um panno
branco em torno da cabeça, des-
cendo em angulo para traz e pa-
diante, o qual é soqueixado
com um alfinete. Usão tambem
calças do mesmo azul, que
descem até aos artelhos.

Logo que estas Religiosas to-
mam o habito, não o podem mais
largar, e jurão guardar castida-
de. Tambem os Religiosos da Or-
dem de Santo Antonio Abbade
o podem largar o habito; o que
o acontece aos da de S. Ba-
zilio, que o fazem quando lhes
for, sendo um grande abuso to-
rado pelos Superiores.

Tem as Religiosas apenas
dous ou tres mezes de novicia-
do, e em trajo secular. Acaba-
do este prazo, tomão o habito, e
profissão ao mesmo tempo. Mui-
tas dellas não habitão em Mos-
teiros, como as que estão em Je-
rusalem, que vivem de seu tra-
balho, e das esmollas dos pere-
grinos da sua nação, que visitão
os logares Santos, persuadindo-se
muitos de que indo devotamente
ao Santo Sepulchro, e ao Monte
Calvario não podem ser condem-
nados. Delles ha que por isso dão
de esmolla aos Religiosos Arme-
nios de Jerusalem consideraveis
sommas, e outros todos os seus
bens, o que faz que elles sejam
mui ricos.

Não tem os Monges Arme-
nios tempo fixo de noviciado, con-
servando-se até alguns muitos an-
nos no Convento sem tomarem o
habito. No dia em que o rece-
bem, faz-se-lhe uma cruz na ca-
beça, cortando-lhe sufficiente ca-
bello. Quarenta dias vivem dos ou-
tros separados, em jejuns, e ora-
ções; e para seu maior recolhi-
mento a ninguem fallão, não vêem
a luz do Sol, nem comem mais
que uma vez por dia. Passados es-
tes quarenta dias, conservão-se
dous annos sem comer carne; e
só então começam de viver como
os outros Religiosos, e se lhes
abre uma corôa na cabeça.

Os Religiosos Armenios da
Moréa tem dous annos de novi-
ciado, e alem dos votos de po-
breza, castidade, e obediencia,
fazem o de obedecer aos que são
deputados pelos superiores para
lhes ensinarem as verdades da Re-
ligião Catholica. Fazem alguns

suas Igrejas; não poupou os Pelagianos; e levou finalmente o Imperador a que promulgasse um Edicto contra todos os hereges.

Inteiramente dedicado ao cumprimento das obrigações de seu ministerio, vivia com a maior asperesa e austeridade. Passaria em fim por grande Santo, se se não empenhasse em sustentar um dictame, que o fez condemnar como hereje.

Levára elle consigo de Antiochia o Presbitero Anastacio, que se atreveo a prégar, que a Santissima Virgem se não devia chamar *Mãi de Deos*. E que faria Nestorio? Em vez de apasiguar o escandalo excitado com esta doutrina, louvou-o publicamente, despojando assim a Maria Santissima do titulo de *Mãi de Deos*. « E' » mister considerar em Jesus Christo (dizia elle) duas pessoas, assim como duas naturezas; nelle ha por tanto dous filhos, um, Deos, outro homem. » Assim dava elle logar a que Maria Santissima se não chamasse *Mãi de Deos*, *Theotocos*; porém sómente *Christotocos*, *Mãi de Christo*. Assim destruía o mysterio da Encarnação do Filho de Deos, que consiste na união das duas naturezas, divina, e humana na pessoa do Verbo, e de que resulta um homem Deos, chamado Jesus Christo, cujas operações por este meio são *theandricas*, isto é, divinamente humanas, e humanamente divinas, e por consequente de um mérito infinito, taes como ser devião para satisfazer á infinita justiça de Deos — Prosigamos porém a respeito de Nestorio.

Empregou elle tambem a Dio-

doro, Bispo deposto de Marcianopolis, na propagação deste erro; e elle mesmo o publicou em livros, que mandára aos Mosteiros do Egypto. Mas S. Cyrilo de Alexandria combateo esta impiedade em diversas Obras, que dedicou e dirigio ao Imperador Theodosio o Moço, e a suas irmãs as Princezas Pulcheria e Eudoxia; e celebrou um Synodo, em Alexandria em que fulminou doze anathemas, ou artigos, contra tal doutrina. O Summo Pontifice Celestino, a quem Nestorio quizera prevenir, conhecendo suas impiedades, contra elle escreveo, e o condemnou igualmente em um Synodo de Roma no anno 430.

Foi no anno seguinte que teve logar o Concilio Geral de Epheso, que acima referimos. Nestorio áquella Cidade se dirigio; mas apesar de tres ou quatro notificações legaes, não quiz comparecer; e assim foi condemnado e deposto em 22 de Junho, sendo firmada a sentença por mais de duzentos Bispos. João de Antiochia, e os outros Bispos do Oriente, bem longe de votarem por esta condemnação, antes pelo contrario defendêrão a pessoa de Nestorio. Não assim o Imperador Theodosio que se decidio a favor de S. Cyrilo e dos outros Bispos orthodoxos.

Foi por tanto Maximiano sagrado Bispo de Constantinopla, e Nestorio mandado para o seu Mosteiro; e como não cessasse de publicar seus erros, foi desterrado para Ta, cidade de Oasis no Egypto. Arruinada esta pelos Blemmyanos, andou o infeliz Prelado errante e vagabundo; até que es-

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
P L



MONGE NESTORIANO.

tando já gastado, e enfermeiro, morreo de uma quêda. De seus sermões, e outros escriptos, existem muitos fragmentos.

Mas teremos por ventura abusado da paciência de nossos leitores, ainda os menos instruídos; voltemos aos Nestorianos.

Foi sua heresia tão extensa que não só infectou os Christãos que habitavam na Mesopotamia, e grande número dos que viviam áquém do Euphrates; mas abrangio para além do Tigris, (*) até ás Indias, até ás extremidades da Asia.

Marcos Paulo, Veneziano que vivia no século 13, e habitou largo tempo entre os Tartaros e Chinezes, affirma que ali encontrára muitos Christãos, que seguião a doutrina de Nestorio, e tinham suas Igrejas nas provincias de Tangu, Erginul, e Mongul, na Tartaria, e em Cinghienfu e Quinsai, grandes Cidades da China, onde, por antigas memorias, consta que os Nestorianos se estabelecerão no anno de 663.

Quando *por mares nunca dantes navegados* descobrimos o caminho das Indias Orientaes, pelo

(*) O Tigris, rio da Asia, nasce na Armenia maior. Este nome, que na lingua hebraica significa Rocha, — exprime a sua freguezia. Attingendo elle o lago do Arethusa, perde-se em uma cova (junto do Monte Tauro, entra em outro lago chamado — Thospites, — engolfa-se outra vez em cavernas subterraneas, e depois de engrossando com muitos outros rios, separa a Assyria da Mesopotamia, divide-se em dous, forma uma grande ilha, e tocando a Jabbat-se, toma o nome de — Pasituni; — corre para os lagos da Chaldéa, e por duas bocas se lança no Golfo Persico. O Imperador Trajano comprehendendo ahi um canal para juntar o Tigris com o Euphrates; mas desistiu do projecto, por haver reconhecido que o Euphrates estava muito mais elevado que o Tigris, temendo por isso que nelle o Euphrates despejasse todas as suas agoas, e assim deixasse de ser navegavel.

Cabo da Boa Esperança, todos os Christãos que apparecerão na costa occidental e oriental das Indias, em Goa, Cochim, Angamala, Meliapor, Bengala; e na terra firme, desde o Indo até ao Ganges, e especialmente no Imperio do Grão Mogol, erão Nestorianos, e obedecião ao Patriarcha de Babilonia, na Caldéa, cuja séde estava em Mosul, ou Mausel, (*) Cidade edificada sobre as ruinas de Ninive, na margem occidental do Tigris. E Josepho, Christão das Indias, que ao Summo Pontifice Alexandre 6.º deu conta do estado do Christianismo no Oriente até ao anno de 1500, disse o mesmo; accrescentando, que aquelle Patriarcha, alem de outros Bispos, creava dous primados, um para o Oriente, no Catai, e outro para as Indias, por que nellas principalmente estabelecerão seu dominio os Nestorianos.

E com effeito graves Authores affirmarão, que os Nestorianos erão governados por dous Patriarchas, um dos quaes era chefe dos Chaldeos Assyrios orientaes, e outro dos que absolutamente se chamavão Nestorianos. Mas é cousa averiguada que o Patriarchado se

(*) Quem os hebraicos que Mosul é a antiga — Roboboth, — edificada por Assur, filho de Sem, como o foy Ninive, e Chalde. Porém Mosul é a famosa Seleucia, fundada por Seleuco, o que segundo Strabão, é situada a trezentos estadios de Babilonia. É uma Cidade de bella apparencia exterior, e cingida de altas murallas de cantaria; mas por dentro está quasi toda arruinada. Nenhum recreio nella tem a vista; e é habitada por Christãos Gregos, Armenios, Nestorianos, e Maronitas. Lá tiveram os Capuchinhos uma pequena casa, que foy obrigados a abandonar por muito afrontados pelos Turcos. A Cidade é governada por um Bexá, que reside em um pequeno Castello sobre o Tigris. Foy de seus muros, e a tiro de balle, vêem um grande Mosteiro, com claustro de altas paredes, tudo em ruinas.

MOSTEIROS NESTORIANOS

DE AMBOS OS SEXOS.

VESTUÁRIO.- PRÁTICAS RELIGIOSAS.

Grande nova e boa estrêa para aquellos que gastado o aço da idade robusta em servir ao mundo, não trazem para Deos, mais que ferro frio, poucas forças para o empregar, e poucas horas para o merecer. Boa nova digo: animar, e não desmayar: que ainda que acutilmos tarde ao serviço, e em estado mais de dar pejo, que de aproveitar nos que trabalho, temos amo liberal, rico, e grandioso, que sabe que dá de seu, e não sojeita sua real condição ás escassezas, e contas acanhadas do mundo.

(Fr. LUIS DE SOUSA. — Hist. de S. Domingos).

NUMEROSOS são os Mosteiros dos Religiosos Nestorianos, que todos se dizem da Ordem de Santo Antonio Abbade, posto que não sigão sua Regra, á semelhança dos Maronitas, Armenios, Coptas, e outros. Consiste a que elles observão unicamente em certas prescrições, communs a todos os Mosteiros, e nelles bem mal cumpridas, pela pouca subordinação da maior parte dessas casas, em que os Superiores não ousão reprehender, nem castigar os Religiosos, com receio de que se fação Mahometanos.

Muitos destes Mosteiros estão abandonados, e principalmen-

te os que bordão o Tigris; e nos outros ha mui poucos Religiosos, á excepção do de Hormoz, que é de todos o mais consideravel, e em que pouco mais ou menos ha cincoenta Religiosos. Este Mosteiro, como já referimos, é residencia ordinaria do Patriarcha, e tira seu nome de *Horsmidas*, um dos Santos dos Nestorianos.

Alguns outros Mosteiros ha na Persia, sendo situado o mais consideravel perto de Tauris, grande e populosa Cidade na Provincia de Adirbeitzan, e atravessada e lavada pelo pequeno rio Spingicha. Alguns ha tambem no paiz de Karia, debaixo da dominação



RELIGIOSA NESTORIANA.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
P L

dos Turcos, e em que apenas se encontra um ou dous Religiosos.

De todos estes Conventos os vinte, pouco mais ou menos, são duplicados, para nelles habitarem Religiosos e Religiosas; mas separadamente, e só com a Igreja commun; o que tambem era frequente na Europa, em Religiões as mais graves, e mais edificantes por suas austeridades e virtudes, e até existio em o nosso Portugal. A estas Religiosas Nestorianas incumbe preparar a manutenção dos Monges.

Levantão-se elles á meia noite para resar no côro; e fazem oração de manhã e á tarde. Trabalhão no campo durante o dia, e na volta lhes tem as Religiosas a comida prompta.

Ha quem affirme que entre os Nestorianos havia Religiosos da Ordem de um Santo Eremita, oriundo de Mesopotamia, e que havendo sido seus Conventos desmantelados pelos Turcos, passarão a conviver com os da Ordem de Santo Antonio Abbade, que tem quasi os mesmos preceitos, fazendo differença unicamente na réza, por que a da Ordem daquele Santo Eremita abrangia mais psalms. O mais seguido é que entre os Nestorianos só ha Religiosos da Ordem de Santo Antonio Abbade; e que tanto elles como as Religiosas, não comem carne, nem manteiga, nem laticios. Tambem durante as quaresmas não comem peixe, nem bebem vinho, o que lhes é commum com todos os seculares desta seita, que jejuão todas as quartas e sextas feiras do anno.

Seis são as quaresmas dos

Nestorianos. — A grande quaresma da Igreja universal, que elles começam na segunda feira, depois do Domingo da Quinquagesima, e durante a qual só comem ao Sol posto.

A dos Apostolos, que começa quinze dias antes da festa de S. Pedro.

A da Assumpção de Nossa Senhora, que tambem dura quinze dias, assim como a da Exaltação da Santa Cruz.

A de Elias, ou dos Ninivitas, que só é de oito dias.

E finalmente a do Nascimento de Jesus Christo, que dura vinte e cinco dias.

Consiste o trajo destes Religiosos em uma sotana ou tunica preta, apertada com um cinto de couro, e uma vestidura de por cima, como a dos Armenios, e com mangas mui largas. Não usão de capêllo, mas sómente de um turbante azul.

As Religiosas trajão do mesmo modo; mas trazem em torno da cabeça um panno preto, que lhes encobre a parte inferior do rosto até á bocca, e por cima deste panno um véo da mesma côr, que é soqueixado, como pôde ver-se na estampa que fizemos desenhar.

Ha uma idade em que nossos sentimentos se tornão mais delicados, por isso que vamos escapando ao imperio dos sentidos; uma idade de razão, em que sabemos rejeitar o mal, e escolher o bem; uma idade em que conhecemos o valor, e o poder do tempo, que com o dedo mirrado vai imprimindo a morte em tudo o que é terreno; uma idade, em fim, já ma-

dura, em que se esvaecem as illusões; e em que nos dá rebáte o desengano. O aço já o mundo nolo gastou; já não temos então mais que o ferro. Mas se nessa idade, e posto que já tarde, correremos a abraçar-nos com a Religião; se já gastado o aço nas variedades do mundo, só o ferro vamos depositar junto da Cruz:—ao menos esta nossa resolução offerecerá mais seguros e valiosos penhores de perseverança; e nem por tardios deixarão de ser aceitos, por que Deus é grande, e as almas todas tem a mesma idade.

Não sabemos se os Nestorianos darião valor a estas considerações; mas é certo que as suas Religiosas não podem tomar o habito monastico sem que excedão a quarenta annos de idade. Receião que ellas saião dos Conventos e se cazem, o que assim mesmo frequentissimas vezes acontece, assim como aos Monges, apesar de serem ordenados.

Bem a seu pesar tolerão os Bispos um tal abuso, como já deixamos notado, mas sua opposição faria com que os Religiosos, que desejão casar, pedissem essa permissão ao Pachá, e se fizessem Turcos.

Taes são as consequências deploraveis da heresia, do scisma, da pouca disciplina, da maior parte dos Religiosos do Oriente, que se apartarão da Igreja Romana e que mais são Religiosos em nome, que de feito.

A pequenez do numero de Religiosos Nestorianos em seus diversos Mosteiros, já na maior parte abandonados, faz com que elles não sejam obrigados a noviciado. Logo que alguns dias residem nos Mosteiros, e em habito secular, dá-se-lhes o monastico; e a recebê-lo declaram que pretendem pertencer á Ordem de Santo Antonio Abbade, ou á do Santo Eremita, que já mencionamos. O qual lança o habito pronuncia o nome de um daquelles Santos nas Orações proprias desta cerimonia e que são escriptas em lingua Cyriaca ou Chaldaea, que é a de que se faz uso na Igreja Nestoriana.—Nisto consiste toda a sua profissão.

Os Nestorianos tem em Jerusalem uma pequena Capella perto do logar em que Jesus Christ appareceu á Magdalena em figura de hortelão, e que por isso se chama a Capella da Magdalena.



OS HONGES JACOBITAS.

OU

SURIANOS.

Quem vio nunca vaso de barro feito
pedaços, depois de repassado do fogo nas
mais vis cozinhas do mundo, moydo de
novo, amassado, e fundido tornar á roda
do Oleiro: e sayr de suas mãos mais lus-
troso, mais polido, e muito mais perfeito
do que era primeyro? Isto é o que só faze,
e pode fazer a Omnipotencia Divina quan-
do lhe apraz, como o diz por um Profe-
ta, e o provou em um Paulo de persegui-
dor da Igreja tornado vaso de eleição.

(Hist. de S. Dom. por Fr. Luiz
de Sousa. Liv. 2. cap. 13).

Os Jacobitas, em quem melhor
assentaria o nome de Monophysis-
tas, profissão a doutrina de Dios-
coro, Patriarcha de Alexandria,
de Severo de Antiochia, e de Jac-
ques, appellido *Zanzalo*. Reco-
nhecendo uma só natureza em Je-
sus-Christo, uma só pessoa, uma
só vontade, anathematizão a S.
leão, e o Concilio de Calcedo-
nia.

Foi Jacques o que mais con-
tribuio para manter esta heresia,
e para a estender pelo Oriente; e
delle proveio o nome de Jacobi-
tas. O sobrenome de *Zanzalo*, ou
Bardai segundo os Arabes, e que
os Gregos exprimem por *Baradat*,

foi-lhe dado, por que ordinaria-
mente só se vestia com os andra-
jos, e pedaços de panno grosso
com que se cobrião os camêllos.

Jacques foi secretamente or-
denado, e sagrado Arcebispo pe-
los Bispos da sua seita, que se
achavão presos em execução de
Edictos Imperiaes contra os here-
jes; e em recebendo delles a mais
ampla e completa autoridade, foi
percorrer toda a Syria, Mesopo-
tamia, e outras provincias, orde-
nando Bispos, Presbiteros, e Di-
aconos aonde os não encontrava,
e em tão grande numero, que lhes
ficou o nome de Jacobitas, e que
em prova de veneração e respeito

lhe inserirão o nome em seu calendario.

Falsamente se attribuiu aos Jacobitas que negavão a Trindade, e que por isso fazião o sinal da Cruz sómente com um dedo. Poucos são em verdade os erros destes homens fascinados, e d'ahi nasce que muitos delles se tem congraçado com a Igreja Romana.

Havendo André, Arcebispo de Alépo, abjurado seus erros, e sendo já Catholico, enviou sua profissão de Fé em 1662 ao Summo Pontifice Alexandre 7.º Elevado depois pela nação Jacobita ao Patriarchado de Antiochia, trabalhou efficazmente na união dos Jacobitas à Igreja Romana, e em grande parte o conseguiu, a despeito das perseguições que os herejes lhe suscitarão. Mas depois da sua morte, em 28 de Julho de 1677, á força de dinheiro se meteo de posse do Patriarchado um Abd-Elmesich; e tanto perseguiu os Catholicos, que os mais fervorosos de entre elles destramente conseguirão fazêlo depôr, sendo substituido pelo Bispo de Jerusalem Ignacio Pedro, Catholico zeloso. Um *firman* do Grão Senhor confirmou esta eleição; e o Patriarcha foi instalado na sua séde por oito Arcebispos e Bispos: — um Maronita — tres Jacobitas Catholicos — dous Gregos — e dous Armenios. Apresentada depois sua profissão de Fé ao Summo Pontifice Innocencio 11.º, lhe enviou este o *Pallio*.

Durára poucos annos este estado de cousas. Elegendo os herejes Jacobitas, em 1687, um Patriarcha de sua parcialidade, empregarão muitas artes e manhas

para o fazerem confirmar pelo Grão Visir, e pelo Muphty de Alépo, fazendo-lhes crer que era morto o Patriarcha Ignacio Pedro; e conseguirão levar a cabo esta damnada e ruim traça. Mas em 1693 foi elle restituído á sua séde, e escolheu por coadjutor um Arcebispo Jacobita Catholico, que nesta qualidade foi reconhecido pelos outros coreligionarios.

E comtudo, em 1701, nova e terrivel perseguição se alevantou contra o Patriarcha Ignacio Pedro. Mustaphá 2.º, instado pelo Muphty, grande inimigo dos Catholicos, ordenou que os Jacobitas, que professavão a Religião Catholica, voltassem a encharcar-se na heresia de seus antepassados. O Patriarcha, o Arcebispo de Alépo, e o principal Clero Suriano ou Jacobita, não quizerão obedecer: e depois de barbaro e horrivel tratamento, forão condemnados a prisão perpetua no Castello da Cidade de Adané, onde o Patriarcha e o Arcebispo de Alépo tiverão a ventura de espirar em defesa da Fé, indo assim receber o premio dos justos; pois que, como diz o nosso Francisco Rodrigues Lobo, no Condestabre:

A virtude tem sempre o premio d'iao,
Se a terra injusta, o Ceu sempre é benigno.

Dous annos depois, em 1703, acontecendo uma revolução no Imperio Ottomano, sendo deposto o Grão Senhor Mustaphá, e padecendo o Muphty afrontosa morte, renasceo a paz por algum tempo nas Igrejas Jacobitas Catholicas, ou antes nas Igrejas Surianas; pois que os Jacobitas, depois que abjurarão seus erros, tomarão o nome de Surianos, e deixarão o de

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
F L



MONGE JACOBITA OU SURIANO.

Jacobitas como infame. O novo Muphty se lhes mostrou então mais favoravel; mas não foi isto de longa duração, por que logo depois se renovarão as perseguições, e a Religião Catholica não pôde obter entre os Jacobitas Scismaticos todo aquelle progresso que se poderia esperar do zêlo de seus Prelados, bein que estes, apezar de tudo, permanecerão sempre firmes na verdadeira crença. Daqui nasceo que a maior parte dos Religiosos se obdurou no erro, posto que entre os seculares houvesse grande numero de Catholicos.

O principal Mosteiro de Jacobitas é em *Derzafaram*, perto da Cidade de Mardini, na Mesopotamia; e é onde o Patriarcha reside quando é Scismatico. Ainda ha outro não longe da mesma Cidade; dous a uma jornada de Damasco; outros dous a uma jornada da Cidade de Ninive; um em Tauris, na estrada de Mardini; outro em Edissa; e alguns mais em diversos logares: — mas quasi todos abandonados, ou com poucos Religiosos.

Nunca estes Monges comem carne, ainda no maior aperto de doença; e o mesmo acontece aos Bispos, e ao Patriarcha. Suas quarzmas e jejuns são como os dos Maronitas, exceptuando a vesperata de S. Maron, que não reco-

nhecem, e a quem substituem Jacques Zanzalo, que os preverteo.

Segundo o Ritô que seguem, cantão os officios em lingua Syriaca, usão de instrumentos musicos semelhantes aos dos Armenios, e consagrão com pão fermentado como os Gregos, contra a pratica dos Maronitas, e dos Armenios; mas com a circumstancia de misturarem na sua hostia azeite e sal, e de ser ella tão grande, e de tal grossura, que facilmente poderia ser commungada por mais de cem pessoas.

O vestuario destes Religiosos é mui semelhante ao dos Maronitas.

Não ha entre elles Mosteiros de Donzellas; e as que a Deos se consagrão por alguma profissão religiosa, habitão em casa de seus parentes.

Saphar, Bispo de Mardini, que por parte das Igrejas Catholicas Surianas foi reconhecer em Roma o Soberano Pontifice como chefe da Igreja Universal, ahi comprou um Hospicio para os Bispos, e outras pessoas de sua nação. Delle tomou posse em 18 de Dezembro de 1696; e obtendo permissão para na sua Igreja celebrar em certos dias conforme seu Rito, pela primeira vez o fez em 9 de Fevereiro de 1697, em dia de Santo Ephrem da Syria.



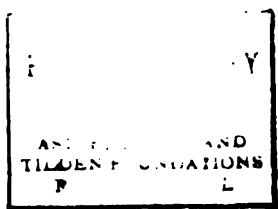
mor que tinha de S. José. Também antigamente observavão a de Ninive, ou de Jonas, que durava tres dias, em memoria dos que o Profeta andou no ventre da Balêa; assim como a de Heraclio, que (segundo elles tambem affirmão) fôra instituida pelo seguinte motivo:—Passando este Imperador por Galiléa, de caminho para Jerusalem, o Patriarcha e os Christãos lhe rogáão, que fizesse passar os Judeos á espada, pelas crueldades que com elles havião praticado, quando unidos com os Persas metterão a sacco a Cidade Santa. Teve o Imperador escrupulo de retratar sua palavra já constante de Decretos; e para lho desvanecer, se obrigáão os Christãos por si, e sua posteridade, a jejuar por elle uma semana inteira até ao fim do mundo. Aceitára o Principe, e fizera exterminar todos os Judeos da Palestina; mas o jejum depois incorporou-se na grande quaresma, designando-se para sua satisfação a primeira semana della.

A continencia e estreitezas da vida monastica acompanhão sempre os Patriarchas e Bispos Coptas, bem como os outros Prelados do Oriente. Diz-se o Patriarcha successor de S. Marcos, Vigario de Jesus Christo, e seu Apostolo e Juiz estabelecido sobre a terra, com poder de ligar e absolver em todos os casos; e quando o eleito não é Monge, revestem-no desta qualidade, dando-lhe o *Askim*. No acto da ordenação lhe lanção ferros, posto que elle nenhuma resistencia faça á acceitação da dignidade; e isto para que o povo se persuada de que

foi preciso constrangê-lo. Quando dá audiencia está assentado no chão com as pernas encruzadas, sobre uma pelle de carneiro ainda com a lã, e estendida sobre uma alcatifa. Não come carne; e é servido em uma mesa redonda de madeira, de pouco mais de um palmo de altura, com pratos de barro, e sem faca, nem toalha. Traz sempre uma camisa de sarja á raiz da carne: por cima della uma camizolla forrada de algodão: sobre esta uma especie de sotana: sobre a sotana uma vestidura negra com grandes mangas: e ainda sobre essa um manto de sarja da mesma côr, com grande capêllo, e que propriamente é vestuario dos Mahometanos de Barberia. Na cabeça tem um turbante arraiado, e sobre elle uma banda a que chamão *Belline*, igualmente arraiada, e mais bella, de um palmo de largura e deseseis de comprimento. Depois que com ella dá algumas voltas em roda do pescoço, ou da maneira que mais commoda lhe parece, lança para trás as duas extremidades, deixandoas fluctuar sobre as espaldas. Tambem sobre o barrete usa de uma especie de corôa, feita com uma fita de seda avermelhada, mas de furta cores, e de quatro dedos de largura. Esta fita préviamente presa no barrete, em forma de cruz, volta o turbante circularmente. A coroa e o *Belline* são ordinaria insignia da soberania ecclesiastica, para distinguir o Patriarcha e os Bispos dos simples sacerdotes. Continuamente apertado com um cinto de couro, acompanha-se o Patriarcha de um



MONGE COPTA OU EGYPCIO (/)



bordão de ebano em forma de T. Não usa meias. Seu baculo pastoral é uma grande cruz de ferro.

Como a piedade e vida contemplativa preferirão sempre os desertos, nos desertos se fundarão os principaes Mosteiros de Monges Cophtas. No de Gebel, e a uma pequena jornada do Mar Vermelho, está o de Santo Antonio Abbade, sobre o Monte Colzim. Rodeado de altos muros de ladrilhos, occupa elle mais de duas mil geiras de terra. Não tem porta; e só pode entrar-se subindo em uma maquina com auxilio de roldanas.

As cellas, separadas umas das cutras, mal construidas, e com tecto em forma de terraço, só recebem luz por pequenas frestas. No centro deste Mosteiro se eleva uma torre quadrada, e construida de pedra, na qual se entra por uma ponte levadiça. E' lá que os Religiosos conservão o que tem de mais precioso; e do alto della é que ás pedradas se defendem, quando os Arabes os querem attacar.

« Do alto da torre edificada
» no meio destes conventos (diz
» elegantemente Mr. de Chateau-
» briand) se descobrem charnecas
» de arêa em que sobresaem os
» pardos cumes das pyramides, ou
» marcos, que indicão o caminho
» ao viajante. Uma caravana Abe-
» xim, Beduinos vagabundos pas-
» são ás vezes ao longe em algum
» dos horizontes da movediça ex-
» tensão; o vento do meio dia af-
» foga ás vezes a perspectiva em
» uma atmosfera de poeira. Pra-
» tica a Lua um sólo escaldado,
» em que as mudas brisas nem ao

» menos encontrão um quasi na-
» da de herva em que formem uma
» voz. Ermo de arvores, em toda
» a parte se mostra o deserto sem
» sombras; só nas casarias do
» Mosteiro se encontrão algumas
» trévas da noite. »

Um rico Mosteiro existio com invocação de S. Jorge, a duas legoas de Musia, e que encerrava ordinariamente mais de duzentos Religiosos. A peste devorou todos seus habitantes; e o governador, atraindo da belleza do sitio, para lá mudou sua residencia, não sem que primeiramente o fortificasse. Nas hortas e vergeis adjacentes, outr'ora cultivados pelos Religiosos, aquartellou elle artifices, e mercadores.

Outros Mosteiros habitão os Cophtas, e entre elles o de *Equivan*, e o de *Asiote*. Quatro, bem celebres, existem no famoso deserto de S. Macario, a cinco jornadas do Cairo. O primeiro, da invocação de S. Macario, e antiquissimo, tem caído em ruinas. Altos erão seus muros, bella e espaçosa a Igreja, e apesar dos estragos do tempo, lá se enxergão ainda cinco ou seis altares de mármore. E' neste Mosteiro que repousão os restos mortais de S. Macario, seu fundador, em um tumulo de pedra fechado com gradaria de ferro, e acubertado com uma grande chapa do mesmo metal, que lhe serve de pavilhão. Lá existe ainda a torre quadrada com sua pequena ponte levadiça; nella guardão os Religiosos seus viveres e livros, e para ella se retirão sempre que os Arabes os incommodão.

Indo-se do Mosteiro de S.

do Evangelho no tempo de Santo Athanasio, Bispo de Alexandria, pelos annos de 330. E na verdade, ensina a Historia Ecclesiastica, que levado ás Indias Frumencio por um mercador de Tiro, annunciára a Fé Christã á Côrte da Ethiopia; e que obtendo permissão de voltar a Alexandria, ahi chegára pouco depois da elevação de Santo Athanasio áquelle Bispado, o qual logo tambem o sagrou Bispo de Ethiopia, para onde outra vez o mandou.

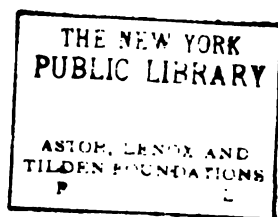
Grande progresso ahi fez depois o Christianismo, tendo os Abexins sempre um metropolitano, que ordinariamente se chamava Patriarcha, e que era nomeado pelo de Alexandria; mas foi por este meio que se lhe communicarão os erros de Dioscoro, e de outros muitos heresiarchas, assim como algumas práticas judaicas, pela Igreja de Alexandria conservadas, e que os Abexins ainda mais accrescentarão. Foi dest'arte que elles confundirão o antigo e novo Testamento, praticando a circumcisão de ambos os sexos no oitavo dia, guardando o Sabbado e o Domingo, e abstando-se de carnes immundas e prohibidas pela antiga Lei. — „ Guardão o Sabbado e o Domingo (diz o nosso Fr. Pantaleam d'Aveyro) e se os arguiz que Judaizão, respondem-vos, que os seus antigos lhes mandarão guardar aquellas ceremonias, pelo Sabbado ser tão encommendado na Ley: e que se se não salvarem por hũa via, se salvem pela outra, resposta de gente barbara. — E não concorreo pouco a vida

monastica para entreter estes povos em seus erros.

A' Ethiopia foi ella levada, quasi ao mesmo tempo que o Christianismo, por grande numero de Monges do Egypto, e de outras Provincias visinhas do Imperio Romano. Os mais célebres preferirão habitar no Reino Tigré. Mas os Abexins mudarão os nomes dos mais célebres Instituidores, á excepção do de Pantaleam. Os nove principaes forão, segundo elles: — Abbá Arogavy, que quer dizer o *velho*, por ser entre todos o de mais idade, e Superior dos outros: — Abbá Pantaleam: — Abbá Garimá: — Abbá Alefi: — Abbá Sahami: — Abbá Afé: — Abbá Licanós: — Abbá Adimatá: — e Abbá Oz, chamado tambem Gubá, que quer dizer *inchado*; por que fazendo sua Igreja em um monte muito alto, aonde morava sósinho, os que passavam pelo pé, e olhavam para cima, dizião: — Que monge é este tão inchado? — e daqui se lhe pegou esta alcunha.

Abbá Arogavy, Discipulo de S. Pachomio, foi o primeiro Superior destes Monges, tão austeros, que para refeição de alguns bastavão tres tamaras, limitando-se outros a um pequeno bocado de pão. Os Abexins lhes attribuem muitos milagres, venerando-os todos como Santos; e seus poetas lhes fizeram transportar montanhas, e passar rios e torrentes sobre os habitos, servindo-lhes de barca.

Da Ordem de Santo Antonio Abbade se dizem todos os Religiosos da Ethiopia; mas nem todos tem as mesmas práticas, e se





Porto Lith. R. da Reboleira N.º 29 e 30

MONGE ETHIOPE, OU ABEXIM ,

Do Instituto de Abba Tēcla-Haimanot .

dividirão em dous ou tres Institutos particulares.

E' o 1.º o de Tecla-Haymanot, que pelo anno 620 restaurou a vida monastica, prescrevendo leis especiais aos Monges, que buscarão sua direcção, e submettendo-os a um Superior Geral, chamado *Ichegé*, que depois do *Abuná*, ou Patriarcha de Ethiopia, tem sido sempre o mais considerado em todo o Imperio. Antes que os Gallas se apossassem do Reino de Shewa, a que alguns chamão Xoa, ou Xaoa, residia este Superior no Mosteiro de Debra-Libanós, ou Monte Libano; mas transferio-se depois para Bagendra. A festa de Tecla-Haymanot é celebrada entre os Ethiopes em 24 de Dezembro.

O 2.º Instituto é o de Abbá Eustatéus, cuja festa tem lugar em 21 de Julho. Tambem este deu leis a muitos Discipulos, mas não lhes deu Superior Geral, e nem elles o sentem, pretextando, que havendo Eustatéus ido para Armenia sem designar successor, se não devem atrever a o nomear. Daqui vem que o Abbade de cada Mosteiro é nelle senhor absoluto, e pode corrigir seus subditos sem recurso algum.

O Padre Francisco Alvres, Capellão do Senhor Rei D. Manoel, e que acompanhou a Embaixada de Duarte Galvam, por aquelle Soberano enviada ao Imperador dos Abexins no anno de 1520, affirma que este Imperio está cheio de Religiosos; e que nos Mosteiros, nas Igrejas, nas ruas, e nos mercados só se vem Monges. Viveo elle seis annos na

Ethiopia; ia quasi todos os dias ao Mosteiro da Visão de Jesus, perto do qual habitava, e era convidado pelos Monges para todas as suas festas e ceremonias principais. E fez-nos a discripção deste Mosteiro, situado na Provincia de Tigré, sobre uma elevada Montanha, no meio de um bosque, e em horriavel solidão. Diz-nos que alli habitão ordinariamente cem Religiosos, que comem juntos em Refeitório, á excepção dos velhos: que as rendas deste Mosteiro são consideraveis: que a montanha, em que está situado, lhe pertence toda, e que tem mais de dez legoas de extensão: que na raiz dessa montanha ha muitas quintas dependentes do Mosteiro, alem de muitas outras, que se encontrão a tres jornadas, e se chamão *Gultas*, isto é, Isentos da Visão: que ha mais de cem Aldêas, cada uma das quaes lhe paga um cavallo de tres em tres annos, mas que o Procurador do Mosteiro acceita vaccas na rasão de cincoenta por cada cavallo.

Refere um Viajante célebre (Mr. Poncet) que na Igreja da Visão, e do lado da Epistola, vi-ra suspensa no ar, e sem apoio algum, uma varinha de ouro de cinco palmos de comprimento pouco mais ou menos, e da grossura de um bastão. Nada comtudo nos diz Alvres deste pretendido prodigio, apesar de cuidadosamente haver notado quanto no Mosteiro havia de mais particular; nada o Patriarcha de Ethiopia D. Affonso Mendes; e nada em fim o nosso erudito Balthezar Tellez, que largamente escreveu a Historia Geral da Ethiopia, na qual em

AUSTERIDADES E JEJUNS

DOS

MONGES ABEXINS.

Todo este mundo tem a mudança, e variedade, que cada dia muito á nossa custa experimentamos, e ainda que o começar bem, he ter meio caminho andado; talvez porem succede começarem muytos muyto bem, e acabarem todos muito mal: bem se vio esta verdade nos Religiosos desta Ethiopia, os quays floresceram em seus principios como hũas preciosas plantas do jardim do Ceo, mas com o tempo se vieram totalmente a fazer sylvestres, e bravias..... por que aquelles Monges que antigamente foram garfos verdes de raizes santas, hoje sam ramos secos de abominaveys peccados.

(BALTHEZAR TELLEZ. — HIST. GERAL DA ETHIOPIA.)

QUANTAS asperezas de vida temos referido de Monges Maronitas, Armenios, Jacobitas, e Cophtas, tudo é pouco comparativamente aos jejuns e mortificações dos Monges Ethiopes, ou Abexins. Transcreveremos ainda as proprias palavras de Balthezar Tellez, a quem principalmente seguimos, e não sem grandes ufanias de nossa parte.

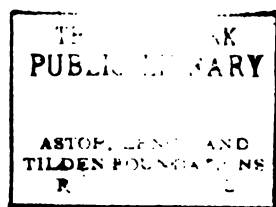
— » A obrigação de todos era » jejuarem (diz elle) todo o anno » até ás tres horas da tarde. Ti- » nhão suas horas canonicas, a » que acodiam a cantar, e re-

» zar á meya noyte, e a varios » tempos entre dia. E geralmente » falando a gente de Ethiopia é » mui inclinada á penitencia, e » nisto se esmeravam mayes estes » Religiosos, metendo-se na a- » goa no tempo do frio, e perse- » verando nella muytas horas. E » de alguns se conta, que se me- » tiam em hũas arvores muyto » grossas, abrindo nellas lugar, » em que cabia seu corpo, até » que crescendo o pau por hũa, e » outra parte os apertava, e en- » terrava dentro em sy, que pa- » rece cousa incrível; mas assim



MONGE ETHIOPE, OU ABEXIM .

Do Instituto de Abba Eustateos



» o conta o Padre Manoel de Al-
» meida. Em jejuns particular-
» mente sam muy continuos, muy-
» tos nam comiam senam de dous
» em dous dias; ainda o fazem
» hoje alguns pela quaresma: ou-
» tros comiam sómente aos Do-
» mingos, a Semana Santa pas-
» savam alguns toda sem comer
» nem beber. » —

Com os seculares começaõ el-
les a quaresma da Igreja Univer-
sal na Sexagesima, e a guardão
mui rigorosamente, limitando-se
a pão e agoa, servindo-se com-
tudo de um certo mólho que fazem
com a semente de *cauffa*, que é
muito adstringente na boca. Tam-
bem se aproveitão de uma outra
semente, a que chamão *Tebba*,
e que preparão a modo de mos-
tarda.

Muitos destes Monges ha que
não comem pão durante toda a
quaresma, e alguns até durante a
vida inteira, alimentando-se a-
penas com o *agrinos*, herba que
fazem cozer em agoa, sem sal,
sem manteiga, sem outro algum
tempero; e quando a não podem
encontrar, usão de favas, lenti-
lhas, e outros legumes semelhan-
tes, que só fazem amollecere em
agoa.

Trazem alguns uma veste de
couro sem mangas, ficando-lhe
nús os braços. Muitos supportão
à raiz da carne um cinto de fer-
ro de largura de quatro dedos,
cheio de pontas mui penetrantes.
Tal ha que vive de pé todo o tem-
po da quaresma; tal outro, que
durante ella se vai encerrar em
alguma caverna, onde unicamen-
te se sustenta de hervas, e lenti-
lhas; tal em fim, que na agoa

passa todas as noites das quartas
e sextas feiras da quaresma.

Referê o Padre Francisco Al-
vres, que lhe custára a accredi-
tar este ultimo genero de peniten-
cia; mas que havendo estado em
companhia de muitas pessoas á
borda de um lago, delle vira sair
uma infinidade de penitentes, es-
tando alguns em pequenos cubi-
culos de pedra para esse fim cons-
truidos. Em um paiz em que o
Sol é ardentissimo no tempo da
quaresma, deverião certamente
ser as noites mui frias, pois de ou-
tra sorte não haveria mortificação
em as passar na agoa.

Tres seculos tem decorrido
aproximadamente depois que Al-
vres escreveo a sua Historia, em
que circunstanciadamente narrou
estas penitencias e mortificações
dos Religiosos Ethiopes, e com-
tudo ha toda a presumpção de
que ellas pouco tem diminuido.

Só no Sabbado e no Domingo
deixão estes Religiosos de je-
juar; e nesses dias se diz a Mis-
sa de manhã. O modo mais ordi-
nario de jejuarem é comerem só-
mente de dous em dous dias, e
sempre depois que o Sol trans-
monta. E por que em cada Igre-
ja não ha mais que uma missa por
dia, só junto da noite a celebrão
nos dias em que jejuão; e em
todos ahi commungando, tractão
depois da competente refeição.
— » Nosso Senhor Jesus Christo,
dizem elles, celebrou a Cêa na
noite de um dia de jejum. » —

Levantão-se os Monges Abe-
xins duas horas antes de romper
a aurora para resarem matinas; e
nunca no Convento comem car-
ne. Mas Alvres observa, que

quando a sós se achavão com os Portuguezes, não deixavão de a comer, nem de beber vinho, como estivessem livres do receio de que algum companheiro os denunciasse ao Superior, que severamente os castigaria por uma tal transgressão.

Alem da quaresma universal, que dura cincoenta dias, afirma Mr. Poncet, que tem mais tres: — a de S. Pedro e S. Paulo, que umas vezes dura quarenta dias, e outras menos, segundo é mais ou menos alta a Festa da Paschoa: — a da Assumpção de Nossa Senhora, que é de quinze dias: — e a do Advento, que abrange tres semanas. Mas differente é o modo por que Alvres fixa estas quaresmas. Alem da da Ressurreição, que começa na Sexagesima, diz elle, que jejuão desde a segunda feira da Trindade até dia de Natal: que não jejuão desde este dia até á Purificação de Nossa Senhora, mas que nos tres que se seguem a esta festa apenas comem uma vez; e a esta mortificação chamão Penitencia de Ninive. Folgamos de dar mais credito a Alvres, que supomos mais instruido no que tocava á Religião, e costumes dos Ethiopes.

Com o mesmo rigor jejuavão elles todas as sextas feiras do anno; e mancebo, ou velho, doen-

te, ou são, ninguém era dispensado deste preceito.

E comtudo, no meio de tantas austeridades e mortificações, estão estes Monges afferrados a seus erros, não escutão a voz dos Missionarios, e obstão a que o povo se converta! Tanta é a aversão que aos Abexins inspirão contra os Europeos, que por que estes são brancos relativamente a elles, os levão a ponto de desprezarem, e até de aborrecerem tudo o que é branco. S. Miguel, asoberbando o Diabo, é de côr azeitonada como a dos Abexins. — O seu Diabo é branco!

Tem os Abexins uma capella em Jerusalem na Igreja do Santo Sepulchro, onde está a columna do Improperio, e nella officião segundo seu Rito. Muitos erão os Monges desta nação que todos os annos ião a Jerusalem em qualidade de peregrinos, forcejando por aproveitar a Semana Santa. Diz Alvres, que vira uma caravana composta de 336 Monges e 16 Religiosas, que emprehenderão esta viagem; mas que os Arabes os tomarão, matando os velhos, e vendendo os moços como escravos, á excepção de quinze que unicamente escaparão.

Estas peregrinações extinguirão-se; e um ou outro Abexim visita os Logares Santos.



S. PACHOMIO ABBADE.

1.º INSTITUIDOR

DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS.

Hoc est principium Foundationum.

- 1 Quando audieris sonum appellantem te ad ecclesiam, vade meditandus usque ad januam ecclesie, ad hoc ut ores.
- 2 Nemo orantes Fratres circumspiciat.
- 3 Si quis ruperit, aut locutus fuerit in ecclesia, poenitentiam accipiat ante altare.
- 4 Qui de die ad ecclesiam venire neglexerit, poenitentiam accipiat: qui autem noctu a trina precatione abfuerit, poenitentiam similiter accipiat.
- 5 Nemo exeat ecclesia, quo tempore Fratres orant, non petita facultate.

(PRECEPTA S. PACHOMII).

Ao grande pensamento de Santo Antonio Abbade, a essa perfeição, que elle quiz dar á vida Cœnobotica, muito convinha a firmeza que resulta da união; e essa glória coube a S. Pachomio, que submettendo a um Abbade, ou Superior Geral, muitos Mosteiros, sem que por isso deixassem de ter seus particulares Superiores, formou a primeira Congregação Religiosa.

Corria o anno 292 quando na Alta Thebaida nasceo Pachomio. Filho de Pagãos, e educado no meio das superstições, tão oppo-

to se mostrou á idolatria desde menino, que provando o vinho offertado aos idolos, o lançou fóra immediatamente; e no meio de um sacrificio aos falsos Deoses com designio de consultar seus oraculos, tal terror incutio aos Demônios, que não ousarão fallar diante d'elle. Assombrados e irritados os sacrificadores, exclamarão que era forçado affastar este inimigo de seus Deoses.

Quatro lustros contava apenas; e ei-lo soldado no exercito do Imperador Maximino contra Constantino e Licinio. Era já noi-

te quando, com muitos outros inancebos, ~~desembarcara~~ na Cidade que se lhe destinou. Ao vê-los em tão verdes annos, e tão contrangidos, ~~prestarão-lhes os habitantes~~ os precisos soccorros.

— « Quem sôis vós que tanto vos apiedais? » perguntou Pachomio.

— « Somos Christãos » — responderão os da Cidade.

— « Que é ser Christão? que Deoses adorais? » — instou elle.

— « Não reconhecemos (lhe tornárão) senão aquelle que creou o Ceo e a Terra, e seu filho unico, Jesus Christo; esperamos em melhor vida a recompensa do bem que fazemos. » —

Não foi baldada esta prática. Affastando-se um pouco, levantou Pachomio olhos e mãos para o Ceo; e prometteo dedicar-se a Deos em todo o resto de seus dias, se lhe fizesse conhecer sua Divindade. — A guerra terminou. Restituído á Thebaida, foi Cathecumeno na Igreja de Chenobosque, e pouco tempo depois recebeu o baptismo.

O velho Palemon servia então a Deos no Deserto. Pachomio com elle foi ter immediatamente, e lhe bateo á porta da Cellinha, manifestando sua intenção.

— « Não sabes que a vida monastica é difficil? (lhe disse o Solitario em tom severo, e com a porta meia aberta) — Ignoras que muitos a tem abraçado, e não tem podido perseverar?... Não serás recebido neste Mosteiro sem que faças alguma penitencia; mas advertte que só como pão e sal, não uso de azeite, não bebo vinho, vélo metade da noite, emprégo o

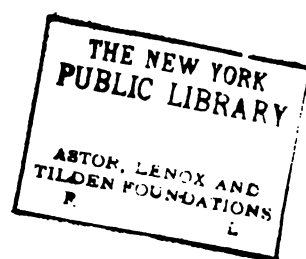
resto em meditar a Escripura Santa, em ~~psalmodiar~~; e não é rara aquella que passo desvelado. » —

Pachomio ficou assombrado.... mas a tudo se submetteo, e com tanta fé, que Palemon lhe franqueou a porta, e lhe deu o habito monastico. Seria então o anno de 314.

Com o velho Santo viveo algum tempo, fiando, e fazendo Cílicios, para com seu prducto alimentarem os pobres; mas entrando-se um dia muito em um Districto chamado *Tabenna*, ouviu, quando estava em oração, uma voz que lhe disse: — *Permaneça aqui, Pachomio, e edifica um Mosteiro. Muitos te virão buscar, e os dirigirá pela Norma que eu te der.* — Subito lhe appareceo um Anjo, e lhe deo uma Taboa em que estava escripta a Regra, que alli depois foi seguida.

S. Palemon, a quem elle communicára a Visão, o fortaleceo neste projecto; aconselhou que emprehendesse e executasse a obra, que Deos lhe ordenára; e até o acompanhou para *Tabenna*, onde ambos viverão algum tempo em uma pequena casa que edificarão. Voltou comtudo depois ao seu Mosteirinho, onde morreo em feliz velhice, e onde Pachomio, que o visitára, lhe assistio até ao ultimo respirar, e lhe deo sepultura.

Já recolhido a *Tabenna*, com elle veio ter seu irmão João, que havia abraçado a Lei de Christo; e ahi viverão juntos com a maior aspereza. Era dos pobres todo o fructo de seu trabalho; nada reservavão para o dia seguinte; e só mudavão seus habitos quando era forçado que os lavassem. Ain-





MONGE DE S. PACHOMIO.

da mais; — Pachomio trazia continuamente um cilício á raiz da carne, e só dormia de pé, e sem que ao menos se encostasse ás paredes da sua Cellinha.

Sósinho por algum tempo, depois da morte de João, teve de soffrer muitas tentações e invenções do Demonio; mas ía edificando um espaçossissimo Mosteiro, em que devia receber a grande multidão de Monges, segundo a promessa que o Ceo lhe fizera.

O tempo em que ella devia cumprir-se era já vindo. De novo lhe appareceu um Anjo para o prevenir; e Pachomio começou de receber os que, para abraçar a vida monastica, se lhe apresentarão. Breve contou com discipulos. Psentaese, Sur, e Plois, forão os mais distinctos; seguirão-se-lhe immediatamente Pecuso, Cornellio, Paulo, outro Pachomio, e outro João. Para logo começou de pôr em prática a Regra, que do Ceo baixára pela mediação do Anjo. Segundo ella, comia e jejuava cada um conforme suas forças, e na mesma proporção se media o trabalho. Habitavão tres e tres, bem que em Cellas separadas; erão communs sómente a cosinha e o Refeitório. Uma tunica de linho grosso, chamada *Lebitome*, em forma de sacco, sem mangas, chegando apenas ao joelho, e apertada com um cinto: uma pelle branca de cabra, a que davão o nome de *melottes*, nome que mais propriamente pertencia á pelle do carneiro: — eis todo o seu vestuario. Esta pelle, presa com uma correa, os cubria pela parte de traz, desde o pescoço até á curva da perna. Um mediano capêllo de

lã, sem fêlpa, e guarnecido de pequeninas cruces, lhes cobria a cabeça, sem que abrangesse mais que aos hombros. Envolto neste habito noite e dia, só quando commungavão depunhão a *melottes* e o cinto, conservando tão sómente a tunica. Um profundo silencio reinava em seu refeitório, onde com os capêllos cubrião as cabeças para reciprocamente se não verem. Seus hospedes não comião com a commuidade, e os Novicos tinham tres annos de provação.

Mais com exemplos do que com palavras animava S. Pachomio seus Monges a se conformarem com a Regra.

Em vinte e quatro turmas se dividia o Mosteiro; tinha cada uma dellas o nome de uma letra do Alphabeto Grego; e dos individuos de cada uma havia uma lista secreta. Estavão, por exemplo, os mais ingenuos inscriptos debaixo do — J —, os menos doceis debaixo do — X —, a fim de que o Abbade, em meio de tanta multidão de Monges, se podesse informar de qualquer delles, interrogando os Superiores por meio desta linguagem mysteriosa, só comprehendida pelos mais espirituaes.

A S. Pachomio inspirou em fim seu Anjo, que fizesse doze orações durante a manhã, doze de tarde, e doze de noite. Achou elle que era pouco; mas o Anjo lhe tornou, que assim poderião os mais debeis cumprir sem custo, não tendo necessidade desta lei os mais perfeitos, e que continuamente oravão nas suas Cellas.

Como de dia para dia augmentasse o numero de seus disci-

pulos, edificou S. Pachomio outro Mosteiro em *Baum*, ou *Prou*, não muito afastado do de *Tabenna*, se bem que em diversa Diocese. Offerecendo-se-lhe S. Eponymo, Abbade de Chenobosque, e os Religiosos de Monchose com seus Mosteiros, recebo-os, e estabeleceu entre elles a sua regra. Aos quatro Mosteiros acrescentou ainda o de *Tismena*, ou *Mena*, de junto da Cidade de Panos—o de *Tasa*, ou *Thebas*—e o de *Pachum*, ou *Chnum*, nas cercanias de Lasopha.

Foi então que assomou uma perfeita Congregação, com um Abbade, ou Superior Geral, e até com um Economo, ou Procurador, incumbido de administrar as temporalidades. Os Conventos foram annualmente visitados; e em Capitulo Geral se procedia á eleição para os respectivos cargos. O Mosteiro de *Baum*, o mais consideravel de entre todos, foi olhado como cabeça da Ordem.

Tal foi a primeira Congregação Religiosa, que se chamou de *Tabenna*, pelo logar da fundação do seu primeiro Mosteiro.

Mas S. Pachomio tambem fundou um para Virgens. Viera sua Irmã para visitar o Santo Abbade; e não podendo obter esta consolação, por que elle nunca a mulheres fallava, seguiu o conselho, que pelo porteiro do Convento lhe communicara, e vinha a ser: que se esforçasse ella mesma por consagrar-se a Deos inteiramente. Fez-lhe em seguida edificar uma Cellinha em um sitio chamado *Men*, um pouco afastado do Mosteiro de *Tabenna*, onde bem depressa se tornou Mãe de muitas

filhas, que seguirão seu exemplo, e que pelo anno de 420 chegavão ao numero de quatrocentas. Um igual Convento fundou S. Theodoro, successor de S. Pachomio, junto de *Pabau*, em um sitio chamado *Bechré*.

Ninguem, sem permissão particular, visitava estas Virgens, á excepção do Presbitero e do Diacono, que apenas lá vão no Domingo para suas commodidades espirituas. Se entre estas Santas Religiosas tinham os Monges alguma parenta, só com permissão, e acompanhados de algum mais antigo e mais exemplar, a podião visitar; mas em presença da Superiora, e das mais discretas, e sem que podessem acceitar o mais insignificante mimo, ou refeição. Tal era em fim a estreiteza em que vivião, que nem mesmo quando os Monges lhes vão edificar alguma casa, ou prestar-lhes outro qualquer auxilio, se prescindia da direcção de algum dos mais graves e mais antigos; mas recolhendo-se sempre ao seu Mosteiro nas horas de refeição. Do linho e da lã, que o Superior lhes mandava, fazião estas Santas Religiosas os tecidos necessarios para si, e para os Monges; e quando alguma dellas, deixando a vida mortal, entrava pelos horisontes da eternidade, era seu corpo depositado em parte donde os Monges o tomavão, e cantando o vão enterrar na Montanha destinada para seu Cemiterio.

Mais tarde teve S. Pachomio de ceder a Vanus, Bispo de Panos, que lhe escrevera pedindo-lhe que fosse fundar Mosteiros junto da sua Cidade. Visitou elle de

caminho os que estavam debaixo de sua direcção; e quando com seus Monges chegou a Panos, fez-lhe o Bispo o mais respeitoso acolhimento, e lhe deu logo assentos para os Mosteiros. N'um delles trabalhou S. Pachomio alegrementemente; quando porém lhe alevantava os muros, fão de noite alguns mal intencionados derribar-lhe o que de dia edificava. Era para vêr como o Santo exhortava seus discipulos a soffrer com paciencia! Mas o Senhor lhes fez justiça; por que juntando-se os malvados para continuarem no crime, um Anjo os fulminou e consumio de sorte, que nunca mais apparecerão.

Acabado o edificio, nelle permaneceu com seus Monges assaz de tempo, a fim de melhor estabelecer a disciplina regular; até que, deixando-lhe um Superior, voltou para *Tabenna*. Foi então

que Deos quiz pôr termo a seus trabalhos. Adoecendo antes da Festa da Paschoa, e entrando em morrer, fez juntar todos seus irmãos dous dias antes de expirar; e depois de dar-lhes algumas instrucções, nomeou de entre elles a Petronio, como mais digno de lhe succeder, e dormio no Senhor em 14 de Maio do anno 348.

Perto de nove mil Monges estiverão debaixo de sua direcção; e depois da sua morte ainda este numero cresceu. Mas os Monges de S. Pachomio, e quasi todos os outros do Oriente, abraçarão depois a Regra de S. Bazilio, ou se unirão com os que olhavam Santo Antonio Abbade como seu Patriarcha. Ha alguma probabilidade de que a Ordem existia ainda, e com esplendor, no meio do Seculo 11.º; até que com o tempo desapareceu inteiramente.



AS REGRAS
DE
SANTO ISAIAS, DE S. MACARIO,
E
DE ALGUNS OUTROS
INSTITUIDORES DA VIDA MONASTICA.

Cependant nous ne pouvons nous empêcher de faire une observation. Il y a des personnes qui méprisent, soit par ignorance, soit par préjugé, ces constitutions sous lesquelles un grand nombre de cénobites ont vécu depuis plusieurs siècles. Ce mépris n'est rien moins que philosophique, et surtout dans un temps où l'on se pique de connaître et d'étudier les hommes. Tout Religieux qui, au moyen d'une haire et d'un sac, est parvenu à rassembler sous ses lois plusieurs milliers de disciples, n'est point un homme ordinaire; et les ressorts qu'il a mis en usage, l'esprit qui domine dans ses institutions, valent bien la peine d'être examinés.

(CHATEAUBRIAND. — GENIE DU
CHRISTIANISME.)

PEDE a boa disposição de nossa Galéria, que depois das Ordens de Santo Antonio Abbade, e de S. Pachomio, e antes de descrevermos a origem e progresso da de S. Bazilio, offereçamos um rapido esboço de outros Fundadores da vida monastica no Oriente, alguns dos quaes forão discipulos daquelles dous Santos, e cujas Regras forão depois recolhidas por S. Bento de Anniana.

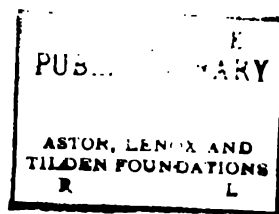
Uma Regra existio, bem propria para Eremitas, e muito principalmente para Noviços. Adorna-

va-se com o nome do Abbade Isaias. Mas ignora-se onde existira o seu Mosteiro; podendo apenas conjecturar-se, que-seria no Egypto, ou na Thebaida.

Alem da Regra, composta por dous Santos do nome de Macario, e que sem dúvida forão discipulos de Santo Antonio, o Egyptico, lê-se tambem no Codigo das Regras a que instituira outro Macario, chamado o Alexandrino, ou o Moço. Nascido em Alexandria, e abandonando o emprego que occupava, abraçou elle a vida Reli-



ANTIGO MONGE DA PALESTINA .



giosa, e foi um prodigio de abstinencia, e mortificação. Com a coragem que o Ceo influe nos seus escolhidos — *se assentou n'ú* (diz o nosso João Franco Barreto) *em um logar, aonde havia innumera-veis, e molestos mosquitos, tão grandes como abelhas, e com aguilhões tão agudos, e penetrantes, que passavão o couro d'um javali* — a fim de rebater os ataques da concupiscencia; e ahi permaneceu durante seis mezes, sahindo completamente desfigurado como um leproso. Fôra elle uma vez a *Taberna* em trajos de artifice, e assim o admittirão na comunidade. Mas S. Pachomio, por effeito de uma revelação, o reconheceo depois; e ficou assombrado do rigor de sua penitencia, vendo que se conservou de pé durante a quaresma inteira, e que apenas nos Domingos conia, ou fazia gèsto de comer poucos legumes. Costumava dizer Macario, que o Monge havia de jejuar, como se houvesse de viver cem annos, e mortificar suas paixões, como se houvesse de morrer naquelle dia.

Voltou elle ahi para o Egypto, onde continuou a servir a Deos, e onde tinha differentes Cellas, habitando ora no Deserto de Nitria, ora no de Scetis, ora em diversos outros logares. Cessou de existir no começo do 5.º seculo, deixando em saudade os Monges que dirigia, e que, segundo se pretende, chegavão ao numero de cinco mil. Nem para todos é cou-
sa averiguada, que a Regra, **que** a antiguidade nos transmittio **de-**
baixo de seu nome, por elle fos-
se escripta ou dictada. Alguem **se** persuadio de que seu verdadei-

ro autor só vivera depois de S. Jeronymo, e de que S. Macario deixara apenas uma Collecção de suas maximas, e das praticas regulares dos seus Mosteiros.

No mesmo Codigo das Regras se encontrão as de trinta e quatro diversos Abbades, alem da do Abbade S. Serapião, o de Nitria, ou de Arsinoe, e da de S. Paphuncio, que governara um Mosteiro situado junto de Heraclea, Cidade da Baixa Thebaida, ou antes Paphuncio Bubalo, Presbitero do Deserto de Scetis.

Uma outra se attribue a S. Posthumo, Abbade de Pisper, que succedeo a S. Macario na direcção dos Monges que Santo Antonio o Grande lhe havia confiado; e o Diacono Vigilio fez uma Collecção de Maximas e costumes dos antigos Monges. Deo-lhe elle o titulo de Regra Oriental.

Existirão sem duvida muitas outras Regras, de que a voracidade do Tempo nos privou; pois que no sentir de Cassiano havia quasi tantas Regras como Mosteiros. Muitos as tinham escriptas; observavão outros tão sómente o que de seus antecessores havião aprendido, e que grandes temporadas de annos sem interrupção havião feito consagrar como Lei. A Regra de outros finalmente era a vontade de seus Superiores. Todas ellas, quer escriptas, quer verbais, tendião ao mesmo fim — voltar-se inteiramente a Deos — tractar sómente de cousas espiritu-
aes — e desembaraçar-se de tudo o que de algum modo os podesse embargar. Daqui nascia que os Mosteiros, que esta ou aquella abraçavão, nem por isso excluía-

inteiramente qualquer outra que o Abbade julgasse conveniente. Era assim que em qualquer Mosteiro se observavam muitas Regras escritas, que se ampliavam ou cercavam segundo as conveniencias desse mesmo Mosteiro, e tendo em vista a sua localidade, e o tempo em que essa Regra se introduzia.

E comtudo, no meio de tanta variedade, tal era a união dos Monges, tal a uniformidade de suas praticas religiosas, e de seus trajos, que parecião formar uma só Congregação! Com facilidade por esse motivo passavam elles de um Mosteiro para outro; e não só de Latinos para Latinos, ou de Gregos para Gregos, mas de Latinos para Gregos, ou de Gregos para Latinos.

Entre as Regras do Oriente se devem enumerar as Instituições de Cassiano, por elle postas em escriptura a instancias de Castor, Bispo de Apt. Fundára este Prelado um Mosteiro na Diocese de Nimes; e nelle desejou fazer introduzir a vida regular, que Cassiano vira praticar aos Monges do Oriente.

Mas nem sómente em França forão observadas essas instituições, a que muitos Escritores derão o nome de Regra. Muitos Mosteiros de Hespanha as abraçarão também; pois que na Abbadia de

S. Pedro de Arlanza se encontrou um manuserito com o titulo de *Regula Patrum* (Regras dos Padres), que continha a de S. Macario, de S. Pachomio, de S. Bazilio, de S. Cassiano, de S. Bento, de Santo Isidoro, e de S. Fructuoso; e todas estas, juntamente com a de S. Posthumo, existião em outro manuscrito do mesmo titulo em um Mosteiro de S. Pedro, na Diocese de Burgos.

Nessa Regra ou Instituições Monasticas de Cassiano, é que se revélla o vestuario dos antigos Monges do Oriente. Tinhão elles pequenas tunicas de linho, cujas mangas só chegavam aos cotovêllos. Traziaão na cabeça um capêllo, que pousava nas espaduas. Usavam de duas fachas de lã, que descendo dos hombros, e separando-se, vinhão juntar-se sobre o estomago, ajustando e unindo ao corpo a tunica, a fim de que os braços ficassem livres, e facilmente se adaptassem a toda a sorte de trabalho. Tinhão também um genero de loba feita de pelle de cabra, ou de ovelha. Cobriam o pescoço e as espaduas uma capa a mais grosseira; e andavam sempre descalços, servindo-se de sandalias sómente em caso de necessidade; largando-as porem sempre que se aproximavam dos Divinos Mystérios.



AS ANTIGAS LAURAS

DA PALESTINA.

Ils habitoient des cellules appelées — LAURES, — et portoient, comme leur fondateur Paul, des robes de feuilles de palmier; d'autres étoient vêtus de cilices tissus de poil de gazelle; quelques-uns, comme le solitaire Zénon, jetoient seulement sur leurs épaules la dépouille des bêtes sauvages; et l'anachorète Séraphion marchoit enveloppé du linceul qui devoit le couvrir dans la tombe.

(MR. DE CHATEAUBRIAND. — GENIE DU CHRISTIANISME).

DEIXARIAMOS um vasio em nossa Galeria se não déssemos uma succinta idea das célebres e antigas *Lauras* do Oriente. Imaginai muitos Solitarios; formando uma sociedade, obedecendo a um Superior, mas vivendo em cellinhas separadas, bem que não mui distantes umas das outras; e ahi tendes uma *Laura*.

Em Iconia, antiga Capital da Lycaonia, bem célebre pelas duas visitas, que lhe fizera S. Paulo pelos annos de Jesus-Christo 45 e 51, veio ao mundo S. Chariton, o fundador da primeira *Laura*. Inteiramente dedicado ao Christianismo, que havia abraçado, por tal modo excedeo na piedade o commun dos Feis, que, durante a perseguição do tempo do Imperador Aureliano, teve de soffrer

tormentos os mais incomportaveis, e em que ainda assim não deslousou sua constancia. Veio finalmente o anno 275 em que a morte arrebatou Aureliano; e S. Carithon, sahindo das prisões em que jazia, foi fundar, a duas legoas de Jerusalem, a *Laura* de Pharan, cuja Igreja foi sagrada por S. Macario, Bispo daquella Cidade. Mais tarde ainda surgirão á sua voz uma perto de Jerichó, e outra no Deserto de Theuca. E deixando em fim saudosos os muitos discipulos que o acompanhavão, terminou a vida mortal no anno de 340.

O Fundador das *Lauras* não ficou sem imitadores. Era já entrado o 5.º seculo, e Santo Euthimio, o Grande, tambem creou uma famosa *Laura* a quatro ou cinco legoas de Jerusalem. Nota-

vel singuridade! Nella não recebia o Santo Abbade mancebos ainda imberbes! Bem desejarão S. Sabbas, e S. Quiriacio, ser do numero de seus discipulos; mas elle enviou S. Sabbas para o Mosteiro de S. Theoctisto, e S. Quiriacio para o de S. Gerasimo, por que ainda a barba lhes não assombrava o rosto. Assim fez depois S. Sabbas, que na celebre *Laura* a que deu seu nome, tambem não admittia mancebos, fazendo-os entrar primeiro em outros Mosteiros.

Nasceo S. Sabbas pelo anno de 440, em Mutalasque de Cappadocia, na Diocese de Cesaréa. Não contava ainda dous lustros quando se retirou para o Mosteiro de Flaviana, a uma pequena legoa da sua patria; e decorridos seis annos se partio para Jerusalem com permissão do seu Abbade. Em passando o inverno no Mosteiro de S. Passarião, naquelles tempos governado por Elpide, foi logo procurar Santo Euthymio, sob cuja direcção se propunha viver, e que então o enviou para o Mosteiro de que era Abbade S. Theoctisto. Contava elle trinta e cinco annos quando deixou este Mosteiro, que já entrava em relaxação, e foi habitar na soledade do Deserto de S. Gerasimo, proximo ao Jordão. Quatro annos ahi viveo; e parecendo-lhe ainda pouca estreiteza, passou a se recolher na caverna de um rochedo, que bebia na Torrente de Cedron, a tres legoas de Bethlem, e cinco de Jerusalem. Occupado unicamente da salvação, já cinco annos erão passados, quando Deos lhe inspirou desejos de trabalhar tambem pela dos proximos. Setenta Solitarios

se collocarão debaixo de sua direcção na famosa *Laura*, que ahi fundou. Cresceo o numero; erã já cento e cincoenta; e lá mesm o Demonio da ambição fez que alguns ousadamente emprehendessem a sua deposição.

— « Este homem (forão elle dizer a Salustio, Patriarcha de Jerusalem) este homem é simples grosseiro, imprudente, incapaz de dirigir tão grande numero de Solitarios, escrupuloso a ponto de não querer ordenar-se, nem consentir que os Religiosos se ordenem. » —

Salustio, que conhecia o merito de S. Sabbas, fingio que attendia os alevantados, e o ordenou Presbitero. — « Eis o voss Superior (lhes disse elle); é de Deos a escolha, que não dos homens. » — E reconduzindo-os *Laura*, ahi sagrou o Templo que S. Sabbas havia edificado. A uma pequena legoa da sua *Laura*, sobre a colina de Castel, fundo tambem S. Sabbas um Mosteiro assim como uma Crasta apenas distante meia legoa. Era lá que elle fazia instruir os noviços mais entrados na idade, que os mancebos mandava-os elle para o Mosteiro do Abbade S. Theodosio, seu amigo, onde se habilitavão para um dia entrarem na sua *Laura* que era a habitação dos perfectos. Na qualidade de Exarca, ou Superior Geral de todos os Solitarios daquelles Desertos, continuamente lhes assistia; mas, desde a Epiphania até Domingo de Ramos, via retirado no fundo da solidão acompanhado de um só Discipulo, e ahi se preparava para solemnizar a Paschoa. Cançado en

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



Porto • Lith. R. da Reboleira N° 29 e 30.

MONGE DE S. SABBAS.

fim das traças, que ainda lhe armou a rebelião de alguns Religiosos, resolveo deixá-los, começando a se esconder em diferentes desertos.

Mas obrigando o Patriarcha de Jerusalem os discolos a que o recebessem, preferirão elles antes retirar-se. Em numero de quarenta se encaminharão para a *Laura* de Suca, na esperança de que nella seriam recebidos; e nem ao menos consentio o Superior Aquilino que elles ali repousassem como hospedes. Algumas cellas abandonadas, junto da Torrente de Thécoé, lhes servirão de abrigo; ao pé destas edificarão outras; e assim teve começo o que depois se chamou *Nova Laura*.

Vivia o Santo Abbadé na mais pungente inquietação; mortificava-o a saudade dos Monges revoltosos, ainda a despeito de suas maquinações. Sabendo que estavam em necessidade, fez que se lhes entregasse uma quantia de dinheiro, e que se lhes adjudicasse a propriedade das Cellas que occupavam. Empreheendo em fim ir elle mesmo levar-lhes diversas cousas de que careciam, e lhes edificou então uma Igreja. Foi assim que conseguiu vencê-los á força de humildade e de beneficios; e lhes deu por Abbadé a João, o primeiro de todos os seus Discipulos.

Seu zelo pela pureza da Fé

não era inferior ao que tinha pela exactidão da disciplina regular. Continuamente se desvellava por que o veneno da heresia se não introduzisse nos seus Mosteiros. Chegou a converter alguns Solitarios Nestorianos; e não foi menos feliz ~~com os~~ que seguião os erros de Eutyches, e de Dioscoro. Até que na idade de noventa e dous annos, deste mundo se partio sua alma para o Ceo, em 5 de Dezembro de 531. Pretende-se que a Lithurgia de seus Mosteiros, e que elle havia recebido de seus Mestres Santo Euthymio, e S. Theoctisto, é a que ainda hoje se observa entre os Gregos.

Muitos discipulos, a seu exemplo, fundarão outras *Lauras*, que longo seria referir.

A Estampa, que offerecemos, de um Monge de S. Sabbas é conforme á que achamos gravada por alguns antigos. E' provavel que os Monges assim não trajassem no tempo dos Fundadores das *Lauras*; mas como ellas durarão seculos, adoptar-se-hia posteriormente este vestuario. Parece que era branca a tunica dos Monges de S. Sabbas, e preta a capa e o capêllo.

Da grande *Laura* deste Santo existem ainda vestigios em um Mosteiro de Monges Gregos, que foi visitado pelo nosso Fr. Pantaleam de Aveiro, e do qual teremos occasião de fallar.



S. BASILIO, O GRANDE.

I

A SUA ORDEM.

De quanta santidade fôsse este S. Varão, foy mostrado em visão a S. Effrem hermitão. Vio este Santo hũa columna de fogo que chegava ao Ceo, e ouviu hũa voz de cima que dizia. — Tal hé o grande Basilio. — E vindo dia de Reys Effrem á Cidade pera vêr tão insigne Varão, e vendo o vestido no aparato Pontifical, e acompanhado da clerezia com grande solemnidade, maravilhou-se de homem posto em tanta honra ser columna de fogo. O qual conhecendo polo Spirito Santo S. Basilio, mandou-o chamar, e reprendeo de seu pensamento. E vio Effrem a lingua de fogo que falava por sua boca, e pediu perdão.

(FR. DIOGO DO ROSARIO.)

GRANDE, e mui grande, era o numero de Monges e Solitarios, que povoavão o Oriente, antes que S. Basilio entrasse pelas portas da vida; e comtudo a ninguem cabe com mais justiça o titulo de seu Patriarcha do que a este distinctissimo Doutor da Igreja. Já estava restaurada por Santo Antonio, o Grande, a vida cœnobitica; já S. Pachomio lhe havia dado uma certa organização, e regularidade; mas a derradeira perfeição, o vincular por meio de sollemnes votos os que neste genero de vida se embarcavão, — essa glória pertenceo a S. Basilio.

Ha familias em que a Santidade parece hereditaria. Macrina, a bisavó de S. Basilio, o Grande,

e uma outra Macrina, sua irmã, forão pela Igreja veneradas como Santas. S. Gregorio de Nissa, e S. Pedro de Sebaste tambem forão irmãos de S. Basilio. Seu pai teve o dom dos milagres; e poucos em fim de seus parentes deixarão de assignalar-se na prática de brilhantes e santas virtudes. Parece que a Ordem de S. Basilio celebrava em 30 de Maio a Festa de oito de seus ascendentes — de S. Gregorio e Santa Theodora, seus bisavós — de S. Basilio e Santa Macrina, seus avós — de S. Basilio e Santa Eumelia, seus pais; e pelo lado maternal — de seus avós S. Gregorio e Santa Isabel. Mas ainda quando nomes tão illustres se tivessem apagado no

Calendario da Ordem; e apesar mesmo de que á luz da Historia se não tenha podido descobrir o nome de alguns de seus antepassados: basta saber-se que forão reputados eminentes em virtude, e singular piedade, para o berço de S. Basilio ser invejado dos maiores Principes da Terra.

Perseguidos pelos Imperadores Pagãos, soffrerão os avós de Basilio com a mais apreciavel constancia a privação de seus bens, e a soledade dos Desertos de Pontio, para onde se retirarão, e aonde Deos milagrosamente lhes enviava Cervas, que os alimentassem. E voltando a seus lares, finda que foi a perseguição, deolhes a divina Providencia bens ainda mais consideraveis que os que havião perdido. Herdou-lhes a piedade um filho, que esposou Eumelia; e, ou por que ambos habitassem em Cesaréa, ou por que lá fossem de quando em quando, em Cesaréa nasceo S. Basilio, o Grande, no anno 329.

Sendo ainda creancinha foi mandado para Néocesaréa, onde então morava sua avó, Santa Macrina, que o alimentou com a pura doutrina da Fé, em que fôra instruida por S. Gregorio Thaumaturgo. Sete annos já contava, quando voltou á casa de seu pai, advogado insigne, que lhe deu a primeira tintura das Letras humanas. Foi depois estudar em Cesaréa da Palestina, onde vio pela primeira vez a S. Gregorio de Nazianza; e sendo já moçosinho, quiz estudar algum tempo em Constantinopla. Voltou depois a Cesaréa de Cappadocia, e de lá foi visitar as escollas de Alexan-

dria, donde, em não achando o que desejava, se partio para Athenas. Era então mancebo de desesete annos; e em Athenas foi que travou com S. Gregorio de Nazianza uma amisade que só a morte conseguiu desatar. Desgostoso da insolencia dos estudantes para com os que vinhão de novo (bem que della o isentárão as recommendações de S. Gregorio de Nazianza), teria elle para logo abandonado Athenas, se a amisade o não retivesse. Discipulo de Libanio, Ecebola, Himecio, e Protherecio, os mais habéis professores daquelle tempo, em breve aprendeo a Philosophia, Astronomia, Geometria, e Arithmetica, e por ultimo a Medicina, tão necessaria a seus frequentes padecimentos: mas nada lhe fez abandonar as Santas Letras, que na infancia aprendera.

Dous lustros assim decorrerão, e voltando á patria achou Santa Eumelia viuva, e anhellando a sua companhia.

Os que então aspiravão aos empregos começavão por advogar algumas causas. O mesmo praticou S. Basilio, e com tal distincção, que sua irmã Santa Macrina, receando que a ambição e vaidade se apossassem do coração do joven advogado, subtilmente o persuadio a se affastar desta proflissão, e de qualquer outra, para inteiramente se entregar ao retiro, ao estudo da verdadeira Sabedoria, e á pratica das virtudes Christãs. Foi então que (como elle mesmo o diz) começou a despertar de um profundo somno, a encarar a verdadeira luz do Evangelho, a conhecer a inutilidade de vãs sci-

encias. Foi então que se resolveo ao retiro, e a procurar quem o guiasse na estrada da Perfeição.

Nos saudosos Desertos do Egypto, da Palestina, da Syria, e da Mesopotamia, teve a satisfação de achar muitos Santos a quem buscava. Ao vêr estes homens admiraveis, superiores ao somno, á fome, á sêde, ao frio e á desnudez: ao vê-los com o espirito sempre livre, sempre enlevado em Deos, olhando-se como Cidadãos do Ceo, e estrangeiros sobre a terra—ficou cheio de assombro! De volta desta viagem, e depois de visitar Jerusalem, e Jerichó, o Bispo de Cesaréa, Dianeo, o fez Leitor, para assim o ligar á sua Igreja; mas o novo emprego não lhe apagou o desejo que tinha do retiro. Procurou imitar os grandes modellos que havia encontrado nas solidões do Epypto, e do Oriente; e no anno de 357 escolheu para seu retiro um logar no Deserto da Provincia de Pontho, junto do rio Iris, e da pequena Cidade de Ihora. Alli tinha recebido sua primeira educação; alli vivião já retiradas sua mãe, Santa Eumelia, e sua irmã Santa Margarina. Deixou comtudo esta solidão para acompanhar a Constantinopla Basilio de Ancyra; e voltando pouco depois, ainda tornou a sair de novo para assistir á morte do seu Bispo Dianeo. Eusebio, seu successor, o ordenou Presbitero, empregando-o para logo na direcção da sua Diocese, donde voltou para a sua querida solidão, a fim de esvaecer o ciúme que delle o Bispo concebera.

Tres annos assim viveo. Mas o Imperador Valente resolvera in-

troduzir o Arianismo em Cesaréa; e Eusebio, reconhecendo a necessidade que tinha de S. Basilio, pediu com toda a instancia a S. Gregorio de Nazianza que fosse medeador da sua reconciliação. Esquecendo instantaneamente quantos motivos podia ter de ressentimento, buscou S. Basilio ao Bispo, e com auxilio do seu amigo S. Gregorio atacou os Arianos, e os constrangeo a se retirarem. Sincera tinha sido esta reconciliação. Eusebio, conhecedor dos talentos de S. Basilio, incumbio-lhe inteiramente a direcção da sua Diocese; nada fazia sem seu conselho; e o Santo por tal modo correspondeo ás esperanças de todos os Fieis, que, morrendo Eusebio, foi escolhido para seu successor.

Apenas elevado á Dignidade, teve de soffrer crucis perseguições. Os Herejes, e principalmente os Arianos, erão protegidos do Imperador Valente. De sua authoridade abusavão muitas vezes, para fazerem as maiores violencias ao Santo Prelado. Continuamente azedavão contra elle o facil espirito deste Principe, que em fim o condemnou a ser banido por não querer executar suas ordens—comunicar-se com Eudoxio, intruso na Sé de Constantinopla, e por não querer abraçar a doutrina dos Arianos. Tres vezes se quebrarão as pennas com que o Imperador tentava assignar o Decreto. Persistindo ainda, uma dilatação de nervos lhe fez tremer a mão, e a cadeira em que estava sentado, partio-se. Deo-lhe isto rebate no coração. Reconheceo a impiedade do Decreto. Rasgou-o.

Não cabe em nosso proposito



N.º 1

S. BASILIO MAGNO

*Arcebispo de Cesária, Doutor da Igreja
e Patriarcha dos Monges do Oriente*

THE NEW
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

referir muitas outras perseguições, que o angustiarão; e é já tempo de com sua gloriosa morte rematarmos o pequeno epitome de sua Santa vida. Mortificações incriveis, austeridades as mais rigorosas, trabalhos improbos, e vigílias contínuas, não podião deixar de arruinar uma compleição delicada e infermissa. Era forçado que este corpo encontrasse repouso, e que delle se desatasse um espirito, que sómente anhellava unir-se a Deos. No primeiro de Janeiro de 379 lhe foi esta graça concedida.

Agora que S. Bazilio já no Ceo brilha como radica estrellá, vejamos como elle lançou os fundamentos da sua Ordem, que tão rápidamente floresceo, e progredio; e nisto mais seguiremos o que nos deixou escrito o mesmo Santo Fundador, e S. Gregorio de Nazianza, do que os outros Historiadores da sua mesma Ordem.

Tinha S. Basilio resolvido abraçar a vida monastica, e fugir aos tumultos das Cidades. No anno de 358 o poz em pratica, retirando-se para um Deserto da Provincia de Pontho. Era aquelle em que já habitavão sua mãe e sua irmã; havendo esta ali fundado um Mosteiro de Virgens, que dirigia, e em que tinha recebido não pequeno auxilio de S. Pedro, seu irmão, que depois foi Bispo de Sebaste.

Celebres se havião já tornado as solidões do Pontho com as virtudes das duas Santas; e em lá chegando S. Basilio, os mais remontados desertos se converterão em uma Cidade: que tão grande era o numero das pessoas, que procuravão aproveitar sua instruc-

ção, e exemplo. Foi isto o que obrigou o Santo a formar um Mosteiro defronte do de sua irmã. Nesta solidão vinha ás vezes S. Gregorio de Nazianza passar algum tempo com o seu amigo; vinha ali trabalhar em sua propria santificação; e lhe aprazia este remanso, admirando a maravilhosa união e caridade, que enlaçava estes Santos Monges, e não menos o ardente fervor com que reciprocamente se excitavão, e incendião na pratica da virtude. Mas S. Basilio percorria as Cidades e Aldêas do Pontho; e animava, e inflammava os habitantes daquelle Região, que estavão como em somnolencia, e inteiramente descuidados da sua salvação. De muitos conseguiu que renunciassem a cousas vãs e caducas, e se reunissem para servir a Deos. Ensinoulhes a edificar Mosteiros, a nelles estabelecer communidades, e a praticar todos os exercicios da vida religiosa. Nem seu cuidado se limitava aos homens; que instruia elle estes grosseiros povos no modo como cumpria educar as Virgens para se tornarem dignas esposas de Jesus Christo.

Foi dest'arte, e como por encantamento, que em pouco tempo mudou toda a face desta Provincia, tornando-se, de deserto sêco e esteril que dantes era, em campina espiritual, coberta de ricas searas, e abundantes vinhas. Começou uma nova era de pureza e castidade; e muitas pessoas, renunciando ao seculo, íão depositar aos pés de S. Basilio todos seus bens, que elle em justa proporção distribuía pelos indigentes.

Então escreveo S. Basilio as

Regras da sua Ordem. Era o anno de 363. Comprehendia uma cincoenta e cinco capitulos ; a outra trezentos e treze. Seu Instituto se derramou por todo o Oriente ; e de tal sorte prevaleceo sobre os que já existião, que a todos obscureceo.

Do Oriente passou a sua Regra para o Occidente, mal que Rufino a verteo em Latim, e por maneira que já na Italia havia Mosteiros de S. Basilio, ainda antes da publicação da Regra de S. Bento. Foi a de S. Basilio aprovada, segundo alguns Historiadores, pelo Pontifice Liberio no mesmo anno em que fôra escrita e publicada ; por S. Damaso no anno de 366 ; e por S. Leão, a instancia do Imperador Marciano. Foi tambem confirmada com o andar dos tempos por muitos outros Pontifices ; e ultimamente por Gregorio 13.º, que aprovou o Resumo que della fizera o Cardeal Bessarion, no Pontificado de Eugenio 4.º, resumo que tambem foi confirmado por Clemente 8.º, Paulo 5.º, e Alexandre 7.º.

Mas esta Ordem, que tanto floresceo por mais de tres secu-

los, diminuiu depois notavelmente com a heresia, com o scisma e com a mudança do Imperio. maior tempestade por que passou foi no tempo de Constantino C pronimo, em 741. Declarára-se o le figadal inimigo das Santas Imgens, como Leão, seu pai ; e pe seguindo os Monges de S. Basilio a muitos delles fez matar, a muitos prendeo, e desterroo ; ficando os Mosteiros abandonados, e espoliados de seus bens. Grande parte destes Monges abraçou então scisma e a heresia, que ainda hoje seguem quasi todos os que vivem no Oriente.

Como ninguem podia ser elevado ás grandes Dignidades da Igreja, e até nem a Pastor de uma simples Parochia, sem ser Religioso de S. Basilio, ou de Santo Antonio, o Grande (o que ainda agora se observa onde o Rito Grego é tolerado), contarão elles numerosissimos Santos, muitos Pontifices, Cardeaes, Patriarchas, Arcebispos, Bispos, e Abbades, e até se gloriavão de ter tido na sua Ordem grande numero de Principes e Princezas.



OS CALOYROS.

OU

MONGES GREGOS.

O' pura, ó descansada, ó santa vida,
Mil vezes santa, e pura, e descansada!

(DIOGO BERNARDES).



A VIDA monastica chama a Igreja Grega estado perfeito — igual ao dos Anjos — imitação das acções de Jesus-Christo. Dão os Gregos a seus Monges o nome de Caloyros. Provavel é que no principio só assim chamassem aos de mais proveccta idade, aos Superiores, e que esta honra com o tempo abrangesse depois a todos.

Crime seria entre elles seguir outra Regra que não fosse a de S. Basilio, a quem olhão como Patriarcha e Fundador. Seus Novichos se chamão vulgarmente *Archari*; os Professos ordinarios *Microchemi*; e os mais perfectos *Megalochemi*. E ou são Cœnobitas, ou Anachoretas, ou Reclusos.

Encerrão-se os Reclusos em grutas ou cavernas pelas cristas das montanhas, e dellas não tornão a sair, abandonando-se inteiramente á Providencia. Vivem apenas das esmollas dos Conventos visinhos; uma só vez comem no dia, excepto nas Festas solemnes, estreitando-se a legumes cosidos,

sem sal nem azeite, ou a fructos sêcos, e pão de soborrvalho; e recebem de quando em quando a visita de algum Presbitero, que lhes administra os Sacramentos. Retirados do trafico do mundo, habitão os Anachoretas nas cercanias dos Mosteiros, cultivando um pequeno recinto junto da sua ermidã. Nos Domingos e nas Festas lá comparecem a se entregar ás devoções. O resto da semana dão-no ás abstinencias, á oração, e ao trabalho, de que vivem.

Mas o Cœnobita tem as horas todas reguladas. Na vespera das Festas solemnes fica no coro até que rompa a aurora; ahi réza o Psalterio, Matinas, e Laudes; ahi lê as Homilias. Seu Breviario compõe-se de seis volumes, quasi todos *in folio*. O 1.º é o *Tiridion*, por onde rézão na quaresma: o 2.º o *Eucologion*, que comprehende todas as orações: o 3.º *Paraclitiki*, e contem os Hymnos, Canticos, e Antiphonas em honra de Maria Santissima: o 4.º é o *Penticosta-*

rium, de que fazem uso desde Paschoa até Pentecostes: o 5.º o *Minion*, comprehendendo o Officio proprio de cada mez: o 6.º, em fim, é o *Horologion*, que é quotidiano, por que contem as Horas Canonicas.

Ao sairem do Refeitório se assenta o cosinheiro de joelhos na porta; e como se pedisse a recompensa de seu trabalho, ou perdão de suas faltas, diz de quando em quando aos Monges: *Eulogite Patres*: abençoai-me, meus Padres; e cada um delles lhe responde, em o saudando: *ó Theos syncoresi*—Deos vos abençõe.

O comer carne lhes é defendido. Jejuão nas segundas, quartas, e sextas feiras da semana, e nesses dias e na quaresma só comem ás duas horas da tarde. Tornão comtudo, depois de Completas, ao Refeitório, onde se lhes offerece agua e pequenos pedaços de pão, que os mancebos aproveitam por necessidade, voltando á Igreja a dar graças a Deos, e á oração da noite, donde cada um se retira silencioso para a sua cella.

Quatro quaresmas lhes são communs com o mais povo, que segue o mesmo Rito. A da Ressurreição, chamada grande quaresma, que dura oito semanas, e em que só comem cousas pouco saudaveis, e de difficil digestão. A dos Apostolos, que começa oito dias depois de Pentecostes, e dura tres semanas, e algumas vezes mais tempo, segundo os annos. A da Assumpção de N. Sr.ª, que dura quatorze dias. E emfim, a do Advento, que elles começam quarenta dias antes do Natal. Tem

comtudo mais tres quaresmas privativas; e dellas a 1.ª começa com a Festa de S. Demetrio, e dura vinte e seis dias: a 2.ª antes da Festa da Exaltação da Santa Cruz, e dura quinze dias: a 3.ª antes da Festa de S. Miguel, e dura oito dias.

O que deseja abraçar a vida monastica, não é para logo admittido. Só depois de muito solicitar é que o Superior lhe pergunta na Igreja—se de proprio moto vem buscar a Jesus-Christo, ou se o obriga a necessidade:—se renuncia ao mundo, e a tudo o que possue:—se permanecerá constante na vida monastica, na submissão aos Superiores, e na castidade, até á morte. Revêla-lhe a importancia do passo que vai dar; e diz-lhe que os Anjos estão promptos para receber um Voto, de que Jesus Christo lhe pedirá conta no Juizo Final.

Mas o recipiendo a tudo se submette. Já se lhe corta o cabelo em forma de cruz, começando no alto da cabeça; já se lhe dá a tunica e o barrete;—e eis o habito dos Religiosos de primeira classe. Ainda porém não é contado no numero dos Anjos; ainda está na linha dos penitentes. Tres annos são decorridos. O Sacristão o colloca á porta da Igreja; tira-lhe no vestibulo a recebida tunica, e dahi assiste á Missa, descalço, descoberto, e sem cinto. Começa o canto das Antiphonas; entra na Igreja; por tres vezes ajoelha no Sanctuario, e fica de pé ante o Superior:—« Jesus-Christo (lhe diz elle), sua Mãe » Santissima, e os Anjos, estão » presentes para ouvir-vos, e no

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



Porto. Lith. R. da Reboleira N.º 29 e 30.

MONGE GREGO,
com o grande e Angelico Habito.

» dia de Juizo vos hão de recom-
» pensar, não segundo vossas pro-
» messas, mas conforme vossas
» acções. Para que vos aproximais
» do altar? quereis vestir o habi-
» to Angelico? quereis de propria
» vontade, sem constrangimento,
» sem necessidade, servir ao SE-
» NHOR, permanecer até á morte
» no exercicio monastico, guar-
» dar castidade, e temperança,
» dar-vos á devoção, soffrer affli-
» ções, e austeridades, e obede-
» cer, em fim, ao Superior até
» morrer? » —

— Quero, e quero — respon-
de o Noviço. E depois de muitas
orações, por tres vezes o Superior
lhe dá e recebe as thesouras, até
que cortando-lhe de novo o cabel-
lo em forma de cruz, lhe entrega
a tunica, o cinto, o barrete, o
manto, as sandalias, e a cogula
— especie de véo, que elles põe
por cima do barrete, e lanção pa-
ra traz, pendendo-lhe apenas por
diante, sobre os hombros, duas
pontas da largura de quatro de-
dos. Tal é o vestuario dos Profes-
sos, a que se chama pequeno ha-
bito. Mas a cerimonia não está
acabada. Mais algumas orações;
e se lhe mette na mão o livro dos
Evangelhos, uma cruz, e se tem
ordens sacras, tambem um cirio.
Já o Superior o beija; e os outros
Monges vão beijar o Livro dos E-
vangelhos, o Superior, a cruz, e
o habito do recém-professo. Cinco
dias não sahe elle da Igreja, on-
de nem ao menos lêr pôde, que é
destinado todo seu tempo a se em-
pregar na oração, na meditação.

Ao Monge, que o péde, se
dá o Habito Grande e Angelico,
que é depositado sobre o altar. A

Matinas e Laudes acrescem mui-
tos Canticos. O Monge assiste á
Missa, sem cogula, e descalço.
As mesmas perguntas, o mesmo
côrte de cabello; mas a instruc-
ção mais longa. Ao habito do Pro-
fesso acresce o *anable*, que o Su-
perior lhe dá, e que é um panno
quadrado, da largura de um pal-
mo, e que se prende nos hombros
por meio de cordões, que tem co-
zidos nas quatro pontas, e pelos
quaes se passam os braços. A cruz,
e os instrumentos da paixão de
Jesus-Christo nelle estão represen-
tados; ou pelo menos, uma gran-
de cruz no meio, e nos lados qua-
tro mais pequenas com as letras
— IC. — XC. — NC. — *Jesus Cris-
tus vincit*. Diversa é porêem a co-
gula do Grande Habito; cobre os
hombros por diante, e por detraz;
tem um capello agudo com cinco
cruzes de fita de lã, uma na ca-
beça, uma no peito, pelo lado de
traz outra, e duas nos hombros.
Por sete dias fica tambem encer-
rado na Igreja o que toma o Gran-
de Habito; mas pôde entrar no
Sanctuario, posto que não tenha
ordens sacras. Ahi, no oitavo dia,
se lhe tira a cogula, e os outros
habitros, que lhe podem embara-
çar o trabalho.

Tanto os do habito pequeno,
como os do grande e Angelico,
deixão crescer o cabello. Tal ha
entre os derradeiros, que tem por
grande perfeição não concertar
nunca o habito, não cortar as
unhas, não lavar as mãos.

Todos os Monges trabalham
para o Mosteiro, em quanto nel-
le habitão. Este cuida das fructas,
aquelle dos grãos, est'outro dos
rebanhos. Os Noviços os auxilião;

que para isso, durante o Noviciado, se empregão mais no Campo, que na meditação, no retiro espiritual, e no estudo. Daqui a extrema grosseria e ignorancia dos Caloyros. Apenas nos grandes Conventos algum que pouco entenda o Grego litteral em que estão escritos seus livros de réza.

A necessidade de cultivar a terra obriga os Caloyros a receber muitos Irmãos Leigos. Não ha Convento que não tenha ao menos tantos como Coristas. Vivem estes pobres Leigos no campo quasi todo o dia, e nem por isso, e a despeito de seu cansaço, deixão de assistir á noite a uma longa oração, e de fazer numerosas genuflexões, a que chamão *Metanai*. Contentando-se depois com levissima cêa, vão repousar sobre umas taboas, até que o novo dia os chame á oração da manhã, e ao seu trabalho.

São os Conventos visitados por Exarcas, que delles arrancão o dinheiro, que o Patriarcha lhes exige. Trabalhem embora os pobres Caloyros, entreguem-se a grandes canseiras, fação suar seus Irmãos Leigos na grangearia de alguma cousa para a communidade: — lá lhes envia frequentes vezes o Patriarcha estes visitantes para os aliviar do que tiverem de melhor. E ainda a pesar disto, e do muito que aos Turcos pagão, Conventos ha com boas rendas, e

Monges tão ricos em seu particular, que algumas vezes tem ousado eclipsar o Patriarcha, e até apossar-se de sua séde á força de dinheiro.

Os *Egumenos*, ou Superiores dos Mosteiros, são muito estimados e respeitados pelos Religiosos, principalmente nas grandes Comunidades. Eleito o Superior pelos Religiosos, deve ser confirmado pelo Bispo, que na Igreja do Convento, e com varias ceremonias, lhe entrega o baculo pastoral.

Devem lavar-se os corpos dos Monges Gregos finados. E por que não podem ser vistos nús, aquelle, que é encarregado deste mister, ensópa uma esponja em agua morna, e apertando-a, esparge a agua em forma de cruz sobre o rosto, peito, mãos, joelhos, e pés do morto. Substituein-se-lhe os habitos velhos por outros mais decentes; e se é da 3.^a classe, põe-se-lhe a cogula, e desce-se-lhe o barrete até á barba, de maneira que lhe occulte o rosto. Envolto em um cobertor de lã, e com um cordão da mesma ligado em tres logares, e em forma de cruz, principia o longo officio de seu enterramento. Começa de caminhar o prestito, e ainda pára por tres vezes, e em cada vez se recitão novas orações, até que é dado á sepultura, lançando-lhe terra em cima, e derramando-lhe azeite da lampada.



PRINCIPAIS MOSTEIROS

DOS CALOYROS.

Faço-lhes saber, que tenho exemplo em dous grandes Santos, que forão o devotissimo Bernardo, e mais atraz o Grande Basilio, e ambos occupados em nos porem diante dos olhos, não sumptuosidades de edificios, por que nenhuns havia onde vivião: senão riquezas naturaes do Ermo, debuxadas com termos quasi poeticos, e tanta brandura, que fazendo musica nos ouvidos, e creando na alma desejos de fugir do povoado, accendem n'alma fogo de saudades do Ceo.

(FR. LUIS DE SOUSA. — HIST. DE
S. DOMINGOS.

QUANDO chegou o alfange de Turcos, e de outros Principes Mahometanos, mudou a Religião; e a Ordem de S. Basilio perdeu innumeros Mosteiros na Asia e na Europa. Quiz porém a Divina Providencia, que ainda muitos escapassem para darem testemunho de sua grandeza antiga.

Na Asia, no Monte Sinai, existe o mais consideravel Mosteiro de Monges Gregos, fundado pelo Imperador Justiniano. Derão-lhe elles o nome de Santa Metamorphose, e os Latinos o de Transfiguração de Jesus-Christo. Duzentos Religiosos tem debaixo de sua direcção o Abbade deste Mosteiro, que é tambem Arcebispo; sem contar os que vivem em outras paragens da mesma montanha, e da de Santa Catharina, — assim chamada, por que o corpo desta Santa para alli foi levado pelos Anjos, e por estes Monges

transferido depois para o seu Mosteiro de S. Salvador.

Foi da Transfiguração Santo Athanasio de Sinai. Foi neste Mosteiro que S. João Climaco compoz a sua Escala Santa. Para chegar-lhe ao cume forçado era subir mil e quatrocentos degrãos, que não sabemos se forão ou não feitos por ordem da Imperatriz Santa Helena; mas só que os vestigios lá existem. O edificio é quadrado. Um muro de cincoenta pés de altura o rodêa; tem uma só porta, e essa mesma tapada por temor dos Arabes. Por uma janella do lado do Oriente entrão os peregrinos, subindo em um cesto por meio de roldana; por ella, e do mesmo modo, dão de comer aos Arabes.

Na Cidade de Torre, assentada nas praias do Mar-Vermelho, e a cinco milhas do Monte Sinai, tem os Monges Gregos um Con-

vento, dedicado a Santa Catharina, e á Apparição de Deosa Moisés na Çarça ardente. Ahi grangearão uma espaçosa cerca a meia legoa da Cidade, no sitio que a Escriptura Santa chama *Elim*, e onde ella diz, que havia setenta palmeiras, e doze fontes amargas, que Moisés tornara doces, quando os Israelitas ahi passarão. Lá existem ainda as doze fontes, e a maior parte dellas dentro da cerca; mas voltou-lhes o antigo amargor; são quentes, e a uma dellas chamão os Arabes *Haman-Monsa*, Banho de Moisés.

A quatro ou cinco legoas de Jerusalem, e tres de Bethlem, na Palestina, está o Mosteiro de S. Sabbas. O nosso Fr. Pantaleam de Aveiro o visitou; e folgamos de aproveitar a discripção que delle nos offerece em seu Itenerario da Terra Santa.

— « Antigamente (diz elle), » no tempo que o glorioso Confessor de Jesu Christo, Santo Sabbá, morava neste Mosteyro, e era Abbade desta Abbadia, era hũa cousa muy grande, e espantosa: e segundo aquelles Caloiros nos affirmarão estar escrito no memorial daquella casa, habitavão nella tantos mil Monges, e foy Mosteyro dos mais célebres do mundo, e o mayor da Palestina. Nelle moravão muitos Santos Padres dos que andão nomeados no livro, que chamão *Vitas Patrum*, que affirmão escreveo o Doutor S. Jeronymo, e o mesmo glorioso Santo com seu Mestre S. Gregorio Nazianzeno, cujas cellas nos mostrarão os Caloyros: nelle morou o grande Epifanio,

» primeyro que fosse Bispo de Chipre, os gloriosos Abbades Arsenio, Daniel, e Pafuncio, e outros muitos Santos, cujas almas estão na gloria com N. S. Jesus-Christo. A Igreja deste Mosteyro é muyto grande, e muy alta, mas não tão grande que bastasse para onze mil Monges, ou mais, que affirmão haver estado naquelle Mosteyro: sómente havia alguns dedicados para o culto divino, os quaes jámais sahião do Mosteyro, nem menos os deputados para o serviço do Convento, e para administrar as cousas temporaes aos hospedes, e moradores da casa. Está a Igreja pintada de alto a bayxo, de pintura muy curiosa, e fina, de imagens de Santos, que alli morarão, e de outros muytos: e todos pintados á Grega, cuja pintura sempre representa penitencia. Mas as guerras passadas do Grão Turco com o Soldão do Egypto, foram causa de estar aquelle Mosteyro alguns annos despovoado, e recolhião-se os Arabes dentro, e quasi a todas as imagens tirarão os olhos, ficando o mais sem tocar.

« O Mosteyro he muyto grande e forte, e de tal maneyra na rocha viva edificado, que parece quasi hũa inexpugnavel fortaleza, com muytas maneyras de estancias altas, e bayxas, e dellas subterraneas, e algúas metidas na rocha, mas tudo confusamente, e sem ordem. Apartado do Mosteyro hum grande tiro de arco, tem hum torre muy grande, alta, e forte, na qual tem alguns arcabuzes, fun-



N. 10

PATRIARCHA GREGO,
de Jerusalem.

„ das , e arcos , e muyta pedra
„ para tirar. Vem do Mosteyro a
„ esta torre por hũa mina feyta
„ na pedra viva , com alguns pas-
„ sos mãos de passar , e peyores
„ de acertar : pela qual mina nos
„ levarão , não com pouco traba-
„ lho nosso , e quantos secretos
„ tinham em casa nos mostrarão.

„ De redor do Mosteyro , por
„ toda aquella vallada , que tem
„ hũa grande legoa de uma par-
„ te , e outra , de duas altas mon-
„ tanhas , que a fazem , estão
„ muytas cellas , em que antiga-
„ mente vivião aquelles Santos
„ Monges , feytas na rocha viva ,
„ a modo de ninhos de passari-
„ nhos , outras ajudadas da arte
„ humana , e outras todas de fa-
„ brica , e assim de diversas ma-
„ neyras. Entre ellas nos mostra-
„ rão a do Santo velho Zozimas ,
„ ao qual da outra parte do Jor-
„ dão se revelou a bemaventu-
„ rada Santa Maria Egypciaca.
„ Todo aquelle deserto até o mar
„ Morto , e o Rio Jordão , até a
„ Santa Quarentena , aonde nos-
„ so Redemptor jejuou , e até a
„ vasta solitudo , aonde esteve
„ por espaço de quatro annos o
„ glorioso Doutor S. Jeronymo ,
„ como elle mesmo de si escre-
„ ve á Virgem Eustochio , dan-
„ do-se á contemplação das cou-
„ sas celestiaes , e á lição das
„ Divinas Escrituras com tão es-
„ pantosa penitencia , que nem
„ da agua fria se permittia usar.
„ Todo este espaço que digo está
„ cheyo daquellas cellas , em que
„ aquelles Santos moravão , es-
„ condidos ao mundo , e manifes-
„ tos a Deos , chorando as suas
„ culpas , se as tinham , e as dos

„ proximos , os quaes em Deos
„ amavão. Em as grandes solem-
„ nidades vinhão a esta Abbadia ,
„ aonde se confessavão , e rece-
„ bião o SS. Sacramento , e so-
„ lemnizada a festa , todos junta-
„ mente se tornavão a seus domi-
„ cilio , e espeluncas. Os de me-
„ nos perfeção acodião o Do-
„ mingo a ouvir Missa , e ao
„ mesmo Domingo huns , e ou-
„ tros á segunda feira tomavão
„ as cousas necessarias para sus-
„ tentarem a vida toda a sema-
„ na , e se tornavão a suas habi-
„ tações. O deserto em que está
„ situado este Mosteyro , o qual
„ com este nome comprehende
„ algũas cinco , ou seis legoas ,
„ aonde morava tanta copia de
„ Santos , he de tanta aspereza ,
„ que causa admiração , nem ha
„ nelle arvore alguma , ou cousa
„ verde , somente vimos dentro
„ em hum alegrete no Mosteyro
„ huns pés de salsa , no valle ha
„ alguma herva de que os Ara-
„ bes se aproveytão. Agoa nati-
„ va não ha em todo aquelle
„ circuito , que seja para beber :
„ mas tem os Caloiros duas gran-
„ des cisternas , que copiosamen-
„ te lhe abastão , e ainda dão del-
„ la algumas horàs aos Arabes
„ seus familiares. Diante da Igre-
„ ja nos mostram o lugar e cella ,
„ aonde passou o curso de sua
„ peregrinação o bemaventurado
„ pay de companhas Santo Sab-
„ bá , Principe , e Capitão de tão
„ glorioso exercito , como o que
„ naquelle deserto asperissimo ser-
„ vio ao Senhor Deos , com con-
„ tinuas vitorias do Mundo , Car-
„ ne , e Demonio. ” —

Os outros Conventos que os

Monges Gregos tem na Asia, são mui pouco consideraveis; mas não assim os de Europa. No monte Himetto, donde se descobre toda a Attica, grande parte do Archipelago, e da Moréa, o Istmo de Corintho, e Negroponto do outro lado até o Euripo, tem elles dous Mosteiros, um dos quaes se chama *Hagio-Janiho-Charias*, e o outro *Agios-Kiriani*. Lá se encontra ainda outro já abandonado, bem como alguns em Athenas. Na raiz de *Pendeli*, ou *Penteli*, outra montanha da Attica na proximidade de Athenas, existe um Mosteiro dos mais célebres, e que della tomou o nome. Raras vezes tem estes Monges menos de cinco mil enxames de abelhas, alem de muitas terras lavradas, rebanhos de gado, e grandes vinhóes, e oliveis. O Mosteiro, situado entre os pincaros da montanha, torna-se de verão o mais aprazivel. Delle sahem muitos regatos, que serpentando se dirigem a viveiros de peixe, e depois aos seus moinhos.

Em Naxo, Ilha do mar Egêo, tem igualmente muitos Mosteiros, de que o principal se chama *Farranomeni*. Em Paros, outra Ilha do mesmo mar, e uma das Cycladas, tem seis ou sete bellissimos Mosteiros. Na Ilha de Chio, e na Aldèa de Calimache, uma das principaes, existe, no meio de bosques e rochedos o Mosteiro *Niamogni*, que quer dizer Unica Virgem. Em uma arvore fôra encontrada a imagem de Nossa Senhora, que milagrosamente escapára entre muitas a que se pozeira fogo; e o Imperador Constantino Monomaco fez voto de naquelle sitio edificar uma Igreja,

se subisse ao throno, de que fôra expulso. Cumprio-se o voto no anno de 1050. Trinta e duas columnas de marmore, conduzidas de Constantinopla, adornão esta bella Igreja. Detraz da Capella mór se vê a milagrosa Imagem, pintada em páo, e no sitio em que vegetara a arvore, que a escondera. O Mosteiro tem a forma de um grande castello.

Perto da Aldea de *Arni*, e de *Amolacos*, na Ilha de Andra, antigamente *Andros*, e a mais fértil de todo o Archipelago, está fundado o Convento, que se chama *Tagia*, com seis outros mais pequenos. Outro existe em Patras, Cidade do Peloponeso; e na estrada, que desta Cidade vai para *Glycana*, se vê o Mosteiro de *Hierocomium*, com Igreja dedicada a *la Panagia*, isto é, á Santa Virgem.

Mas no monte Athos, em Macedonia, é onde os Caloyros são mais estimados. Vinte e tres Mosteiros ahi existião, que chegarão a contar seis mil Monges, e que tem successiva e consideravelmente diminuido. Tudo alli é admiravel! e depois de tantos seculos, e apesar das irrupções de barbaros, e da diminuição de Turcos, ainda conservão sua magnificencia. E' nestes Mosteiros que de todo o Oriente vem fazer seu Noviciado os que aspirão ás primeiras dignidades; e daqui voltão ao seu paiz, onde são recebidos como Apostolos.



OS MONGES MELCHITAS.

GEORGIANOS, E MINGRELIENSES.

Les Georgiens professent la religion chrétienne, et appartiennent, pour la plupart, à l'église grecque orthodoxe. Dans cette nation, les hommes sont grands et robustes; ils ont l'humeur guerrière et quelquefois farouche; ils sont intelligents, hospitaliers, mais ignorants et peu affables. Leurs femmes ont des traits délicats et réguliers, le regard doux, la taille élancée, et la peau blanche. Leur beauté leur a de tout temps valu une grande célébrité.

(M. CESAR FAMIN.)

OBEDECERA o Imperador Marciano ao Concilio de Calcedonia; e os que com elle obedecerão se chamarão no Levante Melchitas, ou realistas. Syrios, ou Surianos, Coptas ou Egypcios, fossem em fim de qualquer das outras nações da Igreja Oriental, todos se chamarão Melchitas, que vem do hebraico *Melech*, e significa Rei, ou Principe.

E com tudo já os Melchitas não são Orthodoxos, por que abraçarão os erros dos Gregos; e não ha Christãos, que mais oppostos sejam á Primazia do Summo Pontifice. Mas derão tambem apreço á vida monastica. Lá tem Monges e Religiosas, que seguem a Regra de S. Basilio, e officião na lingua Arabica.

Na fertil, antiga, e populosa Damasco, outr'ora capital da Syria, e uma das primeiras Cidades

em que S. Paulo semeou a palavra, que fructificou rapidamente, e mudou a face do mundo: — nesta terra de cultos e de prodigios, tem os Monges Melchitas dous Conventos, e outros dous as Religiosas uma jornada afastados da Cidade, mui ricos, e onde vivem clausuradas.

Damasco ainda existe; mas tambem existe, e existirá a Prophesia de Isaias no Cap. 17: *Onus Damasci, ecce Damascus desinet esse civitas, et erit sicut acervus lapidum in ruina.* — Profecia de Damasco: Eis aqui Damasco deixará de ser Cidade, e será como um monte de pedras, que cahem sobre outras. —

Uma vasta Região se estende entre o Mar Caspio, e o Mar Negro; fica-lhe ao sul a Armenia, o Don ao Setentrião. Chama-se Georgia, terra classica das formosas

da Asia; mas tão formosas quanto infelizes, e tyrannisadas, em quanto a Russia não estendeo sua protecção ás provincias do Caucaso. Victimias de um sordido interesse, e quasi sempre dos proprios parentes, erão ellas furtadas, e vendidas para irem povoar os harens do Oriente, mal que sua infantil belleza começava a desabrochar, e quando, como diz o nosso Caldas:

De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

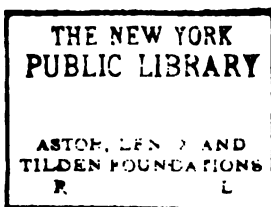
Faz parte da Georgia o Reino de Mingrelia. E' a Colchida dos antigos, famoso theatro dos amores de Jason e Medéa, e da infeliz expedição dos Argonautas. Serve-lhe de limite ao Occidente o mar Negro, as montanhas do Caucaso ao Oriente, ao Sul a Armenia, a Circacia ao Norte. Na Mingrelia, e em toda a Georgia cêdo foi vista brilhar a luz do Evangelho.

Tinha Diocleciano as redeas do Imperio. Na Armenia reinava Tiridates; na Georgia Miriano: e era pelos fins do 3.º seculo. Uma escrava a quem as chronicas Armenias chamão *Nina*, e que os Martyrologios só designão pelo nome de *santa serva christã*, trouxe á Georgia a Fé de Jesus-Christo, a par do exemplo de todas as virtudes. Em *Misketha* fez o Rei Miriano construir uma Capella de Madeira em que forão depositadas preciosas reliquias; e Mirdat, seu neto, substituiu com uma Igreja de pedra a pobre barraca edificada pela mesquinha piedade de seu avô. Cresceo em bre-

ve, e se tornou frondosa a arvore do Christianismo na Georgia, e na Mingrelia; mas hoje.... seguem ambas em parte a seita dos Armenios, e em parte a dos Gregos. Christãos se dizião estes povos; mas nem ao menos todos elles recebião o baptismo, pela crassa ignorancia de quasi todos os seus Bispos e Presbiteros, que nem a sua forma sabião. Maravilha era quando o *Catholicos*, chefe do Clero, e quando os Bispos sabião ler. Nomeados pelo Principe, posto que de religião mahometana, e sendo quasi sempre seus parentes, nenhum cuidado tinham de seus rebanhos; e em vez de visitarem as Igrejas e as Dioceses, continuamente vivião nos festins e na crapula, gastando assim as rendas, que lhe produzia o abominavel trafico da venda das mulheres e filhas de seus subditos.

Reconhecerão estes povos antigamente o Patriarcha de Antiochia, mas derão depois obediencia ao de Constantinopla, tendo comtudo a Georgia e a Mingrelia cada uma seu Primaz especial, a que chamão *Catholicos*. Doze Bispos havia outr'ora na Mingrelia. Delles os seis, que permanecerão, forão: *Dumdars* — *Moquis* — *Bedias* — *Ciais* — *Scalingicas*, onde estão as sepulturas dos Principes — e *Scondidi*. Os outros converterão-se nas seguintes Abbadias: *Chiaggi* — *Giopurias* — *Copis* — *Obbugi* — *Sebastopoli*; e *Anarghia*.

Só por que se abstem de comer carne, como os Bispos Gregos, e por que com o mais povo observão as mesmas quaresmas, reputão-se os Prelados da Georgia





F //

MONGE MINGRELIENSE.

e da Mingrelia mais exemplares que os da Igreja Romana. Na prática destes jejuns fazem elles consistir todos os deveres da lei de Jesus-Christo.

Com tão sabios e virtuosos Prelados, que se póde esperar dos Presbiteros? Se sabem ler, ou se aprendem de cór uma Missa, e podem dar ao Bispo o valor de um cavallo, ali os tendes ordenados, podendo com tudo casar, e quantas vezes quizerem. E o povo, assim pastoreado, vive em sua natural bruteza; não tem a mais ligeira idea da Fé, e da religião, tracta de sonhada e fabulosa a vida eterna, o Juizo universal, e a resurreição dos mortos! Tão descompassado proceder bem mercede o pouco respeito que os Georgianos consagrão aos Ministros da sua religião. O Principe obriga os Ecclesiasticos, e até os mesmos Bispos a servir na guerra; e os principais servem-se dos Presbiteros como de criados.

Com mais alguma consideração para com seus Bispos, nem por isso os Mingrelienses desprezão menos os Presbiteros, avaliando assim sua ignorancia, e frequentissima embriaguez. Um Padre Mingreliense só durante a Missa é respeitado.

Tão pouco instruidos como o clero são os Monges Mingrelienses. Dá-se-lhes o nome de *Beres*, e vestem-se como os Clerigos seculares, só com a differença de que estes deixão pouca barba, e rapão o alto da cabeça em forma de coroa, cortando o cabello em roda por cima das orelhas; em quanto aquelles deixão crescer livremente o cabello e a barba.

*

Consiste o vestuario de uns e outros em uma camisa, que chega ao joelho, e que apanhão dentro de umas ceroulas ou calças; por cima usão de uma especie de veste mui curta, e bem assim de um feltro mui semelhante á clâmide dos antigos, enfiando-a pela cabeça, e voltando-a deste ou daquelle lado, conforme o vento ou a chuva; por que apenas cobre metade do corpo, e não passa do joelho para baixo. Em lugar de sapatos servem-se, principalmente os Religiosos, de uma solla ou palmilha de pelle de bufalo, não curtida, e que ligão ao pé por meio de uma correa da mesma pelle.

Com mui pouca cerimonia se faz a profissão destes Monges. Vem dos pais sua vocação, que desde a infancia os destinão para este modo de vida, pondo-lhes na cabeça um *solidéo*, deixando-lhes crescer o cabello, recommendando-lhes que não comão carne, e em summa, dizendo-lhes que são *Beres*. O resto da sua educação é confiado a outros *Beres*, tirando sempre mais vantagem os que são entregues a Monges Gregos.

Sabem um pouco mais os Religiosos Georgianos; e nos seus Mosteiros se instrue nos mysterios do Christianismo grande parte dos Christãos da Georgia, aprendendo tambem a ler e escrever. Estes Monges trajão como os Gregos, e se dizem da Ordem de S. Basilio, bem como os Mingrelienses.

Tambem ha Religiosas tanto na Georgia, como na Mingrelia. Mal que nas meninas se começãvao a desenvolver a formosura e

graças, temporariamente erão pelos pais encerradas nos Mosteiros, a fim de escaparem á sordidez de outros parentes, que as furtavão e são vender na Persia ou na Turquia, como já levamos dito. Nos Mosteiros se applicão á leitura, e muitas dellas ahi passam a vida inteira. Affirma-se que, depois de professas, e logo que chegam a uma certa idade, tem permissão de baptisar, e até de applicar os Santos Oleos, á maneira dos Bispos.

Trajão ellas á Persiana, bem como todas as outras mulheres da Georgia; só com differença de que o vestuario é preto, e usão de um véo que lhes cobre quasi todo o rosto, e que deixa apenas divisar-lhe os olhos. Como ha maior numero de Mosteiros de Donzellas que de Monges, acontece que as mulheres são mais instruidas que os homens, e sabem melhor as cousas da Religião.

Na Mingrelia porém ha muita mais variedade entre as Religiosas. Umas são donzellas, que havendo entrado na idade nubil, não tem vocação para o casamento. Outras são criadas, que morrendo-lhe os amos, se fazem Berres, juntamente com suas amas. Taes outras são viuvias, que renunciarão a segundas nupcias. Algumas são mulheres que depois de haverem saboreado o mundo, se resolvem a o abandonar, quando a idade começa a lhes rugar as faces, quando seus encantos se esvaecem, e quando já o mundo as regeita. Ha outras, que são repudiadas pelos maridos. Outras

em fim, que a pobreza condemna a se fazerem Religiosas, que pedem esmolla nas Igrejas, e a quem ella se dá com mais liberalidade por attenção ao seu habito. Todas estas Religiosas trajão tambem á Persiana, mas de preto; todas se abstem de comer carne; mas não guardão clausura, nem fazem perpetuo voto da vida monastica, que podem deixar quando lhes apraz.

Os Georgianos (a quem Fr. Pantaleam d'Aveiro chama *Gorgios* e *Gorgianos*), que habitão na Terra Santa, obedecem ao Patriarcha de Jerusalem; mas abandonarão quanto possuíão nos Logares Santos, dando-o como penhor aos Gregos, que por elles havião pago avultadissimas quantias de dinheiro a Turcos e Judeos. Parece comtudo que ainda tinhão uma Capella no Monte Calvario no tempo em que elle visitara aquelles Santos Logares, por que no cap. 29 do seu Itenerario da Terra Santa se lê:

« Recolhem-se estes Gorgios » dentro na Casa Santa em hũas » Capellas debayxo do Calvario: » e vem o buraco da Santa Cruz, » quasi direyto a huma dellas, » logar aonde elles affirmão, que » foy achada a caveyra de nos- » so pai Adam: e que estando » nosso Redemptor na Cruz crucificado; seu Divino Sangue » correo de maneyra, que foy » dar na caveyra, e a banhou toda, e tem os Gorgios isto tanto por fé, que não haverá quem » lhe faça crer outra cousa. »

OS HOMENS RUSSOS.

OU

MOSCOVITAS.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.

(CAMÕES, LUSIAD. CANT. 3.)

DESDE o desenvolvimento das Sociedades, desde a ambição dos Conquistadores fornece exemplos de monstruosas aggregações de paizes separados, não menos pela diversidade de clima, que por sua espantosa distancia, nunca existio um Imperio maior que o da Russia. A monarchia de Alexandre Magno não abraçou metade da sua superficie; e o soberbo Senado de Roma nunca de tão longe fallou aos povos, que lhe erão sujeitos, como o Autocrata da Russia, cuja voz ressoa desde as margens do Dniéper até ás do Jenissei, desde o palacio de S. Peterburgo até ao cume do Caucaso.

Neste immenso Imperio, conhecido igualmente pelo nome de Moscovia, tem existido o Christianismo desde que os Gregos nelle o introduzirão, bem que não em sua pureza verdadeira; e a Ordem de S. Basilio multiplicava-se na Russia, ao passo que decahia no Oriente, onde os mais

de seus Mosteiros estavam fundados em provincias, que tiveram a desgraça de succumbir ao alfange dos Turcos. Mas Religiosos e Povo, jámais quizerão ouvir fallar em união com Roma, e permanecerão obstinados, não só nos erros, que dos Gregos receberão, mas em muitos outros, que accrescentarão, e donde se gerou scisma entre elles e os mesmos Gregos.

Annunciaria o Apostolo Santo André o Evangelho aos Moscovitas, como alguns pretendem? Elles mesmos ignorão quando seus maiores renunciarão ao culto dos idolos. E a opinião mais seguida é de que só pelos annos de 987, ou 989, por meio dos Gregos receberão o Christianismo, em tempos do Grão Duque Wolodimero.

— « Tarde foi recebido na » Russia o Christianismo (diz Mr. » de Voltaire na sua Historia de » te Imperio), assim como em to » dos os outros paizes do Norte. » Pretende-se que uma Princeza,

» chamada *Olha*, alli o introdu-
 » zira no fim do seculo decimo;
 » como *Clotilde*, sobrinha de um
 » Principe ariano, o fizera rece-
 » ber entre os Francos; a mulher
 » de um *Miscilas*, Duque de Po-
 » lonia, entre os Polacos; e a ir-
 » mã do Imperador *Henrique 2.º*,
 » entre os Hungaros. E' sorte das
 » mulheres serem sensiveis ás per-
 » suasões dos Ministros da Reli-
 » gião, e persuadirem os outros
 » homens.

« Esta Princeza *Olha* (acres-
 » centa-se) fez-se baptisar em
 » Constantinopla, onde lhe derão
 » o nome de *Helena*; e della, a-
 » penas christã, se enamorou lo-
 » go o Imperador *João Zimiscés*.
 » Parece que era viuva, e que
 » nada quizera com o Imperador.
 » O exemplo da Prinzeza *Olha*,
 » ou *Olga*, não fez a principio
 » grande numero de proselytos.
 » Seu filho *Sowastoslav*, que rei-
 » nou longo tempo, teve mui di-
 » verso modo de pensar; mas seu
 » neto *Volodimero*, nascido d'uma
 » concubina, e que assassinou seu
 » irmão para reinar, procurando
 » a alliança de *Basilio*, Impera-
 » dor de Constantinopla, sómen-
 » te a obteve debaixo da condição
 » de se fazer baptisar. Foi nesta
 » época, em 987, que a Religião
 » Grega começou a se estabelecer
 » na Russia. Um Patriarcha de
 » Constantinopla, chamado *Chry-*
 » *soberge*, enviou um Bispo a ba-
 » ptisar *Volodimero*, para acres-
 » centar ao seu patriarchado esta
 » parte do mundo.

« Volodimero por tanto aca-
 » bou a obra começada por sua
 » avó. O primeiro metropolitano,
 » ou Patriarcha da Russia foi um

» Grego.....
 » Um dos Patriarchas Gregos,
 » chamado *Jeremias*, vindo a Mos-
 » cou pedir soccorros, depois de
 » um processo no divan, renun-
 » ciou em fim á sua pretensão á-
 » cerca das Igrejas Russas, e em
 » 1588 sagrou Patriarcha o Arce-
 » bispo de Nevogorod, chamado
 » Job.

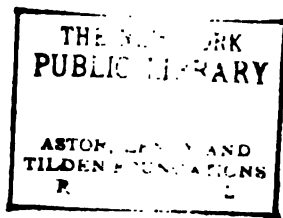
« Desde então a Igreja Russa
 » foi tão independente como o seu
 » Imperio. E na verdade era peri-
 » goso, indecente, e ridiculo que
 » ella dependesse de uma Igreja
 » Grega, escrava dos Turcos. En-
 » tão começou o Patriarcha da
 » Russia a ser sagrado pelos Bis-
 » pos da mesma nação, e não pe-
 » lo Patriarcha de Constantinopla.
 » Teve elle logar na Igreja Gre-
 » ga depois do de Jerusalem; mas
 » foi o unico Patriarcha livre e
 » poderoso, e por consequencia o
 » unico real; por que o de Jerus-
 » lem, de Constantinopla, de An-
 » tiochia, e de Alexandria, não
 » são mais que chefes mercena-
 » rios, e despreziveis de uma Igre-
 » ja escrava dos Turcos. E até os
 » de Antiochia e Jerusalem já nem
 » são considerados como Patriar-
 » chas, nem tem mais credito que
 » os rabbinos das Synagogas esta-
 » belecidas na Turquia. » —

Foi por tanto no seculo 10.º
 que se introduzio o Christianismo
 na Russia, e com elle a vida mo-
 nastica. Autores ha, que preten-
 dem que os Monges Moscovitas
 não sabem de que ordem são; mas
 é certo que seguirão sempre a Re-
 gra de S. Basilio, apesar de lhe
 haverem feito diversas alterações,
 do mesmo modo que o Patriarcha,
 e os outros Prelados Moscovitas



Porto. Lith. R. da Rebouça. N.º 29 e 30

BISPO MOSCOVITA



tem feito mudanças na lithurgia dos Gregos, sem embargo de seguirem a sua Religião.

Um incrível numero de Mosteiros, tanto de Monges como de Donzellas, se encontra em toda Moscovia. Delle se pôde fazer ideia pelo que se lê em Olearius, o qual afirma que na Cidade de Moscou, havia mais de quinhentos Conventos, Igrejas, e Capellas, e que só na Cidade de Nevogorod se contavam setenta Mosteiros; sendo tão grande o numero delles nas dependencias da Cidade, que o Czar João Basilio, por desconfiança que teve da fidelidade de seus habitantes, a arruinou em 1569.

Setenta e cinco Mosteiros da Cidade de Novogorod forão então saqueados e queimados; mortos, ou expulsos ás lançadas e alabardadas todos os seus Abbades e Monges, sem que ao menos o Arcebispo escapasse a taes horrores. Tivera elle a ventura de poder evitar o furor, e desenfreamento dos soldados. E julgando amaciar o Tyranno com lhe dar um grande festim no seu Palacio: durante elle mandou o Czar metter a sacco o magnifico Templo de Santa Sophia, e todos os thesouros das outras Igrejas, que nelle se havião depositado como em um asylo inviolavel; e acabado que foi o jantar mandou saquear tambem o proprio Palacio do Arcebispo, que depois de preso, indignamente mandou passear em uma egoã branca, levando penduradas ao pescoço uma viola, uma cithara, e pequenas gaitas, que pretendia que elle tan- gesse.

Entre os mais consideraveis Mosteiros da Moscovia tem o pri-

meiro logar o de *Troitzá*, a doze legoas de Moscou, e a que elles dão o nome de *Sergeof-Troitzá*, de um Abbade chamado Sergio, que ahí morreo no anno de 1563, e que por seus pretendidos milagres foi por elles canonisado. Mais de trezentos Monges se aproveitavão da riqueza deste Convento, riqueza que todos os dias augmentava, pela liberalidade Real, e pelas esmollas dos peregrinos. Duas vezes no anno alli vinha o Principe de romagem; e prehenchidas suas devoções, alli se divertia alguns dias monteando, fornecendo-lhe o Abbade, bem como a toda a sua comitiva, os precisos viveres e forragens.

Era o divorcio permittido na Russia. O conjuge deixava a consorte quando assim lhe aprazia, e se retirava para qualquer Mosteiro, onde tomava o habito de Religioso. Se ella passava a segundas nupcias, podia elle tomar ordens de Presbitero; e este singular costume tem atravessado os seculos, que por isso diz o nosso Gil Vicente:

Que o costume
He tão accendido lume,
Depois que está encarnado,
Que, até não ser acabado,
Nenhã cousa o consume.

A mais ordinaria causa do divorcio, ou pelo menos o seu pretexto mais plausivel é a devoção. Deixa um homem sua mulher, sem que ella nisso convenha: abandona os filhos, sem que o inquiete sua subsistencia, e futura sorte: retira-se para algum Mosteiro:— e diz que o faz por que mais ama a Deos, do que a mulher e os fi-

lhós; e Deos sabe quantas vezes um mero capricho substitue esse amor das cousas do Ceo!

Quando com fria mão a pálida doença toca alguma pessoa de qualidade, e a põe em perigo, toma ella o habito de Monge, e recebe a Extrema Unção. Desde este momento já não é licito dar-lhe remedio, ou alimento algum. O que assim toma o habito, a que chamão Seraphico, já não é contado entre os homens, (dizem elles), torna-se um Anjo; e se contra toda a esperança chega a escapar da enfermidade, forçado lhe é cumprir seu voto — dissolver seu casamento — entrar em um Mosteiro.

Christãos apostatas, Tartaros, e Pagãos, que queirão abraçar a Religião dos Moscovitas, devem previamente retirar-se para algum Convento, onde os Monges os instrução por espaço de seis semanas. E comtudo são estes Monges ignorantissimos, que nem ao menos sabem dar conta da sua Religião! E mui facilmente, assim mesmo, acredita o povo todas as fabulas com que o mimoseão!

O Patriarcha, Arcebispos, e Bispos da Moscovia, todos são tirados dos Claustros, conforme a an-

tiga pratica dos Gregos; e trajão de preto, assim como os Monges. Consiste seu habito em uma vestidura ou sotana, sobre a qual lanção um comprido manto; e trazem na cabeça um capêllo ou véo negro, que lhes pende sobre o pescoço e costas. Distingue-se comtudo o habito dos Bispos do dos Monges, por que aquelles trazem aos lados do manto tres listas brancas, para assim mostrarem (como elles dizem) que manão de seu coração como torrentes de boa doutrina, e de bons exemplos. Ha tambem na Russia alguns Bispos Gregos, que usão de um manto igual; e tanto uns como outros não comem carne, e observão as quaresmas Gregas. Jejuão comtudo os Monges com mais estreiteza do que o povo; e tais ha que se contentão com um pequeno pedaço de pão, e pouca cerveja.

Fazem os Monges Moscovitas votos de pobreza, castidade, e obediencia. Aquelle que os infringe, ou que do Mosteiro deserta como apostata, se chega a ser apanhado tem prisão perpetua; e nenhum Monge é dispensado destes votos, apesar da grande authoridade dos Arcebispos, e Bispos.



OS GREGOS GREGOS.

NA

POLONIA.

On se lasse à force de revers, des espérances toujours trompées s'évanouissent enfin, les âmes s'affaissent; et plus les Polonois auront fait d'efforts pour conserver leur indépendance, plus leurs ennemis, qui en auront triomphé avec peine, sentiront la nécessité de les accabler sous un joug rigoureux:

(MABLY. — DU GOUVERNEMENT ET DES LOIX DE LA POLOGNE.)

Ao scintillar do alfange turquesco, muitos Gregos Christãos se retirarão do Oriente para Europa. Espalharão-se por diversos Reinos, e principalmente pela Polonia, povo magnanimo e generoso, outr'ora grande nação, que comprehendia a antiga Sarmatia Germanica, a parte Oriental de Germania até ao Vistula, muitas outras grandes e populosas Provincias, e que hoje....victima dos abusos da força, como que não existe! Mas os que a riscarão da lista das Nações, nunca a poderão riscar da lembrança dos homens, nem obscurecer o brilho de sua glória; e em quanto existirem corações sensiveis, ha de ella ser admirada, e carpida.

Incertas são as noções que existem relativamente á antiga Religião da Polonia; parece comtudo que erão idólatras os primitivos Po-

lacos, e que idólatras continuarão a ser durante os dez primeiros seculos do Christianismo. Reconhecião duas classes de Divindades: uma, que se compunha da maior parte dos deoses do Paganismo: outra que comprehendia certo numero de divindades particulares, que ou tinham recebido de seus antepassados, ou lhes forão inoculadas por alguns impostores. Adoravão Jupiter debaixo do nome de — Jassem —, Marte, debaixo do de — Liada —, ou — Ladon. — Chamavão a Venus — Dzidzielia —, a Plutão — Niam. — Honravão Diana e Ceres; aquella chamava-se — Dziewanna —, esta — Marzanna. — Reconheceraõ tambem Castor e Pollux debaixo dos nomes de — Lel — e — Polel —; e ainda agora muitos Polacos, por um costume, cuja origem lhes é desconhecida, fazem ressoar estes

nomes em seus festins, como em signal de alegria.

Não contentes, como disse-mos, com os deoses do paganismo, crearam também deoses proprios, e que em nenhuma outra parte erão conhecidos. O ar tranquillo e sereno era entre elles uma divindade a que chamavão *Pogoda*. O ar sombrio e nebuloso, era outra divindade a que chamavão *Pochvist*. Reconhecião ainda outra, que, segundo elles, presidia á vida dos homens, e que adoravão debaixo do nome de Ziwic. — « Es-
» ta horrivel idolatria (diz o Ca-
» valheiro de Solignac, na Histo-
» ria Geral da Polonia) menos se
» deve attribuir á ignorancia, do
» que á dissolução destes povos.
» A corrupção do coração fazia
» então pagãos, como hoje faz a-
» theos. » —

Lá lhes chegou com tudo a luz do Evangelho; e foi devido este prodigio á formosura. Casara a gentil Dambrowcka, ou Dobrawa, filha de Boleslas, Duque de Bohemia, com Miecislav, ou Micislas, ou Miesko 1.º de Polonia. Dobrawa, na lingua esclavonia, significa boa; e não desmentia ella o nome pela doçura de seus habitos e meneios. Era christã; projectara converter o esposo; e com o exemplo começou a inter-reirar sua pretenção. Miecislav, ainda gentio, assombrado da estreiteza de suas abstinencias, e sensível a seus conselhos e persuasões, resolveo renunciar aos falsos deoses. Um grande sacrificio foi o primeiro resultado de sua convicção. Permittia-lhe a lei muitas concubinas: sete contava o Principe; — a todas renunciou, e

recebeo o baptismo em 7 de Março de 965, ou 966.

Desde então se enraizou na Polonia a Fé Orthodoxa. Desde então os Christãos Gregos do Oriente obtiverão permissão de viver segundo seu Rito; e daqui procedeo que em muitas Dioceses havia dous Bispos, um Latino, outro Grego: dous Bispos, por exemplo, nas de *Premissia*, e de *Chelm*: tres Arcebispos em *Lwow*, ou Leopold, um Latino, outro Armenio, e outro Grego.

Em seus erros perseverarão estes Christãos Gregos, até que dando Deos uma aldrabada nas portas da alma de Miguel Ragoza, Arcebispo de Kiovia, e seu Metropolitano, reconheceo este Prelado seu desvio, e resolveo unirse á Igreja Romana.

Ao meio dia da provincia de Smolensko achais a provincia de Kiovia, que é a pequena Russia, a Russia vermelha, ou Ukrania, cortada pelo Dnieper, a que os Gregos chamarão Borysthenes. Kiovia, sua capital, e que antigamente se chamava Kiovia, foi edificada pelos Imperadores de Constantinopla, que a fizeram colonia. Lá se veem ainda inscrições gregas de mais de doze seculos, e talvez seja a unica povoação com visos de antiguidade em um paiz onde os homens viverão tantos seculos sem levantar paredes.

Para fim tão nobre juntou o illustre Prelado de Kiovia os outros Bispos em 2 de Dezembro de 1594, e os persuadio a que seguissem seu exemplo. Forão coroados seus esforços. Resolverão todos anniquillar o Scisma, renunciar a seus erros, e abraçar as verdades

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



BISPO GREGO NA POLONIA.

da Igreja Catholica. Erão todos estes Prelados Monges da Ordem de S. Basilio; e facil lhes foi reunir em torno de sua bandeira os Monges dos numerosos Mosteiros que então existião. Uma deputação de dez Bispos, e alguns Archimandritas dos Mosteiros, levando á sua frente o Arcebispo de Kiovia, foi reconhecer o Summo Pontifice Clemente 8.^o como Soberano Chefe e Pastor da Igreja Universal. O Pontifice os recebeu com a maior affabilidade e cortezia; deo-lhes audiencia em Consistorio Publico no dia 22 de Dezembro de 1595; e foi ouvida sua profissão de Fé no meio das maiores demonstrações de alegria.

Mas na Polonia havião ficado muitos afferrados ao Scisma; e receando que a nascente união com a Igreja Romana fizesse rápidos progressos, começaram de perseguir cruelmente os Catholicos: arrancarão a vida a muitos, e arruinarão grande numero de Mosteiros.

Largos annos durarão tão improbos trabalhos. Correo o nobre sangue de muitas victimas illustres; por que como bem disse o nosso Filinto Elysio:

Nunca foi salvo derramar verdades:
Tem sempre o Erro, em pé, o cadafalso
Para o Sabio, que a mascara lhe rasga,
Lhe amostra a face horrenda.

O bemaventurado Josaphat Kuncevizzi, Arcebispo de Polocko, zeloso, e valente defensor da Fé Catholica, e da União com a Igreja Romana, acabou ás mãos dos scismaticos no Burgo de Witebsko, em 12 de Novembro de 1623. Glo-

ria eterna, immarcessivel honra a este Martyr de Jesus-Christo! Os milagres, que obrou depois de morte tão sublime, não forão desattendidos pelo Summo Pontifice Urbano 8.^o, que no anno de 1643 o numerou entre os Bemaventurados.

Tantos contratempos, e perseguições tão grandes, não poderão obstar a que a Fé Orthodoxa caminhasse com passos de gigante por aquellas Regiões. Mais de dous milhões de Scismaticos e de Infieis forão convertidos por Joseph Velaminus Rucski, outro Arcebispo de Polocko, e da familia do Grão Duque de Moscovia; e o Arcebispo de Hieropolis, Melzius Smotriski, que fôra no tempo do Scisma um dos mais encarniçados perseguidores dos Catholicos, veio em fim a reconhecer seu erro; e abraçando a União, e renunciando ao Scisma, se tornou um dos mais strenuos defensores da Fé Catholica, morrendo em cheiro de Santidade.

Informado o Summo Pontifice Urbano 8.^o do progressivo augmento da Religião Catholica naquella Nação, quiz para ella fundar um Collegio em Roma, onde os mancebos se educassem em piedade, e se instruissem nas Letras Humanas; sem que com tudo pozessem de parte seu antigo Rito, e ceremonias ecclesiasticas. Dest'arte se habilitarião elles para na sua patria resistirem aos Scismaticos, e com mais vantagens promoverem o augmento da União.

Mas é tempo de particularmente nos occuparmos dos Monges Gregos da Polonia. Prestão elles obediencia a um Primeiro Ar-

chimandrita, ou Geral de toda a Russia, por elles mesmos eleito em virtude de um privilegio, que lhes concedera o Pontifice Urbano 8.º em 4 de Outubro de 1624; mas Archimandrita, e Religiosos, dependem todos em certo modo do Metropolitano, que tambem é Religioso como todos os outros Bispos.

O principal emprego dos Monges nestas provincias é prégar, administrar Sacramentos, ensinar as ceremonias da Igreja aos novos ordenados, defender a Fé contra as entreprezas dos herejes, e promover e augmentar a união da Igreja Grega com a Latina.

Os Monges Polacos não tração como os Moscovitas, e o mesmo acontece ás Religiosas. Seguem o Rito Grego; officião em lingua esclavonia; e tem seus Collegios em Olmutz, em Villna, e em outras partes.

Muitos Mosteiros existem ainda hoje em uma nação, que, apesar de suas desgraças, ostenta no meio da Europa civilisada e corrompida costumes antigos, sobriedade, resignação no infortunio, e uma singular alliança de valor guerreiro com habitos os mais pacíficos. Nem ha ainda muitos annos

que desapareceo um costume antigo, que se faz remontar aos tempos de Miesko 1.º; e era que, durante a leitura do Evangelho, os Polacos desembainhavam a espada, com ella apontando para o altar, e querendo assim demonstrar, que estavam promptos a derramar seu sangue em defesa da Religião Christã.

— « Antes de 1772 (diz o nosso Cazado Giraldes na sua Geographia) havia na Polonia uma infinidade de estabelecimentos ecclesiasticos, que percebião rendas enormes; os dizimos equivaõ antes ao quinto: contaõ-se trinta abbadias, quarenta e nove Collegios de Jesuitas, noventa Conventos, e quinhentos e setenta e nove Mosteiros. » —

Os Bispos accrescentão a seu manto tres listas brancas, á maneira dos Moscovitas; differem comtudo no resto de seu vestuario.

A estampa com que aformoseamos nossa Galeria, e que preferimos á de um simples Monge, representa um Bispo Grego da Polonia; e é copiada de uma imagem do Bemaventurado Josaphat Kuncevizzi.



OS MONCHES DE S. BASILIO.

NA

ITALIA.

Pois que direi daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos do seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

(CAMÕES, LUSIAD. CANT. 7 — 8.)

DESDE o momento em que Rufino trasladou para Latim a Regra de S. Basilio Magno, foi ella para logo abraçada no Occidente, havendo até quem se persuada, de que ainda em vida daquelle Santo Doutor, fôra seguida em Napoles, no Mosteiro dos Santos Nicandro e Marciano, fundado no anno de 363, hoje chamado de S. Patricio, e pertencente á Ordem de S. Bento.

Uma inscripção, que em Roma se lia sobre a porta do Mosteiro das Religiosas de *Campo-Marzo*, provava claramente que ellas havião deixado a Grecia, e se refugiarão nesta Capital do Mundo no anno de 760, havendo-se acompanhado do corpo de S. Gregorio de Nazianza, e de uma Imagem de N. Sr.^a, pintada por S. Lucas: e que as Italianas, que

com ellas se juntarão, professando a Regra de S. Basilio, abraçarão a de S. Bento, logo que aquellas Religiosas Gregas se finarão.

Forçado é pois accreditar, em vista desta e de outras provas, que fornece a Historia, que a Ordem de S. Basilio é antiquissima no Occidente, e principalmente na Italia, onde tão grande era outrora o numero dos Mosteiros, que só no Reino de Napoles existirão mais de 500.

E com tudo, no começo do passado seculo, não restavão mais que vinte e duas Abbadias na Sicilia, treze no Reino de Napoles, e algumas outras em Roma, e nos seus Estados; formando ao todo tres differentes Provincias, cada uma com seu Superior Provincial, e todas sujeitas ao Abbade Geral

da Ordem. Estas Provincias são a de Calabria, de Sicilia, e de Roma.

Era o anno de 1573; e a Ordem muito havia degenerado de sua primitiva instituição. Procurou restabelecê-la o Summo Pontifice Gregorio 13.º, a instancias do Cardenal Sirlet, della por então Protector. Reunindo em um só corpo todos os Mosteiros de S. Basilio existentes na Italia, na Hespanha, e nas outras Provincias sujeitas no espirital á Santa Sé, ordenou o Pontifice, que de tres em tres annos se celebrasse um Capitulo Geral em que se elegeisse Abbade Geral, Visitadores, Procurador Geral, e outras mais Dignidades precisas para o bom governo da Ordem; submetteo á obediencia do Geral todas as Provincias, que estavam unidas á Igreja Latina; isentou os Mosteiros Religiosos da jurisdicção dos Ordinarios, dos Archimandritas, e dos Abbades Commendatarios; e ordenou que estes ultimos reparassem os Mosteiros e as Igrejas, e as provessem de paramentos, e do mais que fosse necessario para o Culto Divino. Fez ainda mais; separou as *Mansas* Abbaciais das Conventuais; concedeo-lhe em fim muitas outras Graças e Privilegios, que depois forão confirmados pelos Pontifices Clemente 8.º, e Paulo 5.º

Nas tres Provincias, Siciliana, Calabreza, e Romana, seguem elles o Rito Grego, conforme o Typico, ou Ordem prescripta por S. Bartholomeu de Rossana, Abbade de *Grotta-Ferrata*; mas em muitas cousas se conformão com a Igreja Latina, como é consagrarem com pão asmo; servirem-

se de paramentos sacerdotaes semelhantes aos della, e accrescentarem ao *Credo* — *qui ex Patre Filioque procedit* — o que os outros Gregos não praticão. No Mosteiro porêm de Santo Arpino, em Napoles, por Privilegio do Pontifice Paulo 5.º, concedido em 1615: e no de *Nocera de Pagani*; por outro Privilegio de Urbano 8.º, do anno de 1630, officião segundo o Rito Latino; e já o mesmo Summo Pontifice Paulo 5.º, por um Breve do anno de 1608, havia concedido a todos os Mosteiros do Rito Grego, em que habitassem seis Religiosos, poder um delles dizer Missa segundo o Rito Latino, e até mesmo dous onde o numero fosse maior; privilegio que depois lhe foi tambem confirmado pelo Summo Pontifice Innocencio 10.º, em 2 de Janeiro de 1649.

Ultimamente, por um Breve de Paulo 5.º, de 15 de Maio de 1620, celebrava-se o seu Capitulo Geral de seis em seis annos, e os Capitulos Provinciais de tres em tres. Todos os annos se reunia tambem em uma das Provincias a Dietta, ou Difinitorio Geral, a que o Abbade Geral assistia com os Visitadores Provinciais, com os Assistentes Geraes, e com os Difinidores. Era nestas Assembleas que se fazia a eleição dos Abbades, Priores, e outros Funcionarios; era nellas que se recebiam os Noviços, e que geralmente se tractava de todos os negocios concernentes á Ordem.

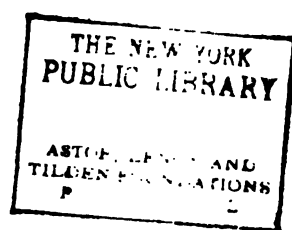
E porêm acontecia que apesar de deverem os Geraes depender de eleição, erão muitas vezes nomeados, e confirmados para muitos annos, e até para a vida inteira,



112

MONGE DE S. BASILIO NA

Italia.



por Breves Pontifícios; e assim aconteceu ao Padre Theophilo Pirri, Napolitano, nomeado por Alexandre 7.º, em 1660, e depois eleito pelo Rei de Hespanha para o Bispado de Giovinazzo; ao Padre Basilio Pitella, Siciliano, por Breve de Clemente 10.º, em 1670; e em fim ao Padre Apollinario de Agresta, Calabrêz, que em 1681 publicou a vida de S. Basilio, em que largamente tracta da fundação e propagação da sua Ordem, e que em 1675 foi nomeado Geral por Breve de Clemente 10.º, depois confirmado por Innocencio 11.º em 1680.

O mais célebre Mosteiro desta Ordem na Italia é o de Messina, a mais bella das Cidades Sicilianas. Assentada em parte pelas colinas, e em parte pela planicie, representa Messina um formoso amphiteatro com seu grande porto no meio. Tomada pelos Sarracenos em 1058, e já célebre por antiquissimas desgraças, e pela visinhança de Scylla e Carybdis, que tanto horror fazião aos antigos navegantes, ostenta ella entre seus nobres edificios a Cathedral de Santa Maria Nova, admiravel pela riqueza de seus marmores, e pinturas, e o Mosteiro da Ordem de S. Basilio.

Viera em 1157 Rogero, Conde da Calabria, e da Pouille, com um poderoso exercito a soccorrer Messina, e expulsar os Sarracenos, que della, como de toda a Sicilia, se havião assenhoreado; e os primeiros objectos, que a seus olhos se offerecerão, forão doze Christãos que os barbaros havião enforcado no lugar em que hoje está a torre do fanal. Fez voto o

Conde de alli mesmo fundar um Mosteiro, onde quotidianamente os Religiosos orassem a Deos pelo repouso das almas dos Christãos, mortos pelos Infeis. Rogero cumprio seu voto, mal que de toda a ilha forão expulsos os barbaros; e conhecendo as incomparaveis virtudes de S. Bartholomeu de Semeri, que habitava em Rosana, na Calabria, em um Mosteiro desta Ordem, solicitou a sua vinda com muitos outros Religiosos, e o installou Abbade do novo Mosteiro, que dotou com grandes rendas.

Succedendo-lhe um filho, do mesmo nome, e que tomou a qualidade de primeiro Rei da Sicilia, aformoseou muito este Mosteiro, accrescentando-lhe novos e magnificos edificios, e o declarou Archimandrital, nomeando por primeiro Archimandrita a S. Lucas de Calabria, nomeação que foi approvada pelo Summo Pontifice Alexandre 3.º, no anno de 1175.

Mais de quarenta Abbadias dependião deste Mosteiro de Messina; e posto que as mais dellas deixarão de ser occupadas por Monges desta Ordem, os Religiosos de S. Salvador para ellas nomearão sempre no seu Capitulo Abbades Titulares, com consentimento do Archimandrita, a fim de manterem a jurisdicção deste Mosteiro, que possui as terras de *Savoca, Salice, San-Angelo, Ali, Atala, Mandanice, Pagliara, Lucade, Casale-Vecchio, Forza, San-Gregorio*, e muitas herdades, e casais. Todos estes Abbades Titulares, e bem assim os Commendatarios, com todos os vassallos das terras, que pertencião ao Mosteiro, erão obrigados debaixo de

graves penas a comparecer todos os annos, por si, ou por procuradores, perante o Archimandrita, ou seu Vigario Geral, na grande mostra que se fazia no dia 6 d'Agosto.

As rendas das Abbadias Titulares pertencião em parte ao Noviciado Grego, neste Mosteiro erecto por Clemente 8.º em 1597: e em parte ao Archimandrita, tendo sido o primeiro S. Lucas de Calabria, como já levamos dito, e o ultimo o Cardeal Isaac Comnene, que era da mesma Ordem, e foi elevado a esta Dignidade pelo Summo Pontifice Urbano 2.º. A Abbadia desde então se converteo em Commenda. Seu primeiro Archimandrita secular foi D. Affonso de Aragão; e aos Religiosos não ficou mais que uma pequena parte da renda, e a authoridade de elegerem um Vigario Geral de sua corporação na vacancia da Séde Archimandrital.

Deixou já de existir o antigo Mosteiro do Conde Rogéro. Era elle situado na embocadura do porto, logar o mais accommodado para um forte que defendesse a Cidade; e o Imperador Carlos 5.º o soube aproveitar, não sem que desse aos Religiosos um outro sitio, a uma milha de distancia da Cidade, onde lhes edificou um soberbo Mosteiro com Igreja, que em grandeza e ornamentos excede

todas as mais do Reino. Ha neste novo Mosteiro uma espaçosa Bibliotheca de manuscriptos em pergaminho de diversos Padres e Escritores Gregos.

Na Provincia de Roma existe tambem o célebre Mosteiro de *Grotta-Ferrata*, que antigamente tinha de renda cem mil escudos Romanos, e com famosa Bibliotheca de manuscriptos Gregos, de um preço inestimavel.

Os Monges de S. Basilio na Italia, alem dos dias da Igreja Universal, jejuão no Advento, e em todas as sextas feiras do anno. Comem carne tres vezes na semana, no Domingo, na terça, e na quinta feira, mas sómente uma vez cada dia; trabalham quotidianamente certas horas em commum; e celebrão todos os Sabbados um Capitulo local, em que perante o Superior reconhecem suas faltas.

O Vestuario destes Monges é mui semelhante ao dos Benedictinos; mas a cogula é mui cheia de prégas por todos os lados; e usão de pequena barba, como os Padres da Missão.

Tem por Armas uma columna de prata no meio de chainmas, em campo azul, com esta divisa: — TALIS EST MAGNUS BASILIUS. — O escudo tem pela parte detraz, em aspa, uma cruz Patriarchal, e um baculo; e é timbrado com uma Coroa Ducal.



OS MONCHES DE S. BASILIO.

EM

HESPANHA.

Eis aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli de Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe moda,
Que lha não tire o esforço, e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

(CAMÕES, LUSIAD. CANT. 3 — 17.)

Não entra em nosso desenho ensaiar o quilate dos fundamentos em que se estribão os Historiadores da Ordem de S. Basilio quando affirmão, que ella florescera em Hespanha, como em outras partes do Occidente, desde o começo de sua instituição. Floresceo talvez; mas quando a Regra de S. Bento começou de fazer-se conhecida, e quando os Mouros se apossarão de uma parte daquelles Reinos, ficou em esquecimento a de S. Basilio, e só tornou a renascer na Andaluzia, no Pontificado de Paulo 4.º

Para uma solidão, chamada outr'ora *Cellas de Oviedo*, no Bispado de Jaen, se haviam retirado muitos Christãos, a quem o Bispo ordenou que seguissem a Regra de S. Basilio, dando-lhes por Superior o Padre Bernardo de la

Cruz, nas mãos do qual fizeram sua profissão. Tinhão então as consciencias mais timidêz. Pareceo ao novo Prelado, que ás profissões de seus Religiosos faltava o serem recebidas por legitimo Superior; e se partio para Italia a fim de consultar o Abbade de *Grotta-Ferrata*. Pio 4.º occupava então o throno Pontifical; e deferindo a uma supplica por ambos apresentada, ordenou que o Superior de *Cellas de Oviedo* renovasse seus votos nas mãos do Abbade de *Grotta-Ferrata*, e outra vez recebesse depois os de seus subditos, que assim ficarão contados entre os filhos de S. Basilio.

Poucos annos ainda tinham decorrido, quando o Padre Matheus de la Fuente, inoculando na Ordem uma particular Reforma, fundou um Mosteiro em *Tardon*, e

outro em *Valle de Guillos*. E o Summo Pontifice Gregorio 13.^o, unindo-os ao de *Cellas*, ou de N. Sr.^a de Oviedo, formou delles uma Provincia, debaixo do nome de S. Basilio, e a submetteo á jurisdicção do Abbade Geral de Italia.

Entorpecia esta união a Reforma do Padre Matheus dela Fuente; e assim o reconheceo o Summo Pontifice Clemente 8.^o, que separando os Mosteiros de Tardon e de Valle de Guillos, prohibio a entrada de Noviços, e novas fundações aos Superiores dos outros Mosteiros não reformados, e que muito se havião já multiplicado. Em breve porém se levantou este interdicto; as fundações continuarão; e a Ordem se dividio em duas Provincias, uma chamada de Castella, e outra de Andaluzia.

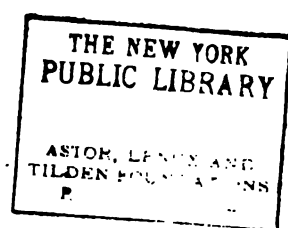
Formarão a Provincia de Castella os Mosteiros de S. Basilio de Madrid, de N. Sr.^a do Remedio em Barcelona, de N. Sr.^a da Saudade em Cuellar, de S. Cosme e S. Damião em Valhadolid, e os Collegios de S. Basilio em Salamanca, e em Alcala de Hennarez. Pertencerão á Provincia de Andaluzia os Mosteiros de Santa Maria de Oviedo, na Diocese de Jaen, de N. Sr.^a da Esperança, nas Posadas, de N. Sr.^a da Paz, em Cordova, de S. Basilio, em Granada, de N. Sr.^a de Cazzaglia, de S. Basilio de Villa Nova del Arzobispo, e o Collegio de S. Basilio de Sevilha.

Sujeitas ao Geral da Ordem de S. Basilio na Italia, tinham as duas Provincias um Vigario Geral, que elegião, dependendo da confirmação do Geral, que a seu talante o podia destituir. De tres em

tres annos celebrava cada Provincia o seu Capitulo: a de Castella no segundo Sabbado depois de Paschoa: a de Andaluzia na vespera de Pentecostes; e era composto dos dous Provinciaes, de seus Secretarios, dos Difinidores, dos Padres de Provincia, dos Abbades Superiores dos Mosteiros, do Procurador, que residia na Córte, e dos Lentes de Theologia. O Vigario Geral presidia a ambos. Era triennal o cargo de Superior, e nenhum podia ser reeleito, sem que pelo menos seis annos decorressem. As Communidades elegião seus Abbades. Tinha cada Provincia dous Collegios de Theologia e Philosophia, e dous de Humanidades; mas em nenhuma podia haver mais de dez Doutores, dos quaes os oito devião ter ensinado por espaço de nove annos, e presidido a oito Actos publicos; os dous só recebião o grão depois de haverem prégado por espaço de deseseis annos nas mais célebres Cathedraes, e Universidades do Reino.

Alem dos dias que a Igreja ordena, jejuavão estes Monges durante o Advento, todas as sextas feiras do anno, e na vespera das Festas de N. Sr.^a, e de S. Basilio. Disciplinavão-se todas as quartas e sextas feiras do Advento, e todas as segundas, quartas, e sextas da Quaresma. Em cada semana trabalhavão dous dias em commun. No verão rezavão Matinas á meia noite; no inverno ás tres horas. Uma hora depois de Prima, e outra depois de Completas, erão consagradas á oração mental.

Consistia seu trajo em uma loba, e um escapulario, com gran-





.1.º.º3

MONGE REFORMADO
da ordem de S. Basilio em Hespanha.

de capêllo, tudo de sarja preta. Na Igreja, ou quando sahião, usavam de uma grande cogula monachal, como os de Italia; e tão renhidas querellas lhes suscitou esta cogula da parte dos Beneditinos, que para as terminar, e para della usarem pacificamente, nada menos foi preciso que um Decreto da Congregação dos Ritos de 27 de Setembro de 1659, confirmado por Breve do Summo Pontifice Alexandre 7.º de Dezembro do mesmo anno. Os leigos não podião usar de cogula. Os Donatos nem de cogula nem de capêllo, e era mais estreito seu escapulario.

Voltemos porém á Reforma do Padre Matheus de la Fuente.

Corria o anno de 1557, quando elle, com alguns companheiros, se retirou para Serra Morena, onde fundou um Mosteirinho em um logar chamado *Tardon*, na Diocese de Cordova, como já levamos dito. De dia para dia cresceu o numero de seus discipulos, e foi preciso edificar outro em Valle de Guillos, na Diocese de Sevilha. Entregues á contemplação, e ao mesmo tempo ao trabalho para poderem subsistir, vivião vida pobre e retirada, que ainda exacerbavão com extraordinarias macerações e penitencias; e o mais é que nem pedião esmolla, nem acceitavão a que se lhes offercia.

Foi no Mosteirinho de Valle de Guillos, que em 1562 tomou o habito o Padre Ambrosio Mariano, que depois veio a ser um dos mais firmes apoios da Reforma dos Carmelitas Descalços, e fundador do primeiro Convento da Ordem em Portugal; e foi pelo credito de que elle gozava, e pelo

de muitas pessoas das mais authorisadas da Corte de Hespanha, que o Pontifice Pio 4.º concedeo a estes Solitarios unirem-se a alguma Religião existente, sendo-lhes designada a dos Carmelitas. Mas não podendo habituar-se a esta Regra, tal como aos Carmelitas fôra dada pelo Patriarcha Alberto, o Bispo de Cordova lhes aconselhou, que seguissem a de S. Basilio; e a passarão a observar em todo o seu rigor.

Não contentes com a profissão que fizeram nas mãos deste Prelado, recorrerão tambem a Roma, e em 1572 obtiverão do Summo Pontifice Gregorio 13.º um Breve que lhes permittio renovar seus votos nas mãos do Abbade de Santa Maria de Oviedo, ou de qualquer outro da Ordem de S. Basilio, devendo os dous Mosteiros, juntamente com o de Santa Maria, e com os mais que depois se fundassem, constituir uma Provincia de S. Basilio; sujeita ao Geral da mesma Ordem na Italia.

Novos Mosteiros se fundarão; mas não seguirão strictamente a Reforma do Padre Matheus de la Fuente; e daqui nascerão grandes differenças entre os Reformados, e os que o não erão. Em balde enviou Clemente 8.º Commissarios Apostolicos a os pacificar. Nunca elles poderão conseguir que os não Reformados trabalhassem em commun, e deixassem de pedir esmolla. O ultimo Visitador, o Bispo de Cordova, certo de que, no meio da relaxação da disciplina, havia ainda muitos Religiosos cheios de zêlo, e cedendo ás suas instancias, lhes fez constituições particulares, e designou o Cou-

vento de Tardon, com mais dous outros, para onde podessem retirar-se os que as quizessem observar. Forão ellas approvadas pelo Cardeal de S. Severino, que então era protector da Ordem, e que lhe accrescentou algumas outras; sendo todas confirmadas no anno de 1602, pelo Summo Pontifice Clemente 8.^o, que deo commissão ao Bispo de Jaen para as fazer receber em todos os Mosteiros.

Não acabavão porêm as discordias; e aquelle Pontifice teve de separar dos outros os dous Mosteiros de Tardon e de Valle de Guillos, permittindo que para elles se retirassem todos os Monges mais zelosos, e nelles vivessem debaixo das Constituições, que inserio no seu Breve de 23 de Setembro de 1603.

Continhão ellas dez capitulos; e entre outras cousas ordenavão: — que para melhor se guardar uniformidade e perfeição na vida commum, não poderia haver em cada Mosteiro menos de vinte e quatro Religiosos, sendo os mais delles leigos: — que se levantarião todos á meia noite para orarem a Deos, devendo então os Coristas rezar Matinas e Laudes: — que no inverno se levantarião ao romper da aurora, e terião no Coro meia hora de oração mental: — que em quanto os Coristas rezassem Prima, ouvirião os Leigos Missa, e se encaminharião depois para o trabalho: — que findas as Completas, terião todos no Coro outra meia hora de oração: — que os Presbiteros não trabalharião durante a manhã, a fim de que nada lhes podesse estorvar o trabalho da tarde: — que os trabalhos

em que os Religiosos se poderião occupar, se reduzirião, em casa, a fazer tecidos de algodão e de lã, habitos e sapatos, e fóra de casa, a recolher pão, vinho, mel, azeite, e outros fructos, com tanto que isto não suscitasse querellas entre elles, e os lavradores: — que poderião comer carne nos Domingos, terças, e quintas feiras, mas sómente ao jantar, e exceptuando o tempo do Advento, e os dias em que a Igreja a prohibe: — que seu trajo seria uma tunica de burel, com um escapulario a que andaria unido um capêllo agudo: — que terião um manto mui simples, sem prégas algumas em torno do collo: — que andarião calçados, e apertarião a tunica com um cinto de couro preto.

A cogula monachal lhes foi prohibida, como contrária á Regra de S. Basilio; e tambem se lhes não permittio pedir esmolla, confessar seculares, prégar fóra de suas Igrejas, ter escollas de Philosophia, Theologia, e outras sciencias, nem mandar Religiosos ás Universidades, por isso que qualquer destes actos podia interromper o trabalho manual.

Só aos presbiteros era permitido aprender casos de consciencia, necesarios para se poderem dirigir, e bem assim a explicação da Santa Biblia. Podia comtudo haver um Padre em cada Mosteiro, isempto de todo e qualquer emprego, que applicando-se ao estudo, por espaço de meia hora quotidianamente ensinasse aos outros Religiosos os Mandamentos de Deos, os meios de adquirir virtudes, e de chegar á perfeição. Poderia tambem outro nos Domin-

gos e Festas explicar ao povo o Evangelho do dia, e confessar seculares, mas na sua Igreja.

Nem os Mosteiros devião ser situados a menos de duas milhas de distancia das Cidades e Aldêas, nem aos Monges era permittida a mudança de habitação, salvo em caso de escandalo, ou de novas fundações. Os Leigos nunca podião aspirar a ordens sacras; mas com vinte e quatro annos de idade, e cinco de profissão, tinham voto na eleição de todos os cargos, exceptuando aquelles a que andasse anexa jurisdicção espiritual, como erao os de Abbade, Prior, Mestre de Noviços, e outros semelhantes.

Novas Constituições tiveram depois estes Reformados, que foram approvadas pelo Summo Pontifice Paulo 5.º, e que longe de derogarem as precedentes, lhes accrescentavão de mais a mais um quarto voto, e era o de observarem as Constituições de Clemente 8.º. Mas estes Monges, que não poderão viver em paz com os não Reformados, tambem não conseguirão fraternisar uns com outros. Novas disputas se suscitarão entre Monges Leigos e Presbiteros. Durarão annos. E foi preciso que o Summo Pontifice Urbano 8.º, entre outras providencias, determinasse em 1639 que nos Mosteiros de Tardon, e de Valle de Guillos, não excedesse o numero dos Pres-

biteros a quarta parte do dos Leigos. Todas as determinações deste Pontifice foram depois confirmadas e accrescentadas por Gregorio 15.º; e sómente alteradas, quanto ao numero dos Presbiteros, por Innocencio 10.º, em 14 de Outubro de 1646.

Como até este tempo não tinham havido novas fundações, cem Monges Reformados habitavão no Mosteiro de Tardon, e oitenta no de Valle de Guillos. Só mais tarde é que se erigirão dous novos Mosteiros, um em Retamal, e outro em Bregua, e em cada um delles vivião ordinariamente trinta Religiosos. Mas até estes novos estabelecimentos foram origem de divisão; por que como os Superiores recebião alternadamente um Leigo e um Corista, recorrerão os Leigos ao Summo Pontifice Alexandre 7.º, que em 1660 determinou, que nos Mosteiros desta Reforma fossem leigos os dous terços dos Religiosos.

Não tiveram os Monges Reformados de S. Basilio em Hespanha mais que estes quatro Mosteiros, e um Hospicio em Sevilha; mas todos tinham Enfermaria separada, onde tambem vivião muitos delles. E nunca chegarão a entrar em Portugal, como prova o nosso Frei Antonio da Purificação na sua Chronologia Monastica Lusitana.



OS MONGES ESCLAVÕES.

Trago diante dos olhos as mudanças, e voltas do mundo; no qual desde o mais alto até o mais baixo, todos, e tudo anda em roda viva de voltas, e revoltas, de desasossegos, e mudanças, nem vi desde que nasci outra verdade com meus olhos mais clara, nem mais certa.

(FR. THOME' DE JESUS.—TRABALHO DE JESUS.)

ENTENDEMOS que não devíamos preterir uns Monges singularísimos pela côr de seu vestuario, e de cuja origem nada comtudo nos dizem os Autores que delles escreverão. O que é certo é que existirão na Bohemia e na Polonia: que rezavão e celebravão na lingua Esclavonia: e que talvez por este facto se chamavão Esclavões.

Era propriamente a Esclavonia aquella parte da antiga Pannonia comprehendida entre os Rios Drawe e Sawe. Oriundos da Scythia, e quasi todos Catholicos, amavão os Esclavões a guerra apaixonadamente; e era tal o desejo que os estimulava de serem tidos como soldados, que constantemente pedião a Deos a graça de permittir-lhes o morrer com as armas nas mãos, e fazer com que seus inimigos se finassem no leito. O idioma Esclavão era consideravelmente expressivo; abrangia todas as Provincias visinhas; e delle tirarão origem as lingoas Polaca, Bohemia, e Moscovita.

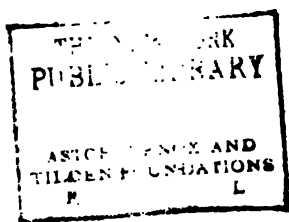
Fóra dos muros da Cidade de Cracovia, antiga capital dos Polacos, no arrabalde de Cleparz, foi fundado por Ladisláo 4.º, Rei de Polonia, o seu Mosteiro de Santa Cruz, no anno de 1389, ou 1390; e os Monges, que nelle vierão habitar, procederão de um Mosteiro de Praga, Capital da Bohemia, sendo por seu instituto obrigados a celebrar os Officios Divinos no idioma Esclavão. E' o que se lê em Dugloz, em Michou, ou Michovita, e em Cromerio, Historiadores Polacos.

Foi Ladisláo 4.º, appellidado o Jagellon, um dos mais célebres Reis de Polonia. Heduviges, filha de Luiz, Rei de Hungria, havia sido eleita Rainha de Polonia de baixo da condição de casar com aquelle, que fosse escolhido pelos magnatas do Reino. Offereceo-se Jagellon; e fazendo-se baptisar em Cracovia no anno de 1386, cingio a coroa de Polonia, recebendo no baptismo o nome de Ladiáo. Então unio elle a Lithuania á Po-



Porto. Lith. R. da Rebelo e ra. N.º 29 e 30.

MONGE DA ORDEM
dos Escravões.



lonia; e submettendo os rebeldes, e derrotando os Cavalleiros de Prussia, refusou a coroa de Bohemia, que os *Husitas* lhe offercerão, fazendo-se memoravel durante um reinado de quarenta e oito annos. Contribuiu elle muito para converter ao Christianismo os *Samogitas* que habitavão una provincia da Lithuania, e que tinham o seu bosque sagrado, em que se persuadião que ninguem podia tocar sem castigo. Jagellon, e seus Polacos, o destruirão, sem que nada lhes acontecesse; e os *Samogitas*, tomados de assombro, lhe enviarão a declarar publicamente o seguinte por um ancião: — *Já que nossos deoses forão tão cobardes, que se deixarão vencer pelo dos Polacos, havemos resolvido abandonar seu culto, e agregar-nos ao do Todo-Poderoso.* O proprio Rei Ladisláo lhes ensinou a Oração Dominical, e o Symbolo dos Apostolos, por que os Sacerdotes Polacos, que consigo levava, não sabião fallar a lingua Samogitana, que elle perfeitamente conhecia, como natural que era daquelle paiz; deo-lhes Sacerdotes para os baptisarem, edificou-lhes muitas Igrejas, e completou esta conversão no anno de 1418. Heduviges, sua consorte, havia falecido no anno de 1399, ou 1400. Ladisláo Jagellon morreo em 31 de Março de 1434 na idade de oitenta annos. — Voltemos porêm aos nossos Monges Esclavões.

João Longino Dugloz, Conde de Cracovia, depois Arcebispo Lnow, ou de Leopoldo, Polade nação, e que alem dos Tres Tractados da Vida de Santo Stanislaõ, Bispo de Cracovia e Mar-

tyr, que compoz em 1465, escreveu tambem em Latim a Historia de Polonia, até ao anno de 1480, em que faleceo, obra de grande estimação, que depois se imprimio no anno de 1700: João Longino Dugloz, fixa a fundação do Mosteiro de Cleparz no anno de 1389, e affirma que em seu tempo ainda elle era habitado por aquellos Monges, que rezavão e officião em lingoagem Esclavonia. Eis como elle se exprime na seguinte passagem, que traduzimos:

— « Ladislao 2.^o (4.^o lhe chamam a grande numero de Historiadores) Rei de Polonia, e Heduviges, sua consorte, excitados pelo exemplo de um Mosteiro de Esclavões da Ordem de S. Bento, da Cidade de Praga, debaixo da mesma regular observancia fundarão, edificarão, e dotarão, no Pontificado de Pedro Vilz, Bispo de Cracovia, um Mosteiro em honra e com a invocação da Santa Cruz, no arrabalde de Cleparz, fóra dos muros de Cracovia, não longe do rio Rodawa, e o circuitarão de muro formosissimo..... Nelle introduzirão Monges tirados do Mosteiro de Praga..... os quaes ainda no meu tempo, e á minha vista, officião naquella Igreja de Santa Cruz, e ministravão nas cousas divinas, horas canonicas, e mais ceremonias ecclesiasticas no idioma Esclavão, quer em sonoro canto, quer rezando. » —

Com este historiador concorda Mathias Michou, ou Michovita, Doutor em Artes e em Medicina, Conego de Cracovia, e que no seculo 16.^o compoz em Latim

uma Chronica da Polonia, que dedicou ao Rei Segismundo: — « No » anno do Senhor 1390 (diz elle), » em quinta feira depois da Festa de S. Thiago Apostolo, o » Rei Ladislao, e Heduviges sua » consorte, com o titulo de Santa Cruz fundarão no arrabalde » de Cleparz, fóra dos muros de » Cracovia, um Mosteiro de Monges Esclavões da Ordem de S. Bento, tirados de Praga » para que com voz sonora, e no » idioma Esclavão, celebrassem » e desempenhassem as horas canonicas, e as Missas » e não ha duvida que em dias de » minha puericia lá estava ainda » um Presbitero Esclavão, que » naquelle idioma celebrava. » —

Outros Historiadores porém nos affirmão, que naquelle paiz existem actos publicos, que comprovão, que os Monges Esclavões erão da ordem de S. Basilio, e não da de S. Bento. E por que na verdade é mui provavel, que de en-

tre os Monges Moscovitas, que nos primitivos tempos se vestião de vermelho, e officiavão no idioma esclavão, alguns abraçassem a Religião Catholica, e passassem para a Polonia e para a Bohemia: sendo certo, por outro lado, que todos os Monges Moscovitas erão da Ordem de S. Basilio: — nós (perdoem-nos os dous precitados Historiadores) preferimos contar estes Monges Esclavões como da Ordem de S. Basilio, e como a taes lhes démos este lugar em nossa Galeria.

Na Igreja do Mosteiro de Santa Cruz de Cleparz, que foi ulteriormente reedificada, não ficou um só monumento, que possa encaminhar a curiosidade ácerca dos Monges Esclavões, que nelle habitarão. Nem um só quadro, nem uma só inscripção! E por capricho, ou por ignorancia, e corrupção do gosto, destruiu a mão do homem o que os seculos havião respeitado.



SANTA MACRINA.

FUNDADORA DAS RELIGIOSAS DE S. BASILIO.

Os pobres e asperos vestidos provocão-me a devoção, quando os vejo; e são elles sinal de humildade, e prova de penitencia.

(FR. HECTOR PINTO. — IMAG. DA VIDA
CHRIST. — DA TRIBUL. CAP. 7).



PRIMOGENITA da familia de S. Basilio Magno, uma das mais illustres e authorisadas da Cappadocia e do Ponto, á virtuosa e formosissima Macrina, dedicamos este rude e humilde trabalho. Pobre é o tributo, que lhe offerecemos! Hade porém seu nome recomendar-lo a todos aquelles cujos corações ainda fizer palpar a imagem da Virtude e Santidade.

Poucas horas antes que Macrina entrasse pelas portas da vida, soube sua mãe, n'um rapto celeste, que teria uma segunda Thecla, imitadora da illustre Virgem deste nome, e antiga discipula de S. Paulo; chamara-se porém Macrina a avó paterna da recém-nascida: fôra ella abalisada em santidade; e a familia que a considerava como origem das benções com que Deos a visitava, preferio dar-lhe o nome de Macrina.

Entregue, segundo o uso daquelles tempos, aos cuidados de uma aia, nem por isso Santa Eumelia, sua mãe, a desvellava menos. Era costume encetar a ins-

trucção com a leitura de comedias desenvoltas, tragedias apaixonadas, e romances aventureiros, que facilmente aplanavão a estrada do vicio. Mas Santa Eumelia havia enxergado a tendencia de sua filha para a virtude; e na Escritura Santa lhe fez aprender o que mais proprio era de sua tenra idade, os Livros de Salomão, que encerrão toda a sabedoria: e a joven Macrina, sem que renunciasse ás prendas proprias do seu sexo, e que de ordinario consistião em obras de lã, constantemente cantava os psalmos em quanto manoseava. A esta feliz educação é que S. Gregorio de Nissa attribue a Santidade de Macrina, cuja elle foi historiador.

Era vinda a idade em que desabrocha a formosura. Ainda Macrina tres lustros não contava, e para representar-lhe a belleza já serião muito insufficientes os pinceis de Raphael, ou do Titiano. De entre os numerosos manebos que solicitavão sua mão, escolheu sen. pai um; de mui perto

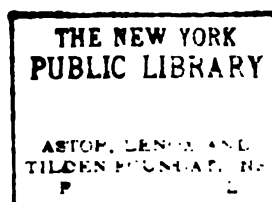
lhe conhecia a família, e excellentes partes; e prometteo-lhe a filha querida, logo que ella tocasse a conveniente idade. Mas Deos assim o não permittio. O mancebo partio-se do mundo antes da celebração das nupcias; e Macrina considerou-se viuva para livremente permanecer em virgindade.

Seu pai cessou de existir; e a Santa Eumelia, que tinha de reger uma numerosa família, de grande auxilio forão as virtudes domesticas da filha, que para logo a nenhum serviço se recusou, por mais humilde que parecesse. Foi ella quem pelo anno de 356 fez saborear a S. Basilio a verdadeira Filosofin, inspirando-lhe um desprezo humilde e modesto, mas inteiramente Christão, de toda a humana gloria, que seus talentos e eloquencia lhe poderião grangear. E não satisfeita com lhe ter feito abraçar a verdadeira sabedoria; não contente ainda com o haver apartado de si mesmo, lhe fez amar a pobreza e o retiro.

Foi ella quem, roborando a virtude de sua mãe, a levou ao afastamento das commodidades e ostentação proprias das pessoas de sua qualidade, para juntas se abaterem á condição de suas criadas, e com ellas formarem um Mosteiro na casa, que tinham no Ponto, perto de Ibora, sobre o rio Iris. Deste Mosteiro é que Santa Eumelia se partio para a merecida Gloria no anno de 373. Foi neste Mosteiro que Macrina, e as outras Religiosas, de quem ficara por Superiora, tanta humildade professavão, e pobreza tanta, que toda sua gloria consistia em serem ignoradas do mundo inteiro,

e toda sua riqueza em nada possuirem; por que Macrina, ao consagrar-se a Deos, havia distribuido por seus irmãos, e pelos pobres, toda a herança de seus pais. Foi neste Mosteiro, em fim, que debaixo da direcção de S. Basilio, se executarão as Regras, que lhe elle prescreveo, e que depois abrangerão outros Mosteiros que estabelecera, e a que logo dedicaremos algumas paginas, para não interromper-mos a assombrosa biographia em que nos empenhámos.

Soffreo Santa Macrina a irreparavel perda de seu irmão S. Basilio no primeiro dia do anno de 379; e quasi onze mezes depois foi salteada pela enfermidade, que a devia libertar das misérias desta vida. Deitada no chão, sobre uma taboa, coberta com um cilicio, e em posição de voltar-se para o Oriente, a fim de poder orar como as que tinham saude: servindo-lhe de travesseiro um tronco chanfrado: e consumindo-se em abrasadora febre... tal foi a situação em que a encontrara seu irmão S. Gregorio de Nissa, visitando-a na volta do Concilio de Antiochia. Versou a conversação sobre a perda de S. Basilio, seu illustre irmão, e de novo sangrarão as feridas, que a saudade rasgara no peito de S. Gregorio. Mas a Santa, a quem a força do mal não abatia os animos, o consolou com um excellente discurso sobre a Providencia, sobre o estado da alma, e sobre a vida futura. Não foi isto semear em terreno esteril; que servio elle de fundamento ao Tractado da alma, e da Ressurreição, que S. Gregorio depois compôz, e que ainda possuímos, apesar de





Cost. Livro II da Rebelião. A. 2900

RELIGIOSA DA ORDEM DE S. BASILIO

no Oriente

que se suppõe adulterado pelos Originistas, como outras obras do mesmo Santo.

Na tarde do dia seguinte (era em Julho ou Novembro de 379) entrou Santa Macrina em morrer. Cessando de fallar a seu irmão, começou de orar, mas com voz tão haixa, que apenas era escutada. Erguia com tudo as mãos com um vigor sobre-natural, e improprio de quem estava em passamento, fazia o signal da cruz na bocca, nos olhos, e no coração; até que finalmente rendeo o espirito envolto em um grande suspiro, e o Santo Bispo lhe cerrou os olhos, como lhe ella havia supplicado.

Então se quebrarão as prisões do respeito, que continha as Religiosas em silencio. — Forçado lhes foi desafogar em lagrimas e lamentações, que se misturarão com os gritos de saudade em que romperão os pobres das cercanias do Mosteiro, que Santa Macrina alimentava. S. Gregorio, a quem incumbia a traça do funeral, pondo junto do corpo duas das principais Religiosas, Lampadia, immediata na Communidade, e Vestiana, que era viuva de grande qualidade: — pedio algum habito de reserva em que amortilhasse a irmã; e não o havia!.... tão pobremente ella vivera, que seu espolio se reduzia a um velhissimo véo e manto, e a uns sapatos no mesmo estado!

Preciso foi que S. Gregorio dêsse um de seus mantos. Nelle Vestiana amortalhou a Santa, e então lhe desprendeo o collar, que trazia pendente, e que foi levar a S. Gregorio. Era um cordão com uma cruz e um anel de ferro, que

Santa Macrina constantemente havia trazido sobre o coração. Quiz o Santo Bispo ficar com uma destas prendas; e dando a cruz a Vestiana, rezervou para si o anel, em que havia engastada uma reliquia da verdadeira Cruz do Redemptor.

Passou-se a noite em canto de psalmos, como nas festas dos Martyres. Em amanhecendo vio S. Gregorio a immensa multidão de povo, que a infausta noticia attraira; e ordenando-a em dous córos, enfileirou as mulheres com as Religiosas, e os homens com os Monges. Não faltou Araxe, Bispo de Ibora, com toda sua Clerozia; e o feretro foi conduzido por este Prelado, por S. Gregorio, e por mais dous clérigos dos principais. Vião-se diante do corpo duas grandes alas de Diáconos, e outros ministros, levando tóchas, e cantando psalmos em uma só voz desde uma á outra extremidade do préstito. E ainda que o lugar destinado para sepultura pouco mais de um quarto de legoa distava do Mosteiro: como a multidão do povo era immensa, e por todos os lados embaraçava: — forçado foi caminhar mui lentamente, e gastou-se o dia inteiro para chegar á Igreja dos Quarenta Martyres, objecto particular da devoção da Santa, e de toda a sua familia. Seus pais lá tinham já sido sepultados; e a aldea pertencia por então a S. Gregorio de Nissa.

Ao pé do corpo de Santa Eumelia foi pelos dous Prelados collocado o de Santa Macrina, como ella sempre havia desejado; e S. Gregorio, prostrando-se junto do tumulo, beijou-lhe a terra, e orou por ambas. A braços com a sau-

dade a mais pungente, vio elle cerrar-se a campã sobre os restos mortaes da irmã querida; e foi levantar-lhe eterno monumento, escrevendo sua vida angelica na Carta, que dirigio ao Monge Olimpio, e que ainda conservamos entre suas obras immortaes.

Deve aqui terminar o que, nos estreitos limites que nos prescrevemos, cumpria dizer de tão assignalada Virgem. Mas já que a S. Gregorio de Nissa coube em partilha assistir a seu glorioso passamento, por honra de ambos, e da familia, aproveitaremos esta occasião de offerecer a nossos leitores uma rápida noticia de tão importante Prelado.

S. Gregorio de Nissa, ou Niseno, irmão de S. Basilio o Grande, de S. Pedro, Bispo de Sebastia, e da gloriosa Virgem Santa Macrina, foi casado com uma Santa mulher chamada Teosebia; e renunciando ambos á vida conjugal, ambos se consagraram ao serviço da Igreja,

Elevado á cadeira episcopal de Nissa no anno de 372, logo em 374 foi desterrado pelo Imperador Valensio por sustentar a fé orthodoxa. Depois de assistir ao Concilio de Antiochia, em que lhe foi encarregada a visita das Igrejas da Arabia, passou a visitar sua irmã, assistindo-lhe na hora extrema, como já referimos; e voltando a Nissa, emprehendeo o desempenho da sua commissão na Arabia, passou por Jerusalem, visitou os Logares Santos, e trabalhou na união dos Scismaticos da mesma Igreja.

Em 382 appareceo brilhantemente no Concilio Geral de Constantinopla. Foi escolhido para fazer o elogio funebre de S. Melecio, Patriarcha de Antiochia; e segundo elle mesmo diz na sua Epistola a Flaviano, foi um dos Bispos designados para velar sobre a Diocese do Ponto. Affirma-se tambem que assistira a outro Concilio de Constantinopla, celebrado em 383, e que nelle proferira contra os Anomceos o discarso, que se intitulou: *Discurso sobre Abraham, ou da Divindade do Filho, e do Espirito Santo*. Sua voz ainda foi ouvida, em 385, na oração funebre da Imperatriz Flaccilla; e seu nome se encontra em fim no cathalogo dos Metropolitanos do Concilio de Constantinopla do anno 394.

As obras que nos transmittio são as seguintes: — *Commentarios sobre a Escritura*: — *Tractados Dogmaticos*: — *Sermões sobre os Mystérios*: — *Discursos Moraes*: — *Panegyricos de Santos*: — *Orações de Santos, e algumas Cartas acerca da Disciplina da Igreja*.

Apesar da elevação e graça de seu estilo, não chegou á eloquencia de seus irmãos S. Basilio, o Grande, e S. Gregorio Nazianzeno. Viveo até uma extrema velhice; e do 7.º Concilio Geral de Niceia se vê, que tanto por sua piedade e erudicção, como por sua grande ancianidade, foi chamado *Padre dos Padres*.

Sua brilhante carreira sobre a terra terminou em 9 de Janeiro, ou de Março, do anno 396.



AS RELIGIOSAS DE S. BASILIO.

NO

ORIENTE, E NO OCCIDENTE.

Santo e salutar pensamento da parte dos que tal remate procurão a seus dias, mostrando-se nisto catholicos, e conhecidos da vida futura: mas grande e avultada benignidade, e misericórdia a da Religião em aceitar e admitir entre si aquelles que tendo dado o asso das forças, e melhor idade ao mundo, não trazem aos claustros mais que o ferro, e ultimo ferro da vida.....

(FR. LUIZ DE SOUSA. — HISTORIA DE S. DOMINGOS).

Vou para o Ceo a alma ditosa de Santa Macrina; mas duas sobrinhas recolherão a herança de suas raras virtudes, e forão depositá-la na antiga Metropole da Cappadocia, na tão célebre como infeliz Cesaréa, triste victima das tyrannias de Juliano Apostata. Em um Mosteiro da Ordem de S. Basilio, o Grande, forão ambas Superiores; e tanto se multiplicarão depois no Oriente os Mosteiros desta mesma Ordem, que não havia Cidade aonde algum se não encontrasse.

Seculos durou esta doce tranquillidade, até que do alto do throno de Constantinopla partio o raio de perseguição, com que de todo se esvaceo o suave remanso da vida claustral. Pelo anno de 741, o Imperador Copronimo se declarou inimigo das Santas Imagens,

que erão defendidas pelos Monges de S. Basilio. A morte, a proscricção, e a rapina, diminuirão consideravelmente o numero dos Mosteiros, como já levamos notado; e as Religiosas da mesma Ordem forão envolvidas na geral desgraça. Dellas, em grande numero, abraçarão depois o scisma e a heresia, como acontecera aos Monges.

Mas que regular que era a observancia das antigas Religiosas Gregas! No anno de 1118 fundara a Imperatriz Irene Ducas, esposa do Imperador Aleixo Comneno, um Mosteiro em Constantinopla, dedicado á Santissima Virgem; debaixo do Titulo de *Cheia de Graça*; e em sua qualidade de Fundadora, e authorisada pelos costumes gregos, prescreveo-lhe ella mesma as respectivas Consti-

tuições. Abramos as que deste Mosteiro ainda nos restão, e assim poderemos avaliar seu merecimento.

— Vinte e quatro Religiosas devião habitar naquelle Mosteiro; e este numero poderia ser elevado a quarenta, se de futuro augmentassem as rendas na mesma proporção.

— O Mosteiro era isempto da jurisdicção do Imperador, do Patriarcha, e de todo e qualquer poder ecclesiastico, ou secular.

— Por morte da Imperatriz Irene, padroeira do Mosteiro, deveria succeder no padroado uma Princeza de sua familia, segundo a ordem de substituição por ella estabelecida.

— Para professar não era preciso dote algum; mas poderia o Mosteiro acceitar o que voluntaria e graciosamente lhe fosse offerecido.

— As Religiosas elegião sua Abbadeça, e poderião depô-la em caso de malversação.

— Erão inalienaveis os bens de raiz do Mosteiro. Os moveis poderião vender-se em circumstancias de necessidade.

— A um Economo, ou procurador, incumbia tractar dos negocios temporaes.

— Devião as Religiosas dar conta de seus pensamentos a um Padre Espiritual. Os Sacramentos lhe serião administrados por dous Presbiteros de entre os Monges. Todos os quatro deverião ser Eunuchos.

— Não havia cellas particulares no Mosteiro. Era commum o Dormitorio. E em quanto em com-

mum trabalhavão as Religiosas, deveria uma dellas empregar-se na leitura.

— A pobreza lhes era recomendada. Não podião possuir cousa alguma em particular. O Refeitório deveria ser commum.

— Poderia sua abstinencia modificar-se, quando alguma Festa cahisse em dia de jejum. Ser-lhes-hia então permittido azeite, vinho, e pescado, de que nos outros dias de jejum deverião abster-se.

— As Religiosas poderião sair do Mosteiro, quando enfermasse algum de seus parentes, e o desejassem visitar.

— A entrada no Mosteiro era permittida ás mulheres. Os homens só poderião ser recebidos na portaria, e sempre na presença de algumas Religiosas das mais antigas.

— Todos os mezes era permittido o banho ás Religiosas. A's doentes, todas as vezes que o medico o prescrevesse. Deveria o medico ser Eunucho, ou ancião.

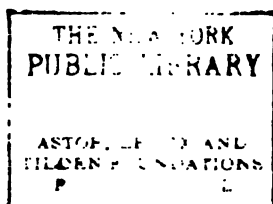
— Devião sepultar-se as Religiosas em outro Mosteiro, chamado *Cellarécia*, attenta a pequena extensão daquelle em que habitavão. Tinha-o a Imperatriz obtido do Patriarcha; e nelle havia colocado quatro Religiosas com um Presbitero secular, destinado para fazer os respectivos officios. Deveria concorrer ao enterro da falecida o numero de Religiosas que a Abbadeça determinasse.

— Tal era o regimen deste Mosteiro, que foi arruinado pelos Turcos, bem como todos os outros de Constantinopla. E ainda que alguns, e dos mais consideraveis,



RELIGIOSA DA ORDEM DE S. BASILIO

no Occidente



tiverão a ventura de permanecer em outras terras de que os Infiéis se apossarão, não forão comtudo em tão grande numero como os de Monges.

No Grão Cairo existia um Mosteiro, em que ordinariamente vivião cem Religiosas, e em que só erão admittidas a professar depois de ja serem entradas na idade. Outro havia em Jerusalem, e debaixo da protecção do Patriarcha. As Religiosas vivião das esmollas dos peregrinos; estavam já na estação da vida em que começão de cahir-lhe as sombras dos altos montes da annosidade; e apesar da clauzura sahão do Mosteiro todas as vezes que Gregos ou Latinos fazião alguma solemnidade particular, dentro ou fóra dos muros de Jerusalem.

Existirão em Athenas muitos Mosteiros. As Religiosas subsistião em parte de rendimentos deixados pelos Christãos, e em parte do producto de obras de agulha, que manoseavão. Quando qualquer destes meios chegava a lhes faltar, erão soccorridas pelos Athenienses, que, em uma cidade em que não havia hospitaes, se não descuidavão da indigencia, onde quer que ella se manifestasse. O principal Mosteiro destas Religiosas, e a sua Igreja erão dos mais bellos edificios da Cidade. Defronte dellas residia o Arcebispo, e era elle quem as governava, por que não tinham entre si Superiora; e assim vivião quasi todas as Religiosas do Oriente, sem nenhuma observancia, e regulando-se apenas pelas inspirações da natureza.

Raras vezes entrava na Religião qualquer Donzella, ou qual-

quer Dona rica de bens da fortuna. Erão as Religiosas pela maior parte arrastradas pela necessidade, ou por que a aza do tempo, que a nada perdôa, lhes murchara os encantos da formosura, e com ella as esperanças de casamento.

Mais regulares porem erão os Mosteiros situados na Europa. As Religiosas da ilha de Chio, uma das do Archipelago, entre Samos e Lesbos, vivião debaixo de grande observancia em os numerosos Mosteiros, que alli tinham. Suas rézas e jejuns erão iguaes aos dos Monges, e elegião Superiores debaixo do titulo de Abbadeças. A cada uma dellas era permittida sua particular habitação, que comprava, e onde as mais ricas e mais nobres tinham criadas, e educavão pensionistas suas parentas. Fazião excellentes obras de bordadura, mui procuradas pelos Turcos, que aportavão na ilha.

O vestuario destas Religiosas Gregas do Oriente, que tambem se chamão *Caloyras*, é semelhante ao dos Monges, só com a differença de trazerem um grande manto com que se cobrem desde a cabeça até aos pés, e não usam de véo, nem de toucado, como as Religiosas do Occidente.

A Noviça toma o habito com as mesmas ceremonias dos Monges. Entra na Igreja até junto da porta do coro, onde permanece em quanto dura o officio. Dirige-se depois ao altar, descoberta, descalça, e com o cabello solto, acompanhada de uma Religiosa, que lhe serve de madrinha, e a quem incumbe desviar-lhe o cabello, quando lhe cae no rosto, por occasião das muitas inclinações que é obri-

gata a fazer. No altar prostra-se aos pés do Bispo, que depois de algumas perguntas e orações lhe corta o cabello; e á madrinha incumbe guardá-lo, ou para o queimar; ou para lho entregar, a fim de que delle faça um cinto, que deve trazer em todos os dias sollemnes, e de communhão, e com que deve baixar á sepultura. E' então que se lhe veste o habito religioso, e se lhe lança o manto, que lhe cobre a cabeça, e arrasta pelo chão. Sobre o peito se lhe põe o livro dos Evangelhos, que todas as Religiosas vão beijar, tendo assistido á cerimonia com cirios nas mãos. A professa, depois de as abraçar, fica na Igreja por espaço de sete dias contínuos, em oração, e sem despir os habitos, que recebeo.

Parece mui provavel que com as Religiosas desta ordem na Moscovia se não praticavão todas estas ceremonias, começando-se por não averiguar sua vocação. Como era permittido o divorcio — como o marido por qualquer suspeita, por ciu-me, ou por aversão, podia, sobornando testemunhas perante o Juiz, fazer encerrar a mulher em qualquer Mosteiro: depois de condemnada sem ser ouvida, lhe íão algumas Religiosas rapar a cabeça, e lançando-lhe o habito, de força a levavão para o Mosteiro, donde mais não podia sahir. A esterilidade tambem era causa sufficiente para divorcio; e o esposo, que não tinha filhos de sua mulher, a podia encerrar em qualquer Convento, e tornar a casar logo que decorressem seis semanas. — As Religiosas Moscovitas trajão como as do Oriente.

Mas as verdadeiras Religiosas da Ordem de S. Basilio existirão, e existem no Occidente. Na Polonia, e mais ainda na Italia, tem ellas grande numero de Mosteiros, principalmente nos Reinos de Napoles e Sicilia. O mais afamado de todos estes é o da Cidade de Palermo, que se chama *Real Mosteiro das Religiosas de S. Basilio*. Pode a comunidade contar até oitenta; e são todas nobres, e das principais familias do reino. No berço de seu estabelecimento rezavão na lingua Grega; mas observando-se a difficuldade que os Sicilianos tinham em aprender o Grego, alcançou-se dispensa do Summo Pontifice Alexandre 6.º, que lhes permittio o Rito Latino, e o Breviario Dominicano. Mais tarde, por Breve do anno de 1680, lhes ordenou o Summo Pontifice Innocencio 11.º, que mais não fizessem uso daquelle Breviario, e que seguissem o Romano, permittindo-lhes comtudo a celebração de todas as festas da Ordem de S. Basilio.

Todas as outras Religiosas de Italia seguem igualmente o Rito Latino; e só no Mosteiro de *Philantropos*, na grande e bella Cidade de Messina, se tem conservado sempre o Rito Grego, conformando-se em tudo o mais com os Monges da mesma Ordem.

As Religiosas do Occidente trajão como os Monges de S. Basilio na Italia. Usão ordinariamente de um manto que as cobre desde a cabeça até aos pés, e de um toucado preto; mas nas ceremonias tambem se apresentam com a cogula.


OS MONGES ACEMETAS.

OU

STUDITAS.

Os negocios de grande importancia, que se emprendem para serviço, e gloria de Deos, ainda que ao principio tenham grandes difficuldades (que o mesmo SENHOR permite para prova de seus servos) com tudo de ordinario tem prosperos successos, nam faltando o Ceo com o favor, a quem o busca com perseverança, que sem ella, como diz o glorioso Padre San Bernardo, nem o que peleyja alcança a vitoria, nem o vencedor merece a palma, por que esta he a que dá vigor ás forças, e poem valor ás virtudes.

(BALTHEZAR TELLEZ. — HIST. DE ETHIOP.)

 BOA disposição de nossa Galeria talvez não conviesse menos tomar desde já por assumpto as Ordens Militares, que seguirão a Regra de S. Basilio, o Grande; mas por outro lado — onde melhor poderíamos colocar os Monges Acemetas, cujos Santo Alexandre foi fundador, e que pelos Historiadores é annuciado entre os Santos da Ordem Basiliense? Em breve nos occuparemos dos Cavalleiros.

Santo Alexandre, instituidor dos Monges Acemetas, nasceo na Asia Menor, em tempos do Imperador Constancio. Descendente de nobre familia, e educado em uma Ilha do Archipelago, ou do Mar Egeu, foi completar seus estudos em Constantinopla, e teve empre-

go no Paço de Imperador Theodosio. Começando de enxergar em breve as vaidades do seculo, á lição da Escriitura Santa deveo chegar a se aborrecer dellas inteiramente; e abandonando o cargo, e distribuindo seus bens pela pobreza, foi encerrar-se em um Mosteiro da Syria, onde abraçou a vida monastica, e permaneceu quatro annos debaixo da direcção do Abbade Elias, cuja reputação o attraíra, e não sem justificados fundamentos.

Entranhando-se depois pelas solidões do Euphrates, só no fim de sete annos se dispôs a prégar aos Idolatras a Lei de Jesus-Christo, nos confins da Syria, e da Mesopotamia. Rabbula, governador de uma Cidade proxima, e muitos

outros Pagãos, devêrão a Santo Alexandre o conhecimento da Eterna Verdade. Rabbula, dando liberdade a seus escravos, e distribuindo os bens pelos pobres, foi abraçar-se com a solidão, donde teve de retirar-se para ser Bispo de Edessa, antiga e célebre Metropole da Mesopotamia, no Patriarchado de Antiochia. Sua esposa se consagrou também a Deos; e edificando um Mosteiro, em que se clausurou com suas filhas e criadas, nelle terminou santamente sua carreira mortal.

Mas a Cidade, que Rabbula governara, de força queria ter por Bispo a Santo Alexandre, e lhe tomou as portas para que della não sahisse. Vio-se a humildade do Santo em grandissimas tribulações; porém conseguiu escapar-se, fazendo que durante a noite dentro de um cesto o descessem aforrado ao muro.

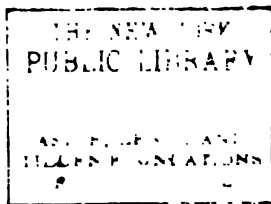
Dous longos dias andou errante pelo deserto, até que cedendo á força do cansasso, forçado lhe foi parar. Não distava do sitio uma caverna de ladrões, que logo em numero de trinta o saltarão: — *Permitti, meu Deos, que eu converta estes desgraçados* — exclamou o Santo. E attendida a supplica, foi o capitão o primeiro em converter-se, finando-se logo aos oito dias depois de seu baptismo; e o restante da alcatéa, seguindo exemplo tão feliz, transformou a caverna em um Mosteiro.

Desapressado, e tão gloriosamente, deste mal assombrado encontro, aproximou-se Santo Alexandre das margens do Euphrates, e ahi fundou um Mosteiro. Por tres dias continuos pedio elle a

Deos permissão de nelle estabelecer uma constante Psalmodia; e de tal sorte cresceo em numero a communidade, que chegou a contar quatrocentos Monges de diversas nações, Syrios, Gregos, Latinos, e Egyptanos. Divididos em muitos córos, que uns a outros se succedião, continuamente cantavão os louvores do SENHOR; e observando exactissima pobreza, e não possuindo cada um-mais que uma tunica, apenas se fornecião do mantimento necessario para o dia; e sem nada reservarem para o seguinte, repartião pelos pobres o que lhes restava.

Vinte annos viveo Santo Alexandre neste Mosteiro; e destinando setenta de seus Discipulos para irem prégár a Fé aos Gentios, escolheo cincoenta, de que se acompanhou para o deserto, e deixou os outros confiados á direcção de Trophimo.

Passados vinte annos, voltou a Antiochia, onde fortemente havia combatido a intrusão do Bispo Prophiro. Occupava por então a cadeira Episcopal o Bispo Theodosio, que estando de opinião antecipada o fez expulsar sob pretexto de pertencer á seita dos *Euchytas* ou *Messalienses*, herejes, que tinham por maxima, entre outros erros, que só a oração bastava para se conseguir a salvação. De ordem do Bispo fôra o ecclesiastico Malco, em companhia de alguns outros, a lançar da Cidade a Santo Alexandre, e chegara ao excesso de lhe pôr as mãos na face. A tão grande ultrage só correspondeo o Santo com as palavras do Evangelho de S. João, cap. 18, ver. 10. — *E o servo se chamava*





Porto Lith R da Bibliotheca. V. 2. 2. 30

MONGE ACEMETA .
ou Studita

Malco. — O povo, que olhava Santo Alexandre como propheta, quíz tomar sua defesa ; mas cumprio ceder á authoridade do Governador da Syria, que o desterrou para Chalcida com seus Discipulos ; e foi lá que , disfarçando-se em mendigo, e indo ter ao Mosteiro chamado *Christen* , ficou assombrado de nelle encontrar seu Instituto de perpetua Psalmodia, que um de seus antigos Discipulos alli havia estabelecido.

Deixando finalmente a Syria, com vinte de seus Monges se dirigio a Constantinopla, e edificou um Mosteiro junto da Igreja de S. Menno. Para logo se lhe juntarão trezentos Monges, Gregos, Latinos, e Syrios, todos Catholicos, e que já havião estado em outros Mosteiros. Santo Alexandre os dividio em seis córos, que por seu termo se succedião alternadamente, de maneira que a todas as horas do dia e noite erão naquelle Mosteiro perennes os louvores de Deos. Daqui lhes veio o nome de Acemetas, que em Grego significa vigilantes, homens que não dormem, por que uma parte da Comunidade estava sempre desvelada.

Era para vêr como subsistião homens, que não trabalhavão, e que nada mais possuíão que seus livros. E daqui novas suspeitas de pertencerem á seita dos *Messalienses*, Por duas vezes foi preso o Santo, e só restituído á liberdade, depois de enviados os Discipulos para seus primitivos Mosteiros, a fim de que a Psalmodia assim ficasse interrompida. Mas no mesmo dia em que as prisões se lhe quebravão, nesse mesmo se via rodeado de seus Monges, nesse

mesmo recomeçava a sua Psalmodia.

Forçado em fim a retirar-se de Constantinopla, foi estabelecer um Mosteiro nas fronteiras da Thracia, junto da Fóz do Bosphoro no Ponto Euxino, onde pelos annos de 430 se foi a lograr no Ceo a perpetua felicidade, que anhelava.

Transferira o Abbade João a Comunidade dos Acemetas para o sitio de *Gomont*, a meia legoa de Constantinopla. A' nova casa se deo depois o nome de *Grande Mosteiro*, assim como o de *Irenarion*, pelo remanso e liberdade dos Monges, a coberto das contradicções, que em Constantinopla lhes attraíra a novidade de seu Instituto. Mas deixando de existir o Abbade João, e sendo substituido por S. Marcello, um dos mais perfeitos Discipulos de Santo Alexandre, tão desmarcadamente cresceo o numero dos Monges, que muito foi preciso augmentar o edificio do Mosteiro. Acodio a Divina Providencia nesta necessidade. Pharetrio, que era riquissimo, com todos seus bens lhe veio entregar os filhos, ainda mancebinhos. Deoselhes o habito Religioso ; edificou-se uma casa para enfermos ; e o Mosteiro se converteo em Seminario de excellentes virtudes. S. Marcello, que estivera na Religião por espaço de mais de sessenta annos, deixou as miserias da terra no de 485.

Foi no tempo deste Bemaventurado, que um que se chamava *Studio*, e que antigamente fôra Consul, estabeleceo um Mosteiro na extremidade de Constantinopla, para o lado da porta dourada, com a invocação de S. João Baptis-

ta, e lhe deo por moradores alguns Monges do Mosteiro de *Gomont*. Assim voltarão os Acemetas para a Cidade Imperial no anno de 463, e se chamarão também *Studitas*, do nome de seu nobre fundador. Conta-se que chegara a mil o numero dos Monges deste Mosteiro, em que muito florescerão as Letras e a Piedade. S. Theodoro, S. Nicolao, S. Platão, e muitos outros Santos Religiosos, forão denominados *Studitas*, por que habitarão neste Mosteiro. Com o mesmo Instituto se fundarão depois varios outros na mesma Cidade.

Generosamente combaterão estes Monges Acemetas a ambição de Acacio, Patriarcha de Constantinopla, que tomando a parcialidade do heresiarcha Eutyches, se revoltara contra a Igreja pelo anno 484. E porêem não forão tão fiéis no seculo seguinte; e tomando parte nas questões do tempo, em que andavão incendidos os espiritos, e em que todo o Oriente se debatia, sob pretexto de defenderem a Fé Catholica vierão em partilhar os erros do impio Nestorio. O Imperador Justiniano, zeloso defensor da Fé, os fez condemnar em Constantinopla. E julgando elles que em Roma seriam mais bem tractados, enviarão ao Summo Pontifice João 2.^o dous de seus Monges, *Ciro* e *Eulogio*, a fim de defenderem sua opinião, e alcançarem a approvação da Santa Sé. Consistia seu erro em não admittir que uma das Pessoas da Santissima Trindade tivesse soffrido em sua

carne, e em negar que a Virgem Santa fosse propria e verdadeiramente mãi de Deos.

Por sua parte enviou também o Imperador a Roma a *Hypotio*, Bispo de Epheso, e a Demetrio de Philippes, para consultarem a Santa Sé, e lhe apresentarem a solemne protestaço de Fé da Igreja do Oriente. Era a carta do Imperador datada do anno 533; e o Summo Pontifice, depois de a receber, e de ouvir os dous Embaixadores, approvou a protestaço do Imperador, e o Edicto, que anteriormente elle havia promulgado sobre este mesmo objecto. No anno seguinte escreveo o Summo Pontifice aos Senadores Avieno, Liberio, e alguns outros, dando-lhes parte da approvaço que déra ás questões que lhe havião sido propostas, por que erão mui catholicas, e prevenindo-os de que não devião communizar com os Monges Acemetas, que pensavão de diverso modo. E como os Acemetas persistissem em seus erros, forão pelo Summo Pontifice excommungados; vindo depois a Ordem a ser inteiramente abolida.

Houverão também Religiosas deste mesmo Instituto; e ainda em Constantinopla existia um Mosteiro, quando os Turcos della se senhorearão.

O habito dos Monges, e das Religiosas Acemetas era de panno verde, trazendo sobre o peito uma duplicada cruz de côr vermelha.



MONGES ARMENIOS DE GENOVA.

OU

BARTHOLOMITAS,

E

OS IRMÃOS UNIDOS

DE

S. GREGÓRIO ILLUMINADOR.

No tempo em que gemia me assallaram,
Defendem-me o SENHOR, e a um campo vasto
Me transportou, dos perfidos distante.

(CALDAS. — TRAD. DO PSALM. 17).

TANTO os Monges Armenios de Genova, ou Bartholomitas, como os Irmãos Unidos de S. Gregorio Illuminador, seguirão a Regra de Santo Agostinho, e as Constituições da Ordem de S. Domingos. Mas forão originarios do Oriente: no Oriente pertencerão longo tempo á Ordem de S. Basilio: e do Oriente sairão para a Europa. Assim o deprehendemos de uma Bulla do Summo Pontifice Urbano 8.º, do anno de 1640, que qualifica os Monges Armenios de Genova como da Ordem de S. Basilio; e assim do Historiador Creszenzi, que fallando do Padre Estevão Palma, que por quatro vezes foi Geral desta Congregação, lhe dá o titulo de glorioso restaurador da grandeza da Ordem de S. Basilio.

Confundirão alguns Autores os Monges Armenios de Genova com os Irmãos Unidos de S. Gregorio Illuminador. Mas é cousa a-

veriguada, que constituirão duas differentes Ordens.

Era o anno de 1296. Tinha deixado de existir Cassan, Rei da Persia; e o Soldão do Egypto, entrando na Armenia, por toda a parte espalhava o terror, o estrago, a morte. Dos Monges de S. Basilio do Monte Negro, uns corajosamente soffrião martyrio, outros evitavão-no, fugindo. Durou muitos annos esta barbara perseguição, e a alguns, dos que se retirarão para a Europa, coube em sorte aportarem em Genova, no anno de 1307, debaixo da direcção de um Padre Martinho.

Forão elles acolhidos nesta Cidade com as sympathias que a desgraça faz nascer. Offereceo-se-lhes estabelecimento. Alberto Purpureio se declarou fundador de seu novo Mosteiro. E Porchete Spinola, Arcebispo de Genova, lançou em 1308 a primeira pedra da sua Igre-

ja, dedicada á Santissima Virgem, e a S. Bartholomeu.

A noticia deste novo estabelecimento pouco tardou em Armenia. Muitos dos Monges, que se não tinham podido evadir, conseguirão finalmente vir abraçar em Genova seus irmãos. Acompanharão-se elles dos competentes livros para officiarem segundo seu Rito; e assim lhes foi concedido por uma bulla do Summo Pontifice Clemente 5.º, dirigida ao Padre Martinho, e aos outros Monges da Ordem de S. Basilio, que haviam habitado o Mosteiro de Monte Negro na Armenia.

Na Cidade de Parma, capital do Ducado deste nome, obtiverão elles segundo estabelecimento, em 1318; e assim outros successivamente em Pisa, Florença, Civitta-Vecchia, Roma, Forli, Faenza, e Ancona. E apesar de que na profissão promettião obediencia a seus Superiores do Oriente, nem por isso deixavão de a prestar ao Padre Martinho, a quem consideravão como seu Geral na Italia.

Pagou elle porém seu tributo á morte, e insensivelmente se começou de introduzir entre os Monges o abuso e a relaxação. Em logar de seu antigo trajo, que consistia em uma tunica escura com um Escapulario preto, passarão a adoptar o dos Irmãos Conversos da Ordem de S. Domingos, usando de tunica branca, e de Escapulario, capa, e capêllo preto. Conformerão-se na reza com a Igreja Romana; adoptarão as Constituições dos Dominicos, e celebravão a Missa ao modo delles; deixarão em fim a Regra de S. Basilio, pas-

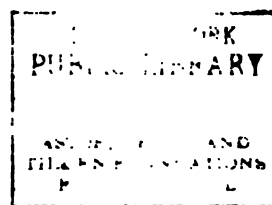
sando a seguir a de Santo Agostinho. Esta mudança lhes foi confirmada pelo Summo Pontifice Innocencio 6.º em 1356, dando-lhes ao mesmo tempo faculdade para elegerem um Geral. Juntou-se no mesmo anno em Genova seu primeiro Capitulo, e nelle o Padre Antonio de Pisa foi eleito por Geral.

No mesmo anno em que os Bartholomitas de Genova pozerão em prática esta grande mudança, e adoptarão o trajo dos Irmãos Conversos da Ordem de S. Domingos, largarão-no os Irmãos Unidos de S. Gregorio Illuminador, que d'elle usavão; e em se incorporando completamente na Ordem de S. Domingos, derão logar á supressão daquella a que pertencião, e de cuja origem traçamos um rápido esboço, que já deixámos começado a paginas 33, quando tractámos dos Monges Armenios.

Fôra pelo anno de 1328 sagrado Bispo de *Meraga*, e enviado á Armenia pelo Summo Pontifice João 22.º o Padre Bartholomeu de Bolonha. Acertadissima tinha sido a escolha, que não converteo elle menos Scismaticos por meio de sua vida exemplar, que por meio de sua fervorosa prégação. Em 1330 estava a sua obra consummada, como tambem já levamos dito. No cume de uma alta montanha fez o Bispo edificar um Mosteiro, mas com cellas separadas umas das outras; e nelle se propôs habitar com seus companheiros, passando-se comtudo durante o inverno para outras cellas cavadas nos rochedos á raiz da mesma montanha,



MONGE ARMENTO ,
ou Bartholémée de Genoa .



e de que ainda agora existem vestígios.

Em Armenia vivia por aquellos mesmos tempos um certo — Vartabied —, chamado Isaac, Superior de um Mosteiro junto de Eri-van. Mais de 370 de seus Discipulos se haviam condecorado com a Dignidade de — Vartabied. — Alguns delles governavão outros Mosteiros. Vivião os outros dispersos pela Armenia, e se empregavão na instrucção do povo. Um destes Discipulos, chamado João de Cherna, era então Superior de um Mosteiro situado junto da aldeia deste nome, cujo senhorio pertencia ao Principe Jorge, um de seus tios. Era João de Cherna o que maior estima havia adquirido; e o — Vartabied — Isaac o enviou ao Padre Bartholomeu a fim de se informar da doutrina que elle ensinava. Tão assombrado ficou este — Vartabied — da vida exemplar que o Padre Bartholomeu e seus companheiros vivião na solidão, que acima referimos: e tão impressionado ficou seu espirito dos discursos, que lhe ouvira, que logo resolveo renunciar a seus erros, e reconhecer a Authoridade do Soberano Chefe da Igreja. Fez ainda mais; persuadio o — Vartabied — Isaac a que fizesse a mesma renuncia, e até o levou a dirigir, no anno de 1330, circulares a todos os Prelados, e — Vartabieds — daquelles arredores, convidando-os a se reunirem n'um lugar designado, onde o Padre Matheus lhes deveria prégar as verdades da Igreja Latina. Nem um só alli faltou, e nem um só deixou de abjurar o scisma e erros em que vivia, reconhecendo para

logo o Chefe da Igreja Universal.

— Grande parte do povo seguiu exemplo tão proveitoso.

O primeiro que mostrou seu zêlo pela Religião Catholica foi o senhor de Cherna, fazendo edificar, e acabar completamente em menos de trinta dias, uma Igreja perto do Mosteiro da mesma aldeia. E vendo o — Vartabied — João, seu sobrinho, que a Ordem de S. Basilio estava decahida, ou quasi inteiramente aniquilada na Armenia; depois de tentar sua reforma, e restitui-la ao primitivo esplendor, preferio antes estabelecer uma nova Ordem, que tivesse por fim conservar a Fé Catholica, recentemente abraçada pelos Armenios, e dar-lhe toda a extensão que fosse possivel.

Taes serão os plausiveis motivos da instituição da nova Ordem, a que o — Vartabied — João deu o nome de Irmãos Unidos de S. Gregorio Illuminador, por que este Santo havia sido Apostolo da Armenia; e como a recente conversão era devida aos Religiosos da Ordem de S. Domingos, adoptarão-lhe as Constituições com a Regra de Santo Agostinho, trocando o habito de Monge Armenio pelo de Irmãos Conversos da Ordem de S. Domingos, e sendo tudo confirmado pelo Summo Pontifice João 22.º.

Os novos Irmãos Unidos professarão a Regra de Santo Agostinho nas mãos do Padre João Cano, Bispo de Teflis, companheiro do Padre Bartholomeu; mas acrescentarão um quarto voto, que consistia em obedecerem em tudo ao Summo Pontifice; e elegerão

por seu primeiro Superior ao — Vartabied — João de Cherna.

Largamente se estendeo esta Ordem por toda a Armenia, e pela Georgia. Mas apossando-se destes reinos os Turcos e Persas, virão-se os Irmãos Unidos, como igualmente já dissemos, na dura necessidade de se encerrarem no Districto de Abrener, Provincia de Naxivan ou Naksivan, na grande Armenia, e que só comprehendia doze aldeas, em que ainda existe a Religião Catholica.

Pelos annos de 1356, vendo-se os Irmãos Unidos vergados debaixo da dominação dos Infieis, e a braços com a mais incomportavel pobreza, que dava receios de tornar-se ainda mais horrivel para o futuro: — mandarão a Roma os dous irmãos, Padre Thomaz, e Padre Eleutherio, a fim de alcançarem do Summo Pontifice Innocencio 6.º a sua incorporação na Ordem de S. Domingos, cujas observancias tinham seguido, e suggestando-se elles plenamente ao respectivo Geral.

Foi a supplica attendida. Extinctos desta maneira os Irmãos Unidos, passarão a compôr uma Provincia da Ordem de S. Domingos, denominada de Naksivan, e que foi a trigessima quarta das Provincias da mesma Ordem. Foi o Padre Eleutherio seu primeiro Provincial; e foi o Padre Thomaz, seu irmão, Arcebispo da mesma Provincia; e já se vê que os Armenios de Genova subsistirão por muito mais tempo. Alem dos Mosteiros, que já referimos, virão elles a ter outros em Milão, em Napoles, em Perusa, Ferrara, Bolonha, Pistoia, Padua, Rimini,

Pescara, e até em Caffa, na Chersoneso Taurica, que pertenceo aos Genovezes. O Summo Pontifice Bonifacio 9.º lhes prohibio a passagem para outras Ordens, á excepção da Cartuxa, e os fez participantes de todos os privilegios até então concedidos á Ordem de S. Domingos, e que de futuro se houvessem de lhe conceder. — Foi-lhes isto confirmado pelos Summos Pontifices Innocencio 8.º, e Paulo 3.º; e Urbano 8.º lhes deu por Protector o Cardeal Durazzo, no anno de 1640.

Vendo porem Innocencio 10.º que em quatro ou cinco Mosteiros que lhes restavão, apenas havia quarenta Religiosos, e que assim mesmo vivião em discordia, e com menos regularidade; decretou-lhes a suppressão no anno de 1650, permittindo-lhes poderem passar-se para outras Ordens, e dando a cada um quarenta escudos annuaes do producto de seus bens, que serão todos confiscados.

Erão antigamente perpetuos os seus Geraes; mas em 1474 o Summo Pontifice Sixto 4.º os tornou trienaes. Por quatro vezes exerceo este cargo o Padre Estevão Palma, e foi trinta annos Vigario Geral. Os Padres Cherubim Cerebelloni, de Genova, e Paulo Costa de Milão, forão dos mais famosos Prégadores do seu tempo. Alguns Escritores tambem contarão; e entre outros os Padres Peregrino Scoti, João Baptista Posi, Jeronimo Cavalieri, João Baptista Ladriani, e Gregorio Bitio, que compôz a Historia da Ordem.

OS CAVALLEIROS

DA

ORDEM DE CONSTANTINO, O GRANDE,

DENOMINADOS TAMBEM DOURADOS, ANGELICOS, E DE S. JORGE.

O ! qu'on aimoit à voir ces fils de la patr
Suspendre la banniere aux palmiers de Sirie,
Des arts, dans l'Orient, conquerir le flambeau ;
Et, défenseurs du Christ, lui rendre son tombeau.

(ALEX. SOUTET.)

PARA irmos esboçando todas as Instituições a que abrangeo a Regra de S. Basilio o Grande, é tempo de fazer-mos apparecer em nossa Galeria as Ordens Militares, que a seguirão ; e progredindo no começado desenho, daremos preferencia a uma das mais antigas de que parece haver memoria — a dos Cavalleiros da Ordem de Constantino, o Grande, a que tambem se deu o nome de Dourados, Angelicos, e de S. Jorge.

Se algumas Ordens Monasticas, entranhando-se pela obscuridade dos tempos, e devassando as eras, que nos são menos conhecidas, forão procurar uma remotissima origem, cuidando com isto ganhar honra, e direitos de precedencia : — não deixarão ellas de ser imitadas pelas Ordens Militares, por que de homens se compunhão umas e outras, e os homens forão sempre os mesmos.

O Padre Giustiniani, que na Imperial Ordem de Constantino,

o Grande, se qualificava de Cavalleiro e Grão Cruz, affirma, na sua Historia das Ordens Militares, pela primeira vez publicada em 1692, que a mais antiga de todas as Ordens Militares é sem duvida a destes Cavalleiros.

Teve esta mesma persuasão o nosso incansavel e erudito Escriitor Alexandre Ferreira, quando nas suas *Memorias e Noticias da Celebre Ordem dos Templarios*, se expressou da maneira seguinte : — “ E agora me occorre outra ” conjectura confirmativa do meu ” discurso ; por que sendo o Grande Constantino, como fica dito, ” o que resuscitou do sepulchro ” do esquecimento a grande Dignidade de Mestre dos Cavalleiros : foy tambem o mesmo Constantino, o que obsequioso ” á Cruz, que lhe appareceo no Ceo com a celebrada letra : *In Hoc Signo Vincas*, triumphando ” de Maxencio, que temia mais ” poderoso, creou pelos annos do

„ 312 a Ordem Militar, chamada
 „ Constantiniana, dos Cavalleiros
 „ Dourados, como escreve o dou-
 „ tissimo Tambarino, e o Padre
 „ Bonani, e aonde traz copiada
 „ uma pedra antiga de marmore,
 „ que se conserva no Erario de
 „ Roma, na qual estava uma ima-
 „ gem de Constantino, dando a
 „ Cruz aos Cavalleiros.....
 „ E ao Superior desta Ordem, que
 „ novamente creara, deu o nome
 „ de Mestre, como diz Bonani,
 „ o mesmo Constantino, para que
 „ nascesse esta Ordem com o mes-
 „ mo especioso nome de Mestre,
 „ com que havia resuscitado do
 „ esquecimento aquella grande di-
 „ gnidade: e venho a concluir,
 „ que da grande dignidade de
 „ Mestre dos Cavalleiros, resti-
 „ tuida por Constantino, escolhe-
 „ rão as Ordens Militares para os
 „ seus Superiores o honorifico no-
 „ me de Mestres. ” —

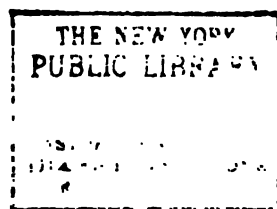
E comtudo, perdoem-nos Es-
 critores tão authorisados, não acre-
 ditamos em que a Ordem de Cons-
 tantino tivesse origem tão remota,
 seguindo também Historiadores não
 menos graves, para os quaes é
 cousa averiguada, que é inutil
 procurar a origem de alguma Or-
 dem Militar em seculos anteriores
 ao duodecimo.

— “ Enganão, ou querem en-
 „ ganhar-se (diz o Padre Daniel
 „ Papebrochio, Jesuita mui dou-
 „ to) os que levados de um desejo
 „ de lisonja vão procurar a ori-
 „ gem das Ordens Militares em
 „ seculos anteriores ao duodeci-
 „ mo. O marmore que se preten-
 „ de ter sido achado em Roma, e
 „ que representava Constantino,
 „ o Grande, assentado em seu thro-

„ no, distribuindo o collar da Or-
 „ dem a grande numero de Ca-
 „ valleiros é uma completa ficção.
 „ As figuras nesse marmore dese-
 „ nhadas são obra de escultor mo-
 „ derno. Nisto hão de convir to-
 „ dos os que tiverem conhecimen-
 „ to das antigas inscripções Ro-
 „ manas, quando meditarem so-
 „ bre aquella de que se tracta, e
 „ que é a seguinte: — *Constanti-*
 „ *nus Maximus Imperator, post-*
 „ *quam mundatus a lepra per me-*
 „ *diū baptismatis, Milites sive*
 „ *Equites deauratos creat in tute-*
 „ *lam Christiani nominis.* ” — Quer
 dizer: Constantino Maximo Impe-
 rador, depois que por meio do ba-
 ptismo se limpou da lepra, creou
 Militares ou Cavalleiros Doura-
 dos para defesa do nome Christão.

Em prova da antiguidade da
 Imperial Ordem de Constantino
 produzem-se Cartas do Summo
 Pontifice S. Leão, por elle dirigi-
 das, segundo se pretende, em 456
 ao Imperador Marciano, confir-
 mando a Ordem debaixo da Re-
 gra de S. Basilio; e produzem-se
 outras do Imperador Leão 1.º, es-
 critas em 489. Existem ellas, não
 ha duvida, nos Archivos da Côr-
 te de Roma, donde varios Escri-
 tores as trasladarão; mas nem por
 isso podem escapar á desconfian-
 ça de serem suppostas, pois que
 só forão depositadas naquelles ar-
 chivos em 1533, com outros pre-
 tendidos titulos e privilegios da
 Ordem Constantiniana, sendo de-
 pois tudo impresso em Plazencia
 no anno de 1575, por diligencias
 do Doutor Francisco Maluezzo.

Quem nos diz isto é um Chan-
 celler da mesma Ordem, é o Con-
 de Majolino Bisacciani, no discurs-





N 16

GRÃO MESTRE
da Ordem de Constantino.

so que se encontra no começo dos Estatutos, impressos em Trento no anno de 1624, e no mesmo anno reimpressos em Roma por Ordem do Grão Mestre D. Marin Caracciolo, Principe de Avelino, Reino de Napoles, que nesta Cidade, e neste mesmo anno, celebrou Capitulo da Ordem, no qual se redigirão, ou antes se renovarão os Estatutos, que no anno de 1190 havia decretado o Imperador Isaac Anjo Comneno.

E não será mais provavel que este Imperador, a quem o Padre Giustiniani chama Reformador da Ordem, fosse antes seu Instituidor, e lhe desse o nome de Ordem de Constantino, por que delle os Comnenos se pretendião descendentes? Não será mais provavel, que o Imperador lhe desse tambem o nome de Angelica, por isso que se chamava Isaac Anjo; e em fim o de S. Jorge, por que elle mesmo se havia collocado debaixo da protecção deste Santo Martyr? Não será bem verosimil, que o mesmo Imperador lhe desse a Regra de S. Basilio, que era a que no seu tempo vogava em todo o Oriente?

Nossos motivos para duvidar augmentão ainda quando consideramos, que o Padre Giustiniani, Cavalleiro e Grão Cruz da Ordem de Constantino, nem sequer falla no Grão Mestre Caracciolo; e mal se pode imaginar como não tivesse conhecimento delle, nem das duas edições dos Estatutos, estampadas por sua ordem, e com seu nome no frontespicio. Se o Principe de Avelino foi um Grão Mestre intruso, cumprir-lhe-hia ter referido os meios por que elle ve-

rificou sua usurpação; e se foi legitimo, não devia omiti-lo em sua Chronologia.

Possivel é contudo que o Padre Giustiniani, por ligações de amizade com a casa dos Comnenos, ou por outros motivos quaesquer, não quizesse fazer conhecer a pessima situação em que se achava uma familia, que outr'ora possuirá o Imperio do Oriente, e que desde que os Infieis delle se senhorearão, se vio na dura necessidade de solicitar sua subsistencia nas Côrtes dos Principes Christãos.

E na verdade, a casa dos Comnenos ficou sepultada debaixo das ruinas do Imperio do Oriente. Os que da familia restarão, mal podião fazer subsistir a Ordem de Constantino, cujo Mestrado era na casa hereditario. Forão uns para Veneza, outros para Roma, na esperança de encontrar soccorros na piedade dos Principes. O Conde André Comneno, que habitava em Roma no meio do seculo 16.º, e a quem o Summo Pontifice estabelecera uma mesada de cem escudos de ouro, — por que andava mal pago, e não tinha outros meios de subsistencia, por dinheiro nomeava Cavalleiros. Assim deu elle a Cruz da Ordem de Constantino a Jorge de Cephalonia e a Nicclao de Alessio, que ambos se dizião seus parentes, e aos quaes por essa razão, em sua qualidade de Grão Mestre, concedeo valiosos privilegios, de que elles depois abusarão a ponto de tambem nomearem Cavalleiros. Foi preciso que a isto obstasse o Grão Mestre Pedro Comneno, Principe de Cilicia, e sobrinho do Conde An-

dré. Interreirou-se um processo em Roma no anno de 1591. Por sentença, confirmada em 1594, foi Jorge de Cephalonia condemnado a Galés por toda a vida, permanecendo nellas até ao anno de 1597, em que foi alliviado por attenção á sua ancianidade, mas com inibição de nomear mais Cavalleiros, sob pena de morte.— Nicolao de Alessio foi apenas bandido por sentença do mesmo anno.

Entrando porêem o Grão Mestre Pedro Comneno, que se intitulava Principe de Cicilia e de Macedonia, no serviço militar de alguns Principes, deu commissão para governar a Ordem a D. Vicente Leophanto Caracciolo, Grão Prior de Constantinopla, que em 1583 reimprimio os Estatutos já impressos em Ravenna em 1581.

Achando-se depois em Hespanha foi-lhe disputada a qualidade de Grão Prior da Ordem, a ponto de ser privado de todos os seus titulos e privilegios, que só em 1588, e por ordem Real, lhe forão restituídos.

Disputou-se tambem depois a qualidade de Grão Mestre a João André Flavio Comneno, Principe de Macedonia; mas obteve em Roma sentença a seu favor. Mais tarde, em 20 de Julho de 1623, cedeo elle o Grão Mestrado a Marin Caracciolo, Principe de Avelino, Grande Chanceller do Reino de Napoles, Cavalleiro do Tosão de Ouro, e da Ordem de Constantino, Grão Prior de Constantinopla, e que tambem se dizia descendente da casa dos Comnenos. Por esta cedencia passava o Grão Mestrado para Marin Caracciolo, e seus descendentes de legitimo

matrimonio; em falta de filhos varões, succederia da casa de Caracciolo aquelle, que herdasse o Principado de Avelino; e na falta de successão varonil, o marido da filha, que possuisse o Principado de Avelino, ainda que não fosse da casa de Caracciolo.

Foi esta cedencia confirmada em Maio de 1624 por André, Pedro, e João Comnenos, Filhos de João André Flavio; e já o Summo Pontifice Urbano 8.º, por Breve de 23 de Novembro de 1623, havia reconhecido por Grão Mestre o Principe de Avelino.

Para mais ennobrecer a Ordem a que pertencia, nella conta o Padre Giustiniani a maior parte dos Soberanos da Europa. Com trazer a Cruz da Ordem de Constantino se honravão muito (diz elle) o Imperador Frederico 1.º — Henrique, seu filho — Philippe 2.º, Rei de França — Casimiro, Rei de Polonia — Affonso 2.º, Rei de Aragão — D. Sancho, Rei de Navarra — Affonso 9.º, Rei de Castella — e muitos outros.

Tambem, segundo elle, produzio a Ordem de Constantino grande numero de Martyres, como S. Demetrio — S. Procopio — Santo Hippolyto — S. Mercurio — S. Martinho — e muitos outros, que derramarão seu sangue na tomada de Jerusalem. O Imperador Carlos 5.º (accescenta Giustiniani) quiz ser chefe desta Ordem na Alemanha, pondo em seu estandarte a Cruz de Constantino, como fizera D. João de Austria na famosa batalha de Lepanto. Fernando Maria, Eleitor de Baviera, declarou-se Protector da Ordem no anno de 1667; e em 1671 confir-

môu a Republica de Veneza ao Grão Mestre Anjo Maria Comnenos todos os privilegios de que haviam gozado seus antepassados. O Imperador Leopoldo 1.º, e o Pontifice Clemente 10.º tambem no mesmo anno concederão sua protecção a esta Ordem. El Rei de Polonia, João Sobieski, confirmou-lhe os privilegios; e o Summo Pontifice Innocencio 11.º deu-lhe por protectores os Cardeaes Cavallieri, e Astalli.

Considerou-se sem duvida que a Ordem dos Cavalleiros Dourados de Constantino deveria fazer grandes progressos, pois que pelos Estatutos cumpria, que o Grão Mestre tivesse Vigarios Geraes em todo o mundo. O de Italia deveria residir em Ravenna. O de Alemanha, em Colonia. O de França, em Pariz. O de Hespanha, em Valencia. O de Flandres, em Antuerpia. O de Inglaterra, em Londres, &c.

Tinha a Ordem de Constantino Grandes Priorados, como o de Misitra, Bosnia, Capadocia, Antiochia, Natolia, Constantinopla, Jerusalem, e o de Napoli de Barbaria, com deseseis Priorados, e vinte Balliados, todos nas partes do Oriente. Delles comtudo não tiravão os Cavalleiros grandes proventos.

Os que pretendião entrar na Ordem devião justificar nobreza de quatro costados. Por seus votos se obrigavão os Cavalleiros a ser fieis a seus Principes, e ao Grão Mestre da Ordem — a obedecer aos preceitos da Igreja — a defender as viuvas, e os orphãos — a seguir o estandarte da Milicia Constantiniana de S. Jorge, debaixo da Re-

gra de S. Basilio — a guardar os Estatutos da Ordem — a assistir aos Conselhos Geraes e Provinciaes — a trazer sempre a Cruz da Ordem — a ser humildes, dentro dos limites da possibilidade — a guardar a fé conjugal — a exercer a caridade — a deixar, em fim, por morte alguma cousa á Ordem; e por isso desde logo lhe promettião cem escudos de ouro, no caso de morrerem sem testamento, hypothecando para esse fim todos seus bens.

O vestuario do Grão Mestre, quando em cerimonia apparecia em publico, ou quando assistia ao Conselho da Ordem, que era composto de cincoenta Conselheiros, ou Senadores, e todos Cavalleiros Grão Cruzes, consistia em um gibão e calções vermelhos, bem como as meias e sapatos, e em uma veste de tella de prata, que descia até ao joelho, com mangas mui largas. Esta veste era apertada com um cinto de velludo encarnado, em que prendia a espada. Punha por cima um grande manto de velludo azul, que arrastava pelo chão, e era forrado de tella de prata, suspenso do collo com dous cordões de ouro e seda encarnada, que chegavão até ao chão. Ao lado do manto estava a Cruz da Ordem, vermelha, orlada de ouro, e com remates de flores de liz, em que estavam as quatro letras — I — H — S — V — que significavão: *In Hoc Signo Vincas*. No meio tinha o nome de Jesus Christo, expressado pelas duas letras — X e P. —

O grande collar, que trazia sobre o manto, era composto do mesmo monogramma — X e P —

em quinze ovaes de ouro, esmaltados de azul. Do meio delle pendia um S. Jorge de ouro, acavallo, e assoberbando um dragão. Era elle circundado de uma grinalda, metade de folhas de carvalho, e metade de oliveira.

A gorra do Grão Mestre era á Macedonia, de um palmo d'altura, de velludo carmezim, e forrada de setim branco. Em quatro pontos era relevada com o mesmo monogramma — X e P — bordado a ouro, e adornada com uma penna preta de avestruz.

Os Grãos Cruzes, que erão cincoenta, tinham gibão e calções azues, e por cima uma veste, que chegava até ao joelho, mas branca, assim como as meias e sapatos. O cinto era de velludo vermelho; o manto de damasco azul, forrado de branco, e não tão longo como o do Grão Mestre, mas também com a Cruz da Ordem ao lado. Era-lhe licito trazer o grande collar. A sua gorra era de setim azul, ornada com uma penna branca, e tendo também nos quatro pontos o monogramma — X e P — bordado a ouro.

O mesino vestuario tinham os Cavalleiros de justiça; mas o manto era de tafetá azul ondeado; não podião trazer o grande collar, e sómente uma pequena cadêa d'ouro, da qual pendia a Cruz da Ordem, esmaltada de vermelho.

Os Cavalleiros Ecclesiasticos, que também erão nobres, tinham um grande manto azul, e um barrete quadrado, de velludo da mesma côr, com o monogramma — X e P — nos quatro lados.

Os Padres da Obediencia, ou Capellães, uzavão nas ceremonias

de uma sobrepeliz de tafetá azul, rodeada de franja, e ao lado a Cruz vermelha, de velludo. Mas não sendo em cerimonia, trazião ao pescoço uma Cruz de ouro, e sobre a capa uma Cruz de lâ vermelha, orlada de cordão amarello.

Tinhão os Irmãos Serventes tão sómente uma banda azul, de tafetá, lançada do hombro direito para o quadril esquerdo, e no meio della uma Cruz a que faltava o braço superior. Quando os Cavalleiros entravão em campanha, e combatião pela Fé, devião os Irmãos Serventes levar uma sobreveste de panno branco, em forma de escapulario, tendo no meio uma Cruz vermelha.

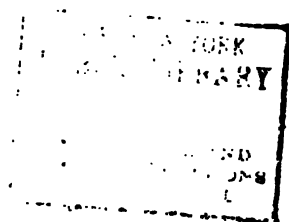
Havião os Soberanos Pontifices concedido para sempre o Grão Mestrado da Ordem á Casa dos Comnenos, como já deixamos dito; mas como André Anjo Flavio Comneno, Principe de Macedonia, e o derradeiro da familia, depois de governar a Ordem por espaço de muitos annos, cedeo para sempre, no de 1699, o Grão Mestrado ao Duque de Parma Francisco Farnese, e a seus successores. Confirmou o Summo Pontifice Innocencio 12.^o esta cedencia por Breve de 29 de Outubro do mesmo anno; e para logo o novo Grão Mestre fez nos Estatutos algumas alterações.

Foi a Ordem Militar de Constantino o Grande formalmente renovada em Napoles no anno de 1759, a despeito da cedencia feita aos Duques de Parma; della porrem se declarou Grã Mestra a Ex-Imperatriz Maria Luiza em 1815.



Brasão da Ordem da Fria ou da Garça

CAVALLEIRO DA ORDEM DA
Fria ou da Garça



OS CAVALLEIROS

DA

ORDEM DA FRISA, OU DA COROA.

Quanto á verdade, escrevo o que acho nas Historias, especialmente nas nossas, ainda que tão disperso, e tão recopilado, que ainda olhando (como ultimo arrimo) para aquelles antigos Escritores, antes tenho que lhes culpar de descuidos, que agradecer-lhe de documentos. Delles tirei, e aponto o preciso á noticia, e só digno della

(FR. LUCAS DE ST.^a CATHARINA. — Memorias da Ordem Militar de Malta).

CARLOS Magno dominava na Frisa, provincia dos Paizes Baixos. Teve de combater contra os povos de Saxonia; e os Frisões, robustos e valorosos, lhe prestarão serviços mui consideraveis. Para os premiar criou elle em 802 a Ordem da Frisa, ou da Coroa; e deu por Divisa aos Cavalleiros uma Coroa, que elles devião trazer sobre a vestidura branca, e com a seguinte legenda

Coronabitur legitime Certans.

— Triunphará quem pugnar pela justiça. —

Tal é, segundo muitos Historiadores, a origem da Ordem dos Cavalleiros da Frisa, ou da Coroa, tão antiga como pouco acreditavel.

Sem contestarem a Carlos Magno tão honorifica instituição, limitão-se outros Autores a affirmar, que o Grande Imperador só creára a Ordem dos Cavalleiros da Fri-

sa, ou da Coroa, quando com seus valentes Frisões derrotara os Lombardos, e fizera prisioneiro seu Rei Didier, não sem grande quebra de honra da parte do Conquistador. « Se abandonando-se assim ao seu inimigo (diz o Historiador Anquetil, apoiando-se em Mézeray) contou com a sua generosidade, enganou-se. O vencedor o conduzio para França, e o encerrou em um Mosteiro; rapado, e com habito religioso, ou como simples prisioneiro, alli morreo pouco tempo depois. Que peor lhe poderia acontecer, se se tivesse defendido? »

Fundando-se no que escrevera Hancinius, Historiador Frisão, refere, entre outros, o Padre Giustiniani varios privilegios, que aquelle Principe em Roma concedera aos Cavalleiros, acrescentando, que lhes dera a Regra de S. Basílio.

Por muitas outras Cidades foi imitado o zelo de S. Basilio. A seu exemplo se edificarão muitos outros Hospitales. E por que os leprosos naquelles tempos erão muy communs, e seu mal contagioso, deu-se aos Hospitales o nome de *Leprosarias*, ou *Gafarias*, debaixo da invocação de S. Lazaro.

Daqui pretendem alguns Escritores deduzir a origem da Ordem Militar dos Cavalleiros Hospitalarios de S. Lazaro de Jerusalem, affirmando, que os homens, que se encarregarão do mister dos Hospitales, abraçarão a Regra de S. Basilio, formando um Instituto differente da sua Ordem debaixo da invocação de S. Lazaro, Instituto que fôra approvado pelo Summo Pontifice S. Damaso 1.º

M. Maimbourg, na sua Historia das Cruzadas, pareceo confundir os Cavalleiros de S. Lazaro com os de S. João de Jerusalem; ou pelo menos insinuou, que estes tiverão origem na Ordem de S. Lazaro, que era o mais antigo estabelecimento de Cavalleiros Hospitalarios em Jerusalem. Disse elle, que quando os Principes Christãos conquistarão a Terra Santa, já em Jerusalem havia Hospitalarios, e delles, uns recebiam os peregrinos, outros os doentes, e especialmente os leprosos; mas que os destinados para receber os peregrinos haviam começado longo tempo depois dos Hospitalarios de S. Lazaro, dando lugar ao seu estabelecimento o haverem certos homens de Amalfi, Reino de Napoles, que mercadejavão na Syria, obtido de um Califa do Egypto permissão para edificarem um Mosteiro perto do

Santo Sepulchro. A este Mosteiro, continua elle, acrescentarão depois um Hospital com um Oratorio dedicado a S. João Esmoller, e destinado para receber peregrinos e doentes pobres, formando-se então uma Communidade, que alem dos empregados no tratamento dos doentes e leprosos, comprehendia tambem os que erão privativamente destinados para o serviço dos peregrinos, e chamando-se uns e outros indistinctamente Hospitalarios. Longo tempo viverão elles neste louvavel exercicio de caridade, submettidos a um Superior, a quem chamavão Mestre do Hospital; até que feita a conquista da Palestina pelos Principes Cruzados, tomarão armas, não só para defesa dos peregrinos, senão para servirem os Reis de Jerusalem, a quem forão de grande auxilio em todas as guerras, que elles tiveram. Foi então que sua Communidade se dividio em tres diversas classes. Era a primeira, dos Cavalleiros, que ião á guerra: — a segunda, dos serventes, que cuidavão dos enfermos, e peregrinos: — a terceira, dos Ecclesiasticos, e Capellães, que lhes administravão os Sacramentos; erigindo-se o todo em Ordem Militar, que fôra confirmada pelo Summo Pontifice Paschal 2.º

Grandes são as contestações, que ha entre os Historiadores sobre a fundação de um terceiro Hospital, debaixo da invocação de S. João Baptista, que se diz feita pelo anno de 1112 pelo B. Gerardo Thom, da Ilha de Martiguas, na Provença, Mestre dos Hospitalarios ao tempo em que Jerusalem

.

BUTTER
FLOUR

BUTTER
FLOUR

.



Porto, Lith. B. da Republica, N.º 22 e 30

CAVALLEIRO DE S. LAZARO

foi tomada aos Sarracenos. Pretende-se que nesse novo Hospital acomodara elle novos Cavalleiros, que pouco tempo depois se propozerão viver vida mais austera e perfeita que a de seus antigos confrades; e que succedendo Fr. Boyant Roger no Grão Mestrado por morte do B. Gerardo Thom, os novos Cavalleiros se separarão dos antigos, que sempre conservarão o nome de S. Lazaro.

Mas uma dissertação em que se comparassem os argumentos a favor ou contra: em que se fizessem todos os esforços para obter a verdade, que talvez, no fim de tudo, ainda ficaria mais abisinada na obscuridade daquelles tempos: — uma tal dissertação, dizemos nós, seria por ventura fastidiosa á maior parte de nossos leitores, se não alhêa de nosso proposito.

Entreguemos por tanto o esclarecimento deste ponto controverso á infatigavel critica e investigação dos Historiadores; e vejamos o que ha de mais positivo relativamente aos Cavalleiros de S. Lazaro.

Começarão elles exercitando a caridade com os miseraveis leprosos nos Hospitaes destinados para os receber. Daqui tomarão o nome de Hospitalarios; e sem que abandonassem o respeitavel e humanissimo exercicio da hospitalidade, e a exemplo dos outros Hospitalarios, lançarão alguns delles mão das armas em serviço dos Principes Christãos, que conquistarão a Terra Santa. — Decorria então o seculo 12.º

Na Ordem dos Cavalleiros de S. Lazaro podião entrar os leprosos, sem duvida para prestarem

seus cuidados ás outras victimas do mesmo mal, que de força ou de vontade entravão nos Hospitaes. E é digno de notar-se, que só podião eleger por Grão Mestre algum leproso do Hospital de Jerusalem, pratica esta que durou até ao Pontificado de Innocencio 4.º

Pelos annos de 1253, sendo os Cavalleiros obrigados a abandonar a Syria, representarão áquelle Pontifice a impossibilidade que tinham de eleger Grão Mestre de entre os leprosos, por isso que os Infieis havião acabado com todos os do Hospital de Jerusalem; e lhe supplicarão permissão para de futuro elegerem qualquer Cavalleiro em boa saude. O Bispo de Frascati, para quem forão remetidos, depois de bem examinada a pretensão, lhes deferio favoravelmente. Assim se acha relatado pelo Summo Pontifice Pio 4.º, na sua Bulla de 1565, em que renova e acrescenta todos os privilegios e graças por seus predecessores concedidas á Ordem Militar dos Cavalleiros de S. Lazaro.

Aquelles que não erão leprosos, e que estavam em circumstancias de pegar em armas, fizeram consideraveis serviços aos Principes Christãos na Palestina, o que obrigou os Reis Balduino 2.º, Foulques, Amaurio 3.º e 4.º, e as Rainhas Melisinda e Theodora, a os tomar debaixo de sua protecção, beneficiando muito as casas, que a Ordem tinha na Syria. Obtiverão muitos privilegios dos Summos Pontifices; e depois de passarem para Europa, lhes derão os Principes riquissimas possessões.

O Summo Pontifice Clemente 4.º ordenou a todos os Prelados da

Igreja, que, sob pena de excomunhão, dessem mão forte aos Cavalleiros de S. Lazaro, quando elles se lhes dirigissem, para obrigar os leprosos a que entrassem nos seus Hospitaes, e com todos os seus bens moveis e immoveis.

Por uma Bulla de 1255 lhes permittio o Summo Pontifice Alexandre 4.º seguir a Regra de Santo Agostinho; e no anno de 1257 os collocou debaixo da protecção da Santa Sé, confirmando as doações que lhes havia feito o Imperador Frederico 2.º na Sicilia, na Pulla, na Calabria, e em algumas outras Provincias,

Henrique, Rei de Inglaterra, Duque d'Anjou, e de Normandia, e Thibaud, Conde de Blois, e muitos outros, acrescentarão com largueza as rendas da Ordem. Mas dos Reis de França é que estes Cavalleiros receberão maiores beneficios; por que, expulsos da Terra Santa em 1253, seguirão a S. Luiz, que em reconhecimento dos serviços, que no Oriente lhe havião prestado, confirmou as doações de seus predecessores, concedendo-lhes muitos outros privilegios, e os metteo de posse de muitas casas, Commendas, e Hospitaes, que para elles fundara.

Boigny, de junto de Orleans, lhes havia sido dada por Luiz 7.º, appellidado o Moço, no anno de 1154. Os Cavalleiros da Ordem Militar de S. Lazaro escolherão Boigny para cabeça da Ordem; e o Grão Mestre tomou o titulo de Grão Mestre da Ordem Militar de S. Lazaro d'aquem e d'alem Mar, estendendo sua jurisdicção não sómente aos Cavalleiros residentes em França, mas aos das outras na-

ções; e foi por isso que João de Couras, provido no Grão Mestrado por Philippe de Valois em 1342, deu em 1354 poderes a Fr. João Hallidei, Escossêz, para em seu nome governar no espirital e temporal tudo o que em Inglaterra e na Escossia á Ordem pertencia, com o encargo de pagar annualmente trinta marcos de prata á Grande Commenda de Boigny.

Jacques de Beynes, em 1377 provido no Grão Mestrado pelo Rei Carlos 5.º, appellidado o Sabio, deu a Fr. Domingos de Saint Roy a Commenda de Seringou, na Hungria, estabelecendo-o seu Vigario Geral em todo aquelle Reino, com obrigação de comparecer nos Capitulos Geraes de Boigny, e de lhe pagar quatro marcos de prata fina. Foi tambem dado o Grão Mestrado em 1441 por Carlos 7.º a Pedro Ruaux, e por Luiz 11.º a João Cornu, em 1481.

Começou porém de introduzir-se a relaxação no primitivo Instituto destes Cavalleiros, e principalmente na Italia; e por outro lado, de tal sorte havião já escaçado os leprosos, que se tornavam inuteis os Hospitalarios. Levou isto o Summo Pontifice Innocencio 8.º a supprimir a Ordem, por Bulla de 1490, unindo-a com tudo o que lhe pertencia, á Ordem de S. João de Jerusalem. Não foi porém esta Bulla recebida em França, onde continuou a haver Grão Mestre da Ordem de S. Lazaro, que recebia Cavalleiros, e conferia as respectivas Commendas. Luiz 12.º deu o Grão Mestrado a Aignan de Mareuil, seu irmão. Nelle foi tambem provido Claudio de Mareuil por Francisco

1.º; e Henrique 2.º nomeou Grão Mestre a João de Conty, e depois a João de Levi; Francisco 2.º a Miguel de Securri; e Carlos 9.º a Francisco Salviati. — Todos elles celebrarão Capitulos Geraes em Boigny.

Depois da morte do Grão Mestre Salviati, deu Henrique 3.º o Grão Mestrado a Aimar de Chat-tes. Succedeo-lhe João de Gayan, que voluntariamente se demittio em 1604; e por Henrique 4.º foi então nomeado Philbert de Neres-tang, que tambem reunio a qualidade de Grão Mestre da Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmello, á qual foi unida a de S. Lazaro.

O mais antigo monumento que nos pode fazer conhecer o verdadeiro trajo destes antigos Cavalleiros, é o que existia na Commenda de Gratemont, junto de uma Imagem de Santo Antonio, o Egypcio, colocada sobre um genero de columna. Vião-se de joelhos cinco Cavalleiros de S. Lazaro, armados de couraça, e um Capellão da mesma Ordem, tendo todos um longo manto em que se enxergava uma simples Cruz, mas com as extremidades em forma de patas. Diferentes erão comtudo as que elles tinham sobre o peito, com o pé um pouco mais longo, e terminando em ponta aguda. Revelava uma inscripção alli adjunta, que a Imagem fôra mandada fazer por Pedro Potier, Commendador da Ordem. Santo Antonio, o Egypcio, estava no meio de chaimas, tendo a seus pés muitos porcos, que no meio dellas saltavão. O Santo, em vez de ter sobre o habito o T, com que ordinaria-

mente os pintores o representavão, tinha uma coroa.. A Imagem foi sem duvida feita pelo meio do seculo 15.º, pois que o Commendador morreo no anno de 1460, como se lê na inscripção, que em nossa lingoagem vertemos:

— *Diante deste Altar mór jaz o illustre homem e religiosa pessoa F. Pedra Potier, appellido Confians, Cavalleiro Ecclesiastico na Ordem e Cavalleria de S. Lazaro de Jerusalem, Commendador de Ceans, e da Lande Darou, Vigario Geral do nobre e poderoso Senhor F. G. Desmares, Cavalleiro Grão Mestre Geral de toda a sobre dita Ordem e Cavalleria d'aquem e d'alem Mar, Commendador da Casa Conventual de Boigny, de junto de Orleans, que morreo no anno de 1460.* —

Ha toda a probabilidade de que só no fim do seculo 15.º, ou começo do 16.º é que os Cavalleiros de S. Lazaro tomarão a Cruz de oito pontas, como a trazião os Cavalleiros de Malta; por que nos privilegios da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem, impressos em Roma no anno de 1566, se encontra uma vinheta em que são vistos muitos Cavalleiros com grande barba, trajando uma tunica preta de longas mangas, com a Cruz de oito pontas sobre o peito, e todos em acção de receberem do Summo Pontifice a Cruz da Ordem, e uma espada,

A estampa, que offerecemos, representa um Cavalleiro da Ordem Militar de S. Lazaro no seculo 15.º

OS CAVALLEIROS

DA

ORDEM MILITAR DE S. COSME E S. DAMIÃO,

OU

DOS MARTYRES DA PALESTINA.

Vingt troupes de guerriers devant lui dispersés,
Les coursiers effrayés, les armes fracassées,
Comblent tous les désirs de son cœur belliqueux,
Et voilà ses plaisirs, ses fêtes et ses jeux.

(AIME' MARTIN.)

RETIRAR do poder dos Infieis os Santos Logares, por elles occupados na Palestina, era o anhelos de toda a Christandade pelos fins do seculo 11.º Principes, Sacerdotes, Cavalleiros, tudo se reunia em torno da Cruz. Honra aos que forinirão a primeira Cruzada, e forão combater pela Fé! honra e gloria eterna aos que junto das muralhas de Jerusalem tiverão a ventura de espirar por Jesus-Christo, ou de triumphar dos inimigos de seu Nome! Por mais que passem as idades, por grande que seja o poder do tempo, que espedaça as columnas e parte os bronzes, nunca elle ha de conseguir que sua memoria se escureça.

Mas os Christãos na Palestina não tinham a combater os Infieis sómente. Correndo de regiões diversas, accostumados a diferentes climas, estranharão os ares da

Palestina, pouco são talvez naquella época, e forão victimas de innumeraveis doencas.

Preciso foi crear um estabelecimento em que a Piedade e a Sciencia podessem adoçar-lhe os padecimentos, e pôr-lhe a vida a coberto do halito da morte. Edificou-se um Hospital em Jerusalem no anno de 1030, como pretendem alguns Escriitores, e não sabemos se com grande fundamento, pois que a primeira Cruzada só teve lugar no de 1096; mas edificou-se, e edificarão-se outros em diversas Cidades daquella região. Erão elles feitura de gente religiosa; e bem assim se deixou vêr, até por serem dedicados aos Santos Martyres Cosme e Damião.

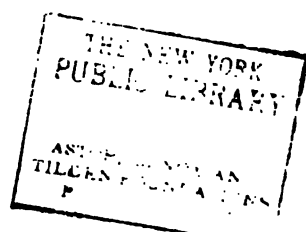
Filhos dos mesmos pais, Arabes de nação, e ambos educados na Syria, estudarão e praticarão



N.º 17

CAVALLEIRO DE S COSME

• S' Damão.



ambos a Medicina gratuitamente, o que lhes grangeara o appellido de *Antargyres*, ou sem dinheiro. Estavam elles em Eges, cidade maritima da Cilicia, quando Lysias pelo Imperador Diocleciano foi nomeado Proconsul desta Provincia, e nella veio devassar dos Christãos. S. Cosme e S. Damião generosamente confessarão o nome de Jesus-Christo; e esta confissão foi sellada com o seu sangue, soffrendo o martyrio com mais tres irmãos, Anthimo, Leoncio, e Euprepio, em 27 de Setembro do anno 288.

— « Não avia alguém que lhe » não chamasse guardadores (diz » Fr. Diogo do Rosário): todos » choravão sua ausencia. Não avia » algum que não tivesse por muito grande perda a morte e apartamento de S. Cosmo e Damião. » Toda a multidão dos que por elles forão curados, fazia muito » grande pranto; os que por elles forão ensinados choravão sem » consolação. Os mancebos se vestião de dó; e os homens e molheres pranteavão com grandes » gemidos sua morte. » —

Crê-se que os corpos dos dous nobres martyres forão transportados da Cilicia para a Syria Euphratesiense, onde provavelmente viverão seus amigos e parentes; mas que forão depois depositados na antiga Cidade de Cyro, Patriarchado de Antiochia. O célebre Theodoretto, Bispo de Cyro no seculo 5.º, dá testemunho de que no seu tempo lá existia uma Igreja de S. Cosme e S. Damião, e os qualifica ambos de *Illustres Vencedores e Santos Athletas de Jesus-Christo*.

A particular devoção do Imperador Justiniano para com os dous Santos o levou a engrandecer e fortificar esta antiga Cidade, cuja fundação alguns attribuem aos Judeos, que este nome lhe darião gratos a Cyro, que lhes concedera a liberdade. — O certo é, que melhores Padroeiros não nos podião os Christãos encontrar.

A humanidade dos que administravão estes Hospitaes não distinguia condições. Enfermo pobre ou rico, escravo resgatado, todos em fim alli erão indistinctamente recebidos. E nem se limitavão sómente aos que gemião nas garras da doença; a todos os entes que soffrião privações, aos pobres, ás viúvas, aos orfãos accodião com vestidos, alimentos, e dinheiro; sem que tambem se descuidassem dos mortos, por que se não poupavão a dar sepultura aos que encontravão abandonados.

Quebrar os ferros aos Christãos cativos, resgatar do poder dos Infieis aquelles a quem esta desgraça acontecia, foi tambem nobre empenho destes Hospitalarios; e isto fez com que pouco tempo depois da sua instituição se elevassem á Dignidade de Cavalleiros, como todos os outros que praticavão o mister de Hospitalarios.

Ao confirmar seu Instituto, deu-lhes o Summo Pontifice João 20.º a Regra de S. Basilio, e por insignias de sua Dignidade um manto branco com a Cruz vermelha, e no meio della um circulo, que continha as imagens dos Santos Martyres Cosme e Damião, que havião tomado por Padroeiro.

Grande foi a honra e fama que estes Cavalleiros adquirirão nos combates em que se empenharão. Mas a Palestina tinha de curvar-se de novo ao jugo dos Infeis; e quando esta desgraça pela ultima vez lhe aconteceu, extinguiu-se inteiramente a Ordem Militar dos Cavalleiros de S. Cosme S. e Damião, ou dos Martyres da Palestina.



OS CAVALLEIROS

DA

ORDEM MILITAR DE SANTA CATHARINA

DO

MONTE SINAY.

Sou filha d'El Rei Costo (Catharina
Responden) des'n'o berço doutrinado;
Mas logo despresei a tal doutrina,
Como me vi com Christo desposada:
Por que em comparação do que elle ensina
Todo o saber do mundo fica nada:
Elle criou o Ceo, criou a Terra,
E tudo quanto mais nelle s'encerra.

(FR. AGOSTINHO DA CRUZ. — MARTYRIOE
VIDA DE ST.^a CATHARINA)

IMPERAVA Maxencio, pelo começo do 4.^o seculo, e a Côrte estava então em Alexandria. Lembrou-se o cruel de um grande sacrificio aos Deoses, em signal de gratidão. Nobres e plebeos, pobres e ricos, devião todos offerecer-lhes alguma victima. Terrivel era o pregão = *sacrificar ou morrer!*

— « Corria grande multidão de gente (diz o nosso Fr. Diogo do Rosario) a Alexandria ao Emperador por medo das ameaças, e huns trazião ovelhas e bois, outros diversos generos de aves. Não vinha algum com as mãos vazias, mas todos estavam apparelhados pera o sacrificio. Aos que erão muito ricos estava mandado que trouxessem grandes animais, e os pobres, pequenos, cada hum offerecia segundo sua possibilidade, e segundo a bene-

» volencia que tinha aos idolos. O
» Emperador convidava a todos a
» offerecer manificos sacrificios, e
» elle offereceo cento e trinta touros. E como estivessem todos
» juntos na Cidade de Alexandria,
» vendo Maxencio tão grande multidão de gente e tanta copia de
» sacrificios, foy muyto alegre: e
» levantou-se e foy ao templo pera
» começar seu sacrificio. Com elle hia todo genero de gente de
» toda idade, e todo o Senado, e
» todos os Regedores e todo o povo levando cada hum o que lhe
» pertencia pera o sacrificio, de maneyra, que por causa do grande concurso de gente que vinha
» a Cidade era pequena, e o templo pequeno, e não avia donde
» se agasalharem, e os bramidos e mugidos dos animaes soavão
» por toda aquella região ao redor,

» e o ar estava contaminado com
» o cheyro mau dos sacrificios.»

Mas a filha de Costo, Rei de Chypre, tão formosa, e christã, como douta nas Divinas Escrituras, e Artes Liberaes, Catharina, que para Jesus Christo guardava a formosura e o amor: — não pôde supportar tão grandes abominações; partia-se-lhe o coração ao ver que tantas almas sacrificavão aos demonios; e resolvendo mostrar seu zêlo, deixou os paços reaes, e se encaminhou ao templo. Manda o tyranno entrar a gentil princeza; nella se cravão todos os olhos ao mesmo tempo, que sua formosura a todos maravilha, e constante, e forte, lança do peito estas vozes:

— « Imperador, entra em ti,
» reconhece tua cegueira, que sa-
» crificas a homens, como tu, mor-
» taes. Já que quizeste dar obe-
» diencia ao Demonio, consultas-
» ses ao menos a Diodoro, um dos
» teus sabios, e não terias por deo-
» ses homens, que acabarão a vi-
» da miseramente. Miseramente
» pagarás teus erros; ser-te-ha da-
» do tormento eterno de inextin-
» guivel fogo. Oh! não desconhe-
» ças o verdadeiro Deos, de quem
» tens o imperio e a vida: que el-
» le é benigno, e recebe com os
» braços abertos os que se arre-
» pendem de seus erros. » —

Maxencio empallideceo. Tomado de ira, nem pôde responder. Mas o sacrificio concluiu-se.... Já tornado aos paços, manda chamar a gentil Princeza; pergunta-lhe quem é — assombra-se de seu saber — cuida que não é mulher das que nascem na terra, mas antes deosa. Insiste a formosa Cathari-

na em fulminar-lhe os erros. Maxencio não sabe defender-se, apella para os sabios; mas a Virgem é conservada em custodia.

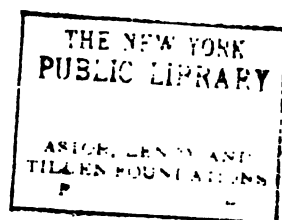
Cincoenta oradores se reúnem a chamamento do Imperador. Catharina é mandada comparecer, e ao sair da prisão lhe apparece um Anjo. O que lhe elle disse fôra impossivel referi-lo com mais primor que nas seguintes oitavas do nosso excellente Lyrico Fr. Agostinho da Cruz:

— Oh Catharina (disse) teu Esposo
Por mim seu Anjo manda visitar-te.
Para contra este numero odioso
De sabios, antes necios, confortar-te,
E depois por martyrio glorioso
Com elles no seu Reino apozentar-te;
Dando-te graças taes, tão eminentes
Que de necios fazer possas prudentes.

— Alegra-te que tens a Deos propicio;
Alegra-te de seres tão ditosa,
Que fazendo da vida sacrificio
Farás esta alma tua mais formosa:
Alegre-te tamanho beneficio,
Oh Virgem Catharina gloriosa;
Lá te vou esperar no Ceo Impirio,
Onde tens a coroa do martyrio.

E o Anjo desapareceo. — Começara a disputa. Dardeja a Virgem como inspirada seus competidores, que já não resistem. Maxencio, irado, condemna os cincoenta ao fogo. Embora: que a sentença já os não assusta:

Os verdadeiros sabios que então virão
Aparelhar-se o fogo, não s'esfrião,
Antes por padecer nelle suspirão
Acrescentando mais outro, em que ardião:
Alegres todos juntos se partirão
Da Virgem, que ficar alegre vião,
Dizendo: Por nós roga. Ella dizendo:
Encomendai-me a quem vos encomendo.





A. B.

CAVALLEIRO DA ORDEM DE S. CATHARINA

do most. de S. Pedro

E alegres, e confortados os lançou no fogo a soldadesca.

Mas a Virgem não sahe do pensamento de Maxencio. Para levá-la a sacrificar aos idolos, tenta agora os meios de brandura; louva-lhe a gentileza; quer que ella partilhe seu Imperio, e que no paço com elle móre. A nada disto a Virgem se movia. Vierão as ameaças; e Catharina, bem longe de amedrontar-se, mostra desejos de que elle a faça alcançar a gloria eterna, e ousa até predizer-lhe, que será seguida de muitos, e dos de seus proprios paços.

Maxencio, em cólera, manda despir a Santa Donzella, e açoita-la crudelissimamente por espaço de duas horas :

Quaes lobos vigiando dos outeiros,
Que virão sem pastur a mansa ovelha,
Famintos, furiosos, e ligeiros
Da pelle branca vão fazer vermelha :
Taes serão os algosos carniceiros,
Tanto que a voz soou na sua orelha
Da boca do Tyranno, que não cança
De bradar contra aquella ovelha mansa.

Mas ella nos tormentos florecendo
Como lirin nos valles regadios,
Tanto mais na firmeza vai crescendo,
Quanto de sangue mais crescem os rios,...

E corria o sangue.... e corrião as lagrimas dos presentes.... Mas a constancia de Catharina é inalteravel! Dir-se-hia que seu alvo corpo era de pedra, se os rios de sangue que d'elle manavão, não denunciasssem a sua natureza!

Seguiu-se-lhe a prisão; e a Imperatriz Augusta, admirada do que ouvira de Catharina, deseja vê-la e ouvi-la. Fôra-lhe isto impossivel se se não valesse de Pro-

firio, que então entrára em Alexandria com o exercito, que capitaneava. Communica-lhe Augusta seu desejo, não sem que primeiro exija um juramento de segredo. Profirio não se escusa, e diz-lhe que fique de sobre aviso. Em vindo a noite, acompanhado de duzentos Cavalleiros tomou a Imperatriz, e peitando as guardas, com ella se introduzio nas prisões de Catharina. Pasma Augusta vendo como o carcere estava allumiado, e derramando lagrimas de alegria, se lança aos pés da Virgem:

Oh ditosa Senhora, quaes amores
Em tão dursas prisiones, taes asperesas,
Augusta disse, crião brandas flores
Crescendo, quanto mais ao fogo accessas!
Quaes olhos podem ser merecedores
De vêr á sua luz cousas defesas,
Não vos tendo servida por Senhora,
Serva de outro Senhor que vos namora?

De mim, e destes vossos, que comigo
A verdadeira Lei seguir queremos,
Convertidos do nosso error antigo,
Que com suspiros d'alma lavaremos,
Vos alembrai, Senhora, que não digo
O gosto com que todos morreremos;
Mas que outro mór tyranno tomaria,
Se n'outro pode haver mór tyrannia?

A Virgem lhe prognostica o martyrio no fim de tres dias. O mesmo Profirio se converte a Deos com os seus duzentos Cavalleiros; e á meia noite retirão-se.

Tinhão já decorrido doze dias de prisão. Em sendo manhã assentou-se Maxencio em seu Tribunal, e mandando buscar a Virgem, lhe offereceo de novo o Imperio com brandas e meigas palavras. A mesma santa audacia... a mesma obstinação da parte de Catharina. Ao ultimo grão che-

gou então a cólera no animo de Maxencio. O governador Charsasdem mais e mais lhe accende as iras, e lhe lembra o tormento das rodas de serras e navalhas; conta que a Virgem cederá em as vendo mover com todo o seu impeto e ruído, ou que nellas acabará.

Atada ás rodas, e movidas com grande impulso, dellas um Anjo soltou intacta a Santa Donzella; e movendo-se por si mesmas, derão morte a muitos Infieis. Augusta ora pela liberdade de Catharina; e Maxencio, indignado contra sua propria esposa, lhe manda dar crudelissimo fim, pregados os peitos no tampão de uma arca, e mandando o descer com força e impeto, até que de todo se lhe cortassem. E nem isto basta a lhe apagar as iras, que ainda a sentencêa a ser degolada!

— « Recebeo a Santa Empe-
» ratriz esta sentença (diz o Es-
» critor que ja citamos) com muy-
» ta alegria, e passando pola Vir-
» gem disse-lhe. *Rogay por mi.*
» Respondeo Santa Catharina. *Hi*
» *em paz, por que his reynar pe-*
» *ra sempre com Jesu Christo.* »

Augusta foi degolada fóra da Cidade em 23 de Novembro. Profirio, e seus duzentos Cavalleiros, que se declararão Christãos, soffrerão martyrio no dia seguinte. A Catharina, sempre constante, chegou seu termo no dia vinte e cinco. Alem da soldadesca, muita outra gente a acompanha, mas em pranto, e principalmente honradas matronas. Orou a Santa Virgem por alguns minutos, e offerecendo o niveo collo á espada de um dos soldados, foi logo por elle degolada; e já solta das prisões

terrenas voou sua alma para o Cco a unir-se ao Divino Esposo.

Com assombrosa maravilha honrou logo o Senhor a Santa e Gentil Donzella. Virão os assistentes correr da ferida leite em lugar de sangue; e os Anjos, batendo as azas refulgentes, levarão seu corpo ao Monte Synay, onde o sepultarão.

Depois que se acabou aquella breve,
E final oração da Virgem Santa,
O Ministro cruel não se deteve
Em sepultar o ferro na garganta,
Da qual correndo leite branco esteve;
Milagre de que o povo mais se espanta
Por ver um corpo morto, que creava
Com leite aquellas almas, que guardava.

Do seu formoso corpo degolado
Aquella alma ditosa despedida
Nos braços reponsou do seu Amado,
Em cujo amor se tinha derretida:
O corpo foi dos Anjos sepultado
Na parte, que lhe fora concedida
Por Virgem, e por Martyr, e por Sabia,
No monte do Sinay, monte de Arabia.

Era o Sinay o monte dos prodigios! O *Exodo*, o *Levitico*, e os *Numeros* nos ensinão que no Sinay vivera Moizés com Deos duas rigorosissimas quarentenas; que no Sinay lhe fallara, e lhe dera os Mandamentos escritos pela mão divina. Foi no Sinay depositado o corpo de Santa Catharina; lá foi descoberto no seculo 9.º; e só esta circumstancia bastava para attrair os fieis, que de toda a parte correrão a dar culto ás preciosas reliquias da illustre Martyr.

E comtudo, não podião elles fazê-lo com segurança, que erão contínuas as correrias de Turcos, e os peregrinos frequentissimas vezes salteados. Para fazer cessar tão

grande mal isntituirão muitos nobres Christãos uma Ordem de Cavalleiros; e como nella só podião ser recebidos os que ião visitar o tumulo da Santa Virgem, deu-se-lhe o nome de Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay.

Receberão os Cavalleiros por insignia de sua Dignidade parte de uma roda com uma espada tinta de sangue, e em manto branco: ou, como outros pretendem, uma roda de seis raios atravessada com uma espada. Obrigavão-se elles a guardar o corpo da Santa Virgem, a tornar seguros os caminhos para seus romeiros, a defender a Igreja, a obedecer em tudo a seus Superiores, e a observar a Regra de S. Basilio.

Autores ha que pretendem que a instituição desta Ordem data do anno 1063, e outros de 1067. Escreverão tambem, que a principal obrigação destes Cavalleiros era prover á segurança dos peregrinos, que visitavão o Santo Sepulchro do Redemptor. Não ha porem fundamento para se admittir a existencia de alguma Ordem Militar antes do seculo 12.º. como já levamos dito; e por outra parte, o

nome da Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay, e o facto de serem os Cavalleiros armados sobre o seu Tumulo, bem parecem indicar, que para guarda desse Tumulo é que elles forão creados, e não do Santo Sepulchro de Jesus Christo, que teve por defensores os Cavalleiros desse nome, dos quaes teremos occasião de fallar quando nos occuparmos das Congregações e Ordens Militares da Regra de Santo Agostinho.

Não encontramos que a Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay fosse aprovada por algum Soberano Pontifice; e desde tempos mui remotos se achella abolida, talvez por que se julgasse desnecessaria. Ignoramos tambem o fundamento com que o nosso Casado Giraldes, em seu Tractado completo de Cosmographia e Geographia, e na 1.ª Tabella das Ordens Militares extinctas, fixa a ereação da Ordem Militar de Santa Catharina do Monte Sinay no anno de 737, e lhe dá por insignia — *Cruz quadrada, pontas quadradas, quatro cruces iguaes pequenas nos espaços, e um circulo em volta da grande cruz, deixando as pontas de fóra.* —



OS CAVALLEIROS

DA

ORDEM MILITAR DE CHYPRE, OU DO SILENCIO,

CHAMADOS TAMBEM DA ESPADA.

Le seul mot de — chevalerie, — le seul nom d'un illustre — chevalier — est proprement une merveille, que les détails les plus intéressants ne peuvent surpasser, tout est là-dans, depuis les fables de L'Arioste jusqu'aux exploits des véritables paladins, depuis les palais d'Alcine et d'Armide, jusqu'aux tourtelles de Cœur et d'Anet.

(CHATEAUBRIAND. — GEN. DU CHRIST)

EASARA Guido de Luzignan com Sybilla, a primogenita de Amaurio, Rei de Jerusalem, viuva de Guilherme *Longa Espada*, Marquez de Montferrat; e por este consorcio veio a ser Rei de Jerusalem, no anno de 1185, succedendo a Balduino 4.º, appellido o *Leproso*. Pouco porem lhe durarão tantas venturas, que dous annos depois, no de 1187, tomada Jerusalem por Saladino, quasi toda a Terra Santa cahio em poder dos Infeis.

Tres annos decorrerão. Em 1191, Ricardo, Rei de Inglaterra, o primeiro do nome, e appellido *Coração de Leão*, apprehendeo combater os Sarracenos. Partio; mas uma temerosa tempestade o arrojou nas costas da Ilha de Chypre, antigamente consagrada

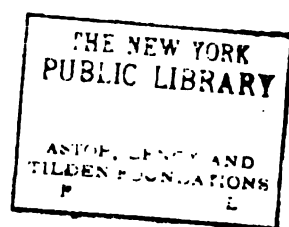
a Venus, e uma das maiores do Mediterraneo. Longe de encontrar asylo e sympathias em seu desastre, deparou Ricardo com um inimigo na pessoa de Isaac Comneno, homem cruel e desalmado, entregue a quantos crimes affeição a humanidade, e que se havia aposado da fertil Chypre. Para a gente da miseranda frota, vencida e rota pela braveza de um mar em furias, se tornarão inhospitas aquellas praias. O coração de Isaac Comneno cerrou-se a todo o sentimento de humanidade, e a frota e os guerreiros de Ricardo foram completamente desvalijados.

Embora. Ricardo de Inglaterra não tarda em tomar vingança. Torna-se para logo senhor da Ilha; della arranca despojos incalculaveis; e conduz prisioneiros Isaac, e sua



Retra Lith R da B. b. l. co. N.º 26 e 30

CAVALLEIRO DA ORDEM DO SILENCIO.
ou de Cypre.



mulher. São de ouro os grilhões, que elles arrastão; mas são grilhões.

Coube depois a Ricardo o commando dos Cruzados. Por toda a parte o seguio a fortuna, que os valerosos vão sempre por diante; e tão assombrosas forão suas victorias, que infallivelmente tomaria Jerusalem, se o fatal ciume de Hugo de Borgonha o não sustasse em seus projectos.

Havia elle concebido a idea de formar naquellas partes um grande reino; e para que ninguem lhe podesse disputar o titulo de Rei de Jerusalem, o comprou ao desthronado Guido de Lusignan, dando-lhe em compensação a Ilha de Chipre. — Não é porém de nosso intento proseguir mais na historia de Ricardo 1.º de Inglaterra.

Guido de Luzignan tomou então o titulo de Rei de Chipre, que seus descendentes conservarão até ao anno de 1473. Em cingindo a coroa, no anno de 1192, instituiu elle logo uma Ordem Militar com que podesse oppor-se ás desembarcações e entreprêzas com que os Infieis pretendessem dar rebatê a Chypre. Guido de Luzignan tinha direito a esperar que os Cavalleiros desta Ordem não fossem menos esforçados que os das Ordens Militares da Palestina, estabelecidos para defesa dos Santos Logares, e de cujos feitos heroicos elle mesmo tinha sido testemunha.

Por insignia da sua Ordem deu o Rei de Chypre a estes Cavalleiros um collar composto de cordões de seda branca encadeados em laços de amor, e por entre esses laços as letras — R e S —

formadas de ouro. Deste collar pendia sobre o peito uma medalha oval de ouro, e nella uma espada nua, cuja lamina era esmaltada de prata, e as guardas flordelizadas de ouro, tendo em roda esta Divisa—*Sicuritas Regni*—como para mostrar aos Cavalleiros, que depois de Deos só no seu amor e fidelidade librava a conservação de seu novo reino. Daqui nasceo affirmarem alguns Authores, que a esta Ordem se deu tambem o nome da *Espada*.

Outros ha porem que sustentão que estes Cavalleiros se chamarão do *Silencio*, pretendendo que tal era a significação da letra S, e que o R tinha por fim mostrar que a Ordem era Real, como se ambas as letras quizessem dizer — *Regium Silentium*: Real Silencio. Tal outro houve, que pretendeo que o S significava — *Secretum Societatis* — Segredo da Sociedade.

Guido de Luzignan, em acabando de instituir a sua Ordem, a conferio a seu irmão Amaurio, Condestavel de Chypre, e que veio a succeder na Coroa, e a mais trezentos Barões, que estabeleceo em seu Reino, e que erão pela maior parte Francezes, que o havião acompanhado desde a Palestina.

Fez-se a primeira cerimonia na Igreja de Santa Sophia, Cathedral de Nicosia, em dia da Festa da Ascensão de Jesus Christo, no anno de 1195. Dirigio o Rei de Chypre uma exhortação aos Cavalleiros, recommendando-lhes união e fidelidade; e os Cavalleiros fizeram voto de empregar a espada, que receberão, em defesa

da Fé e da Igreja, em apoio da Justiça, em proteger os desvalidos, e a publica tranquillidade. — Esta Ordem seguiu tambem a Regra de S. Basilio.

Em quanto a Casa de Luzignan se logrou do Reino, grande foi o esplendor da Ordem Militar

dos Cavalleiros de Chypre, ou do Silencio. Tudo porem se acabou no momento em que Catharina Cornaro, viuva de Jacques Luzignan, cedeo o Reino de Chypre aos Venezianos, que delle tambem só forão senhores até que os Turcos lho empolgarão no anno de 1571.



OS CAVALLEIROS

DA

ORDEN MILITAR DE S. BRÁS.

Nesta nossa christã Filosofia

O Senhor que de graça nos sustenta

Diante foy de nós, por nossa guia.

Quem após elle vay na mor tormenta

Mayor quietação, forças mayores

Pera mais o seguir mais acrescenta.

(DIUGO BERNARDES — CARTA 9).

NA impossibilidade de fixar o anno da instituição da Ordem Militar de S. Brás, pelo silencio que a tal respeito guardarão todos os Escretores — forçado é que nos contentemos com saber, que ella foi estabelecida, pouco mais ou menos, na mesma época em que se creou a dos Templarios em Jerusalem. Derão-lhe os Reis Armenios, que se presume serem seus instituidores, o nome de S. Brás, que tinha sido Bispo de Sebaste, na Armenia, cidade então dependente do Governo de Cappadocia.

Fôra S. Brás eleito Bispo pelas vozes dos Fieis de Sebaste; mas, crescendo a perseguição do Imperador Diocleciano, se vio na dura necessidade de fugir para o êrmo a se esconder em uma caverna do Monte Argeu, aonde se diz que as aves lhe levavão o necessario sustento.

A fama dos milagres, que S. Brás fazia na sua gruta, lhe ganhou a cólera de Agricola, Governador da Cappadocia e da pequena Armenia, já quando Licinio imperava. Preso pelos soldados, nem por isso deixou de manifestar em sua presença o dom, que de Deos havia alcançado.

— « Veyo a elle naquelle dia » (diz o nosso ingenuo Fr. Diogo do Rosario) hũa mulher, e trouxe hum seu filho, que tinha atravessada na garganta hũa espinha de peixe que o queria afogar, e lançou-se a seus pés, rogandolhe com lagrimas pela saude de seu filho: e S. Brás pondolhe a mão, e orando por elle, foi logo são. E orou ao Senhor, que todos os que padecessem alguma paixão da garganta, encomendandose a elle fossem ouvidos. E ouviu hũa voz

„ que lhe disse, ser ouvido do Senhor.

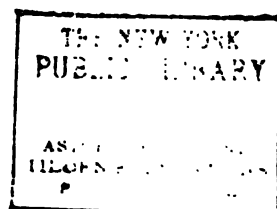
„ « Hũa molher pobre tinha hum
„ só porco, o qual lhe tomou hum
„ lobo, e ella foy rogar a S. Brás
„ que lhe fizesse tornar o seu por-
„ co, e S. Brás sorrindose disse:
„ *Não te entristeças molher, por*
„ *que o teu porco te será tornado:*
„ e logo veyo o lobo, e lhe tor-
„ nou o porco. A viuva achando
„ o porco matouo, e levou parte
„ d'elle cozido com pão e candêa
„ ao Santo ao carcere. Depois
„ que S. Brás entrou na Cidade
„ de Sebaste, mandouo o presi-
„ dente ao carcere, e outro dia
„ pola manhã mandouo trazer di-
„ ante de si: e vendoo falloulhe
„ com palavras brandas dizendo.
„ Alegrate Brás amigo dos deo-
„ ses. Respondeo S. Brás. *Ale-*
„ *gría tenhas tu nobre presidente;*
„ *mas não queiras chamar Deo-*
„ *ses, senão demonios, por que en-*
„ *tregues são ao fogo eterno com*
„ *todos os que os adorão.* Ouvindo
„ isto o presidente, muyto irado,
„ mandouo açoutar com varas, e
„ tornalo ao carcere, e disselhe
„ S. Brás: *Homem sem siso, espe-*
„ *ras de tirar de mi amor de meu*
„ *Deos com tuas penas, sendo el-*
„ *le minha fortaleza?* Depois de
„ alguns dias, sendo outra vez ti-
„ rado do carcere, e não no po-
„ dendo o presidente inclinar ao
„ sacrificio dos idolos, o mandou
„ pendurar em hum madeiro, e
„ espedaçar suas carnes com u-
„ nhas e pentes de ferro, e tor-
„ nouo a mandar ao carcere. » —

Em balde empregou Agrícola quantos meios a malicia lhe suggeria, já de brandura, já de terror, para fazer com que S. Brás

adorasse os idolos. E por que a perseguição naquelle tempo era es-
pantosa, principalmente contra Bispos e soldados; obteve S. Brás a coroa do martyrio, que anhelava.

— « Depois disto (continua
„ o Escriitor já citado) mandou o
„ juiz trazer diante de si a S.
„ Brás, e disselhe: Queres ado-
„ rar os deoses, ou perseveras a-
„ inda na tua dureza? Respondeo
„ S. Brás. Faze o que quizeres
„ por que eu não temo teus tor-
„ mentos. Mandouo então o juiz
„ meter em hũa lagôa, e S. Brás
„ fazendo o sinal da Cruz, andou
„ por ella como por terra firme e
„ chão, e disse aos soldados que
„ ahy estavam. *Se os vossos deoses*
„ *são verdadeiros, mostrai o seu*
„ *podêr, e entrái aqui comigo.* En-
„ trarão sessenta e cinco homens
„ no lago, e afogárose. Apare-
„ ceo então o Anjo do Senhor a
„ S. Brás, e disselhe: *Sae Brás*
„ *fôra, e recebe a coroa que te*
„ *está aparelhada.* E saindo da
„ lagôa, disselhe o Presidente. Em
„ fim que de todo determinaste
„ Brás de não adorar os idolos?
„ Respondeo o Santo: Conhece
„ misero que sou eu servo de
„ Deos, e que não adoro demo-
„ nios. E logo o mandou degolar
„ com os dous mininos que elle no
„ carcere bautizou. E indo ao mar-
„ tyrio, rogou a Deos que tives-
„ se por bem de ouvir todos a-
„ quelles, que se encomendassem
„ a elle, ou pola doença da gargan-
„ ta ou por qualquer outra infir-
„ midade. E veo do Ceo hũa voz
„ que disse, que assi seria como
„ elle pedia. » —

Soffreo S. Braz a morte em 3





CAVALLEIRO DA ORDEM DE S. BRAZ.

de Feveirciro do anno 316, na mesma Cidade de Sebaste, onde quatro annos depois tambem padecerão martyrio os Quarenta celebres Martyres, de que S. Basilio, e outros muitos Padres da Igreja fizeram a apologia. Uma piedosa mulher chamada Heliséa sepultou os corpos de S. Brás e dos dous meninos; e no logar de sua jazida se alevantou dahi a pouco tempo uma sumptuosa Igreja, que lhe foi consagrada.

Na Ordem Militar de S. Brás de Armenia havia Cavalleiros Ecclesiasticos e Leigos. Estes pelejavão contra os inimigos da Santa Fé. Aquelles erão destinados para o Serviço Divino, e prégção do Evangelho, a fim de manterem os povos na Fé, e nas práticas da

Religião Catholica. Erão elles verdadeiros Religiosos, que, como Moyzès, levantavão as mãos para o Ceo em quanto os outros combatião.

A insignia desta Ordem era uma Cruz vermelha, e no meio della a imagem de S. Brás. Trazia-na sobre uma tunica de lã branca, mui simples, e sem ornato algum.

Em seu juramento de fidelidade ao Principe, promettião trabalhar no augmento da Religião Christã, e defender a Igreja Romana contra os herejes. Seguirão elles a Regra de S. Basilio.

A Ordem Militar dos Cavalleiros de S. Brás extinguiu-se na Armenia com a Religião Christã.



OS CAVALLEIROS

DA

ORDEN MILITAR DE S. GERIÃO.



Os Cavalleiros são necesarios ao governo do principe: por que os que teem cavallos gozam da prerogativa de serem mais fortes do que os outros, que os não tem; e a elles se devem maiores honras, que de tempos antigos andão annexas á cavalleria. Pelo que quanto mais poder e honra tem os Cavalleiros, tanto mais convenientes e idoneos são para o governo do principe, e mais custosamente praticarão vilanias, e acções illicitas.

(RAYMUNDO LULLO. — ARBOR SCIENTIÆ).

PERDE-SE na obscuridade dos tempos a origem da Ordem Militar dos Cavalleiros de S. Gerião, como a de outras de que já nos havemos occupado, e em que, apoiando-nos sempre na boa fé dos Historiadores, havemos seguido as opiniões que mais plausiveis nos tem parecido.

Mas porque motivo se chamariam estes Cavalleiros de S. Gerião, e que particulares titulos teria este Santo para o Padroado de uma Ordem tão insigne? — A Historia Ecclesiastica no-lo dirá, que para isso a vamos compulsar, circunscrevendo-nos comtudo ao pequeno espaço que nos imposemos.

Era o terceiro seculo da Igreja. Entre as Legiões que compunhão o exercito Romano, em tempos de Diocleciano e Maximiano,

avultava uma, toda de Christãos. Chamava-se Thebeana, de Thebas, ou talvez da Thebaida, onde começara de organisar-se. Derão-lhe alguns antigos o epitheto de Feliz; e talvez que o fosse, ainda antes de o merecer por seu martyrio triumphante.

Na Syria, ou na Cilicia era o quartel da Legião Thebeana. Tinha por chefes Mauricio e Exuperio. Candido era o Senador da Legião, talvez auditor, ou intendente. Chefes e soldados, ardião todos elles no zêlo da Fé, nem outra emulação conhecião mais que a da virtude e piedade christã. Corajosos, e fieis a Deos, ao Estado, e aos Principes, que servião, era muito para ver a feliz alliança do exercicio das armas com a prática do Evangelho.

Dous annos havia que Diocleciano imperava, quando, em 286, rebentou a sedição dos Gaulos excitados pelos *Bagaudos*, que tinham por chefes Amando e Eliano. Para melhor accodir aos levantados, associou-se Diocleciano com Maximiano Hercules, e partilhando com elle o Imperio, incumbio-lhe a guerra, que aos barbaros cumpria fazer nas Gaulas.

Não era porem sufficiente o exercito que Maximiniano tinha a commandar; e foi isto o que determinou Diocleciano a fazer marchar do Oriente a Legião Thebeana, cuja força podia ser de mais de seis mil soldados, sem contar os officiaes; se é que ainda naquella tempo as Legiões Romanas se compunhão de seis mil e seiscentos homens, como pretende Santo Euchéro.

Em chegando á Italia teve a Legião Thebeana ordem de seguir Maximiano para as Gaulas, e parece que se lhe destacarão algumas companhias para Treveris e Colonia. O resto, debaixo do Commando de S. Mauricio, acompanhou o novo Imperador Maximiano, e passou os Alpes pelo Milannêz. Fatigado da marcha, parou Maximiano na antiga *Octodura*, Cidade dos *Verugros*, hoje Martigni; e reunindo todas as tropas, que o seguião, ordenou sacrificios a que todas devião assistir, e exigio novos juramentos, que offendião a consciencia dos Soldados Christãos, e até os obrigavão a servir contra a sua propria religião.

Para não tomar parte nestes sacrilegios passou adiante a Legião Thebeana, e foi acampar a tres

legoas de distancia, perto de uma aldeia chamada *Tarnat*, situada em estreito valle entre montanhas e o Rhona, ou Rhodano, a perto de vinte legoas de Genova, e seis ou sete da ponta oriental do lago. Era o sitio conhecido pelo nome de *Aganum*, pelos muitos rochedos, que o rodeavão.

Sem penetrar nas intenções dos officiaes e soldados da Legião Thebeana, Maximiano lhes mandou a ordem, que havia dado ao exercito, e lhes fez a saber, que com elles e com a mais tropa se propunha perseguir e derrotar os Christãos das Gaulas. A Legião unanimemente recusou obedecer; e Maximiano, de seu natural cruel e supersticioso, tanto se irritou com a desobediencia, que ordenou que a Legião fosse decimada, pena frequentissima entre os Romanos.

A ordem executou-se. De entre tantos soldados armados não houve um só que defendesse o seu camarada; e a Legião, em vez de prantear os que a sorte não favorecera, ou de olhar a sua morte como uma desgraça, considerava-os felizes em padecerem pelo Deos, a quem servião. — Ainda mais; apenas acabou a execução, fizeram novo protesto de que a ninguem obedecerião para commetter sacrilegios: — de que, sendo Christãos, não podião tomar parte na idolatria: — e de que estavam resolvidos a tudo soffrer de preferencia a praticar alguma acção contra a fé, que havião abraçado.

Foi este protesto levado a Maximiano, cujas iras recrescerão; e em seu furor mandou segunda vez decimar a Legião, forçando-

se a obedecer os que restassem. Nem assim mesmo porem se entibiu a coragem dos que ainda sobreviverão, que antes reciprocamente se exhortavam a permanecer firmes em sua generosa resolução. Seus chefes Mauricio, Exupero, e Candido, erão os primeiros a fazer valer o exemplo de seus camaradas, animando-os para o martyrio, que os conduzia ao Ceo; e por seu conselho foi dirigida ao Imperador uma representação, em nome de todos, e tão cheia de ingenuidade e convicções, que nossos leitores nos relevarão o trasladá-la de um Escriitor mui respeitavel:

— « Somos vossos soldados, Senhor; mas ao mesmo tempo servos de Deos, e o confessamos com liberdade; a vós vemos o serviço militar, a innocencia a elle; de vós, recebemos a paga, delle, a vida. Quando vossas ordens vão de encontro ás suas, não podemos cumprí-las, por que não podemos renunciar a Deos, nosso Creador e Senhor, e tambem vosso, por mais que o não queirais. Em quanto se nos não exigir cousa, que o offenda, obedeceremos como até agora: em caso contrario, antes a elle do que a vós obedeceremos. Prontas estão nossas mãos contra qualquer inimigo; mas crêmos que nos não é permittido ensopá-las no sangue dos innocentes. Estes braços, dedicados a vosso serviço, podem bem attacar impios e barbaros, mas não empregar-se em espedaçar bons cidadãos, e fieis subditos do Imperio. E estarieis vós seguro de

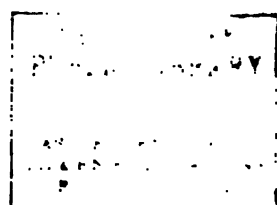
nossa fidelidade, se a não guardassemos a nosso Deos? Antes de vos jurarmos, já o haviamos a elle jurado: se violarmos o primeiro juramento, não deveis fiar-vos do segundo. Ordenais, que procuremos Christãos para os punir. — Ei-los aqui; não é preciso buscar outros. Achar-nos-heis dispostos para soffrer tudo quanto houvereis resolvido fazer soffrer áquelles, que mandais perseguir. Confessamos um Deos, autor de todas as cousas, e seu filho Jesus Christo. Vimos degolar nossos camaradas, sem os prantear; feliz julgámos a sorte que lhes coube, a honra de soffrerem por seu Deos. Nada é capaz de nos levar á revolta, nem o aperto, nem a desesperação. Somos submissos, nos limites do nosso dever; e se temos as armas nas mãos, não é para resistir, por que antes queremos morrer innocentes, que viver culpados. Tal é, Senhor, nossa resolução. Se vossas ordens transcendem nossos deveres, torna-se necessaria a desobediencia, e a queremos expiar com fogo, com ferro, com os supplicios, que quizerdes. Somos em fim Christãos, e a Christãos não podemos fazer guerra. » —

Uma representação tão livre não deixou a Maximiano a menor duvida ácerca dos sentimentos e resoluções de toda a Legião. Esvaecco-se toda a esperanza de vencer tanta firmesa; e foi decretado o aniquilamento da Legião inteira. Já marchão tropas. A Legião já está cercada. E os generosos Martyres, considerando-se



1779

CAVALLEIRO DA ORDEM DE S. GERIÃO.



sómente como soldados de Jesus Christo, e olhando os que vinhão menos como inimigos, que como algozes, largarão a espada e o escudo, e sem a mais leve resistencia apresentarão o côlo aos perseguidores. Julgarão que até nem de palavra se devião defender, persuadidos de que a justiça, por que soffrião, mais bem sustentada não podia ser que pelo sangue innocente. Fallarão: — mas para louvar a Deos; — mas para animar seus camaradas a lhe serem fieis, e de algum modo imitarem seu Divino Mestre!

A terra ficou coberta de cadaveres. Correo o sangue em rios. Nunca se vira tanta carnagem sem combate, sem gritos, sem lamentos! E o despojo dos illustres Martyres foi recompensa de seus algozes.

Faltavão porém os destacamentos da Legião Thebeana; e contra elles proseguio Dictio Varo. Em Colonia e seus arredores forão martyrisados trezentos e dezoito soldados de que S. Gerião era chefe.

Já no tempo de S. Gregorio de Tours se fallava muito em cincoenta soldados da Legião Thebeana, que em Colonia havião gloriosamente derramado seu sangue pela Fé de Jesus Christo, e cujos corpos havião sido lançados em um poço. Affirma S. Gregorio, que no lugar do martyrio se edificara uma bella Igreja, particularmente notavel pelo muito ouro que a aformoseava, e a que por isso se dava o nome de *Santos Dourados*; e attribuirão outros a sua fundação a Santa Helena, mãe do Imperador Constantino. Pelo

tempo adiante, porém, se fez subir o numero dos Martyres a trezentos e dezoito, e ainda mais; e a Igreja honra a memoria de todos elles no dia dez de Outubro. No Martyrologio de Beda é S. Gerião mencionado no dia undecimo, e nos do Seculo nono, um dia depois. Derão muitos a estes Martyres o nome de *Santos Mouros*, tomando-os por um corpo de tropa alevantado na Mauritania.

Na Igreja de Colonia teve jazida por longo tempo o corpo de S. Gerião, até que chegou a julgar-se perdido. Mas em 1121, obtendo S. Norberto faculdade para o procurar, achou-o inteiro, á excepção de uma parte da cabeça; e a Christandade teve assim occasião de possuir e honrar suas santas reliquias.

Tal foi a gloriosa sorte deste guerreiro Martyr; e já nossos leitores vêem como elle tinha direito a ser invocado pelos Cavalleiros do seu nome, que tão prodigiosamente se distinguirão combatendo pela Religião de Jesus Christo.

Falla Mennenio da Ordem Militar dos Cavalleiros de S. Gerião, referindo-se ao testemunho de um viajante, que affirmara ter visto na Palestina Cavalleiros de S. Gerião, trazendo uma Cruz Patriarchal, como a do Escudo de Armas do Reino de Hungria. Autores ha tambem que attribuem a instituição desta ordem ao Imperador Frederico Barba Russa; e outros a Frederico 2.^o Dão-lhe uns por insignia uma Cruz Patriarchal de prata sobre tres montanhas de verde (a que na Armaria se chama *sinoble*) em campo vermelho (*Golez*). Pretendem outros, que

sobre um habito branco trazião bordada uma Cruz negra (*sable*) arvorada em tres montanhas de *si-noble*. De tanta variedade é consequencia necessaria a nossa indecisão.

Bem provavel é tambem que fossem Cavalleiros da Ordem Militar de S. Gerião aquelles de Hungria, a quem se dava o nome de *Porta-Cruzes*, por que tinham por insignia uma Cruz semelhante á que se via nas Armas daquelle Reino, que era a Cruz Patriarchal sobre tres montanhas; e não

ménos provavel é que estes Cavalleiros tivessem por instituidor a Santo Estevão, primeiro Rei de Hungria, em memoria da Cruz, que o Summo Pontifice Silvestre 2.^o lhe enviara pelos fins do seculo 10.^o, com permissão de a trazer arvorada diante de si; já que com tanto zelo e fervor havia trabalhado no estabelecimento da Religião Christã, que chegou a ser considerado Apostolo da Hungria.

O certo é que se ignora a verdadeira origem da Ordem Militar dos Cavalleiros de S. Gerião.



OS CAVALHEIROS

DA

ORDEM DE MONTE GAUDIO,

CHAMADOS TAMBEM DE MONFRAC.

Qu'on aimoit à les voir, bienfaiteurs de la terre,
Au frein de la clémence accoutumer la guerre !
Le faible, l'opprimé leur confioit ses droits,
Au serment d'être juste ils admettoient les Rois.
Leurs vœux mystérieux, leurs amitiés constantes,
Les hymnes de Roland répétés sous leurs tentes,
Leurs défis proclamés aux sons bruyants du cor,
À leur vieux souvenir m'intéressent encor :
J'interroge leur cendre, et la Chevalerie,
Avec ses paladins, ses conteurs, sa féerie,
Ses légers palafrois, ses menestrels joyeux,
Merveilleuse et brillante apparait à mes yeux.

(M. ALEX. SOUMET).

O INVENCIVEL Godefredo de Buillon havia tomado por assalto a Cidade de Jerusalem em 15 de Julho de 1099. Renascia a paz e a prosperidade na Terra Santa; e duas novas Cidades se edificarão nos arredores de Jerusalem. A menos remota foi assentada na coroa de uma montanha, donde os peregrinos, que a devoção levava aos Logares Santos, podião descobrir Jerusalem. A outra, a duas legoas de distancia desta Cidade, occupava tambem uma eminencia, perto da Torre de Ader, ou do *Rebanho*, que fôra fundada por Jacob, e onde se diz que o Anjo an-

nunciara aos Pastores o Nascimento do Salvador do Mundo. Della podião tambem os peregrinos enxergar Bethlem, que só distava pouco mais de uma milha.

Deo-se ás duas novas Cidades o nome de Monte Gaudio, talvez pelo prazer e alegria, que os peregrinos sentião ao divisar os Santos Logares em que Jesus Christo nascera, e em que pela redempção do mundo havia derramado seu preciosissimo sangue.

Monte Gaudio! Era assim que a mais remota antiguidade chamava ás pedras coacervadas para denotarem os caminhos; pois que

Salomão no Capitulo 26 dos *Proverbios* falla da *superstição* com que, para honrar Mercurio, que presidia aos caminhos, se formavam montões de pedras em torno das suas estatuas: *Sicut qui mittit lapidem in acervum Mercurii: ita qui tribuit insipienti honorem.* vers. 8.º; e quer dizer — « Assim como obra o que lança uma pedra no montão de Mercurio: assim também se porta o que dá honra ao insensato. » *Montes Gaudio* costumavam fazer os peregrinos, juntando pedras, e arvorando-lhe Cruzes, mal que avistavam o lugar de devoção a que dirigião suas romagens. *Monte Gaudio* em fim era também o grito de guerra, e o estandarte em torno do qual os guerreiros se reunião.

Estava toda a Syria em poder de Christãos, quando alguns Principes, zelosos da defesa da Fé Catholica, juntarão alguns nobres e piedosos Cavalleiros, e para esse fim instituirão a Ordem de *Monte Gaudio*, que recebeu este nome das duas novas Cidades, em que os Cavalleiros estabelecerão sua primeira residencia.

Deo-lhe sua approvação o Summo Pontifice Alexandre 3.º, por Bulla de 24 de Dezembro de 1180, que foi conservada no Archivo da Ordem de Calatrava; e os Cavalleiros devião seguir a Regra de S. Basilio.

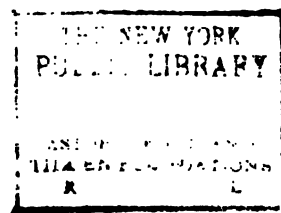
O grande objecto da Ordem de *Monte Gaudio* era defender a Cidade de Jerusalem, e accodir onde fosse chamada contra inimigos da Fé Catholica, onde cumprisse fazer qualquer conquista, ainda que fosse em partes as mais remotas.

Foi assim que estes Cavalleiros vierão de Jerusalem a Hespanha a pelejar com os Mouros, que nella existião; pois que, em chegando a qualquer provincia, já por obrigação de seu estado, e já pela experiencia que tinham das cousas de guerra, attrahião á Ordem muitos fidalgos, animando-os á defesa. Muitas terras ganharão elles então em Hespanha, de que ficarão senhores; e El-Rei D. Afonso 9.º, e outros Principes, lhes acrescentarão as rendas, e fizeram outras mercês consideraveis, como consta da Cedula Real — *A vós D. Rodrigo Gonzales, maestre de Monfrac de la Orden de Monte Gaudio...* &c.

As definições da Ordem de Calatrava dao por Fundador da Ordem de *Monte Gaudio* a D. Ramon Berenguer, ultimo Conde de Barcelona, por Diploma lavrado na Cidade de Genova em 27 de Novembro de 1143.

Como, depois de definitivamente occupada pelos Infieis a Terra Santa, se vissem obrigados os Cavalleiros de *Monte Gaudio* a se retirarem para a Europa, andarão elles buscando lugar seguro em que se estabelecessem; e depois de haverem percorrido muitas provincias, fixarão-se em fim na Castella, e no reino de Valencia. Em Castella passarão elles a chamar-se de Monfrac, nome de um Castello, que ahi obtiverão; mas em Valencia, na Catalunha, e em outros logares em que se estabelecerão, continuarão a chamar-se de *Monte Gaudio*.

Por muitos annos, e com opulencia, durou a Ordem Militar destes Cavalleiros, estendendo-se





Porto Lido da Reboloira N.º 29 e 30.

CAVALLEIRO DA ORDEN MILITAR
do Monte S. Gaudioso.

a regiões as mais remotas; até que achando-se decahida do seu primitivo esplendor, El-Rei D. Fernando 3.º a incorporou na de Calatrava, em 23 de Maio de 1221.

Os Cavalleiros da Ordem Militar de *Monte Gaudio* elegião o Mestre de entre si. Professavão pobreza, castidade, e obediencia,

defender a Fé Catholica, e acudir onde seu auxilio reclamado fosse.

Era branco seu habito, com uma estrella vermelha de cinco raios. O estandarte da Ordem tinha de um lado a imagem de Nossa Senhora, e do outro a insignia dos Cavalleiros.



OS ANTIGOS RELIGIOZOS

DO

MONTE CARMELO.

SANTO ELIAS. SANTO ALBERTO.

E depois de terem passado, disse Elias a Eliseu: Pede-me o que quizeres para eu te alcançar, antes que me arrebatem de ti. E Eliseu lhe respondeu: Pego que seja dobrado em mim o teu espirito.

Elias lhe disse: Difficilissima coisa pedir-te: todavia se tu me vires, quando me arrebatarem de ti, terás o que pediste; mas se me não vires, não o terás.

(Roms, L. 4, cap. 2. vers. 9. 10.)

Nos plainos da Palestina, antiga terra de Chanaan, outr'óra tão amena e fértil, quanto depois esterilizada pelos Infieis, altêa o monte Carmelo a fronte magestosa. Vê sobranceiro perennes regatos, que a seus pés serpenteão; vê pequenas aldêas, permanente abrigo de Arabes e Beduinos, que fugindo á geral asperesa do paiz, alli vem gozar das ricas producções da natureza. Coberto de arvoredos, sempre virentes, abrange o Carmelo treze legoas de circumferencia; treze legoas de pomares, de vinhas, de prados, de fontes limpidas, de puros ares. Rasga-se entre penhascos uma estreita senda, por onde se lhe sóbe ao cume; e é de lá que a vista maravilhada alcança o Golfo e Cidade de S. João d'Acre, e a Cidade de Caiphás, ao setentrão: — a de Samaria ao Sul: — os montes de Nasareth ao Levan-

te, bem como a planicie de Esdre-lão: — ao Occidente, em fim, o Mediterraneo.

Foi no mais alto deste monte Carmelo que os Eremitas, que del-le tomarão nome, assentarão sua pousada, como um ninho de aguiã. Desviados do commercio dos homens, e unicamente enfrascados nas mortificações e asperezas, cinco pequenos cubiculos lhes bastarão. Perde-se, em verdade, o mais philosophico entendimento sem que possa conceber por que irresistivel força, ha tantos seculos, alli vivem illesos esses homens de Deos em meio de tantos Infieis e Descrentes! Não poderião elles, por odio á santidade de tal vida, por vingança, por inveja, por zêlo de sua intolerante crença, com um sopro derribá-los do glorioso throno em que estão assentados? — Poderião. Mas a nós outros os

Christãos aprez-nos pensar, que o braço de Deos alli os sustenta, alli os defende, alli os anima; e não menos grata nos é a constante tradição de que a Santissima Virgem alli os visitára a vezes, e lhes promettera ampará-los até á consumação dos seculos, espalhando a sua Ordem pelo universo inteiro. Prova do desempenho de uma tal promessa foi sem dúvida este nosso Portugal.

Mais de espaço veremos os muitos Conventos, que em nossa terra se fundarão, e de que ainda hoje alguns existem. Havemos de considerar a Ordem dividida em Carmelitas *Calçados*, e *Descalços*. Aquelles, permanecendo em sua antiga observancia, bem que já despidida da primitiva aspereza e rigor; estes, como havendo formado Provincias separadas, desde que o incançavel zelo e piedade de Santa Theresa conseguiu fazer vingar sua prodigiosa Reforma.

Mas a origem foi commum; e cumpre que primeiro a ella nos remontemos, posto que resumidamente. Lançaremos uma vista rápida sobre o progressivo desenvolvimento da Ordem; e offereceremos em nossa Galeria os primitivos Carmelitas.

De entre todas as Ordens que chegarão a estabelecer-se em Portugal, nenhuma com mais afinco, e por ventura com melhor fundamento, disputou primazia de ancianidade, que a de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Calorosas disputas se entabolarão sobre este assumpto entre os Padres Carmelitas e Jesuitas. Disserão alguns que a Ordem Carmelitana havia começado depois do grande

Concilio Latranense, no anno de 1215. Pretendem outros, que Santo Alberto, Patriarcha de Jerusalem, fôra seu fundador, por que lhe dera uma Regra. No anno de 1140 fixão outros o começo da Ordem, quando Aymerico, Patriarcha de Antiochia, e Legado do Oriente, reduzio a Conventuaes os Ermitães do Carmelo, e lhe fez trasladar para Latim a antiga regra de João, Patriarcha de Jerusalem. Por que este Patriarcha João floresceo pelos annos de 400, asseverão outros que então nascera a Ordem, sem attenderem a que o Livro em que se estribão, os obriga a subir mais alto, e a signalar como fundador o Grande Propheta Elias, pois que raro é o Capitulo em que se não lêa, que aquelle Propheta fôra o fundador da Ordem Carmelitana. E se remontando de seculo em seculo, de idade em idade, encontramos Ermitas no Monte Carmelo, que maior prova de que os Carmelitas são legitimos filhos de Elias? O mesmo antiquissimo, e nunca interrompido nome de *Carmelitas* não reforça pouco esta opinião, em muitas Bullas favorecida pela Igreja Romana desde o Summo Pontifice João 22.º

Taes são os fundamentos em que o nosso Fr. Belchior de Santa Anna, Chronista dos Carmelitas Descalços da Provincia de S. Filippe de Portugal, apoia a antiguidade da sua Ordem. E com tudo, nem a solidéz destas rasões, nem as mesmas Bullas Pontificias obstarão a que novas disputas se levantassem, até que lhes impôz perpetuo silencio um Breve do Summo Pontifice Innocencio 12.º, de

20 de Novembro de 1698. Silencio nos imporemos tambem. E declarando que seguimos a opinião do nosso classico, vamos occuparnos de Santo Elias.

Contavão-se 3:073 annos da creação do mundo, 988 antes de Jesus Christo, quando em Thesbé, cidade de Galaad, fulgurou uma nova Estrella. — Nasceo Elias. Reinava então Achab em Israel, e Josaphat em Judá. Elias, não podendo soffrer as impietades de Achab, e de sua mulher Jezabel, com o prophético espirito que desde o berço lhe assistira, vatecinou-lhe uma esterilidade e fome de tres annos e meio; e para fugir aos idolatras, que desde a infancia detestara, correu a se embrenhar nas solidões de Maspha, e lá viveo vida penitente, e angelica, entre os numerosos discipulos, que se lhe reunião.

Era de ver a estreitesa de seu sustento, a asperesa de seu trajo. Umas pelles de animaes ferozes, cortadas á feição de tunica, um cinto, e uma capa da mesma traça, apenas lhe cobrião a desnudêz, servindo-lhe ao mesmo tempo de cilicio. E assim perseverou até aos cincoenta annos de sua idade, em que Deos lhe ordenou que sahisse, e que no povoado, e na Còrte, em presença de Reis e de Vassallos, se declarasse constante zelador da verdadeira Religião.

Elias obedeceo. De Sarepta, onde resuscitara o filho de uma pobre viuva, que lhe dera abrigo, foi visitar Achab, que achou rendendo cultos a Baal. Não attendeo o Rei suas reprehensões; e o Propheta fez descer fogo do Ceo, que consumio todo o abominavel

sacrificio. O povo, assombrado com este prodigio, degolou quatrocentos e cincoenta Sacerdotes de Baal. Ochozias, filho de Achab, instigado pela vingativa Jezabel, mandou prender Elias por dous capitães com cincoenta homens, e o Propheta abrasou tambem os dous Capitães com fogo do Ceo.

Inspirou-lhe em fim o SENHOR que fugisse para o deserto, que escolhesse Eliseu para o substituir, e que sagraesse Jehu Rei de Israel, e Azazel Rei de Damasco.

Já Elias contava sessenta e dous annos; e prevendo que tinha de separar-se de seus Discipulos, revelou a Eliseu sua ascensão para o Ceo.

— « Bem aventurado serás, lhe disse elle, se teus olhos poderem supportar o esplendor do fogo, que me arrebatara, e se nesse turbilhão me avistares. » —

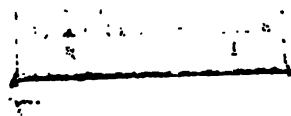
Ao Santo Discipulo entregou Elias a Regra a que devião conformar-se tantos companheiros, que deixava no Carmelo. Deo-lhe o osculo fraternal; encaminhou-se ao Jordão; e estendendo a mysteriosa capa sobre suas aguas, que para logo se apartarão, atravessou-o a pé enxuto. Uma espessa nuvem subito o envolveo, escondendo-o por instantes aos olhos do Discipulo maravilhado.

— « Meu pai! exclamou Eliseu, que sôis a carroça de Israel, e seu Director! » —

Mais não pôde Eliseu articular, que os soluços lhe embargarão a voz saudosa. Fitava os olhos no ardente carro, que lhe arrebatava Elias, eis que lá no alto vê desprender-se do turbilhão de fogo um vulto, que rolando pelos ares



ANTIGO CARNELITA.



lhe vem cair nos braços . . . Era a capa de Elias, que já della não carecia !

Branca era a capa do Propheeta, segundo a constante tradição; mas o fogo celeste a havia tisonado, conservando-lhe a antiga alvura unicamente nas dobras; e foi certamente o que deu logar a que os antigos Carmelitas usassem de mantos pretos, ou acastanhados, com listas brancas. Derão-lhe com tudo outros Carmelitas diversa origem. Assenhoreando-se da Terra Santa (dizem elles) Osmar, Rei da Arabia, pelos annos de 642, não pôde soffrer que os Carmelitas trajassem mantos brancos, que então sómente aos Satrapas erão permittidos. Muitos forão os Religiosos assassinados, forão os restantes constrangidos a usar de mantos arraiados.

Fosse qual fosse a origem desses mantos; é certo que delles usarão os mais antigos Carmelitas; e só se ignora, se a côr escura era preta ou acastanhada, e se as listas erão horisontaes ou perpendiculares, pois que uma e outra cousa se vê nos antigos quadros, e de um do anno de 1522, que existia no Convento dos Carmelitas de Colonia, é copiada a Estampa, que offerecemos.

Com a ausencia de Elias não diminuiu o fervor de seus Filhos. Grandes temporadas de annos se passarão sem que jámais a idolatria os corrompesse. Crescião as perseguições, e com ellas crescia o numero dos Carmelitas. Mas este crescer mostrou a necessidade de uma Regra escrita; e dessa necessidade se penetrou Bocardo, que no começo do seculo 13.º di-

rigia os Carmelitas. A fama da sabedoria e santidade do Patriarcha de Jerusalem enchia todo o Oriente. Bocardo o foi procurar; e pelos annos de 1209 entrava os muros de S. João d'Acre.

Era este Patriarcha o Bemaventurado Santo Alberto. Nascido em Castro di Gualteri, na Diocese de Parma, de uma familia nobre e abastada, foi para logo dedicado ás Letras, e ao serviço da Igreja. Renunciando de todo ao mundo, tomou habito de Conego Regrante no Mosteiro de Santa Cruz de Mortare, no Milanêz, onde por suas virtudes foi eleito Prior, sendo ainda mancebo. Cresceu sua reputação, e tres annos depois foi eleito Bispo de Bovis, dignidade que recusou por sua muita modestia, e como não tendo para ella merecimentos. Andarão os tempos; e sendo outra vez eleito Bispo de Vercell, não lhe foi possível escusar-se, e vinte annos pastoreou e instruiu esta Diocese com mil exemplos de virtude e santidade.

O Summo Pontifice Clemente 3.º, e o Imperador Frederico 1.º o escolherão como medcador e alvitreiro em suas differenças. Affirma-se que Henrique 6.º o honrou com o titulo de Principe; e que interpondo-se nas guerras entre Parma e Placencia, para ambas conseguira uma proveitosa paz.

Ou por que a fama de suas virtudes atravessasse os mares, e enchesse a Palestina, ou por que Santo Alberto pessoalmente a visitasse, foi elle eleito Patriarcha de Jerusalem no anno de 1204. Testemunhou Innocencio 3.º o prazer que lhe dera esta eleição, es-

crevendo-lhe em 21 de Fevereiro do mesmo anno, a fim de prevenir-lhe quaesquer desculpas, e de o animar para inevitaveis padecimentos; e chamando-o a Roma, com a confirmação do Patriarchado lhe deu o *Palio*, e o nomeou Legado por quatro annos.

Em 1206 partio Santo Alberto para a Terra Santa, e fixou residencia em S. João d'Acre, para onde se haviam acolhido os Patriarchas Latinos de Jerusalem, quando desta Cidade se senhorearão os Sarracenos. Ahi viveo Santo Alberto; e sobre as perseguições do tempo, forão taes suas mortificações e austeridades, que era amado de Christãos e de Infieis. Ahi o foi procurar Bocardo, o Superior dos Carmelitas, como levamos dito; e d'elle obteve uma Regra escrita, recheada de sabedoria, dividida em dezeseis artigos, confirmada depois pelo Pontifice Honorio 3.º em 1224, e que adquirio a Santo Alberto o honroso e merecido titulo de Legislador dos Carmelitas.

Esta regra, em summa, providenciava ácerca da eleição do Prior, e devida obediencia — da situação das cellas — da oração — da pobreza — da construcção de um Oratorio para se celebrar a Missa —

dos Capitulos — do jejum — da abstinencia de carne — das armas espirituaes — do trabalho manual — do silencio — da humildade — do respeito ao Prior &c.

Chamado ao Concilio de Latrão pelo Summo Pontifice Alexandre 3.º, que com elle entretinha grande communicação de Letras, não teve o gosto de abraçar o Patriarcha Santo, por que o ferro de um assassino lhe abriu as portas do Ceo em 14 de Setembro de 1214, quando em Procissão solemnisava a Festa da Exaltação da Santa Cruz. Uma infernal sêde de vingança guiou o braço d'um malvado Italiano, a quem o Santo, quando Bispo de Vercell, havia reprehendido a desregrada vida.

Por assim haver derramado seu sangue inscreveo Philippe Ferrari a Santo Alberto no Martyrologio Romano com titulo de Martyr; porrem os Carmelitas, que obtiverão permissão da Santa Sé para d'elle resarem, só como Confessor o considerão, celebrando sua Festividade em 8 d'Abril.

Mas é já tempo de nos occuparmos desta Ordem em épocas menos reinotas; o que incessantemente vamos fazer, seguindo a divisaão, que deixamos indicada.



OS CARMELITAS CALÇADOS.

Monte Carmelo, illudre, hermoso, bueno,
Claro, fertil, alegre, y abundoso
De bienes celestiales te veo lleno,
En ti he hallado paz, gloria, y reposo;
Eres un parayzo, dulce, y ameno,
Donde mi alma ha hallado a quel dichoso
Puerto seguro lleno de contentos,
Que no me los perturban mil tormentos.

(M.^e MARIA DE S. JOSEPH).

A PAZ, que fizera o Imperador Frederico 2.^o com Meledino, Sultão de Babilonia, em 18 de Fevereiro de 1229, e que tão desastrosa foi para a Christandade, quão favoravel aos Sarracenos, deu causa a que grande numero de Carmelitas abandonasse a Terra Santa.

Alano, inglez de nação, e quinto Geral da Ordem, para evitar os contínuos sobresaltos e perseguições, que os Carmelitas soffrião, resolveo emigrar para Europa. Diversas forão as vozes no Capitulo Geral, que elle convocara. Alguns preferirão antes soffrer martyrio, e constante perseguição. Julgarão outros mais prudente seguir o exemplo de Elias, abandonar a Syria, como elle abandonára sua habitação, refugiando-se para o Monte Oreb, quando fôra perseguido pela vingativa Jezabel. E não sabendo o Prelado, em meio de tão encontradas opiniões, em que rumo deveria singrar, lhe appareceu a Santa Virgem, como af-

firmão os Historiadores, e lhe ordenou que fundasse Mosteiros fóra da Terra Santa.

Assim vierão os Carmelitas em 1238 edificar um Mosteiro na floresta de Fortania, na Ilha de Chypre; e os que erão Sicilianos vierão ao mesmo tempo estabelecer outro nos arrabaldes de Messina. Nos bosques d'Alvenic, e de Ailesford, na Grã-Bretanha, edificarão outro os que erão Inglezes. Outro em fim os naturaes de Provença, em um deserto, que distava uma legoa da antiga e formosa Cidade de Marselha.

Dest'arte cresceo na Europa o numero dos Mosteiros Carmelitanos. E no anno de 1245 foi celebrado em Ailesford o primeiro Capitulo Geral, em que o Beato Simão Stock foi eleito para succeder a Alano.

Fôra elle tambem inglez de nação. Aos doze annos de sua idade se havia retirado para uma solidão, habitando no vão do tronco

de uma arvore, que chamando-se Stock na lingua ingleza, deo seu nome ao illustre penitente. Mais tarde tomou elle o habito dos Carmelitas. Conta-se que n'um rapto celeste lhe dera a Sacratissima Virgem o Escapulario, como penhor da sua especial protecção a quantos delle usassem, guardando virgindade, continencia, ou castidade conjugal, conforme seu estado, e resando o Officio pequeno de Nossa Senhora. — Escreveo elle varias Obras em Latim, como, entre outras: — *Regras do Culto Divino*: — *Homilias ao povo*: — *Da penitencia Christã*: — *Epistolas aos Irmãos*: — e *Canticos* em louvor de Nossa Senhora; e depois de uma vida cheia de virtudes e santidade, terminou seus dias na Cidade de Bordeos em 1250, ou, como outros pretendem, em 1265.

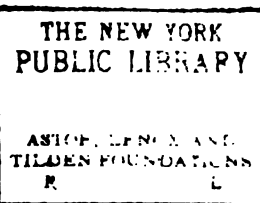
Mas vendo este illustre Prelado como em toda a parte a sua Ordem era bem acolhida, soube aproveitar o favor dos Principes Catholicos, e tractou de augmentar o numero de seus Mosteiros. Assim os de Sicilia se estenderão por toda a Italia: os de Provença pela Aquitania, e provincia Narboneza: os de Inglaterra, pela Escossia e Irlanda: e em 1254 os estabeleceo S. Luiz, Rei de França, em Paris, donde depois procederão os de toda a França, e Alemanha. Tão grande incremento teve depois a Ordem, que já se compunha de trinta e oito Provincias, sem contar a Congregação de Mantua, de que mais tarde nos occuparemos.

Quanto á época do seu estabelecimento em Portugal bem se

não accordão os Escritores. Querem alguns, e entre elles o Padre José André, da Companhia de Jesus, que com o Apostolo S. Thiego vierão doze Carmelitas, entrando neste numero Santo Elpido, Bispo de Toledo, e Arcadio, Bispo de *Julio Briga*, que uns affirmão ser a Villa de Barcellos, e outros a Cidade de Braga. Diz o nosso Fr. José Pereira de Santa Anna, Chronista da Ordem, que, se devessemos acreditar tudo quanto Autores de menos consideração referem acerca dos Carmelitas, innumeraveis seriam os Conventos, Bispos, Religiosos, e Religiosas, que desde o tempo da pregação dos Apostolos neste Reino houverão, antes e depois de se constituir independente.

Parece contudo verosimil, que já no anno de 393, da era Christã, neste Reino entrarão alguns Eremitas, que escolherão para assento um lugar chamado *Canal*; e o nosso escritor insigne Manoel Severim de Faria, escrevendo a Fr. Leão de Santo Thomas, sustenta, *que é ainda hoje a Villa em cuja jurisdição está Val d'Infante, e o principal da Serra d'Ossa bem conhecido na Provincia de Alemtejo*.

Se estes servos de Deos forão Carmelitas, ou de qualquer outra Ordem, diversas Religiões o disputarão. E' possivel que fossem Carmelitas; mas com certeza só se sabe, que vierão no reinado do Senhor D. Afonso Henriques, em companhia dos illustres Cavalleiros de S. João de Jerusalem, a quem acompanhavão nas campanhas contra Mouros, em qualidade de missionarios apostolicos, e de guias espirituaes, sem que ain-





14

CARMELITA CALÇADO
em Portugal

da tivessem Conventos, nem pou-
sada permanente.

Esta entrada dos Carmelitas na Europa em nada alterou sua Regra, que por grandes tempora-
das de annos se conservou tão pu-
ra, como fôra transplantada do O-
riente; mas o scisma, que dividio
a Igreja no seculo 14.º, dividio
tambem a Ordem. Daqui a rela-
xação de sua austeridade primiti-
va: daqui a origem dos *Carmeli-
tas Calçados*.

Forão ao mesmo tempo elei-
tos dous Geraes pelos dous diver-
sos partidos, que certamente não
elegerão o mais digno, mas antes
o que com mais dedicação e ardor
sustentava os interesses do Papa,
que querião reconhecer. Ambos es-
tes Geraes dispensavão os Religi-
osos das privações e austeridades,
que a Regra impunha; e nenhum
delles ousava castigar os transgres-
sores, receando que se lançassem
no partido opposto. Tão graves
forão as consequencias desta des-
ordem, que os Carmelitas já não
erão conhecidos pela prática e ob-
servancia da sua Regra, mas uni-
camente pelo seu habito.

No Capitulo Geral de 1430 já
se aventou o meio de restabelecer
a Ordem na sua antiga perfeição;
mas ainda se julgou, que não era
prudente passar do extremo da des-
ordem para a observancia primi-
tiva; e foi resolvido, que se pe-
disse a Roma dispensação na Re-
gra quanto ao jejum, á abstinên-
cia de carne, e á contínua habi-
tação nas Cellas: dispensação, que
lhes foi concedida pelo Summo
Pontifice Eugenio 4.º, no anno de
1431.

Agradavel nos é poder afir-

mar, que em quanto por toda a
Europa jazia a Ordem dos Car-
melitas mergulhada em grandes
abusos e relaxação, conservava el-
la em nosso Portugal sua primiti-
va Regra e Instituições. Disto nos
dão claro testemunho os grandes
favores, e lisongeiras expressões,
que o valeroso Condestavel D. Nu-
no Alvres Pereira empregou nas
repetidas doações que lho fizera.
E só no anno de 1478 chegou a
estes Reinos a concessão do Ge-
ral para que o Provincial podesse
dispensar seus subditos na absti-
nencia de carne, e nos jejuns mi-
tigados na Regra pelo Summo Pon-
tifice Eugenio 4.º. Ainda assim al-
gumas duvidas se suscitarão, e só
se aproveitou um tal privilegio de-
pois do Capitulo Geral de 1484,
que o estendeo a toda a Ordem.

Taes são as breves noções que
dos *Carmelitas Calçados* em geral,
nos permite dar a estreitesa do
espaço a que nos limitámos. Nos-
so trabalho porém ficaria incom-
pleto, se não consagrassemos al-
gumas linhas ao seu desenvolvi-
mento em nossa terra, e á desi-
gnação, posto que rápida, dos di-
versos Conventos em que a mes-
ma Ordem florescera.

Achamos que o primeiro Con-
vento de Carmelitas, que em Por-
tugal existio, foi edificado pelos
Cavalleiros de Jerusalem, pouco
depois do anno de 1251, na Villa
de Moura, que lhes havia sido
doadá depois de a tomarem a Mou-
ros. E' bem de crer que assim fos-
se, quando se considere, que es-
tes Cavalleiros os havião trazido
da Terra Santa, e que lhes tive-
rão sempre a mais cordial amisade.
As muitas Cruzes da Ordem

O CONDESTAVEL

D. NUNO ALVRES PEREIRA.

De Dom Nunalvres canto, o valeroso
Claro libertador da patria terra;
Que immortal faz seu nome, e glorioso
Em armas, em justiça, em paz, e em guerra,
E com triumpho mais alto, e mais famoso
De todos os que o mundo breve encerra,
Em batalha a si proprio se venceu,
Conquistando depois da terra, o Cto.

(O CONDESTABRE. — CANT. 1.º)

ERATO nos é pensar, que entre todos nossos Leitores, só aquelle em cujo peito não palpitar um coração de portuguez, deixará de relevar-nos o não havermos podido acabar connosco em deixar de colocar em nossa Galeria o Grande Condestavel.

Não pretenderemos nós em tão pequeno espaço comprehender toda a grandesa, e immarcessivel gloria de seus assombrosos feitos; que seria isso querer encerrar o Oceano em pequena concha. Temos sómente em vista seus derradeiros annos. São elles os que o prendem á Historia da Ordem dos Carmelitas Calçados. São elles os que o collocão em nossa Galeria, humilde pedestal para tão preciosa estatua.

Era cumprido o voto de Aljubarrota. Estava concluida a fabrica do sumptuoso Convento do

Carmo de Lisboa. E o homem do Mestre d'Aviz, o vingador da gloria e independencia nacional, o assombro de Castella, e do mundo inteiro, determinou de nelle se esconder.

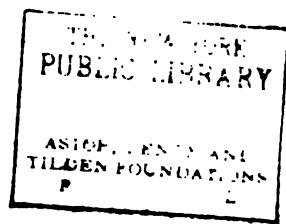
« Sendo o Condestabre em hy-
» dade de lxij annos (diz o seu
» Chronista), e sentindo ja que a
» fraqueza se asenhorava delle, e
» em como a Deos graças elRey
» tinha sua terra em boõesesego,
» e que seus filhos eram em taes
» hydades para todo bem fazer,
» e reger por serviço de Deos e
» de seu padre, apartouse a ser-
» vir a Deos em estado de pobre
» em S. Maria do Carmo de Lix-
» bõa, que elle mandara fazer. »

D. Nuno Alvres Pereira, Honra da Nação Portugueza, e Prosapia não só da Casa de Bragança, mas de muitos outros Príncipes, e Potentados, farto de gloria,



Porto Lith. R. do Rebelo e ca. N.º 29 e 30

O CONDESTAVEL
D. Vasco Alvim Pereira



cançado do bulício do mundo, foi depôr junto dos Altares, que alavantara, a espada invicta, as honras, e as riquezas, em 17 de Agosto de 1422. Ei-lo despidido de todas as grandesas da terra, e encerrado em uma celinha, onde apenas cabe uma pobre enxerga, em que repouse.

Deixando estados, terras, senhorio,
E a pompa honrosa, e vã do trato humano,
E tudo o que costuma a ser de vício,
De um santo pensamento soberano:
Das armas se despe o Conde pio,
Vestindo humilde traje, humilde pano,
E feyto Frade humilde alli se encerra,
O que tão grande em tudo foy na terra.

O CONDESTABRE. — CANT. 20.

Era já decorrido um anno, quando, dirigindo-se ao Provincial: — « Fr. Affonso d'Alfama » (lhe disse elle com grande humildade), prostrado a vossas plantas venho pedir uma graça, que não mereço. Em nome da Mãe de Deos lançai-me o Habito Carmelita. Possa ella permittir, que mais me não ceguem vistas de ambição! Eu só desejo o habito de *Donato*, que para mais Deos me não deu merecimentos. » —

Assombrado o Provincial, em balde intenta dissuadi-lo de que não tome, como os *semi-frades*, o infimo logar na Comunidade: pondera-lhe a perfeição do estado sacerdotal: — e D. Nuno, inabalavel em sua resolução, é admittido como *Servente*, na idade de sessenta e tres annos, e veste o habito em 15 d'Agosto de 1423.

O que por humildade recebo o Condestavel consistio em uma tunica talar, com grande Escapu-

lario, e um manto curto, que mais parecia uma grande murça, tudo de um panno escuro, que naquelle tempo se chamava *grisé*, e hoje estamenha. — Por largo tempo se guardou, como especial reliquia, boa porção dessa murça no Thezouro da Casa de Bragança.

Então entregou elle seu testamento nas mãos do Prelado, como demonstração da renuncia que fizera dos bens da terra. Então adoptou o humilde nome de *Nino de Santa Maria*.

Mandou-lhe El-Rei pedir, que voltasse ao mundo; e o Condestavel recusou. Instou por que ao menos conservasse seus titulos até á morte: — « O Condestabre ja está morto, e amortalhado! » — respondeo o servo de Deos.

Para viver de todos ignorado tentou fugir da Patria, que tudo lhe devia; e El-Rei conseguiu detê-lo. Quiz depois esmolar de porta em porta; e El-Rei obsteu a essa vergonha, assignando-lhe uma tença annual, e vitalicia. Que importava isto, se tudo era destinado para os pobres!

Bem o reconhecião elles ao menos; que no estillo daquelles tempos lhe cantavão as seguintes trovas:

O Gran Condestabre
Em o seu mosteiro
Dá-nos sua sôpa,
Mai-la sua rôpa,
Mai-lo seu dinheiro.

A benção de Deus
Cahio na Caldeira
De Nunalves Pereira,
Que abunde cresces
E todos deos.

Se comer queredes
Nom bades alem :
Don menza non tem ,
Ahi lo comeredes ,
Como lo bades.

Oito annos e onze mezes viveo o Condestavel, querido de todos, no memoravel Convento do Carmo de Lisboa; e quando já andava nos setenta e um de sua idade, bateo-lhe Deos ás portas da Grande Alma, que se desatou das prisões terrenas, para ir gozar da bemaventurança. — Forão suas derradeiras palavras : — *Ecce Filius tuus.* —

“E o Condestabre (diz o seu antigo Chronista) continuou sua vida em servir a Deos por espaço de oytto annos, e onze meses, e acabou seus dias em mui-

” to serviço de Deos, em hydade de lxx. annos, e andava em lxxj. E el Rey e o Infante lhe mandarõ fazer suas exequias mui honrradamente, como em Espanha se nom fez a homem de seu estado. Ao qual côprimeto per mädado del Rey, e do Infante vierõ muyta gente e crerizya. Praza a Deos em seu regno lhe de gloria e hõrra tanta como em este mûdo lhe foy feyta.” —

Ficou o corpo puro á patria terra,
Testimunhando a gloria da alma santa,
Que no sacro lugar aonde se encerra,
Com milagres estranhos se alevanta,
Com grande devação a elle se afferra,
A gente a quem da Cruz o imigo espanta,
Tendo por arma contra o mal segura,
A terra desta propria sepultura.

O CONDESTABRE. — CANT. 20.



AS CARMELITAS CALÇADAS.

E

SEU FUNDADOR.

Oh ! que vida tão boa a de quem ama
A quieta innocencia, e se retira
Do que o mundo delicia, e gosto chama !

(GUARAZIMO. Liv. 1.º, Elegia 4.ª)

Não entender de varios Chronistas da Ordem Carmelitana, a instituição das Religiosas teria nascido nos primeiros seculos da Igreja, se é que se não remonta aos tempos do Propheta Elias. Em todo o tempo, dizem elles, houverão Virgens consagradas a Deos; e por que a Ordem Carmelitana começou de existir novecentos annos antes de Jesus Christo, verosimil é que já nesse tempo houvessem Religiosas. Seguiremos antes o Padre Luiz de Santa Theresa, que nos parece mais sincero, e menos exagerado, quando, no seu Livro intitulado *Successão de Elias* nos diz, que o B. João Soreth obtivera do Summo Pontifice Nicolao 6.º permissão para instituir Conventos de Virgens, viúvas, e recolhidas, com tanto que jejuassem, e se entregassem aos mesmos exercicios e penitencias das Religiosas de S. Domingos, e de Santo Agostinho.

« Julgando o B. João Soreth pouco decoroso (diz o citado escriptor), que as outras Religioes tivessem Conventos de Virgens,

» e que o Carmelo os não tives-
» se, havendo sido instituido pa-
» ra honrar a Virgem Santa, Mãe
» das Virgens, tomou a peito es-
» tabelecê-los, e o conseguiu pe-
» los annos de 1452. » — Tal é a época mais provavel da instituição das Religiosas Carmelitas.

Nascêra João Soreth na Normandia pelos annos de 1420, de pais illustres, que o educarão em letras, e em temor de Deos. Havendo cursado as humanidades, e estando já graduado pela Universidade de Paris, deliberava elle sobre o rumo que deveria seguir, quando, por divina inspiração, se foi alistar na Legião de Jesus Christo, no Convento de Caen, da Ordem do Carmo, onde sua piedade e virtudes bem mostrarão, que por Deos fôra chamado para reforma e gloria da mesma Ordem, em que logo foi elevado ás primeiras Dignidades. E sendo em fim eleito Geral de toda ella no anno de 1451, intentou a Reforma para que se sentia com vocação Divina.

Os Religiosos de Côro vestião habito preto; e elle adoptou o dos

Leigos, ~~que era acastanhado ou~~ pardo; por que era tido em menos estima, e por que fôra a antiga côr da Ordem. Com os mancebos, e dos mais ingenuos, se entretinha; instruia-os, ensinava-os a mortificar suas paixões, a combater os vícios, a grangear virtudes, a viver na antiga Regra.

Encontrando sempre obstaculos em sua Reforma, por vezes se vio forçado a pôr de parte a brandura e afabilidade, e a se armar de rigor contra os Conventos, que a recusavão, chegando a anathematizar os Religiosos de Colonia, que ao recolher de uma Procissão lhe fecharão as portas do Convento, em 1461. Mas tomou Deos vindicta da affronta irrogada ao seu Servo, ferindo os rebeldes com uma contagiosa doença, que matou alguns delles, e submetteo os outros.

Ao B. João Soreth se deveo, como atraz dissemos, o estabelecimento de Conventos de Virgens. Forão cinco os que elle fundou, e que tinha tanto a peito, que nunca a outrem encarregou sua visita, principalmente do de Liege, e dos de Bretanha. No Capitulo Geral de Bruxellas fez elle examinar e aprovar as Constituições de sua Reforma, e obteve do Summo Pontifice Paulo 2.º a Bulla de 1466, que confirmava tudo o que era relativo á eleição dos Piores. Até que voltando a França para ultimar sua nobre empreza, e estando em Nantes com o Provincial da Turrena, e outro Padre, que alli queria deixar na qualidade de Prior, lhes foi propinado veneno em umas amoras. Um delles cahio morto subitamente. Con-

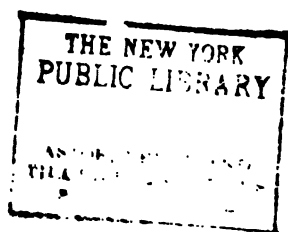
~~duidos os dous para Angers, mas~~ extremamente doentes, pôde a medicina salvar outro. Mas o B. Soreth teve de succumbir; e depois de preparar-se com exemplar piedade, foi no anno de 1471 receber o merecido premio de sua santa vida. Claro testemunho derão de sua dita os muitos prodigios acontecidos junto de seu tumulo, e que levarão os Carmelitas a dar-lhe o glorioso titulo de Bemaventurado. Suas Constituições forão depois confirmadas, em 1472, no Capitulo de Art, no Piemonte. Voltemos porem ás Carmelitas Calçadas, que tem povoado o Cco de illustres Santas.

Em nosso Portugal servem ellas a Deos, e lhe cantão perennaes louvores nos quatro seguintes Mosteiros:

No de Beja, da invocação de Nossa Senhora da Esperança, e que foi o primeiro que se estabeleceo. Deu praça para sua fundação D. Collaça, que para isso teve do Cco repetidas inspirações, pelos annos de 1541.

No de Lagos, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, que foi fundado por tres viúvas. Do Convento de Nossa Senhora da Esperança da Cidade de Beja sahirão tres Religiosas para este novo estabelecimento, que a Ordem acceitou pelos annos de 1557.

No da Villa de Tentugal, a duas leguas de Coimbra. — E' elle dedicado a Nossa Senhora da Natividade; e foi estabelecido com as rendas de um rico Hospital, que havia naquella Villa, e que para o Convento forão applicadas em 1560 por Provisão do Senhor Rei D. Sebastião. Começou sua fabrica em





1871

CARMELOTA CALÇADA.

1871

16 de Julho do mesmo anno; e em 15 de Maio de 1565 nelle entrarão tres Religiosas do Convento de Nossa Senhora da Esperança de Beja, que forão Isabel da Assumpção, Francisca do Presepe, e Rosa de S. João.

No de Guimarães, situado na rua da Infesta. — Teve elle seu começo no anno de 1685, debaixo da invocação de Santa Theresa, e foi primeiramente habitado por algumas recolhidas, que não tinham confirmação de Religiosas. Em tanto segredo ficára o nome de seu fundador, que, apesar de grandes diligencias, ainda não foi possível conhecer-se. A primeira pedra de sua fabrica foi lançada aos 26 de Março de 1685. Disse-se na Capella a primeira Missa em 8 de Abril de 1686. E em 13 de Março de 1687 tomarão habito as que nelle havião de viver, com faculdade do Provincial dos Carmelitas Fr. Pedro da Purificação, e sendo Arcebispo de Braga D. Luiz de Sousa.

Do Mappa Geral classificado

da Junta do Credito Publico de 1835 se vê, que o rendimento destes quatro Conventos montava a 7:122 \$ 303 rs.

As Religiosas Carmelitas Calçadas em Portugal usão de um longo habito preto de sarja de lã, que apertão na cinta com corrêa da mesma cõr; tem grandes mangas, e o Escapulario é do mesmo estoffo. Seu toucado é tambem preto, mas orlado de branco; e o manto de sarja de lã branca, pouco mais abaixo desce do Joelho.

Suave nos é terminár esta humilde memoria com a declaração de que ás bondades de uma das illustres e actuaes Preladas devemos proveitosos esclarecimentos. Perdoe-nos sua muita modestia, que não podemos nós resistir ao desejo de publicar seu nome, como testemunho de gratidão: — é a muito excellente Senhora D. Anna Michelina Rita de Jesus, Priora do Convento de Nossa Senhora da Natividade, da Villa de Tentugal.



SANTA THERESA.

REFORMADORA DOS CARMELITAS.

Aut Patri aut Mori.

MORIR Y PADECER, han
de ser nuestros deseos.

(St.^a THER. DE JES. Aviso 8.^o)

COM a diuturnidade se ia eclipsando a Regra de Santo Alberto. Já fôra necessario, como vimos, impetrar do Summo Pontifice Eugenio 4.^o, em 1432, mitigação em diversos Capitulos, que parecião inexequiveis, como era a abstinencia de carne, o jejum de sete mezes, o perpetuo encerramento nas cellas. Diferente foi comtudo o pensar de Santa Theresa. Inspirada do Ceo, parecendo-lhe facil e appetecivel o caminho da Cruz, em 24 de Agosto de 1562 lançou os primeiros fundamentos de uma Reforma, por tantos encetada, e por ninguem concluida.

Em Avila, na Castella Velha, nascera Santa Theresa, em 12 de Março de 1515. Com a existencia lhe derão seus illustres pais, Afonso Sanches de Cepeda, e D. Beatriz de Ahumada, o germe de muitas virtudes; e tão precoce foi seu desenvolvimento, que quando apenas contava seis ou sete annos, só a leitura das vidas dos Santos fazia todas suas delicias, e lhe occupava o tempo, que a infancia costuma empregar nos innocentes brincos e folguedos.

Santa Theresa amava extremamente a todos seus irmãos; porrem Rodrigo de Cepeda era o mais intimo, era o companheiro de suas leituras. Reflectindo nos tormentos com que os Martyres se habilitarão para entrar no Ceo, pareciahes a ambos mui diminuto o preço, e anhelavão a mesma sorte. Quantas vezes não debatião elles os meios de conseguir fim tão santo e suspirado!

Julgou a Santa, que proficuo seria abandonar a casa paterna, e buscar terra de Mouros, onde certamente encontrarião ensejo de perder a vida em martyrio. Como creancinhas partirão a Deos e á ventura; e já ião longe de povoado, quando um tio os encontrou, e restituiu aos pais, que se derretião em lagrimas pela falta de tão queridas prendas; e que, sabendo o motivo da fuga, para logo os prohibirão de sahir de casa sósinhos.

Falhou por tanto o primeiro designio; mas não morrerão as esperanças. Os dous innocentes haviam lido as Vidas dos Padres do Deserto; e antolhou-se-lhes, que

poderião imitar este viver, edificando no jardim seus Mosteirinhos. Nelles se encerravão! nelles gastavão dias inteiros!

Desta feliz disposição começou o Demonio a se inquietar. Receou este espirito de santidade, que nas duas terras creaturas desabrochava como rosas em manhã de Abril; e tanto lidou, que lhes fez tomar gosto na leitura de romances, em vez de livros santos, que já se lhe tornavão tediosos. — Ainda mais. — Era falecida D. Beatriz; e Santa Theresa, orphã de doze annos, com o trato de algumas parentas menos espirituaes, com os enfeites e vaidades em que o exemplo a enredara, havia perdido o santo temor de Deos.

Conheceo Affonso Sanches de Cepeda toda a profundidade do abysmo em que ia precipitar-se a filha mimosa e querida, e a metteo no Convento de Santo Agostinho de Avila, em qualidade de educanda. Mudança de vida tão sensível assustou a principio a Santa; mas preparava-lhe grandes doçuras, por que lhe acordou as virtuosas inclinações de sua innocente infancia.

Passou depois a joven Santa para o Mosteiro das Carmelitas da Encarnação, onde tinha uma amiga; mas austeridades, superiores a suas debeis forças e temperamento delicado, lhe produzirão gravissimas doenças, que a obrigarão a sair, até que, voltando já convalescida, tomou o habito em 1536, em idade de quasi vinte e um annos.

Era para vêr como em seu noviciado a enchera Deos de tantas graças. E tal era sua pontualida-

de, submissão, e obediencia, que, apesar de seus padecimentos, foi admittida a professar.

Ferida, poucos dias depois, de uma perigosa enfermidade, esteve a ponto de se finar. Não podião os Medicos de Avila libertá-la dos longos desmaios, das vehementes ancias, das pungentes dores, que por todo o corpo a martyrisavão, e lhe fazião perder os sentidos. E por que no Mosteiro se não guardava clausura, delle a foi seu pai tirar para a conduzir ao logar de Beçadas, onde havia uma famosa curandeira, em que já punha sua derradeira esperança.

Que poderia fazer uma ignorante embaidora, querendo dar saude á força de braços! — Cresceo o mal, abrasava-se em febre, sobrevierão-lhe dores incomportaveis, encolherão-se os nervos, interceptou-se-lhe o movimento e a respiração. Mas se a carne estava enferma, são e robusto estava seu espirito, ajudado de divina graça. Era admiravel a paciencia com que soffria; conformava-se com a vontade do Senhor; e só desejava a eternidade.

No fim de tres longos mezes de padecimento, recolheu-se a Avila com seu pai, muito mais enferma do que saíra; até que chegando o dia da Assumpção cahio em tão dilatada syncope, que durante quatro dias a tiverão por morta. Já se lhe abria a sepultura; já outras Religiosas se propunhão fazer-lhe as ultimas honras, quando seu pai, sentindo-lhe ainda pulso, obsteo ao enterramento, e a salvou da morte. Como quem desperta de um doce somno, tornou Santa Theresa a si:

— « Para que me chamarão!
» — disse ella. — No Ceo estava.
» Vi o inferno, meu pai; e Joa-
» na Soares se salvará por minha
» intercessão. Vi Mosteiros, que
» hei de fundar; e muitas almas,
» que hei de levar ao Ceo. Mor-
» rerei Santa; e meu corpo, an-
» tes de ser dado á terra, estará
» coberto com um brocado. » —

E cahindo no que dissera, o
quiz logo desfazer, attribuindo-o
ao seu estado de debilidade; mas
o futuro o realisou.

Mal que sentio algum alivio,
partio-se logo para o seu Mostei-
ro, onde grandes melhoras a es-
peravão por manifesta intercessão
de S. José, de quem era particu-
lar devota. Mas a que tão asinha
convalescera, bem depressa se ol-
vidou das recebidas graças; e dei-
xando-se vencer pelo espirito do
mundo, permittio que alguns se-
culares a visitassem; pôs de par-
te a oração; e não ousava apro-
ximar-se de Deos; — que tão for-
temente o demonio a afeiçoava ás
creaturas!

Não pôde o Senhor por longo
tempo soffrer a infidelidade da es-
posa, e por duas vezes lhe appa-
receo, ora com aspecto severo e
carregado, ora preso á columna,
e coberto de chagas. E não foi de-
balde; que Santa Theresa cheia
de confusão, e ajudada por seu
confessor, voltou aos exercicios
espirituaes, e pouco e pouco se
elevou ao mais alto gráo de con-
templação.

Sensível lhe foi romper amisa-
des, bem que innocentes; que ás
almas nobres e generosas penoso
é sempre não compensar afeições,
ou escondê-las. Na oração se con-

solava; e posto que era grata aos
divinos favores, não se mostrava
comtudo humildada; antes cos-
tumava dizer, que sua alma não
era para levar-se por temor. Quiz
Deos porem dar-lhe a entender,
que para conservar o amor lhe era
preciso o temor. Mostrou-lhe as
penas, que no inferno o Demonio
lhe havia preparado, quando ga-
nhá-la conseguisse; e a mesma
Santa nos escreveu esta pasmosa
visão no capitulo 32 da sua pro-
digiosa vida, que em portuguez
trasladamos do nosso classico Fr.
Belchior de Santa Anna, Chronis-
ta da Ordem.

— « Estando um dia em ora-
» ção (disse ella), me pareceo es-
» tar mettida no inferno, e en-
» tendi que queria o Senhor, que
» eu visse o logar, que os demo-
» nios lá me tinham aparelhado.
» Isto foi brevissimo espaço, mas
» ainda que eu vivesse muitos an-
» nos, me parece impossivel es-
» quecer-me: parecia-me a entra-
» da á maneira de forno mui bai-
» xo, escuro, e apertado; o chão
» me parecia de uma agua como
» lodo mui sujo, e de pestilencial
» cheiro, e muitas sevandijas más
» nelle. Vi-me metter n'uma es-
» treita concavidade da parede.
» Tudo isto era deleitoso á vista,
» em comparação do que alli sen-
» ti, que foi um fogo na alma,
» que eu não posso entender co-
» mo poder dizer da maneira que
» é, as dores corporaes tão in-
» comportaveis, que nenhum tra-
» balho é nada em comparação
» dellas. Isto não é nada em com-
» paração do agonisar da alma; e
» um aperto e afflicção tão sensi-
» vel, e com tão desesperado e



Portr. Lith. R. da R. Petersen, N. 1712

S^T THEREZA

Regruadora do Most. Carmelita.

FOR THE
ACTION UNDER THE
TILDEN FOUNDATION
R L

„affligido descontentamento, que
„ eu não sei como o encarecer;
„ por que dizer-se que é um es-
„ tar-se sempre arrancando a al-
„ ma, é pouco, por que na mor-
„ te parece que outro vos acaba
„ a vida, mas aqui a mesma alma
„ é que se despedaça. O caso é,
„ que eu não sei como encareça
„ aquelle fogo interior, e aquella
„ desesperação sobre tão gravissi-
„ mos tormentos, e dores: não
„ via quem mos dava; mas sentia-
„ me queimar, e despedaçar. As
„ paredes, que eram espantosas á
„ vista, me apertavão, tudo alli
„ afoga, tudo são trevas escuris-
„ simas, e com não haver luz, o
„ que a vista ha de dar pena tu-
„ do o vê. Quiz o Senhor que ver-
„ dadeiramente eu sentisse aquel-
„ les tormentos, e afflicção no es-
„ pírito, como se o corpo o esti-
„ vera padecendo, o que foi gran-
„ de mercê, por que me aprovei-
„ tou muito, assi para perder o
„ medo ás tribulações, e contra-
„ dições desta vida, como para
„ esforçar-me a padecê-las.” —

Desejando tributar a Deos a maior gratidão, fez voto, como divinamente inspirada, de praticar sempre o mais perfeito; acção esta que o mesmo Fr. Belchior de Santa Anna moralisa, dando-lhe grandes quilates de merecimento. E como anhelava augmentar esta perfeição, e communicá-la aos outros; esporeada de mais a mais pelos damnos que na Alemanha e França causavão as doutrinas de Lutheranos e Calvinistas: — apprehendeo a Reforma da Ordem, sendo rasoavel, como ella bem dizia, que em quanto os inimigos de Jesus Christo arruinavão os tem-

plos, que a piedade lhe dedicára, outros se levantassem para reparar sua honra.

Communicando a sua sobrinha este designio, offereceo-lhe esta mil *Ducados* para compra de uma casa; e a sua amiga D. Guiomar de Ulhoa lhe fez também promessas, que cumprio, a despeito de trabalhos e difficuldades, que com o andar do tempo se suscitarão. Animada por S. Pedro de Alcantara, pelo B. Luiz Bertrand, e pelo seu confessor, communicou seu projecto ao Provincial, que lhe prometteo a necessaria licença em tempo opportuno. Pareceo á esperançosa Santa que tudo conspirava para levar sua empreza a cabo. Figurou-se-lhe um cabedal sobrejo nos mil *Ducados* da sobrinha, e nos poucos bens de D. Guiomar; e comprou-se a casa. Mas o segredo rompeo-se; noticia correo logo por toda a Cidade, que Santa Theresa queria fundar um Mosteiro, sem fundos, sem rendimentos, e entregue unicamente á piedade dos fieis. Alvorotou-se o povo, e cuspio-lhe mil escarneos e dichotes; e não só o povo, que também sabios, nobres, e poderosos a contrariarão, e até as suas mesmas Religiosas, que se davão por affrontadas de se querer reformar uma Ordem, em que tantas virtudes resplandecião. Alguns confessores não quizerão absolvê-la em quanto não desistisse de seu projecto; e o Provincial negou-lhe o promettido consentimento.

A Santa, cada vez mais empenhada, teve a feliz traça de chamar para Avila seu cunhado João do Valle. Encommendou-lhe a compra da casa, e as necessa-

rias obras, em que com effeito se trabalhou; até que em 1562 obteve do Summo Pontifice Pio 4.º o Breve da Reforma. Escolheu quatro orphãs, e entre ellas sua sobrinha, para primeiras moradoras de seu novo Mosteiro, e nelle ouvirão a primeira Missa em 24 de Agosto do mesmo anno.

— « E acabada a Missa (diz o nosso Classico), chegarão á grade as quatro noviças, vestidas de saial grosseiro, cobertas as cabeças com uma toalha grossa, como mortas ao mundo, os pés descalços, como filhas dos Apostolos, e admittidas pelo Mestre Daza á Ordem do Monte Carmelo com obediencia ao Bispo, prometterão guardar a Regra primitiva de Santo Alberto, segundo a declaração de Innocencio 4.º » —

Depois de largos desgostos, que ainda teve de soffrer, vio-se em fim Santa Theresa já tranquilla em seu Mosteiro; e então fez Constituições que forão aprovadas pelo mesmo Pontifice. E tal foi o começo desta grande Reforma, que não abrangio sómente ás Virgens, senão tambem aos Religio-

sos, como em breve observaremos.

Teve ella a consolação de vêr que 17 Conventos de Virgens, e 16 de Religiosos abraçarão sua Reforma. Ainda ella vivia, e já seu Instituto atravessava os mares, e era plantado nas Indias; mas só depois de sua morte é que se estendeo para Italia, França, Paizes Baixos, e todas as mais Provincias da Christandade.

Deixou Santa Theresa escritos cheios de divina unção. Alem de grande numero de Cartas, que se derão á estampa com as de João Palafox, Bispo de Osma, acharão-se dez livros de suas obras, contendo o 1.º a sua vida, que ella mesma compôz: — o 2.º o Caminho da perfeição: — o 3.º as Fundações: — o 4.º o Modo de visitar os Mosteiros de Freiras: — o 5.º As Moradas, ou o Castello da Alma. Os outros são de menos entidade. E em fim, na idade de 67 annos, com 47 de Religião, 27 entre as Carmelitas Mitigadas, e 20 entre as Reformadas, depois de quatorze horas de extasi, se desprendeo da terra, e voou para o Ceo, na Cidade de Alba, em 4 de Outubro de 1582.



AS RELIGIOSAS

CARMELITAS DESCALÇAS.

Buscar a Dios, por solo ser Dios bueno,
Abraçar com el alma la pobreza,
Tener por libertad el ser mandada,

El coração vazio, de Dios lleno:
Conocer la soberbia en su baxeza,
Esto és ser Carmelita reformada.

(M.^{te} MARIA DE S. JOSEPH).

COM boa estrêa havia Santa Theresa plantado a arvore da sua reforma. Profundamente enraizada, já ella florescia em Hespanha, nos Conventos de S. José d'Avila, de Medina del Campo, Magalão, Valhadolid, Toledo, Pastrana, Alcala, Salamanca, Alva, Segovia, Veas, Sevilha, Villanova, Palencia, Soria, e Burgos; e até o mesmo Convento da Encarnação, aquelle onde mais tropeços a Reforma havia encontrado, já esse mesmo com ella se havia abraçado, attraído das virtudes, e delicados modos da Santa, que delle então era Priora. E comtudo não teve ella a consolação de a vêr atravessar as fronteiras de Portugal, como depois aconteceu, e como ella mesma vaticinára, legando esse cuidado a seus filhos.

Era o infausto dia 4 de Agosto de 1578. Com a flor de Portugal se perdia o nosso desaventurado Rei D. Sebastião nos abrasados campos de Africa, para onde o levava um demasiado esforço, e

mais que tudo um fervoroso zelo pela dilatação da Fê. Santa Theresa, a mimosa esposa de Jesus Christo, estava no Convento de Toledo; e ahi logo lhe revelou Deos o successo miserando. Prorompendo em copiosas lagrimas, exclamou, ella entre suspiros, e em modo de queixa amorosa:

— « Ay meu Deos, como permittistes aos nossos tal perda, aos inimigos tal victoria? » —

— « Se eu os achei dispostos » (respondeo o SENHOR) para trazer zê-los a mim, de que te affliges tu? » —

A' vista da gloria, em que a Santa considerava os Portuguezes, subito desapareceo o sentimento, que a desentranhava. Nasceo-lhe então grande desejo de trazer sua Reforma a Portugal. Pedio ao Senhor que a ajudasse; e em meia folha de papel nos deixou ella escrita a resposta que lhe elle déra, e que sendo conservada por Fr. Jeronymo Graciano, que a legou a Fr. Filippe de Jesus, se encon-

tra trasladada pelo nosso classico Fr. Belchior de Santa Anna. E' um documento importante pelo seu objecto, e pela simplicidade de seu estilo :

» Depois que Deos Nosso Se-
» nhor para me consolar da pena,
» que tive com a perda do exerci-
» to Portuguès nos Campos Afri-
» canos, me disse, que a permit-
» tira, por achar aos Portuguezes
» dispostos para os levar para si :
» fiquei com tam grande estimu-
» lação daquelle Nação, na qual,
» até os soldados estragados nas
» outras, estavam tão bem dispos-
» tos, que me sobrevierão gran-
» des desejos de ir fundar algũas
» casas do nosso Carmelo reforma-
» do, naquelle Reino : parecen-
» do-me que resultaria disso gran-
» de gloria de Deos, e augmento
» da Religião, com os sogeitos
» Portuguezes, que se me repre-
» sentavão tam bons, e inclinados
» á virtude. Pedi a sua divina Ma-
» gestade, com a maior instancia,
» que pude, que me fizesse esta
» mercê: e dia da Assumpção da
» Rainha dos Anjos, me disse o
» Senhor: tu, filha, não irás a
» Portugal fundar Casas de tua
» reforma, mas irão tuas filhas, e
» teus filhos, por que quero aug-
» mentando o numero de bons Re-
» ligiosos, que ha naquelle Reino,
» com os teus, que creça o moti-
» vo de eu suspender o castigo,
» que lhe dei, e usar de miseri-
» cordia com elle. Tambem será
» levada a elle tua mão esquerda,
» que lhe quero dar a mão de hũa
» tam amada esposa, para o levan-
» tar da miseria em que estará
» cahido, e restituí-lo ás felicida-

» des antigas, e dar-lhe hum pe-
» nhor de outras aventejadas. »

Theresa de Jesus, Carmelita.

Grande temporada de annos
jazeo escondido este Documento,
sem que podesse dar-se á estam-
pa, como contendo materia odiosa
a Castella, e o vaticinio de nossa
feliz Restauração. O mesmo Fr.
Belchior de Santa Anna explica o
motivo, e muito melhor do que nós
o poderíamos fazer :

» Este papel (diz elle no li-
» vro 1.º, cap. 12 da Chronica dos
» Carmelitas Descalços) escrito pa-
» ra memoria de cousa tam gra-
» ve, e importante a hum Reino,
» à instancia de seu Confessor, o
» Padre F. Jeronymo Graciano da
» Madre de Deos, primeiro Pro-
» vincial da nossa Reforma, ficou
» nas mãos delle, e não o quiz
» publicar por tocar materia odio-
» sa a Castella, qual he a restau-
» ração deste Reino. Deu-o, co-
» mo grande reliquia, a seu inti-
» mo amigo o Padre Fr. Philippe
» de Jesus, em cujas mãos o vi,
» e li, e trasladei no Deserto de
» Batuecas, onde estive hum an-
» no, sendo elle alli Prior, no de
» 1629, e querendo fazer-me este
» favor, por ser Portuguez, e mui-
» to seu afeiçoado, se bem me fez
» jurar que teria tudo em segredo
» até saber, que elle era morto.
» Assi o fiz, mas tanto que me
» constou, que tinha trocado a vi-
» da mortal pela immortal, logo
» publiquei o papel: por que não
» quis, hũa vez que estava livre
» do vinculo do juramento, ter es-
» condido hum tal thesouro, que
» em si contem grandes riquezas
» de mercês feitas a este Christia-
» nissimo Reino. Ao qual a bon-

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX
TILDEN FOUNDATION
R



CARMEITA DE SCAIXA EM PORTUGAL

*uma das primeiras baías desenhadas em um
monastério. Representa a casa no Mosteiro de
S. Carlos no Carmo de Lisboa.*

» dade divina, desde o principio
» da Igreja Catholica, quis hon-
» rar, e autorizar, e servir-se del-
» le, fazendo em todos os tempos
» grande demonstração d'amor, e
» particular providencia com que
» nos encaminha os meios de nos-
» sa salvação.... » —

Mas os votos da Santa come-
çarão a se realizar em 1581, quan-
do em Lisboa se estabelecerão,
como mais opportunamente vere-
mos, os Religiosos Carmelitas Des-
calços. Por sua influencia, e pela
do seu Prior Fr. Ambrosio Maria-
no, se tractou da fundação do pri-
meiro Mosteiro de Religiosas Car-
melitas Descalças, ou Reformadas.
Nella teve boa parte o Con-
de de Sabugal D. Duarte de Cas-
tello Branco, D. Luiz de Alencas-
tre, Commendador Mór d'Aviz,
e D. João Lobo, Barão de Alvito,
que pedirão ao Provincial as Reli-
giosas, que o devião fundar. Cou-
be esta Santa empreza á Madre
Maria de S. Joseph, Priora do
Convento de Sevilha, matrona de
grande virtude, e ás Madres Ma-
ria dos Santos, Branca de Jesus,
e Ignez de Santo Eliseu, que, de-
pois de mui grandes trabalhos e
fadigas, chegarão a Lisboa, e se
hospedarão no Convento da An-
unciada.

Em 19 de Janeiro de 1585 en-
trarão as Religiosas no seu novo
Mosteiro, edificado na Freguezia
de Santos o Velho, em logar emi-
nente, e de vistas aprasiveis. Es-
colheu a Madre Maria de S. Jo-
seph para Orago do seu Mosteiro
o glorioso Santo Alberto, já por
que d'elle era mui devota, e já pa-
ra que o nome de tão grande San-
to continuamente excitasse as Re-

ligiosas a encommendar a Deos o
Cardeal Alberto, que muito havia
concorrido para esta fundação. E
grande foi com effeito a liberalida-
de do Cardeal em dinheiro, e se-
das, e na offerta de um precioso
calix; evidenciando ainda mais
sua affeição ao Mosteiro com dar-
lhe, para nelle se criar, uma me-
nina, filha do Imperador Mathias,
seu Irmão, e que nelle depois to-
mou o habito com o nome de Mi-
chaella de Santa Anna.

Com prestesa chegou a noti-
cia desta invocação ás Religiosas
de S. José d'Avila, que em sua
correspondencia muito estranha-
rão, que no novo Convento de Por-
tugal se não dêsse o nome de S.
José; e foi a Madre Maria de S.
José quem lhe respondeo em cin-
co engenhosas quintilhas, que por
ventura não serão desagradaveis
a nossos leitores:

Joseph Patron general
Del Carmen, no és maravilha
Que juzgue por desigual
Ser segundo em Portugal
Siendo primero em Castilla.

Por General communica
A los dos igual favor,
Mas por singular amor
Al Lusitano le aplica
Otro segundo pastor.

Que em uno y otro Carmelo
Dobrado espirito, y zelo
A un no sufre en una ley,
Ni en la tierra um solo Rey.
Ni un Patron solo en el Cielo.

De todos es Patron Jozè,
Pero aqui se le une Alberto
Gran defensor de la Fé:
Que de sus designios vê
Franco en Portugal el puerto.

Que del martyrio la empresa
Que Alberto mostró a Theresa
La execucion se diffiere
Y desempeñar se quiere
En la sangre Portuguesa.

Grande e geral foi o regosijo de Lisboa com a fundação deste Mosteiro; e para ajudar as Religiosas no desempenho de suas penosas obrigações, se lhe vierão unir mais quatro, que de Sevilha se partirão.

„ A fama das oito Religiosas, „ (diz o citado Chronista) que vi- „ vião já no Mosteiro de Santo „ Alberto, soava por toda a Cida- „ de, o exemplo de seu recolhi- „ mento, e clausura, poz admira- „ ção a todos, e por meio das pa- „ redes, mais que pelas rodas e „ grades, sahia hum cheiro sua- „ vissimo de verdadeiras esposas „ de Christo. Ao qual cheiro cor- „ rerão logo algũas almas de ge- „ nerosas, e illustres virgens. Foi „ a primeira D. Maria, filha de „ D. João de Castelbranco irmão „ do Conde de Sabugal, e com se „ chamar Maria de Jesus, quiz „ mostrar como vinha deliberada a „ não querer dalli em diante ou- „ tra cousa mais que a Jesus. A „ Madre Maria de S. Joseph, que „ penetrou bem seus intentos, dei- „ xou em abonação delles escrito „ hum mote com sua glossa, que „ quero referir para alivio da his- „ toria.

MOTE.

„ Una hermana Lusitana
„ Oy se viste de sayal,
„ Libre quedará del mal,
„ Que causa la vida vana.

GLOSSA.

„ Una soberana lus
„ Alumbró su entendimiento,
„ Y entendió que todo es viento,
„ Si no seguir a la Cruz.

„ Con esto, de buena gana
„ Ha hecho un santo concierto,
„ Dar de mano a lo que es muerto,
„ Renunciando vida vana.

„ El descanso, y alegría
„ De que oy começa a gozar,
„ Solo se puede llamar
„ Bienaventurada vida.

„ De verse así está ufana
„ Con el semblante gozoso
„ Los ojos en el Esposo,
„ Burla de la vida vana.

„ Deshecha con libertad
„ Todo lo que el mundo estima,
„ Y a la pobreza se arrima
„ Obediencia, y castidad.

„ Con estas joyas galana
„ Burla del mundo, y su arreo,
„ Y abraça con Eliseo
„ La vestidura Eliana.

„ Libre de la pesadumbre
„ Goza una vida gozosa,
„ Huye de la peligrosa,
„ Subiendose al alto cumbre.

„ Pretende ser soberana,
„ E Ciudadana del Cielo,
„ Acogiendose al Carmelo
„ Huye de la vida vana. —

O segundo Convento de Carmelitas Descalças, que em nosso Portugal se edificou, foi o de Santa Theresa de Jesus, no lugar de Carnide; e deveo elle sua fundação á influencia da muito illustre e insigne Madre Michaela Margarida de Santa Anna, filha natural do Imperador Mathias, co-

mo já levamos dito, e que nesta santa empreza foi auxiliada pelo Provincial, que então era da Ordem, Fr. Angelo de S. Domingos. Grandes forão os embaraços ácerca da localidade deste Convento, vindo por fim a acceitar-se uma quinta de Luiz Gomes da Matta, Correio Mór do Reino, que della prometteo fazer doação com duzentos mil reis de renda para fabrica do Convento. Roubara-o porém a morte antes de verificar-se a doação; e seu sabrinho e herdeiro, Antonio Gomes da Matta, exigio, que para eterna memoria do beneficio, na Portaria do Convento se collocassem as Armas de sua familia. E por que esta exigencia não agradasse, conseguiu-se substitui-la pelas seguintes condições: — que o doador teria um logar perpetuo para uma freira de véo preto: — uma disciplina da Semana Santa; os exercicios de uma Religiosa em cada anno: — duas horas de oração de uma Religiosa todos os dias: — tres officios inteiros de Defuntos em sua morte, tres no fim do anno, e um todos os annos no anniversario de seu falecimento.

Verificada a existencia da renda dos duzentos mil reis pelo Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veiga, um dos mais illustres Jurisconsultos daquelle tempo, concedeo El-Rei D. João 4.^o a necessaria licença; e querendo mostrar o apreço em que tinha esta fundação, deo-lhe sua Augusta filha, a Senhora Infanta D. Maria, que tanto a illustrou com suas estremadas virtudes. Em 2 de Junho de 1646 foi lançada a primeira pedra pelo Duque d'Aveiro, D. Raimundo de Lencastre. Mas vendo a Senhora

Infanta quão morosamente caminhava a fabrica, declarou-se Padroeira do Convento, e com importantes quantias de dinheiro, que de seu pai alcançara, a concluiu no anno de 1662.

O terceiro Convento foi o de S. João Evangelista, fundado dentro dos muros d'Aveiro no anno de 1658. Deo-lhe seus paços o Duque D. Raimundo, que com essa obrigação lhos havia legado D. Brites de Lara. Oito Religiosas de Lisboa nelle entrarão em solemne procissão, com acompanhamento do Senado e da Nobresa, dando a população inteira as maiores e mais sinceras demonstrações de seu jubilo, e reputando um grande beneficio da Providencia a posse de um tal Paraíso. Ainda hoje conserva este Convento a antiga forma de Palacio. E' quadrangular; e seus quatro corucheos, vistos de longe, muito aformoseão a apparencia da Cidade.

Mas em Lisboa, na Freguezia das Mercês, tem as Carmelitas Descalças outro Mosteiro, da invocação de Nossa Senhora da Conceição dos Cardaes, e que fôra antigamente um simples Recolhimento. Deveu elle sua fundação a D. Luiza de Tavora, Commendadora do Mosteiro de Santos, que no anno de 1681, em dia de Nossa Senhora da Conceição, delle tomou posse com mais quatro Religiosas, a saber: — Michaella do SS. Sacramento, irmã de D. Sebastião Maldonado, e D. Umbelina de Santa Theresa, ambas do Convento d'Aveiro, e que tres annos habitarão o novo Mosteiro, onde uma dellas para logo foi Priora: — e as Madres Maria Theresa de Je-

sus, e sua mãe Maria de Christo, da illustre familia dos Saldanhas; aquella do Mosteiro de Carnide, e foi mestra de noviças; e esta do Convento de Santo Alberto, e foi Porteira e Superiora. Neste Convento viveo a Padroeira o resto de seus dias, com Breve Pontificio; e ainda que não professou a Regra Carmelitana, deixou estremados exemplos de virtude, como se verdadeiramente Religiosa fosse.

Nesta nossa bella, opulenta, e invicta Cidade do Porto, existio o Mosteiro de Santa Theresa, fundado pelo Bispo da mesma Cidade D. Fr. José de Saldanha, no anno de 1704. Coube o começo deste Religioso estabelecimento á Madre Maria Theresa de Jesus, irmã de João de Saldanha d'Albuquerque, com duas Religiosas mais do Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardaes, e outras duas do de Aveiro, todas de conhecido merito e virtudes.

Este Convento deixou de existir desde o memoravel cerco desta Cidade em 1832. Uma chuva debombas e pelouros assolava edificios, que os seculos havião respeitado; a peste e a fome, companheiras inseparaveis da guerra, punhão em consternação os peitos da mais forte tempera. Que havião de fazer pobres e delicadas Virgens, encerradas em sua clausura, e privadas de todos os soccorros da terra? — No meio de sua inevitavel torvação, tomarão o expediente de abandonar o sagrado recinto, sahír dos muros da Cidade angustiada, procurar mais seguro asylo, em que, livres de sobresalto, seu espirito continuasse a se exaltar a Deos. Fosse circumstancias da

guerra, fossem consequencias da politica do tempo, virão-se ellas obrigadas a retroceder. Já era tarde só nos outros Conventos da Cidade poderão encontrar abrigo; que o de Santa Theresa acabava de ser supprimido!

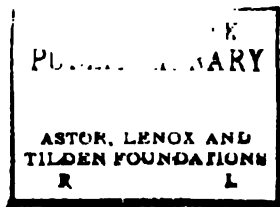
Junto da porta de Aviz, na Cidade d'Evora, existe tambem outro Mosteiro com a invocação de Santa Theresa. A' grande devoção que teve com Santa Theresa o Doutor Manoel Francisco, Lente de Prima da Faculdade de Medicina, se deveo em grande parte a fundação do Mosteiro de Carmelitas Descalças na Cidade de Coimbra. Souberão os Carmelitas descalços da mesma Cidade a intenção deste liberal bemfeitor; e em 18 de Janeiro de 1738 resolverão encetar as precisas diligencias. Era então Provincial Fr. Manoel de Jesus Maria José; e depois de percorridos os termos, foi concedida licença pelo Senhor Rei D. João 5.º Para hospicio das Religiosas forão destinadas as casas da quinta de Simão Pereira Homem, no aprasiavel sitio da Arregaça; e para fundadoras nomeou o mesmo Provincial a Madre Thomasia Maria do SS. Sacramento, Priora do Convento d'Aveiro, a Madre Crescencia Isabel da Visitação, Religiosa do mesmo Convento, a Madre Theresa Maria do SS. Sacramento, do Convento de Santo Alberto de Lisboa, e a Madre Maria Victoria de S. José, do Convento do Porto.

Concorrerão tambem com habito de Noviças a Irmã Joanna Laiza da Natividade, do Convento do Porto; a Irmã Engracia Maria da Purificação, do Convento de Aveiro; as Irmãs Maria da Conceição,



Porta Lith. R. da Republica N.º 42 e 30

NÓVICA DA ORDEM DAS CARMELITAS
descalças



e Isabel de Nossa Senhora, dos Conventos de Santo Alberto e de Carnide; e para leigas as Irmãs Mariana de Santa Theresa, e Joanna Theresa de Jesus. Era na tarde do dia 14 de Fevereiro de 1739 quando entrarão na Cidade, acompanhadas de muitos fidalgos e parentes, indo hospedar-se no Convento de Santa Anna das Eremitas de Santo Agostinho donde depois se dirigirão para o seu Hospicio. Mais tarde, em 6 d'Abril do mesmo anno, concorrerão tambem a Madre Maria Joanna do Sacramento, do Convento do Porto, e a Noviza Maria Ignacia; e é notavel que de todas as Novizas só Maria da Conceição teve de voltar para a sua patria, pelos seus annos e por enfermisa.

Foi lançada a primeira pedra deste Mosteiro pelo Conego Manoel Moreira Rebello, então Vigario Capitular, em 9 d'Abril de 1740, reinando o Senhor D. João 5.º

Em 23 de Junho de 1744 se trasladarão as 12 Religiosas Professas, e cinco Novizas, com grandissima solemnidade.

Em 1779 foi fundado na Villa de Vianna do Minho, e rua da Bandeira, o Convento das Carmelitas Descalças com a invocação de Jesus Maria José. Singella é sua architectura, mas elegante, e o templo é o mais moderno e mais asseado que a Villa tem. Na Portaria, e sobre a roda, que communica para o Convento, se offerece á vista um retabulo, que representa um Conego; e no fundo se lê o seguinte:

Caetano Correa Seixas, Conego Doutor da Sé de Coimbra, Lente de Canones Jubilado da Universidade, fundador e dotador do

Convento de J. M. J. de Carmelitas descalças em a Villa de Vianna do Minho. Falleceo em Coimbra aos 14 de Novembro de 1786. Jaz sepultado na Igreja da dita Sé. Paschoal Parente o pintou em 1787.

O mais sumptuoso Convento de Carmelitas Descalças é sem dúvida o do Coração de Jesus em Lisboa, vulgarmente chamado da Estrella. Foi devido á piedade de uma excelsa Rainha, a Senhora D. Maria 1.ª El-Rei D. Pedro 3.º lhe lançou a primeira pedra em 24 d'Outubro de 1779, e apesar da actividade com que se trabalhara, só em 15 de Novembro de 1790, e decorridos 11 annos, se celebrou a cerimonia da sagração. Dezeses milhões de cruzados custou este magestoso edificio, cheio de riqueza, de bellesas, e de defeitos, de que forão architectos o Major Matheus Vicente até ao anno de 1786, em que faleceo, e Reinaldo Manoel, que o concluiu. O excellente retabulo do coração de Maria foi pintado pela Princesa do Brazil, a Senhora D. Maria Francisca Benedicta; e toda a esculptura da Igreja é de Joaquim Machado de Castro. Na Capella-mór está o soberbo mausoleo em que repousão as cinzas da Augusta Fundadora; é elle fabricado de marmore preto e branco, e guarnecido de bronze, tudo com admiravel perfeição. As dez estatuas de marmore, que avultão neste magestoso Templo do Coração de Jesus, os Saraphins das Capellas, e o baixo relevo do frontispicio, são obra dos insignes artistas Alexandre Gomes, João José Eleveni, José Joaquim Leitão, e José Patricio. O mais grandioso ornamento de todo o edificio é a

sua famosa cupula. O sino grande pésa 275 arrobas, e todos os onze pésão 1:145 arrobas, e 21 arrateis.

Não terminaremos este nosso trabalho sem darmos uma succinta idea do modo de viver destas Religiosas, que tanto se tem distinguido como modê-los de virtude e santidade.

Cabe em partilha ás Carmelitas Descalças viver vida pobre e mortificada. Nas grandes povoações em que a Commuidade se pôde sustentar da charidade dos Fieis, lhe é recommendada a renuncia de quaesquer rendimentos. Nos logares menos opulentos permittidas lhes são as rendas em commum, não podendo comtudo exceder-se o numero de quatorze Religiosas, sem que para isso haja renda sufficiente, ou sem que a Noviça se acompanhe de sufficiente dotação. E comtudo nos Mosteiros sem rendimentos nunca as Religiosas de côro podião exceder o numero de treze; nos que erão dotados não podião exceder o numero de vinte, comprehendidas nelle as Irmãs Conversas.

Levantão-se as Religiosas Carmelitas ás 5 horas da manhã, e se empregão na oração até ás 6; no inverno, uma hora depois. Antes de cêa tambem consagrão outra hora ás suas orações.

Jejuão ellas desde a Exaltação da Santa Cruz até á Paschoa, abstendo-se constantemente de comer carne, excepto em caso de enfermarem. O silencio lhes é recommendado religiosamente desde Completas, que résão depois de cêa, até á Prima do seguinte dia. Tomão rigorosa disciplina em todas as segundas, quartas, e sextas feiras do anno, penitencia que applicão pela exaltação da Fé,

pela conservação da vida dos Principes, e seus Estados, pelos bemfeitores da Ordem, pelas almas do purgatorio, pelos Captivos, e por todos os que andão em peccado mortal.

Usão as Religiosas Carmelitas Descalças de um habito e escapulario de côr acastanhada, de um manto branco mui pouco amplo, e do competente véo. Dormem em po-brissimos leitos, e seu calçado se limita a umas sandalias ou alpergatas, e meias as mais grosseiras.

Por muitos annos se conservão estas Religiosas tão sómente em Hespanha, e em nosso Portugal, até que em 1566 se fundou um Convento em Genova, e em Roma um de Frades em 1597, Convento que hoje é conhecido pelo nome de *Nossa Senhora della Scala*. Não querião os Hespanhoes, nossos vizinhos, que a Reforma de Santa Theresa transpusesse os Perineos, para que elles só podessem gloriar-se de possuir um thesouro de tantas virtudes. Chegou mesmo El-Rei D. Filippe 2.^o a recommendar a seu Embaixador em Roma todo o desvelo para impedir o seu estabelecimento naquella Capital do Mundo Catholico. Mas a despeito de todos os esforços permittio o Summo Pontifico Clemente 8.^o a fundação do Mosteiro de *Nossa Senhora della Scala*; e daqui veio a divisão dos Carmelitas Descalços em duas diversas Congregações. Com o andar dos tempos abrango a Ordem a todos os Reinos da Christandade.

Conforme o Mappa da Commissão Interina da Junta do Credito Publico de 10 de Fevereiro de 1835 rendião annualmente os dez Conventos de Portugal a quantia de 35:229 \$ 707 reis.

AS CARMELITAS DESCALÇAS

DE FRANÇA.

PENITENTES, OU CONVERTIDAS

DE ORVIETO, NA ITALIA.

O quan dulces son agora
Las penitencias amargas,
Que blandas aqui parecen
Las camas de dura tabla!

Del manjar mas desabrido
La memoria aqui regala,
Libertad al fin se torna
La servitud voluntaria.

(D. BERNARDA FERR. DE LACERDA
Soledades de Buçaco.)

SE houvessemos de escrever circumstanciadamente quantas difficuldades achara em França o estabelecimento das Religiosas Carmelitas da Reforma de Santa Theresa, muito excederíamos, sem dúvida, os limites que nos havemos imposto. Ainda nos cumpre esboçar diversas Reformas e Institutos Carmelitanos; e para não abusarmos da benevolencia de nossos Leitores, mui pouco espaço consagraremos ás Carmelitas Descalças de França, e que em nada se estremavão das de nossa terra.

A' piedade e zelo d'uma Senhora foi devido em França o estabelecimento das Religiosas Carmelitanas. E' mais uma prova da feliz tendencia do bello sexo para as cousas do Ceo; e nosso coração exulta de prazer sempre que temos occasião de o sinallar.

Differentes pessoas se havião

lembrado de plantar em França esta arvore de virtude; a difficuldade dos tempos o não permittia; e a empreza estava reservada para Mad. Acarie. Conseguiu ella em fim que de Madrid partisse m para Paris seis Religiosas de Santa Theresa, cheias de zelo e espirito de tão illustre Santa. Na Princeza Catharina de Orleans de Longueville já ella havia encontrado uma fundadora; e com bulla do Summo Pontifice Clemente 8.º, e com beneplacito do Rei, no anno de 1604 entrarão as seis Religiosas de posse do novo Mosteiro de Paris, que devia ser cabeça de todos os outros que em França depois viessem a se erigir.

A infatigavel Mad. Acarie promoveo incessantemente a fundação do Convento de Pontoisa, a seis legoas de Paris, do de Amiens, a vinte e oito legoas, e do

da grande Cidade de Ruan. Em 1608 já em Turs se achavão estabelecidas as Religiosas Carmelitanas; dahi passarão para a Bretanha, onde em Nantes se lhes deo um Mosteiro. Desejadas na Cidade de Morles, lá se estabelecerão tambem no anno de 1619; logo depois em Bordeos, em Bourges, em Saintes, em Limoges. Nem se contentarão as principaes Cidades do Reino com um só Mosteiro. Muitas tinham deus. Em Paris havia tres constantemente habitados por muitas Religiosas, por isso que se nao limitavão ao numero certo e determinado das Constituições da Ordem em geral.

Sessenta e dous Mosteiros se contarão em França, gozando sempre da maior estima até ao momento da sua extincção. Delles haviam sahido muitas religiosas para fundarem iguaes estabelecimentos em Flandres, em Alemanha, e em muitos outros paizes da Christandade.

Mad. Acarie, depois de haver promovido a fundação dos Mosteiros de Paris, de Pontoisa, Amiens, e Ruan, tomou o habito da Ordem no Mosteiro de Amiens, contentando-se com a simples qualidade de Irmã Conversa debaixo do nome de Soror Maria da Encarnação. E no Mosteiro de Pontoisa teve ella a morte dos justos no anno de 1618.

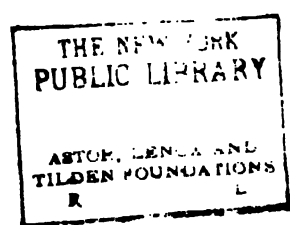
Agora, para terminar-mos tudo o que a brevidade nos permite relativamente ás Religiosas Carmelitas da Reforma de Santa Theresa, dedicaremos algumas linhas ás Penitentes, ou Convertidas de Orvieto, na Italia.

Havemos de dar logar em nos-

sa Galeria a muitas Communidades Religiosas de Penitentes ou Convertidas, que depois de viverem no mundo vida licenciosa e dissoluta, forão buscar a solidão do Claustro, consagrar-se a Deos por meio de solemnes votos, e terminar sua carreira mortal nas asperesas de uma vida penitente, a exemplo de Santa Maria Magdalena, sua padroeira. Mas todas essas Communidades Religiosas seguirão a Regra de Santo Agostinho. Só a de Orvieto, na Italia, foi dada a das Carmelitas, approvada pelo Summo Pontifice Innocencio 4.º, mitigada por Eugenio 4.º, e com particulares Constituições sancionadas pelo Bispo de Orvieto. E já se vê que, não sem fundamento, collocamos neste logar as Religiosas Penitentes ou Convertidas daquela Cidade, comprehendida no Estado Ecclesiastico, e capital de um pequeno paiz chamado *Territorio de Orvieto*.

Fôra Antonio Simoncelli um Cavalheiro de Orvieto. Levou-o sua piedade a edificar uma casa, primeiramente destinada para abrigar as infelizes abandonadas de seus pais, e em perigo de perderem sua virtude; mas no Pontificado de Alexandre 7.º, em 1662, foi erigida em Mosteiro, que debaixo de clausura devia ser habitado por aquellas, que tendo gastado o viço dos annos em meio de torpezas, deshonna, e devassidão, quizessem finalmente fazer penitencia de sua desconcertada vida, e consagrar-se a Deos por meio de solemnes votos. — E muitas forão as que pedirão entrada neste Mosteiro.

Não tem estas Religiosas No-





321

RELIGIOSA PENITENTE DE ORVIETO.

da P. M.

viciado. Vivendo alguns mezes no Mosteiro em trajo secular, quando vem a se lhes lançar o habito religioso, publicamente renuncião ao anno de provação, e proferem ao mesmo tempo seus votos solemnes.

Envôlta já no habito da Religião, e assentada de joelhos diante da Superiora, a que é admitida a professar, pronuncia de alto estas palavras: — *Segundo a Ordem estabelecida nesta Religião, e confirmada pelos Soberanos Pontífices, renuncio ao anno de Noviciado; pronuncio desde já meus votos, e faço minha profissão, como todas as outras que nesta Religião tem entrado.* —

E pondo logo as mãos nos Santos Evangelhos, faz sua profissão nestes termos: — *Eu, que no seculo me chamei N.... e agora Soror N...., de minha propria e livre vontade me dou a este Mosteiro de Santa Maria Magdalena, de Santa Maria Egypciaca, e de Santa Theresa, denominado das Convertidas; e prometto a Deos, a todos os Santos, a vós, Veneranda*

Madre Soror N.... actual Priora do mesmo Mosteiro, e a todas as que vos succederem canonicamente eleitas — estabilidade, mudança de costumes, obediencia, continencia, e pobreza, conforme a Regra da Sagrada Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Assim Deos me ajude, e os Santos Evangelhos de Nosso Senhor. —

A Priora então lhe entrega um Crucifixo, e uma vélla accesa. Põe-lhe na cabeça uma coroa. Levanta-se aos Ceos o canto das Religiosas; e recebida a benção do Sacerdote, acaba a cerimonia com o hymno *Te Deum*.

Por um grande acto de humiliação encéta a nova Religiosa sua carreira de virtude: — pede perdão, publicamente de seus passados erros. Durante um anno conserva ella seu véo branco.

As Religiosas Carmelitas de Orvieto tem o mesmo trajo, e as mesmas observancias das Carmelitas Descalças; mas em logar de sandalias, ou de alpergatas, usão de pantufos mui levantados, e o seu véo preto é forrado de branco.



OS CARMEELITAS DESCALÇOS.

..... Religião sagrada
Que c'o a capa de Elias vive honrada.
(M. DE GALHEGOS. Templo da Mem. L. 2.-105).

JA pelos jardins Carmelitanos cultivavão as Filhas de Santa Theresa a celestial e formosa planta da Reforma. A Regra de Santo Alberto, a despeito de sua rigidez, e severidade, não abrangia sómente os Conventos, que a Santa deverão fundação; já se lhe franqueavão as portas dos da antiga observancia. E comtudo, via Santa Theresa suas Filhas como abandonadas; dava-lhe rebate a idea de seu isolamento; até que por mandado do SENHOR se propoz estabelecer Conventos de Religiosos com a mesma Regra.

Era ella mulher, e tinha sido victima de grandes amarguras; mas nem por isso desanimava, que a Deos apraz muitas vezes servir-se de quebradiço barro como instrumento de altas empresas.

Toda embebida neste grande pensamento estava a Santa em Medina del Campo quando lhe appareceo Fr. João da Cruz, Religioso de verdes annos, mas de estremado espirito. Fallou-lhe; e para logo vio, que achara homem bastante para fundador do Convento, que projectava erigir. Era tudo já prestes, mas faltava-lhe casa; e permittio Deos que lha offerecesse D. Rafael Mexia Valasques no sitio de Durvelo. Bem pequena era ella, bem acanhada, e longe de povoado: mas assim mesmo con-

tentou a Santa, que a acceitou para solar da Ordem.

« Instruido o V. Padre Fr. João da Cruz (diz o Chronista Fr. Belchior de Santa Anna) no estillo e modo da Descalcêz, e dando-lhe a Santa hum habito de pobre, e rigoroso saial, que ella ajudou a cozer, e hum recado limpo, e pobre para dizer Missa, lhe ordenou que dêsse principio á familia dos Descalços, e foi pelo fim de Setembro do anno de 1568, que cheio de gozo vestio o habito descalço, e pôz aos olhos do mundo o primeiro descalço Carmelita renovador da antiga severidade prophetica. »

Sendo pouco depois convidada Santa Theresa por D. Anna de Mendonça, esposa do Principe Rui Gomes da Silva, portuguez nosso, para fundar em Pastrana outro Convento de Religiosas, houve lugar de em Madrid trazer á Religião o Padre Fr. Ambrosio Mariano de S. Bento, que veio a ser fundador da Provincia de S. Philippe de Portugal, e de quem muijustamente procedeo aos Religiosos o nome vulgar de Mariannos — e bem assim o Padre João da Miséria, que ambos acharão em sua Regra toda a perfeição, unico alvo de seu anhelos.

Com estes dous Padres fun-

dou a Santa o Convento de Pastrana em 9 de Julho de 1569; e ainda que o de Durvelo era mais antigo, por longo tempo não pôde elle sustentar sua primasia, por que o de Pastrana cresceu consideravelmente, estabelecendo-se nelle toda a regularidade da Reforma, ao passo que os ares insalubres do de Durvelo obrigaram os Religiosos a se transferir para a consideravel Villa de Manzere, no Bispado d'Avila. Mais tarde, contudo, no anno de 1612, occuparão elles de novo o antigo sitio de Durvelo, onde levantarão um Convento magnifico, que ainda ha bem poucos annos existia.

Com a nunca assaz pranteada morte de Santa Theresa começou o V. Fr. João da Cruz a soffrer gravissimas perseguições. Privado dos empregos, e afrontosamente expulso da Ordem pelos proprios Reformados, chegarão a o prender no Convento de Urbeda, defendendo-lhe até as visitas de outros Religiosos; e nestas privações e tormentos se desprendeo seu espirito dos laços terreaes, em 14 de Dezembro de 1591. Oitenta e quatro annos depois, no de 1675, teve o justo galardão de suas virtudes e santidade, sendo beatificado pelo Summo Pontifice Clemente 10.º

Estiverão a principio estas Casas Reformadas sujeitas ao Provincial da Observancia com seus Prioros particulares, que mantinhão a nova disciplina; a instancias porém d'El-Rei Philippe 2.º, as separou o Summo Pontifice Gregorio 13.º, no anno de 1580, concedendo-lhes um Provincial particular, sугeito comtudo ao Geral da Ordem.

Augmentando pelo andar dos tempos o numero dos Conventos, decretou o Soberano Chefe da Igreja Sixto 5.º, no de 1537, a divisão por Provincias, permittindo-lhes um Vigario Geral; até que, no anno de 1593, por Clemente 8.º foi feita separação completa das duas Ordens, concedendo aos Reformados elegerem seu Geral. Sette annos depois, no de 1600, dividio o mesmo Summo Pontifice os Reformados em duas diversas Congregações — a de Hespanha e Portugal — e a de Genova e Roma. A primeira tinha seis Provincias, comprehendendo a de Portugal, e atravessando os mares, se estendia até ás Indias. A segunda contava dezeseite Provincias, espalhadas pela superficie de França, Italia, Alemanha, Polonia, Flandres, e Persia. Cada Provincia devia ter seu Deserto; e ao de Bussaco, em nosso Portugal, consagraremos para logo o que nos permittir a estreiteza de espaço a que nos submettemos.

Resavão os Carmelitas Descalços Matinas á meia noite. Uma hora de manhã outra depois de Vesperas, erão dadas á oração. Disciplinavão-se nas segundas, quartas, e sextas feiras. Tinhão jejuns os mais austeros; e só comião carne andando embarcados.

Os Donatos, ou Conversos, tinham dous annos de Noviciado, e findos elles só fazião votos simplicies. Se na Ordem permanecião cinco annos, erão admittidos a segundo Noviciado de um anno, e então fazião profissão solemne. Aos que seis annos se conservavão na Ordem sem pedir profissão, lhes ficava ella interdicta para sempre,

e permanecião debaixo da obrigação dos votos simples.

Agora que havemos esboçado a origem e progressos da Ordem dos Carmelitas Descalços em geral, voltemo-nos para nossa terra, e vejamos compendiosamente como se ella entre nós estabeleceo, e ramificou.

Escolhera a Religião para a jornada de Portugal ao Padre Fr. Ambrosio Marianno de S. Bento, que já levamos mencionado, dando-lhe para companheiros os Padres Fr. Gaspar de S. Pedro, e Fr. João Evangelista, com mais cinco outros, cujos nomes a Historia não recolheo. Partirão-se elles para este reino, não sem que primeiro recebessem instrucções de Santa Theresa, e chegarão a Lisboa no 1.º de Outubro de 1581.

Acolhidos por El-Rei, seguiu-lhes elle cem mil reis de renda annual pela Casa das Carnes. E tal entrada lhe derão na Córte suas virtudes, que delles os proprios validos se servirão para obter d'El-Rei feliz despacho em suas pretensões.

Era então Arcebispo de Lisboa D. Jorge d'Almeida; e delle bem facilmente obtiverão faculdade para fabrica de um Convento, por estas memoraveis palavras:

Dou-a a F. R. com muito gosto, por que entendo que Deos os traz de Castella a este Reino para serem em algum modo mósinha dos males, que de li nos tem vindo.

Com grandes esmollas de D. Duarte de Castello Branco, Alcaide-mór de Sabugal, e de sua esposa D. Isabel de Castro, e com avantajados soccorros dos Padres de S. Domingos, dos da Compa-

nhia de Jesus, e dos Carmelitas da Observancia, derão elles começo ao Convento de S. Filippe, em 14 de Outubro de 1581; mas em 8 de Dezembro de 1604 transferirão-se para outro, com a invocação da Madre de Deos, junto de S. Crispim, sitio formosissimo, e de soberbas vistas sobre o Tejo e sobre a Cidade, de cujo trafego por então se achava ainda affastado.

Estabelecidos dest'arte, logo tomarão a peito augmentar suas casas. De D. Antonio, Conde de Monsanto, obtiverão por doação accommodado sitio na Villa de Cascaes; e ahi fundarão seu segundo Mosteiro com a invocação de N. Sr.ª da Piedade. Grande foi o apparato com que se lançou a primeira pedra, em 19 de Setembro de 1594. No dia 8 de Fevereiro de 1596 já os Padres nelle erão recolhidos.

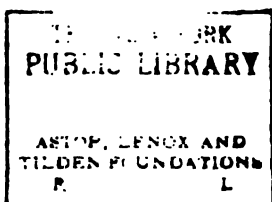
A este segundo de Cascaes seguiu-se o terceiro na Villa de Figueiró dos Vinhos, dedicado a Nossa Senhora do Carmo. Foi elle fundado por Pero de Alcaçova e Vasconcellos, que para esse fim comprou terreno proprio junto de seu palacio, e o dotou com algumas rendas. Foi a primeira pedra lançada em 3 de Julho de 1601. Entrarão nelle os Religiosos no anno de 1607, e foi seu primeiro Prior Fr. Thomaz de S. Cyrillo.

O Collegio da Cidade de Coimbra foi o quarto estabelecimento da Ordem. Deo-se-lhe principio em 13 de Julho de 1603, e com a invocação de S. José, nas casas do Conde de Portalegre, junto da porta de Belcoace, ao entrar na rua das Fangas, onde depois estive-



Porta - Lith. R. da Rebouças N.º 29 e 30.

RELIGIOZO CARMELITA DESCALÇO.



rão os Padres de Santo Antonio da Estrella. Mais tarde porém foi este Collegio trasladado para o outeiro, a que vulgarmente se chamava *Genicoca*, e a que os Estudantes da Universidade davão o nome de *Monte Aureo* por estar coberto d'amarelllos Bem-me-queres. Aprasivel era este Collegio pelas alegres vistas que tinha do Mondego, vinhas, casarias, e Oliveas, que passando o rio, se estendem pelos valles e outeiros de Banhos Seccos, e Val de Inferno. E no 11 de Outubro de 1606 lhe lançou a primeira pedra o Bispo da mesma Cidade, D. Afonso de Castello Branco.

Com a invocação de Nossa Senhora dos Remedios foi edificado na Cidade de Evora o quinto Convento de Carmelitas Descalços. Era elle situado fóra da porta de Alconchel; e para sua fundação foi mandado o Padre Fr. Jeronymo de Santo Hilario, com mais cinco companheiros. Começou sua fabrica em 1606, não sem que surgissem grandissimas difficuldades. Vencerão-nas porém varios fidalgos, e muito entre elles se avantajou D. José de Mello, que depois foi Bispo da Cidade de Miranda, e Arcebispo de Evora.

Na Cidade de Aveiro se contava o sexto Convento, debaixo da invocação de Nossa Senhora do Carmo. Era elle nas casas de Gil Homem da Costa, onde entrarão os Religiosos em 28 de Outubro de 1613. Como porém o sitio fosse humido, e com poucas commodidades, vierão a se passar para as casas de D. Brites de Lara e Menezes, no mez de Março de 1618, e ahi se conservarão até entrarem no

seu Convento, edificado no fim da rua de S. Paulo, perto da Villa de Sá, onde se disse a primeira Missa em 15 de Março de 1620.

Era o setimo Convento nesta Invicta Cidade do Porto. Fôra sua fundação encarregada aos Padres Fr. Thomaz de S. Cyrillo, e Fr. Sebastião da Ressurreição. Obtidas as necessarias licenças pelo Governador Diogo Lopes de Sousa, fizeram seu assento na rua de S. Miguel, aos 14 de Junho de 1617, em umas casas, que erão do Abbade de S. Vicente do Pinheiro; e trasladarão-se depois para o Convento, que edificarão no que então se chamava Campo do Olival, e hoje Praça dos Voluntarios da Rainha. Com as ceremonias, que em tão solemnes actos se praticão, foi lançada a primeira pedra pelo Bispo D. Rodrigo da Cunha, em 5 de Maio de 1619.

Foi o oitavo Convento o de Santa Cruz da Serra do Bussaco, de que em particular nos encarregaremos, como já levamos promettido.

No 1.º de Julho de 1618 fundarão os Padres Fr. Baptista da Trindade, Fr. Antonio, e Fr. Paulo, o nono Convento na Villa de Vianna do Minho, com a invocação de Nossa Senhora do Carmo. Teve elle principio em umas casas na rua da Bandeira, para a parte da Serra, e pouco distante do sitio em que ainda agora existe; ficou inteiramente acabado em 20 de Julho de 1647. Seus Religiosos fazião em outro tempo, e em certas estações do anno, doutrina nas Praças da Villa, e varias missões pelo seu Termo, na forma em que

as costumavão fazer os Padres da Companhia de Jesus.

Na Villa de Santarem se fundou no anno de 1643 o decimo Convento, com a invocação de Santa Theresa. Esteve elle a principio na Porta de *Mangos*, até que foi mudado para o Monte da Pedreira, junto ás portas de Atharmaria, e casas de Fernando Mascarenhas, Conde da Torre.

Neste mesmo anno de 1643 foi edificado no Lugar de Olhavo, quasi legoa e meia distante da Villa de Allenquer, o undecimo Convento, debaixo da invocação de Nossa Senhora da Encarnação.

O Convento de *Corpus Christi*, na Freguezia de S. Nicolao, em Lisboa, foi o duodecimo da Ordem. A Senhora Rainha D. Luiza, mulher do Senhor D. João 4.º, lhe lançou a primeira pedra em 28 de Setembro de 1648, em acção de graças por haver o Senhor salvado a El-Rei das mãos de um assassino, que de Castella fôra mandado para o matar. Foi depois o Convento dado pela dita Senhora aos Carmelitas Descalços no anno de 1661.

Pelos annos de 1653 foi fundado na muito antiga e prinacial Cidade de Braga o decimo terceiro Convento. Tinha elle a invocação de Nossa Senhora do Carmo, e era situado no Campo da Vinha.

O Convento de Santa Theresa, na Villa de Sabugal, foi o decimo quarto em Portugal; e sua fundação data do anno de 1661.

A uma legoa de distancia da Cidade de Lisboa, e no sitio de Carnide, fundou a Senhora Infanta D. Maria, filha do Senhor D. João 4.º, o decimo quinto Convento, no anno de 1681. Deo-lhe ella

a invocação de S. João da Cruz; e teve em vista fornecer confessores as freiras, que já no mesmo lugar havia estabelecido.

Com a invocação de Nossa Senhora do Carmo, forão fundados no Algarve, e pelos annos de 1745, dous Conventos mais, um na Cidade de Tavira, e outro na de Faro; e finalmente, com a mesma invocação, o de Villa do Conde. Deo-lhe principio (segundo a tradição, que encontramos) um Religioso, Fr. Martinho, que com outro Leigo se alojara em uma casa do Morgado da Fiança, na rua do Barroso. D. Anna, viuva de Lourenço Pinheiro, lhes deo em frente praça sufficiente para uma Capella, que foi edificada á custa da Ordem. Erecto assim o antigo Hospicio, tiverão os Carmelitas occasião de comprar aquelle, que na rua dos Prazeres estavam habitando ao tempo de sua extinção, e que fôra devido á philantropia e piedade de um homem, que do Brazil se recolhera com grande abundância, e que o havia destinado para educação de Meninas. A morte lhe embaraçara levar a cabo seu designio; e de seus herdeiros o houverão os Carmelitas, que para elle se trasladarão, e nelle moravão em numero de tres ou quatro, com um Leigo.

A renda annual de todos estes Conventos era de 26:844\$ 076, segundo consta do Mappa da Commissão Interina da Junta do Credito Publico, de 10 de Fevereiro de 1835.

O DESERTO DO BUÇACO.

Cruz, silencio, meditação, penitencia, humildade, abnegação do mundo, Deus, eternidade, orar pelos homens longe dos homens, eis toda a occupação d'outr'ora nesta morada santa, eis toda a historia mystica do Buçaco.

(MEMORIAS DO BUÇACO.)

ORDENAVÃO as Constituições Carmelitanas, que houvesse um Deserto em cada Provincia. A de Castella a Nova já tinha o de *Bolarque*, fundado no anno de 1592. A de Andaluzia, o das *Neves*, fundado no anno de 1593. A de Castella a Velha, o de *Batuecas*, fundado em 1598. A das Indias Occidentaes, ou Nova Hespanha, o dos *Montes de Santa Fé*, fundado em 1606. A da Catalunha, o de *Cardon*, fundado no mesmo anno. A de Genova, o de *Varale*, fundado em 1618. A de Polonia, o de *Sae*, fundado em 1620. Mal que a Provincia de S. Philippe de Portugal se vio separada da de Andaluzia, tractou tambem de erigir seu Deserto, conseguindo a precisa licença no anno de 1625, não sem que primeiro tivesse de superar immensos obstaculos.

A Serra de Cintra lhe parecia o logar mais accommodado; mas o acaso lhe deparou a de Buçaco, onde a generosa piedade do Bispo Conde D. João Manoel lhe deo vastissimo terreno.

A tres legoas de distancia da
z 2

Cidade de Coimbra, para o Nordeste, está assentada a Serra do Buçaco, célebre pelo seu Deserto, e ultimamente pela batalha de 27 de Setembro de 1810, em que o exercito Anglo-Luso se cobrio de gloria contra o General Massena, Principe d'Essling. De sobre esta Serra se descobre grande parte do reino. Enxerga-se para o Oriente a Serra da Estrella, e a de Castello Rodrigo, em distancia de trinta legoas; para o Meio-dia a de Minde, não faltando até quem julgasse vêr a de Marvão, que dista quarenta legoas; para o Poente, o vasto Oceano, e as embarcações, que em diversos rumos o vão sulcando; descobrem-se em fim Cidades, Villas, e Aldêas de sete Bispados — do de Coimbra, Leiria, Guarda, Viseu, Lamego, Porto, e Braga.

Bem grato nos fôra descrever mais de espaço toda a sublimidade desta situação, dominando uma das mais bellas planicies da Provincia da Beira. Mas forçado nos é renunciar a essa tarefa, já desenhada com toda a felicidade

de (*). Nosso proposito é simplesmente — o Deserto do Buçaco, e a Vida Eremitica.

Para esta fundação foram chamados da Cidade d'Aveiro os Padres Fr. Thomaz de S. Cyrillo, Fr. Antonio do Espirito Santo, e Fr. Bento dos Martyres, que lhe lançarão a primeira pedra no dia 7 d'Agosto de 1623. Em 15 d'Outubro do mesmo anno já elles ficarão na Serra, alojados em pequenas cabanas de Esteiras. Em 28 de Fevereiro do anno seguinte era acabado o lanço do ponte.

O Mosteiro fica a mais de meia legoa de distancia do povoado. A estrada, que vem de Coimbra, termina na fonte do Salgueiro, que se encontra em um semi-circulo, assombrado de arvoredo. Ergue-se na frente o muro do Deserto com suas duas portas, por uma das quaes se entra em um pequeno zagão forrado de cortiça. Fica-lhe fronteira outra porta, coroada d'uma caveira entre dous ossos, com a seguinte letra :

O' tu mortal, que me vês,
Reflete bem como estou:
Eu já fui o que tu és,
E tu serás o que eu sou.

Um pateo mais amplo se lhe segue com seu alpendre coberto; e á parte esquerda uma capella de Nossa Senhora do Carmo, onde o porteiro dizia missa aos pastores da Serra, sem que contudo se devaçasse o Ermo. Passa-se depois a um espaçoso terreiro, ao lado do qual está a Fonte Nova; er-

gue-se no meio delle uma grande cruz de tosco cipresté; e em frente della começa a rua, que vai dar ao Convento, povoada de Ermidas e devotissimas capellas, e assombrada de arvores mui frondosas.

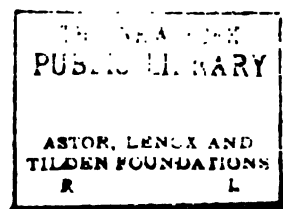
Vai esta avenida sempre em voltas, na longitude de 646 passos, e termina em um largo, donde se avista o Mosteiro, bem mais devoto que magestoso. Estriba-se elle em tres arcos de cantaria, almofadados e com frisos, e por elles se entra no zagão da portaria. O pavimento é calcado de miudos seixos; e as paredes são guarnecidas até ao meio de grosseiros embrechados.

Entra-se no claustro, que é lageado de cantaria, com tecto forrado de grossas cascas de sobro, entresachadas de cortiça. Forma elle um quadro de cento e oito pés de comprimento em cada lanço; e na sua extremidade, á direita, dá entrada para as cellas dos Religiosos, que são contiguas ao jardim, onde consumia o tempo, que lhes sobejava da oração, e penitencia.

O templo é do estillo ordinario dos mais da Ordem, e á feição de cruz. Não tem porta principal, e em seu logar está o coro, dous degrãos levantado a cima do pavimento, e separado por uma grade. O mais notavel do interior desta Igreja são os dous bustos, de Santa Maria Magdalena, e de S. Pedro, em armarios envidraçados, nas paredes lateraes do Altar-mór. Não ha expressões sufficientes para descrever tão preciosos primores da arte.

Pelo nascente vai o lanço do claustro parar no refeitório, espa-

(*) Recomendamos, entre outras, a leitura das — Memorias do Buçaco — pelo Sr. Adrião Pereira Forjas de Sampaio, livrinho cheio de verdade, de sentimento, e de poesia.





Porto. B. da Rebelião. V. 29. 30

CONVERSO DOS CARMIERLITAS

Donação em peçonha. —

coza sala de grande pé direito, e forrada de cortiças. Junto delle é a casa em que se guardão os instrumentos de penitencia, o que bem indica a inscripção da porta: *Arma militiæ nostræ* — Armas de nossa milicia. Com essas armas entravão os Religiosos no refeitório, comendo uns no chão, confessando outros publicamente seus defeitos, e crucificando-se, depois da refeição, na grande cruz encortiçada, que no meio delle estava arvorada.

De duas ordens de Ermidas se compõe este Deserto: umas de devoção, e outras de habitação. Aquellas são as que vão da portaria para o Convento, e comprehendem os Santos Passos. Estas são as que erão habitadas pelos eremitas, e em numero de onze repartidas pelos tesos e valles da grande cerca, separadas umas de outras, e a grande distancia do Mosteiro. Daqui vinha que neste Deserto havia dous modos de viver. um em commun, outro em soledade.

Os Conventuaes devião ser vinte e quatro, espontaneos, e por um anno. Tambem os havia perpetuos, mas não podião exceder o numero de seis. Na oração mental empregavão elles tres horas, metade de manhã, e metade de tarde. As penitencias erão asperissimas. Só lhes era licito alimentarem-se de legumes, fructas, e peixe sêco; os doces, os ácidos, qualquer comer appetitoso, tudo lhes era defendido; e nas sextas feiras do anno escusado lhes era o fogo e o cosinheiro, por que só se servião de fructas, e de hortaliças

cruas. O refeitório era um contínuo theatro de mortificações:

« Um dos Ermitaes (diz o Chronista Fr. Jeao do Sacramento) se topa deitado na porta para que na entrada o pizem es mais: outro no meio da casa como morto com uma pedra á cabeça, coberto de cinza, e uma caveira nas mãos. A um lado apparece um comendo sobre a terra: a outro lado outro, cu mais, que faz o mesmo do que pedio de esmola pelas mesas. Uns prostrados pelos pés dos mais lhos vão beijando: outros recebendo delles bofetadas, e a qual ha de estender os braços em uma cruz, qual a este ha de beijar os pés. . . . ali se divisa um na figura de um bruto, confessando-se mudamente por tal na casa do Senhor: outro batendo nos peitos com uma dura pedra, accusando-se publicamente dos seus defeitos. Qual com uma corda ao pescoço, e qual com um crucifixo nas mãos pedem á Communidade lhes perdoe os escandalos com que a Deos e aos homens tem aggravado e offendido. . . . Os mais dos dias comem em terra de joelhos tres ou quatro Religiosos com varias insignias sobre si, uns com cruzes ás costas, e coroas de espinhos nas cabeças, outros com mordanças nas bocas, vendas, ou cilícios nos olhos, outros (caso raro para confusão dos soberbos!) tendo sobre suas costas uma albardinha á maneira de brutos, reconhecendo-se que o forão pelas culpas, e peccados, que no seculo contra Deos commetterão. » —

Não havia no Buçaco algumas cathogorias, que todas ellas erão depositas ao entrar no Mosteiro. Os ermitães não vagueavão pela cerca; e só durante o verão se lhes permittia o passeio de tres quartos d' hora antes de Completas, e sempre com silencio e recato, e evitando encontrar-se. Só fallavão com o Prelado, e uma vez no anno o podião fazer a parentes proximos. Para fiscalisar este silencio elegião um como Alcaide. A linguagem era differente da do seculo, e davão ás cousas diversos nomes.

Recebida a cinza da mão do Prelado no primeiro dia da Quaresma, separavão-se seis Religiosos para as Ermidas, onde, longe do tracto commum do Mosteiro, perseveravão até vespera de Ramos, em que ao Mosteiro se recolhião para ajudar ao officio da Semana Santa. O mesmo praticavão no Advento até ante-vespera de Natal. Cada ermida tinha um sino para corresponder aos actos da Communidade, e lá cumprião

com todos os officios do coro, mas levando-os todos de joelhos; lá se disciplinavão quotidianamente; e para que o espirito respirasse mais desafogado das prisões da carne, davão-se tambem ao trabalho corporal, cortando lenhas, acarretando agoa, e cultivando seus jardins. Hortaliças cruas, e fructos verdes e sêccos, erão seu unico alimento.

Duas vezes por semana os costumava o Prelado visitar, examinando se podião continuar no começado rigor, e informando-se de seu aproveitamento espiritual.

A algum dos antigos solitarios, que outr' ora povoarão este admiravel Deserto, está hoje confiada sua guarda e conservação. (*)

Visitai o Buçaco os que folgaes de admirar a magnificencia da natureza, já que somos forçados a terminar aqui nosso grosseiro esboço.

(*) Uma Portaria do 1.º de Dezembro de 1838 salvou esta preciosidade da venda a que estava destinada, graças á proposta e solicitude dos antigos Deputados, os Srs. A. de O. Marrecas, e A. L. de Seabra, um dos actuaes Ministros da Relação do Porto.



OS CARMELITAS

DA

CONGREGAÇÃO DE MANTUA.

DIVERSAS REFORMAS. — CONGREGAÇÃO DOS INDIOS.

Sacodem de si todo o poe, que tiveram
noutro tempo de desejos de riqueza e gloria do
mundo, e metem debaixo dos pees as honras
de que no segre a bandeiras despregadas se ja-
ctavam. Obra por certo heroica, forjada na
fragua da vontade abrasada no amor do alto Deus.

(Fr. HECTOR PINTO. — Imag. da Vida Christã.)

NÃO MENCIONAR ainda, posto que
com summa rapidez, diversas Re-
formas da Ordem Carmelitana, e
que tanto espaço occupão na sua
respectiva Historia, será o ultimo
trabalho, que lhe consagramos, ex-
ceptuando comtudo uma succinta
noticia dos Calvalleiros da Ordem
Real, Militar, e Hospitalaria de
Nossa Senhora do Monte Carmel-
lo, com que pretendemos concluir
o *Primeiro Volume* de nossa Ga-
leria.

Um homem extraordinario ap-
pareceo em França pelos annos de
1428. Era o Carmelita Thomas
Connecte, natural de Rennes, an-
tiga Capital de Bretanha, e hoje
do Departamento de Ille e Vilai-
ne, terra chara aos Portuguezes,
que nella acharão hospitalidade,
obsequio, e sympathias.

Dezeseis ou vinte mil pessoas
concorrião ás vezes a lhe ouvir os
sermões; e era preciso suspendê-
lo com uma corda no meio da I-

greja para de todos poder ser ou-
vido.

Entrara elle em Lião, caval-
gando um jumentinho, seguido de
muitos Religiosos, e de algum po-
vo miudo, que mais attrahia pela
austeridade e penitencia de sua vi-
da, que por sua doutrina, por al-
guns authores taxada de menos or-
thodoxa. Prégou, e com tanto fru-
cto, que muitas Donas de consi-
deração, renunciando ao luxo e á
 vaidade, publicamente lhe entre-
garão suas joias e louçanias, que
elle fazia queimar em um cadafal-
ço para esse fim levantado. Os
mancebos abandonarão o jogo, os
ébrios as tabernas; e feliz se jul-
gava aquelle, que pelo cabresto
podia conduzir sua humilde caval-
gadura, ou arrancar-lhe algum pêl-
lo, que precisamente conservava.

Em um Convento da sua Or-
dem, n'um sitio chamado *Gironne*,
introduzio elle uma particular Re-
forma. Fez o mesmo no de *Forests*;

na Toscana; unio-se-lhe o de *Mantua*. Capital do Ducado do mesmo nome na Lombardia; e deste Convento, como mais célebre, tirou seu nome a nascente Congregação.

Mas Thomás Connecte dirigio-se a Roma para reformar, segundo elle dizia, o Summo Pontifice e os Cardeaes; e em lá chegando, no anno de 1432, com tanto arrebatamento prégou contra os costumes da Côrte, taes erros avançou, ou pelo menos verdades tão livres, que o Summo Pontifice Eugenio 4.º o fez prender e processar, sendo condemnado ao fogo, e publicamente executado em 1443. — Não pretenderemos reinstaurar este processo; fique reservado para o juizo de Deos.

Célebre é na Italia a Congregação de Mantua, que comprehende cincoenta Conventos; e entre seus filhos mais distinctos cabe a precedencia ao Padre João Baptista Spagnoli, appellidado o *Mantuanano*. Della foi seis vezes Vigario Geral, sendo tambem forçado a accoitar o Generalito da Ordem no anno de 1513. Depois de grandes trabalhos em prol da Reforma; depois de se haver opposto com o maior zêlo ás pretensões do Padre Marcos de Monte-Catino, Procurador Geral da Ordem, que trabalhava por embair os Carmelitas, persuadindo-os a que usassem de habitos pretos em lugar dos de côr leonada, ou acastanhada; cheio de desgostos se resolveo a renunciar a seu cargo para viver em remanso, e se dispôs para a morte. Assim o fez no anno de 1515; e quando estava compondo as vidas dos principaes Santos de

cada mez, para ir lograr sua companhia se partio do mundo em 20 de Março de 1516, na idade de sessenta e oito annos.

Vê-se seu corpo, sem corrupção alguma, no Convento de Mantua, onde lhe foi erigido um tumulo magnifico. Foi bom theologo e philosopho; e passou pelo mais excellente poeta de seu tempo, havendo composto mais de cinco mil e quinhentos versos.

Frederico 1.º, Duque de Mantua, levantando no anno de 1530 um Arco de Triumpho na maior e mais formosa praça da Cidade, nelle fez collocar as estatuas de Virgilio, e de Fr. João Baptista *Mantuanano*.

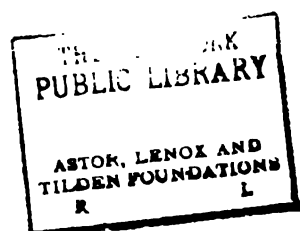
Os Religiosos da Congregação de Mantua trajao pouco mais ou menos como os outros Carmelitas. O que os distingue é um chapéo branco, tendo por dentro uma coifa de rêde preta, que tambem pela parte debaixo fôrma as abas do mesmo chapéo; e daqui vem talvez o dizer Crescencio, que esta Congregação se denominava *al Capel bianco*.

Alguns de seus Conventos são mais reformados que outros; e taes são o de Castellino, perto de Florença, o de Pistoia, e de Forests. Comem elles carne tres ou quatro vezes na semana, por Privilegio do Summo Pontifice Pio 2.º; mas fóra do Convento, só hortaliças e legumes cozidos com a carne.

Jejuão quatro dias na semana, desde a Exaltação da Santa Cruz até á Paschoa — durante todo o Advento — nas vespas de Festa de Nossa Senhora, dos Apostolos, e de S. Marcos — nos tres dias das



RELIGIOSO CARMELITA
Da Congregação de Mantua



Ladainhas — e em todas as sextas feiras do anno.

Guardão rigoroso silencio no Coro, no Refeitório, no Dormitório, no Claustro, e nas cellas. Só podem vestir habito novo depois que são Presbiteros, ou pelo menos depois de terem quatro annos de Religião; e o mesmo se observa a respeito dos Leigos. Tem também Conventos de Religiosas; e por um Breve do Summo Pontifice Clemente 8.^o, celebrão seu Capitulo Geral de dous em dous annos.

Suas Armas são um Escudo de prata e côr leonada, em forma de borboleta, com uma palma, e um Lyrio de haste verde, em aspa. O timbre é uma Coroa Ducal guarnecida de cinco estrellas.

Deixemos porem a Congregação de Mantua, e concluamos nosso trabalho com outras Reformas.

Era Geral de toda a Ordem dos Carmelitas o Mantuano, quando um Religioso, chamado *Ugo-lino*, ardendo em zêlo da Religião, emprehendeo restabelecer a Regra de Santo Alberto em toda a sua primitiva austeridade, bem que com as Declarações do Summo Pontifice Innocencio 4.^o; mas tão piedosas intenções quasi que ficarão malogradas, conseguindo apenas fundar um Convento perto de Genova, a que deo o nome de Monte Olivete, e que, apesar de ser unico, tomou o titulo de Congregação, em tempos que Leão 10.^o occupava o throno pontifical.

Apoiou o mesmo illustre General o estabelecimento de uma Congregação de Reformados em França, debaixo do nome de *Congregação de Alby*. Mas não permit-

ti Deos que ella por longo tempo subsistisse; e no anno de 1580 foi reunida á Ordem pelo Summo Pontifice Gregorio 13.^o

Mais feliz foi o Padre Pedro Bonhouart na Reforma que emprehendeo no Convento de Rennes, na Bretanha, pelo anno de 1604; reforma que abrangeo a muitas outras Provincias de França, d'Alemanha, Italia, e Flandres. Chegou ella a contar vinte e cinco Conventos e dous Hospícios de Religiosas, e quatro Mosteiros de Virgens. Chamou-se *Provincia de Touraine*; e nella o habito preto foi convertido em pardo escuro, ou acastanhado.

Na Sicilia, e no anno de 1619, nasceo outra Reforma devida aos Padres Didier Placa de Catania, e Alphio Licandro. Religiosos ambos da Provincia de Santo Alberto. Nove Conventos se fundarão em bem pouco tempo na Sicilia, dous nos Estados Pontificios, e tres no reino de Napoles; e constituiu-se uma nova Provincia, que tomou o nome de *Monte Santo*, do primeiro Convento em que a Reforma começara, fundado sobre uma montanha assim chamada, perto da bella Cidade de Messina. Esta Congregação se dividio depois em duas Provincias do mesmo nome.

Outra Reforma teve também logar na Italia, a instancias do Duque de Saboia Victor Amadêo; e se lhe deo o nome de *Reforma de Turin*, por que nesta Cidade teve origem no anno de 1633.

Em França, e no Generalato do Padre Theodoro Stratio, quiz o Padre Blanchard, Religioso da antiga Observancia, introduzir u-

ma particular Reforma, fazendo observar a Regra de Santo Alberto sem as declarações de Innocencio 4.^o, nem as mitigações de Eugenio 4.^o Dous outros Religiosos se lhe juntarão, e conforme a traça da primitiva Regra, fundarão um pequeno Deserto no sitio chamado *Grateville*, que lhes foi dado por alguns cavalheiros, e que era no Departamento de Landes, sobre a estrada Real de Bayona. Para esta fundação deu seu consentimento o Bispo de Bazas, a instancias do Conde de Marcheville, Henrique de Gournay.

Guardavão estes Religiosos a primitiva Instituição da Regra; e por isso se chamarão Carmelitas do 1.^o Instituto. Fazião unicamente voto de obediencia, em que todos os outros se encerravão. Comia cada um em particular na sua cellinha, e quando viajavão se abstinção de hervagens e legumes cozidos com carne. Foi este seu viver approvedo pelo mesmo Geral Stratio, e confirmado pelo Soberano Chefe da Igreja Urbano 8.^o, em 1636. Mas o Deserto não subsistio por longo tempo. Viera a ser nelle recebido um Padre chamado Labadie, apóstata da Igreja Romana, e que dizia ter recebido de Deos o habito desta Reforma. E

taes e tantas forão as desordens que alli causou, que o Bispo, a cuja jurisdicção estes Padres haviam submettido seu Mosteiro, se vio na dura necessidade de os expulsar, sendo assim suffocada esta Reforma logo em seu berço.

A' cadêa das diversas Reformas Carmelitanas, que, com mais brevidade do que desejamos, até aqui havemos mencionado, acrescentaremos, como ultimo élo, a *Ordem dos Indios*, que muitos Autores affirmão ter sido um ramo da grande Arvore do Carmello, e cuja instituição elles collocão no Pontificado de Julio 2.^o, pelos annos de 1506.

Affirma-se que se lhes dera o nome de Indios pela resolução que havião tomado de se partirem em missão para as Indias, apenas se verificara seu feliz descobrimento, a fim de incessantemente trabalharem na conversão dos Idólatras. Ha toda a probabilidade de que esta Ordem subsistira mui pouco tempo. Usavão os Religiosos de habito preto, com uma tunica branca sem mangas, e apenas com uma abertura de cada lado por onde podessem passar os braços. Estas tunicas não descião para baixo do meio da perna.



OS CAVALLEIROS

DA

ORDEM REAL, MILITAR, E HOSPITALARIA

DE

NOSSA SENHORA DO MONTE CARMELO, E DE S. LAZARO DE JERUSALEM.

Se não quizeses prometter, não peccarias. Mas uma vez que te sahio a palavra da boca, observá-la-has, e farás o que prometeste ao Senhor teu Deos, pois o fizeste de tua propria vontade, e o declaraste pela tua boca.

(DEUTERONOMIO. Cap. 23. vers. 22 — 23.)

QUANDO em nossa Galeria offerecemos um resumo historico da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem, signalámos que ella continuou de existir em França, apesar de haver sido supprimida por Innocencio 8.º, e apesar de todas as diversas alternativas por que passou na Italia, até que Henrique 4.º deo o Grão Mestrado a Philberto de Nerestang, que foi tambem o primeiro Grão Mestre da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, por este Principe instituida. A esta nova Ordem consagraremos agora nosso humilde trabalho, e teremos occasião de vêr como se lhe unio a dos Cavalleiros de S. Lazaro de Jerusalem.

Affirma um grave Escriitor, que Henrique 4.º instituiu a Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, unindo-a á de S. Lazaro de Jerusalem, com o fim unico de fazer com que esta outra vez florescesse, dando-lhe novo lustre com

a restituição dos bens de que se achava privada.

Escreveo outro, que Aimar de Chattes, Grão Mestre da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem, ardentemente desejára dar-lhe seu primitivo esplendor; mas que não podendo consegui-lo, por que a morte lhe não dera tempo, nesse designio lhe succedera Philberto de Nerestang, o qual, empregando seu valimento para com Henrique 4.º, conseguira que este Monarcha solicitasse em Roma o restabelecimento da Ordem, obtendo em resultado, no anno de 1607, uma bulla do Summo Pontifice Paulo 5.º; e que então, para dar-lhe maior brilho e honra, lhe unira a Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo.

Mas o que mais penhores offerece de veracidade, e mais enraizado se acha na Historia, é que Henrique 4.º instituiu esta Ordem unicamente para dar provas de sua piedade e devoção para com a San-

ta Virgem. Escreveo ao seu Embaixador em Roma, que solicitasse do Pontifice Paulo 5.^o a criação da Ordem, e sua Confirmação Apostolica; e obteve a Bulla de 16 de Fevereiro de 1607, que o authorisou a nomear Grão Mestre, com poderes de nomear Cavalleiros a seu bel prazer:—que permittio o casamento aos Cavalleiros, sem exceptuar as segundas nupcias, e até o poderem esposar uma viuva:—que obrigou os Cavalleiros a voto de obediencia, e de castidade conjugal:—que lhes concedeo permissão de poderem ter pensões em quaesquer Beneficios, ainda que casados, ou bigamos fossem, elevando-se essas pensões, para o Grão Mestre, até á quantia de 1500 Ducados d'ouro, e para os Cavalleiros, até á de 500.

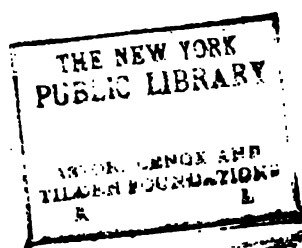
Uma outra Bulla de Fevereiro de 1608 prescreveo a estes Cavalleiros as seguintes obrigações:—fazerem profissão de Fé antes da sua recepção na Ordem:—confessarem-se e commungarem no dia em que recebessem o habito:—trazerem nos mantos uma cruz côr de castanha, e no meio della a Imagem de Nossa Senhora:—fazerem voto de obediencia, e de castidade conjugal:—pegarem em armas contra os inimigos da Igreja, sendo para isso requeridos pela Santa Sé, ou por El-Rei Christianissimo:—resarem todos os dias o officio de Nossa Senhora, ou a sua Coroa:—ouvirem Missa nos dias de Festa, e nos Sabbados:—absterem-se de carne em todas as sextas feiras:—confessarem-se e commungarem no dia da festividade de Nossa Senhora do Monte Carmelo, que se celebra em 19 de Ju-

lho, reunindo-se nesse dia para a solemnizarem:—e pagarem em fim ao Thesoureiro da Ordem as pensões e encargos das Commendas, que possuissem.

Em nenhuma destas bullas se fazia menção da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem; mas em Julho de 1608, querendo Henrique 4.^o dotar a sua nova Ordem, supprimio, por Carta Regia, o Grão Mestrado da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem, e unio á de Nossa Senhora do Monte Carmelo todas as Commendas, Priorados, e Beneficios da de S. Lazaro, nomeando por Grão Mestre a Philiberto de Nerestang, Gentil-homem da sua Camara, e que antes de ser Grão Mestre da Ordem Militar de S. Lazaro, fôra Mestre de Campo d'um Terço d'Infanteria.

Prestou o novo Grão Mestre juramento nas mãos d'El-Rei, o qual, no ultimo dia d'Outubro do mesmo anno, declarou de novo, que as Commendas, Priorados, e outros Beneficios da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem em terra de França, ou de quaesquer outros dominios da Coroa, pertencerião ao Grão Mestre, Cavalleiros, e Officiaes da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, para de tudo gozarem como se fossem ou tivessem sido Cavalleiros da Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem; e que, nos termos da Bulla do Summo Pontifice Paulo 5.^o, desfructarião nos Bispados, Abbadias, e outros Beneficios Consistoriaes de apresentação Regia, as pensões com que S. M. se dignasse gratificá-los.

Deo isto logar a representações do Clero de França, e do Ar-





Porto L.^o Rua da Relicquia N.^o 29 e 30.

GRAN MESTRE DA ORDEM DE N.^oS^o

de monte Carmo, e de S. Lazaro de Jerusalem .



Paris. L' Bn. de Richelieu. N° 29.36.

GRAN MESTRE DA ORDEN DE N. S.
de most. Clemente, e os S. La. do de Jerusalen.

cebispo de Bourges, André Fermiot. Supplicarão a Sua Magestade, que não permittisse que estes Cavalleiros (a quem davão o nome de Cavalleiros d'Annunciada), casados, e enfrascados em negocios do mundo, pozessem mão nas Taboas Sagradas, e tomassem os Pães da Proposição, e rendimentos destinados para os Levitas; pois que o braço d'um Cavalleiro mais era para ser coberto de sangue, que do fumo do incenso, e dos sacrificios.

Respondeo El-Rei aos Prelados, que a Ordem, que havia instituido, não era de Cavalleiros da Annunciada, mas de Nossa Senhora do Monte Carmelo, pela particular confiança, que em sua intercessão tivera sempre, a exemplo de seus avós, os Duques de Bourbon, e de Vendoma; e que lhes havia feito mercê, não dos rendimentos ecclesiasticos, mas somente daquelles dos Hospitaes e Commendas, que em seu Reino outr'ora haviam pertencido á Ordem Militar de S. Lazaro de Jerusalem, acrescendo-lhe outras pequenas pensões pelo Summo Pontifice concedidas.

Em 1611 foi dada a sobrevivencia no Grão Mestrado a Claudio, Marquez de Nerestang, filho de Philberto. Seguiu-se-lhe em 1639 seu filho Carlos, Marquez de Nerestang, por mercê d'El-Rei Luiz 13.º Luiz 14.º proveo depois esta Dignidade em Carlos Achilles de Nerestang, segundo filho de Claudio, sendo-lhe confirmada por Bulla do Summo Pontifice Innocencio 10.º—Desde então o Grão Mestre, e os Cavalleiros começaram a se chamar de Nossa Senhora do

Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem.

Tornou ainda El-Rei a confirmar a instituição desta Ordem no mez d'Abril de 1664; e o Cardeal de Vendoma, que em França era Legado *a Latere* do Summo Pontifice Clemente 9.º, publicou em 1668 a Bulla d'União das duas Ordens, confirmando todos os privilegios, que á de S. Lazaro de Jerusalem haviam sido concedidos pelos Pontifices Pio 4.º, e Pio 5.º

Nesse anno deo El-Rei o Grão Mestrado ao Marquez de Nerestang, filho de Carlos Achilles. Prestou elle juramento de fidelidade nas mãos de S. M., de quem recebeo a Cruz da Ordem, e foi commandar a Esquadra, destinada para proteger o Commercio do Oceano. Foi este Grão Mestre, que, no anno de 1672, obteve um Decreto, que restabeleceo os Cavalleiros de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem, em todos os direitos, que á sua Ordem houvessem pertencido. Este Decreto confirmava a união das duas Ordens: — conferia-lhes a administração perpetua das Leprosarias, Hospitaes, e Alvergarias do Reino, onde a hospitalidade se não praticava: — e unia á Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo os bens d'algumas outras Ordens Militares e Hospitalarias, que em França ficavão extinctas, e supprimidas por este mesmo Decreto, e especialmente a do Espirito Santo de Mompelher, a de S. Thiago da Espada, do Santo Sepulchro, de Santa Christina de Somport, de Nossa Senhora, chamada Teutonica, de S. Thiago de Haut-Pas, ou de Lucca, e a de

VESTUÁRIO.

E

CEREMONIAS DE PROFISSÃO

DOS

CAVALLEIROS DA ORDEM REAL, MILITAR, E HOSPITALARIA DE NOSSA SENHORA DO MONTE CARMELO, E DE S. LAZARO DE JERUSALEM.

Não tinham os antigos Cavalleiros da Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem, trajo algum particular, e de cerimonia. Apenas trazião pendente d'uma fita côr d'amaranto uma Cruz d'ouro, d'oito raios, por um lado esmaltada da mesma côr d'amaranto, tendo no centro a Imagem de Nossa Senhora, e pelo outro, esmaltada de verde, e com a Imagem de S. Lazaro. Os oito raios da Cruz terminavão em maçanetas d'ouro; e em cada um dos angulos havia uma flor de liz do mesmo metal. Os serventes porem só usavão d'uma medalha com os mesmos esmaltes, mas pendente d'uma cadeasinha, e não de fita.

Foi o Marquez de Dangeau quem fixou o vestuario de Ceremonia; e era elle differente, segundo a qualidade dos Cavalleiros.

Consistia o do Grão Mestre em uma dalmatica de téla de prata, sobre a qual usava d'um comprido manto de velludo côr d'amaranto, semeado de flores de liz, Cifras, e tropheos, tudo bordado a ouro e prata, e formando as Cifras o nome de *Maria* entre duas Coroas.

O trajo dos Cavalleiros de Justiça era tambem uma dalmatica de setim branco, e sobre ella, e abrangendo toda a sua altura e largura, uma Cruz quarteada de côr de castanha e verde. Usavão tambem de um manto de velludo côr de amaranto, bordada no lado esquerdo uma Cruz côr de castanha, com a Imagem de Nossa Senhora no centro.

Os Cavalleiros Ecclesiasticos, ou Capellães, vestião sobre a sotana um roquete, e por cima delles uma murça de velludo côr d'amaranto, com uma cruz bordada no lado esquerdo.

O manto dos Serventes era de panno, e tinha bordada no lado esquerdo a sua respectiva medalha.

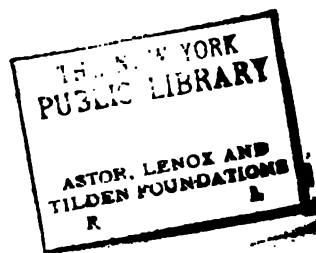
Aos Noviços pertencia apenas uma capa mui curta de setim verde, e com uma especie de capuz.

O Arauto tambem tinha uma dalmatica de velludo côr d'amaranto, e nella, pela parte de diante, as armas da Ordem, que consistião em uma Cruz quarteada de côr de castanha e verde, bordada em campo de prata, e tendo por timbre uma Coroa Ducal.

Todos os membros da Ordem,



CAVALLEIRO ECCLESIASTICO DA ORDEM DE N. S.
do monte Carmelo de S. Lazaro de Jeruzalem.



á excepção dos Ecclesiasticos, usavam de gorra de velludo preto, com plumas e martinete da mesma côr.

Solemnisavão os Cavalleiros a Festividade de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e a de S. Lazaro, na Igreja de *S. Germain-des Prés*, onde sempre concorrião em grande cerimonia.

Para entrar na Ordem cumpria justificar nobreza paterna e materna de tres costados. Podia comtudo o Grão Mestre dispensar no rigor das provas em prol dos que tivessem feito grandes serviços a El-Rei, ou á Ordem, e até recebê-los Cavalleiros sem despesa alguma.

Os Ecclesiasticos, que justificavão nobreza, tinham lugar entre os Cavalleiros de Justiça; mas havia Capellães e Serventes, que não erão nobres. Os Cavalleiros Ecclesiasticos ou Leigos, pagavão mil libras pela sua entrada na Ordem. Os Capellães e Serventes só pagavão quinhentas.

Na profissão destes Cavalleiros se practicava o seguinte ceremonial. — Acabada a Missa, o Ecclesiastico que officia, revestido de capa de asperges, benzia a Cruz e a Espada, estando o Noviço assentado de joelhos durante esta cerimonia. Levantava-se elle então e se dirigia ao Grão Mestre, ou seu representante, que occupava uma cadeira de espaldar.

— « Que pedís? » — lhe dizia o Grão Mestre.

— « Humildemente vos supplico admissão na Ordem e Cavallaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem. » —

— « Só pode conceder-se es-

sa graça ao mérito e á nobreza: aos que estiverem dispostos a praticar as Obras de Misericórdia para com os pobres de Jesus-Christo, e a derramar seu sangue em defesa da Religião Christã, e em serviço d'El-Rei. Sufficientes provas temos de que em vós concorrem as boas partes, e disposições requeridas. Estaes disposto a empregar vossa espada em defesa da Igreja, serviço d'El-Rei, honra da Ordem, e protecção d'infelizes? » —

— « Sim, Senhor, com ajuda de Deos. » — Respondia o Noviço.

— « Na Ordem Real, Militar, e Hospitalaria de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e de S. Lazaro de Jerusalem vos recebo, em Nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo. » —

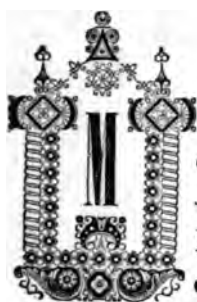
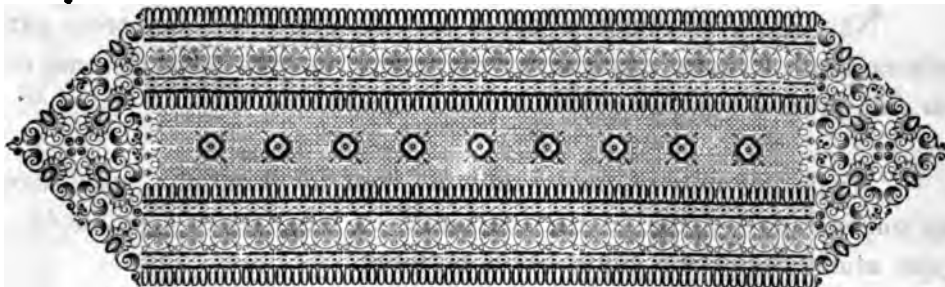
Fazia o Grão Mestre o signal da Cruz sobre o Noviço. Levantava-se; tirava a Espada da bainha, e com ella lhe dava duas pancadas, uma no hombro direito, outra no esquerdo, dizendo:

— « Por Nossa Senhora do Monte Carmelo, e por S. Lazaro, vos faço Cavalleiro. » —

De joelhos diante do Grão Mestre, delle recebia a espada o novo Cavalleiro, beijando-lhe a mão. E o Grão Mestre:

— « Empregai essa espada segundo o espirito da Religião, e não segundo o impulso de vossas paixões. Lembrai-vos de que a ninguém deveis ferir injustamente. Cavalleiro! D'ora avante sêde vigilante no serviço de Deos e da Religião, obediente a vossos superiores, submisso ás suas ordens, paciente ás suas correcções. As leis da Religião em que haveis entrado vos obrigão á pratica de to-

Pagin.	Col."	Linhas.	Erros.	Emendas.
8	—	1	19	—
5	—	2	14	—
12	—	2	12	—
16	—	2	14	—
17	—	2	4	—
25	—	1	8	—
33	—	2	11	—
38	—	2	42	—
41	—	2	9	—
41	—	2	9	—
81	—	2	18	—
73	—	1	20	—
78	—	2	34	—
88	—	2	34	—
89	—	2	10	—
113	—	2	29	—
116	—	1	28	—
116	—	2	33	—
122	—	2	13	—
123	—	1	38	—
137	—	1	12	—
143	—	2	44	—
186	—	1	13	—
187	—	2	18	—
189	—	2	34	—
193	—	2	8	—
206	—	2	26	—
207	—	2	14	—
207	—	2	22	—
211	—	1	9	—
			visitasse	visitasse
			na Cidades	nas Cidades
			Porem	E porem.
			156	356
			sorriem	se riem
			de S	de S.
			sem justicas	semjusticas
			as	a
			secouanto	secouant
			Sagrado	sagrado
			eet	cet
			Feis	Fieis
				—
			diminuição	dominação
			grand	grande
			sen	seu
				—
			Basilo	Basilio
			forneciao	forneciao
			Messalienses,	Messalienses.
			annno	anno
			Padroeiro	Padroeiros
			estimulação	estimação
			no	ao
			D	D.
			de	do
			forma	forra
			Religiosas	Religiosos
			Roligiosos	Religiosos
			da Proposição	de Proposição



MAIS de cinquenta Congregações Religiosas se gloriarão de militar debaixo do estandarte de Santo Agostinho — que tão grande foi a reputação que adquirio na Igreja pela santidade de sua vida, e admiravel sabedoria de seus escriptos.

Após as Congregações de Conegos Regrantes, que pretendem ser seus legitimos descendentes, vierão muitas outras, e todas persuadidas de que não poderião encontrar mais perfeito modêlo da vida Religiosa. Forão estas as que se qualificarão de Eremitas.

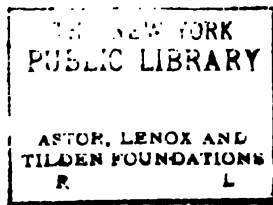
Umas e outras terão successivamente logar em nossa Galeria; e com as primeiras vamos abrir este Segundo Tomo, á frente do qual nos pareceo que deviamos colocar o Grande Santo, pai de tão numerosa posteridade.

Tomo 2.º

Não nos farraremos a cousa alguma que possa concorrer para melhoramento e lustre desta nossa empreza, em que mais de uma vez têm sido preciso superar grandissimas difficuldades.

Assim nos mostraremos gratos ao bom acolhimento, que havemos encontrado — acolhimento que muito excedeo nossa espectação — e que muito desejamos continuar a merecer.







Desenhado por J. B. de Aguiar. Gravado por J. B. de Aguiar. V. 2. 50

SANTO AGOSTINHO

Beato da Igreja Católica, Doutor da Igreja

SANTO AGOSTINHO,

BISPO DE HIPONA, E DOUTOR DA IGREJA.

No mar profundo as aves farão ninho,
Os pexes pelo ar irão voando
Quando a lingua mortal, divo Agostinho,
Seu canto a teu louvor for igualando:
Tu abriste do Ceo novo caminho,
Tu lá do Senhor delle estás gozando,
Anjos alegre lá tua voz divina,
Homens ensina cá tua doutrina.

(DIOGO BERNARDES. — *Epigramma*
a St.^o Agostinho.)



Em Thagasta, cidade da Numidia, agora provincia de Constantina, em Argel, veio ao mundo Santo Agostinho, em 13 de Novembro do anno 355, em tempos do Summo Pontifice S. Liberio, e do Imperador Constantino, filho de Contantino Magno. Reduzida hoje a pobrissimo logarejo, de todo houvera esquecido a antiga cidade, se não tivesse sido patria do grande homem. Deolhe o ser o magistrado Patricio, mais distincto por sua rectidão e honestidade, que por sua mediocre fortuna. O pai de Santo Agostinho era pagão; porem Monica, sua mãe, era Christã; e ás suas lagrimas e aos seus desvelos deveo o filho uma conversão, que lhe abriu as portas do Ceo, e perpetuou sua memoria e veneração.

Santo Agostinho estudava em Medauro; e em vez de applicar-se aos primeiros elementos da sa-

bedoria, entregava-se á leitura de Poetas e Romancistas. As aventuras de Enéas, a morte de Dido, por um excesso de amor para com aquelle Principe Troiano, exaltarão-lhe a imaginação, e produzirão seus primeiros desvios, que como elle mesmo confessa, forão crescendo como elle na idade crescia.

Já contava tres lustros; e Patricio que se desvelava por estabelecer o filho, e que sem indagar se elle era casto, só anhelava que fosse eloquente, o fez recolher a Medauro para ir estudar em Carthago. Um anno foi mister para grangear o preciso para a viagem; e neste anno de completa ociosidade se abandonou o mancebo em Thagasta a toda a sorte de devassidão.

Partio em fim para Carthago quando contava dezeseis annos. O ceo e a civilização da Capital de Africa a tornavão voluptuosa, e

Santo Agostinho se achou logo assediado de mil amores impudicos. Elle não amava ainda; mas procurava amar; até que, envolvido no laço em que desejava cair, amou, e chegou a possuir o objecto amado. Serião decorridos dous annos, contaria apenas dezoito de idade, quando de uma mulher moça e formosa teve um filho natural, a quem deo o nome de Adeodato.

A esta paixão exclusiva na sua primeira mocidade se juntou logo um vivo gosto pelas bellas letras, e pela eloquencia, que florescião em torno d'elle. Por uma progressão natural, e como consequencia da inquieta actividade de seu espirito, passou do estudo da eloquencia para as meditações philosophicas. E com tudo o mais logico systema, e do mais habil philosopho, não poderia satisfazer plenamente um homem de juizo tão fino, tão vigoroso, e tão profundamente pensador. Santo Agostinho vivia naquelle doloroso estado de incertesa e de anciedade moral, que as continuadas meditações sobre a natureza das cousas e dos homens costumão produzir; e então abraçou o erro dos Manicheos, esperando que seus dogmas conterião a verdade.

Santa Monica pranteava o abysmo em que o filho se precipitára; continuamente lhe marejavão as lagrimas, e começou de o carpir como se o já visse no tumulto. Baldados forão todos os esforços da angustiada mãe. Só lhe restava a esperanza em Deos; e uma visão lhe fez conhecer que o desvairado filho ainda entraria nos seios da Igreja.

Nove annos permaneceu elle em sua fatal cegueira. Ensinou Grammatica em Thagasta para onde voltara. Desgostoso pela morte de um amigo, tornou para Carthago, e ahi ensinou Rhetorica. Mas, por que isto ainda não satisfazia sua ambição, resolveo dirigir-se a Roma, na esperanza de adquirir mais fama, e mais riqueza.

Santa Monica tentou retê-lo, mas debalde. Não o querendo abandonar, já ella se contentava com acompanhá-lo; mas no porto em que devia embarcar, fingindo o alucinado mancebo que só ía a bordo visitar um de seus amigos, com elle se partio durante a noite, deixando a triste em oração e lagrimas n'uma capella de S. Cypriano. Chegado a Roma, e ferido de perigosa enfermidade, ainda lhe valerão as orações de Santa Monica, que o seguirão por toda a parte; até que convalescido começou de ensinar Rhetorica a grande numero de discipulos.

A Simaco, Perfeito de Roma, pedirão por aquelle tempo os habitantes de Milão um Professor de Rhetorica. Santo Agostinho empenhou os seus amigos, e o credito, que tinha entre os Manicheos, para obter este emprego; e o conseguiu. Já elle então começava de convencer-se de que era preciso buscar a verdade em outra parte. Restava-lhe o Christianismo, cuja terna poesia o attrahia, bem que suas imperiosas exigencias o enchião de terror. A leitura de Platon o havia já preparado para os dogmas espirituaes do Christianismo; e sua alma ficou completamente abalada quando os ouviu prégar pela eloquente voz de San-

to Ambrosio, que então era Bispo de Milão. As mais bellas paginas do seu livro das *Confissões*, curiosa e fiel historia dos costumes da época, e da vida do Bispo de Hyppona, são aquellas em que elle conta seus terriveis combates, quando com mágoa se destacava das cousas da terra, e se alçava para o Ceo.

Era porem chegado o tempo em que Deos permittira que elle abrisse os olhos para ver sua iniquidade, e conceber-lhe horror. Foi visitá-lo Ponticiano, Cavalleiro do Paço do Imperador, e um de seus amigos; e narrando-lhe a prodigiosa vida de Santo Antonio, o Grande, tão vivamente o commoveo, que só a sua eloquente penna poderia descrever a agitação de sua alma. Para comtudo inteiramente se resolver, ainda carecia de uma voz do Ceo.

Assentado na sua horta debaixo de uma figueira, soltava elle uma torrente de lagrimas, quando uma voz celeste lhe disse: *Toma e lê.* — Mudada a côr do rosto, e retendo o pranto, pegou Santo Agostinho nas Epistolas de S. Paulo, e abrindo-as, fixou estas palavras no cap. 13 da Epistola aos Romanos: — *Vesti-vos de Nosso Senhor Jesus Christo, e não tenhais demasiado cuidado de vossa carne, nem sigais seus appetites...* E mais não quiz ler, que uma luz divina subito penetrou seu coração, e uma admiravel tranquillidade lhe dissipou inteiramente a irresolução.

Fôra elle para alli acompanhado por Alipio, seu amigo, que, para o não constranger, se havia um pouco afastado. Santo Agosti-

nho se aproximou então d'elle com semblante alegre; e perguntando-lhe Alipio o motivo desta mudança, lhe mostrou elle a passagem que havia lido. Alipio não ficou menos commovido; e attentando nas palavras, que se seguem no cap. 14: — *E os que estais mais firmes na Fé, levai comvosco os que estão menos firmes e mais duvidosos...* a si mesmo as applicou, e de repente se sentio tão fortificado, que para logo tomou a mesma resolução. — De ambos ouviu Santa Monica a noticia feliz, e transportada de alegria, não cansava de bem-dizer o Senhor.

Proximo estava o tempo de ferias, que erão sómente de vinte dias. Santo Agostinho quiz concluir suas lições, para evitar o murmuro a que daria logar sua retirada; e quando foi tempo, Verecundo, seu amigo, lhe emprestou uma casa de campo, em Cassy, para a qual se retirou, acompanhado de sua mãe, de seu filho Adeodato, de Navigio, seu irmão, e de seus amigos Alipio, Nebridio, Evodio, Romaniano, Trigecio, e Luencio.

Voltando depois a Milão para se inscrever no cathalogo dos que pedião o baptismo, opportunamente o recebo das mãos de Santo Ambrosio, assim como Alipio e Adeodato.

Então renunciou elle completamente ao mundo. Amantes, filho, riquezas, dignidades, de tudo seu espirito se desassombrou; votou-se inteiramente a servir a Deos, e para mais tranquillamente o conseguir, para mais não recear o torvellinho das paixões, formou uma pequena sociedade d'al-

guns amigos, e com elles viveo. Santa Monica os amava como a filhos, e os respeitava ao mesmo tempo. Anhellavão todos elles viver vida perfeita, e só os inquietava a escolha de logar em que habitassem. Resolvendo em fim voltar para Africa, forão procurar transporte ao porto de Ostia, e foi ahi que a Santa Monica se franquearão as portas da eternidade, aos 9 dias de sua doença, em 4 de Maio do anno 388, e tendo 56 de idade.

Mal que Santo Agostinho chegou a Thagasta, vendeo o que herdara de seus pais, e distribuindo seu preço pelos pobres, com seus companheiros se retirou para uma solidão, perto da Cidade, onde em continúas vigílias e orações, por espaço de tres annos, viveo com elles uma vida semelhante á dos Monges dô Egypto; e foi este seu primeiro Mosteiro.

No começo do anno 391, chamando-o alguns negocios a Hyppona, hoje *Bonna*, e pelos Africanos denominada *Bled el Ugneb*, aconteceu que S. Valerio, que nesta cidade occupava a séde episcopal, prégasse um dia sobre a necessidade de ordenar alguns Presbiteros; e o povo, que conhecia o mérito de Santo Agostinho, o apresentou ao Bispo, que o ordenou a despeito de suas lagrimas e resistencia. Apenas elle se vio Presbitero, pediu logar para edificar um Mosteiro semelhante ao de Thagasta; e S. Valerio lhe deo uma horta, que á sua Igreja pertencia. Destes dous Mosteiros de Hyppona e de Thagasta saíram muitos de seus discipulos, que por toda a

quella parte do mundo dilatarão a vida monastica.

De dia para dia augmentava a reputação do Santo Doutor. E temendo S. Valerio que á sua Igreja o arrebatassem para o fazerem Bispo, escreveu a Aurelio, Arcebispo de Carthago, Primaz d'Africa, pedindo-lhe que lho dêsse por coadjutor. Annuio Aurelio; mas Santo Agostinho, depois de fortissima resistencia, só no anno de 394 foi sagrado Bispo de Hyppona, por Megalio, Bispo de Calamia, e Primaz de Numidia.

Em qualidade de Presbitero viveo elle sempre com seus Religiosos no Mosteiro que a liberalidade de S. Valerio lhe permittira edificar; mas apenas revestido da dignidade episcopal, julgando que a necessidade de receber visitas poderia perturbar a tranquillidade do claustro, fez de sua casa episcopal uma comunidade de Clerigos, Presbiteros, Diaconos, e Subdiaconos, que servião a sua Igreja, e praticavão a vida commum dos primitivos christãos. Nenhum podia ter cousa propria, nenhum sem esta condição se ordenava. Assim todos os ecclesiasticos erão como elle pobres, posta unicamente a esperanza na divina misericordia, e na charidade dos Fieis. Enfermos ou convalescentes, se de comer precisavão antes da hora commum, tinham para isso permissão de Santo Agostinho; mas o jantar e a cea devião ser servidos em comunidade a que elle presidia.

Nunca a mulher alguma foi permittido ingresso nesta casa, nem mesmo a sua propria irmã, viuva, e Superiora de grande numero de

virgens; e se o dever pastoral alguma vez o obrigava a receber visitas de mulheres, ou a visitá-las, jámais deixou de acompanhar-se de alguns de seus Clerigos.

Aos setenta e seis annos e dous mezes e meio de sua idade, decorridos trinta e quatro depois de sagrado Bispo, morreo Santo Agostinho na Cidade de Hyppona, em 28 d'Agosto do anno 431, quando os Vandalos a cercavão. As desgraças do seu rebanho lançarão a dôr na alma do Santo Bispo, que, enfraquecido pela idade, não teve força para lhes resistir. A morte lhe poupou ao menos a desesperação de ver Carthago em poder dos Barbaros.

Seus numerosos Escriptos, que milagrosamente escaparão na sua Bibliotheca, quando os Vandalos, um anno depois, incendiarão Hyppona, montavão a 332 livros, comprehendidos em 93 Obras differentes, e que forão revistas pelo Santo Doutor pelos annos de 427. Esta revista produziu as suas *Retrações*.

Talvez que não fosse desagradavel a muitos de nossos leitores offerecer-lhes aqui uma enumeração destas Obras, que todas revellão o zêlo e vigilancia pastoral de seu Author, sua humildade, seu amor de Deos, dos pobres, e da sua Igreja. Até isso nos fôr bem facil, pois que temos presente uma das suas mais bellas edições—a da Congregação de S. Mauro, feita em Paris no anno de 1700, e que forma onze grandes volumes de folio. Não cabe porem esse trabalho no estreito espaço que nos prescrevemos, e nos limitamos apenas ás mais notaveis, designan-

do o anno em que forão produzidas.

As *Confissões*, que levamos mencionadas, forão escriptas por Santo Agostinho no anno 400. São ellas um bellissimo monumento historico, e como um Romance anedotico do coração humano.

O *Tractado da Vida Feliz* foi por elle escripto quando entrava no anno 33.º da sua idade.

Os *Soliloquios* forão acabados em Milão, como o *Tractado da Immortalidade da Alma*. Ahi mesmo começou elle os seis livros da *Musica*, a que deo complemento depois de já estar em Africa.

Os dous livros dos *Costumes da Igreja Catholica*, e dos *Costumes dos Manicheos*, forão escriptos em Roma pelos annos de 387 e 388; assim como o Livro da *Quantidade da Alma*.

Na mesma Cidade compôs o primeiro livro do *Livre Arbitrio*. Nos outros dous só trabalhou passados sete annos, e quando já se achava em Africa.

Em 389 escreveu os dous livros do *Genesis* contra os Manicheos; e ao mesmo tempo o livro do *Mestre*, que é um dialogo com seu filho Adeodato.

O ultimo fructo do retiro de Santo Agostinho junto a Thagasta foi o livro da *Verdadeira Religião*, pelos annos de 390 e 391; é um de seus mais bellos escriptos, tanto pela materia como pelo estilo.

O livro da *Utilidade da Fé* foi escripto em 392; no anno seguinte o da *Fé* e do *Symbolo*; e em 396, os seus *Tractados sobre o Baptismo* e a *Unidade da Igreja*.

O *Tractado da Doutrina Christã* foi começado em 397, e acaba-

do em 426. O livro sobre o *Genesis*, e os livros da *Trindade* foram começados no anno de 399.

A *Cidade de Deos*, destinada para responder aos Pagãos, que exprobatvãõ ao Christianismo a perda de Roma, foi escripta pelo anno de 410. Nella prova que o Ceo devia consolar da perda da terra.

Os *Tractados da Remissão dos Peccados, do Baptismo dos meninos, e do Espirito e da Letra*, foram escriptos no anno de 412. Tres annos depois o Tractado da *Perfeição da Justiça do Homem*.

Em 418 escreveu os dous livros da *Graça de Jesus Christo*, e do *Peccado Original*. E no anno seguinte, os dous do *Matrimonio, e da Concupiscencia*, e os quatro da *Alma e da sua Origem*.

Oito livros emprehendeo Santo Agostinho contra a segunda Resposta de Juliano; havia concluido o sexto quando sua alma voou para o Ceo, e por isso a esta sua Obra se dá o nome de *imperfeita*.

Muitos outros de seus trabalhos literarios podiamos ainda mencionar, e todos dignos de grande apreço, sem exceptuar mesmo seus *Sermões*, e suas numerosas *Cartas*; mas falta-nos espaço; e sem ousar-mos aventurar nosso humilde juiso sobre seu verdadeiro mérito, acostar-nos-hemos ao que S. Jeronymo nos deixou no livro dos Doze Doutores:

« Agostinho Bispo, (disse elle) » voando como aguia polos cumes » e altezas dos montes, e não con- » siderando as cousas bayxas, muy- » tos espaços do Ceo, e muytos » sitios das terras, e o circulo das » agoas por claras palavras pro- » nuncia. »

Nem é tambem para recusar o que em modernissimos tempos escreveu M. Villemain nas suas *Melanges Litteraires*:

« O mais admiravel homem da » Igreja Latina, (diz elle) o que » levou mais imaginação a Theo- » logia, mais eloquencia, e até » sensibilidade, á escolastica, foi » Santo Agostinho. Dai-lhe outro » seculo; colocai-o em melhor ci- » vilisação, que não appareceria » homem dotado de genio mais » vasto, nem mais facil. Meta- » physica, historia, antiguidades, » sciencia dos costumes, conhe- » cimento das artes, tudo Agos- » tinho havia abarcado. Elle es- » creveo sobre a musica, como so- » bre o Livre Arbitrio; explicou » o phenomeno intelectual da me- » moria, como raciocinou sobre a » decadencia do Imperio Romano. » Seu espirito subtil e vigoroso » muitas vezes consumio em pro- » blemas mysticos uma força de » sagacidade, que seria sufficien- » te para as mais sublimes concep- » ções. »



OS ANTIGOS CONEGOS REGRANTES.

Eramos certo numero de amigos, que conversando muitas vezes ácerca das misérias e agitações da vida, que no mundo se vive, e julgando-as completamente incomportaveis, havíamos formado o projecto de nos retirarmos para alguma solidão, a fim de nella vivermos em remanso, que ja nada podesse perturbar; e estávamos quasi determinados. Para execução deste plano havíamos imaginado pôr em commun tudo quanto possuíamos, de maneira que nossas diversas fortunas formassem um só patrimonio, querendo, os que estávamos unidos em franca amisade, que esta união de nossos bens fosse igualmente tão perfeita, que qualquer cousa não pertencesse a este ou áquelle, mas que todos tivessem direito ao que a cada um pertencia, e que cada um podesse gozar do que pertencia a todos.

(Confissões de St.^o Agost., liv. 6., cap. 14).

DEVERÃO as Comunidades Ecclesiasticas seu estabelecimento a Santo Agostinho, mas nem por isso elle lhes deo uma Regra particular, contentando-se com o exemplo dos Apostolos, que havião ensinado a pratica da vida commun, e de completa desapropriação. E assim permanecerão por longo tempo observando exactamente os Canones dos Concilios, e denominando-se *Conegos*, nome que os Gregos indistinctamente davão aos Ecclesiasticos, Monges, Religiosas, e Virgens consagradas a Deos.

Já S. Chrodegando, elevado á cadeira episcopal de Metz no anno de 742, querendo acodir á relaxação do Clero da sua Diocese, lhe fez uma Regra particular, e daqui lhe veio o titulo de Fundador e Restaurador da vida com-

mun entre os Clerigos. Por esta Regra se modellou, pouco mais ou menos, a que depois fez o Diacono Amalario, quando no Concilio de Aix-la-Chapelle, celebrado em 816, se pretendeo reformar o Clero. E não foi ella observada sómente pelo Clero da Cathedral de Metz, mas pelo de toda a Diocese; e até servio de molde para a reforma de muitas Igrejas de França, de Alemanha, e de Italia. Continha ella trinta capitulos, e era tirada dos Canones, das Obras dos Padres, e principalmente da Regra de S. Bento.

Quando Carlos Magno começou de constringer todos os Conegos a viverem vida commun, propos-lhes a Regra de S. Chrodegando. A differença notavel que havia entre os discipulos de Santo Agostinho, e os de S. Chrode-

gando, era que os primeiros renunciarão a toda a propriedade, o que os segundos não fizeram.

A relaxação dos tempos subsequentes aboliu a pratica desta vida commum dos Conegos em quasi todas as Cathedraes e Collegiadas, e até no mesmo Cabbido de Metz. Principalmente nas partes do Occidente, os Conegos, alem de mergulhados na incontinencia, adquirião seus beneficios por infame commercio de Simonia.

Não pôde o zelo de S. Pedro Damião ser insensivel a estas desordens; e com todas suas forças supplicou ao Summo Pontifice Nicolao 2.º que lhe pozesse um termo, banindo de entre os Conegos a propriedade, que parecia ser-lhes permittida pela Regra d'Aix-la-Chapelle, pois que os não obrigava a renunciar seu patrimonio.

Em Roma celebrou o Santo Pontifice um Concilio de 113 Bispos no anno de 1059; e nelle, condemnada a simonia e o concubinato, se decretou que os Clerigos morassem e vivessem juntos, pon-do em commum o que recebessem da Igreja. O mesmo se determinou em outro Concilio celebrado por Alexandre 2.º no anno de 1063. Para authorisarem a desapropriação, e a vida commum imposta a todos os Clerigos, se remontarão estes Concilios á instituição de Santo Agostinho, e se servirão dos seus dous Discursos, citados por S. Pedro Damião, e que elle denomina *De moribus Clericorum*.

A estes dous Discursos se deo

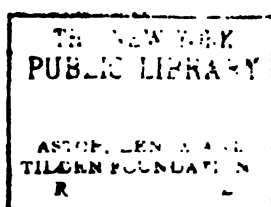
o nome de Regra por contraposição á d'Aix-la-Chapelle. E comtudo foi objecto de disputa entre muitos e graves Escriptores, se a verdadeira Regra de Santo Agostinho erão aquelles dous Sermões, ou a sua Epistola 109, dirigida ás Religiosas. O certo é, que todos os Religiosos e Religiosas, que seguem a Regra de Santo Agostinho, como tal reconhecem aquella Epistola.

Mas os Regulamentos dos dous Concilios, que obrigavão os Conegos á desapropriação, nem em toda a parte forão recebidos, e a relaxação continuava. Levou isto alguns Conegos da Igreja de Avinhão a formar a Congregação de S. Rufo, de que em tempo nos occuparemos; e pelos fins do seculo 11.º Ivo de Chartres reformou os Conegos de S. Quintim de Belouaco. A muitas outras Igrejas se estendeo então esta Reforma; e ainda assim mesmo os Conegos se não denominavão *Regrantes da Ordem de Santo Agostinho*, antes pelo contrário os havia que se denominavão da Ordem de S. Silvestre Papa, e outros de Santo Urbano, Papa e Martyr.

Só no seculo 12.º é que os Conegos Regrantes se revestirão do nome e gloria de Santo Agostinho; só então é que começarão a fazer votos solemnes. No anno de 1110 tamarão muitas Igrejas a Regra de Santo Agostinho, tirada da sua Epistola 109. Pouco e pouco se communicou depois a algumas casas da Ordem, até que no Concilio de Latrão, celebrado em 1139, ordenou o Summo Pontifice Inno-



ANTIGO CONEGO REGRANTE.



cenção 2.º, que todos os Conegos Regrantes se submettessem a esta Regra; e foi então que tomarão o nome de Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

Tal foi a época em que a Ordem Canonica verdadeiramente começou de florescer, tributando-se o maior respeito á observancia que nella se praticava. Muitos Bispos restabelecerão então a regularidade nas suas Igrejas. Os que fundavão Mosteiros, davão-lhe Conegos Regrantes por moradores, e alguns desses Mosteiros se tornarão cabeças de Congregações mui célebres. O de S. Victor de Paris, o de Santa Cruz de Coimbra, e muitos outros, de que mais de espaço tractaremos, forão brilhantissimos ornamentos da Ordem; e ainda assim mesmo, começando com o tempo, que nada respeita, a introduzir-se de novo a relaxação, muitas outras reformas se tornarão necessarias, sendo dellas a mais geral, e que abrango todas as diversas corporações de Conegos Regrantes, a que no anno de 1339 fez o Summo Pontifice Benedicto 12.º, formalisando Constituições, que comprehendem 64 capitulos ou artigos, e decretando que fossem universalmente observadas.

Tendo de dar logar em nossa Galeria ás diversas Congregações de Conegos Regrantes, que tanto concorrerão para edificação dos Fieis, e esplendor da Igreja, julgámos que neste logar nos deviamos limitar ao que resumidamente deixamos escripto ácerca da origem e primitivo desenvolvimento

da Ordem Canonica. Resumidamente, dizemos nós, por que al não consente o plano de nossa empreza.

E porem ficaria incompleta esta abreviada noticia, se não dessemos uma idea de seu primitivo vestuario, que era commum a todos os Conegos, desde o começo da sua instituição, e até aos fins do seculo 11.º, e começo do seculo 12.º, em que todos elles tomarão o nome de Regrantes, e se collocarão debaixo da protecção de Santo Agostinho, como levamos dito.

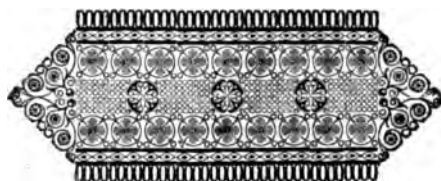
Este vestuario consistia em uma alva, que chegava ao chão, e em uma murça, que punhão nos hombros. Sobre ambas as cousas usavão de uma capa negra, e nella um capêllo com que cobrião a cabeça. Era primitivamente esta capa fechada por todos os lados, e apenas tinha sobre o peito uma pequena abertura por onde as mãos podessem passar; mais tarde porem, e para maior commodidade, foi completamente aberta pela parte de diante, mas conservando sempre o capêllo.

Quanto á côr da alva ou tunica dos primitivos Conegos Regrantes, era ella arbitraria, e delles a trazião preta, delles branca, e alguns vermelha ou rôxa. O Summo Pontifice Benedicto 12.º, na Reforma Geral que fez desta Ordem, decretou pela Bulla de 1339, que os Conegos Regrantes sómente usassem de branco, pardo, e negro, ou quasi negro. O Cardcal de Volsey ordenou isto mes-

mo quando em 1519 reformou os Conegos Regrantes de Inglaterra, que não pertencião a Congregação alguma, e que usando até então da côr negra, erão denominados Conegos Regrantes *Negros*, para se differençarem dos das differentes Congregações a que no mesmo reino se dava o nome de *Branços*.

Apesar comtudo daquella Bul-

la de 1339, que permittia as taes côres aos que estavam em posse de as trazer, e que queria que todos os que de futuro houvessem de fazer alguma mudança, fôsse sómente para a côr branca: — muitos fôrão os que adoptarão as tunicas rôxas, e Congregações inteiras a tunica negra.



A CONGREGAÇÃO

DE

S. SALVADOR DE LATRÃO.

Não temais, revesti-vos de constancia
O' vós, quantos firmastes,
No braço de Deos vivo, a vossa invicta,
Não confusa, esperança.
(Caldas. — Traducç. do Psalm. 30).

LANCARA finalmente a Igreja a doce paz pela qual trezentos annos havia que suspirava. Reinava Constantino, o Grande; e entre os sumptuosos templos, que deverão fundação á piedade deste Imperador, avultou o que elle fez edificar no Palacio da Imperatriz Fausta. Chamara-se anteriormente *Casa de Latrão*, do nome de Plautio Laterano, Senador Romano, a quem pertencera, e a quem Nero tirara a vida, como implicado na conjuração do anno 65. Os successores de Nero a possuirão até Constantino, que a deo ao Summo Pontifice S. Silvestre. Foi nesta casa que aquelle Principe fez edificar uma Igreja, que se chamou Constantiniana, e tambem Igreja do Salvador, por que quando S. Silvestre a sagrava appareceo sobre a parede a Imagem do Salvador do Mundo. E como o Imperador junto della estabelecesse um Baptisterio, e os Baptisterios naquelles tempos tivessem todos a imagem de S. João Baptista, deo-se-lhe tambem o nome de S. João de Latrão.

Foi esta Igreja reconhecida sempre como Cathedral dos Sum-

Tomo 2.º

mos Pontifices, que, com excepção de dous ou tres, nella habitaram desde S. Silvestre até que a Cadeira de S. Pedro se transferio para Avinhão; por que, depois de outra vez restituida a Roma, pelo Summo Pontifice Gregorio 11.º, decorridos 70 annos, e achando-se já quasi arruinado o Palacio de Latrão, contiguo á Igreja, começaram os Summos Pontifices de habitar no Vaticano, ou Monte Cavallo.

Se tivermos por completamente exacta a minuciosa descripção, que dos riquissimos ornamentos da Igreja de S. Salvador de Latrão nos offerece o Chronista da Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, o nosso Portuguez D. Nicolao de Santa Maria, no 1.º capitulo do 3.º livro da sua Chronica — poucos templos tem existido no mundo com mais pasmosa magnificencia.

Vendo mais tarde S. Leão 1.º que os Clerigos desta Igreja careciam de reforma, pelo anno de 440 se servio para esse fim de S. Gelasio, que depois foi um de seus successores, e que havia sido discipulo de Santo Agostinho. Então

começarão elles a viver em commun; e na observancia dos Canones Apostolicos permanecerão muitos annos, até que dando ingresso a alguma relaxação, se tornou necessaria outra reforma, que foi devida ao Summo Pontifice Alexandre 2.º

Havia elle sido Conego da Congregação de S. Frigidiano da cidade de Luca, na Italia, e desta Congregação chamou Conegos em 1061 para reformar a Igreja de Latrão. Em 1063 celebrou um Concilio em Roma, no qual se tractou da Reforma dos Conegos. Forão os de Latrão submittidos á observancia do que neste Concilio se decretou; e a sua Igreja foi declarada cabeça de muitas communidades, que della dependião, e que desde então formarão uma Congregação, que tomou o nome de Latrão, e era separada da de S. Frigidiano da Cidade de Luca.

Desde o tempo de S. Leão 1.º, e por mais de 800 annos, possuirão os Conegos Regrantes de Latrão esta Igreja, até que sendo elevado á Cadeira de S. Pedro o Summo Pontifice Bonifacio 8.º, no anno de 1294, della os expulsou, substituindo-os por Conegos Seculares. A Congregação de Latrão começou então a declinar, e se extinguiu pouco tempo depois, perdendo todos os seus Mosteiros, secularisando-se alguns, e sendo dados outros a diversas Ordens.

Quasi cento e cincoenta annos depois, no de 1442, forão os Conegos Regrantes restabelecidos na sua antiga Igreja pelo Summo Pontifice Eugenio 4.º, sendo tirados da Congregação de S. Frigidiano, ou de Santa Maria de *Frisonaire*; e

não comtudo sem gravissimas contradicções da parte dos Conegos Seculares, que tanto matinarão que, ainda no tempo do Summo Pontifice Nicolao 5.º, em 1447, conseguirão ser restituídos á posse da mesma Igreja conjunctamente com os Regrantes, mas sob condição de com elles se não embaraçarem, e até de nem com elles assistirem no coro.

Era impossivel, que espiritos, tão fortemente indispuestos uns contra outros, podessem por muito tempo viver em perfeita união. Falecendo Nicolao 5.º, e succedendo-lhe Calixto 3.º, que era Hespanhol, querendo ganhar a amisade dos Romanos, tornou a mandar os Conegos Regrantes para os seus Mosteiros, e restabeleceo os Seculares, cassando tudo o que pelo Summo Pontifice Eugenio 4.º havia sido ordenado.

Parecerá que, depois de tantas revoluções, já os Conegos Regrantes deverião para sempre renunciar á posse da Igreja de Latrão; e comtudo renascerão suas esperanças em 1464, vendo que depois da morte de Pio 2.º, que havia succedido a Calixto 3.º, fôra elevado ao Pontificado Pedro Barbo, que tomou o nome de Paulo 2.º. Tinha elle sido um dos Commissarios nomeados pelo Summo Pontifice Eugenio 4.º para visitar a Igreja de Latrão, e havia reconhecido a negligencia dos Conegos Seculares no Serviço Divino. E com effeito forão os Conegos Regrantes restituídos no começo deste Pontificado, entrando em solemne procissão, acompanhados dos principaes Officiaes do Summo Pontifice, e de grande multidão de povo.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS

R

L



Porto, 1790. N.º 29, 30

CONEGO REGRANTE

da Congregação do Colégio.

Sete annos depois, em 1471, apenas Paulo 2.^o cessou de viver, ainda os Conegos Seculares entrarão violentamente no Mosteiro com gente armada, e pela ultima vez delle expulsarão os Conegos Regrantes, mettendo tudo a sacco, e apoderando-se de todos os seus papeis.

Em balde apresentarão elles muitas supplicas ao Summo Pontifice Sixto 4.^o, successor de Paulo 2.^o Limitou-se o novo Pontifice a uma Bulla de Maio de 1472, pela qual lhês confirmava o titulo de Conegos Regrantes de S. Salvador de Latrão. E finalmente em 1483, por cumprir um voto que fizera, e vendo em paz toda a Italia, fez no meio de Roma edificar uma Igreja com a invocação de N. Sr.^a da Paz, e a deo aos Conegos Regrantes, que nella 'se tem conservado.

Assim mesino ainda os Conegos Regrantes não desistirão de suas tentativas para voltarem á posse da Igreja de Latrão; e parece que o Summo Pontifice Pio 4.^o nella os tornaria a restabelecer, se a morte o não surprehendesse. Erigio elle comtudo dezeseis de seus Priorados em Abbadias.

No tempo em que escrevia o citado Chronista D. Nicolao de Santa Maria (1667), e mesmo no começo do passado seculo, tinha a Congregação de Latrão 124 Mosteiros, afóra trinta de Conegas, que lhês estavam subordinados, e o Senhorio das Ilhas de Tremiti, no mar Adriatico. e das dependencias do reino de Napoles.

Os Conegos da Congregação de Latrão jejuão durante o Advento, e todas as sextas feiras do anno, excepto no tempo Paschal. Abs-

tem-se de comer carne em todas as quartas feiras, e jejuão tambem nas segundas, quartas, e sabbados, desde a Festa da Exaltação da Santa Cruz até á Paschoa. Elles fazem um quarto voto de não acceitar Beneficio algum sem permissão do Capitulo Geral.

Consiste seu vestuario em uma sotana ou tunica de sarja branca, por cima della um roquete muito encrespado, e usão de barrete estando em casa. No coró, tanto de verão como de inverno, põem sobre o roquete, sem murça, uma sobrepeliz; e quando sahem, servem-se de uma capa negra á maneira dos Ecclesiasticos.

Tem por armas em campo azul a imagem de N. Sr.^a com o Menino Jesus nos braços; na parte superior a Santissima Face do Redemptor, e na inferior uma aguia negra; á direita S. João Evangelista, e á esquerda Santo Agostinho. O escudo é adornado de mitra e bago de que os Abades desta Congregação se servem, quando em dias festivos se paramentão com habitos pontificaes. Conta esta Congregação muitos Santos Canonisados, assim como vinte e um Pontifices, que forão:— S. Leão 1.^o— S. Felix 3.^o— S. Gelasio 1.^o— Honorio 1.^o— S. Sergio 1.^o— Gregorio 2.^o— Estevão 3.^o— Paulo 1.^o— Paschoal 1.^o— Eugenio 2.^o— Sergio 2.^o— Leão 4.^o— Benedicto 3.^o— Benedicto 4.^o— Leão 8.^o— Alexandre 2.^o— Honorio 2.^o— Innocencio 2.^o— Alexandre 3.^o— Innocencio 3.^o— Honorio 3.^o Teve alem disso muitos Cardeaes, Bispos, e grande numero de pessoas illustres por sua piedade e saber.

AS CONGREGAÇÕES

DE

*SANTA MARIA DO PORTO DE RAVENNA, NA ROMANDIOLA—DE CELLE-VOLANE
—DE MORTARIA—DE CRESCENZAGO—DE S. FRIGDIANO DE LUCA—
UNIDAS A CONGREGAÇÃO DE LATRÃO.*

OS CONEGOS REGRANTES DE LATRÃO NA POLONIA, E NA MORAVIA.

E pela muita soltura, e desaforamento que disto ha no mundo, e pelo grande perigo que as almas correm de se perder, os Santos Padres movidos, e ensinados do Espirito Santo, inventarão a vida commua dos Mosteiros, onde houvesse uma mediania para passar a vida, e se corlasse toda a demasia com que se perde a alma, e não faltasse occasião a quem quizesse mais apertar com asperesa seu corpo.

(Fr. Thomé de Jesus. — *Trabalhos de Jesus*).



AS praias do mar Adriatico, junto do porto de Ravenna, na Romandiola, fundou uma Congregação do mesmo nome o Veneravel D. Pedro de Honestos, natural de Ravenna, e da illustre familia deste appellido. Vira-se elle a ponto de acabar miseramente em um naufragio; fez voto de edificar um templo em honra da Santissima Virgem, se de tal perigo o desappareasse, e o cumpro edificando-o na praia do mar Adriatico, junto de Ravenna. Um Mosteiro ahi se estabeleceu, que depois se tornou cabeça de uma Congregação de Conegos Regrantes; por que D. Pedro de Honestos, juntando muitos Clerigos com quem vivia em communidade, lhes deu Constituições e Estatutos tão conformes á Divina Escriptura, aos sagrados Canones, e doutrina dos Santos Padres, que o Summo Pon-

tifice Paschoal 2.^o os confirmou, e mandou guardar por Breve de 21 de Dezembro de 1118. Muitos Mosteiros se submeterão depois ao de Santa Maria do Porto de Ravenna; e D. Pedro de Honestos, depois de o governar durante alguns annos, se desprendeo da vida terrena em 29 de Julho de 1119.

Teve a Congregação de Santa Maria do Porto de Ravenna oito Mosteiros, de que os principaes forão — o de *Santa Maria da Caridade*, em Veneza — o de *Santa Maria do Vao*, em Ferrara — e o de *S. Bartholomeu*, fora de Mantua. Depois de varias vicissitudes se unio esta Congregação á Lateranense, no anno de 1420. Seu vestuario consistia em uma sotana branca, um roquete, uma capa preta, e uma murça de sarja pardacenta.

Florescerão nesta Congregação alguns Varões insignes em San-

tidade; e tal foi seu fundador, e primeiro Prior D. Pedro de Honestos — o Santo Bispo Aldobrando — o Bispo Santo Ubaldo, e varios outros.

Como o primitivo Mosteiro demorava a tres milhas de Ravenna, e fôra muitas vezes arruinado pelas guerras, os Conegos Regrantes o transferirão para a Cidade no anno de 1503. Havia elle comtudo merecido sempre a maior veneração, e ficou perpetuado nos versos de Dante Alighieri, e de Francisco Petrarca. O 1.º, que vivia pelos annos de 1320, o celebrou no seu Cantico do Paraíso; o 2.º, que vivia pelos annos de 1350, no seu Tractado da Vida Solitaria.

—

Existio a Congregação de S. Thiago de Celle-Volane, tão pouco consideravel pelo pequeno numero de seus Mosteiros, que até se ignora o anno da sua fundação. Com a invocação de S. Thiago se fundou seu primeiro Mosteiro em um sitio chamado Celle-Volane, no centro de um espesso bosque, e rodeado de pantanos, que danavão os ares. Os Religiosos continuamente feridos de enfermidades, se virão obrigados a o abandonar. Lá permaneceu comtudo um santo homem em qualidade de Prior, que desejando estabelecer observancias regulares, outro recurso não teve mais que cedê-lo á Congregação Lateranense, no anno de 1424. Mas por que a sua habitação se tornava impossivel, foi transferido, com permissão do Summo Pontifice Martinho 5.º, para uma Leprosaria concedida pelo Duque Nicolao, e depois ainda para dentro da Cidade, quando em 1505 se tractou de a

fortificar e engrandecer, sendo então dedicada a Igreja a S. João Baptista, e erecta em Abbadia pelo Summo Pontifice Pio 5.º, no anno de 1566.

Esta Congregação de Celle-Volane, que também se unio á Lateranense, tinha um trajo differente na côr e na forma; ignora-se porem qual elle fosse.

—

No plaino que divide as terras de Pavia das de Novaria, havia um sitio que se chamava *Silva Bella* pela frescura de seus bosques, e que depois se chamou Mortaria, desde a matança que alli fizera o Imperador Carlos Magno, dando batalha a Didiero, ultimo Rei dos Longobardos, que nella perdeu a coroa e a liberdade. Neste sitio, para a parte do occidente, e em terras suas, edificou Adão, clérigo rico e nobre, em 1180, um magnifico templo com a invocação da Santa Cruz. Primeiramente o deo elle a Monges, que tres annos o possuirão; mas foi depois occupado por Conegos Regrantes, com approvação do Summo Pontifice Gregorio 7.º.

Forão elles governados por D. Gandulpho de Garlasco, e logo depois de sua morte por D. Ayraldo, varão de grandes letras e virtude, que mais tarde foi Arcebispo de Genova. Debaixo do seu governo é que cresceu e floresceu a Congregação de Mortaria, que contando já 14 Mosteiros em tempos do Summo Pontifice Innocencio 2.º, e pelos annos de 1134 — veio depois a ter 42 Mosteiros, e muitas Parochias.

Desde o começo do 8.º seculo possuíão os Benedictinos a Igreja

de S. Pedro *Ceo de Ouro* de Pavia, depois que Luitprando, Rei dos Lombardos, nella depositara o corpo de Santo Agostinho. Carecia de reforma; e no começo do seculo 13, em 1222, a deo o Summo Pontifice Honorio 3.º aos Conegos Regrantes da Congregação de Mortaria, querendo que este Mosteiro para o futuro fosse cabeça da mesma Congregação. Grande difficuldade tiverão elles em consentir nesta transferencia; e apenas morreo o Pontifice, pretenderão sustentar a superioridade de Santa Cruz de Mortaria; mas em 1228 lhes ordenou Gregorio 9.º que obedecessem ao Abade de S. Pedro *Ceo de Ouro*.

Teve tambem esta Congregação de unir-se á Lateranense pelos annos de 1449, com approvação do Summo Pontifice Nicolao 5.º Nella havião florescido muitas pessoas illustres em santidade, nascimento, e dignidades. Taes forão o Cardeal S. Guarino, da familia dos Fuscarios de Bolonha, Bispo de Palestrina e Cardeal, falecido em 1159: — Alberto, Bispo de Vercelli, e depois Patriarcha de Jerusalem, Legislador dos Carmelitas: — D. Ayraldo e D. Jacobo, creados Arcebispos de Genova, aquelle em 1099, e este em 1341: — D. Bernardo, Bispo de Pavia, pelos annos de 1116: — D. Oberto, Bispo de Tortona: — outro do mesmo nome, Bispo de Bobio, e muitos outros.

✠

A tres milhas de Milão, no burgo de Crescenzago, se fundou pelos annos de 1140 um consideravel Mosteiro com a invocação de Santa Maria. Foi d'elle primeiro Preposito um nobre Milanêz chama-

do Otto de Morbi; e tal foi a observancia da instituição canonica que nelle se practicava, que em breve tempo muitos outros Mosteiros se lhe juntarão, formando a Congregação de *Santa Maria de Crescenzago*.

Floresceo ella principalmente em tempos do Summo Pontifice Urbano 3.º, que pelos annos de 1180 fundou em uma quinta e herdade, que fôra de seus pais, no campo de Milão junto a Pavia, um Mosteiro dedicado ao glorioso Martyr S. Jorge, e nelle poz Conegos Regrantes de Santo Agostinho, unindo-o á Congregação de Crescenzago por Breve de 1186.

Tambem esta Congregação havia produzido muitas pessoas notaveis, como D. Thomaz de Milão, creado Presbitero Cardeal por Innocencio 2.º — o Mestre D. Albino, tambem de Milão, feito Diacono Cardeal por Lucio 3.º — e varios Bispos. Mas decaindo com o andar dos tempos, a ponto de existir um só Conego em Crescenzago, foi incorporada na Congregação Lateranense, no anno de 1502.

✠

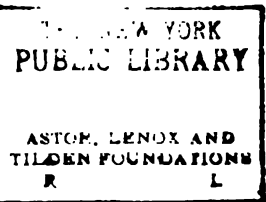
A Congregação de S. Frigidiano da Cidade de Luca, que outróra, e no Pontificado d'Alexandre 2.º, servira para reformar a Lateranense, veio tambem com o volver dos annos a carecer de reforma; e no seculo 16.º se unio áquella que reformara.

Fôra seu fundador, no anno de 566, S. Frigidiano, natural de Hybernia, ou de Escossia, filho de Ultachio, Rei d'Ultonia, e Conego da Congregação de Latrão. Nomeado Bispo de Luca pelo Summo



Vol 2 N.º 2

CONEGO REGRANTE
da antiga Congregação de S.^a Maria
do Porto Idriatua.



Pontifice Pelagio 1.º, em vinte e oito annos que occupou a cadeira episcopal, edificou e consagrou vinte e oito Igrejas Baptismaes e Parochiaes, de que foi principal a dos tres Santos Levitas Estevao, Lourenço, e Vicente; e junto desta fundou um Mosteiro de Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

Chamou-se depois esta Igreja de S. Frigidiano, por se achar nella sepultado o santo corpo de seu fundador. Foi deste Mosteiro que procederão muitos outros de Toscana; e de todos elles se formou a Congregação denominada Frigidonaria, composta de quatorze Mosteiros. Deo ella á Igreja um Pontifice, que foi Lucio 2.º, natural de Bolonha, que em tempo de Conego Regrante se chamou D. Gerardo. Deo-lhe mais quinze Cardeaes, um Patriarcha, e muitos Bispos. O Prior de S. Frigidiano usava de Mitra e Bago, e tinha jurisdicção episcopal nas Igrejas suas annexas.

—

A Historia não fixa o tempo em que a Ordem Canonica foi na Polonia introduzida. Lá floresceo ella comtudo; lá havia cinco diversos Institutos — o de Conegos Regrantes de Latrão — do Santo Sepulchro — de Premonstrato — do Espirito Santo, *in Saxia* — e da Penitencia dos Martyres. Pede a boa disposição de nossa Galeria, que mais tarde, e mais opportunamente, nella demos logar aos quatro ultimos, que primeiramente nos desejamos occupar de quanto é relativo á Congregação de Latrão.

Erão os Conegos Regrantes de Latrão, na Polonia, divididos em tres Congregações, ou Provincias.

A 1.ª, e a mais antiga, foi a de *Trzemessno*, ou *Tremesse*, na Diocese de Gnesne, com varios Mosteiros e Parochias della dependentes. — Nesta Abbadia repousava o corpo de Santo Adalberto Martyr, Arcebispo de Gnesne.

A 2.ª se chamava *Czerkenene*, na Diocese de Posnan; e tinha tambem alguns Mosteiros de sua dependencia.

A Congregação de *Cracovia* era a 3.ª Devera ella antes chamar-se de *Casimiria*, pois que seu principal Mosteiro, o de *Corpus Christi*, era situado nesta Cidade, separada de Cracovia unicamente pelo Vistulla. Foi este Mosteiro fundado por Casimiro 2.º, Rei de Polonia, no anno de 1343, por occasião da milagrosa invenção do Santissimo Sacramento, roubado por uns herejes, e por elles lançado, com o cofre em que se achava, na grande lagôa chamada *Motta*, junto da Villa de Vavel, onde foi reconhecido pelos muitos resplandores que de noite desciaõ sobre a lagoa, ouvindo-se musicas d'Anjos; e tirado della com redes de arrastar, foi restituído á sua Igreja em solemne procissão pelo Bispo de Cracovia. Este prodigio refere largamente o citado Chronista D. Nicolao de Santa Maria, no liv. 3.º, cap. 13, onde acrescenta:

« E por que a dita Igreja estava quasi arruinada, o mesmo » Rei Casimiro 2.º, levado da deva- » ção, a mandou fundar de novo, com hum Mosteiro junto a » ella pera Conegos Regrantes de » S. Agostinho, que de dia e de » noite louvassem a Deos no divi- » no Sacramento; a cuja honra sagrou e dedicou a Igreja o Bispo

» de Cracovia no anno de 1405
 » em dia da Annunciação da Vir-
 » gem Maria, e Encarnação do
 » filho de Deos, sendo ja Rey de
 » Polonia Uladislao 2.^o do nome
 » (aquelle que fundou a Universi-
 » dade de Cracovia) o qual não
 » menos pio e devoto do Santissi-
 » mo Sacramento que el-Rey Ca-
 » simiro, acrescentou as rendas do
 » dito Mosteiro de Corpus Chris-
 » ti de Casimiria, e o numero dos
 » Conegos Regrantes, pera que
 » com mayor solemnidade se ce-
 » lebrassem no dito Mosteiro os
 » Officios divinos, e ouvesse *Larus*
 » *perennis*, e o culto divino se a-
 » crescentasse em tudo.»

Cinco Mosteiros havia na Po-
 lonia, e muitos na Lithuania, que
 desta Congregação dependião. Os
 principaes forão o de *Vihna*, edi-
 ficado por Miguel Patz, e o de
Bichou, por Carlos Kotievicz, am-
 bos grandes Generaes de Lithua-
 nia.

Nesta Congregação floresce-
 rão muitas pessoas em santidade e
 sciencia. Em santidade tem pri-
 meiro lugar o Bemaventurado Sta-
 nislao de Casimiria, Religioso do
 Mosteiro de *Corpus Christi*, onde
 morreo no anno de 1489. O B. Adão
 Sibonio, que foi Prior do mesmo
 Mosteiro; e os BB. Nicolao de
 Radomsko, Nicolao de Biecz, João
 de Lesblin, João de Nissa, Este-
 vão Smolenski, e muitos outros.
 Em sciencia e mais excellentes
 partes, D. Nicolao Nyzyki, de-
 pois Bispo de Chelmo, D. André
 Strembosk, D. Mathias Gaszynski,
 D. Martinho Ciecierski, e D. Pau-
 lo Nolenski, e outros que por bre-
 vidade omittimos.

Consistia o habito destes Co-

negos Regrantes em uma sotanã
 branca, com uma especie de ro-
 quete sem mangas, em forma de
 escapulario, que descia até ao meio
 do corpo, e ahi se alargava, e o
 rodeava. Por cima deste roquete,
 que se chamava *Sarracium*, usa-
 vão de uma capa negra, que che-
 gava até ao joelho, e da sobrepe-
 liz, que punhão por cima do *Sar-
 racium*, com capêllo ou murça pre-
 ta. Em alguns Mosteiros em lugar
 de sobrepeliz usavão de roquete.

Esta Congregação tinha por
 Armas um Calix coroado de uma
 Hostia, em memoria talvez do gran-
 de prodigio, que mencionamos.

— 85 —

Foi organisada na Moravia,
 no começo do seculo 16.^o, a Con-
 gregação de *Todos os Santos de Ol-
 mutz*, e o Mosteiro do mesmo no-
 me foi fundado pelos Conegos so-
 bre as ruinas do de Langstron, que
 havia sido devastado pelos herejes
 no anno de 1492, pouco antes do
 Pontificado de Alexandre 6.^o João
 Stiakoka, que foi seu primeiro Pre-
 posito, e os outros Conegos, o fi-
 zerão edificar á sua custa. Outros
 Mosteiros se lhe unirão então, e
 reconhecerão por cabeça o de Ol-
 mutz, com approvação do Summo
 Pontifice, que lhes concedeo o ti-
 tulo de Conegos Regrantes de La-
 trão, com todos os privilegios que
 na Italia tinham, izentando-os da
 jurisdicção dos Ordinarios, e re-
 cebendo-os debaixo da protecção
 immediata da Santa Sé. O Rei
 Uladislao lhes concedeo tambem
 muitos privilehios em 1510, e os
 tomou debaixo de sua protecção.

O Geral desta Congregação
 usava de Mitra e Bago, e tinha
 assento nos Estados da Moravia.

AS CONEGAS REGRANTES DE LATRÃO.

Vivei pois todas em perfeita união de espirito e de coração: e honrai a Deus umas nas outras, pois que vós sois os Templos em que elle habita.

(Santo Agostinho. — Epist. 109).

« **C**OUSA certa (diz o
» Chronista D. Nicolo de Santa Maria,
» Livro 12. cap. 2),
» que assi como na primitiva Igreja houve
» duas Ordens distintas de Religiosos, a saber, de
» Clerigos Conegos, e de Monges,
» diferentes não só no nome, mas
» no habito, e na proffissão: assi
» tambem houve sempre duas Ordens
» distinctas de Religiosas,
» hũa que se chamavão Virgens
» Clericaes, ou Conegas, e outras
» Virgens Monachaes, ou Freiras,
» diferentes não só no nome, mas
» no habito, por que as Canonicas
» trazião habito branco, e as Monachaes preto. » E nós, ainda
que levamos dito que Santo Agostinho foi instituidor dos Conegos Regrantes, por que foi o primeiro que fez viver os Clerigos em commun, não concordamos comtudo em que elle estabelecera Conegas, e principalmente como ellas depois existirão.

As Conegas ainda não erãõ conhecidas no começo do 8.º seculo; por que no Concilio de Alemanha, celebrado em 742, no de Vernon, celebrado em 755, no reinado d'El-Rei Pepino, e na Capi-

Tomo 1.º

tular de Carlos Magno, feita em Heristal em 779, se não falla de Conegas.

Só pelos fins do mesmo seculo se começaõ a enxergar vestigios de Conegas, no Canon 47 do Concilio de Francfort, celebrado em 794, no reinado do mesmo Imperador Carlos Magno; e bem assim no começo do seculo 9.º, na assemblea de todas as Ordens pelo mesmo Principe convocada em Aix-la-Chapelle, no anno de 802. Nesta Assembleia se examinou, se nos Mosteiros de Virgens se observava a Regra de S. Bento, ou se nelles se vivia canonicamente, e á maneira dos Conegos, muitos dos quaes havião deixado a Regra de S. Bento, limitando-se unicamente ao nome de Conegos, e nisto forão imitados por muitas Religiosas Benedictinas, que repentinamente se havião tornado Conegas, sem conhecerem suas Observancias respectivas.

O Concilio de Chalons-sur-Saone, celebrado no anno 813, julgou-se obrigado a prescrever diversos Regulamentos a estas Virgens, que se dizião Conegas; e no Concilio d'Aix-la-Chapelle, celebrado em 816, foi que pelo Diacono Amalario se formalisarão Regras pa-

ra reconduzir os Conegos e Conegas a uma vida regular.

Ainda então as Conegas não eram conhecidas por Filhas de Santo Agostinho, pois que em nenhuma das Regras se fazia menção deste Santo Doutor; antes, pelo contrário, a das Conegas foi tirada dos Escritos de S. Jeronymo, de S. Cypriano, de Santo Athanasio, e de S. Cesario.

Assim o verdadeiro estabelecimento das Conegas só pôde collocar-se no fim do 8.º seculo, ou no começo do seguinte; pois que no Concilio de Aquisgrani, celebrado pelos annos de 820, os Padres nelle congregados as reformarão com o nome de *Clericarum Sanctimonialium*, Freiras Clericaes; e no 4.º Concilio de Paris, em tempos do Summo Pontifice Gregorio 4.º, e do Imperador Luiz 1.º, no anno de 829, se encontra no cap. 46 a distincção entre Conegas e Freiras.

Cumpre porem observar, que posto que os Conegos tomarão o nome de Regrantes, e se qualificarão de filhos de Santo Agostinho pelos fins do Seculo 11.º, quando forão obrigados á desapropriação, — parece que só pelo meio do seculo 12.º é que as Conegas se submeterão á Regra do Santo Doutor, e abraçarão os Regulamentos dos Conegos Regrantes; pois que o 2.º Concilio de Latrão, celebrado no anno de 1139, no Pontificado de Innocencio 2.º, prohibe ás Religiosas o habitar em casas separadas, sob pretexto de hospitalidade, como sendo contrário ás Regras de S. Basilio, de S. Bento, e de Santo Agostinho: e o Concilio de Rheims, celebrado em 1148,

no Pontificado de Eugenio 3.º, obriga as Conegas, que vivião debaixo da Regra de Santo Agostinho, a renunciar a toda a propriedade.

Posteriormente a esta época é que os Conegos Regrantes da Congregação de Latrão, que havião determinado não se intrometter no governo das Religiosas, tiverão de ceder ás sollicitações dos Soberanos Pontifices, e de muitos e Grandes Senhores, que fundarão Mosteiros de Conegas. Trinta Mosteiros, e os mais delles mui consideraveis, se submeterão então aos Abbades desta Congregação.

Submetteo-se o de *Santa Maria da Estrella*, de Espoleto, em que ordinariamente havia cem Religiosas.

O de S. *Matheus*, da mesma Cidade, em que se tem conservado inteiro o corpo da Bemaventurada Santa Marinha.

O de S. *Thomás*, na Cidade de Vicencia, em que resplandece em todas as virtudes a sagrada Virgem Euphrosina.

O de *Santa Maria da Graça*, da Cidade de Genova, do qual o citado Chronista D. Nicolao de Santa Maria escreve o seguinte no Liv. 12, cap. 3.º: — « Porem o mais » nomeado, e o mais principal é » o Mosteiro de Nossa Senhora da » Graça, no qual floresce em virtudes, e em Letras (cousa rara) » a illustre Conega D. Baptista, » que foi hũa maravilha, e milagre de nossos tempos, por que » com ser mulher, venceo na erudição aos mais sabios homens de » seu tempo, e nella se vio claramente, e se experimentou o » que costumava dizer o Angelico

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



Page 1 : Rue de la Vierge N° 29 et 30

CONGREGATION DE LA TRAPPE .

„ Doutor S. Thomaz d'Aquino, que
 „ a mystica Theologia, mais se a-
 „ prendia, e adquiria com medi-
 „ tação, e oração, que com estu-
 „ do, e trabalho; por que na Theo-
 „ logia mystica igualou a nossa Do-
 „ na Baptista aos mais doutos Theo-
 „ logos, por ser Virgem devotissi-
 „ ma mui dada á Oração, e me-
 „ ditação, e estudo dos mysterios
 „ da divina Theologia, sobre que
 „ compôs tres Tomos, ou tres vo-
 „ lumes, que se imprimirão em Ve-
 „ neza no anno de 1588, hum an-
 „ no depois de sua morte, que foi
 „ um sabbado depois da Festa da
 „ Ascenção do anno de 1587. Fa-
 „ leceo de noventa annos, e dei-
 „ xou quarto Tomo composto, que
 „ mandou imprimir com sua vida
 „ admiravel o Padre D. Dyonisio
 „ Conego Lateranense, e Abbade
 „ Fesulano em Verona no anno de
 „ 1602. „

Os de *Santo André*, e de *S. Bartholomeu*, na mesma Cidade de Genova.

O de *Santa Maria Rainha do Ceo*, na Cidade de Napoles.

O de *Santa Maria da Annunciada*, na Cidade de Nola.

Os de *Santa Maria da Apresentação*, e *Santa Maria da Annunciada*, na Cidade de Mantua.

O de *Nossa Senhora da Graça*, em Ferrara.

O de *S. Salvador*, na Cidade de Parma.

O de *S. Daniel*, na de Veneza.

O da *Virgem da Annunciada*, na Cidade de Milão.

O de *Santa Maria de Josphat*, em Pavia.

E finalmente varios outros, entre os quaes so enuméra o de *Santa Cruz*, da Cidade de Taurino,

ou Taurina — « o qual (diz o mes-
 „ mo Chronista no lugar citado) foi
 „ fundado e dotado no anno de
 „ 1535 pela Condessa D. Beatriz
 „ de Ronceco, e o Papa Paulo 3.^o
 „ lhe concedeo grandes privilegios,
 „ e o sogeitou á obediencia e go-
 „ verno do Abbade e Conegos Re-
 „ grantes de Santo André de Ver-
 „ celli. Florece nelle grandemente
 „ a disciplina Regular, e são Co-
 „ negas mui reformadas, e muitas
 „ dellas fallecerão cõ opinião de
 „ Santas, e particularmente o foi
 „ a Madre Angela Catherina, que
 „ foi não só no nome, mas na vi-
 „ da Anjo, e Angelica em tudo.
 „ Resplandeceo em espirito e dom
 „ de profecia. No dia do seu feli-
 „ ce transito (que foi o de 25 de
 „ Novembro dia de Santa Cathe-
 „ rina, Virgem e Martyr, de quem
 „ era devotissima) quando espirou
 „ virão todas as Religiosas daquel-
 „ le Santo Convento sair sua alma
 „ resplandecente á maneira de rayo
 „ de Sol sobir ao Ceo. „

Um grande numero de Mostei-
 ros, que antigamente pertencerão á
 Congregação de Latrão, forão por
 ella abandonados, como o do *Espí-
 to Santo*, de Roma, que em 1606 foi
 entregue á direcção do Cardeal Vi-
 gario do Papa.

As Conegas Regrantes de La-
 trão vestem-se de sarja branca, e u-
 são de roquete por cima do habito
 quando assistem no côro.

Teremos occasião de mencio-
 nar os diversos trajos das outras Co-
 negas Regrantes quando tractar-
 mos das differentes Congregações
 que pertencem; e nem omitiremos
 as de nossa terra, que por muitas
 considerações se tornarão dignas de
 que sua memoria se perpetue.

A CONGREGAÇÃO DE S. LOURENÇO D'ULTIO.

Bem se diz que no bom fundamento consiste toda a firmeza do edificio, e confirma-se com o proverbio antigo, que dá por meio feito tudo o que bem começa. *Dimidium facti, qui bene cepit, habet.*

(FR. LUIZ DE SOUSA. — *Historia de S. Domingos*).



PROXIMO ao Burgo d'Ultio, da Diocese de Turin, no Delfinado, existio o Mosteiro de S. Lourenço. Foi elle edificado, segundo tradições, antes do nascimento de S. Bento, e desde então habitado por Monges, que vivião debaixo da obediencia de um Santo Abbade por nome Justo. Situado nos Alpes, no centro de escarpadas e quasi inacessiveis montanhas, nelle se refugiarão muitos Fieis para evitar o furor dos Vandalos; mas nem assim mesmo escaparão aos Barbaros, que depois de assolada a Italia, derão sobre o Mosteiro, e nelle matarão a quantos por sua mofina sorte lhe cairão nas mãos. Tão grande foi o numero dos que então soffrerão martyrio, que a Igreja de S. Lourenço d'Ultio se denominou da *População dos Martyres*.

Os Vandalos retirarão-se, e por tres seculos permanecerão ermos estes sitios; até que nelles se escondeo, por inspiração divina, Gerardo Charbrerio, natural d'Ultio. Em 1050 arranjou elle uma cellinha junto da arruinada Igreja, e

seguido de Udolonio, de Mantelmo, e de varios outros, nesta solidão com elles abraçou a vida Canonica, não sem que primeiro obtivesse a devida permissão de Cuniberto, Bispo de Turin.

A's consideraveis doações, que a Communidade recebeu dos Condes de Saboya, juntou o Bispo Cuniberto, em 1065, mais quarenta Igrejas, e entre ellas a de Santa Maria Mayor da Cidade de Suza, cuja jurisdicção como episcopal se estendia a todo o Marquezado de Suza. E para tornar mais saliente a estima que fazia desta Congregação, deo-lhe tambem um Canonico na Cathedral de Turin, no qual fosse sempre provido o Prelado d'Ultio; e quiz em fim que a Igreja de S. Lourenço da *População dos Martyres*, cabeça da Congregação, fosse isempta da jurisdicção episcopal de Turin, em quanto nella existissem Conegos, que vivessem vida regular.

Em 1083, a Condessa Adelaide de Suza, e a Condessa Ignez, sua nora, derão tambem a estes Conegos a sua Igreja com todas as rendas que lhe pertencião. O

Conde Amedeo imitou a piedade de seu pai. E Humberto 3.^o, que em 1167 tomou debaixo de sua protecção a Igreja de S. Lourenço, deo a estes Conegos, em 1170, um Hospital e uma Igreja, com todas as rendas que lhe estavam consignadas.

Não foi a Congregação de S. Lourenço d'Ultio menos favorecida pelos Summos Pontífices Alexandre 2.^o e 3.^o, Urbano 2.^o, Eugenio 3.^o, Adriano 4.^o, e Lucio 3.^o, que a cumularão de privilegios.

Quasi todos os trinta Priorados, que desta Congregação dependião, passarão pelo tempo adiante para o de Latrão. O de S.

Lourenço d'Ultio, que era cabeça da Congregação, existia independente ao começo do passado século. Seu Prelado, exercendo jurisdição espiritual, só reconhecia o Summo Pontífice por immediato Superior — conferia Benefícios — e desempenhava todas as funcções, que não estão ligadas ao character episcopal.

Os Conegos da Congregação de S. Lourenço d'Ultio só se differencavão dos Ecclesiasticos por um pequeno Escapulario de linho, que punhão sobre a sotana. No côro, durante o verão, usavão de sobrepeliz, e no inverno de roquete, com uma murça negra.



A CONGREGAÇÃO DE S. RUFO.

*Salutate Rufum electum in Domino, et
matrem ejus, et meam.*

Saudai a Rufo, escolhido no Senhor,
e a sua mãe, e minha.

(S. PAULO. — *Epist. aos Romanos.*
Cap. 16. vers. 13).



ANTES de abraçarem a Regra de Santo Agostinho, largos annos viverão em commum os Conegos da Cathedral d'Avinhão, que em 1485 forão secularisados pelo Summo Pontifice Julio 2.º Mas já elles durante algum tempo havião abandonado essa vida commum, por que no anno de 1039, quatro de entre elles, Arnaldo, Odilon, Poncio, e Durando, animados do espirito de Deos, querendo esquivar-se á relaxação, e perseverar na observancia dos sagrados Canones, e vida commum e pobre, se retirarão para uma pequena Igreja de S. Rufo, que o Bispo de Avinhão lhes condeo de accordo com o seu Cabido, conjunctamente com a de S. Justo, e algumas terras que della dependião.

Nesta pequena Igreja se conservavão os restos mortaes de S. Rufo, que muitos pretendem que era filho de Simão Seryneo, de quem falla S. Marcos no cap. 15 de seu Evangelho; e é tradição antiga naquellas partes, que depois da

descida do espirito Santo sobre os Apostolos, irritados os Judeos com a prégacao do Evangelho, expulsarão os Christãos, e mettendo em um navio sem vélas e sem remos a Magdalena e seus irmãos Martha e Lazaro, com muitos outros em que se contava S. Rufo, o lançarão ao mar para nelle acabarem; mas que a Providencia os conduziria ás praias da Provença, e em desembarcando, annunciara S. Lazaro o Evangelho em Marselha, onde fôra Bispo, assim como S. Rufo em Avinhão.

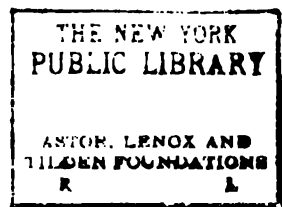
Foi junto desta Igreja que os quatro Conegos se fixarão, conformando-se em tudo com os primeiros Christãos de Jerusalem; e assim lançarão os primeiros fundamentos de uma Congregação, que tomou o nome de S. Rufo para se differenciar dos Conegos que havião ficado na Cathedral.

Uma humildade profunda, uma piedade sincera, e uma pobresa perfeita, acompanhada de muitas austeridades, lhes attrahio logo grande numero de Religiosos, e até



Vol. 153

CONEGO REGRANTE
da Congregação de S. Rufo —



facio 4.º, e morreo em Anaguia em 1559.

A Congregação de S. Rufo contou cento e doze Mosteiros, segundo afirma Renato Chopina, no seu *Monastico*, Liv. 2.º cap. 1.º tit. 1.º par. 20. Agostinho de Pavia, escreveu no seu *Elucidario*, Parte 2.º, que a Congregação de S. Rufo tivera antigamente quinhentas

Abbadias e Priorados. Ella não se limitou sómente á França; multiplicou-se nas mais remotas regiões.

Vestião-se estes Conegos Regrantes de sarja branca, com um cinto preto, e uma banda de linho a tiracollo. Quando saíão fóra usavão de uma capa negra, á maneira dos Ecclesiasticos.



OS CONEGOS REGRANTES

DO

MONTE DE SANTO ELOY D'ARRAS

E DE

SANTO ALBERTO DE CAMBRAY.

Os cegos homens movidos de cubiça cuidam que quem tem riqueza tem tudo, mas os prudentes a que Deos allumia com sua graça deixam as riquezas do mundo, que tem por nada, por amor daquelle alto Deos, que he tudo. Vem as variedades e perigos e maldades do mundo, caem na conta de seus enganos, e deixão-no antes que os elle deixe: pera que na religiam alcancem a pureza de suas consciencias.

(Fr. Hector Pinto. — *Imag. da Vid. Christ*).

A DUAS legoas da Cidade de Arras, que nas agoas do Escarpa, nos Paizes Baixos, espelha suas antigas e magestosas torres, um monte se alevanta, a que Santo Eloy, separando-se a vezes do bulicio do mundo, corria a se entregar livremente ao exercicio da contemplação. Lá erigio elle um Oratorio; lá reunio dez ou doze Christãos, que vivião como Eremitas. Edificado de sua conversação, para este Monte se retirou tambem muitas vezes S. Vindiciano, Bispo de Cambray, e nelle quiz que fosse sua sepultura. Mettida depois a sacco, e incendiada pelos Normandos toda aquella região pelos annos de 830, tornou-se o Monte um deserto, crescerão matos, desapareceo a Igreja, e a sepultura.

TOMO 2.º

de S. Vindiciano; mas o nome de Monte de Santo Eloy permaneceo, e permanecerá.

Descoberta milagrosamente a sepultura de S. Vindiciano em tempos do Bispo Fulberto, um de seus successores, ahi fez elle edificar uma nova Igreja, que dedicou aos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, em que muito o auxiliarão as liberalidades do Imperador Othão, seu parente; mas em lugar de Eremitas, que lá tinham morado, lhe pôz oito Conegos Seculares, que permanecerão até que pelos annos de 1066, vendo S. Lietherto, outro Bispo de Cambray, que bem não cumprião seus deveres, os expulsou, e substituiu por Conegos, que vivião em vida commum.

Deo-lhes S. Lietherto por 1.º Abade a João Roberto, o Frisão,

Conde de Flandes, que, augmentando os estabelecimentos da Igreja, a exemplo do Bispo Fulberto, e dos Senhores de Coussy, a governou por espaço de quarenta annos; até que no de 1219, Ricardo de Sassy, um de seus successores, restaurou de novo a Igreja, dando-lhe a forma que ella ainda offerecia no começo do passado seculo.

Felicissima foi a estrêa deste Mosteiro, que se tornou Seminario de Santos Bispos, e Grandes Homens. Hugo, seu 3.º Abade, assistio ao Concilio de Latrão, no Pontificado de Innocencio 11.º — Rodulpho, que lhe succedeo, assistio ao Concilio de Tours, no Pontificado de Alexandre 3.º — João, 2.º do nome, obteve do Summo Pontifice Lucio 3.º faculdade para usar de Mitra e mais paramentos pontificaes, e foi nomeado para um Bispado no Oriente pelo Summo Pontifice Urbano 3.º — Estevão de Firmomont, 6.º Abade, assistio ao Concilio de Lyão, e recusou o Bispado d'Arras, que lhe foi offerecido. Nesta Abbadia finalmente foi educado, durante sua juventude, o Summo Pontifice Adriano 4.º; e della sairão, João, Bispo de Teruana — Ursino, Bispo de Verdun — Gerardo, Bispo de Tornai — Guilherme, Bispo de Vierzoon — e Pedro de Colmieu, Cardeal de Ruam.

Tinha a Abbadia do Monte de Santo Eloy particulares Constituições, que forão adoptadas por muitas outras Communidades dos Paizes Baixos, e de França. Os seus Conegos Regrantes vestião-

se de rôxo, e usavão de um roquete sobre a sotana. No côro, e durante o verão, punhão no braço uma murça preta; no inverno tomavão uma capa da mesma côr, e um grande capêlo. A tunica de pelles, que antigamente era commum a todos os Conegos, e se chamava *Pellicium*, donde parece que deriva o nome de *Superpellicium*, ou sobrepeliz, ainda em tempos mui pouco remotos era vestida pelos noviços da Abbadia do Monte de Santo Eloy d'Arras.

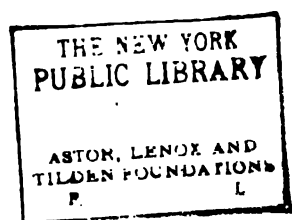
—
No mesmo anno de 1066, em que S. Lietherto estabeleceo no Monte de Santo Eloy a vida commum, e perfeita desapropriação, a estabeleceo tambem na Abbadia de Santo Alberto, situada em Cambray, donde tirou os Conegos que a ella se não quizerão submeter. Aos novos Conegos deo por primeiro Abade a Bernardo. Seus successores devião ser eleitos de entre os que compunhão o Cabido, ao qual deo faculdade de conferir as Prebendas.

Os Conegos Regrantes da Abbadia de Santo Alberto de Cambray trajavão como os do Monte de Santo Eloy; e por isso, e por que tiverão o mesmo Fundador, se presume que tiverão as mesmas Constituições, mas não se sabe com certesa:

Pois o tempo, que em nada permanece,

A memoria das cousas escurece.

(Sd de Menezes — MALAC. CONQ. — Liv. 1.º — 102.)





CONEGO REGRANTE
de S. Eloy d'Amiens

OS CONEGOS REGRANTES

DE

S. MAURICIO DE AGAUNE,

OU AGUNO.

O exercito dos fieis illustrado do lume divino, veyo dos fins da terra adoravos lealmente e com humildade, e armado de armas corporaes, e muyto mais de armas spirituaes, correo ao martyrio com fortaleza digna de todo louvor. E por que o tyrano cheyo de peçonha mortal os pudesse espantar: mandouos duas vezes dizimar e matar. E perseverando elles com fortaleza na fé, mandouos matar todos o Emperador cruel; e fervendo elles com o ardor da charidade, lançadas as armas, e postos de joelhos, esperavão as espadas com vontade alegre e mansa: e S. Mauricio Principe daquella Santa companhia, accêzo por amor da fé recebeo coroa de martyrio pelesando lealmente.

(*Santo Ambrosio*).



AMOS saudar uma das mais antigas Abbadias da Christandade, a de S. Mauricio de Agaune, Diocese de Sion, na Suissa, e onde repousa o corpo de S. Mauricio, e de seus illustres companheiros, de quem já tivemos occasião de fallar a paginas 156 do 1.º Tomo de nossa Galeria.

O tempo, que em nada sabe ter firmeza, já começava a cevar sua voracidade nesta Abbadia, quando, succedendo Sigismundo a Gondebaudo, seu pai, na Coroa de Borgonha, no anno 516, e abjurando a heresia de Ario, que insecionava o reino, se persuadio

de que a prova mais cabal que podia dar de sua adhesão á Fé Catholica, era reparar com custosa magnificencia a Igreja em que repousavão os preciosos restos de S. Mauricio, e de seus companheiros, confiando a sua guarda a Monges, que nella cantassem louvores a Deos.

Mal previa então o Principe os trabalhos que sua mofoina lhe preparava neste mesmo Mosteiro, justa punição talvez de haver assassinado seu proprio filho — que a Divina Providencia nem sempre a reserva para tarde!

Havia o Principe esposado em primeiras nupcias a Ostrogotta,

uma das princezas filhas de Theodorico, Rei de Italia, e della. entre outros filhas, teve um chamado Sigerico. Cessando a Rainha de existir, esposou Sigismundo uma de suas Damas, que concebendo o mais entranhavel odio contra Sigerico, persuadio o desgraçado Rei de que seu filho contra elle conspirava para arrebatar-lhe a coroa. Sigismundo, extremamente crédulo, fez estrangular seu filho com um guardanapo, quando no leito se entregava ao somno.

Chegara o anno 522. Retirado em Agaune chorava Sigismundo seu crime junto do tumulo de S. Mauricio, pedindo a Deos, que antes nesta vida o punisse que na eternidade. E não lhe disse o Senhor como em Isaias, cap. 1. vers. 15: — *E quando estenderdes as vossas mãos, apartarei de vós os meus olhos: e quando multiplicardes as vossas orações, não as attenderei: por que as vossas mãos estão cheias de sangue.* A supplica de Sigismundo foi attendida; por que atacado e vencido no anno seguinte por Clodomiro, Rei de Orleaens, secretamente se refugiou no alto de uma agra e inaccessivel montanha: e receoso de que os seus o entregassem aos Francezes, por conselho (perfeito, sem duvida) dos que estimava mais fiéis servidores, cortou elle mesmo seus cabellos, e vestindo o habito monastico, em Agaune se propoz viver o resto de seus dias amargurados. Mas o desditoso Principe, ainda bem não tinha entrado o limiar da porta, e já estava em poder de seus inimigos!

Com o mesmo habito, e em companhia da infeliz Rainha e de

seus filhos, o encerrou Clodomiro em uma prisão junto de Orleaens. E sendo já vindo o anno de 524, resolveo dá-los á morte. Em balde Santo Avito, Abbade de Micy, de junto de Orleaens, se esforçou por persuadir o vencedor de que, se por amor de Deos poupasse a vida destes Principes, com elle seria o SENHOR, e lhe alcançaria victorias; quando, se á clemencia cerrasse o coração, miseramente acabaria tambem com sua familia. Clodomiro zombou do salutar conselho. Sigismundo, sua mulher e filhos forao mortos, e lançados em um poço; mas Clodomiro, marchando para Borgonha a guerrear Godomar, irmão de Sigismundo, morreo em combate junto de Autuna, no anno de 525.

Com Hinnemundo, seu primeiro Abbade, que Sigismundo chamara do Mosteiro de Grave, começou no Mosteiro de S. Mauricio de Agaune o canto perennal dos louvores do Senhor. Divididos os Religiosos em nove turmas, constantemente se succedião em contínua Psalmodia. Assim a instituiu no Oriente, um seculo antes, Santo Alexandre, fundador dos Acemetas, como deixamos notado no 1.º Tomo de nossa Galeria a paginas 123. Mas foi o Mosteiro de S. Mauricio de Agaune o que no Occidente adoptou primeiro, sendo depois imitado por varios outros Mosteiros, em que se contão muitos de Religiosas.

Taes forão, por exemplo, o de S. Benigno, de Dijon — o de S. Diniz, de França — o de S. Martinho, de Tours — o de S. Riquiero, de Luxeuil. Taes os de Religiosas de Remiremont, e de S.

João de Laon, onde havia perto de trezentas Virgens, divididas em sete cores. De trezentos Religiosos fôra também composta a comunidade da Abbadia de S. Riquiero, a que acrescia com mancebinhos, que alli se instruíam, e que usando do mesmo habito, se repartião também pelos diversos coros.

A Abbadia de S. Mauricio de Agaune, que a principio tivera uma Regra particular (e não era ella a de S. Basilio, como alguns Historiadores pretenderão), abraçou depois a de S. Bento. Massendo della expulsos os Benedictinos pelo Imperador Luiz 1.º, no anno de 824, succederão-lhe Conegos Seculares. Decorrerão mais trinta annos aproximadamente; e sendo dada a Abbadia a Huberto, irmão de Thietberga, mulher de Luthario, Rei de Lorena, foi o Officio Divino interrompido por causa das dissipações do novo Abbade, que as rendas e bens, destinados para os Ministros do Altar, distribuía a cortezãos, a scelerados, e aos que incumbira da sustentação e tracto de um descommunal numero de cães. Fez ainda mais; desposouse com uma mulher casada, tirando-a de um Mosteiro, onde vivia separada de seu marido. Carlos, o Calvo, celebrando matrimonio com Richilda, que já era sua concubina, e mal que teve noticia da morte de Hermintruda, sua mulher, deo a Abbadia de S. Mauricio de Agaune ao Conde Bosen, irmão de Richilda, o qual, algum tempo depois, se fez coroar Rei de Provença, ou de Arles. Enão cause surpresa vêr Abbadias em poder de seculares e leigos durante

os seculos 9.º e 10.º, pois que até se sabe que alguns forão Abbades de Mosteiros de Religiosas; assim como que algumas Damas tiverão o titulo de Abbadessas de Mosteiros de Religiosos, que alguma vez até lhe forão dados por dote em casamento.

Na Abbadia de S. Mauricio de Agaune, saqueada pelos Lombardos no 8.º seculo, reparada depois pelo Imperador Carlos Magno, e pelos Sarracenos queimada no seculo 10.º, só foi completamente restabelecida a Observancia Regular quando nella forão postos Conegos Regrantes; ou quando os Conegos Seculares, que lá estavam, se submeterão á desapropriação, e receberam a Regra de Santo Agostinho, o que por certo só aconteceu no começo do seculo 12.º, sob o governo do Abbade Hugo, que restaurou a Igreja, sendo sagrada pelo Summo Pontifice Eugenio 3.º, no anno de 1146.

Grande foi o credito destes Conegos Regrantes, que, chamados para diversas partes, formão uma Congregação de que foi cabeça a Abbadia de S. Mauricio de Agaune. Parece contado que ella só teve em França dois Priorados: o da Cidade de Senlis, dedicado á Virgem Santissima, a S. Mauricio, e a seus illustres companheiros, edificado por S. Luiz em 1264; e o de Semur, na Borgonha, debaixo da invocação de S. João Evangelista.

No Archivo Real de França existião cartas do Abbade Guilherme, e dos Religiosos da Abbadia de S. Mauricio de Agaune, do anno 1261; e dellas consta — que desejando o Abbade satisfazer á de-

voção que S. Luiz tinha de fundar casas desta Ordem, para o que lhe havia pedido algumas reliquias dos Santos Martyres da Legião de S. Mauricio, que naquella Abbadia existião, elle havia tirado algumas do Sanctuario da sua Igreja, enviando-as áquelle Principe, que as recebeo em procissão solemne, acompanhado de muitos Prelados, Ecclesiasticos, e Seculares, e as fez conduzir para a Cidade de Senlis, donde pretendia reparti-las por muitas Igrejas e Mosteiros em que tencionava estabelecer Conegos Regrantes. — Estas reliquias de S. Mauricio e de seus companheiros forão primeiramente depositadas em uma pequena Capella perto do Paço de S. Luiz na Cidade de Senlis, por que só em 1264 é que foi instituido o Mosteiro, como já levamos dito.

Os Conegos Regrantes de S. Mauricio de Agaune usavão de uma murça e capêlo de escarlata sobre o roquete.

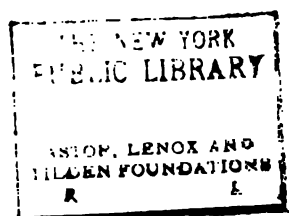




Paris - Lith. R. du Rocher N.º 29e30.

CONEGO REGRANTE

de S. Maria d'Agua.



OS CONEGOS REGRANTES

DE

S. JOÃO DAS VINHAS, EM SOISSONS.

O melhor que tem os bens do mundo, não he o que elles valem possuidos, se não o que valem deyxados: as redes de hum Pedro possuidas, quando muyto valião-lhe a vida temporal: deyxadas, valerão-lhe a eterna: hum campo possuido por amor do mundo, não he mayr que hum campo, mas deyxado por amor de Deos, he hum Reyno, e Reyno do Ceo que nunca se hade acabar.

(P. M. Bernardes — Exerc. Espirit).



RA o anno 1076. Sentava-se no throno de França Philippe 1.º E o Senhor do Castello Thierry, Hugo, que tantas Igrejas e seus bens havia usurpado, abrindo em fim ao arrependimento os seios de seu coração, procurou Thibaldo, Bispo de Soissons, para tudo lhe entregar, sob condição de que a Igreja de S. João, naquelles tempos denominada do Monte, situada em Soissons, e que elle injustamente havia retido, seria entregue a Conegos de vida commum, unindo-se-lhe todas as mais Igrejas usurpadas, com tudo o que dellas dependia. Teve isto a regia approvação; e Hugo, para de todo tranquillisar sua consciencia, doou ao Mosteiro de S. João mais trinta

geiras de vinhas, que nas cercanias delle possuía. — Daqui o nome de S. João das Vinhas.

Odon foi o primeiro Abbade deste Mosteiro; e dirigindo-o por espaço de treze annos, deixou a vida mortal no de 1088. Succedeo-lhe Rogero, que com seus Conegos foi no seguinte anno recebido debaixo da protecção da Santa Sé pelo Summo Pontifice Urbano 2.º, approvando-lhe as Constituições. Desde então crescerão as doações; e os Summos Pontifices Lucio 3.º, e Urbano 3.º os cumularão de privilegios.

Soffreo esta Abbadia consideraveis estragos dos Herejes Calvinistas. Quando no anno de 1568 elles tomarão a Cidade de Soissons, arruinarão inteiramente a Igreja e o Mosteiro, arrebatando-lhe os vasos sagrados, e todas as outras al-

gou a se reconciliar com a Côrte de Roma. Porem Othão, Bispo de Strasburgo, perdurou no scisma até ao Pontificado de Urbano 2.º, e seu rebanho não reconheceo a Gregorio 7.º por cabeça da Igreja. A Religião na Alsacia estava em tribulação, e quasi extineta!

Do alto dos Ceos velava Deos sobre ella; e um santo homem, chamado Magnoldo de Lutembach, foi o instrumento de que Deos se servio para a fazer reviver. No anno de 1093 começou elle a prégar publicamente contra o scisma. Abrazados de grande zêlo, muita impressão fizeram seus discursos nos corações dos scismaticos; mas uma grande mortalidade, que naquelles tempos ferio e arrebatou muita gente, ainda teve mais eloquencia, ainda lhe fez vibrar mais as cordas da alma; — que é grande freio para o descuido da vida a presença da morte, e onde falta o apparelho ahi sobejão medos. Em grande numero correrão os scismaticos a receber a absolvição da excomunhão, que Magnoldo lhe levantava, impondo-lhe uma penitencia; e em pouco tempo quasi toda a Provincia se submetteo.

Uma das mais fataes consequências do scisma foi a relaxação do Clero; mas grande parte d'elle, depois de sua conversão, se embrenhou pelos bosques e solidões; já para viver vida penitente e retirada; e já para não communica com os que presistirão obdurados.

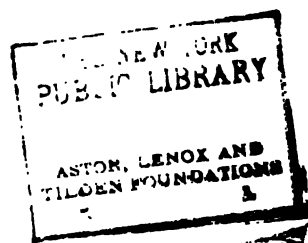
Foi então que Magnoldo, reunindo alguns com quem lhe aprouve viver em commun, conforme o exemplo dos Apostolos, e Christãos da primitiva Igreja, edificou um Mosteiro em Marbach, Cida-

de da Alsacia; não sem que recebesse grandes auxilios da liberalidade de Burchardo de Gebeluisser, que era da principal nobresa do paiz. Magnoldo foi o primeiro Preposito do Mosteiro; e depois de haver fundado a Congregação, nem por isso desistio de suas pregações com o fim de reconduziros scismaticos ao gremio da Igreja. Tão grande zêlo porem não podia deixar de attrair-lhe perseguições, e principalmente da parte do Imperador, que com effeito o fez prender em 1098. — E' quanto se sabe da vida deste Santo homem, que passou por um dos mais sabios do seculo 11.º

A nova comunidade renunciou a toda a propriedade; não comia carne; não vestia roupa de linho; guardava estreitissimo silencio; e praticava as mais acerbhas mortificações. Tão recommendavel se tornou em fim, que muitos Mosteiros se lhe aggregarão, e o de Marbach se tornou cabeça de uma consideravel Congregação, que a exemplo de outras Communidades de Conegos, que no seculo 12.º havião abraçado a desapropriação, começaram de seguir a Regra de Santo Agostinho.

Historiador houve que lhe deo 300 Mosteiros. O que é certo é que delles não resta memoria alguma.

Os Conegos Regrantes de Marbach, estando na Abbadia vestião uma tunica ou sotana branca, e por cima della um roquete. Fora da Abbadia, era preto o habito, e trazião pendente d'elle uma tira branca. Durante o verão, usavão no côro de uma murça preta, presa por diante com uma fita azul,





Porto R. do Relicario, N.º 29 e 30

CONEGO REGRANTE
de Merbach na Alvará

descendo pela parte de traz um pouco abaixo da cinta, e terminando em ponta aguda.

Tinhão por Armas, em campo esmaltado de azul, um coração vermelho, coroado de ouro.

E a Congregação de Marbach teve por Fundador um homem cheio de zêlo pela gloria da Santa Sé de Roma, e que tão denodadamente combateo contra o scisma, que alevantara o Imperador Henrique 4.^o: um dos Fundadores da Congregação de Arouaise não foi menos ardente em guerrear o mesmo scisma. Chamava-se elle Conon, ou Conrado, e foi feito Cardeal pelo Summo Pontifice Paschal 2.^o, assim como tambem Bispo de Palestrina, e por elle commissionado em muitas Legações.

Perto de Bascoma, no Artois, existia uma caverna, que servia de valhacouto a salteadores. Chamava-se Arouaise. No anno de 1090 foi este logar purificado pela habitação de tres Santos Eremitas — Haldemar de Tornai — Conrado — e Rogero de Arras. Alli edificarão um Mosteirinho com a invocação da Santissima Trindade, e de S. Nicolao. Lamberto, Bispo de Arras, confirmou este estabelecimento por Carta, que dirigio a Conrado em data de 21 de Outubro de

1097. Morto Haldemar, que foi o primeiro Preposito do Mosteiro, estabelecido por Conrado no anno de 1090; succedeo-lhe Richero, e a este seguio-se Gervasio, que em 1124, e em tempos de S. Bernardo, tomou a qualidade de Abba-de, que em seus successores continuou.

Em tempos deste Gervasio se tornou a Abbadia de Arouaise cabeça de vinte e oito Mosteiros. Seculos ha comtudo que esta Congregação deixou de existir; e o seu ultimo Capitulo Geral foi celebrado em 1470.

O Mosteiro de Hennein-Leitard, a tres legoas de Douai — o de S. Nicolao, em Tornai — o de Choques, e o de Mareles, no Artois — dependião todos da Abbadia de Arouaise; bem como os de Werneston, de Zunebeck, e de Scetendal, em Flandres; o de S. João, em Valenciana; e o de S. Chrispim, e S. Leger, em Soissons. Tinha tambem quatro Priorados na Irlanda, dous em Dublin, um em Rathoy, no Condado de Kery, outro em Bathkeli, no Condado de Limerik; assim como alguns em Inglaterra.

Segundo refere o Cardeal de Vitry forão estes Conegos Regrantes muito austéros. Vestião-se de branco, não comião carne, não usavão de roupa de linho, e guardavão estreitissimo silencio.



OS RELIGIOSOS

DA

ORDEM DE SANTO ANTÃO DE VIENA,

NO DELFINADO.

Bem considerado o mundo, sua grandeza he pequenez, sua abundancia, pobreza; sua sciencia, ignorancia; suas alegrias, tristezas; sua luz, trevas; sua felicidade, miseria: aqui a honra he hum pouco de fumo, a fazenda he hũa pouca de terra, e a vida he servir á corrupção.

(P. M. Bernardes. — Exerc. Espirit.).



MA dolorosa enfermidade, que bem se não pode definir, e a que vulgarmente se chamava *fogo sagrado*, ou *fogo de Santo Antão*, affligio muito a humanidade nos seculos 11.º e 12.º. Em um Documento de 1254, relativo ao Hospital da Igreja de Santo Antão de Marseilha, dá-se-lhe o nome de *fogo infernal*: — *eorum qui igne infernali laborare dicuntur*. Ella trazia consigo a completa perda daquelle membro, que attacava, e que se tornava negro e sêco, como se houvera sido queimado; e não ha ainda muito mais d'um seculo, que no Hospital do Burgo de Santo Antão, no Delfinado, se vião membros assim fulminados. A enfermidade outras vezes produzia putrefacções, que cancerando a parte ferida, a fazião cair.

Para alivio dos desgraçados, a quem este mal accommettia, se formou a Ordem de Santo Antão de Viena, no anno de 1093, no Pontificado d'Urbano 2.º

Era o paiz Vienêz uma com-

marca do Delfinado em França, que pelo meio dia confinava com a de Valencia, pelo occidente e norte com o Rhodano e com o Giaer, sendo Viena a sua capital. Em eras remotas estendia-se até ao rio Isara, que com o Rhodano e o Giaer formavão uma especie de península, que se crê ser o paiz que a antiguidade chamava *Insula Allobrogum*.

Nesta região havia por aquellos tempos um Cavalheiro chamado Gastão, não menos illustre por seu nascimento, que pela grande fortuna que possuia. Gastão tinha unicamente um filho, chamado Girindo, ou Guerino, que fazia todas as suas delicias, e que era o esperançoso arrimo de sua velhice. Este filho enfermou perigosamente. Não houve remedio de que o pai, para o guarecer, se não soccorresse; e vendo que todos erão infructuosos, quiz servir-se dos espirituaes, buscando o amparo de Santo Antão, que já lhe havia valido em gravíssima docença, que o accommettera.

Córreo ao Burgo deste Santo, que então se denominava de S. Didier-la-Mothe, e onde, em uma Capella dedicada á Santissima Virgem, se conservavão suas sagradas reliquias.

« Astro do Egypto ! (lhe disse » elle, humilde e fervorosamente) » Antão incomparavel ! Tu, que » foste um assombro de virtudes ; » tu, que a preço de tantas austeridades, conseguiste ganhar a » eterna gloria : — alcança-me de » Deos, cuja augusta presença gozas, saude para o filho querido. » Ao alivio dos pobres doentes, » feridos do fogo sagrado, prometto que se applicuem todos os bens que na terra possuímos ; » prometto, que a seu serviço nos votaremos, dando commodo alojamento aos peregrinos, que de toda a parte correm a implorar tua intercessão, pois que o SENHOR te deo ao Egypto, na phrasa de Santo Athanasio, como um soberano medico, e cujo nome só bastava para fazer tremer » e fugir os Demonios. » —

Gastão acabou de orar, e adormeceu. Subito lhe apparece o Santo, reprehendendo-o de com mais ardor procurar a saude corporal do filho, do que a espirital. Disse-lhe, que Deos o ouvira benignamente ; que agora lhe cumpria mostrar-se grato, desempenhando sua promessa, e provando que não fôra simples velleidade ; que tanto elle como todos os mais que a seu serviço se houvessem de consagrar, tomariam por divisa um T de côr celeste. Santo Antão fez ainda mais; mostrou-lhe o T no alto do seu caxado, que cravou no chão, e que logo, abençoado por mão que do

Ceo saía, pareceo reverdecer, e brotar frondosos ramos, que cobrião toda a terra.

Já desperto, e de volta para sua casa, encontrou Gastão a seu filho livre de perigo. Narrou-lhe a visão com que o Santo o visitára ; deo-lhe conta do voto que fizera de ambos se consagrarem ao serviço dos enfermos. E o filho, approvando a salutar resolução de seu pai, reiterou a mesma promessa. A precisa tardança para arranjo de seus negocios.... E ei-los caminho do Burgo de S. Didier-la-Mothe, onde cheios de santo alvoroço e fervor, consagrando suas pessoas e bens ao serviço dos pobres, edificarão um Hospital junto da Igreja dedicada ao grande Santo, e que ainda não estava concluida.

Fôra ella começada por um certo Jacelino, um dos mais poderosos senhores do Delfinado, descendente dos antigos Condes de Poitiers, e que, morrendo sem successão, a deixou imperfeita. Havia elle transportado de Constantinopla, no anno de 1050, o corpo de Santo Antão, que lhe concedera o Imperador Constantino, apelidado o *Monomaco*. O Summo Pontifice Gregorio 7.º lhe ordenara que o depositasse na Igreja Parochial daquelle Burgo; e por que era mui pequena para tantos peregrinos, que de toda a parte vinhão visitar as Santas Reliquias, havia lançado os fundamentos da nova Igreja.

Em 28 de Junho de 1095, largarão Gastão e seu filho os habitos seculares, e se envolverão nelles mais humildes, pretos, e marcados com um T azul. Acção tão pie-

dosa lhes attrahio logo mais seis pessoas; e Gastão as governava com tanta brandura, e tão caritativamente exercia a hospitalidade, que em breve, não só todo o Delfinado, e grande parte da Europa, tiveram pelos peregrinos informação prompta e cabal das esmollas que lhes fazia, e da humanidade com que tractava os enfermos; mas até o Summo Pontifice Urbano 2.º approvou tão santa sociedade no Concilio de Clermont, e lhe concedeo grandes privilegios. Deo-se aos associados o nome de Freires, e o titulo de Grã-Mestre ao Superior, a quem obedição. Gastão foi o primeiro elevado a esta dignidade, que exerceo até ao anno de 1120, em que cessou de viver.

Falçõ, 7.º Grã-Mestre acabou a começada Igreja, e obteve do Summo Pontifice Honorio 3.º, em 1218, permissão para seus subditos fazerem os tres votos de Religião, com que até aquelle tempo se não haviam ligado. Só em 1297, e no Pontificado de Bonifacio 8.º, é que estes Freires abraçarão a Regra de Santo Agostinho, sem comtudo largarem o T, que trazia em seus habitos, ordenando o mesmo Soberano Pontifice que se chamassem Conegos Regrantes, que seu Superior tomasse a qualidade de Abbade, e que todos os Religiosos, e todas as Casas da Ordem, em qualquer parte que estivessem, ficassem dependentes desta Abbadia, que declarou Cabeça de toda a Ordem, e sujeita unicamente á Santa Sé.

Grande foi o cuidado que a principio tiveram estes novos Conegos Regrantes no desempenho de seus deveres, em que erão au-

xiliados por muitos Irmãos Conversos; mas com o tempo se introduzirão abusos na maior parte das Casas, que tinham titulo de Comendas, e em que os Superiores vivião como verdadeiros Comendadores de outras eras.

Longo tempo se esforçou o 23.º Abbade, Antonio Tolosain, para reformar estas desordens, sem que nada podesse conseguir. Em 1616, no Capitulo Geral da Ordem, se tomarão medidas convenientes. Mandou El-Rei Luiz 13.º, em 24 de Dezembro de 1618, que fossem adoptadas em todos os Mosteiros; mas só o forão em diversas Casas, no anno de 1630, depois de approvadas pelo Summo Pontifice Urbano 8.º; sendo que ainda que alguns Mosteiros fóra de França as não receberão, não deixarão comtudo de reconhecer o Abbade de Santo Antão como Superior de toda a Ordem.

Gozou ella de grandes privilegios, concedidos por muitos Soberanos Pontifices; e varios Principes lhe derão tambem provas de estima, enriquecendo-a.

No anno de 1306 o Delfim de Viena, com approvação unanime de toda a nobreza, concedeo ao Abbade assente nos Estados do Delfinado, immediatamente depois do Bispo de Grenoble, e bem assim o direito de presidir na ausencia daquelle Prelado, que delles era nato Presidente.

O Imperador Maximiliano 1.º, para mostrar quanto distinguia esta Ordem, no anno de 1502 lhe deo por Armas as do Imperio, timbradas com uma Thiara Imperial de ouro, tendo a Aguia sobre o peito



Nº 5

CONEGO REGRANTE
de S.^a Antonio de Vienna

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

um escudo do mesmo metal, com um T de esmalte azul.

Carlos, Rei de Jerusalem e de Sicilia, achando-se na Abbadia de Santo Antão, tomou debaixo de sua protecção os Religiosos desta Ordem por seu Alvará de 4 de Março de 1288.

Jacques, outro Rei de Jerusalem e de Sicilia, alem de augmentar os estabalecimentos da Abbadia, em seu testamento, feito em 1403, recommendou a seus herdeiros e successores, que tivessem mui particular devoção com Santo Antão, e que trouxessem pendente do pescoço um T de ouro, e uma campainha, symbolo deste Santo.

Tão grande era a devoção que em outro tempo para com elle havia, que os Soberanos Pontifices Calixto 2.º, Martinho 5.º, Julio 2.º, e Leão 10.º, seis Monarchas de França, grande numero de Reis, e Principes Soberanos, de Rainhas, Princezas, Cardeaes, Prelados, e infinitas outras pessoas de primeira distincção, forão pessoalmente visitar suas santas reliquias.

Estes Religiosos possuirão antigamente avultados bens; mas as guerras dos herejes lhes fizeram perder grande parte. A Abbadia de Santo Antão foi por elles mettida a sacco em 1561. Por mais tres vezes foi ella ainda abandonada a seu furor.

Tambem tivemos em nossa terra Conegos Regrantes de Santo Antão; e a noticia mais circumstanciada que delles encontramos é a que nos offerece o Chronista D. Nicolao de Santa Maria, Parte 1.ª, Liv. 4.º, Cap. 15.

« Tiverão estes Religiosos Co-

negos (diz elle) cinco Mosteiros neste Reino. Foi o primeiro e cabeça dos mais o de Santo Antão de Benespera na Comarca e Bispado da Guarda, junto á fresca ribeira chamada Teixeira, onde se conserva ainda hũa fermosa Reliquia de seu Padroeiro Santo Antão, que os ditos Religiosos troxerão de França, onde está seu sagrado corpo, por meio da qual tem Deos obrado, e obra grandes maravilhas naquelles contornos. O 2.º Mosteiro foi o de Santo Antão o Velho do pé do Castello de Lisboa, que agora he dos Padres Ermitães de S. Agostinho, e foi primeiro fundado pelos annos de 1400, com seu Hospital no sitio que corre das portas de Santo Antão athé o Mosteiro da Annunciada. O 3.º Mosteiro estava na Villa de Santarem em Marvilla fóra dos muros junto do Paço del-Rei, onde ainda se conserva a Ermida de Santo Antão. O 4.º Mosteiro era o de Santo Antão de Aveleira. O 5.º e ultimo era o de S. Domingos de Besteiros no Bispado de Viseu; que todos hoje estão unidos ao Collegio dos Padres da Companhia de Coimbra por breve Apostolico do Papa Julio 3.º passado no anno de 1550, e o Mosteiro de Santo Antão o Velho do pé do Castello de Lisboa foi a primeira Casa, que os ditos Padres da Companhia tiverão neste Reyno, e de que tomarão posse no anno de 1542.

« A occasião de se extinguir esta Ordem em Portugal, foi o vir a poder de Commendatarios. Reduzirão-se seus Mosteiros a

mente o que se offerlasse na sexta feira Santa, ou quando o Patriarcha, por qualquer necessidade, pegasse na verdadeira Cruz. Deo-lhes alem disso algumas outras Igrejas.

Foi isto confirmado por Bulla do Summo Pontifice Calixto 2.º, no anno de 1122, dirigida ao Prior Gerardo, e aos Conegos do Santo Sepulchro. Por outra Bulla de 1228 confirmou tambem o Soberano Pontifice Honorio 2.º todas as suas possesões.

Em breve se dilatou o Instituto dos Conegos Regrantes por aquellas regiões, fundando-se muitas Igrejas e Mosteiros, sugeitos á Patriarchal do Santo Sepulchro. Uma Bulla do Summo Pontifice Celestino 2.º, do anno de 1144, dirigida ao Prior D. Pedro, confirmou todos os privilegios e doações, que lhes forão feitas por Godefredo, e pelos dous Monarchas Balduinos; enumerando os Mosteiros, e Igrejas que lhe estavam subordinadas, e erão, na Terra Santa as seguintes: a do Santo Sepulchro de Jerusalem — a de S. Pedro de Jaffa — a do Santo Sepulchro d'Acre — a de Santa Maria de Numaz, no Districto da mesma Cidade — a do Santo Sepulchro do Monte Peregrino — a de Santa Maria de Tyro — e a da Quarentena, ou lugar em que o Redemptor jejuou durante quarenta dias, e quarenta noites.

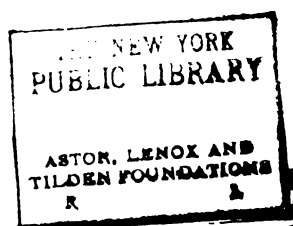
Não tardou a Congregação dos Conegos do Santo Sepulchro em abranger á Europa; e nas Casas que tinham em França, Hespanha, Portugal, Polonia, Italia, e outros paizes, se abrigarão elles, quando, em 1187, e no reinado de Guido de Lusignan, os Sarracenos se-

nhorearão a Terra Santa. Muitos Principes, que nella havião estado, os trouxerão consigo; e entre outros Luiz o Moço, Rei de França, que os poz na Igreja de S. Sansão d'Orleães. O mesino fizeram os Condes de Flandres; e um Cavalheiro da Polonia, chamado Jaxa, os estabeleceo nesse reino em 1162, fundando-lhes um Mosteiro em Miekou, a oito legoas de Cracovia, o qual depois foi cabeça de uma Congregação, que comprehendeo vinte Mosteiros, tanto na Polonia, como na Silessia, na Moravia, e na Bohemia.

Na Sicilia teve esta Congregação o Mosteiro de Santo André, da Cidade de Platea, fundado pelo Conde Simão Butero, no anno de 1106: o do Santo Sepulchro da Cidade de Brundisio: o do Santo Sepulchro do lugar de Barleta: e o do Santo Sepulchro da Cidade de Troya.

Em Hespanha se lhe submetteo tambem o celebre Mosteiro do Santo Sepulcho de Catalaiud, Cidade do Aragão, na Diocese de Taragona.

Em Portugal, o Mosteiro de Santa Maria de Agoas Santas, em terra da Maya, Bispado do Porto, Mosteiro que era dos duplicados. Delle affirma o nosso incansavel Padre Antonio Carvalho da Costa, na Corographia Portugueza, Tomo 1.º, que se acha memoria pelos annos de 1130, e ainda no de 1283, reinando El-Rei D. Diniz. « De » o Mosteiro de Agoas Santas (diz » a Monarchia Lusitana, 5.ª Parte, Livro 16) ser da Ordem do » Santo Sepulchro, não pode aver » duvida: antes consta que avia » nelle Religiosas, e collegiada de





CONEGA REGRANTE
*da Ordem do S.^o Sepulchro
em habito de Côro*

„ Clerigos da mesma Ordem. A
„ todas empararão os nossos Reys
„ de Portugal benigna e liberal-
„ mente. No Mosteiro de Santa
„ Anna de Coimbra anda hum ins-
„ trumento, de que consta deixar
„ Domingos Martins Prior de Al-
„ corouvim por herdeira a sua ir-
„ mã Sancha Martins dona pro-
„ fessa do Mosteiro de Agoas San-
„ tas da Ordem do Sepulchro, a
„ qual fez doação com authorida-
„ de de D. Fr. João Martins Prior
„ do dito Mosteiro, e por ser na-
„ tural de Coimbra, filha de Mar-
„ tim Annes Calbada, vendendo
„ a herança, veio depois ao Mos-
„ teiro de Santa Anna. El Rey D.
„ Affonso Terceiro appresentou pa-
„ ra Prior do Mosteiro de Agoas
„ Santas da Ordem do Santo Se-
„ pulchro a Frei Pedro Fortes de
„ Outer de Fumos, a qual appre-
„ sentação confirmou o Bispo do
„ Porto D. Vicente pelos annos de
„ 1265. E nosso Rey D. Diniz no
„ terceiro anno de seu reynado,
„ que foi o de 1281 appresentou
„ tambem Giraldo Christovão na
„ mesma prebenda..... Annos
„ adiante, quando se fez a taixa
„ geral para o subsidio que se con-
„ cedea a este Rey..... vem tai-
„ xado o Mosteiro de Agoas San-
„ tas, e a Collegiada do dito Mos-
„ teiro..... Conservou-se assi
„ a collegiada, como o mosteiro
„ até que se encorporou na Ordem
„ de Malta. „

O vestuario desta Congrega-
ção na Alemanha, Flandres, e Po-
lonia, consistia em uma tunica pre-
ta, um roquete, uma murça, e por
baixo della um manto negro, que
arrastava pelo chão, com uma cruz
patriarchal ao lado esquerdo, e

com um cordão dobrado, côr de
fogo, contendo cinco nós, e ter-
minando com duas borlas.

Os de Italia e de França não
trajavão como os d'Alemanha, Po-
lonia, e Flandres; e até havia dif-
ferença entre os de Italia, e os de
Inglaterra; por que os primeiros
tinhão uma tunica preta, com ro-
quete de linho, e uma capa e mur-
ça tambem pretas, e no lado es-
querdo uma Cruz potentéa verme-
lha, com quatro cruzetas nos an-
gulos: e os de Inglaterra tinham a
mesma capa, em que trazião uma
Cruz patriarchal, mas a tunica era
branca. Uns e outros usavão de
longa barba, e de barrete.

Em quanto os Conegos do San-
to Sepulchro estiverão de posse
dos Santos Logares de Jerusalem,
trajarão sempre de branco; e se
pretende que tomarão o habito pre-
to em signal de luto, desde que a
Igreja de Jerusalem cahio em po-
der dos Infieis.

Foi esta Ordem supprimida no
anno de 1484, e unidos seus bens
á dos Cavalleiros de S. João de Je-
rusalem, como vamos ter occasião
de fazer vêr; mas esta suppressão
não abrangeo á Polonia, e a al-
gumas Provincias d'Alemanha e
Flandres, aonde ainda existio por
largo tempo.

—
JA' na Hespanha, em Portu-
gal, na Alemanha, e em
outros Reinos, estavam de lon-
go tempo estabelecidas as Cone-
gas Regrantes do Santo Sepulchro,
quando em França se introduzirão,
no anno de 1620. começando pelo
Mosteiro de Charlevilla. Seguirão-se
depois em Aix-la-Chapelle, em S.

„ de dignidade desde o tempo do
„ Dictador Sylla, e mais Cesares,
„ que forão governando o Romã-
„ no Imperio, até o tempo dos
„ seus triunfos contra Maxencio. „

Já nós observamos, que na Igreja do Santo Sepulchro existirão Conegos Seculares até ao anno de 1114, em que o Patriarcha Arnoldo os obrigou a fazer votos, e a abraçar a Regra de Santo Agostinho; e ha toda a probabilidade de que os Cavalleiros do Santo Sepulchro só quatrocentos annos depois se arvorarão sobre a ruina dos Conegos, que tinham a mesma denominação, sendo seus bens depois incorporados na Ordem dos Cavalleiros de S. João de Jerusalem.

Constrangidos os Conegos do Santo Sepulchro, como já deixamos dito, a abandonar as Casas, que tinham na Terra Santa, quando os Christãos della forão expulsos pelos Sarracenos, tiveram elles de abrigar-se nas que tinham na Europa, e na maior parte dellas começarão de dar hospitalidade aos peregrinos, que se destinavão a visitar os Logares Santos da Palestina. Instituindo depois o Summo Pontifice Pio 2.º, no anno de 1459, uma Ordem Militar, denominada de Nossa Senhora de Bethlehem, supprimio algumas Ordens Militares e Hospitalarias, e entre ellas a dos Conegos do Santo Sepulchro, cujas propriedades adjudicou á nova Ordem que creara. E ainda que ella não chegou a se erigir, pelos esforços que fizeram os Conegos Regrantes do Santo Sepulchro; no anno de 1484 o Summo Pontifice Innocencio 8.º os incorporou de novo na Ordem dos

Cavalleiros de S. João de Jerusalem, ou de Rhodes, como então se lhes chamava, por que ainda possuião esta Praça, assim como incorporou tambem, e pela mesma Bulla, a Ordem dos Cavalleiros Hospitalarios de S. Lazaro de Jerusalem, que offerecemos no 1.º Tomo de nossa Galeria, a paginas 137.

Mas cumpre observar que nessa Bulla se não falla da Ordem do Santo Sepulcho, como Ordem Militar, titulo que se dá á de S. Lazaro de Jerusalem; e eis o que nos leva a crer que os Cavalleiros do Santo Sepulchro só surgirão da ruina dos Conegos, supprimidos na Italia, em França, e em Flandres, ficando apenas subsistindo as Casas, que tinham na Polonia, e duas outras na Sicilia, e que aquella união não comprehendera. Acresce ainda, que havendo o Summo Pontifice Pio 4.º confirmado aquella união pela sua Bulla de 1560, tambem não menciona como Militar a Ordem do Santo Sepulchro.

Muito mais verosimil parece, sem duvida, o que outros Authores affirmão, e vem a ser — que o Summo Pontifice Alexandre 6.º, para excitar os nobres e ricos a visitar os Santos Logares da Palestina, e de algum modo lhes compensar as fadigas de tão longa e penosa viagem, instituiria em 1496 a Ordem Militar do Santo Sepulchro, tomando para si e seus successores a qualidade de Grã-Mestre, e a faculdade de nomear estes Cavalleiros; e por que aos Religiosos de S. Francisco incumbia a guarda do Santo Sepulchro, e o seu guardião era Commissario Apostolico naquellas regiões, o mesmo



Porto-Lith. R. do Roblesm. N.º 29 e 30

ANTIGO CAVALLEIRO
da Ordem do S.º Sepulchro

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

Pontifice lhe concedera poderes para também armar Cavalleiros. A Bulla não na exhibem os taes Authores; mas é certo, que o Guardião dos Religiosos de S. Francisco, na Terra Santa, estava em posse de armar Cavalleiros do Santo Sepulchro.

Promettião elles observar as leis e costumes da Ordem: ouvir Missa todos os dias, não tendo legitimo impedimento: expôr a vida em defesa da Religião, ou mandar alguém em seu lugar, estando os Christãos em guerra com os Infieis: defender contra seus perseguidores a Santa Igreja e seus Ministros: evitar guerra injusta, rixas, lucros sordidos, e duellos: promover a paz entre Christãos: proteger viúvas e orphãos: guardar exactamente os Mandamentos da Igreja: não praguejar, nem blasphemar: abster-se de excessos de vinho, de impuresas, e de outros abominaveis peccados.

Depois de benzida a espada e as esporas douradas, o Guardião, impondo as mãos sobre a cabeça do Cavalleiro, o exhortava a ser bom, fiel e valeroso. Calçava-lhe as esporas, e desnudando a espada, com ella dava tres pancadas no hombro do Cavalleiro, que se achava inclinado sobre o Santo Sepulchro. Por tres vezes lhe fazia depois o signal da Cruz, dizendo-lhe: *Eu te constituo Cavalleiro do Santo Sepulchro de Nosso Senhor Jesus Christo, em Nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo.* Em seguida cingia-lhe a espada, e lhe lançava ao cólo uma cadêa d'ouro.

Enxergão-se comtudo muitos retratos de antigos Cavalleiros com uma fita vermelha ao pescoço, ou

a tira-cólo do hombro esquerdo para a direita, e pendente della a Cruz d'ouro de Jerusalem, bem como no lado esquerdo do manto a mesma cruz, bordada de vermelho. Ultimamente trazião os Cavalleiros desta Ordem, pendente de uma fita preta, a Cruz potentêa, com quatro cruzetas nos angulos, tudo dourado.

Parece indubitavel que em nosso reino existio também a Ordem Militar do Santo Sepulchro. Jorge Cardoso, no seu Agiologio Lusitano, diz que houve em Portugal Cavalleiros desta Ordem, extincta por Innocencio 8.º, e unida á de S. João de Jerusalem. O Chronista D. Nicolao de Santa Maria escreve o seguinte, na 1.ª Parte da Chronica dos Conegos de Santo Agostinho, Liv. 4, cap. 15:

« Em nosso Reyno de Portugal acharão também os Cavalleiros do Santo Sepulchro bom agasalhado na piedade dos nossos Reys, que lhes derão o Mosteiro de Agoas Santas na terra de Maya, Bispado do Porto, aonde residirão muitos annos, tendo juntamente seu Collegio de Conegos Regrantes, cujo Prior era da apresentação dos Reys, e o confirmavão os Bispos do Porto, como se pode vêr na 5.ª parte da Monarchia Lusitana Liv. 16. » Cap. 66 pag. 153. »

Querendo os Cavalleiros do Santo Sepulchro, em Flandres, fazer florescer a Ordem, e dar-lhe novo brilho sob a protecção de algum grande Principe, em 28 de Março de 1558 elegerão por Grã-Mestre, em Hoochstraten, Diocese de Cambrai, a Philippe 2.º de Hespanha, e a seus successores.

Mas tamanha opposição fez o Grã-Mestre de S. João de Jerusalem, que Philippe 2.^o renunciou ao Grã-Mestrado; e o Summo Pontifice Pio 4.^o confirmou em 1560 a união que Innocencio 8.^o fizera da Ordem do Santo Sepulchro com a de S. João de Jerusalem.

Carlos de Gonzaga-Cleves, Duque de Nevers e de Bethelois, quiz tambem, no anno de 1615, declarar-se Grã-Mestre dos Cavalleiros do Santo Sepulchro em França, e até preparava um novo colar para os Cavalleiros; mas em quanto em Roma solicitava a necessaria permissão do Summo Pontifice Paulo 6.^o, o Grã-Mestre de Malta, Alopho de Vignacourt, dirigio uma embaixada a Luiz 13.^o de França, representando-lhe em como estava feita a união da Ordem do Santo Sepulchro com a de S. João de Jerusalem; e Luiz 13.^o mandou requerer pela sua embaixada em Roma uma nova Bolla de confirmação.

Afirmão graves Escritores, que Henrique 2.^o, d'Inglaterra, na viagem que fez á Terra Santa, ficara tão penhorado dos serviços, que os Cavalleiros do Santo Sepulchro fazião aos Christãos, que visitavão os Santos Logares, que para logo resolveo fazer um igual estabelecimento em seus Estados, apenas a elles voltasse; e que na

verdade nelles instituirá esta Ordem pelos annos de 1174 ou 1177. Mas Henrique 2.^o não foi á Terra Santa; e ainda que se habilitou para a terceira Cruzada, nella não tomou parte, pela guerra que teve com Philippe Augusto, Rei de França, e até com seu proprio filho Ricardo, Conde de Poitiers, e Duque da Guiena.

Estes pretendidos Cavalleiros erão sem duvida os Conegos do Santo Sepulchro, que se estabelecerão em Inglaterra no reinado deste Principe, ou que existindo já no Reino, obtiverão algum novo estabelecimento. Leva-nos a pensar assim o dizer Schoonebeck, que estes taes Cavalleiros usavão de uma tunica branca, e de um manto preto, em que havia uma Cruz Patriarchal, vestuario dos Conegos do Santo Sepulchro em Inglaterra, como já deixamos notado, e como tambem menciona o citado Alexandre Ferreira, n.^o 64.

Bonnani, da Companhia de Jesus, pretendendo que este Instituto fôra approvado pelo Summo Pontifice Innocencio 3.^o, debaixo da Regra de S. Basilio, e que os Cavalleiros usavão de uma Cruz verde, deixou-nos desenhado um delles, tal como aquelle que offerecemos.



OS CONEGOS REGRANTES

DE

INGLATERRA E IRLANDA.

SANTA BRIGIDA, E SUAS RELIGIOSAS.

Aqui vemos com nossos olhos, mais vezes do que queríamos, serem as virtudes perseguidas dos mal inclinados, tão açados na malícia de toda a parte, que os não tomam por nenhuma, que vos nam fiam. Mas isto não as deve impedir, ca antigo he no mundo levarem os bds por galardão dos bds que fazem aos mais, tomarem-nos mal. e diseremmo delles, mas lá tem certo o galardão de Deos no ceo.

(Fr. Hector Pinto. — *Imag. da Vid. Christ.*)



A luta de opiniões, que muitos e distinctos Historiadores entre si travaram, sobre a origem e estabelecimento dos Conegos Regrantes em Inglaterra, o que com mais certesa se pode concluir é que elles forão introduzidos em Gloucester pelo anno de 1109, e depois em Londres. Chamavão-se elles então *Conegos Negros*, para os distinguir da Congregação de S. Victor, d'Arouaise, e da Premonstratense. Ignora-se se desde então até ao começo do seculo 16.º havião constantemente vivido vida regular, e conforme a seu estado; mas o Cardeal de Volsey, authorisado por uma Bulla do Summo Pontifice Leão 10.º, emprehendeo a reforma de todos os Mosteiros no anno de 1519; e, ou por que verdadeiramente della houvesse ne-

Tom. 2.º

cessidade, ou por que, sendo ambicioso, quizesse aproveitar-se dos bens dos Mosteiros que houvesse de supprimir — começou pela reforma dos Conegos Regrantes, affectando nos Regulamentos e Estatutos, que para esse fim coordenou, um grande zelo pelo restabelecimento da disciplina regular.

Assim determinou elle, que todos os Conegos Regrantes de Inglaterra, qualquer que fosse a sua denominação, e comprehendendo as Congregações de S. Victor, de Arouaise, e Premonstratense, se reunissem de tres em tres annos em Capitulo Geral, conforme o Decreto do Summo Pontice Honorio 3.º, e Constituições de Benedicto 12.º Prescreveo a formula dos votos; os meios de extirpar o vicio da propriedade; o modo de resar o officio divino; e as horas do silencio. Prohibio severamente

o comer fora dos Mosteiros; o dar nelles ingresso a mulheres; o dar-lhes a lavar os habitos, que devião ser brancos, pardos e pretos, ou quasi pretos. E para que todos estes regulamentos podessem ser executados ao mesmo tempo, e nenhum Mosteiro os podesse ignorar, ordenou que só começassem de guardar-se depois da festa da Santissima Trindade do anno de 1521.

Mas o scisma — de que o Cardeal foi primeiro movel, pelo pernicioso conselho que deo a Henrique 8.^o de repudiar a Rainha Catharina, e que tantas desgraças attrahio a Inglaterra, sendo d'elle consequencia a mudança de Religião — não permittio que durante alguns annos esses Regulamentos se podessem praticar. Até que, por espirito de dissolução alguns Abbades e Religiosos entregarão seus Mosteiros ás mãos do Rei. Forão outros constrangidos pela força. Alguns ainda se sustentarão até á ultima extremidade, e só cedêrão em 1539, quando o Parlamento supprimio todos os Mosteiros. Outros em fim preferirão um glorioso martyrio á mais pequena demonstração de consentimento e submissão ás ordens do desvairado Principe.

Aos Conegos Regrantes da Escossia e da Irlanda, bem como a todos os outros Religiosos, abrangio a mesma desgraça. Erão elles mui poderosos, e principalmente na Irlanda, onde tinham dous Abbades e oito Prioros, que erão Lords Ecclesiasticos, com assento na Camara Alta do Parlamento. Delles erão quasi todas as Parochias, Canonicatos e Beneficios. Delles se provião os Bispos. E de todo o

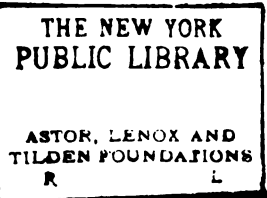
seu grande numero de Mosteiros apenas resta uma escassa memoria!

Mas a vida monastica na Irlanda era tão antiga como a Religião Christã; por que, os que alli trabalharão na plantação da Fé, edificarão muitos Mosteiros, que se povoarão de grande numero de Religiosos, tão recomendaveis pela pureza de sua vida, que fizeram com que á Irlanda se dêsse por excellencia o nome de *Ilha dos Santos*.

Agora, por que muitos Chronistas da Ordem Canonica enumerão, como havendo-lhe pertencido, as Religiosas da Ordem de Santa Brigida, Virgem, terminaremos este artigo com um abreviadissimo resumo da prodigiosa vida desta Santa, e de suas fundações, materia sem duvida muito mais larga do que pede o ligeiro passo que levamos.

Santa Brigida, um dos maiores ornamentos da Irlanda, e denominada Thaumaturga pela immensidade de seus milagres, nasceu pelo meio do seculo 5.^o, n'aldea de Fouchar, Diocese d'Armach, que em seculos posteriores foi séde primacial de Irlanda. Fructo d'um adulterio, que seu pai commettera com uma escrava, mal que Santa Brigida entrou pelas portas da vida, foi confiada a uma Christã, que pouco e pouco a educou no temor de Deos, e a levou a amar a castidade.

Chamada para a casa paterna, contemplada a la par dos outros filhos legitimos, aproveitou ella esta vantagem para mais se fixar na resolução, que havia tomado, de consagrar a Deos sua virgindade, e apartar-se de todas as cousas do





Porto - Lith. R. da Rebeloira N.º 29 e 30.

Vo

RELIGIOSA DA ORDEM DE S.^{ta} BRIGIDA DE IRLANDA
Em Portugal.

mundo, em tal forma que elle a não visse mais, e só soubesse della aquelle Senhor, que escreve os nomes de seus escolhidos no livro da vida.

Procurada em casamento por um mancebo, pediu ella a Deos a tornasse tão disforme que ninguem mais a desejasse. Foi a supplica attendida; e inflaumando-se-lhe um dos olhos, e ficando inteiramente obscurecido, assim se desappareceu das diligencias do pretendente, e obteve permissão de seu pai para ser Religiosa.

Tres outras donzellas se lhe juntarão, e dizendo adeos aos lares paternos se forão ter com o Bispo S. Meldo, discipulo de S. Patricio, na Provincia de Meath, ou Media, que lhes lançou o véo, com um habito particular, e lhes recebeu o voto de perpetua virgindade.

Formando assim uma Communidade Religiosa com suas companheiras, em breve Santa Brigida a vio crescer pela concorrência de muitas Santas Donzellas, que solicitarão viver debaixo de sua direcção. Então reconheceo ella a necessidade de fazer novas fundações; e muitos forão os Mosteiros, que em diversas Provincias da Irlanda estabeleceo.

De todos o mais consideravel, como aquelle em que ella ordinariamente residia, foi o de Kildaria, sete ou oito leguas affastado de Dublin, na Provincia de Lagenia, agora Leinster. E a fama de sua santidade, e de seus milagres, tornou tão celebre, e tão frequentado este lugar, que os edificios, que em torno do Mosteiro se levantarão, mesmo durante sua vida, formarão uma Cidade, que com o

andar dos tempos se tornou tão consideravel, que para ella se transferio a Sé Metropolitana da Provincia.

As differentes viagens que Santa Brigida emprehendeo para inspecção das Casas Religiosas, que a olhão como sua instituidora e mãe, occuparão grande parte de sua vida; e de tão grande utilidade forão, que se pode dizer, que em quanto vio a luz do mundo não cessou de fundar algum novo Mosteiro, aproveitando a generosa piedade daquelle seculo, e em tal maneira, que a Irlanda em pouco tempo se vio povoada de Religiosas de Santa Brigida.

Teve a Santa grande isenção para com todas as creaturas, e só extrema caridade para com os pobres. Nestas duas eminentes virtudes se cifrava seu character. Gastando-se-lhe em fim o pavio da vida, entrou sua alma nas mansões celestes pelos fins do seculo 5.º, ou começos do 6.º, assignando-lhe os Escriptores diversas épochas, desde o anno de 490 até 532.

Foi Santa Brigida sepultada em Kildaria, onde as Religiosas, para mais particularmente honrarem sua memoria, lhe instituirão um fogo sagrado e perpetuo, chamado *Fogo de Santa Brigida*, e que fez com que o Mosteiro se denominasse *Casa do Fogo*. Longo tempo foi elle tolerado pelos Bispos; até que em 1220 o fez extinguir o Arcebispo de Dublin, Henrique Loundres, a fim de fazer evaecer toda a idea de superstição.

A Historia Monastica d'Inglaterra confundio por tal forma os Mosteiros de Conegas Regrantes de Santo Agostinho com os da Or-

dem de Santa Brigida, Virgem Irlandesa, e os de Santa Brigida Princesa de Suecia, que não é possível discriminar os que a esta ou a essoutra pertencião, quando na Grã-Bretanha se fez a espantosa mudança na Religião. Sabe-se tão sómente, que a Ordem de Santa Brigida, Virgem Irlandesa, foi poderosissima na Irlanda; mas apenas ha memoria do Mosteiro de Kildaria, cabeça da Ordem, e do de Arnach, na Ultonia.

Pretende-se que o vestuario das Religiosas de Santa Brigida Irlandesa, consistia em um habito branco, e um manto preto, com um véo da mesma côr para cobrir a cabeça.

O nosso Escriptor João Baptista de Castro, no Tomo 2.º do seu Mappa de Portugal, escreveo que as Religiosas de Santa Brigida, que em nossa terra se estabelecerão, são da Religião fundada por Santa Brigida Princesa de Suecia, no anno de 1344, sendo approvada a sua Regra pelo Summo Pontifice Urbano 5.º em 1370, e confirmada mais tarde por seus successores. Depois de referir que na Suecia se dispersarão pela heresia de Gustavo de Bassia, e na Inglaterra pelo scisma de Henrique 8.º, accrescenta elle, que depois d'um desterro de trinta e sete annos pela Gallia Belgica, se dirigirão a Lisboa por inspiração divina, e se hospedarão no Convento da Esperança, em 4 de Maio de 1594: que D. Isahel d'Azevedo lhes dera casas no Mocambo, onde fizeram sua Igreja, que foi incendiada em 17 d'Agosto de 1651, começando-se logo o Convento, em que hoje habitaõ, em 2 d'Outubro do mesmo

anno, e se chama das Inglezinhas, e que ha outro da mesma Ordem em Marvilla, junto de Lisboa. e de Religiosas Portuguezas, fundado pelo Arcediago Fernao Cabral, em 1660.

A Corografia Portugueza, no Tomo 3.º, pag. 515, offerece com pouca differença a mesma noticia, e diz — que a Igreja só se fundou de novo passados alguns annos, sendo della Padroeiro Rui Correa Lucas, e sua mulher D. Milicia: que as Religiosas que vierão forão quinze, e uma Nova: que El-Rei D. Filippe o Prudente lhes mandara dar para sustento dous mil reis cada dia, e doze moios de trigo das liziras de Santarem: e que tinham dous Clerigos do habito de S. Pedro para lhes administrarem os sacramentos, sendo um delles Procurador da Casa.

Tração actualmente estas Religiosas um habito, com largo e comprido escapulario, e um manto, tudo de sarja parda escura; usão de véo preto sobre outro branco, cingindo a fronte com uma coroa, igualmente branca, em que se representão as cinco Chagas do Redemptor. As Leigas vestem-se com o mesmo habito, um pouco mais claro e grosseiro; a sua capa é côr de vinho, tendo no lado direito uma cruz quasi semelhante á de Malta. Não tem véo preto, nem cingem a coroa.

Conforme o Mappa da Commissão interina da Junta do Credito Publico, de 10 de Fevereiro de 1835, era naquella epocha o rendimento destas Religiosas a quantia de 4:743 \$ 225 reis.

A CONGREGAÇÃO

DE

S. VICTOR.

— 203 —

Crea pois certissimamente este, a quem Deos chama, que se determina ser bom Religioso, achará o jugo leve, e a carga suavissima: achará um Paraíso, com a arvore da Vida, e da Sciencia, sem ser prohibida.

(P.^o M. Bernardes. — *Ultimos Fins do Homem*, Livro 1. capitulo 11).

JUNTO dos muros da antiga Lutecia, ou Paris, populossissima Côte de França, no sitio chamado *Cella Vetus*, e onde viveo a emparedada Basília, fez edificar a magnificencia de Luiz 6.^o, em 1113, uma Abbadia, cabeça outr'ora de uma florescente Congregação, que abarcou toda a França, e até paizes os mais remotos.

Dedicada a S. Victor, não o que padecio junto do rio Deste, perto da Cidade de Braga, mas o que alcançou a coroa do martyrio em Marselha, no Imperio de Maximiano, deo-lhe começo o retiro de Guilherme de Champeaux, que sendo Arcediago de Paris, onde tambem ensinava philosophia, escolheu companheiros de entre seus discipulos, e com elles se foi a viver nesta Abbadia, conforme a Regra e Constituições dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

Era Guilherme de Champeaux natural do Burgo do mesmo nome na Bria, Diocese de Paris, a tres leguas de Melun. Das Epistolas

do famoso Pedro Abaylardo, que foi seu discipulo, sabemos que elle estudou com Anselmo, Deão da Igreja de Lã, e que tão grandes forão seus progressos, que passou por ser o primeiro homem do seu tempo na sciencia da Dialectica. A grande familiaridade que teve com S. Bernardo mostra bem que se não retirara do mundo por ambição, como Abaylardo pareceo querer persuadir quando affirmou, que elle só tomara o habito de Conego Regrante para mais facilmente se engrandecer, pois que foi eleito Bispo de Chalons. Guilherme, o *Veneravel*, continuou a ensinar, ainda depois do seu retiro, cedendo ás solicitações de Hildeberto, Bispo de Mans. Teve louvores de S. Bernardo, e dos maiores homens do seu tempo. Fundou a Abbadia de *Tres Fontes*, da Ordem de Cister, no anno de 1117; e dous annos depois deixou o Bispado, e tomou o habito desta Ordem. Morreo no começo do anno 1121, e foi sepultado na Abbadia de Claraval.

A sciencia, a profunda eru-

dicção, e a piedade dos Religiosos da Casa de S. Victor de Paris, os tornou tão recommendaveis, que muitas Igrejas Collegiadas, e muitas Communidades Religiosas abraçarão seu instituto, e dest'arte formarão uma importantissima Congregação. Assim o escreveu o Cardeal Jacobo de Vitriaco, na sua Historia Occidental, cap. 24, na passagem, que, vertida do Latim em Portuguez, copiamos do Chronista D. Nicolao de Santa Maria.

« Ha tambem em França outra Congregação de Conegos Regantes mui amada do Senhor, que se chama de S. Victor, por que o primeiro e principal Mosteiro desta Congregação he o deste Santo Martyr, que está edificado junto, e fóra dos muros de Paris, que como tocha accesa posta sobre o castiçal, não só alumia com seu exemplo, e doutrina a dita Cidade, que lhe fica vizinha, mas tambem as mais remotas, trazendo os homens ao conhecimento do verdadeiro Deos, e inflammando-os em seu amor. Por que esta Santa Congregação he refugio dos pobres, consolação dos tristes, remedio dos fracos, porto seguro dos estudantes de Paris, que desejando escapar do naufragio do mundo se recolhem, e acolhem ao sagrado daquelle Mosteiro, o qual sempre resplandece com grandes Mestres, o Doutores, como o Ceo com as Estrellas. Entre os quaes he mui nomeado, e conhecido de todos aquelle Citharista do Senhor, Orgão do Espirito Santo, o Mestre Hugo de Santo Victor, o qual ajuntando a suas letras, o bom exemplo

» de sua vida, incitou a muitos, » e ensinou a todos, não só as » sciencias, mas o caminho do Ceo » com a doçura de sua doutrina. » Estes observantes Conegos ordenarão sobre o fundamento solido da Regra do Grande Padre S. Agostinho certas Constituições, e ceremonias santas, que guardão com muita pontualidade. »

A' Abbadia de S. Victor se unirão as de S. Vicente, e da Victoria, de Senlis; unirão-se-lhe muitas outras de França e dos outros Reinos; e expulsos que forão os Conegos Seculares de Santa Genoveva, Sugéro, então Regente do Reino, os substituiu por Conegos de S. Victor.

Nos Estatutos e Constituições, que antigamente se observavão nesta Congregação, e que tinham por titulo *Liber Ordinis*, Livro da Ordem, se lia — que não comião carne no Refeitório — que manoseavão diversas obras — que guardavão tão rigoroso silencio, que só se entendião por signaes — que seus Abbades não tinham Mitra nem Bago — e que lhes não era permittido frequentar as Côrtes dos Principes.

Mas Heberto, 7.º Abade de Santa Genoveva do Monte, em Paris, obteve do Summo Pontifice Gregorio 9.º faculdade para usar de Mitra e Bago, e mais paramentos pontificaes; e varios outros Abbades o imitarão, tendo para si que erão como Bispos independentes uns dos outros. Foi então que o Abade e Religiosos de S. Victor os abandonarão, desmembrando-se a Congregação. Para isto concorreo tambem a guerra dos Ingleses, e a Batalha de Poitiers,

em que o Rei João foi prisioneiro; por que não dando lugar as perturbações do Reino a que se celebrassem os Capitulos Provinciaes, ordenados pelo Summo Pontifice Benedicto 12.º, a relaxação se infiltrou em todas as Casas, á excepção da de S. Victor, que se manteve sempre na exacta observancia da sua Regra e Constituições.

Era já o anno de 1514. Religiosos havia em alguns Mosteiros de França, que desejavão viver na verdadeira Regra dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho. O Abbade de S. Victor, João Bordier, e os Religiosos do seu Mosteiro lhes propozerão união, que com effeito se conseguiu, com approvação e em presença do Bispo de Paris, em Capitulo Geral, celebrado na Abbadia de S. Victor, no quarto Domingo depois da Páschoa do anno de 1515.

A Congregação de S. Victor recobrou então seu antigo nome e esplendor, e já contava vinte e duas casas, quando de novo as guerras civis lhe embargarão o progresso, e de novo produsirão sua desmembração.

Ei-la outra vez sósinha, a Abbadia de S. Victor; mas nem por isso deslisou de seu antigo modo de viver, ainda que sob a authoridade do Bispo de Paris, e depois dos Arcebispos, por decisão do Parlamento de Paris de 11 de Janeiro de 1620.

A Guilherme de Champeaux havia succedido na direcção da Abbadia de S. Victor o B. Giduino, ou Hilduino, que fôra seu discipulo, e dignissimo por suas virtudes, e pela santidade de sua vida. Teve a Congregação no seu tem-

po, segundo affirmão graves Authores, trinta Abbadias, oitenta Priorados, e quarenta Preposituras, afóra seis Mosteiros de Conegas, sendo delles o mais notavel o de Santa Maria de Antuerpia.

Produsio a Abbadia de S. Victor um consideravel numero de pessoas notaveis por suas virtudes e Letras, e muitos Cardeaes, Arcebispos e Bispos. Taes forão, por exemplo, o B. Gaufrido, varão de tão grande santidade, que acceitando por obediencia o Bispado Meldense, depois de o governar alguns annos com grande espirito e zelo das almas, conseguiu renunciá-lo, e recolher-se outra vez a S. Victor, onde gastou o mais da vida. O mesmo fez o B. Achardo, Bispo Abrincense; e o mesmo o Veneravel D. Estevão, que largou o Bispado de Paris, cortado da mágoa do assassinato do Prior Thomaz, do mesmo Mosteiro; e muitos outros, em fim, que seria longo enumerar.

Entre as Abbadias subordinadas ao Mosteiro de S. Victor de Paris forão tres as mais celebres: a de Santa Genoveva, Virgem, que foi unida á de S. Victor, com permissão de Luiz 7.º, pelo Soberano Pontifice Eugenio 3.º, em 6 d'Abril de 1147, sendo eleito primeiro Abbade D. Odo, que era Prior de S. Victor, e varão de grande santidade. A de Santa Maria de Livria, no Bispado de Paris, onde foi Conego e Abbade o illustre Theologo João Mauburno, natural de Bruxellas. A outra, finalmente, foi a de Santo André de Vercelli, fundada pelo Cardeal D. Guala de Bicheriis, natural da mesma Cida-



em que o Rei João foi prisioneiro; por que não dando lugar as perturbações do Reino a que se celebrassem os Capitulos Provinciaes, ordenados pelo Summo Pontifice Benedicto 12.º, a relaxação se infiltrou em todas as Casas, á excepção da de S. Victor, que se manteve sempre na exacta observancia da sua Regra e Constituições.

Era já o anno de 1514. Religiosos havia em alguns Mosteiros de França, que desejavão viver na verdadeira Regra dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho. O Abbade de S. Victor, João Bordier, e os Religiosos do seu Mosteiro lhes propozerão união, que com effeito se conseguiu, com approvação e em presença do Bispo de Paris, em Capitulo Geral, celebrado na Abbadia de S. Victor, no quarto Domingo depois da Páschoa do anno de 1515.

A Congregação de S. Victor recobrou então seu antigo nome e esplendor, e já contava vinte e duas casas, quando de novo as guerras civis lhe embargarão o progresso, e de novo produsirão sua desmembração.

Ei-la outra vez sósinha, a Abbadia de S. Victor; mas nem por isso deslisou de seu antigo modo de viver, ainda que sob a authoridade do Bispo de Paris, e depois dos Arcebispos, por decisão do Parlamento de Paris de 11 de Janeiro de 1620.

A Guilherme de Champeaux havia succedido na direcção da Abbadia de S. Victor o B. Giduino, ou Hilduino, que fôra seu discipulo, e dignissimo por suas virtudes, e pela santidade de sua vida. Teve a Congregação no seu tem-

po, segundo affirmão graves Authores, trinta Abbadias, oitenta Priorados, e quarenta Preposituras, afóra seis Mosteiros de Conegas, sendo delles o mais notavel o de Santa Maria de Antuerpia.

Produzio a Abbadia de S. Victor um consideravel numero de pessoas notaveis por suas virtudes e Letras, e muitos Cardeaes, Arcebispos e Bispos. Taes forão, por exemplo, o B. Gaufredo, varão de tão grande santidade, que acceitando por obediencia o Bispado Meldense, depois de o governar alguns annos com grande espirito e zelo das almas, conseguiu renunciá-lo, e recolher-se outra vez a S. Victor, onde gastou o mais da vida. O mesmo fez o B. Achardo, Bispo Abrincense; e o mesmo o Veneravel D. Estevão, que largou o Bispado de Paris, cortado da mágoa do assassinato do Prior Thomaz, do mesmo Mosteiro; e muitos outros, em fim, que seria longo enumerar.

Entre as Abbadias subordinadas ao Mosteiro de S. Victor de Paris forão tres as mais celebres: a de Santa Genoveva, Virgem, que foi unida á de S. Victor, com permissão de Luiz 7.º, pelo Soberano Pontifice Eugenio 3.º, em 6 d'Abril de 1147, sendo eleito primeiro Abbade D. Odo, que era Prior de S. Victor, e varão de grande santidade. A de Santa Maria de Livria, no Bispado de Paris, onde foi Conego e Abbade o illustre Theologo João Mauburno, natural de Bruxellas. A outra, finalmente, foi a de Santo André de Vercelli, fundada pelo Cardeal D. Guala de Bicheriis, natural da mesma Cida-

de; e. Conego Regrante no Mosteiro de S. Pedro, Ceo d'Ouro, de Pavia, donde o tirou o Summo Pontifice Innocencio 3.º, pela fama de suas letras e virtudes, e de que foi primeiro Abbade D. Thomaz Gallo, famoso Theologo daquelle idade, tambem Conego Regrante de S. Victor, e fundador da Universidade de Vercelli, havendo tido por discipulo a Santo Antonio de Lisboa, a quem deu o grão de Mestre para ler Theologia na Ordem de S. Francisco.

Muitos dos Mosteiros, que compunhão a Congregação de S. Victor, unirão-se depois á de França, ou de Santa Genoveva, de que tractaremos com mais oportunidade; e outros ficarão sujeitos aos Ordinarios, como, por exemplo a Abbadia da Victoria, de junto de Senlis. Da Congregação de S. Victor tambem havia Mosteiros na Inglaterra e na Irlanda, e seus Abbades tinham assento na Camara Alta do Parlamento. Forão elles supprimidos por occasião da mudança de Religião.

Que a Congregação de S. Victor chegou a ter em França quarenta e quatro Abbadias se prova pelo testamento de Luiz 8.º, que doou cem libras a cada uma das que havia no seu Reino, alem de mil libras á da Victoria, de junto de Senlis. A Bibliotheca de S. Vi-

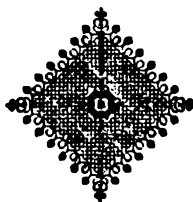
ctor, em grande parte composta de uma infinidade de manuscritos mui raros, foi afamada até nos paizes estrangeiros.

A coroa dos antigos Conegos Regrantes de S. Victor era monachal, e por cima do habito de sarja branca usavão d'uma alva, apenas tres polegadas mais curta, pondo na cabeça, quando estavão no coro, uma murça preta, forrada de pelles da mesma oôr.

Ultimamente vestião-se estes Conegos de sarja branca, com um roquete por cima da tunica; e quando saião usavão de capa preta como os ecclesiasticos. No coro, durante o verão, trazião sobrepeliz por cima do roquete, com murça preta. No inverno, um amplo manto preto com grande capêlo.

Tambem em Flandres existião muitas Conegas Regrantes da Congregação de S. Victor, como as de Teruana, em Antuerpia: de Bliinderbech, em Malines: de Groenen-Briel, em Gand: de S. Trudon, em Bruges: de Roesbrug, em Ypres: de Nieucklooster, em Berg-Saint-Winoc: de Vaesmunster: de Beaulieu-lez-sin, em Douai: e de Belem, perto de Mons.

Seu vestuario consistia em um habito e escapulario de sarja branca, apertado com um cinto da largura de tres dedos. No coro usavão de um manto preto.



S. NORBERTO

ARCEBISPO DE MAGDEBURGO,

FUNDADOR DA ORDEM DE PREMONSTRATO.

Era de todos mui amado, e bemquisto, por sua nobreza, riqueza, brandura, e affavel condição; e vendo que lhe corrião prosperos ventos, largou as vellas, e engolfou-se em as vaidades do seculo, e deo-se a seus gostos, e contentamentos, fazendo castellos no ar, e cuidando como podia accrescentar aquella, que elle tinha por felicidade. Porem como o mundo seja enganoso, e a ambição não tenha termo, e os gostos das cousas da terra são breves, e misturados com tantos desgostos, e amarguras, não achava Norberto o que buscava, nem porto de descanso em golfo tão bravo, e tempestuoso.

(Fr. Diego do Rosario.)



Vio S. Norberto a luz do mundo na Villa de Xanctis, antigamente Troya, perto da Cidade de Colonia, em Alemanha, no anno de 1082. Seu pai se chamava Heriberto, Conde de Gennep, sua mãe Hadewiga, descendente da Casa de Lorena, ambos pessoas ricas, e piedozas. Cresceo S. Norberto, e com elle cresceo a vivacidade de seu espirito, até que decorridos os primeiros annos de sua juventude, abraçou o estado ecclesiastico, acceitando um Canonico em Xanctis, e ordenando-se subdiacono.

As riquezas que possuia, a par de outras circumstancias, o impedirão de hem desempenhar seu ministerio; porque frequentando a corte do Imperador Hen-

rique 5.º, e a de Frederico Arcebispo de Colonia, inteiramente se abandonou aos prazeres e vaidades do seculo, até que Deos, que o destinava para fundador de uma Santa Congregação, que devia ser um dos mais bellos ornamentos da sua Igreja, lhe deu uma aldrabada nas portas da alma, abriu-lhe os olhos, e fez que visse o perigo em que estava de perder-se no procelloso mar das vaidades humanas.

Meditando nas desordens de sua passada vida, tomou a firme resolução de se converter inteiramente a Deos. Solicitando já o ordenar-se, e alcançando-o do mesmo Bispo, que para isso inutilmente o havia muitas vezes convidado, largou os preciosos vestidos que trajava, com grande espanto de toda agente se envolveo

em uma tunica de pelles de cordeiro, que elle mesmo ageitára, e cingindo-se com uma corda, foi ordenado diacono e Presbitero ao mesmo tempo.

Na Abbadia de Sigeborn, a tres leguas de Colonia, foi elle aprender as funções das suas ordens, e passados quarenta dias, as foi exercer na Igreja Imperial de Xanctis. Pedindo-lhe o Deão e Conegos que celebrasse Missa em um dia de Festa, fez elle depois do Evangelho um discurso tão eloquente sobre as vaidades do mundo, e curta duração da vida, que muitas pessoas se convertêrão. Assim continuou elle de prégar fulminando os vicios, o que lhe grangeou inimigos, e lhe atraio intrigas e ultrages, que suportou sempre com espantosa moderação.

Para comtudo ceder á inveja, resolveo afastar-se por algum tempo. Resignou nas mãos do Arcebispo de Colonia todos os Benefícios de que gosava; vendeo seu patrimonio, dando o dinheiro aos pobres, e encaminhando-se para S. Gil, cidade de Provença, onde então se achava o Summo Pontifice Gelasio, que havia succedido a Paschoal 2.º, delle obteve permissão para annunciar a palavra de Deos em qualquer parte do mundo.

S. Norberto acompanhava seus discursos com tantas mortificações e austeridades, que convertia muita gente; porque andava descalço sobre a neve, vestia apenas a sua pobre tunica, e só comia uma vez no dia, sobre a tarde. Prégando em Valenciennes, foi pelos habitantes instado para que permanecesse; e bem que constrangido,

ahi esteve mais tempo do que projectára, porque lhe enfermárão tres companheiros, que já se lhe haviam unido, e que então morrerão.

Falecendo o Summo Pontifice Gelasio, Galixto 2.º, seu successor, celebrou um Concilio em Rheims, em 1119, para acodir aos males que por então affligião a Igreja. S. Norberto ahi se apresentou, solicitando a continuação de licença para em toda a parte prégar o Evangelho; e ninguem deixou de admirar seu zelo apostolico, sua austeridade de vida, seu afastamento das cousas da terra.

Bartholomeu, Bispo de Lã, lhe pedio que se demorasse na sua Diocese; e então fundou elle a sua Ordem de *Premonstrato*, no Bosque de Coucy.

Quanto não desejou elle nunca mais se afastar deste sitio em que havia encontrado seu repouso, e consolação! Mas forçado a sair muitas vezes por negocios da Ordem, que prodigiosamente se multiplicava, na volta de Roma, onde no anno de 1126 obtivera do Soberano Pontifice Honorio 2.º a sua confirmação, foi solicitado pelo Bispo de Cambrai para ir soccorrer a Cidade de Antuerpia, então abysmada nos abominaveis erros do hereje Thachelino, e seus sectarios.

Improbo foi o trabalho que S. Norberto e seus Religiosos tiveram para derrocar a Heresia; mas conseguirão-no; e os Conegos de Antuerpia, gratos a tão importante serviço, lhe derão a sua propria Igreja, dedicada a S. Miguel, para nella estabelecer uma Communidade, retirando-se

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
K L



Vol

CONEGO REGRANTE PREMONSTRATENSE .

elles para a Igreja de Santa Maria, que depois foi Cathedral.

Nomeado Arcebispo de Magdeburgo no seguinte anno de 1127, foi precisa uma ordem expressa do Cardeal Gerardo, Legado Apostolico, para o obrigar a consentir na sagração. Elle fez sua entrada em Magdeburgo, cavalgando um jumentinho, descalço, e vestido tão pobremente, que o porteiro da Igreja, que o não conhecia, lhe não permittio o ingresso. Felizes tempos!

Grandes forão as perseguições que em Magdeburgo soffreo, e muitas vezes se attentou contra sua vida; mas Deos o livrou sempre, distinguindo-o com grande numero de milagres. Conseguiu comtudo restabelecer a disciplina na sua Diocese; e assistindo em 1131 ao Concilio, que o Soberano Pontifice Innocencio 2.º celebrára em Rheims, lhe foi de grande auxilio, assim como S. Bernardo, deffendendo-o neste concilio, e no de Pisa, em 1134, contra o anti-papa Anacleto, que foi excommungado.

Cessando o scisma, e voltando S. Norberto para Magde-

burgo, ahi morreo em 6 de Junho do mesmo anno de 1134, havendo occupado a Cadeira Archiepiscopal por espaço de oito annos.

Muitos forão os milagres que Deos fez por sua intercessão. S. Bernardo, Pedro o *Veneravel*, e outros Authores, escrevêrão que elle fôra o mais santo, e o mais eloquente do seu tempo. Sepultado na Igreja do Mosteiro de Santa Maria, da sua Ordem, em Magdeburgo, quando esta Cidade abraçou a heresia de Luthero, o Imperador Fernando 2.º o fez transportar para Praga, na Bohemia, no anno de 1627, sendo depositadas suas reliquias em um Mosteiro da sua Ordem chamado Strahow. O Summo Pontifice Innocencio 3.º o canonisou no decimo anno de seu Pontificado; e Gregorio 13.º decretou no de 1582, que sua Festa se celebrasse em 6 de Junho.

Attribuem-se algumas Obras a S. Norberto, e entre ellas, tres Livros de suas Visões, e diversos Sermões. Mas delle apenas se conhece um breve discurso moral, em forma de exhortação, dirigido aos Religiosos da sua Ordem.



1233 a fazer regulamentos para sua reforma, mitigando as antigas austeridades com que S. Norberto a fundára. Os mesmos regulamentos forão renovados pelos Summos Pontífices Alexandre 4.º, em 1256, e Eugenio 4.º, em 1438.

Na Hespanha havia sido introduzida a Ordem de Premonstrato no anno de 1145. Seu primeiro Mosteiro foi o da *Retuerta*, ou *Fuentes Claros*, como consta da doação que deste sitio se lhes fez em 1146, e foi erecto em Abbadia no anno de 1148 por D. Bernardo Abade de *Casa Dei*, na Gasconha. A Ordem chegou a contar em Hespanha 17 Mosteiros de Religiosos, e dous de Religiosas; mas tambem nesta *Cyrcaria*, ou Provincia, chegou a desaparecer quasi inteiramente a disciplina regular, até que seu restabelecimento e reforma foi promovida pelos Summos Pontífices Pio 5.º e Gregorio 13.º, aquelle, em 1570; este, em 1573.

Notamos, porem, que existirão quinhentos Mosteiros de Religiosas Premonstratenses; e na verdade, houve grande numero de viúvas e donzellas, que quizerão abraçar tão estreita Regra sob a direcção de S. Norberto.

Os primeiros Mosteiros, que elle estabeleceo, erão communs para as pessoas de um e outro sexo, e só com a separação de um muro de clausura. Ricovéra, mulher de um cavalleiro chamado Clastre, foi a primeira que recebeu o véo das mãos do Santo Fundador; e foi seguida por tão grande numero de pessoas do seu sexo, que ainda em vida de S. Norberto havia mais de dez mil Religiosas da sua Ordem.

No principio vivião ellas em muita austeridade e silencio; não cantavão no Coro, nem na Igreja, mas resavão em particular o psalterio, ou o Officio de Nossa Senhora. Em entrando no Mosteiro não podião tornar a sair; não lhes era permittido fallar a homens, nem mesmo a seus mais proximos parentes, senão em presença de duas Religiosas, e de dous Irmãos conversos, que devião ouvir sua pratica. Traziaão o cabêllo cortado rente; um pedaço de panno preto lhes servia de véo; e seus habitos erão de lã grosseira, ou de pelles de ovelha.

E comtudo, não foi isto sufficiente para que Anastacia, Princeza de Pomerania — Gertrudes, filha de Luiz Lantgrave de Hesse e de Turingia — Guda, condessa de Arnstin — Ignez, Condessa de Brienne — e muitas outras senhoras da maior distincção, deixassem de abraçar este Instituto. Oito irmãs, filhas de um Cavalleiro do Brabante, chamado Reinero, tomárão juntas o habito desta Ordem no Mosteiro de Pelle-Bergue, de junto de Lovaina. Conhecendo o B. Hugo des Fossés, primeiro discipulo de S. Norberto, e que lhe succedeo no governo da Ordem, que muito podia prejudicar ao bom regulamento a proximidade de pessoas de um e outro sexo, que S. Norberto habia estabelecido não só no Mosteiro de *Premonstrato*, mas em todos os outros, fez decretar no Capitulo Geral de 1137, que de futuro mais se não recebessem pessoas do sexo fememino nos Mosteiros de Religiosos, e que as que naquelle tempo nelles estivessem fossem transferidas para outra par-



CONEGA REGRANTE PREMONSTRATENSE.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS

R L

te. Foi isto confirmado pelo Soberano Pontifice Innocencio 2.º; e logo o Bispo de Lã, de quem já fallamos, fez transportar as que estavam no *Premonstrato* para o Mosteiro de Fontenelle, uma legua afastado; devendo comtudo ser sustentadas pelos Mosteiros d'onde sahissem, como determinárão os Summos Pontifices Innocencio 2.º Celestino 2.º, Eugenio 3.º, e Adriano 4.º

A Ordem de *Premonstrato*, que, como dissemos, abrangeo a Paizes os mais remotos, chegou tambem ao nosso Portugal. Escasas são certamente nossas noticias a tal respeito, e se reduzem ao que nos deixou escripto o Chronista D. Nicoláo de Santa Maria, e ao que se colhe da Historia dos Bispos de Lisboa por D. Rodrigo da Cunha, e da Escriptura 21.ª que vem no fim da 3.ª parte da Monarchia Lusitana. Aquelle, na 1.ª parte da sua Chronica dos Conegos de Santo Agostinho, Liv. 4.º Cap. 15, diz o seguinte:

“ Entrárão os Conegos Premonstratenses em Portugal no anno de 1147 na occasião em que o glorioso Rei D. Affonso Henriques tinha de cerco a Cidade de Lisboa; vierão na Armada dos Christãos, que das partes do Norte então aportou na barra da dita Cidade, em que vinha por Capitão geral Guilherme de Longa Espada, irmão del-Rei de Inglaterra, e com elle Gil de Rolim, e outros Capitães de grande nome, que ajudarão a tomar Lisboa ao invicto Rei D. Affonso Henriques, que em agradecimento, e memoria da mercê que Deos lhe fizera, levantou uma Igreja, e Mosteiro

no lugar aonde teve o seu exorcito, e o dedicou á honra do glorioso Martyr S. Vicente, querendo com isto obrigar ao Santo de antemão a que descobrisse o lugar aonde estava seu santo corpo, que já uma vez tinha mandado buscar ao Cabo dos Corvos além do Algarve; e o Santo se deu por tão obrigado, que da segunda vez que o forão buscar por ordem do mesmo Rei o acháráo, e trouxerão a Lisboa.

” Neste Mosteiro pois entráráo os Conegos Premonstratenses com seu Abbade Gualter no anno de 1148, e El-Rei lho entregou pela fama da santidade que corria destes Religiosos Varrões á petição do General Guilherme de Longa Espada; porém depois de algum tempo ouvindo o mesmo Rei que o Abbade Gualter tratava de sujeitar o seu Mosteiro de S. Vicente ao de *Premonstrato* de França, o não consentio; porque o tinha applicado para sua Camara Real (titulo que ainda hoje conserva) e assim desavindo por esta causa o Abbade com El-Rei, se tornou para *Premonstrato* de França, e largou o Mosteiro; de que tomárão posse os Conegos Regrantes de S. Agostinho por ordem del-Rei. Consta de memorias antigas que dous Conegos Premonstratenses dos quatro companheiros do Abbade Gualter, afeiçoados á terra se deixárão ficar em Portugal, e edificárão um Mosteiro da sua ordem na Igreja da Ermida junto a Roriz no Bispado de Lamego, em que residirão alguns annos em grande observancia regular. »

O mesmo se encontra, com pouca differença, na Historia dos Bispos de Lisboa, Parte 2.^a Cap. 4.^o n.^{os} 3.^o e 4.^o, onde se lê:

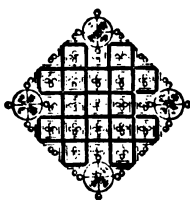
„ Escolha foi do nosso Bispo
„ D. Gilberto, ficasse com a Igreja
„ de Santa Maria dos martyres,
„ sepultura dos cavalleiros Ingle-
„ zes, mortos na mesma causa, e
„ occasião, pela commodidade de
„ ficar mais perto da cidade, e mais
„ á mão para nella ouvirem, e as-
„ sistirem aos officios divinos, os
„ novos christãos, que tinham en-
„ trado a povoalla, largou a el-
„ Rey a de S. Vicente, onde logo
„ poz capellães seculares, que a
„ servissem, mas parecendo-lhe de-
„ pois seria melhor servida por reli-
„ giosos, entregou-a a Gualtero, que
„ de pouco era chegado a Lisboa,
„ com alguns outros companheiros,
„ todos da Religião Premonstra-
„ tense, que então começava a flo-
„ recer na Igreja, e tinha só de
„ confirmação apostolica 27 annos,
„ dada pelo Summo Pontifice Ca-
„ lixto 2.^o no de 1120 á mesma
„ pessoa de seu fundador S. Nor-
„ berto, que depois foi Arcebispo
„ de Magdeburgo, primado de Ale-
„ manha.

„ Assim foi dispondo as cou-

„ sas do seu novo mosteiro Gual-
„ tero, que de todo procurou fa-
„ zello da filhação, ou sujeição de
„ Premonstrato, cabeça da sua or-
„ dem, de maneira, que toda a
„ disposição delle ficasse nos Prio-
„ res daquela casa, porém como
„ el-Rey D. Affonso o queria só
„ para si, e para os Reys seus suc-
„ cessores, sem neste particular
„ admittir composição nenhuma
„ com Gualtero, e seus companhei-
„ ros, ouverão de despejar o mos-
„ teiro, e tornar-se para Frandes,
„ donde tinham vindo. „

Os Religiosos Premonstraten-
ses vestião-se de branco, com um
escapulario por cima do habito.
Quando saíão cobrião um chapéo
e uma capa, semelhante á dos ec-
clesiasticos, mas tudo branco. Em
casa usavão de um pequeno capê-
lo. No coro, e durante o verão,
punhão sobrepeliz e murça bran-
ca; no inverno, um roquete, uma
capa, e um grande capêlo branco.

As Religiosas trajavão apro-
ximadamente como os Religiosos.
Em alguns Mosteiros, só no Co-
ro usavão de um grande manto;
em outros, além do manto, tra-
zião tambem no braço uma murça
branca.

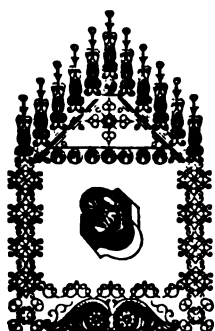


OS CONEGOS REGRANTES DE PORTUGAL.

O ARCEDIAGO D. TELLO.

De tal maneira vivião naquello Mosteiro aquelles Santos, e primeiros Conegos em clausura perpetua, em silencio continuo, em lição das Sagradas Escripturas, em oração afervorada, em penitencia discreta, em rigor de jejuns, em observancia da regra, em amor ardente para com Deus, e em fervorosa charidade para com os proximos, que sendo homens, já nesta vida vivião como Anjos, sendo sua conversação toda no Céu.

CHRONICA DOS CONEGOS REGRANTES.
P.^o 2.^o Liv. 7. Cap. 10.



EIS annos havia que D. Fernando Magno quebrára os ferros á nobre e antiga Cidade de Coimbra. Desabafada do alfange mauritano, já ella, de sobre o erguido monte em que se acha fundada, tranquilla se debruçava, e se revia nas cristalinas aguas do saudoso Mondego, quando em 3 de Maio do anno de 1070 vio nascer em seu seio o Arcediago D. Tello, a quem derão o ser Odorio Telles e D. Eugenia: aquelle, fidalgo illustre e abastado, que se achára na tomada de Coimbra: esta, irmã do Conde D. Sesnando, senhor da mesma Cidade.

D. Tello, de sangue tão illustre, e de partes naturaes as mais gentís, foi devidamente entregue ao Bispo D. Paterno, que o recebeo no Collegio de Clerigos que fundára junto da Sé. O Bispo D. Martinho, que lhe succedeo em 1088, conferio a D. Tello ordens de Epistola, logo que che-

TOM. 2.^o

gou á idade de vinte e um annos, e o fez Conego no de 1091. O Bispo D. Cresconio o fez seu Arcediago em 1092, e o deo por mestre a seu sobrinho S. Theotonio, que depois foi Prior da Igreja Matriz da Cidade de Vizeu, e primeiro Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

A excellencia de D. Tello nas letras e nas virtudes manifestou-se principalmente quando já o Conde D. Henrique tinha o senhorio de Portugal, e era Bispo de Coimbra D. Mauricio, successor de D. Cresconio. D. Tello, cedendo ás instancias do Bispo D. Mauricio, com elle acompanhou o Conde D. Henrique na jornada que elle fez á Terra Santa pelos annos de 1103. Nesta jornada se demorárão tres annos; e durante elles governou D. Tello a Corte, e a caza do Bispo com a maior prudencia.

Foi em Jerusalem que D. Tello teve occasião de instruir-se nas observancias e Constituições dos Conegos Regrantes de Santo Agos-

tinho; foi lá que lhe nasceo o desejo de as transplantar para o seu paiz. De volta a Portugal por Constantinopla, e sendo já vindo o anno de 1110, todo seu cuidado ficou posto na fundação de um Mosteiro.

Contrariado pelo Bispo D. Gonçalo, mal que lhe succedeo D. Bernardo, nomeado pelo Serenissimo Infante D. Affonso Henriquez em Julho de 1128, começou elle de pôr por obra seus desejos, escolhendo sitio e companheiros para o novo Mosteiro.

“ Resolvêrão fundar na Cidade de Coimbra, (diz o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na 2.^a Parte da Historia Ecclesiastica de Braga, cap. 14.) fóra dos muros, e em sitio accommodado, um Mosteiro com titulo de Santa Cruz, onde todos vivessem em communidade, e na maior reformação que lhe fosse possível, não mudando nem o nome, nem o habito, ou estado de Conegos, mas melhorando-o, e tornando-o á sua primeira instituição, como já em Italia e França fizeram outros varões illustres, a quem desejavão imitar. ”

Fóra da antiga Cidade de Coimbra, no valle de Ribella, que então era seu arrabalde, e sitio que se chamava *Banhos da Rainha*, existio uma vetusta Igreja da Invocação de Santa Cruz. “ Fóra todo este sitio antigamente (diz D. Nicoláo de Santa Maria na sua Chronica dos Conegos de Santo Agostinho, Parte 2.^a Liv. 7.^o Cap. 6.^o) de uma senhora chamada D. Susana, mãe do Conde e Senhor de Coimbra D. Sennando, que por seu falecimento deixou á Sé da dita Cidade o

” padroado daquella Igreja, com as casas, e horta, que estavam junto a ella; e os Banhos deixou á Rainha D. Tereja, mãe do Infante D. Affonso Henriquez, de quem os houve o nosso Arcediogo D. Tello com muita fidelidade, por meio, e intercessão de D. Hermigio Moniz grande valido do mesmo Infante, e seu Mordomo mór. ”

A Carta de Doação é datada dos Idos de Dezembro da Era de 1167, que corresponde ao anno de Christo de 1129, assignada pelo Infante, por D. Hermigio Moniz. Mordomo mór, D. Fernando Alferes, e D. Anaia, confirmando a Doação como grandes da Corte, e pelas testemunhas Gonçalo Dias, e Affonso Paez.

“ Em agradecimento desta mercê do Infante (continua o mesmo Chronista), lhe fez o nosso Arcediogo D. Tello um serviço, que elle estimou muito, mandando-lhe de presente uns arreios, e jaezes de cavallo, com um peitoral rico de pedraria, que trouxe de Constantinopla, quando vindo de Jerusalem passou por aquella Cidade, cousa que deu grande gosto ao Infante. ”

As cazas e horta de junto dos ditos Banhos comprou D. Tello ao Bispo D. Bernardo, com consentimento dos seus Conegos, por preço de trinta Morabitinos de ouro (quinze mil reis) no mesmo anno de 1129.

Forão os companheiros do Arcediogo D. Tello: — o Mestre Escholla da Sé de Coimbra D. João Peculiar — O Prior da Sé D. Miguel — D. Honorio, Prior da Igreja de S. Thiago de Coimbra — D.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



ANTIGO CONEGO REGRANTE
de S.ª Cruz de Coimbra.

Sesnando, Prior de Santa Maria do Castello de Monte-mór o Velho — D. Godinho Zaleme, Prior de S. Thomé de Mira — D. Odorio, Prior da Igreja Matriz da Cidade de Vizeu — D. Mendo, que foi depois 1.º Bispo da Cidade de Lamego — D. Pedro Seguino, que foi Bispo de Ourense — D. Pedro Rabaldiz, que foi Bispo da Cidade do Porto — outro D. Mendo, que foi Bispo de Osma — e em fim S. Theotónio, sobrinho do Bispo de Coimbra D. Cresconio, e que foi 1.º Prior do Mosteiro de Santa Cruz.

Em 28 de Junho de 1131 foi lançada a primeira pedra do Mosteiro, sendo Summo Pontifice Innocencio 11.º, Imperador do Occidente Lothario 2.º, Rei de França Luiz 6.º, Rei de Aragão e de Navarra D. Affonso o Casto e Bellicoso, Rei de Castella, Leão, e Galliza D. Affonso 7.º, filho do Conde D. Raymundo, e da Rainha D. Urraca; reinando em Portugal o illustre Principe D. Affonso Henriquez, sendo Arcebispo de Braga D. Payo, Bispo do Porto D. Hugo, e Bispo de Coimbra D. Bernardo.

Em menos de um anno se concluiu a Capella mór, o Coro, e a Claustro com doze Cellas, o Refeitório, e mais officinas; e em 24 de Fevereiro de 1132 assistio o mesmo invicto Principe D. Affonso Henriquez á entrada dos doze illustres varões, sendo-lhes lançado o habito pelo Bispo D. Bernardo, que disse a primeira Missa na nova Capella da Igreja de Santa Cruz; e foi para logo eleito S. Theotónio em 1.º Prior.

“ Ficarão aquelles doze Conegos (diz o citado Chronista)

» em a estreita clausura daquelle
» novo Mosteiro, tão consolados,
» e tão desejosos de seguir o caminho da virtude, que lhes parecia entravão a viver em um paraizo, e sem mais lembrança, ou cuidado do mundo, se entregáram de todo á cultura de suas almas, e como poseram todos seus pensamentos nas grandezas do Céu, não reparavão na estreiteza do sitio em que se tinham encerrado, mostrando que em agasalhados curtos cabião animos grandiosos, e capazes da soberania do Céu. O Dormitório era a mesma clausura, onde estavam ordenadas as Cellas de sorte, que as portas cahião para a mesma Claustro, e tão estreitas, e faltas de luz, que mais parecião sepulturas de mortos, que recolhimento de homens vivos, nem em todo o Mosteiro havia fresta, ou janella para fóra, nem outra vista que a do Céu; no que bem mostravão estes santos Varões, que não edificavão senão para o espirito, pois não tratavão de outras obras mais, que das Cellas para seu recolhimento, e da Claustro em que podessem fallar de Deos, e da Igreja, e Coro, em que o podessem louvar de dia, e de noite. »

A D. Affonso Henriquez se deveo uma nova e grande Igreja de tres naves, uma Claustro superior, e ainda mais outra Claustro, de maneira que se podião accommodar mais setenta e dous Conegos. O Prior S. Theotónio os escolheo no mais florescente daquela Corte e Cidade de Coimbra, e lhes lançou o habito em 24 de Fe-

vereiro de 1133: Nestle nos unicamente os nomes de trinta e dous de entre elles, e são os seguintes:

D. João Theotonio, sobrinho de S. Theotonio, e seu successor no Priorado.

D. Fernão Martins, sobrinho do Mestre Escolla D. João Peculiar, e filho de sua irmã D. Maria Rabaldiz, e de D. Rodrigo Paez, Alcaide mór de Coimbra, que depois foi Bispo do Porto.

D. Alvaro, que depois foi Mestre Escolla da Cathedral de Lisboa, e succedeo no Bispado a D. Gilberto.

D. João de Taíde, que foi terceiro Prior do Mosteiro.

D. Payo Godinho, que padeceo no Mosteiro de S. Romão de Cea, onde foi primeiro Prior.

D. Pedro Alfarde, que compoz o Livro dos Testamentos, e Fundação do Mosteiro, bem como a vida do Arceidiago D. Tello, e foi o quarto Prior do Mosteiro.

D. Salvador, natural da Villa de Soure.

D. Domingos, que foi mandado ao Mosteiro de S. Rufo de França, como já mencionamos em nossa Galeria, e tinha sido soldado, e pagem da lança do Principe D. Affonso Henriquez.

D. Pedro Salamão, que depois foi Arcebispo de Compostella.

D. Pedro Mendez, que foi Conego da Sé de Coimbra.

D. Mendo Pirez, que depois foi Abbade do Mosteiro de Conegos de Santo Isidoro de Leão.

D. João Nunez, que em 1159 foi Abbade do Mosteiro de S. Bernardo de Salzeda.

D. Pedro João, que foi Prior do Mosteiro de S. Pedro de Arganil,

depois mudado para o lugar de Folques.

D. Miguel, que foi Abbade do Mosteiro de S. Bernardo de Alfões, no anno de 1160.

D. Garcia, 1.º Prior e Reformador do Mosteiro de S. Jorge de junto de Coimbra.

D. Nuno Gutierrez, 1.º Prior da Igreja Matriz da Cidade de Leiria.

D. Egidio Rodriguez, 1.º Arceidiago, e depois 1.º Prelado da Igreja Collegiada de Santa Maria de Alcáçova da Villa de Santarém.

D. Pedro Amarello, que depois foi 1.º Prior da Igreja Collegiada de Santa Maria de Guimarães.

D. Pedro Fafez, 1.º Prior do antigo Mosteiro de Rates, que depois se converteo em Igreja Collegiada com Conegos.

D. Raymundo, que depois foi Arceidiago da Sé de Braga.

D. Gonçalo Garcia, que foi Chantre da Sé da Cidade de Vizeu.

D. Rodrigo João, que foi Bispo da Cidade de Tuy.

D. Affonso Mendez, que reformou o Mosteiro de Moreira, e delle foi 1.º Prior pelos annos de 1134.

D. Egas, que reformou o Mosteiro de Villaboa, e delle foi Prior pelos annos de 1141.

D. Mendo, que foi confessor da Rainha D. Mafalda, e 1.º Prior do Mosteiro de Santa Marinha da Costa de Guimarães.

D. Sueiro Gil, que reformou o Mosteiro de Santa Maria de Mohia, e foi seu 2.º Prior pelos annos de 1140.

D. Domingos Paez, que foi 1.º Prior do Mosteiro de S. Martinho de Crasto, no anno de 1142.

D. Mendo, 1.º Prior do Mosteiro de S. Salvador de Ribas.

D. João, que pelos Mouros foi martyrisado, com outros companheiros, no lugar de Ulmar, a tres leguas da Cidade de Coimbra, em 8 de Janeiro de 1190.

D. Pedro, que com outros Conegos padeceo pela Fé em Marrocos, em 18 de Fevereiro de 1192.

D. Affonso, que tambem padeceo em Marrocos com outros companheiros em 15 de Agosto do mesmo anno.

D. Paschasio Confessor, natural de Coimbra, e o derradeiro dos setenta e dous a quem S. Theotonio lançou o habito.

Por diligencias do Arcediago D. Tello, e de D. João Peculiar, foi o Mosteiro de Santa Cruz izento da Juridicção Ordinaria por Breve do Summo Pontifice Innocencio 11.º, dado em Pisa a 13 das Kalandas de Junho, no anno 6º do seu Pontificado, que vem a ser a 20 de Maio de 1135.

Não erão porém passados mais de cinco mezes da sua chegada a Coimbra, quando, em consequencia da jornada, e de continuas penitencias, foi D. Tello salteado de uma grave e mortal enfermidade, nascida de uma postema, que se lhe gerou em uma ilhargia, e de que veio a fallecer. Encomendando muito a seus companheiros o amor e caridade fraternal, e a perseverança no bem começado, delles se despedio, predizendo o dia em que havia de arrancar. Lançou-lhes a benção; e todos lhe beijarão a mão, sendo o primeiro delles o Prior S. Theotonio. Em seguida confêssou-se geralmente, sacramentou-se, e ungiu-se com grande devoção, e muitas lagrimas.

“ E sendo já perto da manhã do dia seguinte (diz o citado Chronista, Liv. 7. Cap. 8.) 9 de Setembro, mandou que o tirassem da cama, e o levassem ao meio da Clastra, donde podesse ver o Céu, e que o lançassem sobre cinza. Posto naquelle lugar, cercado de todos os seus Religiosos, levantou os olhos, e mãos ao Céu, e acabou com aquellas palavras de Christo nosso Salvador na boca: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, quarta feira nove do mez de Setembro em amanhecendo, no anno do Senhor de 1136 com tão grande paz de sua alma, e com tal semblante, e exterior composição, que se duvidou por algum espaço de tempo se estava morto, tão bem assombrada é a morte dos que morrem em o Senhor. ”

Depois de solemnes exequias, a que assistio toda a Cidade, foi visitado com grande veneração na Capella do Espirito Santo uma das colateraes da Igreja da parte do Evangelho. Lá esteve por muitos annos, até que em tempos de El-Rei D. Manoel, derrubando-se a antiga Igreja por ameaçar ruina, foi trasladado para a Clastra nova, e recolhido em uma arca de pedra, que foi mettida na parede da 1.ª quadra da mesma Clastra, entre a Capella de Jesus e Caza do Capitullo.

Ahi esteve até ao anno de 1630, em que com grande artificio se lhe lavrou sepultura de jaspe de diversas cores, que foi collocada dentro de um arco da Capella de S. Theotonio, da parte do Evangelho.

O PRIMITIVO MOSTEIRO

DE


SANTA CRUZ DE COIMBRA.

S. JOÃO DAS DONAS.

— DO —

..... nos claustros resoando
As pisadas dos monges ouço; eis entrão;
Eis se curvárão para o chão beijando
O pavimento, a pedra: oh sim, beijai-a!
Igual vos cubrirá a cinza um dia,
Talvez em breve—e a mim. Consolo ao morto
É a pedra do tumulo.

(A. Herculano. A semana Santa.)

 NCHE-NOS de respeitosa admiração saber, que o primitivo Mosteiro de S.^{ta} Cruz de Coimbra é coevo da Monarchia — que nelle estão sepultados nossos dous primeiros Monarchas — que nelle foi baptisado em 1203, pelo Prior D. Gonçalo Dias, o Serenissimo Principe D. Sancho, filho de El-Rei D. Affonso 2.^o, que nelle veio cursar seus estudos, no começo de Outubro de 1212, o glorioso Santo Antonio de Lisboa, por ordem de D. Gonçalo Mendes Prior do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, onde dous annos antes havia tomado o habito, que... Mas faltar-nos-ia espaço para todos os seus titulos a uma bem merecida celebridade, ainda que sómente nos limitassemos a os apontar. Não podemos comtudo deixar de referir, que o invictissimo Rei D. Affonso Henriquez se intitulava Conego do Mosteiro, e assistia aos Officios Divinos com o seu habito e sobrepeliz. E' um facto mencionado por D. Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica de Braga, e

por Manoel de Faria no seu Epitome da Historia Portugueza, Parte 3.^a Cap. 2.

Lancemos aqui porem com a maior celeridade alguns apontamentos da antiga Igreja e primitivo Mosteiro de Santa Cruz, que tão differente era do que hoje existe, resumindo, quanto nos seja possível, o seu Chronista.

A Capella mór, fundada por D. Tello e seus onze Companheiros, era de abobeda, e tão grande, e tão formosa, que nella cabia o Coro. Foi dedicada á Santa Cruz, á Virgem Maria, e a S. João Evangelista; e tinha debaixo do altar reliquias do Santo Lenho, do Santo Sepulchro do Senhor, do Sepulchro da Santissima Virgem, e de S. João Evangelista.

De abobeda era tambem o corpo da Igreja, com tres naves, e quatro capellas por cada lado. A 1.^a, proxima á Capella mór; do lado do Evangelho, era dedicada ao Espirito Santo, e tinha debaixo do altar reliquias da Santa Ignez, e de Santa Cecilia, Virgem e Martyr, e de



O ARCEDIAGO D. TELLO,
fundador de S.^a Cruz de Coimbra

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

Santa Eulalia, Virgem. A 2.^a era a de S. Pedro, á qual El-Rei D. Sancho 1.^o em seu testamento deixou cem marcos de prata para se fazerem dous frontaes do mesmo metal, um para ella, e outro para a Capella de Santo Agostinho; e tinha debaixo do altar reliquias daquelle Apostolo, de seu Irmão o Apostolo Santo André, do Apostolo S. Bartholomeu, e do Proto Martyr Santo Estevão. A 3.^a era do Martyr S. Vicente, e tinha debaixo do altar reliquias do mesmo Santo, de S. Lourenço Martyr, e dos Santos Gervasio e Protasio. A 4.^a era a de Santo Antão Abbade, e tinha debaixo do altar reliquias do mesmo Santo, de S. Rufo Bispo e Confessor, e de S. Fructuoso Bispo; Capella que adornou o tomou para si a Senhora Infanta D. Constança.

A 1.^a Capella Colateral da parte da Epistola era da invocação de Santo Agostinho, e tinha debaixo do altar reliquias dos Santos Bispos Martinho e Nicoláo, e de S. Jeronymo Doutor da Igreja. A 2.^a era do Archânjo S. Miguel, e tinha debaixo do altar reliquias da Veste de Nossa Senhora, de S. Lucas Evangelista, dos Santos Pontífices Cleto e Calixto, e de Santa Prisca Virgem. A 3.^a era do Apostolo Santo André, onde depois forão depositadas as reliquias dos Santos Martyres de Marrocos, e onde já estavam as do mesmo Apostolo, de S. Mathias, de S. Theodoro, e de S. Sebastião, Martyres. A 4.^a em fim era a de S. Thiago Maior, que depois foi reformada e ordenada por D. Fernando Cogominho, senhor de Chaves, e Alcaide mór de Coimbra, e sua mulher D. Joanna Diaz, senhora da Villa de Atouguia, que a escolhêrão para sua

sepultura, e que muitos annos depois, e em tempo de El-Rei D. Manoel, foi passada para junto da porta da nova Igreja, onde ambos estão em sepultura alta mettida na parede.

Foi sagrada esta antiga Igreja por D. João Bispo Sabinense, em 7 de Janeiro de 1228, tendo vindo a este Reino por Legado *a latere*, o que se acha tambem mencionado pelo Licenceado Jorge Cardoso no 1.^o Tomo do seu Agiologio Lusitano.

A principal Claustro, o Dormitório, e o Refeitório, forão fabricados junto da Igreja, e depois acrescentados pela liberalidade de El-Rei D. Affonso Henriquez, elevando-se o numero das Cellas a oitenta e quatro. — Ignorão-se absolutamente as dimensões destes edificios.

A casa do Capitullo fundou-se na primeira e principal Claustro, e tinha trinta passos em circuito. Para recebimento das seculares se havia feito uma terceira Claustro, junto á Portaria do Mosteiro, e nella uma grande Capella, em que estava o Menino Jesus entre os Doutores. Tinha duas portas, uma para a Claustro do recebimento dos Leigos, e outra para a Claustro dos Conegos; e esta se chamava *Porta da espada na cinta*, porque todas as vezes que ao Mosteiro vinha El-Rei D. Affonso Henriquez, alli tirava a espada ao entrar para a Claustro interior, e alli a tornava a pôr na cinta ao sahir. Por estar naquelle tempo fóra da Cidade era todo o recinto do Mosteiro cercado de muro forte, alto, e largo, com suas torres e ameas, para se deffender dos Mouros, que ainda então occupavão Soure, Leiria, e Santarem, e pelas terras de

Coimbra vinhão fazer suas entradas e correrias.

Com a nova reformation dos Conegos Regrantes introduzida no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, começou outra de mulheres, em que entrãrão as mais das senhoras daquelle tempo, e principalmente da Corte de Coimbra. Tanta devoção levou o Prior S. Theotonio a ordenar tres classes distinctas de Conegas: — a 1.ª, das que vivião nos Mosteiros, e se chamavão *inclusas* ou *emparedadas*, e guardavão a Regra com todo o rigor e perfeição: — a 2.ª, das chamadas *Sorores*, que vivião em suas casas: — a 3.ª, de Conegas Terceiras, que era mais larga, e em que podião entrar senhoras casadas. Da 1.ª classe foi a Condessa D. Elvira, que entrou no Mosteiro de S. João das Donas ainda em vida de S. Theotonio. Da 2.ª foi D. Maria Moniz, que professou em Setembro de 1180, sendo Prior de Santa Cruz D. João Theotonio. Da 3.ª foram as duas primeiras Rainhas de Portugal, D. Mafalda e D. Dulce.

“ Traziaõ as devotas Rainhas
” (diz o Chronista D. Nicolão de
” Santa Maria, Liv. 12. Cap. 4.)
” em signal de serem Conegas um
” Benteinho de linho fino de tres pal-
” mos de comprido, e um de largo
” todo arrendado de renda de ouro,
” que lhes parecia mui bem; e nas
” festas principaes de Christo, e da
” Senhora, e dia de nosso Padre
” Santo Agostinho vestião por gal-
” la um Roquete de linho de man-

” gas largas, de que hoje usão os
” nossos Conegos de Castella, e a
” que chamão *Giraldetes* ”

Nove Donzellas se recolherão no pequeno Mosteiro que S. Theotonio ordenou em Coimbra, composto de certas casas a modo de Dormitorios com sua Claustra e Igreja pequena com titulo de S. João Baptista, tudo junto de Santa Cruz para a parte do Sul, onde hoje se vê a Igreja do mesmo Santo. Existia já este Mosteiro pelos annos de 1136. Cresceo depois o numero das Conegas, que veio a ser de 24, e seis conversas. A 1.ª professa foi a Beata Feliciano, Dama da Rainha D. Mafalda, e faleceo em 4 de Fevereiro de 1162. Foram suas contemporaneas a 1.ª Priora D. Monia ou Monica, falecida em 2 de Setembro de 1170: a Condessa D. Elvira Pirez, falecida em 14 de Novembro de 1164: D. Sancha Rodriguez, filha do Alcaide mór de Coimbra D. Rodrigo Paez, falecida em 5 de Novembro de 1174: D. Examena Cidiz, D. Estephania, D. Gontinha de Bulhões, Tia de Santo Antonio, D. Tareja Pirez, a Infanta D. Constança Sanches, filha natural de El-Rei D. Sancho 1.º, a Infanta D. Maria Affonso, filha legitima de El-Rei D. Affonso 3.º, D. Mayor Dias, fundadora do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, e muitas outras.

Existio este Mosteiro até ao tempo de El-Rei D. João 3.º, passando as Conegas para o Mosteiro de Santa Anna em 1530.



O MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA EM 1540,

AO TEMPO DE SUA EXTINÇÃO.

Para podermos bem descrever este illustre edificio, se requeria obra mais de pincel, que de penna, mais pintura que descripção historizada, porque toda a narração fica curta nas excellencias de edificio tão nobre.

CHRON. DOS CONEG. REGR. DE S. AGOST.
P.^o 2.^a Liv. 7. Cap. 24.



UANDO, pela disposição de nossa Galeria, nos cabe dedicar algumas paginas ás cousas de nossa terra, magoanamos sempre o serem tão estreitos os limites que nos prescrevemos. O coração de nossos Leitores também é portuguez; e grata lhes ha de ser (certos estamos disso) a Discripção do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como elle se achava depois que pela piedade e liberalidade dos Senhores Reis D. Manoel e D. João 3.^o foi reedificado e accrescentado, fundando-se a Igreja pela terceira vez. O que existia em 1540, é o que ainda existia ao tempo da extincção do Mosteiro, salvas pequenas alterações e aformoseamentos devidos a diversos Prioros Geraes; e não podemos exhibir descripção mais exacta e primorosa, que a que nos offe-

TOM. 2.^o

rece o Chronista D. Nicoláo de Santa Maria na 2.^a Parte Liv. 7.^o Cap. 22, e 23, que sendo feita em lingoagem italiana por D. Francisco Mendanha, Prior do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa, para satisfazer a curiosidade do Summo Pontifice Paulo 3.^o, foi depois, e por ordem d'El-Rei D. João 3.^o, traduzida em portuguez pelo Conego D. Verissimo, e naquelle Mosteiro impressa no mesmo anno de 1540. Assim nos não vissemos na dura necessidade de a troncar! Mas ao menos accrescentaremos algumas observações sobre as mudanças, que já existião em 1668, e que resumimos da respectiva Chronica, addindo-lhe aquellas de que actualmente temos noticia.

— “ Sobre este terreiro (o de Sansão) em altura de quatro degráos, está um taboleiro ladrilhado de pedras quadradas, e cercado de grades de ferro, sobre o qual

estão fundados os Bases do soberbo portal da magestade, e torres, e Igreja do dito Mosteiro. (1).....

» O Portal da Igreja está entre duas torres mocças de altura mediana, e de canto talhado, e chama-se Portal da Magestade, por que em o frontispicio delle está a Imagem de Deos Padre em figura de relevo de pedra branca, em a forma que communmente se soe pintar, e em redor estão Imagens de alguns Patriarchas, e Santos do velho Testamento, e da Virgem gloriosa, que foi principio do novo; e todo em perspectiva contrafeita pelo natural, esculpido em pedra mui custosa, e especial. Este Portal fez Mestre Nicoláo Francez, e trabalharão nelle os tres Francezes tambem grandes Mestres, a saber: João de Ruão, Jaquéz Loguim, e Felipe Vduarte; que pera esta obra, e pera a das sepulturas dos primeiros Reis deste Reino mandou vir de França o senhor Rei D. Manoel de gloriosa memoria. (2).....

» Deste Portal pera dentro contra a parte do Oriente, correm a mui espaçosa Igreja, e Capella mór do dito Mosteiro. A Igreja é de uma só nave, e tem de comprido 13 braças, que são 150 palmos, e de largo tem cinco braças, menos dous palmos, e de alto até a abobeda tem 10½ palmos. A abobeda

é toda de pedraria em arte custosa; e mais estimada do moderno, e é toda ladrilhada de pedras quadradas. O Cruzeiro tem de comprido a largura da Igreja, e de largo 28 palmos. Tem a Igreja quatro Capellas de cada parte, que são oito por todas, contando as duas do Cruzeiro.....

» Sobré a Capella de Santo Antonio estão uns formosos órgãos de estranha grandeza, que tem dez diferenças, e o cheo tem doze canos por ponto, todos de estanho mui fino com mistura de prata, lavrados de ponta de diamantes, e ordenados á maneira de mitras. E' este órgão de 24 palmos com duas ordens de registos, e está mettido em uma grande caixa de madeira mui estimada, e custosa, e feita por tal artificio, que além de ser formosa, dá tão suave tom ao instrumento, como se fosse laúde, ou cithara. Em esta mesma parte em altura de sete palmos do lageamento da Igreja, está o Pulpito todo de uma pedra lavrado de historias de diversos Santos, obra muito delicada, e muito pera ver. Além deste Pulpito espaço de 20 palmos contra a Capella mór está a grande, e venusta grade de ferro, que atravessa toda a Igreja, ficando dentro o Cruzeiro, e tem de alto 30 palmos.

» A' entrada da Igreja está o Coro alto levantado sobre o Portal em competente altura de abobeda de pedraria, com um formoso arco perpianho á maneira de Romano, ao qual deu traça um Mestre Biscainho. Tem o Coro de comprido seis braças, e de largo cinco, ha nelle setenta e duas cadeiras para 72 Conegos, conforme ao numero

(1) As alluviões do Rio Mondego tem por tal modo alteado a Cidade baixa, e a praça em que está edificado o Mosteiro, que della, ha muitos annos, se descem dous degrãos para o Adro da Igreja. Nelle existe um Guarda-vento collossal de cantaria de Ançã, edificado nos ultimos annos do passado seculo, obra de mais trabalho que exquisito gosto.

(2) Acha-se hoje mui damnificado pelo tempo este magnifico e sumptuoso portal, em que de mais a mais pelos fins do passado seculo se rasgou uma nova porta de estillo moderno em substituição da antiga.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



S. THEOTONIO
l'Prior de S^{ta} Cruz de Coimbra.

V. 2.

dos Discipulos de Christo; são todas de madeira, que mandou vir de Alemanha por mar El-Rei D. Manoel, e estão lavradas de historias do Testamento velho, e alguns bestiães, e personagens feitas com grande espirito.....

» Passemos da Igreja, e entremos á Capella mór, que tem de comprido até o primeiro degráo quatro braças e seis palmos, e de largo tres braças e seis palmos, os degráos todos occupão tres braças, contando, e medindo do primeiro até á parede em que está encostado o Retabolo. E' toda esta Capella de singular abobeda de pedraria, e de proporcionada altura, e com o ouro que quasi a cobre, e com a grande magestade de seu Altar, e Retavolo, faz uma formosa perspectiva.

» Dentro da Capella mór estão duas formosas sepulturas que pera os corpos dos dous primeiros Reis deste Reino de Portugal, mandou lavrar El-Rei D. Manoel por Mestre Nicolao, e seus companheiros Francezes João de Ruão, e Jacques Loguim, que se esmerarão em as fazer, são ambas de pedra Ançã (pedra que nem em Hespanha, nem em toda França se acha semelhante) porque é mui alva, e limpa, e hoia de lavar, e se serra como se fôra madeira, e se fazem nella mais lavores, e brincos, do que se podem fazer na mesma madeira, e por esta razão se poderão fazer nestas sepulturas tantos lavores, e figuras, as quaes estão por muitas partes tocadas tão delicadamente de ouro, que o ouro não cobre o sentido das figuras, nem a riqueza da pedra, nem as figuras, e pedra aborrecem a riqueza do ouro.

» A primeira sepultura é do invictissimo, e muito alto, e mui poderoso Senhor El-Rei D. Affonso Henriquez de gloriosa memoria, primeiro Rei deste Reino de Portugal, Principe dotado de grandes virtudes, e de tanta fé, esperança, e charidade, como mostrou em todas as acções de sua vida.....

» E' pois a sepultura deste grande Rei a primeira, e está em meio da Capella mór pera a parte do Evangelho, e será de altura de 50 palmos, e de largo vinte e quatro. Os bases desta sepultura estão assentados um palmo acima do lageamento da Capella, dos quaes bases saem dous pilares altos, e formosissimos, revestidos com as Imagens dos doze Apostolos cada um com o instrumento de seu martyrio na mão: no meio do arco da sepultura está a Imagem da Virgem Senhora Nossa da Assumpção, cercada em redor das Imagens dos Santos Anjos, que com diversos instrumentos musicos nas mãos, mostram festejar a gloria de sua Assumpção ao Céu. Aos pés da Virgem gloriosa está o magnifico Moimento, que encerra o corpo inteiro do dito Senhor Rei D. Affonso Henriquez de gloriosa memoria, é todo de pedra com alguns lavores; sobre elle está esculpido, e tirado pelo natural o dito senhor, e é esta sua figura, e imagem de tanta magestade, e gravidade, que está pedindo respeito, e veneração; tem o corpo todo armado, excepto a cabeça, que em lugar de elmo lhe poem dous Anjos a Corôa Real; aos pés tem um leão: em o mais alto da sepultura se vem as Armas do Reino que sustentão dous Anjos, e forão dadas a este grande

nhor Rei D. Manoel mandou fazer sendo Prior mór do Mosteiro D. Pedro Gavião, seu Capellão mór, e Bispo da Guarda, que pôz as suas Armas (que são cinco Gaviões com seu chapéo de Bispo) em as chaves da abobeda da Igreja, e no arco da Capella mór, e no arco do Capitullo, e chaves da abobeda da Claustro principal, e nas chaves da abobeda do Refeitório. As obras que se seguem mandou fazer o senhor Rei D. João 3.^o quando mandou reformar este Mosteiro no anno de 1527.

» Primeiramente a Claustro chamada da manga, pelo mesmo Rei a traçar na manga da roupa Real, de que estava vestido. E' esta Claustro quadrada, e tem 200 palmos de comprido, e 15 de largo, porque não é de abobeda, mas singularmente forrada, com vinte arcos de pedraria. Em o meio do Céu desta Claustro, ou tudo o que fica descoberto ao Céu, é uma fonte de agoa feita por tal arte, que se não póde descrever, nem dizer de seus primores, que não seja menos do que é na verdade. Tem esta fonte á entrada quatro arcos de pedraria, que estão em meio de todas as quatro partes desta Claustro. Destes arcos contra o ponto do meio da mesma Claustro, correm quatro ruas de largura de doze palmos, cercada cada uma de dous tanques, ou rios de agoa da mesma largura, e de seis palmos de alto. Entre rio, e rio está um jardim de limões, limas, e cidras, e outras frutas, e ervas prezadas, e mui cheirosas, e assim quatro jardins, e oito rios.

» Em meio destes rios, e destas ruas, se levantão quatro esca-

das de pedra mui bem lavradas de sete degrãos cada uma, que correspondem a cada rua, ficando cada uma destas escadas entre dous grandes bestiães de pedra, que seem-lhão vivos, sobre os quaes se faz um taboleiro oitavado todo mui bem lageado, sobre o qual em o ponto do meio está a fonte donde mana a agoa para os oito tanques, ou rios, a qual tem duas bacias em altura de sete palmos por tal arte feitas, que cheia a primeira, cáe a agoa na segunda, que é maior, e della por canos secretos cáe do alto por quatro bicas em os rios. E sobre este lageamento assentão os bases, e pedestaes de umas formosas columnas de marmore de vinte palmos de alto, com seus capiteis, os quaes são leados com uma alquitrava redonda mui formosa, donde nasce a abobeda da dita fonte á maneira de cimborio, com seu corucheo, e remate mui perfeito.

» Em a alquitrava desta abobeda afferrão em cruz quatro arabotantes de pedra branca mui artistas, que tem os estribos sobre os portaes de quatro Capellas de abobeda redondas, com seus corucheos; os portaes destas Capellas são de pedra quadrados, como tem as frestas, que tem suas vidraças de cores. Os retabolos destas quatro Capellas são também de pedra, feitos pelo Mestre João de Ruão: o retabolo da primeira Capella, ou Ermida, é de S. João Bautista vestido de cilicio, e posto em o Ermo em contemplação. O retabolo da segunda Capella é do glorioso Doutor da Igreja S. Jeronymo posto em o Ermo, e quasi nú, e em uma mão tem o Crucifixo, e com a outra, que é a direita o está adoran-



Porto-Lith. R. de Rebolcira. V. 29c Jo

D. PEDRO REBALDIZ,
Bispo do Porto.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

do e ferindo com uma pedra os peitos. O retabolo da terceira Capella é de S. Paulo primeiro Ermitão, que tem ante si a palma, de cujas folhas se vestia, e de cujo fruto se sustentava, e nella o Corvo com meio pão no bico. O retabolo da quarta Capella é de S. Antão posto no Ermo em oração, e o Demonio tentando-o em figura de uma donzella formosa.

» Sahindo desta fonte pela rua que corre contra o Norte, e tornando a entrar nesta Claustra, está defronte um arco de pedra parda, com uma grade de ferro, o qual arco é uma Capella de abobeda toda fabricada, a saber: paredes, abobeda, e altar, de ossos de Cavalleiros, que morrerão peleijando contra os inimigos de nossa Santa Fé no Campo de Ourique, que por mandado do grande Rei D. Affonso Henriquez, forão daquelle Campo de batalha trazidos a este Mosteiro. A vista desta Capella, e contemplação de tantos ossos de defuntos, trazem á memoria dos que a vem, e vem da deleitação, e amenidade de tão formosa fonte, tanques, e jardins, o em que tudo vem a parar, que é na morte.

» Por cima desta Claustra da manga, em lugar de varandas, e sobre claustra, corre da parte do Norte o Dormitorio dos Velhos, e anciãos; e da parte do Nacente a Enfermaria dos doentes; e da parte do meio dia o Dormitorio dos Irmãos Conversos, sobre o qual está outro dos Conegos, que não tem Ordens Sacras; e da parte do Poente corre uma grande varanda, que é lugar deputado pera os Conegos conversarem nas horas, que não são de silencio, e pera se exer-

citarem na musica, e artes liberaes. Sobre esta varanda está outro Dormitorio dos Conegos Diaconos, e Subdiaconos, que os Sacerdotes morão todos no Dormitorio principal, de que já tratamos.

» Mas nam é pera passar tão de corrida pela Casa da Enfermaria, pela perfeição com que está feita. Tem esta casa 60 covados de comprido, com seis janellas grandes de pedra parda, tres que cahem sobre a horta do Mosteiro para a parte do Oriente, e outras tres que cahem sobre a fonte, e jardins da Claustra da manga para a parte do Occidente.....

» E deixando de dizer de outras muitas Officinas, que ficão dentro da clausura deste Mosteiro, como são: A casa da Noviciaria, a casa da fazenda, e da rouparia commua, a casa da Visitação, e Capitulo Geral, e a casa do Conselho, passo a descrever as Hospedarias, e mais casas que ficão no terreiro do mesmo Mosteiro, ao qual se entra pela segunda Portaria, que chamão do carro. E' este terreiro todo calçado de pedra, e tem de comprido mais de 250 covados, e de largo 30. Da parte do Sul o cerca todo ao comprido o Dormitorio principal dos Conegos Sacerdotes, e da parte do Norte umas formosas varandas descobertas todas lageadas de abobeda com seus arcos de pedraria bem lavradas, com quatro formosas escadas de pedra, por onde se sobe ás Casas da Procuração, ao Dormitorio dos criados, que é dous andares, porque no de cima morão os Moços fidalgos, e no debaixo os demais criados. Tambem desta parte do Norte ficão as casas da farinha, e fornos

Claustra, e nas columnas della fez entalhar toda a historia da trasladação do Corpo do glorioso Martyr S. Vicente. Depois de governar treze annos, o nomeou El-Rei por segundo Bispo de Lamego, incumbindo-lhe a eleição de seu successor no Priorado, que recaio em D. Mendo, Conego do Mosteiro de S. Salvador do Banho; e foi este o 2.º Prior, começando seu governo em 1174, e acabando-o pela sua morte em Outubro de 1182. A D. Mendo succedeo D. Payo, tambem Conego do Mosteiro do Banho. Fundou elle um Hospital para pobres e peregrinos, e dormio no Senhor em 30 de Novembro de 1199.

Succedeo-lhe o Prior D. Pedro, que em 1206 alcançou do Summo Pontifice Innocencio 3.º o Breve, que isentou da jurisdicção ordinaria, e tomou debaixo da protecção da Sé Apostolica o Mosteiro, e sua Freguezia. Conseguindo em fim renunciar ao Priorado, como ardentemente desejava, no começo de 1209 lhe succedeo D. Gonçalo Mendez. Foi este Prior quem no começo do anno de 1210 lançou o habito de Conego Regrante ao glorioso Santo Antonio, que até então se chamava Fernão Martinz de Bulhões. D. Gonçalo Mendez faleseco em 22 de Fevereiro de 1249.

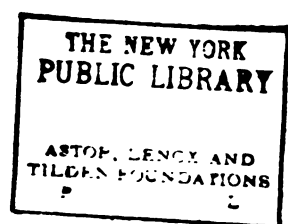
Tinhão decorrido 436 annos, depois que D. Affonso Henriquez fundára a Igreja de S. Vicente. Estava ella ameaçando ruina; e o Prior e Conegos tractarão de a reconstruir. Foi a primeira pedra lançada pelo Cardeal Alberto em 25 de Agosto de 1582, sendo Summo Pontifice Gregorio 13.º, Rei de Hespanha D. Filippe 2.º, Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida,

e Prior de S. Vicente D. Hilarião.

Tão magestosa foi a traça da Igreja, que com se trabalhar na obra, e com grande fervor, 23 annos continuos, apenas se pôde concluir o Coro baixo, a Capella mór, e o Cruzeiro. E porque já por sua grandeza podia servir de Igreja, para ella se fez a trasladação em 18 de Maio de 1605. Vinte e quatro annos depois, no de 1629, se acabou por dentro o corpo da nova Igreja, celebrando-se com a maior solemnidade a Festa de Santo Agostinho em 28 de Agosto.

Tem a Igreja pela parte exterior 360 palmos de comprido, e 150 de largo; e pela parte interior tem de comprido 333 palmos, e de largo no Cruzeiro 123. E' toda de pedra das pedreiras de Alcantara, de uma só nave, e tem tres capellas por banda. A abobeda é toda de pedras brancas e pardas. A' Igreja se encostão pela parte do Sul duas grandes Claustros. As mais officinas ficão para a parte do Nacente e campo de Santa Clara, por cima das quaes corre o Dormitorio, que tem seu principio no postigo de S. Vicente, e vai correndo até o postigo que chamão do Arcebispo, donde vira e vai continuando pela parte do Sul, fazendo segundo Dormitorio, e remata no 3.º, que corre pelo Poente, e vem fechar na parede da Igreja. Do antigo Mosteiro, edificado por El-Rei D. Affonso Henriquez, só resta a Clastra principal, e parte da Clastra da Portaria.

— S. JORGE DE APAR DE COIMBRA —. Na Mata de Mirlaos, a um quarto de legua além da ponte de Coimbra, andava monteando o Conde D. Sesnando, senhor da mesma Cidade, quando, descenfrendo-se





Engr. de R. do Reboteiro N.º 30

D. NICOLAO DE S.^ª MARIA

Chronista do Concelho Regrantes de S.^ª Agos.

em Portugal

lhe o cavallo, esteve a ponto de precipitar-se. S. Jorge! — exclamou elle com grande fé; e o Santo, a quem sempre se encomendava quando ia a batalhar com Mouros, fez que o cavallo parasse, ficando com as mãos no ar até que o Conde se desmontou. Em signal de gratidão fundou-lhe elle uma Ermida no valle daquelle monte pelos annos de 1080. Mais tarde prometteo convertê-la em Mosteiro, se lhe sarasse um filho, que lhe nascera enfermisso. Tornou-se o menino robusto e são; mas dilatando-se a execução do voto, morreo esse filho, e adoeceu sua filha D. Gelvira, ou Elvira. Assim advertido o Conde pelo Céu, mandou abrir os alicerces para a obra; e o Bispo de Coimbra D. Paterno lançou a primeira pedra da nova Igreja com grande solemnidade em 23 de Abril de 1084. Subito a filha cobrou saude.

Concluiu-se a Igreja e o Mosteiro pelos annos de 1088, e nelle foram postos Clerigos de boa e aprovada vida. Em 1125, os Clerigos deste Mosteiro, em cujo numero entrava Salvador Guimariz, sobrinho de Martim Moniz, que casara com a filha do Conde, resolvêrão fazer Regular a Igreja de S. Jorge, e nella viver em commun, conforme a Regra de Santo Agostinho. Recebêrão o habito das mãos do Bispo de Coimbra D. Gonçalo, e em sua presença elegerão por Prior a Domingos Paez. Os primeiros Conegos Regrantes moradores neste Mosteiro forão (além do Prior) os Presbiteros Tello, Garcia, e Martinho, os Diaconos Zoleima, e Salvador Guimariz, que por sua humildade não quiz nunca ser sacerdote.

Tanto desde então cresceo o

Mosteiro de S. Jorge, que já no anno de 1190 era dobrado de Conegos e Conegas, que em numero de nove vivião em sua habitação apartada.

Os Conegos erão vinte e seis, e tinhão tambem Hospital para curar pobres, e agasalhar peregrinos.

Em 1526 mandou o Prior D. Martinho Portugal demolir a antiga Igreja de tres naves, que já ameaçava ruina, e fez edificar outra de uma só nave.

— S. PEDRO DE FOLQUES —. Na Villa de Arganil foi a primeira fundação deste Mosteiro. Tão antigo como o de Lervão, nelle perseverarão os Conegos Regrantes no tempo que os Mouros senhoreárão Hespanha. A mais antiga memoria que delle existe, quando ainda estava em Arganil, é do anno 1086, na doação que Vermudo Paez, e sua mulher Elvira Draiz, fizerão ao Santo Prior Goldrofe de umas herdades que tinhão no lugar de Folques. No tempo deste Prior era Rei de Hespanha D. Affonso 6.º, senhor de Coimbra o Conde D. Sesnando, e Bispo da mesma Cidade D. Paterno.

Achando-se já o Mosteiro muito arruinado, foi mudado para Folques em 1190, sendo Prior D. Gonçalo, e Bispo de Coimbra D. Miguel; até que depois de correr a má fortuna de outros em poder de Comendatarios, foi dado por El-Rei D. Sebastião á Congregação de Santa Cruz de Coimbra para o reformar. Esta união só se verificou em 1595.

— S. ROMÃO DE CEA —. Pelos annos de 1138 vivião dous Clerigos junto da Villa de Cea, na Ermida de S. Romão, que doárão a Santa Cruz de Coimbra para que se convertesse em Mosteiro de Conegos. Chamavão-se elles João Cidiz, e Fa-

filla. No seguinte anno acrescêrão outras doações de D. Elvira Moniz, e de um fidalgo por nome Ansedo, e sua mulher Gentile, de sorte que já em 1140 o Prior de Santa Cruz S. Theotonio mandou acrescentar e cercar as casas, que estavam junto da Ermida, dando-lhe forma de Mosteiro, fazendo-lhe uma torre para sua defensão, e nomeando-lhe por primeiro Prior D. Payo Godinho, a quem deo por companheiros nove Conegos de Santa Cruz, que entrá-rão no Mosteiro de S. Romão em 24 de Junho de 1142.

Cresceo o Mosteiro pelas muitas doações tanto dos Monarchas, como de particulares, até que invadindo os Mouros as terras da Beira, lhe poserão cerco em 17 de Fevereiro de 1196. Recolhidos e fechados não podião os Conegos ser offendidos, mas juntando os Mouros muita lenha em torno do Mosteiro, e pondo-lhe fogo por muitas partes, tudo se abrazou com o santo Prior D. Payo Godinho, e seus companheiros.

Que então de todo não acabara o Mosteiro de S. Romão de Cea se conhece pelas memorias, que delle, e de seus Piores existem com data de 1226. Não consta porém quando inteiramente se extinguiu.

— SANTA CRUZ DE CORTES —. Em virtudes e santidade florescia na Sé Cathedral de Ciudad Rodrigo, pelos annos de 1180, um illustre Conego chamado D. Salamão, que era ao mesmo tempo Prior de S. Miguel da mesma Cidade. Teve elle a inspiração de fundar um Mosteiro no Valle de Cortes em honra da Santa Cruz, e se lhe associou D. Vilhelmo, Mestre Escola da mesma Sé.

Por cem Morabitinos se com-

prou o sítio; fundou-se logo a Igreja, e junto della um pequeno Mosteiro, que constava de uma Claustro, Dormitorio com doze Cellas, Refectorio, e mais officinas, dizendo-se a primeira Missa em 14 de Setembro de 1182, tomando o habito, com mais dez companheiros, D. Vilhelmo, e D. Salamão, eleito 1.º Prior.

Pela boa fama, que tinha o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, lhe quiz D. Salamão sujeitar o de Cortes, e para esse fim se partio para este Reino com D. Vilhelmo, e com D. João, Chantre da Sé de Ciudad Rodrigo. O Prior de Santa Cruz D. João de Tayde os agasalhou como cumpria; e por Carta celebrada em Junho de 1182 foi o Mosteiro de Cortes recebido como filial, retirando-se D. Salvador e seus companheiros cummulados de presentes e doações, que ficárão constando de um inventario existente no Mosteiro de Santa Cruz.

Pelas guerras que houve entre os Reis de Portugal, e de Castella, se desanexou depois o Mosteiro de Cortes.

— S. SALVADOR DE MOREIRA —. Era este Mosteiro o mais antigo da Ordem Canonica na Provincia do Minho. Segundo observações de nossos melhores Antiquarios, existia elle, com titulo de S. Jorge, em 862, no lugar de Gontão, em terra da Maia, a meia legua de distancia de Moreira, onde depois foi fundado em 1064 por D. Mendo, seu 1.º Prelado com titulo de Abade. Era elle filho de Egas Trutesindes, e de Hermesenda Gonçalvez. Seguirão-se depois a D. Mendo na prelazia, D. Gelmiro, D. Mendo 2.º do nome, e D. Affonso Mendez, Conego de Santa Cruz, que renunciou o titulo

de Abbade, e tomou o de Prior.

Era este Mosteiro dos dobrados, e nelle perseverarão as Conegas por muitos annos, até que passarão para o Mosteiro de S. Christovão de Rio Tinto, levando comsigo sufficiente renda do de Moreira, e ahi estiverão até ao anno de 1535, em que passarão para o Mosteiro de S. Bento do Porto, e se tornarão Freiras de S. Bento.

O Mosteiro de Moreira caíu com o tempo em poder de Commendatarios, sendo o ultimo delles D. Fulgencio, filho do Duque de Bragança D. Gemes. Os Conegos de Santa Cruz de Coimbra D. Clemente e D. João o reformarão em 22 de Julho de 1562, ficando assim unido á Congregação de Coimbra.

Estando já o Mosteiro muito arruinado, foi de novo feito, lançando-se a primeira pedra em 3 de Maio de 1588, sendo Summo Pontifice Sixto 5.^o, Bispo do Porto D. Fr. Marcos de Lisboa, e Prior do Mosteiro D. Henrique Brandão. A Igreja foi acabada em 1622, e é a que ultimamente existia.

— S. SALVADOR DE GRIJÓ —
Era o anno de 912. Reinava em Galiza e Leão D. Affonso 3.^o o Magno, quando os dous irmãos Guterre Soares, e Ausindo Soares, edificarão na terra da Feira, a duas leguas da Cidade do Porto, uma Igreja, que por ser pequena, se chamou em latim *Ecclesiola*, e em portuguez Igreja, ou Igrijó, e agora com pouca corrupção Grijó. Outros Clerigos se lhe juntarão, e em 922 se edificou um Mosteiro junto da dita Igreja. Guterre Soares foi o 1.^o Abbade; e fullescendo em 6 de Agosto de 944, succedeo-lhe seu irmão Ausindo Soares.

Foi a Igreja augmentada em 1093 por Sueiro Fromariguez, sobrinho dos fundadores, e sagrada pelo Bispo de Coimbra D. Cresconio em 3 de Novembro do mesmo anno. Sueiro Fromariguez morreo em Maio de 1110, pelejando valerosamente contra os Mouros de Santarém, e sendo já o Conde D. Henrique senhor de Portugal.

Em 1135 abraçou o Mosteiro de Grijó a Reformação de Santa Cruz de Coimbra, e com ella foi 1.^o Prior D. Trutesindo, um dos mais antigos Conegos do Mosteiro. N'elle veio a tomar o habito D. Nuno Sanchez, filho natural de El-Rei D. Sancho 1.^o, que fallesceo, cheio de boas obras e merecimentos, em 16 de Dezembro de 1246. O Mosteiro, depois de unido á Congregação de Coimbra por Bulla de 26 de Fevereiro de 1540, foi reedificado passados annos, lançando-se a primeira pedra em 28 de Junho de 1574.

— NOSSA SENHORA DE VILLOBOA DO BISPO. — Foi este antigo Mosteiro fundado no Concelho de Benaviver pelo illustre Capitão D. Moninho Viegas, chamado o Gasco, que reedificou a Cidade do Porto, e alcançou dos Mouros gloriosas victorias. Pela que obteve pelos annos de 990 junto do logar de Valboa fundou elle uma Igreja, que foi acabada em 992, e sagrada pelo Bispo do Porto D. Nonogo.

Nella forão postos Clerigos de boa vida, sendo 1.^o Abbade D. Rosardo, que das partes de França viera na Armada dos Gascões com o fundador. Mais tarde, cansado de lidar e batalhar com Mouros, entregou D. Moninho sua casa e estado a seu filho D. Egas Moniz, e tomou habito no Mosteiro, succedendo ao Abbade

D. Rosardo, mas com o titulo de Prior, e vindo a morrer no anno de 1022.

O Mosteiro pelo decurso dos tempos caio em poder de Commendatarios, sendo o ultimo delles D. Miguel de Almeida. Unio-se elle depois á Congregação de Santa Cruz de Coimbra, sendo 1.º Prior trienal D. Mauricio da Esperança.

— S. MARTINHO DE CARAMOS.

— Foi fundado entre Guimarães e Amarante, em tempos de D. Fernando Magno, pelo Conde D. Nuno Mendes, Governador das terras de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes. Combatia elle os Mouros no Campo da Veiga, onde está o Mosteiro; e vendo que os seus viravão costas, chamou com grande fé pelo valeroso S. Martinho, que logo vio junto de si, a cavallo, e matando Mouros. Assim animado, bradou aos seus com grandes vozes: *Cara aos Mouros que S. Martinho é em nosso favor e ajuda.* Os Soldados fazendo outra vez rosto aos Mouros, os desbaratárão; e o Conde agradecido no mesmo sitio fundou uma Igreja pelos annos de 1068, dando-lhe o nome de S. Martinho de *Cara a Mouros*.

O Conde morreo em 1071, na batalha que em favor dos Portuguezes, deo a El-Rei D. Garcia no logar de Pedroso, entre Braga, e o rio Cavado; e seu filho D. Gonçalo Mendez, vendo-se perseguido pelo Rei, e ordenando-se, começou a edificar um Mosteiro junto da Igreja, para nelle se recolher com alguns Clerigos, que se lhe unirão.

O Mosteiro concluiu-se pelos annos de 1090, e em 28 de Agosto do mesmo anno lhes lançou o habito de Santo Agostinho o Arcebispo de Braga D. Pedro. D. Gonçalo Men-

dez foi eleito 1.º Prior, e governou o Mosteiro até á sua morte em 8 de Janeiro de 1124.

O ultimo Prior perpetuo foi D. João Pinto, Conego de Santa Cruz. Unio-se á Congregação de Coimbra em 12 de Fevereiro de 1595.

— SANTA MARIA DE LANDIM.

— Foi fundado a tres leguas de Braga por D. Rodrigo Froyas de Trastamara, filho de D. Froyas Bermuis, Conde de Trastamara, que ajudou o Conde D. Henrique nas suas guerras e conquistas, e casou com D. Moninha Mendez, filha de D. Gonçalo Mendez o Lidador.

No anno de 1096 já era Prior do Mosteiro D. Pedro Rodriguez, filho do illustre Capitão D. Rodrigo Froyas de Trastamara. E aos cinco do mez de Agosto de 1562 tomou a Congregação de Santa Cruz de Coimbra posse do Mosteiro, sendo 1.º Prior trienal D. Philippe.

D. Nicoláo de Santa Maria diz que o verdadeiro nome deste Mosteiro é Nandim, e não Landim.

— SANTA MARIA DE REFOYOS DE LIMA. — Affonso Ancemondes, que sempre acompanhou nas guerras o Conde D. Henrique, e que morreo em Astorga em 1112, tinha seu solar a meia legua de Ponte do Lima. Morto o Conde, edificou elle no seu morgado, pelos annos de 1120, uma Igreja e Mosteiro de Conegos Regrantes, de que foi 1.º Prior seu filho Pero Mendez, Arcediago da Cathedral de Tuy, e falecido em 18 de Novembro de 1154. O Mosteiro unio-se á Congregação de Santa Cruz de Coimbra em 1565.

— S. SALVADOR DE PADERNE.

— Este Mosteiro, situado junto do Rio Minho, a meia legua de Melgaço, tomou o nome da Condessa D.



IRMÃO CONVERSO

*dos Conegos Regrantes de S.^{ta} Agostinho
em Portugal.*



THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

Paterna, sua fundadora, chamando-se a principio **Mosteiro de Paterna**. Viuva do Conde de Tuy D. Hermenegildo, fundou esta Senhora o Mosteiro na sua quinta e herdade, para nelle se recolher com quatro filhas, e outras parentas e senhoras de Tuy. Foi a Igreja sagrada por D. Payo, Bispo de Tuy, em 6 de Agosto de 1130, que então mesmo lançou o habito de Conega á Condessa D. Paterna, e suas companheiras. Sete Clerigos, que o Bispo alli posera como Capellães, fizeram-se Regulares no anno de 1138, vivendo em commum, porém com claustra e mais officinas apartadas. Ella faleceu em 6 de Janeiro de 1140, e lhe succedeo sua filha D. Elvira.

Em 1231 já o Mosteiro era só de Conegos, sendo Prior D. Pedro Pirez, que fez uma Igreja mais espaçosa, acabada e sagrada pelo Bispo de Tuy D. Egidio.

Foi incorporado na Congregação de Santa Cruz de Coimbra em 1554.

— **SANTA MARIA DE VILLA NOVA DE MOHIA**. — A meia legua de distancia da Ponte da Barca foi edificado este Mosteiro por Godinho Fafez de Lanhoso, Rico homem de El-Rei D. Affonso de Leão, e que ainda acompanhou o nosso Conde D. Henrique, como elle mesmo diz na Carta de Doação, que fez ao Mosteiro no anno de 1103, sendo Prior D. Ramiro Fafez, que é o 1.º Prelado que nas escripturas se encontra nomeado, e que era talvez parente do Fundador.

O ultimo Prior perpetuo foi o Doutor Antonio Martins, estando na Curia de Roma por Agente de El-Rei D. João 3.º Por seu falecimento, em 1594, se unio o Mosteiro á Con-

gregação de Santa Cruz de Coimbra.

— **S. MARTINHO DE CRASTO**. —

Em 1136 fundou D. Onerico Soeiro, no seu solar de Crasto, a Igreja de S. Martinho Bispo de Tours, de quem era mui devoto. A obra do Mosteiro concluiu-se em 1140; e nelle pôz o Fundador Conegos Regrantes, sendo 1.º Prior D. Domingos Pacz, um dos primeiros a quem S. Theotonio lançara o habito.

A Congregação de Santa Cruz delle tomou posse em 1593.

— **SANTA MARIA DE OLIVEIRA**.

— Junto do Rio Ave, no julgado de Vermoim, Arcebispado de Braga, foi este Mosteiro fundado por Arias de Brito, pelos annos de 1033. A Igreja foi depois acrescentada por D. Sueiro de Brito; e a Claustra, que ultimamente tinha, foi mandada fazer em 1559 por D. Pedro da Costa Bispo do Porto, e depois de Osma.

O Prior Geral de Santa Cruz de Coimbra, D. Accursio de Santo Agostinho, delle foi tomar posse em 1599.

— **S. MIGUEL DE VILLARINHO**.

— Uns fidalgos da geração dos Fafez havião fundado uma Abbadia secular a pouca distancia da ponte de Negrellos no Arcebispado de Braga. O Abbade Gonçalo Anes Fafez ahi começou um Mosteiro pelos annos de 1070; e em 1074 já elle estava acabado, com dez Conegos. O titulo de Abbade se converteo pelo tempo adiante no de D. Prior.

Pelos annos de 1405, se fizeram varias obras no Mosteiro, e entre outras a Torre e Campanario dos sinos, e a Caza do Capitulo, sendo D. Prior D. João Gonçalvez da Camera. Em 1610 se incorporou na Congregação de Coimbra.

— **S. SIMÃO DA JUNQUEIRA**. —

Entre os Rios Ave e Deste, a meia legua de Villa do Conde, foi fundado este Mosteiro. Era tradição entre os seus antigos Conegos, que elle já existia antes da perda de Hespanha; e parece, que indo o Arcediago de Braga D. Arias visitar algumas Igrejas, por ordem do Arcebispo D. Pedro, no anno de 1072, chegara ao logar da Junqueira, e vendo as ruinas do antigo Mosteiro, o mandou restaurar, e nelle ficara por Abbade, com mais cinco Presbiteros, e um Diacono. D. Payo Guterrez, que veio a este Reino com o Conde D. Henrique em 1080, o acrescentou muito em rendas o edificios.

Em 1594 foi elle unido á Congregação de Santa Cruz de Coimbra.

— **SANTO ESTEVÃO DE VILELA.** — Quatro leguas ao nascente do Porto foi este Mosteiro fundado pelo illustre Capitão D. Payo Guterrez. Não consta ao certo o anno da fundação; mas já no de 1118 nelle havia Conegos com seu Prior Affonso Paes.

Em 1595 se unio elle á Congregação de Santa Cruz de Coimbra; e foi eleito em 1.º Prior trienal D. Gaspar dos Reis, que o restaurou com grande zelo, assim no espiritual, como no temporal.

— **SANTO AGOSTINHO DA SERRA DE VILLA NOVA DO PORTO.** — Este Mosteiro fundado na serra de Quebrantões, bem defronte da Cidade do Porto, teve seu principio pelos annos de 1538, sendo Summo

Pontifice Paulo 3.º, Rei de Portugal D. João 3.º, e Bispo do Porto D. Fr. Balthasar Limpo. Por este Bispo foi lançada a primeira pedra com grande solemnidade em 28 de Agosto, dando-se ao Mosteiro o titulo de S. Salvador, que depois se mudou para o de Santo Agostinho em 1566. Toda a despesa saía das rendas do de Grijó.

Em 1598, parecendo pequena e acanhada a Igreja que existia, foi pelo Prior D. Accursio de Santo Agostinho fundada uma nova Claustro de abobeda, bem como a Igreja que agora existe.

Neste Mosteiro foi Prior o insigne Chronista D. Nicalão de Santa Maria, que muito havemos seguido nesta nossa tarefa.

— **S. THEOTÔNIO DE VIANNA DO LIMA.** — Foi este Mosteiro fundado na Villa de Vianna, em logar alto e aprasivel, sendo lançada a primeira pedra com grande solemnidade pelo Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha em 5 de Agosto de 1631, quinhentos annos depois da fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Para elle se passarão os Conegos no principio de Julho de 1642, e se celebrou a primeira Missa em 5 de Agosto do mesmo anno.

Segundo o mappa da Commisão Interina da Junta do Credito Publico, de 10 de Fevereiro de 1835, era o rendimento de todos os Mosteiros existentes ao tempo da extincção, — 120:244 \$ 128.

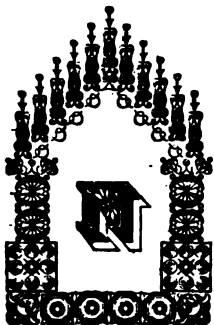


OS MOSTEIROS DE CONEGOS REGRANTES

QUE

PASSÁRIO PARA OUTRAS ORDENS.

MOSTEIROS DE DONAS.



osso trabalho ficaria por ventura muito mais incompleto, senão dessemos ainda noticia, de alguns Mosteiros de Conegos Regrantes de Portugal, que se derão a outras Ordens, bem como de alguns outros antigos Mosteiros de Donas, que se extinguirão.

— SANTA MARINHA DA COSTA DE GUIMARÃES. — Este Mosteiro, aprasivelmente situado á vista da Villa de Guimarães, e ao oriente della, foi fundado pela Rainha D. Mafalda, Mulher de D. Affonso Henriquez, no anno de 1154; e foi seu 1.º Prior D. Mendo, um dos primeiros 72 Conegos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Quatrocentos annos foi elle possuido pelos Conegos Regrantes, até que em 27 de Janeiro de 1528 foi dado aos Religiosos de S. Jeronimo pelo Duque de Bragança D. Jaime, que o tinha em Commenda.

— SANTO ANDRÉ DE ANSEDE. — Foi este Mosteiro fundado perto do Rio Douro, junto das Caldas no

Tom. 2.º

Porque sendo assi, que huma só pedra, que na casa de Deos se acrescenta, he grande merecimento pera quem nisso occupa o tempo, e cuidado: Não era bem ficarem defraudadas da honra, que ganhárão com a Ordem, e gloria, que merecêrão com Deos.

FR. LUIZ DE SOUSA. HIST. DE S. DOMINGOS.

Concelho de Baião em 1107, havendo existido primeiro ainda mais perto do Douro, como inculcavão os vestigios da Igreja antiga, que não ha muitos annos desaparecêrão. A falta de aguas obrigou os Conegos a deixar o antigo sitio, com auxilio de El-Rei D. Affonso Henriquez, que lhes disse: *Suposto que os Conegos hão sede, mudem o Mosteiro, que eu os ajudarei.* Daqui o nome de Ansede. A mudança fez-se no anno de 1160. Vindo a poder de Commendatarios, de que o derradeiro fôï D. Sancho, falescido no começo de 1557, El-Rei D. João 3.º o unio á Congregação de Coimbra para o reformar. Mas El-Rei faleseco em 10 de Junho do dito anno, antes de se expedirem as Bullas da união; e o Mosteiro foi anexado ao de S. Domingos de Lisboa, a instancia da Rainha D. Catharina.

— NOSSA SENHORA DE CARQUERE. — O Conde D. Henrique, grato ao milagre, que Nossa Senhora lhe fizera, tornando são o Infante D. Affonso Henriquez, que havia

Entre os Rios Ave e Deste, a meia legua de Villa do Conde, foi fundado este Mosteiro. Era tradição entre os seus antigos Conegos, que elle já existia antes da perda de Hespanha; e parece, que indo o Arcebispo de Braga D. Arias visitar algumas Igrejas, por ordem do Arcebispo D. Pedro, no anno de 1072, chegara ao logar da Junqueira, e vendo as ruinas do antigo Mosteiro, o mandou restaurar, e nelle ficara por Abbade, com mais cinco Presbiteros, e um Diacono. D. Payo Guterrez, que veio a este Reino com o Conde D. Henrique em 1080, o acrescentou muito em rendas o edificios.

Em 1594 foi elle unido á Congregação de Santa Cruz de Coimbra.

— **SANTO ESTEVÃO DE VILELLA.** — Quatro leguas ao nascente do Porto foi este Mosteiro fundado pelo illustre Capitão D. Payo Guterrez. Não consta ao certo o anno da fundação; mas já no de 1118 nelle havia Conegos com seu Prior Affonso Paez.

Em 1595 se unio elle á Congregação de Santa Cruz de Coimbra; e foi eleito em 1.º Prior tricenal D. Gaspar dos Reis, que o restaurou com grande zelo, assim no espiritual, como no temporal.

— **SANTO AGOSTINHO DA SERRA DE VILLA NOVA DO PORTO.** — Este Mosteiro fundado na serra de Quebrantões, bem defronte da Cidade do Porto, teve seu principio pelos annos de 1538, sendo Summo

Pontifice Paulo 3.º, Rei de Portugal D. João 3.º, e Bispo do Porto D. Fr. Balthasar Limpo. Por este Bispo foi lançada a primeira pedra com grande solemnidade em 28 de Agosto, dando-se ao Mosteiro o titulo de S. Salvador, que depois se mudou para o de Santo Agostinho em 1566. Toda a despesa saio das rendas do de Grijó.

Em 1598, parecendo pequena e acanhada a Igreja que existia, foi pelo Prior D. Accursio de Santo Agostinho fundada uma nova Claustro de abobeda, bem como a Igreja que agora existe.

Neste Mosteiro foi Prior o insigne Chronista D. Nicaláo de Santa Maria, que muito havemos seguido nesta nossa tarefa.

— **S. THEOTÔNIO DE VIANNA DO LIMA.** — Foi este Mosteiro fundado na Villa de Vianna, em logar alto e aprasivel, sendo lançada a primeira pedra com grande solemnidade pelo Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha em 5 de Agosto de 1631, quinhentos annos depois da fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Para elle se passarão os Conegos no principio de Julho de 1642, e se celebrou a primeira Missa em 5 de Agosto do mesmo anno.

Segundo o mappa da Commis-são Interina da Junta do Credito Publico, de 10 de Fevereiro de 1835, era o rendimento de todos os Mosteiros existentes ao tempo da extincção, — 120:244 \$ 128.

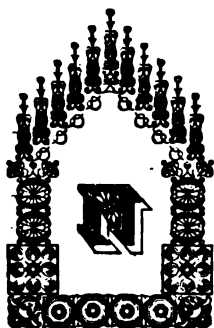


OS MOSTEIROS DE CONEGOS REGRANTES

QUE

PASSÁRIÃO PARA OUTRAS ORDENS.

MOSTEIROS DE DONAS.



osso trabalho ficaria por ventura muito mais incompleto, senão dessemos ainda noticia, de alguns Mosteiros de Conegos Regrantes de Portugal, que se derão a outras Ordens, bem como de alguns outros antigos Mosteiros de Donas, que se extinguirão.

— SANTA MARINHA DA COSTA DE GUIMARÃES. — Este Mosteiro, aprasivelmente situado á vista da Villa de Guimarães, e ao oriente della, foi fundado pela Rainha D. Mafalda, Mulher de D. Affonso Henriquez, no anno de 1154; e foi seu 1.º Prior D. Mendo, um dos primeiros 72 Conegos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Quatrocentos annos foi elle possuido pelos Conegos Regrantes, até que em 27 de Janeiro de 1528 foi dado aos Religiosos de S. Jeronimo pelo Duque de Bragança D. Jaime, que o tinha em Commenda.

— SANTO ANDRÉ DE ANSEDE.

— Foi este Mosteiro fundado perto do Rio Douro, junto das Caldas no

Tom. 2.º

Porque sendo assi, que huma só pedra, que na casa de Deos se acrescenta, he grande merecimento pera quem nisso occupa o tempo, e cuidado: Não era bem ficarem defraudadas da honra, que ganharão com a Ordem, e gloria, que merecerão com Deos.

FR. LUIZ DE SOUSA. HIST. DE S. DOMINGOS.

Concelho de Baião em 1107, havendo existido primeiro ainda mais perto do Douro, como inculcavão os vestigios da Igreja antiga, que não ha muitos annos desaparecêrão. A falta de aguas obrigou os Conegos a deixar o antigo sitio, com auxilio de El-Rei D. Affonso Henriquez, que lhes disse: *Suposto que os Conegos hão sede, mudem o Mosteiro, que eu os ajudarei.* Daqui o nome de Ansede. A mudança fez-se no anno de 1160. Vindo a poder de Commendatarios, de que o derradeiro fôï D. Sanchinho, falecido no começo de 1557, El-Rei D. João 3.º o unio á Congregação de Coimbra para o reformar. Mas El-Rei faleceo em 10 de Junho do dito anno, antes de se expedirem as Bullas da união; e o Mosteiro foi anexado ao de S. Domingos de Lisboa, a instancia da Rainha D. Catharina.

— NOSSA SENHORA DE CARQUERE. — O Conde D. Henrique, grato ao milagre, que Nossa Senhora lhe fizera, tornando são o Infante D. Affonso Henriquez, que havia

nascido aleijado de ambos os pés, fundou o Mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, em 1099, junto do Rio Douro, e a tres leguas da Cidade de Lamego. Nelle perseverarão os Conegos Regrantes até o anno de 1561, época em que passou para os Padres da Companhia.

— S. JOÃO DE LONGOVARES. — Teve a mesma sorte este Mosteiro, situado junto ás ribeiras do Rio Minho, não longe da Villa de Monção. Com muita incerteza se attribue a sua fundação a El-Rei D. Affonso Henriquez. Vindo a poder de Commendatarios, de que foi derradeiro o Principe D. Duarte, filho de El-Rei D. João 3.º, e falecido em 11 de Novembro de 1543, foi o Mosteiro anexo ao Collegio da Companhia de Coimbra, em 1551, por Bulla do Summo Pontifice Julio 3.º

— S. SALVADOR DE RIBAS. — Neste antigo Mosteiro, situado entre as Villas de Barcellos e Esposende, florescêrão muitos servos de Deos. Nelle tomou o habito de Conego Regrante o B. Godinho, Arcebispo de Braga; e delle sairão os tres primeiros Piores do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa. Foi elle unido ás Commendas da Ordem Militar de Christo.

— S. PEDRO DE RATES. — Este antigo Mosteiro, destruido por occasião da perda de Hespanha, foi restaurado pelo Conde D. Henrique, pondo nelle Monges da Charidade, que de França trouxera. Pelos annos de 1152, a Rainha D. Mafalda, mulher de El-Rei D. Affonso Henriquez, o tornou Igreja Collegiada, pondo-lhe doze Conegos Regrantes com o Prior D. Pedro Fafez, um dos primeiros 72 do Mosteiro de Coimbra. Ainda era Mosteiro de Cone-

gos Regrantes no anno de 1315.

— S. PEDRO DE RORIZ. — Este Mosteiro, havendo passado para Commendatarios, foi por morte do ultimo d'elles aplicado temporariamente para as Obras do Collegio da Companhia de S. Paulo de Braga.

— S. MARTINHO DE MANCERLOS, E DE FREIXO. — Destes dous Mosteiros apenas se sabe, que forão fundados antes do anno 1120, e possuidos por Conegos Regrantes até 1540. El-Rei D. João 3.º os deu então ao Mosteiro de S. Gonçalo de Amarante, que de novo fundou, sendo a doação e anexação confirmadas em 1542 por Breve do Summo Pontifice Paulo 3.º

— S. SILVESTRE DE REQUIAM. — Era este Mosteiro fundado em aprazivel sitio á vista do de Landim; e durou na Observancia Regular até ao anno de 1418. O Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra o converteo então em Igreja secular; e se unio ás Commendas da Ordem Militar de Christo.

— S. TORQUATO. — Situado a uma legua da Villa de Guimarães com a invocação de Santa Maria, pouco e pouco foi tomando a de S. Torquato, depois que nelle foi depositado o corpo deste Santo Arcebispo de Braga. Nelle floresceo a Ordem Canonica até ao anno de 1474, em que, sendo Prior D. João de Barros, se annexou á Collegiada de Guimarães por Breve do Summo Pontifice Sixto 4.º

— S. PEDRO DE FERREIRA. — A tres leguas da Cidade do Porto, para o oriente, existio este Mosteiro, fundado por Sueiro Viegas, que delle fez doação aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho. Nelle perseverarão até ao anno de 1476,

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
P. L.



Porto. Lith R da Rebeldes N°30

MARTIM DE ASPILCUETA NAVARRO,
Conego Regente e Hospitario de
Roncesvalles.

em que o mesmo Summo Pontifice Sixto 4.^o o anexou para sempre á Meza Pontifical da Sé do Porto.

— S. SALVADOR DE LORDELLO.—Este Mosteiro, a quatro leguas de distancia da Cidade do Porto, existio em poder de Conegos Regrantes de Santo Agostinho até ao anno de 1478. Foi convertido em Abbadia Secular, sendo Bispo da mesma Cidade D. João de Azevedo.

— SANTA EULALIA DE VANDOMA: S. VICENTE DE TOUGUES: S. SALVADOR DE TAVOADO.— Estes tres Mosteiros, o 1.^o na Commarca de Penafiel, fundação de D. Nuno, 1.^o Bispo do Porto, depois da sua restauração — o 2.^o na Commarca da Maia — e o 3.^o sobre Tamega — tiveram todos o mesmo destino do de S. Salvador de Lordello.

— S. SALVADOR DE SOUTO.— Fundado no Termo de Guimarães por D. Payo Gutierrez, foi este Mosteiro possuido por Conegos Regrantes até ao anno de 1552, em que o Arcebispo de Braga D. Fr. Balthasar Limpo o secularizou, apresentando-lhe por Prior o Clerigo Martin Rabello de Macedo. Este Prior alcançou do Summo Pontifice Pio 5.^o dar o Mosteiro em Commenda a seu sobrinho Ruy Drago; e assim entrou nas novas Commendas da Ordem Militar de Christo.

— S. CHRISTOVÃO DE RIO MAO.— Existio este Mosteiro a meia legua de distancia do de S. Simão da Junqueira. Já estava fundado, e em poder de Conegos Regrantes, no anno de 1122; e ao mesmo Mosteiro da Junqueira foi unido, em 1418, pelo Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, e Breve do Summo Pontifice Martinho 5.^o

— S. SALVADOR DE BARBAR:

S. SALVADOR DE BALREU: SANTO ANDRÉ DE TELÕES.— Estes tres Mosteiros foram igualmente secularizados pelo mesmo Arcebispo, e por Breve do mesmo Soberano Pontifice. O ultimo delles, fundado por D. Rodrigo Froyas, foi depois unido á Collegiada de Guimarães.

— S. FELIX DE CHELLAS.— Segundo o Doutor Fr. Antonio Brandão, na Monarchia Lusitana, o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na sua Historia Ecclesiastica de Lisboa, o curioso Antiquario Jorge Cardoso, no seu Agiologio Lusitano, e o Chronista D. Nicolao de Santa Maria, foi este Mosteiro fundado por quatro Religiosas do de S. João das Donas, sendo 1.^a Priora uma dellas, D. Justa Rabaldez, irmã do Arcebispo de Braga D. João Peculiar. Tomou então esta senhora o nome de Justa da Cruz. Deste Mosteiro saíram, pelos annos de 1291, D. Tareja Fagundez, D. Maria Mendez, e D. Estevainha, para fundarem o Convento das Donas de Santarem, que teve principio em 1240. Saio com outras Conegas D. Maria Vasquez, irmã do Bispo da Guarda D. Fr. Vasco de Lamego, 1.^a priora do Mosteiro de Santa Maria das Donas de Abrantes, que depois se chamou de Nossa Senhora da Graça, e foi edificado pelo dito Bispo, em 1384. Saio igualmente deste Mosteiro, com outras Conegas, D. Maria Borges Teixeira, para o de Nossa Senhora do Couto, junto a Mello, fundado por sua prima D. Isabel Teixeira, senhora da Villa de Mello. A primeira pedra deste Mosteiro foi lançada em 8 de Setembro de 1539. Em 1554 passou a ser de Franciscanas. Pretende o Chronista D. Nicolao de Santa Maria, que na

Cidade de Lisboa existira o Mosteiro de S. Miguel das Donas inclusas, sujeitas ao Mosteiro de S. Vicente: que fora fundado, pelos annos de 1160, por D. Godinho, 1.º Prior de S. Vicente, e depois Bispo de Lamego: e que nelle florescera D. Maria Martins Taveira, irmã do glorioso Santo Antonio. Pretende igualmente, que em Lisboa existira o Mosteiro do Salvador, então chamado salvador da Matta, e que depois foi de Religiosas de S. Domingos, fundado pelo Bispo D. Alvaro no anno de 1170: e que o numero das emparedadas do Salvador era ordinariamente de vinte e quatro, não contando a Prioressa, e algumas serventes; mas que não consta ao certo o anno em que tomárão o habito de S. Domingos. Pretende tambem o mesmo Chronista, que em Villa Nova de Gaia antigamente existirão dous Mosteiros de Conegas Regrantes, um chamado *S. Nicolao das Donas*, e outro *Corpos Christi*, que hoje é de Religiosas Dominicadas. Affirma elle, que o 1.º fôra fundado por D. Pedro Rabaldez Bispo do Porto, ignorando-se a epoca da sua extincção, e constando sómente que ainda existia em 1300; que o 2.º fôra fundado por uma Dona muito rica e nobre da mesma Villa, chamada D. Maria Mendez Petite, nas proprias casas em que vivia, pelos annos de 1345; e que desta senhora forão filhos Pero Coelho, grande Privado, e do Conselho de El-Rei D. Affonso 4.º, um dos que forão na morte de D. Ignez de Castro, e a quem depois El-Rei D. Pedro mandou tirar o coração, — e D. Branca Coelho.

Pretende finalmente D. Nicolao de Santa Maria, que em Braga existira um Mosteiro de Conegas;

mas delle não tem mais noticia, que o que escreveo D. Rodrigo da Cunha, na sua *Historia Ecclesiastica de Braga*, Cap. 14. n. 13. Seria então Arcebispo de Braga D. João Peculiar, que entrou no Arcebispado pelos annos de 1140, tempo em que pouco mais ou menos se deveria fundar o Mosteiro das Conegas.

Em vista do que vamos transcrever da *Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho*, P.º 2.º Liv. 6. Cap. 6., parece que existira tambem um Mosteiro de Conegas perto do de S. Martinho de Caramos, e sujeito ao seu Prior.

“ Na era de 1212, que é o anno
 ” de 1174, fez a Abbadeça do Mosteiro das Conegas de Santa Maria de Recião distante um quarto de legua do Mosteiro de Caramos, demanda ao dito Prior D. Paio Fromariguez, que lhe largasse uma herdade grande, que fôra de D. Aragonte Mendez, que pertencia ao seu Mosteiro de Recião aonde esta senhora fôra Conega. O Prior como era virtuoso e amigo de paz, e concordia, disse que não queria demanda, mas que lhe parecia bem fossem a Coimbra diante d’El-Rei D. Affonso Henriquez, e se louvassem nelle. Nisto veyo a Abbadeça, que se chamava D. Vaasquida, e apparecendo ambos diante d’El-Rei, elle commetteo a causa a Valasco Fernandez, e aos Alcaides Mendo Estrema, e Pero Garcia, que a julgárão em favor do Prior D. Payo Fromariguez a 14 de Setembro do dito anno de 1174, a qual sentença anda em um pergaminho antigo, e mao de lér no Cartorio do dito Mosteiro de Caramos. ”

OS CONEGOS REGRANTES

DE

RONCESVALLES E DA CATHEDRAL DE PAMPLONA.

E naquelles penhascos se sepultou a immorttal fama de Heroes valentissimos, dignos de que se depositasse em laminas de bronze, ficando pyramides de sua memoria as mesmas elevadas penhas daquella serra; e perpetuo choro de suas lastimosas mortes as crystallinas limphas, que em claras fontes delles se despenhão.

HISTORIA DE CARLOS MAGNO. P.^o 3.^o CAP. 25.



PELOS annos de 778, ou pelos de 809, como pretendem alguns Escriptores, voltava Carlos Magno de Hespanha para França; e ao atravessar as gargantas dos alcantilados Pyrneos, no sitio de Roncesvalles, foi seu exercito sorprendido, e derrotado. Alli ficou mal ferido seu sobrinho Rolando ou Roldão, que pereceo de sêde, não sem que primeiro tocasse a sua trombeta de marfim, e com tal violencia, que (se dêmos credito a esta e outras fabulas do Arcebispo Turpin, ou antes do Author do seculo 11.^o) as vêas do pescoço lhe rebentárão, e a trombeta se partio pelo meio; mas foi ouvida por Carlos Magno, que se achava a duas leguas de distancia jogando as tabo-las com o traidor Galalon, e que a tempo o não pôde soccorrer. Ali acabárão muitos outros valentes Cavalheiros; e o religioso Principe vencido, grato a seus brilhantes serviços, ali fez edificar a Capella de Nossa Senhora de Roncesvalles, na qual por elles se rogasse a Deos, bem como um Hospital em que podessem

azilar-se pobres, e peregrinos; se é que esta fundação não é antes devida ao vencedor D. Affonso o Casto, Rei de Oviedo, e a seu sobrinho Bernardo del Carpio, como pensou o Chronista Hespanhol Rodrigo Mendez da Sylva na sua *Poblacion de España*, pag. 158.

“ Entiêdo que la memoria destas cosas (diz Mariana na *Historia de España*, Liv. 7. cap. 11.) está confusa por la ficcion, y fabulas que suelen resultar em casos semejantes, en tanto grado, que algunos Escritores Franceses no hazen mencion desta pelea tan senalada: silêcio que se pudiera attribuir a malicia, si no considerara que lo mismo hizo don Alonso el Magno, Rei de Leão, em el Chronicon que dedicó a Sebastião Obispo de Salamãca, poco despues deste tiempo, donde no se halla mencião alguna desta tão notablen jornada. ”

E Anquetil, *Histoire de France*, tom. 3., apenas escreveo o seguinte: “ Comme Charlemagne revenait triomphant de son expé-

» dition de Navarre, et apparemment avec quelque negligence, » son arriere garde fut attaquée et » pillée par les Gascons qui habitaient les Pyrénées. Roland, son » neveu, fils de sa sœur, périt dans » la action avec beaucoup de paladins qui l'accompagnaient. On » dit qu'on voit encore á Roncesvaux des tombes d'une dimension » gigantesque, sous lesquelles gisent ces héros rendus plus célèbres par nos anciens romans que » par l'histoire. »

Roncesvalles já celebre por aquella batalha : — pela victoria que El-Rei Fortun Garcia, ou Garcès, em 810, alcançara contra o mauro Abderrahamen, Rei de Cordova, na volta da destruição, que fôra fazer na Galia, adiantando-se até Tolosa, e de que faz menção Estevan de Garibay y Camálloa no seu *Compendio Historial*, pag. 29 : — pela que alcançara D. Sancho Garcia contra os mouros em 821 : — e em fim pela que em 828 obtivera D. Affonso Gonçalvez Bastan contra os Francezes Gascões, livrando de grande aperto o mesmo Rei D. Sancho Garcia : — mais celebre se tornou ainda depois da fundação de seu Mosteiro e Hospital. E com tudo, ou porque caducassem os rendimentos de tão pia instituição, ou por outros motivos quaesquer, parece indubitavel, que pelos annos de 1131 já ali se não exercitava a hospitalidade.

Foi então que D. Sancho, Bispo de Pamplona, fez restabelecer o Hospital, dotando-o com grandes bens e rendimentos, que tinha no Reino de Navarra. Muitos outros Principes e Senhores forão depois augmentando este estabelecimento; e a tal ponto levárão sua liberali-

dade, que apesar da falta de grandes rendimentos extinctos em França por causa das guerras, e em Inglaterra por causa do scisma, e da heresia, anno houve em que o Hospital de Roncesvalles abrigou para cima de vinte mil desgraçados.

Em uma região extremamente fria, e inclemente, vezes a miude perecião, suffocados pelos turbilhões de neve, ou devorados pelas feras, os Peregrinos, que de França, de Alemanha, e de Italia, vinhão de romagem a S. Thiago de Compostella, ou os que de Hespanha se dirigião a Roma, ou a Jerusalem. Para todos estes se fundou principalmente o Hospital de Roncesvalles, e nelle erão esplendidamente recebidos por Conegos Regrantes, que o habitavão. O Cardeal de Bourbon, que para Hespanha acompanhara a Rainha Isabel, filha de Henrique 2.º, Rei de França, e esposa de Filippe 2.º, Rei de Hespanha, neste Hospital se honrou de servir a trezentos pobres, soccorrendo alem disso a cada um delles com tres reales de Hespanha.

Sendo Prior deste Hospital em 1531 o Principe D. Francisco de Navarra, que depois foi Arcebispo de Valencia, a consentimento dos Conegos Regrantes de Roncesvalles dividio em tres partes os rendimentos do Hospital, e para o mesmo, e suas reparações applicou uma dellas; foi a outra destinada para os Conegos Regrantes, e a restante para o Prior. Aproveira o Summo Pontifice Clemente 7.º esta divisão no anno de 1532; mas a morte o surprendeo, e as Bullas só forão expedidas por seu successor Paulo 3.º, e a instancia do Imperador Carlos 5.º, como Protector do mesmo Hos-



CONEGO REGRANTE
da Cathedral de Pamplona.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

pital em sua qualidade de Rei de Hespanha.

Afirmou um Escriptor respeitavel (De Crescenze), que os Conegos deste Hospital erão Discipulos de S. João da Ortiga, fundador de muitos Hospitaes na Hespanha, em tempos de D. Affonso 7.º Possivel é que o fossem; porque na epocha, pouco mais ou menos, em que pelo Bispo de Pamplona D. Sancho foi restabelecido o Hospital de Roncesvalles, fundou S. João outro em um deserto horriavel das montanhas de Oca, no sitio chamado *Ortiga*, pelas muitas que nelle havia, deserto contiguo á estrada, que levavão os Peregrinos que se dirigião a S. Thiago de Compostella. E se S. João a este seu Hospital deu por moradores Conegos Regrantes, possivel é que o Bispo D. Sancho os chamasse para o de Roncesvalles, debaixo da direcção de um Conego da Cathedral de Pamplona, que devia ter a qualidade de Prior do mesmo Hospital.

O certo é, que o de S. João da Ortiga, assim denominado depois da morte daquelle Santo em 1163, foi dado aos Religiosos da Ordem de S. Jeronimo, em 1431, por D. Paulo de Santa Maria, Bispo de Burgos, a consentimento de tres Conegos Regrantes que nelle restavão; mudança que depois foi confirmada pelo Summo Pontifice Eugenio 4.º

No Mosteiro de Roncesvalles foi Conego professo o Doutor Martim de Azpilcueta Navarro, que nasceu em Varazoin, junto dos Pyrneos, em 13 de Dezembro de 1492, e estudou nas Universidades de Alcalá de Henares, de Cahors, de Tolosa, e de Salamanca, onde foi Lente de Prima de Canones por espaço de 14 annos, e depois por espaço de 16

na Universidade de Coimbra, a chamamento de El-Rei D. João 3.º Havendo regeitado alguns Bispados, que lhe offerecêrão os Reis de Portugal e de Castella, se recolheu ao seu Mosteiro de Roncesvalles, donde ainda o arrancou Philippe 2.º de Castella para ser seu procurador em Roma, e ahi deffender a causa do Arcebispo D. Bartholomeu Carença, Arcebispo de Toledo, seu intimo amigo, a quem a Inquisição de Hespanha havia processado, como suspeito na Fé, e se achava havia seis annos preso no Castello de S. Angelo daquelle Cidade. Lá viveo dez annos Martim de Azpilcueta, estimado dos Summos Pontifices S. Pio 5.º, Gregorio 13, e Xisto 5.º; foi Penitenciario Apostolico, e teria obtido o capêllo de Cardeal, se aos 92 annos e meio de sua idade não passasse para o Senhor com gloriosa fama em 21 de Junho de 1586.

Conservou elle amizade e correspondencia com os mais insignes varões daquelle idade, como forão André de Rezende, Aires Barboza, Jorge Fabricio, Jeronimo Cardoso, Achilles Estaço, Damião de Goes, e João Varzeo. Escreveo muitos tratados sobre Materias Canonicas e Moraes, que em seis volumes de fol. forão impressas em Leão no anno de 1597, e em Veneza no de 1602. De uma dessas Edicções fizemos copiar o seu retrato, conservando-lhe o barrete redondo, que adoptou dos Ecclesiasticos Portuguezes, e de que nunca mais deixou de usar desde que sahio de Portugal, como refere o Chantre Manoel de Severim nos seus Discursos Varios.

Opportuna occasião temos agora de dar logar em nossa Galeria aos Conegos da Cathedral de Pamplona

Christandade; e a Bulla de Confirmação, dada pelo Summo Pontifice Innocencio 3.º em 23 de Abril de 1198, já enumera as Casas que ella tinha, sendo duas em Roma, uma alem do Tibre, e outra á entrada da Cidade com a invocação de Santa Agueda: uma em Bergerac: uma em Troyes; e varias outras em diversos logares.

Porque os Associados erão todos leigos, sem que entre si contassem ecclesiastico algum, exhortou aquelle Pontifice todos os Prelados a lhes permittir que edificassem Igrejas e Cemiterios, e escolhessem Presbiteros seculares, que nessas suas Igrejas lhes administrassem os Sacramentos.

Seis annos depois, no de 1204, chamou o mesmo Summo Pontifice o Fundador a Roma, e lhe entregou a administração do Hospital de Santa Maria *in Sassia*, que depois se chamou do Espirito Santo. E porque este Hospital se tornou Cabeça da Ordem, e um dos mais celebres da Italia, opportuno será que refiramos sua origem e fundação.

Foi a Igreja fundada por Ina, Rei dos Saxonios Orientaes em 715, debaixo do titulo de Santa Maria *in Sassia*, ou de *Saxe*; e vindo a Roma o mesmo Rei em 718, lhe acrescentou um Hospital para os Peregrinos da sua nação, consignando-lhe rendas sufficientes.

Foi este Hospital amplificado, e augmentadas suas rendas por Offa, Rei dos Mercianos; cha-

mados *Inglezes Mediterraneos*, e que formavão o maior e mais consideravel Reino da Grã-Bretanha, antes da reunião geral de todos elles no anno de 800; mas em 817 foi o Hospital abrazado por um terrivel incendio, que por ventura só pôde ser sustado pela presença da Imagem da Santissima Virgem, levada em procissão pelo Summo Pontifice Paschal 1.º

Outro incendio o acabou de devorar em 847; e apesar de que os esforços do Soberano Pontifice Leão 4.º, e a liberalidade dos successores de Ina e Offa lhe forão de grande auxilio, as guerras dos Guelphos e Gibelinos, durante os seculos 11.º e 12.º, por tal modo arruinárão o bairro da Cidade em que era sito o Hospital, que até a memoria lhe extinguirão.

Em 1198 foi elle completamente renovado pelo Summo Pontifice Innocencio 3.º; e quando no anno de 1204 os pescadores do Tibre tirárão em suas redes grande numero de creancinhas recém-nascidas, que nelle havião sido lançadas, a tal ponto se desenvolveo a sensibilidade e compaixão do Pontifice, que destinou tambem o Hospital para os meninos expostos, ou abandonados por seus paes, augmentando muito para esse fim o edificio, e suas rendas, no que foi imitado por seus successores.

Vendo o Summo Pontifice Sixto 4.º, no anno de 1471, que o Hospital cahia em ruinas, de novo o fez reconstruir, dando-lhe immensa capacidade, e magnificencia.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



Porto - Lith. R. da Reboleira N.º 30

Vol. 2.º N.º 13

RELIGIOSA HOSPITALARIA
da Ordem do Espirito Sancto em Bolonha.

Dentro delle edificou depois o Soberano Pontífice Clemente 8.º, no anno de 1600, um Mosteiro de Religiosas da mesma Ordem, consagrando sua Igreja a Santa Tecla. Dentro delle em fim estava o palacio do Preceptor, ou Cominendador da Ordem, mediando entre elle e o Hospital uma grande clausura, em que habitavão os Medicos, Cirurgiões, e Serventes, em numero de mais de cem. O Cominendador era sempre um Prelado distincto, e nomeado pelo Soberano Pontífice.

Os Sacerdotes, que administravão os Sacramentos neste e nos outros Hospitaes, não pertencião á Ordem. Erão antes amoviveis, e inteiramente dependentes dos Bispos das Dioceses em que os mesmos Hospitaes erão situados. Mas o Summo Pontífice Innocencio 3.º, pela sua Bulla de 1304, quiz que no Hospital de Roma houvesse ao menos quatro Clerigos, que professassem a Regra dos Hospitalarios.

Assim começou de haver nesta Ordem ecclesiasticos e leigos; com differença porem que os ecclesiasticos fazião solemnes votos de estreita pobreza, e de se consagrarem ao serviço dos enfermos; em quanto os leigos apenas fazião simplicis votos.

Pela mesma Bulla se unirão os dous Hospitaes do Espirito Santo de Mompelher e de Roma, para serem governados por um só Mestre, e sem prejuizo dos direitos do Bispo de Maguelona, antiga e arruinada cidade do Languedoc,

e primitiva séde dos Bispos, que agora são de Mompelher. Podia-se com tudo pedir esmolos, para o de Roma, na Italia, na Sicilia, na Inglaterra, e na Hungria; e para o de Mompelher, em todos os outros Reinos da Christandade.

Ao Hospital de Mompelher se unirão depois muitos outros Hospitaes, e se fizeram grandes doações. O mesmo aconteceu ao de Roma. E persuadido o Summo Pontífice Honorio 3.º de que a união do Hospital de Mompelher podia ser prejudicial ao de Roma, os desmembrou outra vez em 1217, ficando com tudo subsistindo a divisão relativa ao districto das esmolos.

Já se vê pois que a Ordem do Espirito Santo foi composta no seu começo de ecclesiasticos, que professavão vida religiosa com solemnes votos, e de leigos, que só fazião votos simplicis; e que a Ordem foi depois considerada como Militar, mudando-se o titulo de Mestre, que se dava aos que governavão os Hospitaes, e delles erão Superiores, para o de Preceptor, ou Cominendador.

E com tudo, nenhuma prova se encontra de que estes Hospitalarios pegassem em armas, e, como os outros, servissem nas Cruzadas. O titulo de Cominendador foi-lhes dado em uma Bulla do Summo Pontífice Alexandre 4.º, do anno de 1256, e em outras de seus successores; e foi isto talvez o que concorreo para que muitos e graves Escriptores classificassem

como militar a Ordem do Espirito Santo.

O certo é, que o primeiro golpe dado na authoridade do Commendador de Mompelher foi a separação do Hospital de Roma, apesar de que ainda se lhe deixou jurisdicção em todos os Hospitales da Christandade, excepto nos de Italia, Sicilia, Inglaterra, e Hungria. Mas esta jurisdicção e intendencia lhe foi depois tirada pelo Summo Pontifice Gregorio 10.º, dando-a ao Mestre do Hospital de Roma, e querendo que o de Mompelher lhe obedecesse como a Superior.

O Summo Pontifice Nicoláo 4.º, em uma Bulla de 1291, ordenou que o Mestre de Mompelher pagasse ao de Roma todos os annos tres florins de Ouro. Paulo 5.º, e Gregorio 16.º restituirão o Generalato ao Commendador de Mompelher, mas sob condição de que continuaria a depender do de Roma; até que uma completa independencia lhe foi concedida pelo Summo Pontifice Urbano 8.º

E porem foi a Milicia da Ordem do Espirito Santo suprimida pelo Summo Pontifice Pio 2.º em 1459; porque eregindo a Ordem Militar de Nossa Senhora de Bethlem, suprimio algumas outras, entre as quaes enumera a Milicia do Espirito Santo *in Sassia*.

Desde então ficou a Ordem puramente Regular; e se ainda alguns leigos continuárão a possuir Commendas a titulo de Ca-

valleiros, não era legitimo este titulo, como declarou o Summo Pontifice Sixto 4.º na sua Bulla de 1476.

A Ordem por tanto estava quasi aniquillada em França no começo do seculo 17.º Com a independencia do Hospital de Mompelher do de Roma começou o seu restabelecimento em 1626, creando-se Cavalleiros puramente leigos, e até casados, e havendo continuas differenças entre diversos pretendentes á Commenda de Mompelher, e entre os outros Officiaes e Cavalleiros da Ordem. Foi isto o que obrigou o Rei a declara-la extincta em 1672, unindo-a á de S. Lazaro de Jerusalem, de que já nos occupamos no 1.º Tomo de nossa Galeria; mas os Cavalleiros não reconhecerão esta Determinação, e continuárão a reunir-se, e a nomear outros Cavalleiros.

Religiosos e Cavalleiros se ligárão então contra os de S. Lazaro de Jerusalem. Revogou-se o Decreto da extincção em 1693; e os Cavalleiros crescerão em numero. Mas os Religiosos reclamarão a Casa Magistral de Mompelher, sustentando que a Ordem do Espirito Santo era puramente Regular — que a Milicia era uma novidade do seculo — e que só por usurpação se havia ingerido nos bens da Ordem.

Não deixárão os Cavalleiros de fazer valer sua pretendida antiguidade, remontando-se ao tempo de Santa Martha, e de seus irmãos S. Lazaro, e Santa Maria

Magdalena; mas em 10 de Maio de 1700 decidiu o Rei em favor dos Religiosos; e a Ordem do Espirito Santo foi declarada puramente Regular e Hospitalaria, prohibindo-se que de futuro ninguém mais tomasse o titulo de Superior, Official, ou Cavalleiro da pretendida Ordem, nem usasse de qualquer insignia della.

Mais tarde, ainda os Religiosos convierão em que a Ordem se restabelecesse como na sua instituição, sendo composta de leigos para administração do temporal, com votos de hospitalidade, e obediencia a um Superior ou Grã-Mestre da Ordem Leiga, e de Religiosos para administração do espiritual, com votos de pobreza, castidade, obediencia, e serviço dos pobres. O Rei com tudo sustentou a sua Determinação de 10 de Maio de 1700.

Em muitas Bullas Pontificias são os Religiosos desta Ordem classificados como Conegos Regrantes; e Le Saunier pretende que o Summo Pontifice Eugenio 4.^o foi quem os submeteo á Regra de Santo Agostinho, além da que lhes dera Guido, seu Fundador.

Alexandre Neroni, que era Commendador Geral da Ordem em 1515, foi o primeiro a quem o Soberano Pontifice concedeo o habito côr de violeta, e a murça, e o mantelete, á maneira dos Prelados de Roma, trazendo sobre o habito a Cruz da Ordem.

Os Religiosos vestião-se co-

mo os Ecclesiasticos, trazendo no lado esquerdo da sotana e da capa uma Cruz de pano branco, e de doze raios. No Coro, durante o verão, usavão de sobrepeliz com murça preta forrada de azul, e nella a Cruz da Ordem. No inverno tinham uma grande capa e capêllo, tudo forrado de um estofado azulado, e com botões azues.

Em França trazião a murça no braço, e era de pano preto, forrada e guarnecida de pelles da mesma côr. Na Italia usavão algumas vezes de murça.

Na Polonia punhão a murça nas sobrepelizes; mas não era redonda, como as outras, e nem tinha capêllo, antes cahia em ponta aguda pela parte de traz, e era da côr da violeta.

Os Commendadores usavão de uma Cruz de ouro esmaltada de branco na sotana, e de uma murça de sêda tambem da côr da violeta.

De entre as Religiosas só as de Roma guardavão clauzura. A maior parte das de França habitavão com os Religiosos nos mesmos Hospitaes, como em Besançon, e outras partes, ou sós, e em diferentes casas, como entre outras, nas de Bar-sur-Aube, e Neufchatel. Ellas resavão o Officio grande, segundo o costume da Igreja Romana. Alem do habito, usava a maior parte dellas no Côro de um grande manto preto, com a Cruz branca tanto no habito como no man-

to, pondo na cabeça um véo igualmente preto; mas fora do Côro usavão de véo branco.

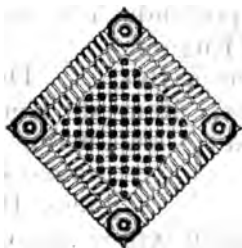
As de Bar-sur-Aube servião-se no Côro e nas ceremonias de um véo preto mui transparente, e nelle se via tambem a Cruz da Ordem.

Havia Casas da Ordem do Espirito Santo em Roma, Tivoli, Formelli, Tolentino, Viterbo, Ancona, Eugubio, Florença, Ferrara, Alexandria, Nurcia, e muitas outras Cidades da Italia.

As principaes de França erão em Mompelher, Dijon, Besançon, Poligny, Bar-sur-Aube, e Stephanfeld na Alsacia.

Na Polonia havia tão somente tres, sendo a principal d'ellas a de Cracovia, primeiramente fundada em Pradnik, no anno de 1221, por Ivo, Bispo de Cracovia, e para esta Cidade transferida em 1244. Ao lado deste Hospital havia tambem um Mosteiro de Religiosas; e algumas havia em Allemanha, na Hespanha, e até nas Indias.

A Ordem do Espirito Santo tinha por Armas uma Cruz de prata de doze raios em campo preto, e no alto do Escudo um Espirito Santo de prata sobre uma nuvem de azul, em campo de ouro.

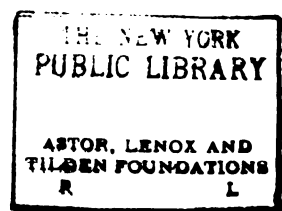




CONEGO REGULAR E HOSPITALARIO

da Ordem do Sepulchro Santo na Italia.





OS CONEGOS REGRANTES ASSOCIADOS

DA

ORDEM DO ESPIRITO SANTO.

*Et appaeruerunt illis dispersite linguas
tamquam ignis, seditque supra singulos eorum:
Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto.....*

E lhes apparecêrão repartidas humas co-
mo linguas de fogo, que repousou sobre cada
hum delles:

E forão todos cheios do Espirito San-
to.....

ACTOS DOS APOST. CAP. 2.



IGNORA-SE completamente o logar, e o anno em que forão estabelecidos, e em que desaparecerão os Conegos Regrantes Associados da Ordem do Espirito Santo. Não pode porem duvidar-se de que elles existirão, porque ha duas edições das suas Constituições, uma de 1588, outra de 1630, e ambas de Paris; Constituições que forão approvadas pelo Arcebispo de Ruão, pelos Bispos de Bayeux e de Constança, e por muitos Doutores, como se conclue da Epistola Dedicatória das mesmas Constituições dirigida ao Summo Pontifice Sixto 5.º, em 4 de Novembro de 1588.

E' nesta Epistola que o Fundador destes Conegos faz conhecer seu nome. Chamava-se João Herbet, e era Lorena. Diz elle ao Summo Pontifice, que sua mãe, antes de o dar á luz, o consagrara a Deos, o qual de-

pois, na sua juventude, lhe inspirara grande zêlo pelo seu serviço, e grande aversão a tudo o que era contrario a seus Mandamentos, e aos da Igreja: — que desde a idade de vinte e dous annos não deixara nunca de dizer Missa, com excepção de tres dias em que fôra impedido por pessoas, que se oppunhão a seu Instituto, mas que preferia o morrer a ser privado um unico dia do offerecer o adoravel sacrificio do Altar: — que pouco mais ou menos aos vinte e seis annos de sua idade jurara de se oppor até á morte contra os Hereges, contra os máos Catholicos, e contra os Ecclesiasticos impudicos, ébrios, e avaros: — e que em fim Deos lhe havia inspirado que instituisse a sua Congregação, composta de uma Confraternidade, e de uma Ordem de Conegos do Espirito Santo; sendo aquella para todos os Catholicos de ambos os sexos,

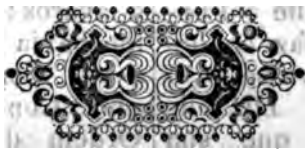
e achando-se já mui propagada na Normandia, principalmente na Diocese de Constança, com Estatutos approvados pelo Cardeal de Bourbon Arcebispo de Ruão, e pelos Bispos de Constança, e de Bayeux. Estes Estatutos apresenta elle ao Summo Pontifice juntamente com aquelles que havia feito para os Conegos, pedindo-lhe a sua confirmação; ignoramos porem se elle a obteve.

Conforme estes Estatutos e Constituições, devião os Conegos Presbiteros dizer Missa todos os dias, e os que o não erão, devião ouvi-la, e duas nos Domingos e nas Festas. Empregavão-se elles na instrucção da mocidade, e para esse fim tinhão Collegios. Tanto os Religiosos, como os domésticos, devião abster-se de comer carne em todas as quartas feiras do anno, contentando-se com legumes em falta de peixe. Em memoria da Paixão do Redemptor jejuavão todas as sextas feiras, excepto se na semana havia algum dia de jejum de preceito. Era-lhes livre o jejuar durante o Advento; mas erão rigorosamente obrigados ao jejum desde Paschoa até Pentecostes; e se andando em viagem, ou por outra qualquer razão, não podião satisfazer ao jejum da sexta feira, e á absti-

nencia da quarta, devião resar os sete Psalmos Penitenciaes com as Ladaíñas, ou tres vezes o Rosario, ou dar aos pobres cinco soldos do que para seu uso lhes era concedido. Todos os Domingos se confessavão a qualquer Padre da Congregação, e pelo menos todos os annos devião fazer confissão geral ao seu Provincial, ou ao seu Vigario. Os que não tinhão Ordens Sacras commungavão todos os mezes, os outros todas as semanas, nos Domingos, e nas Festas. Todos os que erão ordenados resavão ou cantavão as Horas Canonicas; os outros apenas o Officio do Espirito Santo, ou de Nossa Senhora, ou os sete Psalmos Penitenciaes. Tinhão horas destinadas para oração mental, e fazião exame de consciencia de manhã e de tarde.

Seu vestuario devia ser decente, e sem superfluidade, semelhante ao dos Conegos e Doutores. Em casa usavão de barrete; quando sahão fora servião-se de chapéo, e punhão pendente do collo uma cruz de ouro, ou de prata, segundo a qualidade de cada um. Nesta Cruz havia a figura do Espirito Santo em forma de Pomba descendo sobre os Apostolos.

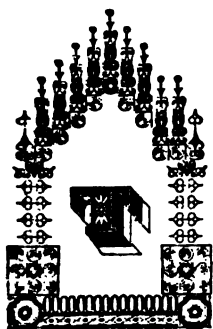
E' tudo quanto sabemos destes Conegos.



OS RELIGIOSOS

CRUCIFEROS ou PORTA CRUZES,

NA ITALIA.



RES Ordens de Cruciferos, ou Porta Cruzes tem figurado na Christandade. Uma na Italia, que já de ha muito se acha suprimida, e de que agora nos occuparemos: — outra em França, e nos Paizes Baixos: — e outra na Bohemia. Todas ellas pretendêrão ter por Fundador e Patriarcha a S. Cleto; todas ellas pretendêrão, que S. Quiriacio, Bispo de Jerusalem, e Martyr, fôra seu Restaurador. Assim se remontão ellas até ao anno 78 de Jesus Christo, citando Bullas dos Summos Pontifices Alexandre 3.º e 6.º, Pio 5.º, Gregorio 15.º, e alguns outros, nas quaes se falla desta pretendida antiguidade.

Quanto a S. Quiriacio, pretendendo-se que era um Hebreo chamado Judas, que havendo mostra-

TOM. 2.º

Et hospitalitatem nolite oblivisci, per hanc enim latuerant quidam, Angelis hospitio receptis.

E não vos esqueçais da hospitalidade, por que por esta alguns, sem o saberem, hospedaram Anjos.

S. PAULO AOS HEBREOS. CAP. 13. v. 2.

do a Santa Helena o lugar em que estava a Cruz do Salvador do Mundo, quando esta piedosa Imperatriz foi a Jerusalem, tanto se penetrara dos milagres que então fizera o Sagrado Lenho, que se convertêra, tomando no Baptismo o nome de Quiriacio, ou Cyriaco, sendo depois escolhido por Santa Helena para director daquelles a quem ella encarregou a guarda de uma parte deste precioso thesouro, e que depositou em poder de S. Macario, Bispo de Jerusalem, a quem S. Quiriacio succedera, recebendo por fim a corôa do Martyrio sob o imperio de Juliano Apostata.

E comtudo S. Macario passou para o Senhor no anno de 331, e mal podia succeder-lhe no Bispado S. Quiriacio, a quem se dá por pai a Simão, e por avô a Za-

cheo, que vivia no tempo de Jesus Christo. E o Imperador Juliano Apostata só esteve em Jerusalem no anno de 362, ou 363, sendo Bispo daquelle Cidade S. Cyrillo.

O mais provavel no meio desta incertesa, é que S. Quiriacio, ou Cyriaco, não vivia no tempo do Imperador Constantino, que foi quando Santa Helena achou a verdadeira Cruz; e que se em Jerusalem houve algum Bispo deste nome, deve elle ter soffrido o martyrio sob o imperio de Adriano, em 134. Assim não pôde ter sido Fundador ou Restaurador desta Ordem S. Quiriacio, ou S. Cyriaco, Bispo de Jerusalem.

E' porem certo que esta Ordem já estava estabelecida antes que Alexandre 3.º fosse assumpto ao Pontificado, pois que este Pontifice, fugindo á perseguição do Imperador Frederico Barba russa, achou asilo em muitos Mosteiros della; e depois que a paz foi restituida á Igreja, elle, por assim dizer, renovou a Ordem, dando-lhe uma Regra e Constituições, e tomando-a debaixo de sua protecção. O Summo Pontifice Innocencio 4.º lhe deo tambem depois Regulamentos, ordenando que trouxessem sempre uma Cruz na mão; e Clemente 4.º declarou Cabeça da Ordem o Mosteiro e Hospital de Santa Maria de Morello em Bolonha.

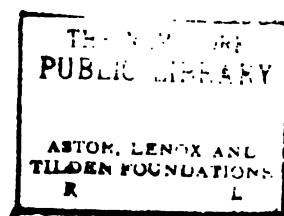
Depois de muito haver soffrido no meio das guerras, que devastarão a Italia, cahio a Ordem em tal relaxação, que no Pontificado de Eugenio 4.º muitos de seus Mosteiros forão dados a Commendatarios. O Summo Pontifice Pio

2.º procurou restabelecer-lhe a Disciplina Regular; deo-lhe novos Regulamentos, confirmou os privilegios concedidos por seus Predecessores, e ordenou no concilio de Mantua, de 1459, que os Religiosos para o futuro usassem de uma tunica com escapulario, um manto, e um grande capêllo, tudo azul, porque até então era pardo seu habito, e continuando a trazer na mão uma Cruz de prata, que nos primitivos tempos fôra de ferro. Só com tudo no Capitulo Geral de 1462, e em que foi eleito Geral da Ordem o Padre Thadeo Galgalelli, que tinha sido Servita, é que elles adoptarão o novo vestuario.

Pouco e pouco se introduziu outra vez a relaxação, e o Summo Pontifice Pio 5.º a reformou em 1518, aprovando seus privilegios. Mas a desordem cresceu a tal ponto, que em 1656 o Summo Pontifice Alexandre 7.º, perdidas as esperanças de restabelecer a regularidade entre os Religiosos, que tantas vezes a havião abandonado, supprimio de repente a Ordem, dando á Republica de Veneza os bens que tinha naquelle Estado, então em guerra com os Turcos.

Estes Religiosos, que só se limitarão á Italia, e que seguirão a Regra de Santo Agostinho, forão tambem considerados como Conegos Regrantes.

Estavão elles divididos em cinco Provincias, que erão as de Bolonha, Veneza, Roma, Milão, e Napoles. De duzentos e oito Conventos, que antigamente tiverão, só lhes restavão cincoenta ao tempo da suppressão. Nestes Mos-





Représentation d'un Religieux

RELIGIEUX CRUCHIER, OU PORTA-CRUZ

ou Prieur

teiros também havia Hospitais.

Não comião carne nas quartas feiras, e jejuavão nas sextas, abstendo-se de manteiga, queijo, ovos, e latecinios. Celebravão seu Capitulo Geral de tres em tres annos.

Contou esta Ordem muitas pessoas notaveis, e entre outras a João Gamberti, Patriarcha de Grade, Vicente Bispo de Catare, e Bento Leoni, Bispo de Arcadia, que foi Historiador da sua Ordem.

M. Alleman, na sua Historia Monastica da Irlanda, diz que ha apparencia de que os Religiosos Porta Cruzes tiverão quatorze Mosteiros naquelle Reino — que erão da Congregação de Italia — que não erão Hospitalarios, mas antes Militares ou Cavalleiros — e que se vestião de preto. Mas este Historiador decedidamente se equivocou, porque basta examinar as Bullas de que havemos feito menção, para nos convencermos de que erão Hospitalarios.

Um outro Historiador Inglez, Matheus Paris, faz menção do tempo em que os Religiosos Porta Cruzes forão a Inglaterra, e diz

— que em 1244 se apresentárão no Sinodo, que celebrara o Bispo de Rochester, e que cada um levava uma Cruz no alto do seu bordão — que ahi pedirão uma habitação, e que estavão munidos de um privilegio Pontificio, que a toda e qualquer pessoa prohibia o molestá-los, reprehendê-los, ou governá-los, sob pena de excomunhão.

Dodsworth e Dugdale fallão de dous Mosteiros desta Ordem em Inglaterra, um em Londres, outro no Burgo de Rigat; e affirmão que ella estava confundida com os Trinitarios. Clemente Reyner diz, que a Casa de Rigat fôra fundada em 1245, e a de Londres em 1298, por Rodolpho Hosiar, e Guilherme Sebern, que tomárão o habito, sendo Prior Adam. Tinhão também uma Casa em Oxfort, onde forão recebidos em 1349. Mas todos estes Estabelecimentos desaparecerão com a mudança da Religião.

A Ordem dos Cruciferos ou Porta Cruzes na Italia tinha por Armas em Campo azul tres montanhas verdes coroadas de tres cruces de ouro; e por Divisa as palavras — *Super Omnia* —



OS RELIGIOSOS PORTA CRUZES, COMMUNMENTE CHAMADOS DE SANTA CRUZ, EM FRANÇA, E NOS PAIZES BAIXOS.

Antes da paixão de Jesu Christo, este nome Cruz era nome de deshonra, e injuria, e vituperio, porque punhão nella os ladrões, e malfeytores. Mas tanto que na Cruz o Salvador estendeu seus braços, e a essealhou com seu preciosissimo sangue, logo ficou nome doce, nome alegre, nome de honra e gloria.

FR. DIOGO DO ROSARIO.



O Padre Theodoro de Celles deveo sua fundação nos Paizes Baixos a Ordem dos Religiosos Cruciferos ou Porta Cruzes, no anno de 1211, no Pontificado de Innocencio 3.º

Filho do Barão de Celles, descendente dos antigos Duques de Bretanha, nasceo o Padre Theodoro em um Castello, um quarto delegua afastado do Burgo de Celles, no paiz de Liege, no anno de 1166.

O Barão de Celles, que professava uma solida piedade, quiz logo infiltra-la no coração de seu filho, e para esse fim confiou sua educação a pessoas, que com as letras humanas lhe ensinassem as maximas do Christianismo.

Theodoro correspondeo perfeitamente ás esperanças de seu pai, concorrendo para isso muito sua frequente conversação com os Conegos de Celles, com os quaes assistia ao Officio Divino, resando alem disso particularmente, e todos os dias, o Officio de Nossa Senhora.

Terminados todos os seus estudos, o mandou seu pai para a Côrte de Radulpho, ou Raoul de Zeringem, Bispo de Liege, onde, no meio dos embarços, que ordinariamente se encontrão na Côrte dos Principes, gozou o joven Barão de repouso e tranquillidade de espirito, e conservou a pureza de seu coração, evitando sempre as presumptuosas liberdades dos Cortezãos.

Enviando o Summo Pontifice Clemente 3.º, em 1188, Henrique Cardeal de Albano, e Guilherme Arcebispo de Tyro, em qualidade de Legados, ao Imperador Frederico Barba russa, e aos Principes de Alemanha, convidando-os a juntar suas armas ás dos outros Principes Christãos para a Conquista da Terra Santa; — foi o Bispo de Liege um dos primeiros que recebeu a Cruz da mão dos Legados, e unio suas tropas ás de outros Principes de Alemanha, que formárão um exercito de 150 000 homens, debaixo do commando do Imperador. O Joven Barão de Celles, que então tinha vinte e um

annos, fez parte desta jornada.

Morrendo o Imperador Frederico em 1190, reconhecerão os Alemães por seu chefe a Frederico de Suabia, a quem o Imperador seu pai havia recomendado o exercito de que lhe deixava o commando. Mas acontecendo tambem algum tempo depois a morte deste Principe, os Alemães descorçoados não quizerão reconhecer outro capitão, e voltárão para o seu paiz.

Deste numero foi o Bispo de Liege; e porque conhecia as virtuosas tendencias de Theodoro, e seu amor ao retiro, julgou que Deos o destinava para a Religião e não para as armas, e lhe deo um Canonicato na sua Igreja de Liege, do qual comtudo não chegou a o metter de posse, porque morreo em Agosto de 1191, ainda antes de chegar ao seu Bispado.

Já de posse do Canonicato, e já Presbitero, foi Theodoro chamado, em 1196, pelo Bispo de Liege Alberto de Coucy para director de sua consciencia, e então conseguiu persuadi-lo de que devia reformar os Conegos da Cathedral, que vivião licenciosamente.

O Bispo não se limitou a empregar para esse fim sómente a sua authoridade, mas fez intervir tambem a de Guido, Cardeal e Legado *a latere* naquella Provincia; e não só obrigou a viverem em commun os Conegos da sua Cathedral de S. Lambert, mas todas as outras Collegiadas da sua Diocese.

Não durou isto porem longo tempo. Os Conegos enfadárão-se; e tanto solicitarão o Cardeal *a latere*, que os dispensou da vida commun.

Theodoro comtudo não desani-

mou. Elle persuadiu quatro Conegos a que não abandonassem a vida Commun. Era um delles Pedro de Valcourt, da Casa dos Condes de Rochefort.

Formada uma sociedade, e meditando Theodoro um maior retiro, durante cinco annos os quiz provar na abnegação da vontade propria, e no abandono total das cousas do mundo.

O Summo Pontifice Innocencio 3.^o havia então convidado El-Rei de França para uma Cruzada contra os Albigenses. Theodoro nella concorreo em qualidade de Missionario. E voltando ao seu paiz em 1211, e achando seus quatro companheiros perseverantes no designio de abandonar o mundo; dirigio-se a Hugo de Pierre-Pont, então Bispo de Liege, que não só lhe deo seu consentimento, mas até a Igreja de S. Theobaldo, situada em uma colina chamada *Clair-Lieu*, perto da Cidade de Huy.

Foi nesta colina que o B. Theodoro e seus companheiros lançárão os fundamentos da Ordem de Santa Cruz, que depois tanto se estendeo pela França, e pelos Paizes Baixos. Havendo renunciado a tudo o que tinham, e não lhes dando o Bispo algum rendimento, vivêrão a principio da beneficencia dos Fieis. Mas o mesmo Bispo legou a seu successor o cuidado de prover á subsistencia dos nossos Religiosos; e muitas pessoas piedosas lhe fizeram depois tantas doações, e tão sumptuosamente adornárão o Mosteiro, e suas dependencias, que chegou a ser um dos mais celebres, e dos mais ricos daquelle paiz.

Em 1214 pedio o B. Theodoro a confirmação da sua Ordem ao

Cardeal Hugo de S. Char, Legado do Summo Pontifice Innocencio 3.º em Alemanha; mas só lhe foi concedida pelo Summo Pontifice Honório 3.º. E a nova Congregação augmentou consideravelmente pelas muitas benções com que Deos a visitou, e pelos constantes cuidados do Santo Fundador, que não cessou de trabalhar no seu engrandecimento, até que a morte o arrebatou na idade de oitenta annos, em 17 de Agosto de 1244, ou de 1246.

Tinha elle enviado Religiosos seus a Tolosa, onde se unirão a S. Domingos para combater a heresia dos Albigenses; e por tal maneira se conformarão com este Santo Patriarcha da Ordem dos Pregadores no tocante á Observancia da Regra de Santo Agostinho, Officio Divino, Constituições, e Estatutos da sua Ordem, que o Padre Pedro de Vauclourt, segundo Geral, e successor do B. Theodoro de Celles, querendo ainda no Concilio de Lyão obter do Summo Pontifice Innocencio 4.º a confirmação da sua Ordem, se fundou na grande conformidade que ella já tinha com a de S. Domingos.

Depois desta confirmação, e no Generalato do Padre João de Sainte Fontaine, successor de Pedro de Vauclourt, é que a Ordem abrangio á França. Vendo a grande estima em que erão tidos estes Religiosos, os chamou S. Luiz para França, e em Paris, na rua *De la Bretonnerie*, lhes mandou edificar uma Igreja, e um Mosteiro, em Honra da Exaltação da Santa Cruz.

O Summo Pontifice João 22.º recebeo esta Ordem debaixo da protecção da Santa Sé no anno de 1318, prohibindo expressamente aos Ordinarios o conhecerem de seus nego-

cios, e confirmando todos os privilegios e graças concedidas pelos Summos Pontifices Innocencio 4.º, e Clemente 5.º, privilegios que ainda foram amplificados por Martinho 5.º, Eugenio 4.º, Sixto 4.º, e Innocencio 8.º.

Os Religiosos a principio usavão de escapulario pardo sobre habito preto, e de uma grande capa e capêllo da mesma côr. Por uma Bulla do Summo Pontifice Clemente 8.º passarão a usar do habito branco; e ultimamente tambem havião adoptado o escapulario preto, com uma cruz vermelha e branca sobre o peito.

No Côro, durante o verão, usavão de sobrepeliz com murça preta; mas sahão fora com capa como os Ecclesiasticos. Os Noviços trazião o habito preto por espaço de dous annos, para que se não perdesse a memoria de seu antigo vestuario.

Havia desta Ordem muitos Mosteiros nos Paizes Baixos, e na Alemanha, como era em Liege, Colonia, Aix-la-Chapelle. Namur, Vello, Tournai, Bruges, Mastrik, Boisle-Duc &c. Os principaes em França forão os de Paris, Tolosa, Caen, Busançois, Varennes, Charny na Picardia &c.

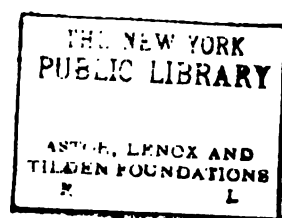
Elles qualificárão a sua Ordem de Canonica, Militar, e Hospitalaria; e pretendião, sem nenhum fundamento, que as Congregações de Santa Cruz de Coimbra, de Mortara, e de S. Pachomio, pertencião á sua Ordem, que, segundo elles, só fôra reformada, e não fundada pelo B. Theodoro de Celles.

Tinhão por Armas, em campo azul uma Cruz vermelha e de prata; no alto do Escudo uma Corôa de Espinhos, e em remate uma Mitra e um Bago.



RELIGIOSO CRUCIFERO, OU PORTA-CRUZ

Um Evangelho no Brasil



THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS

R

L

OS RELIGIOSOS CRUCIFEROS,
OU
PORTA CRUZES, COM A ESTRELLA,
NA BOHEMIA.

Hospitales invicem sine murmuratione.

Exercitai a caridade uns com os outros sem murmuração.

S. PEDRO. EPIST. 1.^a CAP. 4. v. 9.



omo todos os outros, pretendêrão também os Religiosos Cruciferos, ou Porta Cruzes da Bohemia remontar sua origem ao tempo de S. Quiriacio, affirmando que sahirão da Palestina para a Europa, onde abraçarão a Regra de Santo Agostinho, e edificarão muitos Hospitaes, e entre elles o de Sorzick, junto de Praga, debaixo da invocação de S. Pedro: e que deste Hospital tirara a B. Ignez de Bohemia os Religiosos a quem confiou o cuidado daquelle, que ella edificara em Praga, alcançando do Summo Pontifice Innocencio 4.^o o acrescentarem á Cruz uma Estrella, para se distinguirem dos outros.

Tira porem toda a duvida uma Bulla do Summo Pontifice Gregorio 9.^o, dirigida ao Reitor e Religiosos do Hospital de S. Francisco de Praga em 1237, pela qual se vê que

foi elle quem introduzio a Ordem de Santo Agostinho no Hospital de Praga. E o Historiador Crugerio, na Vida da B. Ignez de Bohemia, fallando do Hospital que ella fundou em Praga, diz que nelle pozera Religiosos Porta Cruzes, começando a exercitar na Bohemia com grande applauso estas funcções de caridade: que pouco depois tiveram a administração de outro Hospital em Breslaw, debaixo da invocação de S. Mathias: e que destes dous Hospitaes se forão multiplicando não só na Bohemia, mas também na Polonia, e na Moravia; ficando sempre cabeça da Ordem o Hospital de Praga, onde ella começara em 1236.

Com razão pois se pode attribuir á B. Ignez de Bohemia a instituição destes Religiosos naquelle Reino.

Era esta Princeza filha de Primislao, 1.^o Rei de Bohemia, e irmã de Wenceslao 4.^o Antes de renun-

ciar ás pompas e vaidades do mundo tomando o habito de S. Francisco, fundou ella em 1234 um Hospital em Praga, que logo recebeu grandes beneficios de Primislao Marquez de Moravia, e de Constança viuva de Primislao Rei de Bohemia. O Summo Pontifice Gregorio 9.º, por Breve de 18 de Maio de 1235, concedeo para sempre a propriedade deste Hospital, e todos os seus bens, á Fundadora, e ao seu Mosteiro. Ficárao por tanto as Religiosas do Mosteiro de Santa Clara subsistindo das rendas deste Hospital, dirigido pelos Religiosos Porta Cruzes, e professando a Regra de Santo Agostinho; mas em 1238, querendo a B. Ignez de Bohemia praticar a rigida pobreza de que as suas Religiosas fazião profissão, repôz este Hospital nas mãos do Papa.

Poucos annos depois da sua fundação, Anna de Bohemia, irmã de Ignez, e viuva de Henrique 2.º, Duque de Breslaw, filho de Santa Hedwiges, e que foi morto pelos Tartaros em 1241, fundou tambem com seus filhos outro Hospital em Breslaw, com a invocação de S. Mathias; e dotando-o com grandes rendas, o entregou aos Religiosos Porta Cruzes, com approvação do Bispo Thomas.

Confirmou o Summo Pontifice Innocencio 4.º esta doação; e a instancia da B. Ignez de Bohemia, concedeo a estes Religiosos o trazerem uma Estrella vermelha para se differencarem dos outros Porta Cruzes. A Ordem então cresceu com as doações de muitas pessoas poderosas, que nella entráram.

Pretendem alguns Historiadores que estes Religiosos reconhecião dous Geraes: que os Hospitaes de

Statouis, Mise, Pont, Lytomeritz, Aust, Egra, Znoima, Pottimberg, e alguns outros, reconhecião por Geral o Mestre do Hospital de Praga; e que os de Cruczberg, Swidnitz, Lignitz, Boleslau, Montesberg, e alguns outros mais, assim como os de Polonia, e da Lituania, obedecião ao Mestre do Hospital de S. Mathias de Breslaw.

Possivel é que algum tempo existisse esta divisão, pelo menos até ao tempo em que a Ordem começou a ter por Geraes os Arcebispos de Praga, e a quem por isso ella pagava annualmente doze mil Florins. Mas em 1697, depois da morte de João Frederico, Conde de Walenstin, fez o Prior do Hospital de Praga reunir os Superiores dos outros Hospitaes de Bohemia, Austria, Silesia, e Moravia, e em Capitulo Geral se determinou, que se procedesse á eleição de Geral tirado da mesma Ordem; eleição que se verificou na pessoa do Prior do mesmo Hospital.

Estes Religiosos, quando sahão fóra, vestião-se de preto, como os Ecclesiasticos, trazendo no lado esquerdo uma Cruz de oito pontas, e por baixo della uma Estrella, tudo vermelho. No Côro não se servião de sobrepelizes, mas de uma especie de manto pequeno, que chegava até ao joelho, e que elles lançavão para traz das costas.

O Padre Athanasio de Santa Ignez, Religioso Agostinho Descalço, faz menção de certos Religiosos Porta Cruzes da Bohemia, que tinham no lado esquerdo um navio, e que elle diz que forão instituidos em 1400. Pontano, tambem falla destes Porta Cruzes com o navio, e diz que tinham tres Casas na Bohemia.

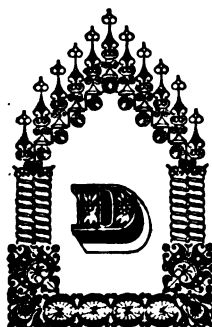
A ORDEM

DE S. GILBERTO DE SEMPRINGHAM,

EM INGLATERRA.

Este depois que em Inglaterra aprendeo as letras humanas, saindo-se do Reyno se passou a França com animo de cursar nas melhores Universidades della, e encobrir os defeitos exteriores com a fermosura das ciencias, a quem com todo o cuidado se entregou, mas muito mayor era ainda o que punha no estudo das virtudes, e perfeição de sua alma, com o que sahio eminentissimo em letras e virtudes.

D. NICOLAO DE SANTA MARIA. — *Chronica dos Con. Regr. de S.^{to} Agost.*



De quatro diversas Communidades se compunha a Ordem de S. Gilberto: De Religiosos — de Religiosas — de Convertidas — e de Leigos. Cada uma dellas tinha seu Refeitório á parte, em que presidia um Superior ou Superiora. Cada uma dellas se distinguia pela côr de seu vestuario. Não pode porem disputar-se aos Religiosos a qualidade de Conegos Regrantes, que lhes deo S. Gilberto, seu Fundador; e tal é o motivo, que nos levou a dar-lhe este logar em nossa Galeria.

S. Gilberto nasceo na Inglaterra.
Tom. 2.^o

ra pelos annos de 1083, no tempo de Guilherme o Conquistador. Seu pai se chamava Jocellino, e era um fidalgo de Normandia, senhor de Sempringham e de Tyrington, no Condado de Lincoln; era sua mãe Ingleza, e teve um presagio do que S. Gilberto deveria ser um dia, porque andando grávida se lhe figurou em sonho, que a Lua lhe cahia no seio.

Concluidos seus estudos em França, voltou S. Gilberto á casa paterna, onde gratuitamente instrua a mocidade; mas ensinando aos meninos as Letras Humanas, ao mesmo tempo os formava para a virtude, prescrevendo-lhes um

modo de viver, que muito semelhante o dos Mosteiros mais regulares.

Por algum tempo habitou elle no Seminario de Roberto Bloes, Bispo de Lincoln. Alexandre, seu successor, o elevou ao Sacerdocio, não sem que a isso resistisse longo tempo, julgando-se indigno de tanta honra. Então desenvolveo elle ainda mais sua piedade, seu zelo, e seu fervor. Regeitou o importantissimo Arceidiagado de Lincoln; e só se considerou como simples economo de seus avultados bens patrimoniaes, que distribuia pelos indigentes, que muito o sensibilisavão, e principalmente as Donzellas, que não ousavão fazer conhecer sua pobreza. De sete, que mais inclinadas lhe parecêrão á piedade, tomou elle um particular cuidado. Mais tarde consagraráo ellas a Deos sua virgindade, e tal foi o começo da Ordem de S. Gilberto; pois que, por conselho e authoridade do Bispo Alexandre, no anno de 1146 as encerrou em um Mosteiro, que fez edificar na casa paterna de Simpringham, ordenando-lhes um rigoroso silencio; e para que nenhuma distracção tivessem em seus exercicios espirituaes, encarregou a mulheres pobres o preparar-lhes fôra do Mosteiro o sustento, e o mais necessario para a vida. Estas mulheres porem pedirão ser admittidas á profissão religiosa em qualidade de Irmãs Convertidas; e depois de um anno de provação fizeram sua respectiva profissão, e se encerráram na mesma Clausura. Era com tudo preciso haver quem cuidasse dos negocios do Mosteiro, e fizesse render suas propriedades. S. Gil-

berto para esse fim escolheo alguns individuos, que forão recebidos como Irmãos Leigos.

O Monarcha Santo Estevão, os Principes, e os Grandès, approvárão este Estabelecimento, e lhe fizerão consideraveis doações, parte das quaes S. Gilberto acceitou, recusando muitas outras com medo de que os muitos bens produzissem a relaxação da Disciplina.

Muitas pessoas de um e outro sexo corrêrão a abraçar este Instituto. Vio-se o Santo Fundador obrigado a fazer novos Estabelecimentos. Mas desconfiando de que não tinha sufficiente capacidade para os dirigir, foi a França em 1148 para entregar o cuidado de seus Mosteiros aos Religiosos de Cister, então reunidos em Capitulo Geral a que assistia o Summo Pontifice Eugenio 3.º

Não quizerão elles acceitar a pretexto de que lhes não era permittida a direcção de Monges de outra Ordem, e menos ainda de Religiosas; e o Summo Pontifice, informado das virtudes de S. Gilberto, longe de consentir na supplica, o exhortou a não abandonar seu rebanho, significando-lhe ao mesmo tempo quanto sentia não o haver conhecido mais cedo, pois que o teria encarregado do Arcebispado de York, que pouco antes havia provido.

S. Gilberto consultou depois a S. Bernardo, e delle recebeu conselhos relativamente ao governo da sua Ordem, conselhos que pôz em pratica apenas voltou a Inglaterra. Estabeleceo Conegos a quem confiou a direcção das suas Religiosas. Deu a estes a Regra de Santo Agostinho, e áquellas a de S. Bento.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
P L



CONEGO REGRANTE

*da Ordem de S. Gilberto de Sempringham,
em Inglaterra.*

Para todos fez os precisos Regula-
mentos, que submetteo á aprova-
ção daquelle Summo Pontifice, e
que depois tambem forão confir-
mados por seus successores Adria-
no 4.^o e Alexandre 3.^o

Parece que S. Gilberto no es-
tabelecimento da sua Ordem quiz
imitar a S. Norberto, cujos Mos-
teiros erão communs a ambos os
sexos, bem que com separada ha-
bitação. Duplicados erão tambem
os de S. Gilberto. Suas Religiosas
só podião fallar na grade em pre-
sença de duas Discretas, e de dous
Religiosos da parte de fóra. Nem
ousavão olhar-se reciprocamente;
e se por necessidades espirituaes
os Religiosos houvessem de entrar
na habitação das Virgens, devião
ellas ter sempre o véo sobre o rosto.

Para os Religiosos entrarem
em Noviciado devião ter a idade
de quinze annos; para a Profissão
devião ter vinte. Os Leigos só po-
dião ser recebidos contando vinte
e quatro annos. As Virgens para
entrarem no Mosteiro devião ter
doze annos, e para o Noviciado
quinze. Antes de professarem de-
vião saber o Psalterio, os Himnos,
e as Antiphonas.

Visitava S. Gilberto seus Mos-
teiros acompanhado sempre de dous
sacerdotes, e de um Leigo; e nun-
ca se entretinha em discursos inu-
teis, mas continuamente na resa,
e oração mental. Soccorria todos
os pobres que encontrava; não co-
mia carne senão em grave enfermi-
dade; e no Advento, e na Quares-
ma, até de peixe se abstinha. Era
de páo sua baixella, e tantas suas
mortificações e austeridades, que
no inverno se não agasalhava mais
que no verão.

E comtudo ordenara elle por
suas Constituições, que os Conegos
seus Discipulos tivessem tres tuni-
cas, uma pellica de cordeiro, um
manto branco, e um capêllo, for-
rados tambem de pelles de cordeiro.
As Religiosas devião ter cinco tu-
nicas, tres para o trabalho, e duas
mais fartas, ou antes duas cogulas
brancas, de que usavão no Dormi-
torio, na Claustro, no Refeitório,
e na Igreja, assim como uma pel-
lica de cordeiro, e uma camisa, ou
tunica de grosso pano. Seus véos
tambem erão forrados de pelles de
cordeiro. Os Leigos finalmente ti-
nhão tres tunicas brancas, um man-
to de côr acastanhada forrado de
grossas pelles, e uma capa e um
capêllo tambem da mesma côr. No
trabalho permittia-se-lhes uma pel-
lica de quatro pelles de carneiro.

A esta austeridade correspon-
dia o modo de viver. Não comião
carne. Seus Refeitórios erão dis-
postos por traça tal, que correspon-
dião á habitação das Religiosas, as
quaes por uma janella lhe passavão
o necessario para as refeições. Os
Leigos, que erão alfaiates, tecel-
lões, sapateiros, e cortidores de
pelles, guardavão profundo silen-
cio durante o trabalho. Só os fer-
reiros podião fallar. Todos elles
devião professar na Casa do Capi-
tulo das Religiosas. Não lhes era
permittido livro algum, e devião sa-
ber apenas o *Padre Nosso*, a *Ave*
Maria, o *Credo*, o *Miserere*, e al-
gumas outras orações, que, em vez
de Matinas, Laudes, e mais Horas
Canonicas, resavão em um Orato-
rio particular. O mesmo se obser-
vava a respeito das Convertidas.

Não tomou S. Gilberto logo de
principio o habito da sua Ordem.

Lembrando-se porem de que isto podia ser de consequencia para os que della para o futuro houvessem de ter a direcção, recebeu o habito no celebre Mosteiro de Santa Maria de Bridlinton das mãos de D. Rogero, ou Riccherio, tambem de Sempringham, a cuja obediencia se entregou, renunciando logo a Superioridade.

A despeito da santidade de sua vida, e da pureza de seus costumes, nem S. Gilberto, nem o seu Instituto poderão forrar-se á calunnia. S. Gilberto foi falsamente accusado de haver mandado dinheiros a Santo Thomaz de Cantuaria, porque este Santo fôra recebido com muita caridade nos seus Mosteiros quando passara de Inglaterra para França. Os Juizes de S. Gilberto, como o tinham por de grande virtude, quizerão que elle declarasse com juramento, se era verdadeiro ou falso o que lhe imputavão. Nem pela ameaça, e expulsão de seus Religiosos, nem por seus consideraveis e longos soffrimentos, o poderão conseguir; até que Henrique 2.^o ordenou que voltasse com seus Religiosos para os seus Mosteiros. Então declarou elle ao Tribunal, mas sem juramento, que era falso o que se lhe imputava.

Outra perseguição lhe suscitárão os Irmãos Leigos, e que por isso mesmo lhe foi muito mais sensivel. Capitaneados por um pobre tecelão, que esmollava, e a quem por humanidade S. Gilberto havia admittido na Ordem, não só se levantárão contra elle, querendo por força obriga-lo a os aliviar de uma parte da Observancia da sua Regra; mas até o intrigárão com o

Summo Pontifice Alexandre 3.^o, que acreditando facilmente suas calumnias, procedeo contra elle, e contra seus Conegos. Foi preciso que Henrique 2.^o, e os Bispos do Reino fizessem conhecer ao Summo Pontifice a innocencia do accusado; e então lhe escreveo elle muitos louvores, ordenando que suas Constituições não fossem alteradas sem que nisso conviesse a parte maior, e mais sã de seus Religiosos.

Acabrunhado em fim pela velhice enfermou S. Gilberto em um de seus Mosteiros na Ilha de Kadcencia, e ahi recebeu os Sacramentos. Mas os Religiosos o fizeram transportar para Sempringham, onde passou para o Senhor em 4 de Fevereiro de 1189, na idade de 106 annos, tendo contado 700 Religiosos em treze Conventos da sua Ordem, nove dos quaes erão duplicados, contendo 1:200 Religiosas.

Os muitos milagres, feitos no seu tumulo, obrigarão o Summo Pontifice Innocencio 3.^o a o canonisar, depois de muitas informações.

Ao tempo da mudança de Religião existião em Inglaterra vinte e um Mosteiros desta Ordem, de que era cabeça o de Sempringham, onde se celebravão os Capitulos Geraes, a que assistião duas Religiosas Superiores de cada Casa, uma das Coristas, outra das Convertidas. Os Irmãos Leigos não tinham voto em Capitulo.

Attribuem-se algumas Obras a S. Gilberto; e entre outras — *Gilbertinorum Statuta* — e — *Exhortationes ad Fratres &c.*

AS CONGREGAÇÕES
DOS ESTUDANTES DE BOLONHA;
DE S. PEDRO DO MONTE CORBULO, NA ITALIA;
E
DE S. COSME DE TOURS, EM FRANÇA.

Oh ! ditosos aquelles
Que do SENHOR entregues ao cuidado,
Do mundo nada temem ! que nutridos
São pela mão celeste,
Que os justos, na carreira da virtude,
Sem fluctuar sustentam !

CALDAS. Traduc. do *Psalmo 54.*

EXISTIO uma Congregação de Conegos Regrantes de Santo Agostinho denominada dos Estudantes de Bolonha. Sabe-se que fôra instituída antes do anno 1200; e o Cardeal de Vitry della fallou com elogio. Mas ignora-se absolutamente a localidade do seu Mosteiro, os fins para que fôra instituída, o nome do Summo Pontifice que a approvara, o vestuario de que usavam estes Conegos, e por quanto tempo subsistirão.

Outra Congregação de Conegos Regrantes existio na Italia. Seu 1.º Mosteiro foi fundado na montanha de Corbulo, a quatro leguas da Cidade de Sienna; e por isso se chamou *Congregação do Monte Corbulo*.

Deveo-se esta instituição a Pedro de Reggio, assim denominado por ter nascido nesta cidade. Havia elle passado da Ordem dos Cartuxos para a dos Conegos Regrantes, tomando o habito no Convento de S. Salvador de Bolonha.

Com protecção de Francisco Soderini, Bispo de Volterra, obteve Pedro de Reggio faculdade para fundar uma Congregação, debaixo do nome de S. Pedro, na Igreja de S. Miguel de sobre o Monte Corbulo, e que foi confirmada pelo Summo Pontifice Julio 2.º, ou Leão 10.º.

Seu vestuario consistia em uma tunica parda, um roquete, e sobre elle uma murça, ou capello.

No começo do século 11.º se retirou para uma Ilha da Loire, perto de Tours, o Thesoureiro de S. Martinho da mesma Cidade chamado Hervé. Ahi fundou elle uma pequena Igreja com a invocação de S. Cosme, e a par della um Mosteirinho, em que viveo vida solitaria, e retirada.

Constrangido pelos Conegos de Tours a voltar para o seu gremio, pedio-lhes, que dessem o Mosteiro, que elle havia fundado, e juntamente a Ilha, aos Monges de Marmoutier, sob condição de que ao menos doze delles alli habitarião, e alli celebrarião o Officio Divino. Os Conegos annuirão; e a Ilha tomou o nome de S. Cosme.

Ignora-se o anno em que os Religiosos, que lá estavam, deixáram a Regra de S. Bento para seguirem a de Santo Agostinho, e viverem como Conegos Regrantes; mas dependêrão elles sempre dos de S. Martinho de Tours, e só do anno de 1708 por diante é que reconhecerão a jurisdição dos Arcebispos daquella cidade.

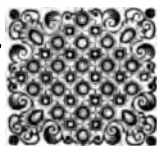
Pretende-se que neste Mosteiro de S. Cosme fôra enterrado o celebre Beranger, Arcediago de Angers, aquelle que primeiro ouviu dizer, que o Sacramento do Altar era apenas a figura do cor-

po de Jesus Christo, e que atacou igualmente os casamentos legitimos, e o Baptismo dos meninos. Condemnado em diversos Concilios desde o anno de 1050; assignando diversas profissões de fé, que pouco depois retractava; veio finalmente a abjurar completamente seus erros no Concilio de Bordeos, celebrado em 1080. Ninguem mais fallou nelle desde então; e retirado no Mosteiro de S. Cosme, onde inteiramente se entregara a uma vida penitente, falleceo em 5 de Janeiro de 1088.

Em S. Cosme de Tours foi tambem sepultado, em magnifico tumulo, Pedro Ronsard, principe dos Poetas Francezes do século 16.º, oriundo da Hungria; e da Bulgaria, e honrado pelos Monarchas Henrique 2.º, Francisco 2.º, Carlos 9.º, e Henrique 3.º Pedro Ronsard havia sido Commendatario de S. Cosme, e deixou a vida mortal em 27 de Dezembro de 1585.

Estes Conegos Regrantes de S. Cosme de Tours vestião-se como os Ecclesiasticos, com a unica differença de trazerem sobre as mangas uma tira de linho da largura de quatro dedos.

No Còro usavão de sobrepe-
liz, com murça no braço, e barrete ecclesiastico.





Porto Lith da R. da Rel. n.º 29.30

CONEGO . REGRANTE
da Penitencia dos Martyres
em habito de Côro.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

OS CONEGOS REGRANTES

DE

NOSSA SENHORA DO METRO

DA

PENITENCIA DOS MARTYRES.

A entrada para o Paraiso mais limpa,
mais breve, e mais segura é a Religião.

SANTA MARIA MAGDALENA DE PAZEL.



uitos confundirão a Ordem de Nossa Senhora do Metro da Penitencia dos Martyres com uma supposta Ordem de S. Demetrio.

O Padre Luiz Torelli, Religioso Eremita de Santo Agostinho, na Historia que começou de publicar em 1675, falla de uma Ordem de S. Demetrio, fundada na Polonia em 1200, e confirmada pelo Summo Pontifice Alexandre 4.º, pretendendo que os Religiosos trazião habitos pardos, e nelles uma Cruz sobre um Coração.

O Padre Jeronimo Romano, tambem Eremita de Santo Agostinho, escreveo, que havia uma Ordem chamada da Penitencia dos Martyres, fundada na Italia em 1232, no Pontificado de Clemente 5.º, e cujo instituto era agasalhar os Peregrinos. Elle acrescenta que

esta Ordem por tal modo se engrandecera, que foi dividida em dezoito Provincias; e que tinha dous Mosteiros em Galiza, um em Sarria, outro em Arzua, os quaes, por determinação de Filippe 2.º, forão em 1567 incorporados na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho.

Herrera, igualmente Religioso da mesma Ordem, afirma tambem, que a da Penitencia dos Martyres fôra fundada na Italia: que seus Religiosos trazião habito branco com uma Cruz vermelha; que dous delles, que vierão de romagem ao Apostolo S. Thiago de Compostella, a introduzirão na Hespanha, fundando os Mosteiros de Sarria, e de Arzua.

Não se pode dar credito ao Padre Jeronimo Romano apresentando a Ordem como fundada

em 1232, no Pontificado de Clemente 6.^o; pois que a Igreja então era governada por Gregório 9.^o, e Clemente 6.^o só succedeo a Benedicto em 1304. Menos ainda se pode acreditar, que ella fosse mui poderosa, e dividida em dezoito Provincias; já porque della os Escriptores não fizeram grande menção; e já porque se tivessem tido dezoito Provincias, seriam ellas enumeradas em uma pretendida Bulla do Summo Pontifice Bonifacio 8.^o, do anno de 1295, que é o mais antigo titulo que estes Religiosos produzião. E com tudo nesta Bulla só se falla do Mosteiro de Metro na Cidade de Roma, do de Santa Isabel de Ailesphet, do de S. Pedro, do de Santa Cruz de Praga, do de S. Bartholomeu de Podhrad, do de Santa Maria de Orlitz, na Diocese de Praga, do de S. Martinho de Cracovia, e do de Santa Maria, na Diocese da mesma Cidade.

Estes Religiosos com tudo só possuíão uma cópia desta Bulla, cujo original dizião que se perdera. E foi isto o que obrigou o Geral da Ordem a recorrer ao Summo Pontifice Julio 2.^o, do qual obteve em 1507 uma Bulla em que se inserio aquella de 1295, mandando o mesmo Summo Pontifice, que se lhe dêsse tanto credito como ao original; e apesar de que elle declara, que em Roma não havia conhecimento algum da Igreja de Nossa Senhora de Metro, nem da sua situação, confirma com tudo estes Religiosos na posse dos Mosteiros mencionados na Bulla de 1295, e na dos mais que haviam adquirido, e que se reduzião ao de Santa Cruz de Bisztritza, na Lithuania, da Santissima Trindade de Med-

niki, e da Santissima Trindade de Twerec, na Diocese de Vilna.

Sem embargo de ser esta Bulla o unico titulo destes Religiosos, como já levamos dito, tiveram elles com tudo tão grandes pretensões relativamente á sua antiguidade, como os Cruciferos ou Porta Cruzes, de que já tratamos.

Na Polonia se dava communmente a estes Religiosos o nome de Conegos de S. Marcos, porque o seu Mosteiro de Cracovia, que era o principal, fôra consagrado a S. Marcos Evangelista. Convem os Historiadores Polacos em que esta Religião foi recebida na Polonia em 1257, e que Boleslao o Casto, Duque de Cracovia, nesta cidade a estabelecêra, dando-lhe a Igreja de S. Marcos, pouco tempo antes por elle fundada. Dugloz acrescenta, que estes Religiosos tinham sido instituidos pelo Summo Pontifice Alexandre 4.^o, successor de Innocencio 4.^o, em 1264.

Alem do Mosteiro de S. Marcos de Cracovia tinham elles mais quatro na Polonia, e maior numero na Lithuania, onde os mais consideraveis erão — o de Medniki, fundado por Jagellon no Palatinado de Vilna — o de Widzinieiszki — o de Twerc — e o de Mikalirki. Tambem tinham alguns na Bohe-mia, sendo um delles em Praga.

Seu vestuario consistia em uma sotana branca, e um Escapulario da mesma côr, e nelle um coração, a que servia de remate uma Cruz vermelha. Quando sabião fora vestião sobre a sotana branca uma outra preta; e nas funcções ecclesiasticas usavão de sobrepeliz e murça branca.

OS RELIGIOSOS HOSPITALARIOS

FAZEDORES DE PONTES,

■

OS DE S. THIAGO DE HAUT-PAS,

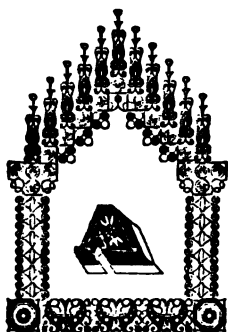
OU

DE LUCA.



Souvent une chapelle décorait les ponts du moyen age, comme on en voit un exemple à l'ancien pont construit sur le Rhone, en 1177, par S. Benezet, entre Avignon et Ville-neuve.

MAGASIN PITTORESQ. 9.^{me} Année pag. 278.



CABAVA a segunda estirpe dos Monarchas de França, e inaugurava-se a terceira. O Estado havia cahido em uma especie de anarchia. Erigião-se os grandes em soberanos na proporção do seu poder; e em todas as passagens de rios deixou de existir segurança para os viajantes, que, além de avexados com violentas portagens, e outras exacções, eram roubados no transitto, e por ventura assassinados, para mais facilmente se fazer mão baixa no seu espolio.

Tantos excessos, barbaridades tantas excitirão a compaixão de algumas pessoas piedosas. Formá-

TOM. 2.^o

rão-se Confrarias, que logo se convertêrão em uma Ordem Religiosa com a denominação de *Irmãos da Ponte*, ou *Fazedores de Pontes*; e em verdade era este o objecto da sua instituição. Os Superiores das Casas tomárão indifferentemente o titulo de Priores, ou de Comendadores; e os Religiosos não erão sacerdotes.

Fundou-se o primeiro estabelecimento desta Ordem em um lugar dos mais perigosos, e que por isso se chamava *Mauvais-Pas*, ou *Mau-Pas*, sobre o Durança, no Bispado de Cavaillon. Desde então facilitou-se a passagem aos viandantes; alli encontrirão desde então abrigo e segurança; e ao *Mau-*

vais-Pas, ou *Mau-Pas* se começou de chamar *Bon-Pas*.

S. Benezeto, assim denominado em França por sua pequena estatura, e como se se dicesse *pequeno Bento*, era Religioso desta Casa, e nella Commendador, ou Superior, quando, inspirado por Deos, se dirigio a Avinhão com designio de fazer no Rhodano um estabelecimento igual ao de *Bon-Pas*.

Era o dia 13 de Setembro de 1176. Prégava na sua Cathedral o Bispo Poncio para tranquilisar o povo amedrontado com um eclipse do sol, que naquella dia houvera. S. Benezeto entrou na Igreja ousadamente, e annunciou em alta voz o objecto de sua missão. As sombras dos altos montes da annosidade já lhe cahião sobre a fronte, já lhe era forçado ajudar-se de um bordão; e tudo isto lhe grangeou logo o apoio e veneração do povo. Mas os notaveis olharão-no como visionario, porque a magestosa largura do caudaloso Rhodano, e a força de sua rapida corrente lhes fazia crêr impossivel que nelle se edificasse uma ponte.

Era então em grande voga a edificação de pontes; e porque naquelles tempos a Cidade de Avinhão formava uma republica, prevaleceo no Conselho o voto popular; decretou-se a edificação da ponte; e com a maior actividade começaram os preparativos. Quando logo depois se presenciou a destreza com que S. Benezeto, e seus Religiosos, lançarão na agua a primeira pedra, que devia servir de alicerce ao primeiro cunhal da ponte — *Milagre!* — exclamou o povo; e o religioso Benezeto foi para logo proclamado Santo.

Concluida a ponte de Avinhão, comprehendêrão os Hospitalarios de *Bon-Pas* a edificação de outra sobre o Durança; e seu designio foi aprovado pelo Summo Pontifice Clemente 3.º, que os felicitou na Bulla, que lhes dirigio em 1189, confirmando-os na posse de todas as doações, que havião recebido, e tomando-os debaixo da protecção da Santa Sé.

No começo do seculo 13.º estava a Ordem em todo o seu esplendor. Guilherme 4.º, Conde de Forcalquier, e Raymundo 3.º, appellidado o Velho, Conde de Tolosa, derão aos Religiosos de Avinhão, em 1202 e 1203, todas as possiveis isenções nos seus Estados, e lhes doarão o direito de transito, que tinham no Rhodano, tomando-os alem disso debaixo de sua valiosa protecção, como já havião feito os Bispos em cujas Dioceses tinham Casas.

A utilidade das pontes de Avinhão e de *Bon-Pas*, e a boa fama que os Religiosos alcançarão pelo edificativo desempenho de suas funcções de caridade, e pelas maravilhas que Deos operava por intercessão de S. Benezeto, despertarão nos habitantes de S. Saturnino do Porto um desejo igual ao dos habitantes de Avinhão e de *Bon-Pas*. Em 12 de Setembro de 1265 foi lançada a primeira pedra desta nova ponte, a que se deo o nome de *Ponte do Espirito Santo*. Nella se trabalhou por espaço de trinta annos, até que foi levada ao estado em que ainda hoje com pequena differença existe, tendo mil e duzentos passos de comprimento, e quinze de largura, com vinte e dous arcos, e no cunhal de cada um delles uma

**THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY**

**ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS**
R L



RELIGIOSO HOSPITALARIO
da
Ordem de S. Thiago de Haut-Pas.

janela ou abertura para mais facilitar a rapida corrente daquelle rio, quando suas aguas mais engrossão.

A' grande consideração ganha-da pelos Religiosos Fazedores de Pontes acreceio em poucos annos o grangeo de outras muitas importantissimas doações, e excessiva riqueza; mas foi isto o que desgraçadamente lhes fez perder o espirito de seu Instituto.

Os de *Bon-Pas* forão os primeiros a se relaxar. Em 1277 quizerão elles unir-se aos Templarios; mas o Bispo de Cavaillon, sem embargo de lhes haver dado seu consentimento, tentou alcançar do Summo Pontifice Nicoláo 3.º, no anno de 1278, que o Hospital de *Bon-Pas* se dêsse aos Cavalleiros de Malta, ou de S. João de Jerusalem, a fim de que nelle ao menos se continuasse a hospitalidade. Os Religiosos, sabendo deste projecto, entregárão a Casa espontaneamente, e se incorporárão naquella Ordem.

Tornando-se pouco uteis ao publico os Religiosos de Avinhão pelo descachimento de sua disciplina, e larguezas de vida em que se engolfárão, o Summo Pontifice João 22.º unio esta Casa á Igreja Collegiada de Santo Agricola da mesma Cidade no anno de 1321.

Restavão apenas os Hospitalarios da Ponte do Espirito Santo, onde tambem se havia fundado um Hospital, que depois se tornou celebre, e cuja direcção estava confiada aos habitantes do logar. Como os Religiosos de Avinhão, desempenhávão elles, apesar de leigos, todas as funções inherentes a seu Instituto. Mas desgostosos de seu estado laical, ao mesmo passo que erão os unicos da Provincia que po-

dião arrogar-se a gloria de contar a S. Benezeto como religioso da sua Ordem: — conseguirão, que a instancias de Carlos 7.º, Rei de França, e de Alano Coetivi, Bispo de Avinhão, e Prior Commendatario da Ponte do Espirito Santo, o Summo Pontifice Nicoláo 4.º lhes confirmasse todas as graças, que já haviam alcançado da Santa Sé, bem como seus Estatutos, Regulamentos, e doações, dando-lhes depois o habito branco para os distinguir dos outros Religiosos, e para denotar sua Regularidade.

Não persistirão elles com tudo longo tempo nesta prospera e desejada situação, pois que voltárão ao estado secular, conservando apenas o habito para designar sua Profissão de Hospitalarios. Em 1519 já elles estavam completamente secularisados, pois que uma Bulla do Summo Pontifice Leão 10.º, do mesmo anno, os menciona como Ecclesiasticos Seculares.

Estes Religiosos passarão depois a formar uma como Collegiada sob a jurisdicção do Prelado Diocesano.

Na populosa Cidade de Paris, e em um de seus arrabaldes denominado de *S. Jacques*, existio um Hospital da Ordem de S. Thiago de *Haut-Pas*, ou de Luca, fundado por Filippe 4.º, appellidado o Bello, quadragessimo setimo Rei na serie dos de França, e que na idade de desesete annos começou de reinar pelos de 1286.

Chamou-se Hospital de *Haut-Pas* não pela sua situação, ou por difficuldade que houvesse para se nelle entrar; mas porque era filial

e dependente do grande Hospital de *Haut-Pas* de Luca, na Italia: Hospital, que no Estado de Florença, e estrada real de Roma facilitava a passagem do Arno, onde era costume pagar grandes direitos de transito, de que forão libertados os peregrinos, não sem que para isso também concorressem outros iguaes estabelecimentos, que lhe estavam unidos, e delle dependentes.

Alem do Grã-Mestre desta Ordem, que residia na Italia, havia em França um Commendador Geral. E' isto comprovado por diversos epitaphios conservados na sua antiga Igreja, que depois passou para os Benedictinos, e successivamente para os Padres da Congregação do Oratorio.

Estes Religiosos, que na sua origem erão leigos, e constructores de barcas ou jangadas em que passavão os peregrinos, com o andar dos tempos vierão em se ordenar.

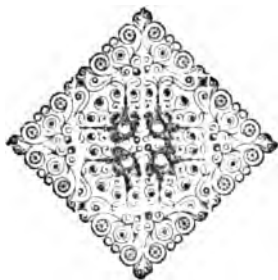
Traziaão elles sobre o manto um martello de cabo agudo, e como que destinado para abrir buracos, que facilitassem a entrada de pregos na madeira. Diversos erão com tudo os martellos de que elles usavão; porque uns semelhavão o maço do tanoeiro: tinham outros duas pontas de cada lado: em outros em fim a

aza do martello tinha a forma de um machado. — O habito destes Hospitalarios era branco.

Deu-lhes o Padre Dubreuil, nas suas Antiguidadès de Paris, a qualificação de Cavalleiros; mas outros Historiadores lhes derão a de Conegos Regrantes. Erão provavelmente como os do Espirito Santo de Moimpelher, ou *in Sassia*, ou como os de Santo Antão de Vienna, que já tiverão logar em nossa Galeria, e que, posto que Conegos, erão ao mesmo tempo Hospitalarios, aos quaes, sem fundamento plausivel, alguns Authores derão também o titulo de Cavalleiros.

Foi esta Ordem do numero daquellas que o Summo Pontifice Pio 2.º supprimio, applicando suas rendas á Ordem de Nossa Senhora de Bethlem, que instituio pela sua Bulla de 1459, como já escrevemos em logar competente.

A despeito porem desta supressão ainda a Ordem de S. Thiago de Haut-Pas, ou de Luca, por longo tempo subsistio em França; ainda no Hospital de Paris vivião alguns Religiosos, quando elle foi entregue aos Benedictinos, em 1572, por ordem de Carlos 9.º; e foi uma das Ordens Militares e Hospitalarias, que Luiz 14.º unio á de S. Lazaro de Jerusalem em 1672.



OS CONEGOS HOSPITALARIOS

DE

S. JOÃO BAPTISTA DE CONVENTRY, DE S. LEONARDO DE YORK, DE S. JOÃO BAPTISTA DE DOTINGHAM, DE S. JULIÃO, E DE ELLEFORD, EM INGLATERRA.

OS CONEGOS REGRANTES

DE

S. MARCOS DE MANTUA.

OS DO ESPIRITO SANTO DE VENEZA.

Omnia ergo quaecumque vultis ut faciant vobis homines, et vos facite illis. Haec est enim lex, et propheta.

E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a elles, Porque esta he a Lei, e os Profetas.

S. MATHEUS. Cap. 7. v. 12.

s Historiadores Inglezes não fixão a epocha em que se estabeleceo o Hospital de S. João Baptista de Conventry, fundado pelo Prior e Monges da Cathedral da mesma Cidade, que erão da Ordem de S. Bento. Mas uma Bulla do Summo Pontifice Honorio 3.º, datada de 1221, recebeo o Reitor e Hospitalarios de Conventry debaixo da protecção da Santa Sé, concedendo-lhes privilegios, e confirmando-lhes todas as suas doações; e igual protecção lhes estendeo Henrique 3.º de Inglaterra.

Esta Bulla com tudo deo occasião a um pleito entre os Monges de Conventry e os Hospitalarios, pleito, que só passados duzentos annos foi decidido por arbitros em 1425. Determinarão elles, que nenhum effeito tivesse uma Bulla, que tantas

dessidencias havia causado: — que o Prior e Cabido de Conventry seriam de futuro reconhecidos como verdadeiros fundadores do Hospital: — que o Mestre, ou Reitor delles, apenas installado, prestaria obediencia e fidelidade ao mesmo Cabido, e lhe pagaria dizimos: — que o Prior da Cathedral poderia visitar todos os annos o Reitor, Religiosos, e Religiosas do Hospital, os quaes deverião todos professar nas suas mãos, e por uma formula marcada na mesma sentença, que continha muitos Regulamentos e Estatutos para estes Hospitalarios. Ella regulava o vestuario de ambos os sexos, e consistia elle em um habito, ou tunica, um escapulario, e um manto, tudo de côr parda, e com uma cruz preta sobre o habito e manto. As Religiosas tinhão véo branco, e parece que com os Reli-

giosos devião concorrer a Capitulo, ás procissões geraes, e aos enterros dos Priores e Monges da Cathedral. O Mestre, ou Reitor do Hospital chamava a Capitulo em todas as sextas feiras para punir as faltas de seus subditos e subditas.

A' semelhança dos Hospitalarios de Conventry havia muitos outros em Inglaterra, que os Historiadores Dodsworth e Dugdale collocarão na serie dos que seguião a Regra de Santo Agostinho. Parece com tudo mais provavel que tivessem Regras particulares, e que dependessem dos Bispos das Dioceses em que existirão. Os Regulamentos porem de alguns destes Hospitalarios fazem bem conhecer que erão verdadeiros Religiosos; pois que, por exemplo, os do Hospital de S. Leonardo de York, tanto de um como de outro sexo, se alguma vez peccavão contra a pobreza, ou castidade, só podião ser absolvidos pelo Mestre do Hospital, salvo em artigo de morte; e o que morria em posse de quaesquer effeitos era privado de sepultura religiosa.

Em 1241 fez tambem Vautiero de Grey, Arcebispo de York, uma Regra para as Religiosas e Religiosos Hospitalarios de S. João Baptista de Dottingham, e a dirigio a Aluino, que do mesmo Hospital era Mestre, ou Reitor. Esta Regra proscrevia inteiramente a propriedade, a ponto de fulminar excomunhão contra aquelle que, sete dias depois da sua publicação, possuisse quaesquer bens; e tambem privava de sepultura em sagrado todo o que nessas circumstancias se finasse. Estas Religiosas e Religiosos usavão de habitos pardos, e

mantos pretos. Só comião carne tres vezes na semana. Guardavão profundo silencio no Refeitório. Juntavão-se todas as semanas em Capitulo para se accusarem de suas faltas, e receberem o justo castigo. Todos os mezes devião ler o Regulamento daquelle Arcebispo, em lingoagem ingleza, ou franceza.

Muitos Hospitales havia tambem em Inglaterra destinados para Leprosos, e onde se proferião votos de pobreza, obediencia, e castidade. No fim das Obras de Mathews Paris se encontrão os Estatutos do Hospital de S. Julião, fundado pelos annos de 1140, no reinado de Henrique 1.º, por Geofredo, 6.º Abbade de Santo Albano. Nestes Estatutos, feitos pelo Abbade Miguel no anno de 1344, se lê: — que os casados não poderião ser recebidos neste Hospital, e quando algum casado se apresentasse, deveria fazer solemne voto de castidade nas mãos do Arcebispo da Abbadia de Santo Albano, de que o mesmo Hospital era dependente. O que transgredisse este voto era expulso, e reconduzido para sua mulher, se ella ainda vivesse, ou severamente punido, se já não existisse.

Não se obrigavão com tudo estes Hospitalarios a mui rigorosa pobreza, pois que lhes erão permittidos alguns moveis, que honestamente podessem adquirir, attendendo a que era insufficiente o que no Hospital se lhes fornecia; mas sob condição de que morrendo, ou sahindo, ao mesmo Hospital pertencerião esses moveis para serem distribuidos em commum. Da terça parte podião elles com tudo dispôr em testamento, mas com permissão



Vol. 2.

CONEGO REGRANTE
da
Antiga Congregação de S. Marcos de Mantua.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R. L.

do Mestre, ou Reitor, sob pena de nullidade.

O trajo destes Hospitalarios consistia em um habito e capêllo de côr acastanhada. No Côro, e fóra do Hospital, servião-se de um manto e capêllo preto, que podião ser forrados de pelles de cordeiro. O vestuario dos Presbiteros era preto, mas na forma inteiramente semelhante ao dos outros.

Na Historia Monastica de Inglaterra inserirão tambem Dods-worth e Dugdale os Regulamentos do Hospital dos Leprosos de Elleford, no Condado de Essex, e que fóra fundado pela Abbadeça e Religiosas do Mosteiro de Berking. Foi Radulpho de Baldok, Bispo de Londres, quem formalisou estes Regulamentos em 1346, e tiverão o consenso de Mathilde de Montaigu, então Abbadeça de Berking, e a quem os Leprosos de Elleford juravão aos Santos Evangelhos pobreza, castidade, e obediencia.

Ao Veneravel Padre Alberto Spinola deveo sua origem a Congregação de S. Marcos de Mantua. Projectara elle a edificação de um Mosteiro de Conegos Regrantes, e para esse fim obteve do Abbade de Santo André de Mantua uma vinha, junto da qual existia uma Capella de que erão padroeiros alguns burguezes da Cidade, e que não sómente cedêrão de seu direito de padroado, mas até doárão aos novos Conegos algumas terras, que podessem fornecer o preciso para edificação da Igreja e do Mosteiro, e para sustentação de seus moradores; sob condição porem de que a Igreja não dependeria de alguma

outra, antes seria cabeça de uma Ordem debaixo da denominação de S. Marcos.

Alcançada a confirmação do Summo Pontifice Celestino 3.º, com a invocação de S. Marcos foi lançada a primeira pedra da Igreja por Henrique, Bispo de Mantua, em 1194.

Alguns Clerigos se reunirão logo; e Alberto Spinola, seu primeiro Superior, lhes prescreveo uma Regra, que foi aprovada pelo Summo Pontifice Innocencio 3.º em 1204, e confirmada, depois de corrigida, pelos Soberanos Pontifices Honorio 3.º, e Gregorio 9.º. Mais tarde, nos Pontificados de Gregorio 10.º, João 22.º, Calixto 3.º, Nicolao 4.º, e muitos outros, grandes privilegios obtiverão os Conegos Regrantes de S. Marcos, que, segundo o Historiador Penot, só abraçarão a Regra de Santo Agostinho pelos annos de 1452, epocha em que forão reformados.

Vida a mais austera vivião elles no começo de sua instituição. Dormindo sobre pobre enxerga, e com lençoes de lã, alem do Advento, de todas as sextas feiras do anno, e dos outros dias prescriptos pela Igreja, jejuavão desde o Domingo *in albis* até ao mez de Setembro. Guardavão estreitissimo silencio; consagravão diariamente duas horas ao trabalho; e só admitião a professar os que houvessem completado desesete annos de idade.

Seu vestuario consistia em um habito ou tunica de sarja branca, e um roquete; mas no Côro usavão de um barrete de cantos, e de um pequeno capêllo, tudo branco, assim como de uma murça da mes-

ma côr, que punhão sobre o braço.

Dezoito ou vinte Casas, comprehendendo as de Virgens, chegou esta Congregação a contar na Lombardia, e no Estado de Veneza. Pela Bulla da Confirmação da Ordem, no Pontificado de Honório 3.º, se conhece, que já em 1220 ella tinha os Conventos de S. Marcos de Mantua, do Espirito Santo de Verona, de Parma, de Santo Eusebio de Saratico, na Diocese de Vicencia, e de Santa Perpetua de Faenza. E um antigo Registro, que se conservava na Abbadia de S. Marcos de Mantua, e que continha os Capitulos celebrados na Ordem desde o anno de 1249 até 1340, mostrava que ao do anno de 1249 assistirão deseseis Priores.

Florescêra finalmente a Congregação de Mantua por espaço de 400 annos; até que, decahindo pouco e pouco, se vio reduzida a dous Conventos, e em que já nenhuma regularidade se observava.

Foi então que o Duque de Mantua, Guilherme, com aprovação do Summo Pontifice Gregorio 13.º, em 1584 deo aos Monges Camaldulenses o Mosteiro de S. Marcos, que fôra cabeça da extincta Congregação.

Na famosa Cidade de Veneza teve origem outra Congregação de Conegos Regrantes, que se denominou do Espirito Santo, e que em 1656 foi supprimida pelo Summo Pontifice Alexandre 7.º

Quatro nobres Venezianos, D. André Bondimero, D. Miguel Maurocini, D. Philippe Paruta, e D. Francisco Contarini, que haviam resolvido abandonar o mundo, se di-

rigirão ao Convento de Nazareth, situado nas Lagoas de Veneza, e que se achava habitado por Eremitas da Ordem de Santo Agostinho. Ahi recebêrão o habito da Ordem, e ahi fizeram sua profissão, submetendo-se á direcção de Gabriel de Spoletto, que então era Prior.

Algum tempo depois, alcançando o Mosteiro de S. Daniel, no Districto de Padua, que lhes foi doado pelo respectivo Abbade Comendatario, para elle se trasladáram; mas não persistirão lá por muito tempo, pois que forçados a o desamparar pelo Abbade, que succedêra áquelle doador, voltáram para Veneza, onde lhes foi dado o Mosteiro do Espirito Santo, a uma legoa de distancia da Cidade.

Neste Mosteiro, posto de parte o habito de eremitas de Santo Agostinho, tomáram elles o de Conegos Regrantes, em 1484, com permissão do Summo Pontifice Martinho 5.º.

Ao tempo da suppressão da Ordem no Pontificado de Alexandre 7.º, como já levamos dito, existia apenas um Convento, e alguns Hospicios, em que havia mui poucos Religiosos, e em grande relaxação. Estes Conegos Regrantes, segundo parece, trajavão como os de Latrão.

De entre os fundadores da Congregação do Espirito Santo sahirão D. André Bondimero para Patriarcha de Veneza, e D. Philippe Paruta para Arcebispo de Creta, a que depois se deo o nome de Candia.

Nesta Abbadia do Espirito Santo, que forma uma Ilha junto de Veneza, é que os Embaixadores dos Principes Soberanos, antes de entrarem na Cidade, recebião os cumprimentos da Republica.

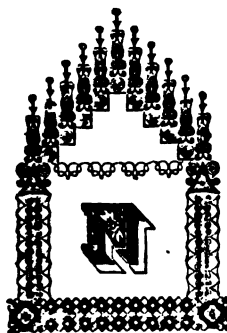
AS CONEGAS HOSPITALARIAS

DE

SANTA CATHARINA, E DE S. GERVASIO

DE PARIS.

AS DE BEAUVAIS, DE ABBEVILLE, DE PONTOËSA, E DE CAMBRAY.



ão se intrometteo a Religião em nossas alegrias, mas como carinhosa e terna mãe só se lembrou de alliviar nossas magoas; e ás suas filhas incumbio principalmente a consolação dos doentes, o soccorro dos pobres. Desde a mais remota antiguidade nos offerece o bello sexo as mais instructivas scenas de caridade christã no serviço dos Hospitaes; e na succinta relação, que de seus diversos institutos neste logar vamos apresentar a nossos Leitores, temos em vista pagar-lhe um pobre tributo de nosso respeito e admiração.

HOSPITALARIAS

DE

SANTA CATHARINA DE PARIS.

Ao Hospital de Santa Catharina.
Tom. 2.º

Le plus bel éloge que nous pourrions faire de la vie monastique, seroit de présenter le catalogue de travaux auxquels elle s'est consacrée.

CHATEAUBRIAND. — *Genie du Christianisme*, Liv. 6. chap. 6.

rina, a que também chamavão *Hotel-Dieu*, se havia antigamente dado o nome de Santa Opportuna, pela sua proximidade de uma Parochia da mesma invocação. Debaixo do nome de Santa Opportuna se faz delle menção em um Documento de 1188; e só tomou a denominação de Santa Catharina em 1222, quando aos Religiosos, que o administravão, foi permitido edificar uma Capella consagrada a esta Santa Virgem e Martyr.

Neste Hospital começou de haver Religiosas para também cuidarem dos pobres desde o anno de 1328; mas no de 1558 já nelle não existião os Religiosos, e apenas era dada pelo Bispo de Paris a Dignidade de Mestre ou Superior a qualquer Clerigo Secular. Sem a approvação deste Superior não podião as Religiosas tratar negocio algum.

Era principalmente de seu instituto hospedar por tres dias as

mulheres pobres, casadas, ou solteiras, que viessem a Paris, e fazer enterrar no Cemiterio dos Santos Innocentes as que morressem nas prizões, e as que apparecessem assassinadas nas ruas, ou afogadas no Sena.

Seu vestuario antigamente era preto; mas o Bispo de Paris Eustachio du Bellay, fallecido em 1565, e que lhe deo Constituições, ordenou que relativamente ao habito se conformassem com as Religiosas do Hospital de S. Gervasio.

Deste Hospital de Santa Catharina, e passados alguns annos em serviço dos pobres, sahio Soror Alix la Bougotte para viver vida mais retirada, e sem commercio algum com as creaturas. Por espaço de um anno se havia ella encerrado em uma camera alta do mesmo Hospital, donde depois foi conduzida para o Cemiterio dos Santos Innocentes, e ahi *reclusa* em um pequeno quarto encostado á Igreja, e que para ella tinha uma pequena janella donde ouvia Missa, e assistia aos Officios Divinos. E tão santamente viveo ella neste lugar, que Luiz 13.º lhe fez erigir um tumulo de bronze em que permaneceo representada ao natural.

As Hospitalarias de Santa Catharina devião rezar todos os dias o Officio de Nossa Senhora, abster-se de comer carne em todas as quartas feiras, jejuar todas as sextas feiras do anno, todas as quartas feiras desde a Exaltação da Santa Cruz até á Paschoa, todos os dias do Advento, e todas as vespersas de Festa de Nossa Senhora; e isto alem dos outros jejuns da Igreja.

Seu vestuario consistia ultimamente em um habito de sarja branca, e roquete da mesma côr, apertado com cinto preto. No Coro, e nas Ceremonias usavão de um grande manto preto.

HOSPITALARIAS

DE

S. GERVASIO DE PARIS.

Como as Religiosas do Hospital de Santa Catharina, exceptuando o cinto, trajavão as do Hospital de S. Gervasio, assim chamado por estar contiguo á Parochia dos Santos Martyres Gervasio, e Prothasio.

Em 1171 foi elle fundado, com o titulo de Santo Anastacio, por Gerin Masson, e seu filho Archer, destinando para esse fim uma casa, que tinham proxima a S. Gervasio; e o Summo Pontifice Nicoláo 4.º o tomou debaixo da protecção da Santa Sé, com todos os seus bens presentes e futuros, pela sua Bulla do anno 1290, dirigida ao Mestre e Religiosos, que considerou como da Ordem de Santo Agostinho.

Assim continuárão sómente Religiosos na administração do Hospital até ao anno de 1300, em que Foulques, 2.º Bispo de Paris, ordenou que nelle existissem quatro Religiosas com um Mestre, e um Provisor para administrar as temporalidades, conservando-se desta arte até ao anno de 1608, em que quatorze Religiosas de Santo Agostinho delle tomárão inteira posse por ordem de Pedro de Gondy, Cardeal e Bispo de Paris, que

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R



Porto - Lith. R. da Rebeloira N.º 29 e 30

Fol.

RELIGIOSA HOSPITALARIA

de

S. João Baptista de Beauvais.

informado do máo governo dos Mestres e Provisores, libertou as Religiosas da sua dependencia, e se reservou dar commissão a quem lhe aprouvesse para receber os votos, e tomar contas ao Hospital.

Pelo tempo adiante, não havendo já no edificio acomodação sufficiente para o grande numero de Religiosas, que chegara a sessenta, comprárão ellas o palacio do O, na antiga rua do *Temple*; e ahí continuarão seu exercicio de caridade, em tudo igual ao das Hospitalarias de Santa Catharina, só com a differença de ter por objecto os pobres e peregrinos.

HOSPITALARIAS

DE

BEAUVAIS.

Ignora-se inteiramente a época da fundação do Hospital de Beauvais, e o nome de seu fundador. Louvet, nas suas *Antiguidades de Beauvais*, diz que este Hospital já existia no anno de 840; mas os Documentos mais antigos, que nelle se guardavão, remontavão apenas ao seculo 12.^o Uma Bulla do Summo Pontífice Alexandre 3.^o, do anno de 1167, confirmava as doações deste Hospital. Outra do Summo Pontífice Lucio 3.^o, dirigida ao Mestre e Religiosos, contem a enumeração dos bens, que então lhe pertencião. Em 1193 concedeo o Summo Pontífice Celestino 3.^o aos Religiosos, e aos pobres, permissão de comerem manteiga e queijo durante a quaresma. E no anno de 1199 foi o Hos-

pital recebido dehaixo da protecção do Summo Pontífice Innocencio 3.^o

Nelle não havia por tanto Religiosas antes de entrar o seculo 13.^o, em que nelle forão recebidas para, juntamente com os Religiosos, servirem os pobres.

Vindo a Beauvais, em 1246, o Cardeal Eudes, Legado do Summo Pontífice Innocencio 4.^o, para assistir a um Concilio; os Religiosos e Religiosas do Hospital, não se contentando sómente com a Regra de Santo Agostinho, que professavão, lhe pedirão e obtiverão Regulamentos particulares para o seu instituto de Hospitalarios.

Estes Regulamentos continhão 42 capitulos. O que se apresentava para tomar o habito, devia, segundo um delles, ser provado por espaço de um anno em trajo secular; e antes de receber o habito devia jurar, que nem por si, nem por outrem, havia dado ou promettido cousa alguma ao Hospital. Os Presbiteros erão obrigados a rezar as Horas Canonicas; e cada um devia dizer tres Missas pela alma de cada Religioso ou Religiosa, que falescia. Depois de Completas devia haver silencio. Ninguém era dispensado de Matinas senão por enfermidade; e tomavão disciplina uma vez por semana. O que fosse convencido de revelar segredo do Capitulo era tido por excommungado, só bebia agua, e comia no chão, servindo-se-lhe apenas um caldo, até que cumprisse a penitencia. Só podia derigir-lhe a palavra aquelle que o tratava. A merecida disciplina applicava-se aos Presbiteros sómente em presença dos outros Presbiteros: a do Leigo, em presença do

AS SERVAS DE DEOS

(FILLES-DIEU)

DE PARIS, DE ORLEAENS, E DE RUÃO.

Nada haja de notavel em vossos vestidos, não pretendais agradar por isso, mas pela pureza de vossos costumes.

SANTO AGOSTINHO. *Epist.* 211.

SERVAS DE DEOS

DE

PARIS.



Em todos os Hospitaes se dava antigamente em França o nome de *Hotel-Dieu*, e de *Maison-Dieu*; e por isso os seus habitadores se denominavão *Filles-Dieu*, e *Enfans-Dieu*. Um delles, por exemplo, foi o que fez edificar a Rainha de Navarra, Margarida, irmã de Francisco 1.º, Rei de França. Não pudera ella ser insensivel á muita pobreza, ou antes miseria, do Hospital de Paris, onde não só se abrigavão os enfermos, mas até os orfãos dos que nelle morrião. Foi para estes que ella destinou sua piedosa fundação; e quiz o Monarcha, que, em signal de caridade, andassem sempre vestidos

de escarlata, e se denominassem *Enfans-Dieu*.

Muitas outras casas existirão debaixo do titulo de Servas de Deos (*Filles-Dieu*); e tal foi aquella, que S. Luiz fundara em Paris pelos annos de 1232, e que continha duzentas Religiosas. Projectara elle estabelecer-las no logar onde depois se edificou o celebre Collegio da Sorbonna; mas seguindo as inspirações do seu Conselho, as collocou entre S. Lazaro e S. Lourenço, que então erão fora da Cidade, e lhes consignou uma consideravel pensão annual do seu thesouro.

Quasi cincoenta annos depois do estabelecimento destas Religiosas, vendo o Bispo de Paris, que nellas tinha toda a jurisdicção, que a peste havia arrebatado a maior parte dellas, e que os viveres e mais objectos necessarios para a vida, tinhão dobrado de preço, re-



SERVA DE DEOS DE RUÃO.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

duzio o numero das Religiosas a sessenta. Mas depois desta redução, não quizerão os Thesoueiros dos Reis Philippe, e João de Vallois pagar mais que metade da pensão consignada; e assim permanecerão até ao anno de 1350, em que o Rei João, compadecendo-se de sua miseria, lhes concedeo de novo a antiga pensão.

Havendo-se demolido este Mosteiro com receio de que nelle se fortificassem os Inglezes, que então invadirão a França, forão estas Servas de Deos transferidas para a Rua de S. Deniz, onde já existia um Hospital destinado para abrigar, durante uma noite, as desgraçadas mulheres que mendigavão, e a quem na manhã seguinte, ao despedi-las, se dava um pão, e um *dinheiro*.

As Servas de Deos administrarão este Hospital até ao anno de 1495, em que nelle forão introduzidas as Religiosas da Ordem de Font-Evraud, por doação que haviam obtido de El-Rei Carlos 8.^o em 1483, havendo esperado que o grande numero de Servas de Deos chegasse a se reduzir sómente a quatro, e que já vivião em grande relaxação.

As Religiosas de Font-Evraud conservarão depois sempre neste Hospital a denominação das suas primitivas Habitadoras.

SERVAS DE DEOS

DE

ORLEAENS.

Este mesmo nome de Servas de Deos (*Filles-Dieu*) coube ás

Hospitalarias do *Hotel-Dieu*, ou *Maison-Dieu* de Orleuens.

Fôra este Hospital antiga enfermaria dos Conegos da Cathedral no tempo em que erão Conegos Regrantes. Elles a abandonarão, quando se secularisárão, para nella se recolherem os enfermos pobres da Cidade. E foi por isto que ainda depois de o Hospital tomar o nome de *Maison-Dieu*, e de se tornar consideravel pelas muitas doações que recebeo, nelle conservarão sempre aquelles Conegos uma especie de superioridade. O Cabido nomeava a Superiora, que era perpetua: approvava as donzellas, que desejavão ser Religiosas, e assistia-lhes ao tomar do habito, e á profissão. Havia sempre no Hospital dous ou tres Conegos para o administrarem.

Usavão estas Hospitalarias de habito branco, cinto de lã, roquete, e véo preto, forrado de branco; mas na Igreja, ou fóra do Hospital, cobrião-se com um manto preto de pano ou de sarja, tendo no lado direito uma cruz em uma lua de seda branca e vermelha. Sobre este manto, e sobre o véo ordinario punhão outro véo de estamenha, que lhes cobria o rosto, e pela parte de traz descia até á cinta.

Alem deste manto, na Paschoa, no Espirito Santo, em dia da Assumpção, de Santo Agostinho, de todos os Santos, e de Natal, usavão, em lugar de sobrepe-liz, de um habito preto de grandes mangas, arregaçadas junto dos pulsos. A Superiora vestia este habito em todos os Domingos e Festas.

Tal é a descripção de seu tra-

jo, que se encontra nas suas Constituições, impressas em Orleães no anno de 1666, e onde tambem se lê que, por attenção a seus penosos empregos, e desvelos junto dos enfermos, não erão obrigadas a jejuar, nem mesmo naquelles dias designados pela Igreja, mas sómente se devião sugeitar ás abstinencias que ella prescrevia. E porem com o andar dos tempos vierão em jejuar nos dias de preceito da Igreja, e em fazer tambem abstinencia na vespera das Festas de Nossa Senhora, e de Santo Agostinho.

Não cantavão, nem rezavão Officio algum juntas ou em particular; mas as que sabião lêr, rezavão os Psalmos Penitenciaes pelo menos uma vez na semana, e todos os dias o Rosario.

Ellas guardavão profundo e constante silencio na Igreja, no Refeitório, no Capitulo, e no Dormitorio, desde seis horas da tarde até ás oito da manhã do dia seguinte.

SERVAS DE DEOS

DE

RUÃO.

Grandes beneficios recebêrão de S. Luiz, e da Rainha Branca, sua mãe, as Servas de Deos de Ruão, que, segundo o Padre du Moulinet, seguirão sempre a Regra de Santo Agostinho, e antigamente se vestião de branco, até que por solicitação de varios Religiosos de S. Bento, que algumas temporadas de annos lhe dirigirão o Mosteiro, passárão a usar de habito preto, conservando com tudo

o manto forrado de arminho, que (segundo elle) pertencia á Ordem Canonica.

Nós, respeitando muito este Historiador, não convimos (com outros muitos) em que estas Religiosas usassem do arminho, por elle pertencer á Ordem Canonica; — ou seja porque muitas Religiosas Benedictinas delle usárão, como as de Bourbourg, Messiua, Etrun, Avenes, e as de muitos Mosteiros de Flandres, que não erão de Conegas Regrantes; — ou seja porque o arminho, e outras pelles preciosas, que só erão permittidas aos Principes e Grandes, não podião de modo algum ficar bem á simplicidade e pobreza, que se deve enxergar no habito de um Religioso.

Alem de que, nunca por certo Santo Agostinho usou de arminhos, e outras pelles de valor. Antes, quando elle com seu Clero, se recommendava á caridade dos Fieis, exhortava-os a lhe não darem vestuario, que não conviesse a Agostinho, isto é, a um homem pobre, e nascido de pais pobres.

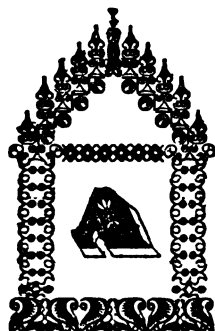
“ Se quereis ter a satisfação
“ (lhes dizia elle no sermão 356)
“ de que eu use vestido que me
“ offereças, dai-me algum, que
“ me não envergonhe; porque con-
“ fesso, que tenho pejo de trazer
“ vestidos preciosos, que nem con-
“ vem á minha profissão, nem ás
“ minhas palavras, nem aos meus
“ cabellos brancos. ”

Na impossibilidade de offerecermos representadas a nossos Leitores todas as servas de Deos, de que nos havemos occupado, preferimos as de Ruão, como mais elegantes. —

A ORDEM MILITAR

DE

SANTIAGO EM HESPAÑHA.



ANTIQUISSIMA fôra por certo a Ordem militar de Santiago da Espada, se com varios Escriptores, que o nosso Damiam Antonio de Lemos Faria e Castro parece haver seguido na sua Politica Moral e Civil Tomo 2.º, podessemos fazer remontar sua origem ao anno de 846.

Vencera (dizem elles) Ramiro 1.º, Rei de Galisa, os Mouros em uma das mais celebres batalhas daquelles tempos, a de Clavijo. Setenta mil cadaveres Mouriscos junção o campo; e a victoria foi attribuida ao soccorro do grande Apostolo Santiago, que fôra visto no calor da peleja, trazendo em uma das mãos um estandarte branco, e nelle uma Espada vermelha em forma de cruz. Ramiro, em beneficio da nobreza, que o acompanhara, insti-

Tom. 2.º

E vendo os ditos Cavalleyros o grande perigo, que se ordenava aos christãos, inspirados por divina graça do Espirite Sancto, ajuntados em hua maneyra de muro, posarão em seus peytos o sinal da Santa Cruz da seyção d'espada com sinal, e invocação do bemaventurado Apostolo Santiago, para sogigarem os inimigos de Christo, e defenderem a Igreja Catholica, e arredarem della a soberba, e impeto dos infieis.

PROLOGO DA REGRA DE SANTIAGO.

tuio então uma Confraria, que denominou de Santiago, e lhe deu por Armas uma Espada vermelha em campo de ouro, com esta Divisa: *Rubet ensis sanguine Arabum*. Com o tempo (acrescentão elles) foi esta Confraria d'Armas convertida em Ordem Militar.

Basta porem considerar, que o uso do Brasão só começou no seculo 11.º, ou 12.º, para se conhecer que uma tal origem é fabulosa. A Ordem Militar de Santiago em Hespanha só começou no anno de 1170, no Reinado de D. Fernando 2.º, Rei de Leão e de Galisa.

As entradas e correrias de Mouros perturbavão continuamente a devoção dos Peregrinos, que se dirigião a visitar o Sepulchro do Apostolo. E os Conegos de Santo Eloi, que tinham um Mosteiro em Galisa, á custa de seus considera-

veis rendimentos edificárão na estrada de França alguns Hospitaes para agasalhar os Peregrinos. — O primeiro foi o de S. Marcos Evangelista, fóra dos muros da Cidade de Leão.

A seu exemplo, e pouco tempo depois, treze Fidalgos Hespanhoes, tomando por Protector o Apostolo Santiago, obrigárão-se por voto a segurar as estradas contra as incursões dos Infieis. E já estes Cavalleiros possuíão mais de vinte Castellos quando se associárão com os Conegos de Santo Eloi, associação que teve logar no anno de 1170, representados os Cavalleiros pelo Mestre D. Pedro Fernandez de Fuente Encalada, e os Conegos pelo Prior D. Fernando. Em 1175 foi a Ordem confirmada pelo Summo Pontifice Alexandre 3.º pela sua Bulla de 5 de Julho. Ella adoptou a Regra de Santo Agostinho, e os votos ordinarios de Religião; escolheu um habito branco, e tomou por Divisa uma Espada vermelha.

Cavalleiros, ou Conegos, todos os Freires em fim vivião em commum, destinando-se os Ecclesiasticos para a administração dos Sacramentos, e mais serviço espiritual dos Cavalleiros. A' Dignidade de Mestre seguia-se a dos Treze, que o elegião, ou o depunhão, se disso se tornava credor, precedião a todos os Commendadores, aconselhavão em todos os negocios graves, e terminavão as differenças que entre o Mestre e os Cavalleiros se suscitavão. Pelo tempo adiante forão os Treze substituidos pelo Conselho das Ordens. O Prior passou então a ser a segunda Dignidade, e o Grande Commendador a terceira.

Nós himos por agora occupar-

nos do progresso da Ordem, e da serie de seus Mestres em Hespanha, reservando-nos para depois a sua introduccão em nosso Portugal.

A 1.ª Praça, que a Ordem Militar de Santiago conquistou aos Mouros, foi a de Caceres, na Extremadura, correndo o anno de 1171. El-Rei D. Fernando 2.º de Leão a deo aos Cavalleiros, que o havião ajudado na conquista de Badajoz, e outras Cidades; mas fazendo este mesmo Principe guerra a seu sobrinho D. Affonso 9.º de Castella, appellidado o Nobre, a quem havia usurpado muitas praças durante sua menoridade; e suspeitando que os Cavalleiros de Santiago o favorecião, os fez sahir de seus Estados retomando-lhes quanto lhes havia dado.

Refugiados em Castella, deo-lhes El-Rei D. Affonso em 1174 o Castello de Ucles, junto do qual edificárão um Convento, que foi declarado cabeça da Ordem. Em 1176 recobrou El-Rei D. Affonso, com auxilio destes Cavalleiros, muitas praças de Castella, de que tambem, durante sua menoridade, se havia apossado seu tio D. Sancho 6.º de Navarra, denominado o Sabio.

Ao Mestre D. Pedro Fernandez de Fuente Encalada, que faleceu em 11 de Julho de 1184, succedeo D. Fernando Dias, que a instancias de D. Fernando 2.º renunciou o Mestrado em 1186, para assim acabar um scisma que se suscitara entre os Cavalleiros.

Seguiu-se-lhe D. Sancho Fernandez de Lemos, em Maio de 1186. Foi no seu tempo que teve logar a desaventurada batalha de Alarcos, em que pereceo grande numero de Christãos, com muitos Cavalleiros

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
K



RELIGIOSA CAVALLEIRA

*Da Ordem de Santiago da Espada -
em Habito de Côro.*

de Santiago, de Calatrava, e de Alcantara. D. Sancho Fernandez de Lemos ahi foi mal ferido, e espirou poucos dias depois.

Succedeo-lhe D. Gonçalo Rodriguez Kodorniz, que renunciou o mestrado em Novembro de 1204, e faleceo em 1205.

Estavão em paz os Reis de Castella e de Leão, quando foi eleito por Mestre D. Suero Rodriguez em 1204, que por isso dirigio suas armas contra os Mouros, entrando-lhe nas terras do lado do campo de Montiel, e tomando-lhe muitas praças. Elle passou a melhor vida em 23 de Abril de 1206.

D. Fernando Gonzales de Marañon lhe succedeo em Maio do mesmo anno. Entrando El-Rei de Aragão nas terras dos Mouros pelo Reino de Valencia, o Mestre sahio de Ucles com seus Cavalleiros, e atacou os Mouros do outro lado, até que juntando-se com El-Rei, fizeram juntos o sitio de Montalvan, que tomáráo de assalto, e que El-Rei doou á Ordem, fundando-se então a grande Commenda de Aragão.

A estes e seguio D. Pedro Arias, eleito em Novembro de 1210, que tambem guerreou Mouros, até que sahindo mal ferido da batalha das Naves de Tolosa, em que os Infieis perdêrão mais de cento e cincoenta mil homens de Infanteria, com trinta mil cavallos, deixou a vida mortal poucos dias depois, em 3 de Agosto de 1212.

Igual sorte teve seu successor D. Garcia Gonzales de Arauz no sitio de Alcaraz; e a este succedeo, em 1217, D. Martin Pelaez Barragan, que morreo captivo em 1221.

D. Garcia Gonzales de Candamio, eleito em Março de 1222, re-

nunciou o Mestrado em Março de 1224, succedendo-lhe D. Fernando Perez Chacin, que tambem renunciou em Dezembro de 1226.

Em Março de 1227 foi eleito D. Pedro Gonzales Mengo, que morreo em 6 de Dezembro de 1237. D. Rodrigo Yñigues de Mendoza, eleito em Janeiro de 1238, renunciou em Novembro de 1242. E D. Payo Perez Correa, Commendador de Portugal, filho de D. Pedro Paez Correa, Cavalleiro Portuguez, e de D. Dordia Perez de Aguiar, eleito naquelle mesmo anno, passou para o Senhor em 8 de Fevereiro de 1275.

D. Gonzalo Ruis de Giron de Cisneros, succedeo-lhe em Março de 1275, e morreo em 23 de Junho de 1280. Seguio-se-lhe D. Pedro Nunez, que tambem faleceo em Março de 1287; e a este D. Gonzalo Perez Martel, cujo espirito se soltou das prizões terrenas em 4 de Setembro do mesmo anno.

O Commendador de Montanches D. Pedro Fernandez Mata, foi eleito em Novembro de 1287, e morreo em 21 de Agosto de 1293. Seu successor D. João Ossorez faleceo em 3 de Março de 1311. E D. Diogo Muniz, que se lhe seguio, terminou seus dias em 3 de Abril de 1318, e foi substituido por D. Garcia Fernandez de Truxillo, que passou a melhor vida em 18 de Março de 1327.

D. Vasco Rodriguez de Cornado, seu successor, morreo em Fevereiro de 1338. Seguio-se-lhe D. Vasco Lopez, seu sobrinho, que foi deposto em Setembro do mesmo anno; e a este succedeo D. Alonso Melendez de Guzman, que morreo gloriosamente no cerco de Gibraltar em 14 de Setembro de 1242.

Reinava então D. Affonso 11.º, que o fez substituir por seu filho natural D. Fadrique de Castella, irmão de D. Pedro, o Cruel, o qual na sua mesma presença o mandou assassinar por um de seus alabardeiros, nos Paços de Sevilha, em 29 de Maio de 1358. D. Fadrique apenas contava 26 annos de idade!

Teve elle por successor a D. Garcia Alvarez de Toledo, eleito em 1366, e que morreo em 1370, defendendo Ciudad-Rodrigo. A este se seguiu D. Gonzalo Mexia, que faleceo em 15 de Agosto do mesmo anno; sendo logo no seguinte Setembro eleito D. Fernando Ossorez, que tambem deixou a vida mortal em igual mez do anno de 1382.

No Outubro seguinte foi eleito D. Pedro Fernandez Cabeça de Vaca, falecido no cerco de Lisboa em 22 de Março de 1384. Em Maio do mesmo anno lhe succedeo D. Rodrigo Gonzales Mexia, que logo faleceo em 12 de Setembro, sendo eleito em seu lugar o Mestre de Calatrava D. Pedro Muñiz de Godoy, que perdeu a vida na batalha de Valverde em Agosto de 1385.

Teve o Mestre Godoy por successor a D. Garcia Fernandez de Villa Garcia, que morreo em 20 de Setembro de 1387, succedendo-lhe D. Lorenzo Suarez de Figueroa, falecido em Ocanha, em 19 de Maio de 1409. Em seu lugar foi então eleito o Principe D. Henrique de Aragão, filho de D. Fernando Rei de Aragão. Bem longe esteve de ser tranquillo o governo deste Principe em consequencia de seu casamento com a Infanta D. Catharina, filha de D. João 2.º de Castella. Com El-Rei de Aragão se achou elle na batalha naval que o

de Navarra deo aos Genovezes, em que todos os tres irmãos ficárão prisioneiros, sendo enviados para Savona, e depois para Milão, onde o Duque lhes deo liberdade. O mestre morreo em Calatayud das feridas que recebeu na Batalha de Olmedo, em 15 de Junho de 1445.

O Condestavel de Castella, D. Alvaro de Luna, foi quem succedeo ao Principe; mas convencido de provocar a guerra civil, de abusos de poder, de locupletar-se com o alheio, e até de receber dinheiro de Mouros para embaraçar a tomada de Granada, foi preso, confiscado, e degolado na Praça de Valhadolid em 5 de Julho de 1463. A cabeça deste homem, favorito do Monarcha por espaço de mais de trinta annos, e quasi tão rico como elle, esteve muitos dias exposta ao publico, recolhendo-se esmollas para enterrar seu corpo.

Sendo eleito D. Affonso filho de El-Rei D. João 2.º de Castella, e de D. Isabel de Portugal, porque ainda contava mui pouca idade, foi a Ordem administrada por seu Pai, authorisado pelo Summo Pontifice Nicoláo 5.º O Principe morreo em Cardenosa, aldêa de Avila; e se lhe seguiu D. Beltran de la Cueba, que depois renunciou a Dignidade nas mãos de El-Rei D. Henrique 4.º, em 1462, e faleceo no 1.º de Novembro de 1492.

Em 1469 lhe succedeo o Marquez de Vilhena D. João Pacheco, que tambem alguns annos depois renunciou o Mestrado em favor de seu filho D. Diogo Lopez Pacheco, sem que comtudo podesse obter confirmação; e faleceo em Santa Cruz, aldêa de Truxilla, em 4 de Outubro de 1474.

Seguiu-se-lhe D. Rodrigo Manrique, que, eleito em 1474, morreu em 11 de Novembro de 1476; e em fim D. Alonso de Cardenas, que foi eleito em 30 de Novembro de 1477, e faleceu no 1.º de Julho de 1493.

Renovando-se nesta época entre os Cavalleiros as desavenças, que já por muitas vezes haviam produzido mui desagradaveis resultados, deu isto logar a que os Reis de Castella Fernando e Isabel pedissem para si, e seus successores, a administração da Ordem, que lhe foi concedida pelo Summo Pontifice Alexandre 6.º, em 1493, logo depois da morte do Grã-Mestre D. Affonso de Cardenas. — Desde então começou de diminuir a authoridade dos Cavalleiros de Santiago.

Os Conegos ou Freires Conventuaes de Santiago em Hespanha, vestião-se de preto como os Ecclesiasticos, pondo sobre a loba uma sobrepeliz sem mangas, chamada *Giraldeta*, e no lado esquerdo do manto uma cruz vermelha em forma de Espada. No côro usavão tambem de uma murça preta, e nella a respectiva insignia. A Ordem tinha conventos em Toledo, Sevilha, Cuenca, Barcelona, Granada, Salamanca, e em muitas outras partes. Para o ingresso dos Freires Ecclesiasticos não era necessaria a prova de nobreza de quatro costados; mas em todo o caso preciso era provar, que pais e avós não haviam sido Judeos ou Hereges, e como taes punidos pela Inquisição; assim como que não haviam exercido officios mecanicos.

Tinha igualmente a Ordem os seguintes Mosteiros de Religiosas ou Cavalleiras: — Santo Espirito

de Salamanca — Santa Fé de Toledo — Nossa Senhora de Junqueiras em Barcelona — Santa Cruz de Valhadolid — Santa Eulalia de Merida — Nossa Senhora de Granada — e um em Madrid, fundado pelo meio do seculo 17.º. Pretende-se, que o 1.º Mosteiro destas Cavalleiras fôra o de Salamanca, fundado em 1312 pelo Cavalleiro Pelayo Perez, e sua mulher Maria Mendez.

O seu principal exercicio era dar gasalhado, e prover a todas as necessidades dos Peregrinos, que visitavão as devotas Reliquias do Apostolo Santiago. Estas Religiosas vestião-se de preto, como os Freires Conventuaes, e, com excepção das de Barcelona, que não erão Religiosas, fazião votos de pobreza, castidade, e obediencia; depois do Concilio de Trento tambem fazião voto de clausura.

Os antigos Estatutos da Ordem obrigavão as mulheres e filhas dos Commendadores a se retirarem para estes Mosteiros, em quanto elles andavão na guerra; e se nella morrião, o Mestre fixava o tempo em que ellas devião resolver-se a tomar o habito, ou a sahir; mas esta pratica foi abolida, porque augmentando o numero dos Cavalleiros, terião sido insufficientes muitos Mosteiros para lhes receber as viúvas, e filhas.

Sendo mui pequena a differença no habito dos Cavalleiros da Ordem de Santiago em Hespanha e Portugal: preferimos offerecer com este artigo uma Religiosa Cavalleira de Santiago, reservando para o seguinte um Cavalleiro de Santiago da Espada em Portugal.

A ORDEM MILITAR DE SANTIAGO DA ESPADA EM PORTUGAL.

Assi os ditos Freyres poendo suas pessoas, e todas suas cousas a diversos trabalhos, e perigos por louvor, e exalçamento da fé christã: e por defendimento de seus irmãos, mostram, e provão, que amão a Deos de todo o coração, e vontade, e amão seus proximos como a si mesmos: pera que com perfeyta caridade sejam governados: porque onde ha caridade, ally he Deos que he a verdadeyra caridade.

REGRA DE SANTIAGO DA ESPADA.

Mui pouco tempo de existencia ainda contava em Hespanha a Ordem Militar de Santiago quando foi recebida em nossa terra. Um numeroso exercito de Mouros de Sevilha cercava em Santarem a D. Affonso Henriques, o 1.º Monarcha Lusitano. Bom ensejo era este para valentes Cavalleiros; e os de Santiago o aproveitárão, soccorrendo o Grande Affonso, que, em premio de sua dedicação e valor, os recebeu no Reino, fazendo-lhes consideraveis doações.

O 1.º Convento, que a Ordem teve em Portugal, foi o de Santos o Velho, em Lisboa; e nelle se conservou até ao reinado de D. Affonso 2.º Conquistada aos Mouros a Villa de Alcacer do Sal, para ella se passárão os Cavalleiros. De Alcacer do Sal transferirão-se para Mertola, durante o reinado de D. Sancho 2.º, até que no anno de 1482 entrárão no Convento de Palmella, que se tornou cabeça da Ordem.

Não forão os Monarchas Por-

tuguezes menos magnificos e grandiosos, que os de Hespanha no favor, e na dotação da Ordem. “ E como os nossos Monarchas (diz “ Damiam Antonio de Castro, na “ Politica Moral e Civil, Tom. 2. “ Tractado 5.º) aos Estrangeiros “ sempre mostrarão mãos de Prin- “ cipes, tanto as abrirão com es- “ tes, que em pouco tempo estava “ a Ordem riquissima. ”

Quiz então El-Rei D. Diniz, que a Ordem se libertasse da sujeição ao Mestre de Castella, e obtida foi em 1288 do Summo Pontifice Nicoláo 4.º uma Bulla de izenção, que só foi cumprida em 1291, elegendo-se por 1.º Mestre a D. João Fernandes. Taes e tantas porem forão as reclamações do Mestre de Castella, que os Summos Pontifices Celestino 5.º e Bonifacio 8.º lhe sogearão outra vez a Ordem, sendo com tudo tolerada a eleição de Mestre Portuguez, até que em 1330 foi definitivamente decretada a isenção por Bulla do Summo Pontifice João 22.º

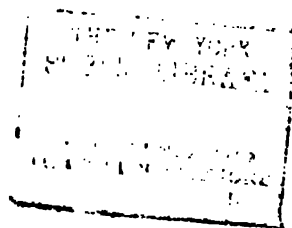
Na Corografia de Carvalho,



Porto-Lith. R. da Reboleira N. 29 e 30.

CAVALLEIRO

*Da Ordem de Santiago da Espada
em Portugal.*



Tom. 3. pag. 308 encontramos a seguinte Relação dos Mestres da Ordem de Santiago, de que elle diz que havia memoria no Cartorio do Convento de Palmella.

“ D Pedro Fernandes, que
“ foi nove annos Mestre. — D. Fer-
“ não Dias, que foi quatro annos
“ Mestre, e deyxou o Mestrado.
“ D. Sancho Fernandes de Lemos,
“ que foi seis annos Mestre, e dei-
“ xou o Mestrado. — D. Gonçalo
“ Ordenes, que foy dezoito annos
“ Mestre, e deyxou o Mestrado. —
“ D. Soeyro Rodrigues, que foy
“ dous annos Mestre. — D. Fernão
“ Gonçalves, que foy Mestre qua-
“ torze annos, e deyxou o Mestra-
“ do. — D. Payo Aquas, que foy
“ quatro annos Mestre. — D. Gar-
“ cia Rodrigues Daremcom, que
“ foy dous annos Mestre, e deyxou
“ o Mestrado. — D. Gabriel Bar-
“ rengon, que foy tres annos Mes-
“ tre, e o matarão os Mouros. —
“ D. Garcia Gonçalves Derenda-
“ jo, que foy dous annos Mestre,
“ e deyxou o Mestrado. — D. Fer-
“ nando Choca, que foy dous an-
“ nos Mestre, e deyxou o Mestra-
“ do. — D. Pedro Gonçalves, que
“ foy quatro annos Mestre. — D.
“ Pedro Jenhegum, que foy qua-
“ tro annos Mestre, e deyxou o
“ Mestrado. — D. Payo Rodrigues,
“ que foy trinta e quatro annos Mes-
“ tre. — D. Gonçalo Rodrigues Gi-
“ ron, que foy Mestre cinco annos
“ e tres mezes, matarão-no os Mou-
“ ros. — D. Pedro Nunes, que foy
“ Mestre sete annos. — D. Gon-
“ çalo Matel, que foy Mestre oytó
“ mezes. — D. Pedro Fernandes
“ Matiria, que foy Mestre cinco
“ annos e meyo. — D. João Uso-
“ res, que foy Mestre dezoito an-

“ nos, e deyxou o Mestrado. — D.
“ Diogo Moniz, que foy Mestre
“ oytó annos. — D. Garcia Fernan-
“ des, que cegou, e deyxou o Mes-
“ trado. — D. Vasco Rodrigues,
“ que foy Mestre oytó annos. ”

Foi por morte do Mestre D. Jorge, Duque de Coimbra, e filho de El-Rei D. João 2.º, que o Mestrado da Ordem se unio á Corôa, precedendo Bulla do Summo Pontifice Julio 3.º D. Jorge havia feito uma reformation dos Estatutos; e no 4.º cap. § 2. se lem os requisitos necessarios para a admissão na Ordem, que são os mesmos que tambem em Castella se exigião, e que não erão demasiadamente rigorosos no tocante á condição ou nobreza dos recipiendos. Forão elles porem modificados nas Difinições feitas em Capitulo Geral por El-Rei D. Philippe 3.º em 1627, onde, na 3.ª Difinição, se lê o seguinte:

“ E ordenamos, e mandamos,
“ que a pessoa que houver de ser
“ recebida a esta nossa Ordem Mi-
“ litar, e ao habito della por Ca-
“ valleiro seja homem fidalgo, ou
“ Cavalleiro, ou Escudeiro de li-
“ nhagem, por parte de pae, e mãe
“ legitimo, e Christão velho, sem
“ raça alguma por remota que seja
“ de Mouro, Judeo, ou Christão
“ novo, que commettesse crime de
“ lesa Magestade Divina ou hu-
“ mana, e que seus paes, e avós
“ inclusive de ambas as partes não
“ houvessem sido gentios, Rendei-
“ res, Cambiadores, Mercadores,
“ usurarios, nem Ministros delles,
“ nem que servissem tacs officios,
“ e vivessem delles, nem tivessem
“ em tempo algum officio mecani-
“ co, nem baixo, e indecente á

“ nossa Cavallaria, nem menos os
“ que pertendem entrar tivessem
“ servido officio qualquer, que lhe
“ dêsse de comer pelo trabalho de
“ suas mãos, nem sejam infama-
“ dos, nem afrontados de cousas,
“ que os fação infames, e incapa-
“ zes de honras, por cousas, de
“ que não estejam já limpos.... ”

No cap. 5.º dos Estatutos de D. Jorge se acha regulado o ceremonial com que devem ser armados os Cavalleiros: — no cap. 8.º a forma da sua profissão: — e no 9.º a feição do habito, e onde deve andar colocado: “ Estabelecemos e
“ ordenamos, que assi o trágão to-
“ dos de panno, ou seda sem per-
“ fil d'ouro, e no meio do peito,
“ porque ahi seja melhor visto, e
“ nas vestiduras abertas o trágão
“ á parte esquerda.... ”

Os mantos devião ser brancos, conforme os mesinos Estatutos cap. 13; e pela 11.ª Difinição d'El-Rei D. Philippe 3.º, podião arrastar até quatro palmos. Os vestidos dos Freires Conventuaes achão-se regulados na Difinição 57.ª Elles devião trazer no inverno *lobas de panno tosado ou baeta* — no verão *de catasol*, ou *gorgoram de lã*, sem forros de seda, nem pespontos — nos Officios Divinos, em logar de sobrepelizes, *giraldetas*, e sobre ellas murças com o habito da Ordem ao lado esquerdo — nas cabeças *cercilhos largos*.

Com a mudança dos Cavalleiros ou Freires de Lisboa para Alcaccer do Sal, ficou o Mosteiro de Santos o Velho para recolhimento das mulheres e filhas dos Commendadores quando hião á guerra. E vierão ellas em professar os mesmos votos, elegendo uma que as

governasse a quem chamárão Commendadeira, recabindo a primeira escolha em D. Sancha Martins, fidalga illustre em sangue e santidade.

No tempo da Commendadeira D. Violante Nogueira, em 1475, se mudou o Mosteiro para o logar em que hoje está, que chamão Santos o Novo.

Entre as Difinições da Ordem por El-Rei D. Philippe 3.º se acha o Regimento do Mosteiro das Freiras de Santos, donde copiamos o seguinte periodo relativo ao seu vestuario:

“ E posto que as Religiosas
“ no Côro usão de seus mantos bran-
“ cos com a espada, que é a insi-
“ gnia da Ordem, como a nossa
“ profissão é a mesma dos Conegos
“ Regulares de Santo Agostinho,
“ os quaes tem por habito a capa
“ canonical preta grande, da ma-
“ neyra que os Conegos usão nas
“ Sés Cathedraes deste Reyno. Or-
“ denamos, e mandamos á Com-
“ mendadeyra, que mande fazer
“ dentro de seis mezes da publica-
“ ção destas difinições, tantas cap-
“ pas da mesma côr, e forma,
“ quantas são as Religiosas do mes-
“ mo Mosteyro, e que dellas usem
“ sobre os mantos brancos em o
“ Advento, e Quaresma, assi, e
“ da mesma maneyra, que os Frey-
“ res do Convento de Palmella em
“ os taes dias usão, em sima das
“ sobrepelizes, e isto só no Côro,
“ e actos Capitulares. ”

Deste mesmo Regimento, assim como dos Estatutos do Mestre D. Jorge, se vê que estas Religiosas podião casar, obtidas as necessarias Provisões.

A ORDEM

DA

SANTÍSSIMA TRINDADE, E REDEMPÇÃO DE CATIVOS.

S. JOÃO DA MATA. S. FELIX DE VALOIS.



ão é de nosso proposito determinar, se os Religiosos da Santissima Trindade e Redempção de Cativos são justa ou injustamente considerados como Conegos Regrantes, e militando debaixo do Estandarte de Santo Agostinho. Muitos, e graves Escriptores tomarão a peito essa tarefa; e a muitos delles se refere o Chronista da Ordem Fr. Jeronymo de S. José, que conclue estarem em erro os que affirmão que os Trinitarios seguem a Regra daquelle Santo Doutor. Nós, que imos tanto de passagem, e que já nesta serie collocamos outros Religiosos a quem igualmente se ha disputado a qualificação de Conegos Regrantes, dar-lhe-hemos agora logar, ainda que não seja senão pela semelhança de seu vestuario.

TOM. 2.º

A la Providencia de Dios toca, e pertenece acreditar y honrar las Religiones santas, por ser hermosura y adorno de su Esposa la Iglesia, con titulos e blasones honrosos, con personas ilustres, señaladas en letras, y santidad, con famosos empleos en casas, y santuarios insignes. Esto se verifica con iguales, si no con superiores bentajas à las demas.

ALFUNA. — *Coronic. Gener. del orden de la SS. Trinidad.*

Esta Ordem foi fundada em 1198, no Pontificado de Innocencio 3.º, pelos esforços de S. João da Mata, e de S. Felix de Valois. Mui grato nos era certamente permanecer na idéa de que S. João da Mata nascera Portuguez, como tantos Escriptores não duvidarão affirmar, bem que apenas fundados em conjecturas. Forçado nos é porrem seguir a Historia Ecclesiastica; e essa o faz natural do burgo de Falcon, na extremidade da Provença, nascido em 23 de Junho de 1160, filho de Eufemio de Mata-Plana, e de Martha Fonellet, ambos de illustre sangue.

Desde que se lhe abrirão as portas da vida, começou logo a dar indicios de sua futura santidade, pois que só tres dias na semana acceitava o peito maternal. Sabindo do berço, deixou logo os folguedos da puericia, para mostrar-

se humilde, piedoso, e caritativo. Na idade de doze annos foi estudar em Aix, capital da Provença, as letras divinas e humanas, avançando-se a todos os condiscipulos, e empregando sempre o tempo, que lhe restava, na assistencia das Igrejas, tratamento de enfermos, e soccorro da pobreza. Terminados seus estudos, e recolhendo-se á casa paterna com designio de se entregar ás cousas do Céu, retirou-se para um pequeno Eremitorio, não muito afastado, e por isso mesmo exposto ás continuas visitas de seus parentes, que desejavão infiltrar-lhe o amor do seculo. Foi então que na idade de dezenove annos, e inspirado pelo Céu, passou a estudar Theologia em Paris, a fim de se tornar digno do estado ecclesiastico, que anhelava com o mais vivo ardor; e tanto se distinguio entre vinte mil estudantes nacionaes e estrangeiros, que a Universidade o laureou com o Doutorado e com o Magisterio, apesar da humildade com que elle regeitava tantas honras.

Posto que aos trinta e tres annos de sua idade se não julgava ainda digno do sacerdocio, foi então forçado a receber ordens de Presbitero: — « El Obispo (diz Al-
« tuna Liv. 1. cap. 23.) conside-
« rando la importancia de la vida,
« y meritos deste Santo, a des-
« hora, como avisado del cielo,
« determinò de ordenarle de sa-
« cerdote, para que cõ la nueva
« razon del estado se acabasse de
« perficionar su alma tã favoreci-
« da, y enriquecida de Dios. Lha-
« mòle, diole cuenta de su acuer-
« do, de que recibìõ tanta triste-
« za, que se resolviò (viendose

« con fuerças tan desiguales. mi-
« rando que los ombros de los An-
« geles rehusan; y temen el peso)
« de poner el caso en resistencia,
« y que avia de ser òido: mas pudo
« tanto con el siervo de Dios, que
« por ganar la Corona, y merito
« de obediente, voluntariamente
« se ofreciò en sacrificio a su ca-
« beça, y Perlado. » E quando o Bispo, impondo-lhe as mãos, lhe dirigio as palavras — *Recebei o Es-
pirito Santo* — uma columna de fogo foi vista apparecer sobre a cabeça do Santo, revestindo-lhe o rosto de vivas e brilhantes luzes.

Disse elle sua 1.^a Missa em 28 de Janeiro de 1193, na Capella do Bispo de Paris Mauricio de Sully, com assistencia do Prelado, do Reitor da Universidade, de João, Bispo Burgense na Champanha, do Veneravel Roberto, Abbade de Santa Genoveva, de João, Abbade de S. Victor, e de outros Varões illustres. E no momento em que elevava a Sagrada Hostia, com uma nova maravilha o visitou o favor do Céu: « vieron un Angel (diz
« o mesmo Altuna) de Dios ves-
« tido todo de blanco, con una
« Cruz en el pecho de color car-
« mesi, y celeste, cõ dos cautivos
« debajo de ambas manos Chris-
« tiano, y Moro: y este de tã es-
« pãtoso aspecto, que significava
« el miserable estado de su alma,
« quedando el São por grã rato
« puesto en extasis, en que cono-
« ciò la orden, que Dios (toman-
« dole por instrumento) queria ins-
« tituyr en su Iglesia de Redem-
« pcion de cautivos. »

Não poderão os assistentes decifrar este prodigio, e tentárão resolver o Santo a se partir para Ro-

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



Porto - Lith. R. da Rebeloira. N.º 29 e 30.

S. JOÃO DA MATA.

*Fundador da Ordem da S. Trindade, e
Redempção de Cativos.*

ma, levando esta apparição authenticada, a fim de consultar o Pontifice sobre o que deveria fazer. Já elle nisso vinha; mas considerando que por tal guisa mais se empégaria no mundo, onde pretendia viver occulto, determinou retirar-se para alguma solidão, até que Deos melhor o esclarecesse.

Vivia naquelle tempo um Santo Eremita, chamado Felix de Valois, do sangue real do mesmo titulo. Habitava elle na Diocese de Meaux, perto do Burgo de *Gandeleu en Brie*, vivendo uma vida inteiramente angelica. S. João da Mata, inspirado pelo Céu, foi ter com elle. pedindo-lhe, que o recebesse. Fôra impossivel descrever o ardor com que juntos trabalhavam na pratica de todas as virtudes, e as austeridades com que se mortificavão. Continuos erão os jejuns, continuas as vigílias, continua a oração, e a contemplação com que progressivamente se abraçavão no amor Divino.

Tres annos contavão já de solidade, quando um dia, estando sentados junto de uma fonte, divisarão um cervo de estremada alvura, trazendo entre os ramos uma cruz vermelha e azul, semelhante á que S. João da Mata vira em sua primeira Missa. Mais se persuadirão então de que Deos alguma cousa lhes exigia; e redobrando jejuns e orações, por tres vezes em sonho lhes appareceo um Anjo, e lhes revelou que do Soberano Pontifice em Roma saberião o que lhes cumpria.

Ei-los a caminho. O inverno era rigoroso; mas nada os embaraçou.

Corria o anno de 1198. Inno-

cencio 3.º occupava a Cadeira de S. Pedro, e os recebeo humanissimamente. Informado do objecto da viagem, ordenou preces e jejuns, e consultou os Cardeaes, e alguns Bispos, convidando-os a que lhe assistissem á Missa, que devia celebrar na Oitava de Santa Ignez. Numeroso e lusido era o concurso, de que os dous Santos forão parte; e eis que na elevação da Hostia Sagrada, de novo se mostra o Anjo, como outr'ora na 1.ª Missa de S. João da Mata.

Convencido o Summo Pontifice de que os dous Santos erão inspirados de Deos, lhes permittio o estabelecimento de uma nova Ordem Religiosa, dedicada principalmente á Redempção dos Cativos, que gemião em ferros, e sob a tyrannia de Infieis. No dia 2 de Fevereiro, Festa da Purificação da Santissima Virgem, lançou-lhes elle mesmo os habitos da côr daquelle com que o Anjo se havia mostrado.

Cumulados de benções se despedirão no dia 20, trazendo Cartas Apostolicas para o Bispo de Paris, e o Abbade de S. Victor, a quem o Summo Pontifice incumbia formalisar-lhes uma Regra, e procurar-lhes um Convento. Em chegando, apresentarão-se tambem a Philippe Augusto, que por sua authorisação e liberalidades muito concorreo para o estabelecimento da nova Ordem.

Gualter, ou Gaucher de Chatillon, foi o primeiro que em suas propriedades deu assento para um Convento; mas conhecendo logo, que era insufficiente para a grande multidão que concorria a abraçar o novo Instituto, concedeo-lhes a-

quelle mesmo lugar em que tinham enxergado o Cervo, e que desde então se ficou chamando *Cervo Frigido*, em vez de Monte Frigido porque era conhecido. Este Convento, dotado consideravelmente pela Condessa Margarida de Borgonha, foi reconhecido como cabeça da Ordem. Entre seus primeiros noviços se conta S. João Angelico, Inglez de Nação, Doutor e Cathedratico Parisiense, que no Generalato succedeo a S. João da Mata — S. Guilherme Scoto, tambem Doutor Parisiense, e 3.º Geral da Ordem — Fr. Rogerio Leproso — Santo Osberto Angelico — o B. Guasberto — e o V. Fr. Pedro Corbelino, todos Doutores e Cathedraticos de varias Nações.

Em 15 de Outubro do mesmo anno de 1198 se consagrou a Igreja, e no dia 29 partio o Santo Patriarcha para Roma, acompanhado de S. Guilherme Scoto, afim de impetrarem do Summo Pontifice a confirmação da Regra. Em 17 de Dezembro o conseguirão com grandes privilegios, e com a doação de uma Casa no monte Celio, não mui distante do Palacio Lateranense, chamada *di forma Claudia*, pela sua proximidade de um famoso aqueducto do Imperador Claudio, restabelecido depois por Antonino, filho de Lucio Septimio Severo. Foi aqui o 2.º Convento da Ordem.

Vendo S. João da Mata já enraizado seu Instituto, enviou a Marrocos a S. João Angelico, e ao B. Guilherme Scoto, que partirão do Tibre em 31 de Março de 1199. Acompanharão-se elles de Carta do Summo Pontifice para o Rei Miramolin; e tão felizes forão em sua

1.ª negociação de resgate, que com demora apenas de cinco mezes voltarão a Roma com 186 Cativos, no anno de 1200. A Carta do Summo Pontifice era concebida nos seguintes termos:

“ Ao illustre Miramolin Rei de Marrocos, e a seus Vassallos, os que desejamos cheguem ao conhecimento da verdade, e perseverem nella.

“ Entre as obras de Misericordia que Nosso Senhor Jesu Christo encommendou no Evangelho a seus Fieis, não he de menor importancia a Redempção dos Cativos. Em attenção a isto, a todas as pessoas que se occupão em tão santo exercicio, devemos honrallas com graças, e favores Apostolicos. Os que apresentarão esta nossa Carta, movidos do Divino Espirito, instituirão huma Ordem, cuja Regra, e Estatutos mandão que a terceira parte das rendas que agora tem, e tiverem ao diante, se gaste na Redempção de Cativos; e a fim de cumprirem melhor com seu Instituto, conhecendo ser mais facil o trocar hum Christão por hum Mouro, temos permittido que se faça assim; e no que pertence ao Resgate de Christãos, e Mouros, temos julgado ser conveniente dar-vos aviso por meio destas nossas letras Apostolicas. Allumie vosso entendimento o que he caminho, verdade, e vida; para que conhecida a verdade, que he Christo, venhaes a ella com passos apressados. Dada em Latrão a 8 de Março, no anno segundo do nosso Pontificado. ”

Enviado para a Dalmacia em

qualidade de Legado a *Latere*, e a instancias do respectivo Monarcha, tanto ahi evangelizou S. João da Mata, que mereceo ser appellado Apostolo de Dalmacia, e de Dioclia, onde por essa occasião se fizeram diversas fundações da Ordem. Em Flandres edificou Guilherme de Hunscoate outro Convento em terras suas. Fóra das muralhas de Arles se deveo á devoção e liberalidade do Bispo Imberto de Aguien a fundação de outro Convento, que se denominou N. S.^{ra} de *Bello Loco*.

Depois de visitar o seu Convento de Cervo Frigido, resolveo S. João da Mata passar á Hespanha com S. Guilherme Scoto, e varios Padres que com elle vierão de Roma, e a que se juntarão outros de Cervo Frigido, como Fr. Bernardo Sarriano, Fr. Elias do Valle, e Fr. Estevão Meneláo, ou Manoel, o primeiro Hespanhol; e os outros Portuguezes. Entrarão pelo Reino de Navarra, e com tão grande zelo exhortarão os Reis, Principes, e Povos á compaixão dos Christãos cativos, que para logo se fizeram muitas Fundações. O proprio Monarca lhes fez doação de mui consideraveis herdades, que tinha junto da sua quinta denominada *Puente de la Reina*, onde em breve tambem se edificou um Convento.

E nem menos conseguiu o Santo em Castella, pois que dirlgindo-se á Cidade de Burgos a visitar El-Rei D. Affonso 8.^o, lhe mandou elle logo edificar um Convento junto dos seus Paços; e o mesmo fez em Toledo o Arcebispo D. Martinho Lopes, e em Segovia o Bispo D. Gonçalo Miguel.

No Aragão tiverão estes Religiosos consideraveis liberalidades de Principes e Fidalgos, e principalmente do nobilissimo Cavalheiro Pedro de Beluis, que deo ao Santo Patriarcha todas as suas herdades, foros, casa de campo, e torre chamada *Avinganha*, junto da Villa de Aytona, em que logo se fundou um Convento: e do Cavalheiro Pedro Moliner, que lhe deo um Hospital que havia fundado fóra dos muros de Lerida.

S. João da Mata voltou a Roma, entrando pelo Tibre em 14 de Março de 1209, e tornou pouco depois a embarcar para Tunes, levando por companheiro a Fr. Rogerio Dias. Prospera foi a viagem, e poderão resgatar 200 cativos, mas a volta para Roma foi trabalhosa; e não foi senão com visivel protecção do Céu que poderão escapar-se das mãos dos barbaros Infieis, que haviam feito concerto para os arrebatár. Não pôde porem vingar o satânico projecto; e os Infieis, não se animando a ensopar suas mãos no sangue de tantos innocentes, como haviam planisado, tomárão o expediente de longe de si os exporem a uma morte inevitavel. Tirarão o leme ao navio, que os devia conduzir para Europa, rasgárão as vélas, e assim os abandonárão a sabor dos mares e dos ventos. S. João da Mata neste aperto não teve outro recurso mais que sua confiança na misericordia Divina. Inspirou o mesmo sentimento a seus companheiros de infortunio; e formando vélas com a sua capa, e com as de outros Religiosos, que o acompanhavão, supplicou a Deos que se dignasse ser piloto de um navio,

que unicamente debaixo de sua providencia se aventurava aos mares. Durante toda a viagem se conservou o Santo assentado de joelhos sobre o convéz, tendo nas mãos um Crucifixo, e cantando Psalmos; e permittio Deos que ella fosse tão prospera, que em poucas horas chegarão ao porto de Ostia, na embocadura do Tibre.

Foi em 1210, que S. João da Mata pôde ver a sua Ordem plantada na Escossia, a instancias de El-Rei S. Guilherme, ou Vithelmo, mandando para aquelle Reino com esse destino os Doutores Fr. Roberto Olgibeo, e Fr. Ricardo Stayo, ambos Escossezes. Para fundação do 1.º Convento lhes deo El-Rei parte de seus Paços.

Na terceira entrada que o Santo Patriarcha fez em Hespanha com oito de seus Religiosos, e entre elles os Portuguezes F. Rodrigo de Penalva, Fr. Estevão Menelão, ou Manoel, e Fr. Manoel Rebolo, que depois foi Ministro do Convento de Santarem, achou-se com elles na celebrada Batalha das Naves de Tolosa, em 15 de Julho de 1212, onde a victoria se declarou pelos Christãos, ficando mortos no campo duzentos mil Mouros.

Em quanto S. João da Mata assim promovia o adiantamento da Ordem, della S. Felix de Valois se não descuidava, havendo com especialidade promovido a fundação de um Convento em Paris, no lugar em que havia uma Capella dedicada a S. Mathurino, o que fez com que em França a estes Religiosos se dêsse o nome de Mathurinos. E tendo em fim revelação do dia de seu passamento,

reunindo seus Religiosos no Convento de Cervo Frigido para os exhortar á obediencia dos Mandamentos de Deos, lançando-lhes uma derradeira benção, e munido dos Sacramentos, dormio em o Senhor, em 20 de Novembro de 1212.

Antes porem de proseguirmos na compendiada Historia do estabelecimento da Ordem, não será por ventura desagradavel a nossos Leitores offerecer-lhe aqui alguma noticia mais circunstanciada se quer ao menos da ascendencia Real do Patriarcha S. Felix de Valois. E' da *Chronica General del Orden de la Santissima Trinidad Redencion de Cautivos*, por Fr. Pedro Lopez de Altuna, que podiamos extrahir cabedal para longas paginas, se os limites de nosso trabalho o permittissem, pois que até nella deparamos com engenhosas Arvores de geração paterna, e materna. Mas imos de passagem, tornamos a dizer; e por isso nos limitaremos a transcrever parte do que lemos na *Historia Chronologica da Esclarecida Ordem da SS. Trindade*, por Fr. Jeronymo de S. José, Tom. 1. Liv. 1. Cap. 21.

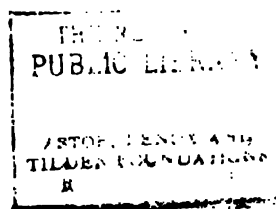
“ Hugo, Principe de França,
“ que depois teve o nome de Fe-
“ lix, he o insigne Heroe, de
“ quem agora fallamos. Os Pais
“ que o Ceo lhe destinou nesta
“ vida mortal, forão Ranulfo, Gram
“ Senescal, Conde de Vermandois,
“ e Valois; e sua Esposa, Mada-
“ ma Leonor de Bles. Hum e
“ outro de tão illustre descenden-
“ cia, que Ranulfo era Neto de
“ Henrique 1.º, Rei de França,
“ da Real Familia dos Capetos,
“ terceira Estirpe dos Soberanos



9 Vol. 2º

S. FELIX DE VALOIS.

*Patriarcha da Ordem da SS. Trindade, e
Redenção de Cativos.*



« desta Monarquia; e Leonor, fi-
« lha de Theobaldo, o Grande,
« Conde de Bles, e Champanha,
« de cujo sangue se achão esmal-
« tadas as maiores Coroas da Eu-
« ropa; pois nas Casas destes dous
« nobillissimos Consortes, e seus
« ascendentes, entrãrão por va-
« rios desposorios os Reis de Fran-
« ça, Navarra, Inglaterra, Cas-
« tella, Portugal, Hungria, e o
« Imperio. Alguns Escriitores não
« procedendo no meu sentimento,
« com boa critica negarão a este
« Santo a sua Real descendencia,
« pensando ter a Genealogia da
« Casa Real de Valois, principio
« nesta Estirpe dos Capetos, em
« Carlos de França, filho terceiro
« de El-Rei Philippe, o Atrevido,
« sendo ella muito mais antiga;
« pois já nos netos de Henrique
« 1.º, dos quaes era Ranulfo 1.º
« deste nome, e Pai do nosso San-
« to, se achava o titulo do Con-
« dade de Vermandois, e Valois
« no Reinado de Luiz, o Grosso.
« Herdou tudo de seu Pai Hugo
« de França, chamado o Grande,
« casado com Adela, filha, e her-
« deira de Heberto 4.º, Conde já
« de Vermandois, e de Valois,
« por onde unio as suas armas com
« as de Lis; e descendente por
« sua Bisavó Alix, Condessa tam-
« bem de Valois, e Amiens, da
« Prosapia de Carlos Magno, cu-
« jos Estados herdou Alix de seu
« Irmão S. Simão, Conde tambem
« de Valois, e de Amiens, quan-
« do morreo em Roma, com ha-
« bito de Religioso, no anno de
« 1080. Outros, seguindo a Fau-
« chet, pelo divorcio que Ranulfo
« teve com Leonor, inquietando
« com elle toda a Europa, que

« adiante diremos, o tiverão por
« illegitimo; mas com manifesto
« engano, fundados em razões
« debeis, e pouco ponderadas;
« pois na realidade foi Leonor ver-
« dadeira Esposa de Ranulfo, e
« este Santo de legitimo matrimo-
« nio, como clamou S. Bernardo
« ao Papa Innocencio 2.º, e attes-
« tão muitos eruditos Escriitores.»

Por escolha de S. João da
Mata foi S. Felix de Valois sub-
stituido no Ministrado de Cervo
Frigido por S. João Angelico, que
depois lhe succedeo no Genera-
lato.

Voltando S. João da Mata ou-
tra vez a Roma, ahi fez celebrar
Capitulo Geral, em que se fizerão
santos e admiraveis Estatutos para
regimen da Religião. Elle empre-
gou depois o resto de seus dias em
visitar os presos, assistir aos do-
entes, soccorrer os pobres, e an-
nunciar a palavra de Deos; até
que, sendo-lhe tambem revelado o
dia de sua morte, exhaustas já suas
forças, que as muitas viagens e
austeridades havião atenuado. ca-
hindo enfermo em 14 de Dezem-
bro de 1213, na Cidade de Ro-
ma, Capital do mundo christão,
com a maior doçura e tranquillidade
entregou seu grande espirito
a Deos, no dia 17, e na idade de
60 annos, ou na de 53, cinco me-
zes, e vinte e quatro dias, como
outros pretendem.

A Regra da Ordem da San-
tissima Trindade, e Redempção
de Cativos, que tambem foi con-
firmada pelo Summo Pontifice Ho-
norio 3.º, foi depois corrigida e mi-
tigada pelo Bispo de Paris, e Ab-
bades de S. Victor, e de Santa
Genoveva, para esse fim commis-

sionados pelo Summo Pontifice Urbano 4.^o, e com esta Reforma confirmada mais tarde, no anno de 1267, pelo Soberano Pontifice Clemente 4.^o.

Teve a Ordem 250 Conventos, divididos em treze Provincias: — seis em França, denominadas de *França*, *Normandia*, *Picardia*, ou *Flandres*, *Champanha*, *Languedoc*, e *Provença*: — Tres em Hespanha, denominadas *Castella a Nova*, *Castella a Velha*, e *Aragão*: — Uma na Italia: — e outra em Portugal. Desta ultima nos occuparemos mais particularmente.

Contara ella tambem antigamente na Inglaterra, 43 Casas: — 9 na Escossia: — 52 na Irlanda: — e grande numero dellas na Saxonia, na Hungria, na Bohemia, e em muitos outros Reinos; mas tudo foi arruinado pelos Hereges.

Só as Provincias de *França*, *Champanha*, *Picardia*, e *Normandia*, tinham direito de eleger o Ministro Geral, no Capitulo que se celebrava no Convento de Cervo Frigido, cabeça de toda a Ordem. As outras Provincias restantes devião reconhecer o eleito, e obedecer-lhe.

O vestuario dos Religiosos da Santissima Trindade, e Redempção de Cativos variava um pouco, se-

gundo as diversas Nações. — Os de França usavão de habito e escapulario de sarja branca, e sobre elle a Cruz vermelha e azul. No côro, e durante o verão, servião-se de sobrepeliz; e no inverno, de uma especie de capa com capôlo, aberto por diante. Em casa servião-se de uma capa mui curta; e quando sahião fóra, cobrião uma capa preta, semelhante á dos ecclesiasticos. E com tudo o habito primitivo era de pano; e em toda a parte usavão os Religiosos do pequeno manto branco, depois conservado pelos Reformados, como teremos occasião de observar.

O habito dos Religiosos de Italia semelha pouco mais ou menos o dos Reformados; mas é de sarja, e muito mais amplo; e ou seja no Côro, ou fóra dos Mosteiros, sempre a capa lhe serve de complemento.

Os das duas Castellas, *Aragão*, *Catalunha*, e *Valencia*, usavão de habito branco, e capa preta. No resto da Hespanha tinham apenas o pequeno manto preto, que descia até meio corpo; e todos, exceptuando os Descalços, de que tambem teremos occasião de fallar, trazião no escapulario, no pequeno manto, ou na capa, a Cruz da Ordem, vermelha e azul.



A ORDEM

DA

SANTÍSSIMA TRINDADE, E REDEMPÇÃO DE CATIVOS,

EM PORTUGAL.

O V. FR. MIGUEL DE CONTREIRAS.



OVE annos contava de existencia a Ordem da Santissima Trindade e Redempção de Cativos. Os Christãos, que Saladino cativara na Palestina, carecião de consolação e resgate; e oito Religiosos forão destinados para tão santa empresa. Com prazer consignamos aqui seus nomes: erão — o B. Fr. André de Claramont — Fr. Roberto Henoch — Fr. Thomas — Fr. Ricardo — Fr. João Henoch — Fr. Pedro — Fr. Guilherme — e Fr. Osberto. Elles embarcárão em Ruão no 1.º de Setembro de 1207, dando-lhe comboi duas náos, que seguião a mesma derrota. Prospera começou a viagem; mas a poucos dias de bonança seguio-se horrosa tormenta. As duas náos perecêrão submersas; e a que conduzia os Religiosos, destroçada, sem vélas, sem mastos, sem leme, pôde abicar nas praias de Lisboa, no fim de quatorze dias.

Tom. 2.

Ordinis istius, Deus Auctor, Trius, et unus;
Nobile deque suo nomine dixit opus.
Angelus hoc docuit: Deus hoc dimisit ab alto
Acthere: et hoc Sanctus protulit ore Pater.

FR. BARTHOLOMEU DE PAIVA.

Era então Bispo de Lisboa D. Sueiro Annes, on Viegas, como alguns lhe chamão, e Governador da Cidade Pedro Alvres. No meio do melhor gasalhado pretenderão persuadir os Religiosos a permanecer, e fundar um Convento em Lisboa; mas nenhuma razão os convenceo; e reparado já seu navio, levantarão ancora, e desferirão as vélas.

O vento era em popa; e assim mesmo a embarcação nem comboida por outras se movia! Virão-se então os Religiosos obrigados a de novo desembarcar; e logo o navio, contra maré, e sem governo, voou como aguiã, sahio a barra, e foi empégar-se no Oceano.

Convencidos os Religiosos de que Deos os destinara para a fundação da Ordem nestes Reinos, e dada obediencia ao Bispo de Lisboa, se dirigirão para Santarem, onde então era com sua Côrte El-Rei D. Sancho 1.º, que os hospedou em seus proprios Paços, e

20

pouco depois, e a pouca distancia delles, lhes destinou sitio para um Convento na Ermida de N. S.^{ra} da Abobeda. Era o começo do mez de Outubro de 1207; e a fundação do Convento com seu Hospital para Cativos, só teve principio em 20 de Outubro do seguinte anno.

Este Convento constava unicamente de tres Dormitorios, não muito compridos e largos, com sua claustro, e officinas, ficando-lhe servindo de Igreja interinamente a mesma Capella de N. S.^{ra} da Abobeda; mas no anno de 1284, Fr. João Navarro, então Ministro do Convento, deo começo á nova Igreja de tres naves, sobre dez arcos de pedra com outras tantas columnas redondas, tendo o Templo de comprimento 116 palmos, e de largura 63. Passados 345 annos, foi o Convento renovado desde os fundamentos por El-Rei D. João 3.^o; e decorridos mais 139 annos, foi preciso refazer outra vez o Dormitorio, que, por ter sido obra de empreitada, ficara com pouca segurança. O mesmo aconteceo á Igreja 419 annos depois, no tempo do Ministro Fr. Manoel de Mello. Foi demolida por ameaçar ruina; e em seu lugar se fez a que hoje existe, acabada no anno de 1740, sendo Provincial Fr. Mathias do Rosario.

Contiguo a este Convento estava o Recolhimento das Emparedadas, que o Author da Historia Chronologica da Santissima Trindade pretende, e com bons fundamentos, que erão Trinas, porque tinham tribuna para a Igreja do Convento, seguião os Estatutos desta Religião, trazião o seu ha-

bito, que recebião na mesma Igreja, e com elle nella se enterravão.

Os Ministros do Convento de Santarem tinham o honorifico titulo de Commendadores das Villas de Alvito, Villa Nova, e Oriola, com o padroado de todas as suas Igrejas, regalia que lhes deixara o nobre Cavalleiro D. Estevão Eannes, Collasso de El-Rei D. Affonso 3.^o, seu Privado, e Chanceller mór do Reino. Foi 1.^o Ministro deste Convento o V. Fr. André de Claramont, seu fundador, que o governou 43 annos, e passou para o Senhor no de 1251.

O 2.^o Convento da Ordem em Portugal foi o de Lisboa, fundado pelos annos de 1218, reinando D. Affonso 2.^o Fr. Matheus Annes, Fr. Julião Alvres, e o Converso Fr. Braz, que andavão nos resgates de Alcacer do Sal, então Praça de Mouros, e donde fazião grande damno, persuadirão o Bispo da necessidade da sua conquista. Em 18 de Outubro de 1217 se pelejou a memoravel Batalha em que se achou o mesmo Bispo com os tres Religiosos. A victoria ficou pelos Portuguezes, que em numero de 30 \$ 000 combaterão contra 400 \$ 000, tendo por sua parte os Reis de Badajoz, Sevilha, Cordova, e Jaen; mas tambem os Portuguezes forão ajudados por uma Armada, que do Norte passava para a Terra Santa, e em que hião os Condes de Holanda, Frisia, e outros Principes, com grande numero de Flamengos, Alemães, e Inglezes. De volta a Lisboa alcançou o Bispo que El-Rei fizesse doação aos Religiosos da Ermida de Santa Catharina, em territorio do Bairro Alto, que en-

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



Porto - Lith. R. do Reguinho N.º 30 e 31

RELIGIOSO DA ORDEM

da

*SS. Trindade e Redenção de Cativos em
Portugal.*

tão era extra muros da Cidade. Della tomou posse Fr. Matheus com os mais Religiosos em Fevereiro de 1218; e feitas algumas accomodações, e um pequeno Hospital, ficou por seu Presidente.

Passados 71 annos, começou-se a nova Igreja fundada pela Rainha Santa Isabel, e a maior que por aquelles tempos na cidade havia. Fazendo El-Rei D. Fernando as novas muralhas pelos annos de 1370, ficou o Convento da parte de dentro, e encostado a ellas. No anno de 1401 teve elle muita mais extenção, pela doação que Constança Esteves lhe fez de um Olival e campo, que chegava até ao Postigo de S. Roque, e se aforrou depois em ruas.

Deste Convento, e destas muralhas valerosamente defenderão a Cidade os antigos Religiosos, pelos annos de 1384, no rigoroso cerco que lhe pôz El-Rei D. João 1.º de Hespanha, contra D. João 1.º de Portugal.

“ Os Frades (diz Fernão Lopes na Chronica deste Rei. P.º 1.º Cap. 116), especialmente os da Trindade, erão logo, nos muros com as melhores armas que haver podião; e huns de noite velavão suas torres, e os das quadrilhas roldavão todo o muro, e as torres de hum quadrilha até a outra, desde a porta de Santa Catharina, até a torre de Alvaro Paes. ” — Era do sitio do Loreto até S. Roque.

Durou o edificio, com o Templo que fez a Rainha Santa, até ao anno de 1561, em que de novo se reedificou, sendo Provincial Fr. Roque do Espirito Santo, Ministro Fr. André Fogaça, e Mestre

das Obras Agostinho Fernandes de Thomar. Pela meia noite de 21 de Setembro de 1708 um incendio destruiu grande parte do edificio, salvando-se somente a Igreja, a Livraria, algumas officinas, e o Dormitorio da parte do Rocio. Depois de reedificado, e com vantagem, tornou a ser victima do terremoto e incendio de 1755, que tudo destruiu, e que a Provincia reparou do modo que lhe foi possível.

Neste Convento se celebrarão por algumas vezes Côrtes — no tempo de D. João 1.º — de D. Sebastião — e de D. João 4.º E parece que junto d'elle existirão tambem Emparedadas, e com o habito da Ordem. Conta-se como primeira D. Ignez de Asturias, que depois fundou o Convento de Santa Clara. Em 1362 existia outra, por nome Catalina Vasques; e em 1382 outra chamada Domingas Vicente.

O 3.º Convento foi o de Cintra, fundado em um frondoso valle da Serra, e pela sua solidão mui accomodado para a vida eremitica e contemplativa. Dous Anachoretas do Convento de Lisboa lhe derão começo no anno de 1374, não ainda em forma regular de Mosteiro, mas em Ermidas dispersas pela serra á semelhança das Thebaidas. Forão elles — Fr. Alvaro de Castro, filho do Conde de Arraiolos, e 1.º Condestavel do Reino — Fr. João de Evora, a quem D. João 1.º depois nomeou seu Confessor, e Bispo de Vizeu — Fr. João de Lisboa, Confessor da Rainha D. Filippa — e Fr. João de Mattos. Seu primeiro domicilio foi na antiga Ermida de Santo Amaro.

Em 1400, divertindo-se El-Rei D. João por aquelles sitios, e admirando a summa pobreza, e rigor de vida destes Religiosos, lhes mandou fazer o primitivo Convento na mesma Ermida. A Igreja foi renovada por El-Rei D. Manoel pelos annos de 1500.

Porque o primitivo Convento foi feito a pedaços, e de empreitada, ficou com grandes defeitos na architectura, e em breves annos ameaçou ruina. Foi ficando por tanto desamparado de Religiosos, vivendo nelle apenas um para recolher os fructos; até que, melhorando de sitio, foi de novo edificado, e com muito maior fabrica, no lugar em que hoje se vê, sendo Provincial Fr. Baptista de Jesus. Pádeceo o Convento grande ruina com o temeroso terremoto de 1755. Tudo porem se reparou, e com melhor direcção, fazendo-se de novo a Igreja, no Ministrado de Fr. Manoel de S. Caetano, o qual tambem, no anno de 1784, fez a torre dos sinos á sua custa.

O 4.º Convento foi o da Lousa, termo de Villarinho da Castanheira, da Commarca de Moncorvo, Provincia de Tras-os-montes. Deveo-se a sua fundação ao V. Fr. Antão de Bem-Espera, natural do Seixo, termo da Villa de Anciaes, e que depois foi Religioso Converso da mesma Ordem. Tinha-se elle resolvido a viver vida solitaria, pelos annos de 1474, em uma Ermida de N. S.^{ra} dos Altos Ceos, a quem o nosso Jurisconsulto Pegas dedicou um Tomo das suas Obras. Estando uma noite em oração, lhe appareceo um Anjo, intimando-lhe da parte de Deos,

que no alto daquella fragosa montanha lhe erigisse um Templo dedicado ao Mysterio da Santissima Trindade. Antão de Bem-Espera communicou isto aos moradores da Lousa, que o não quizerão acreditar. Outra vez lhe appareceo o Anjo, dizendo-lhe, que de novo os convocasse, e quando ainda perseverassem na duvida, fizesse vir á sua presença um enfermo, que no mesmo Lugar se achava moribundo, ao qual em nome da Trindade Santissima daria perfeita saude. — E assim aconteceu. O enfermo levantou-se são e vigoroso; e os moradores da Lousa, admirados do prodigio, com tal desvelo e fervor começaram a obra da Igreja, que em mui breve espaço a concluirão.

Em uma 3.ª appareição lhe ordenou o Anjo, que levasse para alli Religiosos da Santissima Trindade, o que o servo de Deos alcançou, concedendo-lhe o Provincial Fr. Pedro de Evora a Fr. Tristão com mais outro, que lhe lançarão o habito. Depois com algumas esmolas fizeram junto da Igreja umas pobres casas em que começarão de habitar.

Ha toda a probabilidade de que o Convento se achava já fundado no anno de 1474. — “ Na Lousa (escreveo Fr. Paulo Cabral na Collecção de Noticias da Ordem) edificou o Convento o bom Fr. Antão, que fizo milagres, e foi bom Religioso, que vio o Anjo do Senhor tres vezes: finou-se alli, e a lá jaze, anno do Senhor 1486, depois da sua morte fizo milagres &c. ” — E Torre no seu Martyrologio repete: “ — O Mosteiro da Lousa

“fizo o bom Fr. Antão do Seixo, que lhe appareceo o Anjo, e a lhe dize faze a Igreja da Sancta Trindade, e feita ella fizo milagres; resurgio Antonio Dias, curou Joanna, e fizo mais milagres, e lhe dize mais o Anjo: Vai buscar os Freires da Trindade, que aqui esteim, e assim fizo o Mosteiro, e alli se finou Fr. Antão sanctamente, e fizo milagres, e muitas mercês. ”

Ainda em vida do Fundador se deo principio a uma Igreja maior, ficando a primitiva servindo de Cappella mór até ao anno de 1633, em que o Ministro Fr. Thomas da Conceição a mandou deitar abaixo, fazendo outra, e muito espaçosa, para o lado onde estava a porta da antiga. O Convento tinha accomodação bastante para doze Religiosos.

A 5.ª fundação foi a do Collegio ou Convento de Coimbra, pelos annos de 1552, occupando primitivamente o sitio da Sé Velha. Foi devida a Fr. Roque do Espirito Santo, Fr. Paulo Cabral, Fr. Manoel Nunes de Santa Maria, e Fr. Nicolao Coelho do Amaral, os quaes El-Rei D. João 3.º mandou á sua custa para a Universidade, que então se estabelecia. Os quatro Religiosos se alojão defronte da Sé Velha, em umas casas que tinham sido de D. Bataça, neta do Imperador de Constantinopla Theodoro Lascaro, vinda de Aragão com a Rainha Santa Isabel, e Aia de Affonso 4.º, nas quaes a mesma Senhora viveo, e morreo, sepultando-se na mesma Cathedral em 1336.

Deste Collegio foi Presidente Fr. Roque, e assim se conservou

até ao anno de 1562, em que se mudou para o sitio em que se acha, por ordem, e á custa da Rainha D. Catharina; e não concorrêrão pouco para a largueza e commodidades do edificio as concessões que lhe fizera a Camara da Cidade, assim como um Cavalheiro da mesma chamado Gonçalo Leitão Monteiro, casado com uma prima do Provincial Fr. Roque. A casa é perfeitamente quadrada, com accomodação para vinte Religiosos; e a Igreja era espaçosa e bella. Nesta Casa esteve recluso desde 1770 até 1778, por Ordem Real, o P.º M.º D. Luiz da Annunciação, por suspeitas que tivera o Marquez de Pombal, então 1.º Ministro de Estado, de que aconselhava o Bispo de Coimbra D. Miguel da Encarnação. — Ella está hoje occupada pelo Tribunal de 1.ª instancia da Commarca de Coimbra.

Na famosa *Esseliça*, como lhe chamou Ptolomeo, na Cidade de Ceuta, e em aprasivel sitio junto da praça principal, foi edificado por El-Rei D. João 1.º outro Convento da Santissima Trindade, no anno de 1416, com o titulo do Apostolo Santiago. Foi elle 152 annos habitado pelos Religiosos de S. Francisco. Vendo porem El-Rei D. Sebastião, em 1568, a precisão que havia de que os Religiosos Trinitarios residissem em terras Africanas para maior commodidade do resgate de Cativos, mandou que aquelles Religiosos passassem de Ceuta e de Tangere para o Reino, e os substituiu com os da Santissima Trindade.

Tomou posse do Convento de Ceuta em 7 de Janeiro de 1569,

e delle foi logo Presidente, e depois Ministro, Fr. Manoel Nunes de Santa Maria, tendo por subditos a Fr. Jorge de Barros, e Fr. Dionysio. A Provincia o conservou até á Aclamação de D. João 4.º, pelo espaço de setenta e um annos, ficando então Ceuta cativa de Castella, e sendo ultimo Ministro o Presentado Fr. André da Ressurreição. O convento passou a ser habitado pelos Trinitarios Reformados de Hespanha, que delle tomárão posse no 1.º de Maio de 1680, por cessão dos Religiosos Observantes de Hespanha, que 40 annos o possuirão depois dos Portuguezes.

Na Cidade *Tingi de Cezaréa*, a que os Africanos chamão Tangere, fundou o inclito Rei D. Affonso 5.º um Convento para Religiosos de S. Francisco da Provincia de Alem-Tejo, que o possuirão 97 annos, e que pelo mesmo motivo que o de Ceuta veio a poder dos Religiosos da Santissima Trindade em 1568. Era da invocação de Santo Antonio, e delle tomárão posse Fr. Simão de Portugal, Fr. Antonio de Torres Novas, e Fr. Vicente de Carvalho, ficando o 1.º por Ministro. Seis annos depois, em 1574, conhecendo-se que a Cidade de Ceuta era mais commoda para os resgates, foi este Convento trocado pelo dos Dominicos de Ceuta, e assim ficou com muita mais largueza o Convento de Santiago.

Fóra dos muros da Cidade de Lagos, no Reino do Algarve, em logar eminente, aprasivel, e sadio, donde se gosa a deliciosa vista do mar, e a cavalleiro da Torre do Pinhão, foi fundado, em 1599,

o Convento da Santissima Trindade em uma Ermida de N. S.ª do Porto Salvo. Tomou posse do sitio Fr. Philippe Ribeiro com mais quatro Religiosos; e em vespera de S. João do anno de 1605 se começou de executar o risco do Convento. O edificio ficou algum tanto abatido por causa da grande impressão de ventos, e para do mar não fazer mais pontaria ás embarcações inimigas. Com o terremoto de 1755 teve consideravel ruína, que em grande parte se reparou. Foi seu 1.º Presidente Fr. André de Albuquerque.

Sendo as Villas de Alvito, Villa-Nova, e Oriolas, couto do illustre D. Esteve-Eannes, Collaço de El-Rei D. Affonso 3.º, seu Privado, e Chanceller mór do Reino, de tudo elle dispôz por testamento em favor da Religião da Santissima Trindade, pelos annos de 1279, em que faleceo. Desde então ficou sendo Prior de Alvito o Ministro do Convento de Santarem, com regalia de apresentar todas as Igrejas, mandando para ellas Religiosos em qualidade de Parrochos. Assim se conservarão as cousas até ao anno de 1566, em que tudo se supprimio. Renovárão-se porem em 1597; e pelos annos de 1618 se fundou o Convento, sendo Ministro do de Santarem Fr Jorge do Pombal. O Orago é de N. S.ª da Assumpção. A Igreja de tres naves, e espaçosa.

Na Villa de Setubal teve logar outra fundação. Desde o anno de 1657 alli começárão de exercer seu ministerio dous Religiosos da Santissima Trindade, vivendo a principio em casa alugada, e depois em outra, que comprarão no



O V. FR. MIGUEL DE CONTREIRAS

Instituidor da Misericórdia em Portugal.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

tio da Fonte Nova, e onde se
ndou um Hospicio, que se go-
rnou por Presidencia até ao anno
1686. O Soberano então lhe
z mercê da Confirmação do Con-
nto, elegendo-se por seu 1.º Mi-
stro o Presentado Fr. Henrique
outinho. Assim permaneceu, sem
aior fabrica, até ao anno de 1741,
n que se começou de executar a
va Planta. A obra ficou suspen-
pelo terremoto de 1755, ser-
ndo de Igreja interinamente a
paçosa Casa de Capitulo.

A esta fundação se seguiu a
Convento de Alcantara em Lis-
a. O Doutor Rodrigo Homem
Azevedo, grato á Virgem San-
sima, que milagrosamente o li-
rtara da prisão do Castello, onde
achava como havendo seguido
partes do Senhor D. Antonio,
ificou-lhe uma Capella em Al-
ntara, com o titulo do *Livra-
nto*, no anno de 1610. Seus fi-
s continuárão o culto desta Ca-
lla. Seu neto Luiz de Sousa
rraz, intentou deixa-la a algu-
a Religião; mas surprehenden-
o a morte em breve tempo, le-
u esta recommendação em tes-
mento a sua Tia D. Maria de
caçova, que por sorte a entre-
u á Santissima Trindade, com
la a mais propriedade adjacen-
, em 2 de Abril de 1667. Só
1686 della tomou posse a Or-
m. A Capella foi depois con-
rtida em maior Igreja; mas o
nvento era apenas bastante para
seseis Religiosos.

Um Hospicio teve tambem a
dem em Villa Franca de Xira,
dicado a N. S.^{ra} das Mercês.
ve elle principio em uma Ca-
lla e Confraria, erecta por Fr.

Jeronymo Botelho, no anno de
1720, e que de todo se entregou
á Religião em 1748. Desta Con-
fraria, ou Ordem Terceira da San-
tissima Trindade de Villa Franca
de Xira, erecta em 1720, assim
como da Ordem Terceira Trinita-
ria de Lisboa, fundada em 1568,
e da do Porto, renovada em 1752,
nos occuparemos em tempo com-
petente, pois que, segundo nosso
programa, só podem por agora ter
logar em nossa Galeria as Ordens
Regulares, e Militares.

O rendimento de todos os Con-
ventos desta Ordem em Portugal
era de 15:335 \$ 271, conforme o
Mappa da Commissão Interina do
Credito Publico de 10 de Feve-
reiro de 1835.

Como a falta de espaço nos
não permite mais, terminaremos
este mal polido trabalho com uma
noticia mui breve do V. Fr. Mi-
guel de Contreiras, que offerece-
mos a nossos Leitores como um
dos mais celebres Religiosos desta
Ordem.

Nascido em 8 de Maio de 1431,
da familia de Contreiras, de Sego-
via, começada no Conde Fernan
Gonçales, que desbaratou os Mou-
ros em 923, elle viveo e morreo
em Lisboa na qualidade de Reli-
gioso da Ordem da Santissima Trin-
dade, que sua piedade lhe fizera
abraçar. Prégador distincto, e ver-
sado nas sciencias, disputava com
os Rabbins em sua propria Sina-
goga, que então era no sitio da
Conceição Velha, conseguindo con-
verter a muitos delles. Aconselhou
D. Manoel a que exterminasse os
Judeos, que se obduravão; e pu-
blicado o Edicto, mandou El-Rei
edificar sobre as ruinas da Sina-

goga a Conceição Velha, uma das principaes Freguezias da Côrte, que lá se conservou até ao terrémoto de 1755, sendo depois mudada, no anno de 1770, por ordem de El-Rei D. José, para o sitio da Mizericordia Velha.

Contreiras consolava e soccorria muito os presos; acompanhava os supliciados; e solicitava da Rainha D. Leonor, dos Principes, e dos Fidalgos, dotes para casamentos de donzellas desvalidas. Pedia esmolas pelas ruas e casas, acompanhado de um Anão, e de um jumentinho em que as conduzia, para depois as repartir por viúvas pobres e recolhidas, e pelos presos, auxiliado neste mister por *João Rodrigues Ronca*, *Cotim do Poço*, *Flamengo*, *João Rodrigues*, cerieiro, que morava á porta do ferro, *Gonçalo Fernandes*, Livreiro, e um *Valenciano*, Broslador, morador na Correaria, que forão os primeiros Irmãos da Mizericordia, depois das Pessoas Reaes.

Foi confessor da Rainha D. Leonor, esposa de D. João 2.^o Por seu conselho e direcção se fundou o Hospital das Caldas, e o Convento da Madre de Deos, da Ordem de S. Francisco. Obteve da Camara de Lisboa uma casa junto da Igreja de Santo Antonio da Sé, onde antigamente se fazia a audiencia do Cível, e se chamou depois casa da Serpe, para nella fundar um Hospital. Amortalhava, e sepultava os mortos. Com authoridade da Rainha D. Leonor, Regente do Reino pela ausencia de El-Rei D. Manoel em Hespanha, e do Arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, instituiu a Mizericordia, em 15 de Agosto de 1498.

A Irmandade foi fundada nos Claustros da Sé, na Capella de N. S.^{ra} da Torre solta. A segunda Mizericordia foi a de Santarem. Logo depois abrangeo a instituição a todas as Cidades e Villas.

A de Lisboa passou depois para a Ribeira Velha, onde se acha a Igreja da Conceição, e ahí se conservou até 1755. O incendio e ruina do Terremoto a fez mudar por alguns annos para a Ermida de S. Vicente Ferrer, das Olarias. Passou depois para outra de N. S.^{ra} da Oliveira, junto da rua Augusta; e por ultimo, em 1769, para o Convento de S. Roque, que fôra dos Jesuitas.

O V. Fr. Miguel de Contreiras morreo santamente em 29 de Janeiro de 1505, na idade de 74 annos.

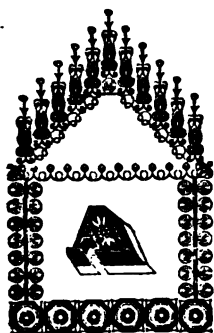
Por Assentos da Irmandade da Mizericordia de Lisboa de 12 de Setembro de 1575, e de 15 de Setembro de 1576, se ordenou que na respectiva Bandeira se pintasse, de uma parte a Imagem de Christo, e da outra a Santissima Virgem, tendo á mão direita um Papa, um Cardeal, um Bispo, e um Religioso Trino, com as letras F. M. I., que querem dizer *Fr. Miguel Instituidor*; e á mão esquerda um Rei e uma Rainha, em memoria de El-Rei D. Manoel, e da Rainha D. Leonor, com dous velhos graves, e devotos, companheiros do Instituidor; e aos pés da Senhora algumas figuras de pobres, e miseraveis.

Por Alvará de 26 de Abril de 1627 se mandou adoptar esta Bandeira em todas as Mizericordias do Reino.

A CONGREGAÇÃO
DOS
RELIGIOSOS DESCALÇOS DA SANTÍSSIMA TRINDADE
EM
HESPAÑHA, PORTUGAL, E MAIS NAÇÕES.

HIC EST ORDO APPROBATUS,
NON A SANCTIS FABRICATUS,
SED A SOLO SUMMO DEO.

Innocencio 3.º



ORDEM da Santíssima Trindade e Redempção de Cativos havia cahido em relaxação na Hespanha. Em 1594, os Religiosos das Provincias de Castella, Aragão, e Andaluzia, celebrarão um Capitulo Geral em que se resolveo, que em cada Provincia se estabelecessem duas ou tres Casas, nas quaes se observasse a primitiva Regra, e onde os Religiosos vivessem com mais austeridade, não só quanto ao vestuario, que deveria ser de estofos mais grosseiros, mas quanto a tudo o mais, salva sempre a faculdade de poderem regressar a seus antigos Conventos.

Anno e meio decorreo sem que esta determinação se executasse. E querendo o Marquez de Santa Cruz fundar um Convento em *Val de Peñas*, Campo de Calatrava, para

TOM. 2.º

Religiosos Reformados Descalços, um Religioso da Santíssima Trindade se conformou a seus desejos; edificou-se o Convento, celebrando-se nelle a 1.ª Missa em 9 de Novembro de 1596; e os Religiosos, que nelle entrarão, mudarão seus habitos, e tomarão sandalias. Entre elles se achou Fr. João Baptista da Conceição, que foi nomeado Superior da nova Casa, e que é conhecido como Instituidor desta Reforma. Nasceu elle, na Aldêa de Almodovar del Campo, em 10 de Julho de 1561, e de uma familia tão recomendavel por suas virtudes, que Santa Theresa, passando por aquella Aldêa, não quiz tomar outro gasalhado.

Como no Capitulo Geral se havia deixado aos Religiosos Reformados o arbitrio de regressarem a seus antigos Conventos, muitos delles se aproveitarão, tanto em *Val de Peñas*, como nas Recoletas da *Ron-*

da, e de *Bienparada*. E vendo Fr. João Baptista da Conceição, que a Reforma não poderia subsistir em quanto os Religiosos tivessem aquella faculdade; dirigio-se a Roma; e apesar de toda a opposição, obteve do Summo Pontifice Clemente 8.º, em 20 de Agosto de 1599, a separação da Ordem com as tres Casas de *Val de Peñas*, *Ronda*, e *Bienparada*. As duas ultimas com tudo confugirão para os Trinos Calçados; e Fr. João Baptista ficou limitado á de *Val de Peñas*, de que tomou posse em 1600, e onde deu começo á sua Reforma.

Dentro de dous annos se fizeram quatro novas fundações. E em 1605, vendo o soberano Pontifice Clemente 8.º, que desta Reforma existião ja oito Conventos, lhes permittio eleger um Provincial de tres em tres annos. O 1.º eleito foi o Fundador, que depois de haver estabelecido desoito Conventos, passou para o Senhor, na Cidade de Cordova, em 14 de Fevereiro de 1613, no mesmo dia em que, deseseis annos antes, havia entrado na Recoleta.

No anno de 1609 dividio o Summo Pontifice Paulo 6.º esta Congregação em duas Provincias. Por outro Breve do mesmo anno collocou estes Religiosos na serie dos Mendicantes. Por outro de 1610 lhes permittio um quarto voto — de não pretenderem directa ou indirectamente alguma Prelasia na Ordem. E em fim no anno de 1636 o Summo Pontifice Urbano 8.º os insentou completamente da jurisdicção do Geral de toda a Ordem, e lhes permittio eleger um para a sua Congregação. Crescendo mais o numero dos Conventos, dividio-se a Congregação em tres Provincias, a da *Conceição*

do *Espirito Santo*, e da *Transfiguração*.

No anno de 1686 obtiverão estes Religiosos de ElRei de Polonia João 3.º um Convento na Cidade de Leopoldo, na Russia Vermelha. Deste Convento procederão alguns outros, que formarão uma 4.ª Provincia. Leopoldo 1.º lhes concedeo uma Casa em Vienna d'Austria, e della procederão outras na Hungria, e na Bohemia, com que se organisou uma 5.ª Provincia. Na Italia, e com o titulo de S. João da Mata, erigio o Summo Pontifice Clemente 11 a 6.ª Provincia, unindo-lhe os Conventos de Turin, Livourne, e Falcon, na Provença, que pertencião aos Descalços de França, e que por Breve de 20 de Novembro de 1705 se submeterão ao Geral dos Descalços em Hespanha.

Apesar da fortissima Opposição da Provincia da Santissima Trindade e Redempção de Cativos de Portugal, da falta de licença de ElRei, e do Ordinario, a nova Congregação fundou um Convento na Cidade de Miranda do Douro, e depois um Hospicio na Villa de Mirandella, por virtude de uma Bulla do Summo Pontifice Urbano 8.º, do anno de 1636.

Como os Religiosos não acceitassem as condições de tanto elles como os Prelados serem Portuguezes, de não serem sujeitos ao Provincial de Hespanha, e de não possuirem bens de raiz, uma Provisão de 2 de Setembro de 1752, sobre Consulta do Dezembargo do Paço, ordenou ao Corregedor de Miranda, que lhes demolisse os edificios, e os intimasse para despejar o Reino.

Este procedimento ainda foi suspenso por intervenção do Bispo

**THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY**

**ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS**
R L



RELIGIOSO DESCALÇO
Da SS Trindade em Hespanha e Portugal.

de Miranda para com a Rainha D. Maria Anna de Austria, Esposa de El Rei D. João 5.º, e porque a Província da Santissima Trindade, e Redempção de Cativos em Portugal não fez opposição alguma; até que —
“ Reinando finalmente (diz o já citado Chronista Fr. Jeronymo de S. José Tom. 2.º Liv. 3.º Cap. 6.) a Fidelissima Rainha Nossa Senhora, D. Maria 1.ª, no anno de 1781, e sendo Provincial o M. R. P. Doutor D. Fr. José da Ave Maria, Bispo de Angra, conseguirão por empenhos da diligência favoravel Despacho, debaixo das referidas Clausulas, da não sujeição a Hespanha, e serem todos os Religiosos Portuguezes. Foi Vigario Prebendado o P. Fr. Manoel de S. José por tres annos. Excedidas porem estas ordens em o anno de 1790, e por varias dissensões que houverão, determinou S. M. pelo Nuncio Apostolico o Excellentissimo D. Carlos Bellisomi, dos Marquezes de Frescaroli, Arcebispo de Tyanna, que (por desculpa do M. R. Padre Provincial desta Provincia) Fr. Antonio das Dores, Missionario do Convento do Veratojo, os reformasse. Excutou as ordens, assistindo com estes R. R. Padres algum tempo em Miranda, e Mirandela, aonde nomeou Prelados locais, e por in- formação sua, elegeo o referido Nuncio por Vigario Provincial ao R. P. Fr. José da Conceição, hum dos mais antigos da Recoleta. Depois de os exhortar, e exemplificar com as virtudes de que era dotado, voltou para o seu Convento. ”

Estes Religiosos tinham de rendimento annual 223 \$ 000, segundo

o Mappa da Commissão Interina da Junta do Credito Publico, de 10 de Fevereiro de 1835.

O vestuario desta Congregação de Descalços era um habito, capêlo, e escapulario de pano branco, e neste uma simples Cruz vermelha e azul. No coro, ou fóra do Convento, usavão de um manto, mui curto, de cor acastanhada; e sempre de sandalias.

Uma Reforma semelhante á de Hespanha teve tambem logar em França. Foi ella devida á piedade e zelo de Fr. Jeronymo Halies, chamado do *Santissimo Sacramento*. Por entre as maiores difficuldades e opposição conseguiu elle erigir a sua Reforma em Provincia, por Breve do Soberano Pontifice Urbano 8.º, em 27 de Novembro de 1629. Então foi elle viver onze mezes em um Convento de Madrid, para se instruir nas praticas austeras da Observancia Regular em que os Descalços de Hespanha erão exercitados. Voltou depois para o seu Convento de Aix, e veio a falecer em Roma, em 30 de Janeiro de 1637, no Convento de S. Dionysio Areopagita, que havia fundado. Os seus Religiosos erigirão depois muitos outros Conventos em França, e na Italia; até que no anno de 1670, e quando ja tinham o numero de Conventos prescripto no Breve do Summo Pontifice Urbano 8.º, celebrarão seu 1.º Capitulo Geral.

O vestuario dos Religiosos Descalços da Santissima Trindade em França era em tudo semelhante ao dos Descalços de Hespanha, só com a differença de que o manto curto, de que tambem usavão, era de pano branco, como o habito, e o Escapulario.

AS RELIGIOSAS TRINAS

EM

HESPAÑHA, E PORTUGAL.

Mourez ou monde: ne le reprenez pas au
parloir, après l'avoir renoncé à la grille: hais-
sez-le comme l'ennemi de notre Seigneur. Il
est déjà condamné à cause de ses scandales:
méprisez ses vanités, ses maximes, et tachez
en tout de juger par rapport à l'évangile.

LETTRES DE MAINTENON.



o tempo em que S. João da Mata, inspirado pela Santíssima Trindade, plantava em Hespanha a arvore da Ordem, que havia fundado, e que tão frondosa se tornou, erão taes as convicções que sua prgação levava aos seios da alma, que muitas pessoas, não se limitando a contribuir com avultadas esmolos para Redempção de Cativos, offerecião-se tambem a si mesmas, e abraçavão com o maior entusiasmo e dedicação o novo Instituto.

Foi então que algumas piedosas mulheres, vendo que por si não podião acompanhar os Religiosos aos resgates de Cativos, pedirão ser de algum modo com elles associadas, a fim de os ajudarem com suas orações. Assim tomarão ellas o habito da Ordem, e se retirarão para um Erémitorio perto de Aytona, onde D. Pedro de Belluis, de que ja fizemos menção, lhes fundou um Mosteiro no anno de 1201.

Não tinham ellas a principio voto algum, e erão como *Oblatas*, ou *Beatas*; mas em 1236 encheo-se o Mosteiro de verdadeiras Religiosas debaixo da direcção da Infanta D. Constança, filha de El Rei D. Pedro 2.º de Aragão. Este Mosteiro tinha a invocação de Nossa Senhora dos Anjos. A Infanta foi delle 1.ª Religiosa, e 1.ª Abbadeça, até que santamente dormio no Senhor no anno de 1252. Mui de perto a seguiu a Infanta D. Sancha, sua irmã, que com ella havia tomado o habito, e que das prisões da terra se desembaraçou em 1254.

Outras muitas fundações semelhantes vio a Hespanha successivamente. A seu habito, em tudo conforme ao dos Religiosos, juntavão ellas, quando estavam no Coro um manto preto.

Pelo anno de 1212 se deveo o estabelecimento das Religiosas Trinas Descalças em Hespanha a Francisca Romero, filha do Tenente Ge-

neral Julião Romero, e Viuva de Afonso de Avalos e de Guzmão. Ella fundou um Mosteiro em Madrid, relativamente ao qual teve depois muitissimos desgostos, e differenças.

Estas Religiosas renovarão seus votos em 1619. Em 1627 lhes deo o Cardeal de Zapata, que governava o Arcebispado de Toledo durante a minoridade do Cardeal Infante D. Fernando de Austria, particulares Constituições, que em 1634 forão aprovadas pelo Soberano Pontifice Urbano 8.^o.

Este Mosteiro de Trínas Descalças foi unico em toda a Europa; mas existio outro na Cidade de Lima, no Perú.

Do Mosteiro de Campolide, em Lisboa, foi Fundador e Padroeiro Manoel Gomes de Elvas, illustre Cavalheiro da Corte, ficando por sua morte aos successores de seu Morgado a regalia de nomearem os logares de quarenta Donzellas. O Mosteiro foi fundado em terras suas. Passou-se o Alvará de licença em 15 de Maio de 1614; mas não podendo executar logo seu designio por ja se achar em avançada idade, instituiu quatro testamenteiros a quem recomendou a fabrica do Convento, e faleceo em 1620, depositando-se seus restos mortaes no Convento do Carmo de Lisboa, até que as obras se concluirão.

Derão os testamenteiros principio á fabrica do Convento em 1633. No anno de 1634 se expedio a Bulla, na qual se ordenava, que o Convento tivesse o titulo de N. Senhora dos Remedios. Por duvidas, que occorrerão, se demorou a entrada das Religiosas, e ainda mais por causa da guerra, que sobreveio. — “Cor-

rerão os tempos (diz o Author da Historia Chronologica da Santissima Trindade, ja citado, Tom. 2. Liv. 3. Cap. 1.) e principiando á força da infelicidade as guerras deste Reino com Castella, no anno de 1704, seguindo as nossas Armas o partido do Imperador Leopoldo 1.^o contra Philippe 5.^o, Duque que foi de Angió, como se precisasse de Hospicio para os Soldados Inglezes, que então militavão por nós, vendo os Ministros de nosso Soberano hum Edificio tão grandioso sem habitação, e que só elle em tal caso poderia servir naquelle ministerio, por ordem do dito Monarca se accordarão nelle os Inglezes com tanto escandalo pelas acções que obravão, que quando o deixarão foi preciso purificá-lo, mandando-se picar as paredes, reformar outras que se achavão abertas com fôgos, máos tratamentos dos soldados, e fazer nelle grande despesa. »

Em 1713 pretendeo a fingida Beata Madre Theresa Maria de S. José, natural de Villa Ruiva, Arcebispado de Evora, e que debaixo do habito da Ordem 3.^a do Carmo occultava sua hipocrisia, ser fundadora deste Mosteiro com Freiras Carmelitas; e chegou a obter, que D. Isabel de Castro, esposa de Luiz Francisco Correa de Lacerda, delle lhe fizesse doação. A Ordem da Santissima Trindade e Redempção de Cativos intentou seu litigio, que durou mais de tres annos, pleiteando-se ao mesmo tempo em Roma e em Lisboa. A doação de D. Isabel de Castro foi julgada nulla em Lisboa por Accordão de 31 de Agosto de 1714, e em Roma com a data de 3 de Outubro de 1716.

Acceitou então o Cardeal D. Thomas de Almeida, 1.º Patriarcha de Lisboa, o governo do Convento, em 30 de Maio de 1717; e em 25 de Junho de 1721, entrarão nelle as Religiosas Fundadoras, extrahidas do Mosteiro de Santa Martha de Jesus, que forão — a R. Madre Soror Isabel Maria das Montanhas, para Priora — a R. Madre Soror Maria Josefa de S. Philippe, para Supriora — a R. Madre Soror Antonia Theresa de Jesus, para Mestra das Noviças — e a R. Madre Soror Eufrazia Maria do Sacramento, para Porteira Mór. Em 2 de Julho do mesmo anno receberam as primeiras Noviças em numero de quinze.

Grandioso é este Convento, e principalmente a Igreja, que é uma das melhores dos Conventos de Religiosas por espaçosa, elevada, e clara. Na Capella mor está o jazigo dos descendentes do Fundador e Padroeiro. Ornão a Igreja varios quadros Romanos, assim como alguns do nosso celebre Pintor Francisco Vieira.

Neste Convento esteve reclusa, por Ordem Real, a Duqueza de Aveiro, D. Leonor de Tavora, filha do 2.º Conde de Alvor, desde o anno de 1757, até 20 de Julho de 1771, em que faleceo na idade de 52 annos. Nelle viveo em todo este tempo com grande desengano do mundo, pelo infausto successo de seu marido, o Duque D. José Mascarenhas, e sua Prima a Marqueza de Tavora, mortos em cada falso, assistindo com a Comunidade a muitos dos Sagrados Ministerios, e frequentando com grande edificação os Sacramentos, e mais actos de piedade.

A fingida Beata Thereza Ma-

ria de S. José, que tanto inquietou a Ordem, veio por fim a ser sentenciada pelo Santo Officio, *por culpas enormissimas*, no Auto publico da Fé, que se celebrou em Lisboa a 6 de Julho de 1732.

No anno de 1653 se fundou na muito nobre, insigne, e antiga Villa de Guimarães, na Provincia de Entre Douro e Minho, um Convento de Religiosas da Santissima Trindade. Faz elle frente para uma das principais ruas da Villa, chamada do Gado, e a Capella tem a invocação de N. Senhora das Mercês. Por serem diminutas as rendas teve este Mosteiro no seu principio apenas seis Religiosas, numero que depois se elevou até deseseis. Seguem ellas a mais antiga Regra da Ordem da Santissima Trindade, sem clausura perpetua, sem votos solemnes.

Foi Instituidor deste Mosteiro Paulo de Mesquita Sobrinho, antigo Dezembargador da Relação de Braga. Elle contractou com a Irmandade da Misericordia o ficar administradora do Mosteiro, e contribuir-lhe com o necessario, conforme o patrimonio, que lhe offereceo, e de que se fez escriptura publica em 20 de Abril de 1653. Este patrimonio consistio em 2 \$ 500 crusados, para se comprarem 50 \$ 000 de juros, e dar-se de esmola a cada uma das Religiosas *um vintem cada dia, ou meio alqueire de pão cada semana, e setenta reis para persigo*, que vem a importar para cada uma dellas em 7 \$ 320 por anno e a esmola de todas em 43 \$ 920.

Tem este Mosteiro por superiora uma Regente; e Regente foi Soror Anna da Conceição, natural da Villa de Barcellos, nascida pelos annos de 1650, que muito floresceo



Porta-Lith. R. de Reguinho N.º 30

RELIGIOSA TRINA
Em habito de Côro.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY

ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L

em virtudes e santidade. Não menos aceita foi do Ceo Soror Maria de Santa Anna, filha de Antonio Vaz, e de Cipriana da Silva, da Freguezia de S. Thomé da Abação, a pouca distancia da Villa de Guimarães. Ella nasceo em 1731; tomou o habito aos vinte e quatro annos de idade, e teve a morte dos Justos em 10 de Julho de 1766.

Merece-nos igualmente particular menção Soror Anna Maria de Jesus, do logar de Freamunde, Freguezia de S. Pedro da Raimunda, filha de Manoel da Costa Cruz, e de Maria de Almeida. Ella vendeo tudo quanto lhe ficou de seus pais, e repartio pelos pobres o seu producto. Depois, consagrou-se a Deos; e havendo completado 27 annos de habito, e 67 de idade, voou para a eterna Gloria, que muito mereceo.

Não preteriremos emfim Soror Angelica Theresa de S. José, apesar da escaceza de suas noticias. Aos trinta e tres annos de idade padecio ella uma molestia, que os Medicos ignoravão. Sofria dores gravissimas em todo o corpo. Rompia em suores, que lhe duravão tres semanas, com fastios mortaes, e sofrimento sem igual. A sua doença pareceo sobrenatural, e com todas as circumstancias dos *Desposorios Espirituaes e Divinos*, de que tractão os Misticos. Ella falesceo no seu Convento, com opinião de santidade, no verdor de seus trinta e tres annos, e se acha sepultada na Igreja da Misericordia da Villa de Guimarães, como todas as mais, conforme o costume da Irmandade, que as administra, e governa.

O Mosteiro das Religiosas Trinas de N. Senhora da Soledade do

Mocambo foi fundado pelo nobre Cavalheiro Cornelio Vandali, do mais illustre sangue de Flandres, sobrinho do Grande Prelado e insigne Doutor Cornelio Jansenio, 1.^o Bispo de Gandavo, e casado com a nobilissima Matrona Martha de Bóz.

Vivião os dous esposos no bairro do Mocambo, afastados do bulicio da cidade e corte; e abi edificarão uma Ermida, consagrada á Sacratissima Virgem da Soledade. A morte arrebatou Cornelio Vandali; mas ordenou em seu testamento — *que no logar onde tinha principiado a sua Ermida, no retiro do Mocambo, se fizesse um Mosteiro para Religiosas professas da Ordem da Santissima Trindade*. Rogou a sua Esposa quizesse concorrer para a obra; dispôs seu jazigo na Capella mór, e uma Missa quotidiana pela sua alma.

Alcançadas as precisas licenças, e concluidas em 1661 as obras principiadas em 1657, entrarão no Mosteiro em qualidade de Fundadoras as R. R. Madres — Soror Catharina de Santo Antonio, sobrinha da Padroeira Martha de Bóz — Soror Anna de S. Francisco — e a Religiosa de véo branco, Soror Maria da Natividade, provindas do Convento do Calvario, da Ordem Serafica. Forão ellas acompanhadas não só pelos Prelados das duas Religiões, mas por muitas pessoas illustres da Corte, e com especialidade pela Marqueza de Niza, D. Brites de Vilhena, pela Condessa de Atouguia, D. Leonor de Menezes, e pela de Santa Cruz, D. Brites Mascarenhas. Ellas acharão ja no Mosteiro quatro subditas, vestidas no habito da Celeste Ordem, que forão — Soror Ma-

ria de S. Francisco — Soror Mari-
anna da Trindade — Sôror Francis-
ca das Chagas — e Soror Isabel de
Santo Antonio.

Pequeno era o Convento em
seu começo; mas ampliou-se depois
á custa da Condessa do Redondo,
D. Maria Magdalena de Tavora,
que recolhendo-se a este Sanctuario
para nelle acabar seus dias, e não
achando commodos sufficientes, fez
varias casas para sua habitação, que
depois servirão de Dormitorio, com
cuja obra ficou mais avultado, ainda
que com pouca regularidade.

Começou com tudo o Convento
de ameaçar ruina, e foi feito de novo
em 1746, lançando-se a primeira pe-
dra em 8 de Março do mesmo anno;
e em tres annos se acabou a obra, co-
meçando de ser de novo habitado
pelas Religiosas em 11 de Junho de
1748.

Ficou elle então magnifico e
grandioso; mas como nada neste
mundo é permanente, e sempre nel-
le estão germanados os prazeres
com os desgostos, veio o terremoto
de 1755, e fez nelle taes ruinas, que
as Religiosas se virão obrigadas a
mudar de sitio. Primeiramente se
retirarão ellas para a Cerca, onde
permanecerão dez dias abarracadas.
Depois, e pelo descommodo que
padecião, se mudarão, com licença
do Ordinario, para o sitio da Por-
tella, a uma legua de distancia,
para uma quinta e casas nobres
com Ermida, do illustre Cidadão
Francisco da Silva Lima, que com
prompta vontade as offereceo sem
o menor estipendio. Lá estiverão
14 mezes, até que se restituirão
ao seu Convento, já reparado, em
8 de Janeiro de 1757.

Este Convento foi estabeleci-

do só para 16 Religiosas, 13 de
véo preto, e tres Conversas de véo
branco, por não ter a Fundadora
renda para mais. Um Breve do
Summo Pontífice Innocencio 11.º,
do anno de 1683, elevou o seu nu-
mero a trinta e trez, sendo 25 do
Coro, e 8 conversas, que depois se
reduzirão a seis, por authoridade do
Nuncio, e a instancias da Prelada e
Fundadora Soror Catharina de San-
to Antonio.

Até ao anno de 1793 contava o
Mosteiro de Nossa Senhora da Sole-
dade do Mocambo 35 Preladas, de
que a 1.ª foi Soror Catharina de San-
to Antonio, como ja notámos, e a
ultima (em 1793) Soror Theresa de
Jesus. — Não podémos obter noti-
cias sufficientes para completara
serie até ao presente.

Pelos annos de 1768 se fundou
na Cidade de Braga, e rua do La-
meiro, um Convento de Trinas, vul-
garmente chamado da *Caridade*.
Foi seu Instituidor Antonio Pinto,
Professor Estatuario, e que para o
Altar mór da Capella fez uma Ima-
gem da Trindade Santissima, em
que muito se desvelou seu engenho
e arte. As Religiosas tem por obri-
gação ensinar meninas pobres a ler,
escrever, fiar, rendilhar, cozer, fiar
ceda, e bordar. Para seu estabele-
cimento e subsistencia deu-lhe o
Fundador alguns sóros, por escrip-
tura publica de 23 de Janeiro de
1768. No principio foi para menor
numero de Donzellas do que tem
presentemente. Ellas tem clausura,
mas sem votos solemnes. Vivem em
grande parte do trabalho de suas
mãos, e de esmolas com que são soc-
corridas. São governadas por uma
Regente.

OS CLERIGOS

DA

VIDA COMMUM.

GERARDO GROOT — AS CONGREGAÇÕES DE WINDESEIM. — DE VAL-VERT — DE
NUYS — E DE FONTAINE — JAILLISSANTE.

Communis vita, fratres, omnibus necessaria est, et maxime iis, qui Deo irreprehensibiliter militare cupiunt, et vitam Apostolorum, eorumque discipulorum imitari volunt.

A vida commum, irmãos, a todos é necessaria, e principalmente áquelles, que desejão militar debaixo da bandeira de Christo, e servir a Deos com perfeição, imitando a vida dos Santos Apostolos, e de seus Discipulos.

EPIST. DE S. CLEMENTE AO APOSTOLO SANTIAGO.



A Cidade de De-
venter, Diocese de
Utrecht, nos Paizes
Baixos, nasceo Ge-
rardo Groot, em
1340, de uma rica familia, que
muito se desvelou na sua educa-
ção. Terminadas suas Humanida-
des, foi elle, na idade de desenove
annos, estudar Philosophia e
Theologia na Universidade de Pa-
ris, e com tal destinação, que seu
pai o chamou para junto de si, a
fim de poder ser testemunha das
maravilhas, que se contavão da sua
capacidade e erudicção. Pouco tem-
po comtudo se demorou na casa
paterna, que atraído á Cidade de
Colonia pelos homens sabios da-
quella época, alli com elles dispu-
tou, alli ensinou publicamente; e
com tal admiração era ouvido, que
por excellencia se lhe deo o nome

de Grande, que ja tinha por nas-
cimento, pois que Groot, em Fla-
mengo, quer dizer Grande.

Desvelando-se unicamente por
acrescentar sua gloria, e inteira-
mente descuidado de sua salvação,
trajava pomposos vestidos, magni-
ficas leuçainhas, e nos espectacu-
los e divertimentos empregava o
tempo, que de seus estudos lhe so-
bejava. Em uma dessas occasiões
em que assim folgava, lhe disse
um homem ao ouvido = *Nem sem-
pre te agradará essa vaidade, que
destinado estás tu para cousas mais
serias.* = A advertencia não lhe
agradou por então; mas bem de-
pressa reconheceo que era verda-
deira, pois que o Prior da Cartuxa
de Monichusen, na Gueldres, que
com elle havia estudado, e que
conhecia bem seu talento e recur-
sos intellectuaes, continuamente pe-

dia a Deos sua conversão, e o tinha recomendado ás orações de seus Religiosos.

Gerardo estava em Utrecht. Visitou-o aquelle Prior; e tão vivas exhortações lhe fez, que elle subitamente, e como para reparar o escandalo, que sua vaidade poderia ter produsido, cortou seus cabellos, formando como uma corôa monachal; e sobre um cilicio, que sempre depois o acompanhou, vestio um habito de pano pardo. Em logar do barrete de Doutor, adoptou um capêlo preto, que pela parte de traz lhe chegava até meio corpo; e quando sahia fóra, envolvia-se em uma capa de vil e grosseiro estofo, que lhe chegava aos calcanhares. — *Está louco!* — Disserão os que o conhecião, e ignoravão sua mudança de vida.

Para se instruir nas praticas regulares, e poder servir de guia a outros, visitava frequentes vezes o Prior da Cartuxa, e a João Rusbrochio, Prior de um Mosteiro de Conegos Regrantes, situado em um bosque perto de Bruxellas, Prior que tinha grande reputação de Santidade. Ambos elles o persuadirão a que se ordenasse; mas a humildade de Gerardo lhe não permittio acceitar mais que a Ordem de Diacono; e começou de prégar com tanto fructo, que não só na sua Diocese, mas em boa parte da Holanda, muitas pessoas renunciarão ás vaidades do mundo.

Na sua casa de Deventer instituiu elle uma comunidade de Clerigos, a quem fornecia o necessario para a vida, e a quem, no tempo que restava da oração, e mais exercicios, fazia copiar os

Livros dos Santos Padres, corrigidos em face dos antigos originaes.

Um dos primeiros que entrou na comunidade de Gerardo foi Florendo Radivivio, de Leyden, antigo Professor na Universidade de Praga, nascido de familia illustre, Conego na Igreja de S. Pedro de Utrecht, e por então Vigario da Parrochia de Lublin de Deventer. Fazendo justiça á sua piedade e mais virtudes de que era dotado, os Clerigos o elegerão por Superior da Comunidade, depois da morte de Gerardo, acontecida em 1384, aos quarenta e quatro annos de sua idade.

Não tivera elle tempo de ligar com votos sua Comunidade, fazendo-a abraçar a Ordem dos Conegos Regrantes, á imitação dos de Val-Vert, cuja santidade conhecia; mas legou esse cuidado a seu successor. Havia elle tambem instituido uma Comunidade de Donzellas, que na costura, fição, e mais prendas proprias de seu sexo, empregavão o tempo que lhes sobejava dos exercicios espirituaes.

Florendo Radivivio fez praticar a seus Clerigos a vida dos Apostolos, e dos Christãos da primitiva Igreja. Uma só alma, um só coração, nada de proprio, e o producto do trabalho posto em commum. A nenhum era licito solicitar ordens de Presbitero, ou Beneficio, ou qualquer emprego. O superior fazia ordenar os que disso se tornavão dignos. Florendo Radivivio nada mudou nos Regulamentos de Gerardo; e até conservou o habito, que elle adoptara em sua conversão.

A Comunidade dos Clerigos cresceu consideravelmente, e en-

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R L



ANTIGO CONEGO SECULAR,

*Da Ordem de S. Jorge em Alga,
na Sicília.*

tão se fundarão muitas Casas por toda a Belgica e Holanda, recebendo grandes e valiosos Privilegios dos Summos Pontifices Eugenio 4.^o, e Pio 2.^o Mas Florendo Radivivio nem por isso deixou de executar o projecto que Gerardo concebera, da instituição de Conegos Regrantes; e Windeseim, perto de Swol, lhe pareceo para esse fim logar mui accommodado.

Obtida permissão de Guilherme, Duque da Gueldres, e do Bispo de Utrecht, houve um rico burguez, chamado Bertholdo Thenhave, que no anno de 1386 offerceo um campo em que se lançarão os fundamentos do Mosteiro de Windeseim, que depois deu nome a toda a Congregação.

Pela muita liberalidade, que naquelles tempos havia, terminouse o Mosteiro de Windeseim no anno seguinte, sendo a sua Igreja consagrada a Nossa Senhora, e a Santo Agostinho; e nelle tomarão logo habito e professarão, em 1388, seis Clerigos da vida commum.

Vivião estes Conegos vida tão exemplar e austera, e de tão grande estima se tornarão dignos, que logo as fundações se multiplicarão, e até se lhe unirão muitos antigos Mosteiros de Conegos Regrantes, taes como os de Emstein, Fontaine-Maria de junto de Arnhem, e outro de perto de Horn, que com os de Amsterdam, de Wrendeswel, e do Monte de Santa Ignez, em 1402 formarão um Capitulo, e receberão as novas Constituições feitas para o Mosteiro de Windeseim, que ficou sendo cabeça da nova Congregação deste nome.

Com a protecção que lhe foi dada pelos Soberanos Pontifices

Bonifacio 9.^o e Martinho 5.^o, chégou a Congregação a contar cento e vinte Mosteiros de um e outro sexo, concorrendo tambem muito para este augmento o haverem-se-lhe unido as Congregações de Val-Vert, e de Nuys, das quaes mais abaixo nos occuparemos.

Mas alguns Mosteiros da Congregação de Windeseim quizerão viver em maior recoleção, e guardar clausura, como os Cartuxos; e tantas instancias fizeram no Capitulo Geral, que por fim quinze Mosteiros o alcançarão, fazendo um quarto voto — de clausura perpetua. A Congregação se dividio então em duas Provincias: Alemanha Superior, e Alemanha Inferior.

Consistia o Vestuario da Congregação de Windeseim em um habito branco, com roquete, e uma grande murça preta, estando em casa. Thomas a Kempis, falecido em 1471, foi um dos muitos ornamentos desta Congregação. O seu 1.^o Mosteiro de Religiosas foi fundado em 1394, perto de Amsterdam; e o 2.^o em Diepenhem, no anno de 1400, transferindo-se para elle as Religiosas, que Gerardo Groot havia estabelecido na sua casa de Deventer, e que passarão a se vestir como as Conegas Regrantes de Latrão.

O Mosteiro de Val-Vert, na linguagem do paiz chamado *Groenendael*, foi na sua origem apenas um Eremiterio para o qual, no principio do seculo 14.^o, se retirou João de Bosco, descendente dos antigos Duques do Brabante, sendo-lhe este sitio concedido pelo Duque João 2.^o Dous outros Eremitas o occuparão successivamente até ao anno de 1343, em que

giada de Conegos Seculares, que vivessem em commum, conforme o primeiro projecto de Corario, e seus companheiros, que ja então erão desoito, e todos de Ordens Sacras. Deu-lhes o Bispo os necessarios Regulamentos, e lhes deixou faculdade para os alterarem, se as circumstancias o exigissem.

Angelo Corario, eleito Papa em 1406, debaixo do nome de Gregorio 12.º, confirmou este Estabelecimento por Breve de 27 de Julho de 1407; nomeou Cardeaes Antonio Corario, e Gabriel Condelmario; e deo a D. Luiz Barbo a Abbadia de Santa Justina, que depois se tornou cabeça de uma famosa Congregação, de que nos occuparemos.

Presume-se que estes Conegos de S. Jorge *in Alga* vivião a principio em grande pobreza, e unicamente das esmolos dos Fieis, pois que na Vida de S. Lourenço Justiniano se lê, que esmollava de porta em porta pela Cidade de Veneza, julgando-se feliz em se vêr humilhado na mesma Cidade onde tivera respeito.

E porem pelo tempo adiante grangearão estes Conegos tão grande fama de santidade, que muitas outras Collegiadas se lhe unirão, e vierão a formar a Congregação de S. Jorge em Alga depois composta de treze Casas, sendo a segunda *Santa Maria do Horto*, em Venesa — 3.ª *Santa Maria em Vancio* — 4.ª *Santiago de Montesilice*, ambas em Padua — 5.ª *S. Roque* — 6.ª *Santo Agostinho* — 7.ª *S. Firmo e S. Rustico*, todas tres na Diocese de Vicencia — 8.ª *S. Jorge em Braida* — 9.ª *Santo Angelo do Monte*, ambas em Verona — 10.ª *S. Pedro em Brixia* — 11.ª *S.*

João em Arimino — 12.ª *S. Gregorio em Bolonha* — 13.ª *S. Salvador in Lauro*, em Roma.

Esta Congregação abrangeo ao Reino de Sicilia por diligencia de Henrique Simeão, da Cidade de Palermo, o qual havendo acompanhado para Roma a D. Affonso Rei de Aragão no anno de 1433, qbteve licença vocal do Soberano Pontifice Eugenio 4.º para trazer o habito dos Conegos de S. Jorge em Alga, e voltando ao seu paiz, deo começo á Congregação, que teve quatro Conventos, sendo cabeça o de *Santiago de Massara*, na Cidade de Palermo, e que foi aprovada pelo mesmo Summo Pontifice por Breve de 1437. Esta Congregação vivia em grande pobreza.

Della existirão tambem tres Conventos em Hespanha, um na Cidade de Cuenca, outro na Villa de Redondella, e outro em Villa Escusa de Haro, todos de Religiosas. Ella abrangeo igualmente ao Estado da Republica de Genova, ao Ducado de Milão, e ao Arcebispado de Colonia em Alemanha.

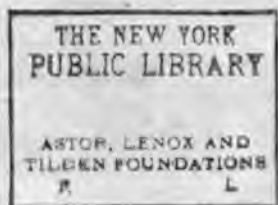
Celebrou-se o 1.º Capitulo desta Congregação de S. Jorge em Alga no anno de 1424, e nelle foi eleito por 1.º Geral S. Lourenço Justiniano. Condelmario, elevado ao Pontificado debaixo do nome de Eugenio 4.º, concedeo á Congregação muitos privilegios, que depois forão confirmados por seus successores Xisto 4.º, Nicolao 5.º, Pio 2.º, Paulo 2.º, Innocencio 8.º, Alexandre 6.º, e Paulo 3.º. O Summo Pontifice Pio 5.º, no anno de 1570, obrigou estes Conegos a fazerein votos solemnes, conservando sempre o nome de Conegos Seculares,



Porto Lith. R. de Reguinho. N.º 30.

CLERIGO DA VIDA COMMUM.





para que podessem preceder aos outros Regulares.

Esquecida a pobreza e humildade dos Fundadores, a muita riqueza lhes fez perder a Regularidade a ponto de que, mui justificadamente, o Summo Pontifice Clemente 9.º os supprimio em 1668, dando seus bens á Republica de Veneza para despesas da guerra, que tinha com os Turcos, os quaes por então estavam cercando Candia, que vierão a senhoriar.

Usavão os Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de uma loba ou sotana branca, e por cima della uma tunica azul á Venesiana, e uma especie de chapeo, em lugar do capêlo, que em outro tempo trazia. A côr azul lhes foi decretada por Clemente 8.º, como sendo a do habito de que usava S. Lourenço Justiniano, um de seus Instituidores. O trajo da Congregação de Sicilia era igual, mas usavão de sandalias de páo, especie de sócos ou tamancos.

Elles tinham por Armas um S. Jorge a cavallo assoberbando um Dragão, com esta Diviza: *Super Aspidem et Basiliscum ambulavis*.

Eis quanto nos pareceo sufficiente para dar uma breve noticia dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga, trabalho que vamos terminar com alguns apontamentos da vida de S. Lourenço Justiniano, um de seus Instituidores, como havemos praticado relativamente a outros Fundadores de Ordens Religiosas.

Pertenceo S. Lourenço Justiniano á familia *Justiniana* de Veneza, que pretende descender do Imperador do mesmo nome. Sua mãe *Quirina*, ficou viuva na idade

de 24 annos, rodeada de tres filhos, de entre os quaes o mais illustre foi S. Lourenço Justiniano.

Nasceo elle no 1.º de Julho de 1381, quando a Cidade de Veneza se entregava a folguedos pela victoria alcançada na jornada de Chioza; e esta circumstancia fez com que sua mãe, no momento de o dar á luz, pedisse a Deos, que este filho fosse um dia terror de seus inimigos, e salvação de seus patrios. Assim se cumprio, por que Veneza e Palermo o contarão como um de seus Protectores e Tutellares desde o anno de 1625, em que as libertou da peste.

Inclinado desde a infancia ás cousas do Ceo, entrou S. Lourenço Justiniano na associação dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga, em que ja se achava D. Marino Quirino, seu tio materno. Foi um dos primeiros desoito, que a compozerão; e com tanto zelo trabalhou pela sua prosperidade, que mereceo o titulo de um de seus Fundadores. Elle adoptou, e manteve sempre, um viver tão austero, que ordenando-lhe um dia, da parte do Capitulo, tres Padres dos mais authorisados, que moderasse os excessivos rigores que praticava, humildemente respondeo: — *Farei o que ordenaes; mas sabe, que a quem se resolveo sofrer por Deos, nunca faltarão meios de o conseguir.* —

O cargo a que foi elevado o não fez deslizar de sua habitual humildade, e continuou de occupar-se nos mais vis ministeres. Sua pratica ordinaria, ou tinha por objecto suas faltas, ou a humildade de Jesus Christo.

Duas vezes foi falsamente accusado em pleno Capitulo. Na pri-

meira reconheceo uma falta, que não commettera. Na segunda guardou silencio, para não favorecer a malicia dos que falsamente o haviam accusado.

Tanta virtude não podia permanecer occulta. O Summo Pontifice Eugenio 4.^o, um de seus companheiros Fundadores da Congregação, por tres vezes o nomeou Bispo de Veneza, que finalmente acceitou por obediencia.

Tinha elle então 51 annos; e durante os 23, que ainda esteve sobre a terra, em nada alterou seu antigo modo de viver, e nem ao menos mudou de trajo. Nenhum fausto, nem na casa, nem na familia, que se limitava a mui poucos domesticos, e dous Conegos do seu Mosteiro, um dos quaes o ajudava a rezar, e com o outro partilhava as penosas funções de seu ministerio. Tudo quanto tinha o repartia pelos pobres.

Por mais que o Soberano Pontifice Eugenio 4.^o forcejou por atrai-lo a Roma a fim de se auxiliar com seu conselho, nunca o pôde conseguir, que com a longa jornada, e com a sua fraqueza se desculpava elle sempre.

Quando porem este Pontifice, constrangido a sahir de Roma, se refugiou em Florença, e depois em Bolonha, S. Lourenço Justiniano, que ja não podia prevalecer-se daquellas desculpas, se lhe foi apresentar; mas por que só anhelava viver na sua Diocese, obteve logo permissão para se retirar.

No Pontificado de Nicolao 5.^o, successor de Eugenio 4.^o, é que na pessoa de S. Lourenço Justiniano se reunio o Patriarchado de Grade, e o Bispado de Veneza, terminando assim as differenças, que existião en-

tre os dous Prelados; por que estava ordenado; que aquelle que sobrevivesse, seria Patriarcha e Bispo de Veneza.

Na idade finalmente de 74 annos, salteando-o uma febre, em pouco tempo o levou á extremidade. Então mesmo via elle com pezar o vivo interesse com que se pretendia atalhar seu mal, por que de tanto se julgava indigno; e nem mesmo o puderão convencer de que durante a doença deveria servir-se de alguma iguaria mais delicada. Até que vendo, aproximar-se a hora derradeira, levantando os olhos para o Ceo, proferio amorosamente estas palavras: — *Vou ter com vosco, ó Bom Jesus!* — E para consolar seus domesticos, que se debulhavam em lagrimas, disse-lhes: — *Andai dahi com as vossas lagrymas: isto não he tempo de lagrymas, senão de alegria.* —

Fazendo-se conduzir para a Capella, tranquillamente entregou sua alma a Deos, em 8 de Janeiro de 1455.

Havia elle ordenado, que seu corpo sem pompa alguma fosse conduzido para o seu Mosteiro de S. Jorge em Alga; mas os Conegos da Cathedral ja mais o quiserão consentir, e lá tem permanecido, operando grande numero de milagres.

O Summo Pontifice Clemente 7.^o o beatificou em 1524.

A sua Canonisação foi devida a Alexandre 8.^o, no anno de 1690.

« Foi o Santo Patriarca de estatura prócera, corpo direito, alvo do rosto, olhos azues, e muito engraçados, o nariz afilado, mas com grande proporção, a bocca pequena, as mãos compridas. » — *Ceo aberto na Terra*, Liv. unico, Cap. 44.

St. Bridget	4,743.000
Padua	50.000
St. Francis	223.000
Cathedral	1533.000
Originals	120,221.000
St. ...	2,341.000
St. ...	7,121.000
St. ...	2,100.000
St. ...	2,100.000
	<hr/>
	19,446







SEP 8 - 1941

